

REVISTA
do Rio Grande do Norte

PRIMEIRO ANNO
VOLUME I



NATAL

EMPRESA D' A REPUBLICA
EDITORA

1899



BIBLIOTHECA DO GREMIO POLYMATHICO

OBRAS PUBLICADAS :

REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE—Anno I,
vol. I
RUINAS—Versos. *Henrique Castriciano.*

NO PRELO :

MÃE—Poemeto. *Henrique Castriciano.*

OBRAS A PUBLICAR :

HORTO—Versos. *Auta de Souza.*
ALMA E PATRIA—Poema civico : *Homem de Si-
queira.*
A VIDA POTYGUAR—Critica de costumes, *Anto-
nio de Souza.*
HORAS DE OCIO—Historia e litteratura. *Alberto
Maranhão.*
FAVONIOS—Contos e chronicas. *Zephirino Arruda.*
CHOROGRAPHIA DO RIO GRANDE DO NORTE
—*Alberto Maranhão.*
O ENGEITADO—Drama. *Henrique Castriciano.*
SUPREMA DOR—Drama em verso. *Henrique Cas-
triciano.*
CINZAS—Versos. *Henrique Castriciano.*

EM PREPARAÇÃO :

LIVRO AZUL—Contos e phantasias. *Manoel Dantas.*
A REDEMPÇÃO DE SATAN— Poema symbolico.
Henrique Castriciano.
O PHTYSICO—Romance. *Henrique Castriciano.*
ENSAIOS PHILOSOPHICOS—*Antonio de Souza.*
DO CANTO A BICA—Critica de costumes—*Poly-
carpo Feitosa.*
COMBATES—Ensaios litterarios. *Pedro Avelino.*



1899 - Janeiro - 1

TRES SECULOS

25 de Dezembro de 1597—25 de Dezembro de 1897.

Quando uma raça é ainda vigorosa e joven; quando os seus antecedentes ethnologicos são bem definidos pela pureza e pela robustez de suas origens; quando um sangue novo, rico e ardente circula-lhe rapidamente nas veias com o perfeito equilibrio funcional de todos os órgãos, e com o desenvolvimento normal e harmonico das faculdades mentaes, tres seculos são bem pouco na vida das nacionalidades; mas, ainda assim, n'esse lapso de tempo, tal povo, joven e rico da seiva haurida no seio fecundo das raças mães, tem feito já o bastante para firmar solidamente a posse do seu logar no mundo. logar conquistado com vigor e energia, mantido com hombridade e altivez e defendido com heroismo indomavel.

Tal foi o caso do Romano, originario de raças heterogeneas, embora mais ou menos filiadas á grande familia aryana, fundando a sua gloriosa cidade com os elementos mais desconexos, porem todos fortes e valentes, conquistando pela força tudo aquillo de que carecia, desde o territorio até as mulheres, mantendo-se com altivez sempre crescente, e fundando, menos de trescentos annos depois da criação lendaria da grande *Urbs* uma republica relativamente admiravel e da qual algumas leis ainda hoje são a fonte sagrada do direito e da legislação occidentaes.

Tal é ainda o dos anglo-saxonios emigrados para a America do, Norte onde constituiram em tão pouco tempo a grande nação de poderosa vitalidade que são os Estados Unidos.

Apezar de começada muito mais tarde a sua colonisação, iniciada por Walter Raleigh com a Virginia, no fim do seculo XVI, o seu admiravel espirito de iniciativa perseverante e ousada habilitou-os para a in-



dependencia muito mais rapidamente do que a nós, e, no decurso do seculo presente, o seu espantoso desenvolvimento industrial levou-os com calma e segurança a um dos primeiros e mais invejaveis logares entre as nações do mundo.

A nossa colonisação, iniciada um quarto de seculo depois da inesperada descoberta da riquissima Vera-Cruz, com os mais lamentaveis elementos e pelos systemas mais deploraveis, só muito tarde veio a dar o fructo compativel com a fraqueza biologica da seiva originaria.

Criminosos deportados, escoria social! da civilisação quinhentista; aventureiros sem outra ambição mais que a sede insaziavel e vii do ganho por todos os meios, inclusive os mais infames; marinheiros evadidos; productos variados da organisação social e da educação jesuitica n'uma raça já dessorada, e relativamente enfraquecida e incapaz de sustentar com brilho a tradição gloriosa dos Afonsos, de Nun'Alvares e de João II. foram, em geral, os elementos oriundos da metropole, o seu contingente para a formação laboriosa e imperfeita da nacionalidade brasileira.

Por outro lado contribuições de igual valor, tendo ainda a menos a inferioridade ethnologica, vieram-nos do indigena selvagem e primitivo e do africano boçal e estúpido.

Com taes elementos, só a natural evolução, que requer tempo demorado e largo concurso de circumstancias favoraveis, nem sempre sobrevindas no momento proprio, poderia tirar do amalgamea heterogeneo algo de forte, são e capaz de verdadeira vida social.

A supervenção posterior de alguns poucos elementos melhores, simultaneamente combinada com aquelle poderoso factor, conseguiram, todavia, eneter a transformação da raça n'um producto, sinão dotado de altas qualidades de resistencia, de energia e de força, pelos menos não desprovida de qualidades aptas para a ascendencia evolutiva, sobretudo no tocante ao desenvolvimento indiliscuido dos instinctos sociaes e do amor ao trabalho.

Não obstante a fraqueza das origens, a nossa raça tem predicados apreciaveis que naturalmente tendem a



desenvolver-se sob o influxo e de accordo com os principios logicos da evolução.

Taes considerações e tantas outras, naturalmente decorrentes da observação dos factos da nossa vida actual, são irrestivelmente suggeridas pela lembrança da data historica da fundação d'esta pequena capital.

A cidade de Natal, antiga villa dos Reis, completa hoje trescentos annos. Iniciada em 25 de Dezembro de 1597 por Manoel de Mascarenhas que, de pazes feitas com os valentes Potyguares, começou com elles e alguns colonos a construcção do pequeno nucleo, ella conta, tres seculos depois, pouco mais de dez mil habitantes.

Não ha necessidade de mais simples nem mais forte argumento para demonstrar a fraqueza das origens, a incapacidade ethnologica que tres seculos apenas foram sufficientes para fazer conhecer.

* *
* *

Bem poucos, niamente deficientes e, sobretudo, duvidosos ou falsos são os documentos e tradições que restam-nos sobre a historia do primeiro periodo colonial da nova cidade.

Alguns dos mais reputados livros sobre a nossa historia colonial ou nada dizem especial sobre o Rio Grande do Norte, ou, o que é talvez peor, dizem incompleto e errado.

A famosa *Historia da America Portuguesa* de Sebastião da Rocha Pitta, por exemplo, com ser mais um panegyrico, que historia, na propria phrase do relator da Academia Real da Historia, de Lisboa, incumbido de dar parecer indispensavel á publicação da obra, tão somente consagra tres pequenos paragraphos á *provincia do Rio Grande* (1).

Da cidade apenas diz que é «de mediana grandeza e habitação, com matriz sumptuosa e boas igrejas, e fortaleza das mais capazes do Brazil; abunda de todos os mantimentos necessarios para o sustento de um povo maior

(1) Rocha Pitta, *Hist. da Americ. Port.* Lisboa. 1ª ed. 1780 L. 2º paragraphos 50-52.



« que o de que ella consta, pois não passa de *quinhen-
« tos visinhos.*

Do rio diz que nasce de uma lagoa de vinte leguas de
« circumferencia, na qual se acham perolas das melhores
« que se tem colhido no Brazil»...

Referindo-se á tentativa de exploração de Nicolau
de Resende, relata que este e seus trinta companheiros
de naufragio descobriram outra lagoa muito maior que a
primeira em comprimento e largura, porque, caminhando
muitos dias pelas suas ribeiras, não chegaram a ver-lhe
o fim, e que n'ella, conforme affirmaram os gentios «se
« creavam perolas em mais quantidade que na outra, e
« lhes mostraram e deram algumas perfeitissimas e gran-
« des»...

E' o caso, ou nunca, de repetir que assim se escre-
ve a historia.

Sobre a fundação da cidade e sua colonisação nada
diz, e apenas refere que a provincia era, n'aquelle epo-
cha, titulo de condado de Lopo Furtado de Mendonça
primeiro conde do Rio Grande.

Iniciada a colonisação do Brazil, um quarto de se-
culo depois da descoberta, com os elementos primeiros
já lembrados, começou pouco depois o rei João III a
sua systematisação pelo meio atrazado e improficuo do
enfudamento, organisando em 1534 as primeiras *capita-
nias.*

D'esta data é a do Rio Grande do Norte, doada ao
historiographo João de Barros, o autor das celebradas
Decadas. Este, porem, como varios outros, nada poude
fazer, e a nascente capitania reverteu. poucos annos
depois, ao dominio da coroa (2).

Para esta, como para algumas mais, ficou, portanto,
recurso unico de colonisação durante muitos annos o que
aprazia ao governo da metropole destinar-lhe: degre-
dados, judeus (n'aquelle tempo considerados peiores que
degradados), «mulheres mais ou menos perdidas».

Alem do que, era a colonia «azylo, *conto e homizio*
« garantido a todos os criminosos que ahi quizessem ir

(2) Oliveira Martins—*O Brazil e as colon. port.*—2. ed.—Lisboa,
1881. Liv. 1. Cap. 2.



«morar, com a excepção unica dos réus de herezia, «trahição, sodomia e moeda falsa». (3)

Abandonada assim ao acaso das ambições e más instinctos de taes colonisadores em constante guerra com as autochtones por muito tempo infensos a toda conciliação, a terra dos Potyguares só no fim d'aquelle seculo viu fundado o primeiro nucleo de estrangeiros.

Durante o seculo XVII o impulso tomado pelo desenvolvimento da pequena colonia resente-se da benéfica influencia do dominio hollandez. Auxiliados effizantemente por Domingos Fernandes Calabar, que a elles alliara-se, talvez movido apenas por odios particulares, mas, em todo caso, podendo deixar suppor uma vaga intuição das vantagens da colonisação batava, os Hollandezes apoderaram-se do Rio Grande do Norte, visitaram os seus sertões, encetaram empreendimentos tendentes a prover o progresso e bem estar da colonia, e, apesar do seu dominio ephemero, deixaram gottas de seu sangue vigoroso e ousado ainda hoje reconheciveis nas nossas populações do interior.

Sob o influxo poderoso e bemfazejo da sábia administração de João Mauricio de Nassau, que, embora enviado e representante de uma companhia de commercio, elevou o seu papel á altura do de verdadeiro e habilissimo estadista, pela sua politica de actividade e de tolerancia, digna dos maiores estadistas do seculo presente, foi em poucos annos bem rapido o desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Arredados os Hollandezes pela fanatismo vencedor dos que n'elles, apesar da magnanima tolerancia de João Mauricio, apenas viam os herejes, quando o illustre principe, protestante, mas bom e intelligente governo, mandava reconstruir as egrejas catholicas em ruinas, dava ampla liberdade a todas as festas religiosas, inclusive ás dos Judeus, tão mal vistos n'aquella epocha, o desenvolvimento da colonia passou a depender, como antes, dos mais desconnexos e mais morcosos factores.

D'esse periodo em diante a evolução historica do

(3) Oliveira Martins—*loc. cit.*



Rio Grande do Norte é representada pelos factos da vida dos poucos filhos seus cujo patriotismo, habilidade e valor são lembrados na historia patria como padrão de gloria indiscutivel.

A parte saliente que toniou nos movimentos revolucionarios de Pernambuco no primeiro quartel do seculo actual é conhecida e celebrada com orgulho por todos os norte rio-grandenses. O nome do Padre Miguelinho, alma da gloriosa revolução de 1817, cujo sangue foi o orvalho fecundissimo que regou o tronco ainda pouco solido da arvore da liberdade, brilha soberanamente no céu da nossa pequena historia como um exemplo vivo do civismo e da abnegação patriótica alliados a qualidades admiraveis de politico.

Não cabe, porem, aqui a narração d'estes fastos, promettimentos de futura importancia historica, quando a selecção effectuada entre os elementos constitutivos da raça houver dado um producto mais largamente apto do que nós ainda hoje somos.

* *

Tresentos annos após o despontar do primeiro germen, nós apenas começamos a comprehender o que somos e o que poderemos valer.

Em tres seculos de demorada evolução a raça ainda não formada mostra, todavia, signaes demonstrativos de uma futura vitalidade promettedora e fecunda. o embryão, ainda pouco desenvolvido, mas vivaz, de qualidades vantajosas de resistencia e de energia garantidoras de um porvir auspicioso.

Hoje nada poderiamos fazer grande, por que ainda faltam-nos os meios só compatíveis com um progresso mais amplo de que ainda não dispomos, nem só meios materiaes como, sobretudo, recursos mentaes. Tres gerações mais como o rapido incremento que teem, nestes ultimos annos. tomado todas ou quasi todas as nossas manifestações



devida social, e o quarto centenario da cidade dos Reis, bem como outras datas commemorativas de factos da nossa historia, terão celebração condigna.

Por ora, nós poderíamos, certamente, sinão fazer grande, ao menos significativo; para isso, porem, faltam-nos ainda, não já os recursos d'aquellas duas ordens, mas os dons inapreciaveis da vontade e da iniciativa em qualquer manifestação não muito proxivamente relacionada com os communs interesses da vida ordinaria.

Não foram absolutamente os obstaculos decorrentes da carencia de recursos que impediram-nos de celebrar o terceiro centenario da nossa vida collectiva, pois que demonstrações bem significativas poderiam ser feitas com quasi completa independencia de meios materiaes; mas a comprehensão clara da importancia dos factos d'aquella mesma vida collectiva para todos os individuos que d'ella fazem parte.

Quando os Estados Unidos celebraram em 1876, com uma das maiores festas industriaes do mundo, o primeiro centenario da sua independencia, não tiveram apenas em vista o desenvolvimento das suas relações commerciaes com os outros paizes pela exposição dos admiraveis productos que, á custa de muita força de vontade tenaz e intelligente, a sua poderosissima industria conseguira obter.

Quando a França celebrou, em 1878 e 1889, com duas grandes exposições, das quaes tantas e tão admiraveis consequencias souberam tirar todos os povos do globo, inclusive os seus inimigos, os centenarios da morte de Voltaire, e da Crise immensa de onde sahiram todas as conquistas da liberdade moderna, não pretendeu apenas demonstrar, de modo brilhante e irrecusavel, que para a vida do grande povo latino apenas fora um lastimavel incidente a grande *débacle* de 1870.

Ambos tiveram em mira afirmar tambem o seu desenvolvimento mental, a sua comprehensão da patria nas mais altas e mais edificantes manifestações dos sentimentos patrioticos, e mais, firmar com energia o seu direito tão nobremente adquirido aos logares invejaveis que occupam na humanidade.



Era o que nós, guardadas as proporções ainda, infelizmente, muito distanciadas, deveramos ter feito : a afirmação, na medida das nossas forças ainda rudimentares, da vontade de viver, da intenção raciocinada e decidida de ser alguém no seio da civilização contemporânea.

ANTONIO DE SOUZA.



O Rio Grande do Norte

ENSAIO HISTORICO

Explicação--Norte e Sul—Immigração—O brasileiro do norte—Primeiros povoadores do Rio Grande do Norte—Colonisação portugueza—Influencia hollandeza—Elemento africano—Estado actual da fusão das raças.

Tive a idéa, ha mezes, de emprehender a descripção historica, geographica e economica do meu Estado, no intuito de concorrer, embora escassamente, em vista da minha propria incompetencia e da ausencia quasi completa de dados seguros e verdadeiros actualmente para uma conscienciosa reconstrucção da vida passada do Rio Grande do Norte, para a historia futura d'esta até hontem esquecida parte da unidade nacional.

Essa idéa, que por alguns dias alimentei esperançoso de realisa-la, tive de abandonar em virtude da falta de informações com que de antemão contava sobre muitos pontos da nossa historia, falta que prejudicaria inteiramente o plano já concertado do pequeno livro de contribuição.

Com o apparecimento d'esta Revista, porem, resolvi publicar, em capitulos separados e distinctos, algumas paginas sobre o Rio Grande do Norte historico, geographico, economico e politico-social, acompanhado da biographia dos seus homens illustres. paginas que, em



tempo, si possível me for conseguir os dados indispensaveis para revestir o meu modesto ensaio da precisa authenticidade, serão publicadas em livro, devidamente augmentadas e correctas, cumprindo-se, assim, o meu justo e despretençioso desejo de ser de alguma forma util ao futuro historiador do meu Estado.

Dito isto, ficam os leitores sabendo que não vão encontrar nas paginas seguintes um trabalho acabado e perfeito, mas um modesto ensaio que tem o unico merito da sinceridade e que foi precisa reduzir ás proporções materias d'esta Revista.

Ao critico intelligente e honesto que tiver a pachorra de descançar a vista sobre estas paginas eu pedirei a esmola de uma lição, com o assignalamento dos defeitos, com certeza innumerous. d'este ligeiro trabalho.

* *

*

Não são precisos grandes conhecimentos de ethnologia para affirmar que o brasileiro tende, cada vez mais, a differenciar-se, influenciado pelos factores physicos e ethnicos que o trabalham.

O estudo ligeiro das differentes raças que entraram para a formação do typo nacional, ainda em começo, basta para trazer-nos a certeza de que a diversidade tem de operar-se, cada vez maior, entre os brasileiros do Norte e Sul.

Esta diversidade, porem, parece, felizmente, para bem da Patria, que limitar-se-á aos caracteres phisionomicos e ao modo de sentir individual, sendo provavel que o sentimento uno e collectivo do nosso povo, como nação, será mantido, pela influencia poderosa dos interesses politicos e economicos nacionaes, que a orientação patriotica dos partidos deve tornar cada vez mais ligados e dependentes da opinião commum.

*

A maior ameaça que soffre o nosso espirito de nacionalidade è a immigração imperfeitamente dirigida para os Estados do Sul.



Ha pouco tempo tivemos a prova do erro que consiste em admittir-se e promover-se a localisação de levas e levas de immigrants de uma só origem em um só ponto do paiz, sem que sejam attendidas as qualidades privadas d'esses estrangeiros, que vêm incorporar-se ao nosso povo.

A demagogia desenfreiada da colonia italiana em São Paulo, firmada na grande força numerica de que dispõe, pois que existem n'aquelle Estado mais de 600 mil italianos, sendo a população da capital, em sua maioria, composta de subditos do rei Umberto; e, alem disso, estimulada pela inconveniente patriotice d'um sr. conde de Brichant'eanu, deu logar a serios conflictos e à alteração da ordem, felizmente passageira, quando foi pela questão irritante, e tão mal julgada nos primeiros dias subseqüentes, dos protocollos italianos.

O Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catharina são o nucleo principal da immigração germanica; e, não obstante serem os teuto-brazileiros um dos mais fortes e bem acabados typos de cruzamento que possuímos, cumpre-nos ter mais algum cuidado na distribuição d'esses uteis e intelligentes representantes das raças puras do norte da Europa, para que não fiquem aquelles Estados inteiramente entregues aos allemães do Brazil.

Em muitas das communas d'aquelles Estados do sul o governo local é exercido por estrangeiros, sendo que em Blumeneau somente o presidente do Conselho de Intendencia é brazileiro nato, sendo allemães de origem todos os restantes membros d'aquella corporação administrativa.

Indubitavelmente essa immigração da Europa germanica é das melhores, e o nosso paiz já muito deve aos esforços e perseverante actividade industrial de muitos dos seus representantes; as levas numerosas de immigrants do sul europeu, egualmente, têm concorrido para o progresso relativo das nossas industrias e commercio.

As principaes industrias, porem, aquellas que vão directa e immediatamente pedir ás forças naturaes da terra os elementos primordiaes da riqueza e do conforto sociaes, como a agricultura, principalmente da canna e



do algodão no norte do paiz, e as industrias extractivas, estão ainda muito pouco desenvolvidas no Brazil, e isso devido à falta absoluta de braços e á ignorancia profissional dos que cultivam estas uberrimas e prodigas regiões de nossa patria.

A immigração é, pois, um grande bem para o Brazil, desde que haja o devido criterio na introdução de immigrantes. Da escolha cuidadosa entre as populações do estrangeiro dos trabalhadores que melhormente nos sirvam, tendo-se tambem cuidadosamente em vista as qualidades moraes dos que para nós tenham de vir, pois que já estamos fartos de assimilar vagabundos e depravados, dependerá o progresso de nossa patria, fundado na exploração intelligente das prodigiosas terras brazileiras.

A introdução, por exemplo, de alguns milhares d'esses tão procurados e celebres trabalhadores orientaes—os *coolis*—seria, talvez, de um effeito decisivo para o levantamento da nossa agricultura. Essa provavelmente optima immigração foi obstada de realisar-se durante o Imperio pela obstinada e injusta aversão que o monarcha deposto—D. Pedro II—votava aos tão malsinados habitantes do semi-barbaro paiz dos formalistas e ridiculos mandarins. Escapava ao ex-imperador do Brazil, porem, a elle que era tido em todo o mundo como um sabio governante, sabedoria, aliás, hoje, com bons fundamentos contestada, escapou-lhe, digo, esta verdade: que a decrepita e tradicional organização politica do vasto paiz do celeste imperador em nada altera, no caso de uma criteriosa immigração, as qualidades proprias e provadamente optimas d'essa utilissima classe dos *coolis* tão avaramente negada ás civilisações occidentaes por esses mesmos atrasados directores da politica do isolamento chinês.

O ex-imperador, intransigente em seus caprichos, e tendo em alto grao as *virtudes* do auctoritarismo, distarçando o character absoluto do seu reinado com o derivativo, habilmente utilizado, da exorcencia *constitucional* do poder moderador, levou o seu erro ao ponto de oppor embargos desarrazoados ao tratado tão habilmente negociado em 1880-1881 pelos chefes da pri-



meira missão brasileira à China, almirante Arthur Jaceguay e dr. Eduardo Callado. E, não satisfeito, depois de assignado esse tratado em Tien-tsin, a 3 de outubro de 1881, impediu a sua effectividade, quando era licito esperar-se a entrada em nosso paiz de alguns milhares d'essas admiraveis machinas de trabalho—os *coolis*—que, segundo a informação do competentissimo e brilhante publicista Salvador de Mendonça, no seu livro—*Trabalhadores Aziaticos*,—tinham acabado de provar a sua superioridade sobre os trabalhadores brancos e negros na lueta contra a natureza do *Far West* americano.

Foi assim que negou o seu apoio ao capitalista chinês Ton-kim-Sin, para a realisação das vantagens do tratado para a introdução de *coolis*, chegando a dizer pessoalmente ao poderoso intermediario que não contasse absolutamente com as sympathias do governo imperial. Isso desapontou o capitalista, que regressou fazendo um justo e desfavoravel juizo da seriedade do ex-soberano do Brazil em materia de tratados, apesar da preconizada *subedoria* do incensado imperante americano.

O serviço de immigração, hoje a cargo dos Estados da Federação Brasileira, cujos governos podem, com mais segurança, conhecer as necessidades locais das diversas e variadas zonas do nosso territorio, mais facil e vantajosamente poderá ser feito por esses governos, desde que mantenham no estrangeiro competentes e criteriosos agentes que—estudando de perto as qualidades especiaes dos grupos de trabalhadores que se proponham emigrar de suas patrias, em virtude de uma sensata propaganda—dotem o nosso paiz com os necessarios e fortes elementos de riqueza, que são os braços do homem.

A localisação em um só ponto de grande numero de estrangeiros de uma só nacionalidade é um erro ethnologico, um perigo politico e uma ameaça ao *brazileirismo*. Todo o esforço deve ser no sentido de assimilarmos as populações parciaes do estrangeiro, mantendo, porem, o espirito de nacionalidade e construindo a nossa tradição sobre os alicerces sociaes que já existem. Precisamos de ser sempre o povo brasileiro; devemos melhora-lo, fortalece-lo, pela assimilação de ou-



tras correntes de vida, mas nunca anniquilal-o pela imprevidente permissão da superioridade numerica das raças estrangeiras ; n'esta hypothese, que campre evitar, seriamos nós os assimilados : desapareceria o brasileiro, que ainda não é um typo definitivo, mas que ha de completar-se em condições vantajosas si a sciencia e os conhecimentos especiaes das raças humanas presidirem ás futuras introduções de immigrants, livrando-nos de surpresas desagradaveis, como o já referido movimento de São Paulo, devido a essa tumultuaria e desordenada immigração exclusivista com que antes e durante o contracto da *Companhia Metropolitana* eram feitas as aquisições de trabalhadores para o Brazil.

Urge que os Governos dos Estados estudem seriamente essa questão, tendo a maxima previdencia no tocante ás qualidades moraes e aptidões individuaes dos colonos, distribuindo-os scientificamente para que, no futuro, não tenhamos a lamentar a extinção completa do *brazileiro* em muitos pontos do nosso paiz.

Antes de terminar esta parte sobre a immigração para o Brazil, devo, francamente, sem mais commentarios, dizer que seria tambem utilissima a introdução de japonezes em nosso paiz. O grande progresso que tão rapidamente realisou na sua patria essa interessante raça oriental recommenda-a á attenção e estudos dos agentes de immigração.

As vantagens que adviriam para nós do auxilio de alguns milhares d'esses laboriosos artistas do detalhe e tenazes e perseverantes trabalhadores, ainda muito ignorados, estão fora de duvidas.

O exito da immigração parece indubitavel que dependerá da intelligente selecção feita pelos agentes entre povos varios, que entre si neutralisem a influencia predominadora de um só grupo ethnico estrangeiro sobre a população nacional.

Esta, sem os perigos de ser vencida na fusão que se operar, tem de, necessariamente, surgir d'esse bent dirigido cruzamento mais forte, mais intelligente, mais trabalhadora, sem perder, comtudo, o traço caracteristico e indigena da tradição historica. Será melhora-da e mantida.



*
**

O norte do Brazil, cujas condições climatericas mais difficilmente permitem a adaptação em massa das populações estrangeiras, está destinado a realisar o typo genuinamente brasileiro do porvir, typo resultante da fusão dos tres grupos que primeiramente entraram em lucta—o portuguez colonizador, o negro escravizado e o indio autochtone.

D'ahi a differença entre o norte e o sul.

Esta differença, actualmente, attendendo-se á relatividade scientifica de todas as cousas, é ainda maior, levando-se em conta as subdivisões geographicas e differenças de clima das vastas regiões brasileiras, e as origens coloniaes do sul; mas, a primeira differenciação, a que emana de uma rapida e superficial observação, é a seguinte: o sul, das fronteiras rio-grandenses até Minas e Espirito Santo, e o norte, da Amazonia, onde a immigração que se nota é a nacional mestiça—cearenses, rio-grandenses do norte, piauihyenses e maranhenses—até a Bahia inclusive, onde mais profundamente influu o elemento negro, intelligente, trabalhador e affectivo.

Temos, pois: ao sul, o typo semi-europeu, composto de allemães no Rio Grande do Sul, Santa Catharina e parte do Paraná, italianos em S. Paulo, parte do Rio de Janeiro, Espirito Santo e Minas, e portuguezes no Rio de Janeiro, Minas e Espirito Santo, typo que suplantará totalmente as representações já rareadas do primitivo cruzamento; ao norte, as populações mestiças do portuguez, negro e indio, que não soffreram a concorrência em grande escala do elemento estrangeiro, pois que o europeu do norte, o portuguez, não é em numero sufficiente para anniquilar a poderosa mestiçagem, para a qual tão vantajosamente contribuiu e vai contribuindo.

Esta é a primeira distincção, sem alludir-se ás preponderancias parciaes de cada um dos tres grupos componentes do mestiço do norte.

Fomos os nortistas por acaso lesados pelas circumstancias nessa partilha do destino?

Parece-me que não: embora as populações sulistas



sejam representantes mais directas da civilisação européa, ás do norte está confiada a elevada missão de apresentarem no futuro o typo definitivo desse cruzamento que se está operando no littoral centro do paiz, e extendendo-se para o norte pela emigração nacional para as sedutoras regiões da hacia do Amazonas.

É este futuro producto da selecção natural não se pode dizer que seja o portuguez ligeiramente reformado, mas sim uma nova raça intelligente e forte, destinada talvez a realisar grandes feitos civilisadores.

As qualidades nativas das raças inferiores que entraram na composição do brasileiro têm produzido nos seus herdeiros cruzados optimos e promettedores resultados. A mestiçagem estavel do futuro já se tem mostrado em algumas organizações individuaes possuidora de qualidades de primeira ordem. Intelligencia penetrante; pasmosa facilidade de assimilar todos os conhecimentos humanos, chegando, por vezes, a aprofundar-se em especialidades scientificas; brilhantismo de espirito; fluencia oratoria, habilidade politica notabilissima, são qualidades que sobejamente consolam os seus representantes da pecha de *homens de côr*, para alguns espiritos, infelizmente, ainda significando condição de inferioridade.

Tobias Barreto, Luiz Gama, André Rebouças, Bazilio da Gama, P.^o José Mauricio, Gregorio de Mattos, José do Patrocínio, Francisco Glycerio, Laurindo Rabello e, entre nos, relativamente, Henrique Castriciano e Eloy de Souza, ahí estão, entre innumerous outros, para attestar as qualidades apontadas.

Tobias Barreto, uma das mais altas representações da mentalidade brasileira, é o mais frisante exemplo. Poeta, professor notável, philosopho, orador, *causeur* admiravel, é a affirmação mais soberanamente impressionadora da potencia intellectual do mestiço.

Não e, portanto, para lamentarmos o ter sido o norte fadado pela natureza e pelas circumstancias para guardar as tradições do nosso paiz, realisando no porvir o *brazileiro*—typo ethnico.

E' tradição em alguns pontos do Estado que, mes'



mo antes da chegada casual de Pedro Alvares Cabral a Porto Seguro, já tinha sido o territorio do Rio Grande do Norte visitado por alguns navegadores d'aquella epocha de afanosa lide descobridora—seculos XV e XVI.

De uma noticia que recebi do Apody, aproveitada para a descripção historica, geographica e economica dos municipios do Estado que apresentei em um dos ultimos relatorios da Secretaria do Governo, consta que, já em 1499, os navegadores Alonso de Hojeda e Americo Vesputio, acompanhados pelo piloto biscahinho João de La Cosa, chegaram, pelo rio Mossoró ou Apody, até a lagoa Itahú (pedra preta) hoje denominada Apody.

Nas margens d'essa lagoa encontraram localizados os indios *paycanazes*, da raça *tupy*, e ás margens do rio a tribo dos *apodys*, que deram nome ao lugar, ao rio e á lagoa, antiga Itahú.

Não e' inverosimil essa tradição conservada pelos velhos habitantes d'aquella localidade.

O grupo indigena do littoral era o dos *potyguarus*, o que justificou a proposta de José Leão para passar o nosso Estado a denominar-se—Potyguarania.—

A esse grupo pertencia o famoso guerreiro Felipe Camarão, o «poty» da «Iracema», aquelle celebre e mavioso poema em prosa de José de Alencar.

Esse «poty» (camarão) nós, os rio-grandenses, pretendemos que seja nosso, contra a opinião de alguns pernambucanos e cearenses. No capitulo sobre os nossos homens illustres e notaveis do passado historico, capitulo que fará parte de artigo posterior n'esta Revista, procurarei provar que o grande auxiliar dos portuguezes contra a invasão hollandeza de Pernambuco, no seculo XVII, nasceu no Rio Grande do Norte e por muito tempo habitou ás margens do «Potygy», rio que hoje chama-se, por corrupção de linguagem, Potengy, e cujo nome servirá tambem para provar ser rio-grandense o famoso «Poty», que passou á historia com o nome civilizado de Antonio Felipe Camarão.

*
**



Em 1597, durante o governo de D. Francisco de Souza, Manoel Mascarenhas, capitão-mór de Pernambuco, conquistou as terras rio-grandenses e, a menos de tres kilometros da foz do Rio Grande do Norte, nome com que desaguam no oceano o Potengy e o Jundiahy, fundou a povoação de Natal, levantando sobre o recife, na margem direita do rio, o forte dos Reis Magos.

Em 1598, ou antes, a começar de 25 de Dezembro de 1597, ha precisamente tres seculos, Jeronymo de Albuquerque, então commandante do forte dos Reis Magos, augmentou a povoação fundada por Mascarenhas, aproveitando principalmente as populações indigenas, que aquelle commandante procurou localisar definitivamente. Foi o primeiro colonizador d'esta hoje capital do Rio Grande do Norte.

Durante o governo intelligente e fecundo do principe Mauricio de Nassau, em Pernambuco, cujas boas intenções e largas vistas não puderam agradar á gananciosa *Companhia das Indias*, aquella poderosa e conhecida empresa de ricos commerciantes da Hollanda conquistadora, á qual o illustrado estadista Mauricio de Nassau representou no Brazil, foi a villa de Natal elevada á categoria de cidade.

Na constancia da guerra hollandeza foi, por vezes, o territorio d'este Estado presa dos invasores, que chegaram, em 1632, a apoderar-se. dirigidos por Calabar, do forte dos Reis Magos, que denominaram *Ceulen*, e dando começo ao dominio hollandez, que terminou em 1645, cinco annos depois da restauração da monarchia portugueza pelos *quarenta fidalgos de Lisboa*, em favor do duque de Bragança--D. João IV.

Em 1654, este monarcha doou a capitania do Rio Grande do Norte a Manoel Jordão, que morreu em um naufragio, sendo depois considerado nullo o acto da doação.

A capitania do Rio Grande do Norte teve em 1689 o titulo de Condado, sendo conferido a Lopo Furtado de Mendonça, continuando, porem, logo depois,



como d'antes, a depender, ora de Pernambuco. ora da Bahia.

Por ocasião da revolução de Pernambuco, em 1817, o governador José Ignacio Borges emancipou o Rio Grande do Norte da dependencia legal que o acorrentava a Pernambuco, tornando-o dependente exclusivamente da Corte em suas relações politicas e administrativas. Finalmente, em 1822, constituiu o Rio Grande do Norte uma das provincias do Imperio.

Com a proclamação da Republica, emanada da revolução pacifica de 15 de novembro de 1889, esta então provincia, como todas as outras do ex-imperio, passou a constituir um Estado autonomo.

A adhesão do Rio Grande do Norte á Republica teve logar a 17 de novembro, dois dias depois da deposição da realza no Rio de Janeiro.

Presidia a provincia o vice-presidente, coronel Antonio Bazilio Ribeiro Dantas, um dos chefes do antigo partido liberal aqui. Substituiu-o, como governador provisório aclamado, o Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, chefe do pequeno partido da propaganda e do actual partido republicano federal deste Estado.

*
**

O dominio hollandez deixou no Estado muitos vestigios, notando-se no typo sertanejo, principalmente no Apody e Seridó, pronunciadas semelhanças com aquelle povo. Os traços phisionomicos e mesmo algumas qualidades de ordem moral de muitos dos nossos homens do interior fazem lembrar a tenaz e trabalhadora raça flamenga, que, para muitos, nos teria sido muito mais util do que a portugueza, si vingasse o plano da invasão.

Não sei; e, da mesma forma que os primeiros colonos portuguezes eram em regra sahidos das ultimas camadas do Reino, da escoria de Lisboa, os hollandezes que a celebre *Companhia das Indias* nos mandava não primavam egualmente pela moralidade; e a rapina, é sabido, constituia a maior occupação dos *civilizados* que



vinham *protectoramente* desalojar das suas selvas queridas os nossos bravos e indolentes autochtones.

Para mim, a colonisação hollandeza, como foi a portugueza, seria de vantagens muito limitadas para a nacionalidade brasileira do futuro.

Não é que desconheça as qualidades superiores da forte gente dos Payzes Baixos que, sob as ordens do *taciturno* príncipe de Orange, deu lições inegualaveis de civismo e denodo ao poderoso rei da França, em 1672, inundando o seu proprio paiz para reprimir a invasão.

Mas é que a colonisação havia de ser feita, não pelo povo hollandez propriamente dito, mas pelas levas mais ou menos desmoralizadas dos mercenarios do Commercio Associado para a exploração do Brazil, como si isto aqui fosse simplesmente um campo de negocios e não tambem um grande territorio destinado a crear e manter uma nacionalidade.

Por outro lado ; si a descoberta do Brazil pelos portuguezes tivesse sido realisada na epocha florescente da dynastia de Aviz, do ramo directo e descendente do grande rei da boa memoria e da energica e virtuosa filha do duque de Lancastre, e não sob o reinado *venturoso* do collateral D. Manoel, reinado que inicia a decadencia do povo luzitano, a influencia da metropole portugueza teria sido de efeitos outros e melhores para o nosso paiz. Infelizmente não, alcançamos o periodo aureo da pequena nação de Affonso Henriques, aquelle que vai das locubrações scientificas do Infante D. Henrique, o misanthropo estudioso do promontorio de Sagres, o cruel sacrificador do seu infeliz irmão D. Fernando, o martyr de Tanager, até á morte do poderoso João II, o *príncipe perfeito*, que tinha todas as virtudes e maldades de um grande estadista da epocha e ao qual a rainha D. Izabel de Castella chamava—O homem—significando, assim, a sua admiração pela indomavel energia e pela capacidade governativa do terrivel e natural inimigo da sua bella Hespanha.

Como quer que fosse, porem, ultimou-se a colonisação portugueza e razão teve, talvez, a fatalidade



historia, determinando, como se verificou, que para a victoria de Portugal nas guerras da conquista e da expulsão dos invasores concorressem, com o elemento inestimavel da sua bravura e lealdade, as populações brazileiras de negros e indios, negros assimilados e indios naturaes, dos quaes foram capitães mais notaveis Camarão e Henrique Dias, dois dos mais sympathicos vultos da nossa historia colonial.

*
*

O elemento africano, importado para o trabalho rude da lavoura e que por tanto tempo soffreu em nosso paiz os effeitos da maior iniquidade da *civilização* dos brancos —a escravidão—foi, n'este Estado, facilmente assimilado pelas populações branca e indigena.

Hoje nota-se já a diminuição dos representantes puros da raça negra que inteira e facilmente foi aqui absorvida pelo portuguez e, em proporção muito menor, pelo indio.

A influencia africana, porem, no mestiçamento do Estado foi grande, principalmente no littoral, e, apesar do rachitismo e apparente fraqueza organica de uma grande parte do povo d'esta capital e arredores, creio bem nas vantagens que ella nos poderá trazer em definitiva assimilação, certo como estou, de accordo com eruditos ethnologos nacionaes e estrangeiros, das excellentes qualidades nativas d'essa infortunada raça infantil dos sertões da Africa.

O estado actual do cruzamento das tres raças que primeiro entraram para a nossa formação é, entre nós, como em todo o centro littoral do Brazil, uma mescla, variadissima ainda, de *mulatos*, *mamelucos* ou *caboclos*, *curibocas* ou *cafusos*, e *pardos*.

Predomina o cruzamento mulato, com as suas variantes: de primeiro sangue, claros e escuros.

Alem desta mestiçagem, da qual tudo nos cumpre esperar, existem, no alto sertão, algumas representações



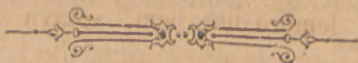
quasi exclusivamente *brancas*, descendentes dos holandezes invasores que alli estanciaram no comeco do seculo XVII.

Parece que a população do futuro será constituida pelo numeroso grupo dos *mulatos claros*, de retorno á raça branca e que a esta ameaça anniquilar, como observa competentemente o illustre e eminente medico-legista, dr. Nina Rodrigues, em seu «Ensaio sobre a responsabilidade penal no Brazil».

*
**

Em outro artigo tratarei do papel do nosso Estado na historia patria; dos seus homens illustres; e, principalmente, da parte activa que tomou nas revoluções democraticas de 1817 e 1824.

ALBERTO MARANHÃO.



TRES PHASES

Muitas vezes, quando pequena, tive-a sentada em meus joelhos, gostando de ver-lhe na purpurea boquinha esboçar-se o meigo e branco sorriso das creanças.

Era um regalo vel-a saltar pela casa em doidas travessuras como um manso animalzinho domestico, a trepar-se nos moveis, arengando com os irmãos por causa dos brinquedos, chorando ás vezes a atoa, e a encher o lar, que vivia alegrado e feliz das suas continuas e rebeldes traquinadas.

Mimi era como um symbolo de religiosa adoração.

Tudo quanto ella fazia os paes achavam muito bom e applaudiam.

Ninguem nunca tinha razão quando se queixava della, porque ella era uma santa.

Os seus incessantes caprichos infantis nunca foram contrariados ; satisfiziam-os logo. Tinham medo de vel-a agastada.

Mais tarde perdi-a de vista e, durante annos, nem mais della recebi noticia alguma.

*
**

Uma noite, lembro-me bem, estava repleto o "Recreio Dramatico".

Celebrava a sua festa artistica a Suzanna Castera, a luminosa estrella do antigo *demi monde* fluminense, a loira e caprichosa *cocote* que arruinou fortunas e arrancou lagrimas, e eu, como de costume, lá me envolvia no agitado borborinho nocturno, ao ar livre, no asphalto do jardim, confundido com a multidão ruidosa e movediça, a ruminar silenciosamente os meus philosophicos pensamentos, olhando pesarosamente aquelle dementado ambito, imaginando que o que talvez houvera de mais pu-



ro e bello fôra aniquilar-se para alli no meio d'aquella alegria allucinada e crapulosa, onde se vai emervar o derradeiro estímulo da mulher que cae.

Pensava na fria e impassivel despreocupação d' aquella gente grosseira, sem ideal, quando fui despertado por uma leve pancada no hombro e, ao voltar-me, depois de um breve reparo, reconheci essa terna e adoravel Mimi, tão pura e tão boa na sua risonha e casta meninice, perdida agora alli naquelle acanalhamento mercenário e sordido, ostentando a toilette deshonesto e escandalosa da mulher mundana, a fazer movimentos provocadores, solicitando cynicamente os homens.

Si o soalho das galerias nesse instante desabasse sobre a platéa esmagando-a, não me espantaria mais.

Não me pude conter.

Chamei-a a um dos recantos menos illuminados do jardim e comecei a arguil-a.

—Mais é neste logar, Mimi, que eu venho encontrar-te aqui, no meio desta sucia? Conta-me como foi isso.

—Nada mais simples, respondeu-me. Fiz-me moça, casaram-me, aborreci-me e, não me podendo conformar com as exigencias escravizantes do meu estado, embarquei para o Rio e agora vejo-me livre como desejava sel-o. Olhe, quero pedir-lhe um favor: não me trate mais assim. Mudei de nome. No mundo elegante a que pertenço hoje chamo-me Stella. Esse passado que o snr. pretende evocar causa-me tedio, afflige-me. Vamos a saber uma coisa, não paga nada?

Esta ultima phrase trouxe-me uma desillusão completa.

Não havia mais duvida; eu tinha simplesmente deante de mim uma dessas anemicas instantaneas das noites das quentes e palpitantes do vicio.

Depois abeirou-se della uma chusma de cortejadores e ella lá se foi com elles, a rir, bamboleando os quadris, dando-me às pressas a *utresse* e a hora em que poderia receber-me.

Senti impetos de ir á casa della exprobral-a, dar-lhe conselhos, concital-a a abandonar aquella vida licenciosa e má que havia de arrastal-a mais tarde á miseria e ao esquecimento.



Mas era bem possível também que me não quizesse ouvir, atraída pelas seducções voluptuosas e irresistíveis dessa existencia fácil e indolente dos bordeis, onde a alma impenitente da prostituida adormece ao calor da orgia.

Comtudo, parecia que era uma obrigação minha procurar-a, desvendar-lhe os horrores infinitos dessa loucura em que estava vivendo.

Fui, passados dias, á casa que ella me havia indicado e não a encontrei mais; tinha-se mudado e não me souberam informar a sua nova residencia.

Esperei encontral-a pela cidade ou pelos theatros, á noite, e então emprazal-a-ia para uma entrevista em que á vontade eu lhe pudesse falar.

Mas foi inutil essa esperança, porque nunca mais a avistei depois daquella noite no Recreio:

*
* *

Volvidos alguns mezes, fui uma tarde á Santa Casa de Misericordia em companhia de um amigo, escrivão de policia, que ia tomar um auto de perguntas a uma rapariga que havia sido apunhalada pelo amante.

Entramos os dois na enfermaria das mulheres.

Viam-se nesse triste e vasto aposento mulheres deitadas sobre leitos enxovalhados, nauseantes, gemendo umas, agonizando outras, sem terem ninguem ao pé de si para dar-lhes o conforto extremo, essas santas e doces palavras religiosas que penetram a alma do moribundo, nos ultimos momentos, como um raio de luz divina.

No meio d'aquella funebre symphonia de gemidos abafados, ás vezes, pelos gritos percucientes dos que soffriam dores mais intensas, houve em mim uma especie de terror; uma emoção desconhecida, extranha fez-me tremer todo.

No centro do aposento, em leito desalinhado, immundo, jazia, com os cabelos desgrenhados, bocca livida e semi aberta, com os olhos cerrados, os braços nús, respirando



lentamente, a custo, quasi morta, aquella que em creança fizera-me entrever-lhe um mundo de felicidades perennes.

Não me poude mais conhecer.

Eu e o meu amigo nos demorámos um pouco e, quando iamos a sahir, olhei para a cama : Mimi não existia mais.

MAURICIO PONTINO.



HYPNOTISMO

A evolução da sciencia não se faz sem reacções que precisão ser domadas pela persistencia tenaz dos espiritos d' elite.

O hypnotismo, vasto campo erigido de difficuldades que vão aos poucos sendo vencidas pelos processos da experiencia, encontra, por sua vez, os raios do anathema, como se vê da *Encyclica ad omnes Episcopos adversus magnetismi abusum*.

Essa condemnação, *a priori*, de phenomenos que prejudicão toda a estructura das velhas theogonias, despopulando os factos que se descrevião como desproporcionaes com as forças da natureza, os quaes as recommendavão à fascinação da crença, nada tem de scientifica.

Imbuídos da opinião de que, pelos processos da suggestão, o vèu, sagrado como a tunica de Tanit, que deve preservar o pensamento, fica sem densidade, não sendo mais o coração esse paiz mysterioso, extranho e tão ambicionado de conhecer, os theologos de todos os matizes procurão erguer a muralha da religião entre os espiritos, como o de Goethe, anciosos de luz, e o hypnotismo.

Realmente, em face dos textos biblicos, a theologia tem razão—essa penetração nos meandros do nosso cerebro devia ser um privilegio da divindade, como se vê dos Psalmos seguintes: *Scrutans corda et renes Deus, Ego Dominus scrutans cor et probans renes; Ego sum scrutans renes et corda* (Eu sou o Deus que sonda o coração e as entranhas; Eu sou o Senhor que esquadrinha o coração e que sonda os affectos; Eu sou aquelle que sonda os rins e o coração).



De posse das taboas das leis sagradas, os theologos se rejubilarião de ouvir a humanidade toda exclamar, desalentada como o velho Fausto :

«Non, je ne me suis point comparé à la divinité ; non, je sens ma misère ; c'est au ver que je ressemble ; il fouille la poussière, il s'y nourrit, et le pied du passant l'y écrase et l'y ensevelit».

Infelizmente para os eternos adversarios dos progressos da sciencia, que, pretendendo amordaçar Galileu, lograram apenas fazel-o murmurar uma phrase de coragem e de affirmação— *E pur si muove*—o céo não occulta mais nos seus nevoeiros os segredos que perturbavão a mente e fazião curvar os joelhos em presença da magestade do thaumaturgo.

Como o poeta, pode-se dizer :

«O ceo é hoje em dia um velho pardieiro,
Um grande casarão, sem vidros, sem telhados,

Entretanto, a condemnação theologica, sob o fundamento exposto, revela o desconhecimento da situação moral ou psychica do hypnotisado.

Essa descortinação do mundo inteiro, essa plena posse do que se passa no interior, do que soffre a crise hypnotica, é nimiamente hypothetica, e o seguinte facto o confirma, pela improficuidade dos meios empregados para obter a confissão de uma cumplicidade de roubo.

Eis a summa do que affirma Laurent, sob a autoridade de Bertran Rubio :

«Dormindo, X foi interrogado :—E's accusado de cumplicidade de roubo ?—Sou innocente.—Sabias, sem duvida, que o carro e o cavallo tinhão sido roubados ?—Não, não, respondeu energicamente ; eu não sabia !—Sabias !—Eu julgo que não.—Eu digo que sabias !—Não, disse elle com muito menos energia.--Eu asseguro-te que sabias.—Sabia».

De novo interrogado e no mesmo momento, outras forão as suas respostas. Eil-as :

«Não sabias que o carro tinha sido roubado ?—Sim, sabia.—Não, digo-te que não sabias nada.—Não, não sabia nada.»



Sujeito a outras experiencias, X repetiu as mesmas contradicções.

Esse facto revela que é um ente de razão a crença de que, pelo hypnotismo, se póde fazer concorrência ao confissionario, pescando no lago do espirito a perola do segredo, da idéa que se deseja occultar.

E aqui convém abordar a questão que nos levou á escolha do presente assumpto, circumscrevendo-o ao departamento juridico.

Hypnotismo ou somno nervoso, na phrase de James Braid, é «un état particulier du système nerveux déterminé par le moyen de manœuvres particulières.»

Paulo Richer, embora sem fronteiras delimitadas, vê uma successão fatal nos phenomenos hypnoticos e faz passar essa nevrose provocada pelos quatro seguintes grãos :

- A) Lethargo artificial do suggestionado ;
- B) Catalepsia ou perda do sentimento e do entendimento, com rigidez dos musculos parcial ou total ;
- C) Estado suggestivo (que é uma modalidade da situação anterior) no qual o cataleptico toma posições e pratica movimentos e actos, que se lhe impõem, sem a mais leve resistencia.

D) Somnambulismo, condição especial do somno nervoso, em que quem a atravessa, convertido em automatico, deixa de possuir-se, fica com as faculdades intellectuaes offuscadas e os sentidos não funcionão, ou funcionão com excessiva exaltação, á vontade do hypnotisador, como na nevrose produzida pelo alcool.

N'esse ultimo caso dão-se manifestações espontaneas ou provocadas.

Segundo Donato, o somno artificial produz, como effeito permanente, a abolição completa da consciencia e, como manifestações espontaneas variaveis—atonía dos órgãos auditivos, delirio e hallucinações, ou então acuidade dos sentidos, da percepção mental, da memoria, exaltação do espirito e hallucinações logicas.

Além d'essas, outras manifestações podem ser provocadas.



Damos a palavra a Donato :

Les manifestations provoquées sont de l'ordre physique ou de l'ordre spirituel. Dans l'ordre physique, nous distinguons : les contractions et les contractures ; les paralysies et les catalepsies partielles ou totales, l'anesthésie, l'analgésie, un sommeil normal plus ou moins profond ; les modifications thermabes de la circulation, la paralysie des sens ; la déparalysation, l'aphonie, l'aphasie, la surdité, la privation du goût ou aghens-tie, l'hypergeustie, l'oxycoie ou sensibilité extrême de l'ouie, la paracousie, l'asthenie, la cophose. Les mouvements involontaires et incoercibles sugger s, les illusions sensorielles, la transposition (réelle au supposée) des sens,

« Dans ordre spirituel : les sensations trompeuses et hallucinatoires contraires   la verit  ou   la nature, tant physiques que psychiques et physiologiques au nombre desquelles les alterations provoquées de la personnalité ; les hallucinations morales, les rêves en action, les inspirations logiques ou illegiques, l'exaltation des idées et sentiments, la prévision, l'instinct des remèdes, la double vue interne et externe, clairvoyance ultralucide ou hypoblysie, affirmée et pratiqu e par les docteurs Pigeaire, Hublier et Teste (1840), mais non établie jusqu,   nos jours. »

Convem lembrar que Enrico Mosselli e Richer s o aceit o como factos hypnoticos aquelles que não result o da « interven o de uma força desconhecida, de um fluido mysterioso e novo », pondo em duvida « a existencia da comunica o do pensamento, da transposi o dos sentidos, da ac o   distancia ou atravez dos obstaculos, e da adivinha o.

Constatadas a existencia e modalidade, em todas as suas faces, dos phenomenos de hypnotismo, entremos em outras demonstra oes.

A ac o hypnotica pode produzir seus resultados quer no momento em que   exercitada, quer depois do despertar do agente, que fatalmente pratica actos que lhe são impostos, n'uma occasião designada, sem poder dar uma explica o do seu modo de agir.

O celebre Donato, refere J. J. Franco, impoz a



um individuo escrever n'uma hora determinada uma carta; na hora assignalada, embora se achasse, por acaso, em companhia da pessoa a quem devia escrever, o suggestionado escreveu e entregou-lhe a carta.

Carlos Richer por sua vez conta haver suggerido em estado de somno a idéa de furto a um individuo, que, desperto, o praticou, embora sua reconhecida probidade.

Factos dessa ordem são confirmados por diversos medicos, e Bernheim e Liegois referem phenomenos de suggestão que duraram quasi um mez.

O mesmo professor Liegois realisou com exito experiencias consistentes em fazer assignar obrigações de dividas imaginarias, affirmações calumniosas que o hypnotisado, saindo do estado de somno nervoso, acreditava verdadeiras; nas suas experiencias chegou a obter de um individuo, a quem dera um embrulho de assucar convencendo-o de que era arsenico, o propinasse, como fez, a uma sua tia.

Em face d'esses e outros muitos factos, cremos poder affirmar a inteira e completa passividade do agente sobre o qual se exerce a acção hypnotica.

A pessoa suggestionada, diz Cullerre, abdica sua personalidade e se converte em um ser passivo, submetido a uma vontade extranha que dirige seus pensamentos, modifica sua sensibilidade, e o inhiibe de obrar, como poderia fazel-o, de moto proprio.

Os phenomenos de hypnologia já se achão perfeitamente estudados para se poder affirmar que elles concorrem para modificar a physiologia do crime como um novo instrumento de delictos, quer seja o suggestionado a victima, quer o executor inconsciente.

Como victima, pode soffrer a violação, a provocação do aborto, as mutilações, a morte; como instrumento pode soffrer as extorsões de assignaturas de titulos de dividas, de escripturas e testamento, do consentimento para casamento de menores, o rapto e o homicidio-suicidio.

Esses ultimos delictos podem ser praticados quer por occasião do somno nervoso, quer immediatamente depois do despertar, quer n'um momento mais ou menos affastado.



Alem dos crimes arrolados, existe ainda o que os escriptores chamão *attentado á pessoa moral*, que consiste em fazer ver pelo hypnotisado um certo individuo praticar um crime e depor contra elle com perfeita convicção do que julga ter sido testemunha—é a isso que Bernheim chama *hallucinações retroactivas*.

O nosso Codigo Penal resente-se de grande lacuna n'esse assumpto tão fecundo para ser explorado pela criminologia, só achando no hypnotismo uma circumstancia caracteristica do crime de estupro.

Os hypnotisados são meros instrumentos technicos e não auctores ou cúmplices responsaveis de crimes.

Elles agem sem consciencia e liberdade de deliberação dos actos que praticão e muitas vezes sem guardar lembrança d'esses factos.

O projecto do Codigo Penal, que dorme na pasta das commissões do Congresso Federal, reconhece a irresponsabilidade criminal dos que obrão sem direcção propria, inconscientes por alterações morbidas das funções psychicas.

O hypnotismo é, sem duvida, uma dessas perturbações de que falla o projecto do Codigo.

A perturbação nervosa no hypnotisado é um facto; não soffre contestação, porque n'elle não se pôde negar, além de outros phenomenos, a obliteração da memoria, a inanidade da vontade e o somnambulismo forçado.

Logo, convertido em automato, em puro instrumento technico do crime, actuando ao impulso da suggestão, deve elle entrar na categoria dos que delinquem sem a força impulsiva e lucida da intelligencia e da vontade de delinquir, escapando por isso á sanção penal.

E' aqui applicavel, para concluir, uma phrase de Bruno Bataglia na «Dinamica del dilitto»— o homem não sendo livre não é tambem responsavel.

14 de Dezembro de 1897.

HOMEM DE SIQUEIRA.



AO LUAR

Astros celestes, docemente louros.
Gyram no Espaço, em luminoso bando,
Ouve-se ao longe um violão gemente
E mais ainda, n'um trinar dolente,
Canções serenas ao luar voando.

Quanta tristeza pela noite clara !
Quanta saudade pelo Azul boiando !
Cuida-se ouvir, n'um dolorido choro,
As preces tristes de um magoado coro
De almas penadas ao luar rezando.

O Céu parece uma igreja antiga
Que a Lua branca vai allumiando...
E essas estrellas muito alem dispersas,
São rosas brancas no Infinito immersas
Monjas bemditas ao luar chorando.

Os pyrilampos pelas moitas tristes
Vôam calados e subtis, brilhando...
Lembram descenças a bailar sombrias.
Illusões mortas de passados dias,
Almas de loucos ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Esphera adejam,
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelham preces que se vão da terra,



Almas mimosas que este mundo encerra
De creancinhas ao luar sonhando.

Elles parecem tambem velas brancas
Soltas, a tóa, pelo Mar vogando...
Leves e tenues, a correr, immensas,
Petalas de lyrios pelo Ar suspensas,
Aves saudosas ao luar chorando.

Ai! quem me dera ser tambem creança!
Ai! quem me dera andar tambem voando!
Fazer dos astros um barquinho amado,
N'elle vogar por todo o Céu dourado,
As minhas dores ao luar cantando!

AUTA DE SOUZA.



A POLITICA

No Brazil, antes ainda da idea democratica, encarregou-se a natureza de estabelecer o principio federativo.

Commentando estas palavras do notavel manifesto republicano de 3 de Dezembro de 1870, disse Assis Brazil :

Extendido por varias e dilatadas zonas, onde se encontram todos os graus de temperatura, desde as ardencias equatorias africanas até o clima frio do meio dia da Europa; cortado por grandes e immensos rios, que fertilizam valles diversos no clima e nas producções; atravessado por numerosas cadeias de montanhas, que influem sobre a fertilidade do solo, divisas naturaes para os homems e para os productos da natureza; offerecendo em todos os seus pontos prodigioso resultado ao trabalho humano e, por consequencia, solidas garantias de independencia economica aos habitantes de qualquer das suas vastissimas regiões; o nosso paiz está, como a grande republica de Washington, mais do que nenhum outro do mundo, disposto pela accão unica da natureza para receber e desenvolver esplendidamente as fecundas instituições da republica federal.

Nos conceitos desse talentoso publicista ha incontestavelmente uma grande verdade; e não ha quem de boa fé, embora decepcionado pelas grandes crises que temos atravessado, possa negar que a federação trouxe incalculaveis beneficios á nossa patria.

Resultado de uma propaganda intelligente e assidua, ella veio como a satisfação de uma necessidade imperiosa no estadio politico em que nos encontravamos.

Aspiração de muitos brasileiros illustres desde os primeiros dias de nossa independencia, essa idéa foi, pouco a pouco, desapparecendo durante o segundo reinado para só reviver quando elle caminhava para o seu occaso.



A transigencia dos nossos homens publicos que, embora convencidos da necessidade da federação, esqueciam as suas opiniões para não serem desagradáveis ao throno, mostra como a influencia nefasta da corôa tinha corrompido o character nacional.

«O peor mal da inquisição foi produzir a *hypocrisia*». Igual juizo pode expender-se sobre a monarchia entre nós : a sua acção perniciosa conseguiu fazer calar aspirações que, traduzidas em realidade, seriam um grande passo no caminho da nossa emancipação politica e economica.

Como a federação, a republica era, no Brazil, uma idéa amadurecida que viria, mais hoje ou mais amanhã, quizessem ou não os governos.

Desde que um povo convence-se de que *progredir é o seu fim e conservar-se apenas uma condição*, isto é, desde que um povo, chegando á sua maioridade, reconhece a sua força e, consequentemente, o direito que tem para resolver sobre os seus destinos, abandona tudo o que lhe parece sobrenatural, como a vontade divina na escolha dos reis, para agir no terreno de seu engrandecimento e prosperidade, sobrepondo ao absolutismo de um monarcha que, como Pedro I, *mandava jurar* uma constituição, a sua soberania.

E' por isto que se diz que a republica é a forma definitiva de governo.

Na nossa patria tudo indicava a preferencia do povo por ella.

Um propagandista affirmou que tres motivos de importancia capital e decisiva havia para que o Brazil solicitasse a republica : em primeiro lugar, a indole do paiz ; em segundo—como comprovação pratica dessa indole—as tradições e os antecedentes historicos ; em terceiro, os pessimos resultados colhidos do governo monarchico.

Com effeito, toda a historia de nossa vida politica é uma confirmação desta abalisada opinião.

Desde as primeiras tentativas havidas para a nossa separação de Portugal ate a integralisação democratica da America, com a victoria de 15 de Novembro



de 1889, todos os movimentos revolucionarios foram mais ou menos republicanos ; e até mesmo dentro das duas casas do poder legislativo fez-se sentir a explosão dos sentimentos dos brasileiros, em favor das instituições que actualmente nos regem.

Chegado o dia em que a monarchia, como governo de transição, teve de ceder o terreno à idéa triumphante, os responsaveis pela transformação politica que então se operava viram que não lhes era possível sophismar a outra conquista que, com ella, nos devia ser assegurada. D'ahi a proclamação da republica federativa, que synthetisava a maior victoria das idéas, dos sonhos dos nossos antepassados e da corajosa propaganda feita por homens para quem a republica e a federação eram, mais do que uma convicção, uma religião de patriotismo e amor á liberdade.

Realisada a republica pelo seu lado negativo—a deposição da realeza--restava-nos a reorganização do paiz de accordo com as preferencias democraticas do povo.

E' ainda de hontem, por assim dizer, esse periodo da nossa vida politica ; e o escriptor que quizesse, revestindo-se da mais absoluta imparcialidade e não se deixando arrastar por paixões, fazer a sua critica, depararia, na apreciação e analyse dos acontecimentos, vasto campo para um estudo politico-social, cheio de edificantes e proveitosos ensinamentos.

Eu não tentarei fazel-o. Homem publico, empenhado em agitações partidarias, falta-me para isto, alem de competencia, a insuspeição individual ; accrescendo que nem mesmo um artigo de revista comportaria tal trabalho.

Votada a Constituição, os Estados, de posse de prerogativas que não tinham, começaram a obra de sua organização dentro das normas que ella lhes traçou. Vivendo de seus recursos proprios, fazendo a sua politica sem a ingerencia do centro, como se dava outr'ora, tiveram bem depressa de lutar com as ambições e os desejos de mando de muitos que, viciados pela educação imperial, não se podiam nem podem conformar com a pouca ou nenhuma influencia que,



nos seus negocios internos, tem o governo federal. A reacção principiou logo após a eleição do Marechal Deodoro.

O Sr. Lucena, violando flagrantemente os preceitos constitucionaes, quiz montar nos Estados machinas eleitoraes—outra cousa não foram os governos de alguns delles--que lhe garantissem mais tarde a suprema magistratura da Republica, em substituição do glorioso soldado que teve o commando das forças em 15 de Novembro de 89.

O elemento mais genuino e sinceramente republicano poz-se em guarda e viu-se obrigado a abrir lucta com o governo.

A opposição de então, em grande maioria no Congresso, tantos obstaculos lhe creou que o Marechal Deodoro, levado certamente pelos conselhos de seus ministros, resolveu-se a dissolver a Camara e o Senado.

Esse golpe de estado não produziu os efeitos que os que o applaudiram desejavam: a reivindicação de 23 de Novembro de 91 restabeleceu a ordem constitucional.

Cumplices no attentado contra a constituição foram muitos governadores: d'ahi a necessidade de, restabelecida ella, serem depositos dos cargos, que não tinham sabido honrar.

Esse facto deu-se no inicio do governo do **immortal** Marechal Floriano Peixoto e serviu de justificativa á attitude que os que se viram apeados do poder, justamente quando nelle se julgavam mais seguros, assumiram com relação a esse patriota benemerito que, por entre as maiores difficuldades, soube manter a dignidade do posto que a soberana vontade da nação lhe confiara.

Não se limitaram ás manifestações pacificas de suas opiniões: foram mais longe, conspirando contra o governo legalmente constituido.

Houve a primeira tentativa revolucionaria logo em Abril de 92.

Descoberta a tempo, foram os seus auctores energeticamente punidos; mas, voltando novamente, após a



amnistia, aos postos que occupavam, começaram a preparar a revolta que rebentou a 6 de Setembro de 93.

O que foi essa revolta, o paiz todo sabe.

Dispondo de poderosos recursos na esquadra e tendo conseguido apoderar-se de dous Estados do Sul, ella ameaçou seria e gravemente a estabilidade das instituições.

A principio todos acreditavam que ella, caso triumphasse, não traria senão uma grande perturbação na politica nacional, pela reacção que necessariamente teria logar nos Estados; mas quando tornou-se seu chefe o almirante Saldanha da Gama, cujas convicções monarchicas não eram segredo para ninguem e que declarou-as com franqueza, confessando que o seu intento era appellar para a Nação, por meio de um plebiscito, sobre a legitimidade da Republica, todos se convenceram de que ella era uma tentativa clara de restauração.

O entusiasmo e o patriotismo dos republicanos, então arregimentados sob as ordens do valoroso Marechal Floriano, deram a este a energia assombrosa de que deu provas, salvando as instituições á custa de heroicos e indiziveis esforços.

Embora victoriosa, a Republica teria que combater ainda por muito tempo, os resentimentos e os odios que ficaram dessa luta cruel, até que — extinctas as idéas de revindictas pessoas e politicas — podesse, livre de agitações internas, entregar-se a mais fecundos labores.

Os poderes publicos iniciaram então, com unanimes applausos, o trabalho do congraçamento de todos os brasileiros; e, com certeza, já teriam alcançado esse *desideratum* si factos novos não viessem abrir a seisão que deu-se, em Maio, no seio do partido republicano federal.

As divergencias partidarias levaram a exaltação e o máo estar a todos os espiritos; e, em vez da formação de dous partidos que contribuíssem com a sua acção para o jogo regular das instituições, os que ficaram apoiando o illustre dr. Prudente de Moraes, esposando rivalidades dos revoltosos de Setembro, que com elles se ligaram, procuram, com uma intransigen-



cia que não è propria do momento politico que atravessamos, anniquilar o partido opposcionista que, como fiscal da administração publica, poderá, com o grande prestigio de que dispõe, prestar relevantes e inolvidaveis serviços ao paiz.

Como quer que seja, uma cousa é certa, e é que— fechado o cyclo de pronunciamentos armados—não ha mais hoje nenhuma tentativa de restauração a receiar: a federação fez com que os Estados, acastellados nas garantias que lhes foram concedidas pela Constituição, sejam um obstaculo insuperavel para os que pretendem destruir a republica.

Ella está definitivamente victoriosa na consciencia nacional e, quando procurassem derribal-a, ella teria, na defeza que os Estados offereceriam em seu favor, o penhor maximo da sua manutenção.

Si, porem, segura de sua indestructibilidade, ella não tem a temer perigos por parte de seus inimigos, precisa olhar com serias precauções para o seu futuro economico-financeiro, innegavelmente cheio de grandes, ainda que não invenciveis, difficuldades.

Resultado, por um lado, de importantes reformas sociaes, como a lei de 13 de Maio de 88, e, por outro, de multiplas causas que appareceram depois de 15 de Novembro, como por exemplo, os movimentos subversivos da ordem publica, o estado economico-financeiro em que nos achamos requer medidas inadiaveis.

Das causas que contribuiram para essa situação, que alguns encaram com fundadas apprehensões, diversas têm character geral, como a febre industrial, o proteccionismo para industrias que mal começam e que não dispõem de elementos de vida, a desvalorisação de nossa moeda — desvalorisação proveniente da grande massa de papel-moeda inconvertivel, etc; outras têm character particular, como a pouca instrucção, o arrefecimento da actividade, falta do habito de economia no povo, etc.

E' impossivel removel-as todas do um momento para outro; mas providencias acertadas muito concorrerão para que ellas vão pouco a pouco tornando menos sensiveis os seus efeitos.



A necessidade de cortes profundos nas despesas publicas, a rigorosa arrecadação de nossas rendas e tudo que possa trazer, como consequencia, o levantamento do credito publico impõem-se aos homens do governo, comquanto ainda não seja desesperador o nosso estado. Prova disto temos no facto de ser a nossa exportação superior á nossa importação; e, si não fosse a grande quantidade de ouro que sahe do paiz para pagamento dos juros da dívida externa e para as familias de imigrantes que, ganhos os meios que lhes facilitem vida luxuosa, voltam para a Europa, certamente estaríamos em melhores condições.

Em todo o caso, a crise que nos assoberba é extraordinaria e somente o patriotismo dos encarregados da gestão da fortuna nacional, alliado a uma dedicação incondicional ao bem publico, poderá annullar os fataes resultados da politica de esbanjamentos e de expedientes até hoje feita.

As considerações que ahi ficam servem para justificar o meu modo de pensar sobre a actualidade brasileira.

Para mim, a federação correspondeu a uma grande necessidade, porque — eu já tive occasião de dizer — paiz grande, com communicações difficeis, o Brazil precisa de governos autonomos e independentes que, curando mais directamente desta ou d'aquella região, e tendo iniciativa propria, podessem occorrer mais rapidamente e com maior efficacia aos serviços que a ellas interessam.

Nestas condições, essa reforma, que veio a instantes e repetidas exigencias populares, esta para sempre vencedora no espirito e no coração dos verdadeiros patriotas; e como só a republica poderá offerecer garantias serias para a sua conservação, segue-se que tambem as instituições democraticas serão, já agora,



immutaveis, maximè depois que, em constantes e successivos embates revolucionarios, tiveram a sua mais brilhante consagração, a segurança da sua indestructivel consolidação.

Hoje só as divisões partidarias — cada vez mais extremadas — e a crise economico-financeira, são um tropeço á sua marcha; mas no bom senso do povo — cançado de estereis perturbações — e nos inexgottaveis recursos da nação devemos confiar em absoluto, certos de que melhores dias nos esperam.

Todos os nossos esforços precisam ser empregados na manutenção da paz e tranquillidade publicas. Asseguradas estas, a ordem e a liberdade nos darão, á sombra da republica federativa e das suas leis liberaes, a grandeza e a prosperidade a que tem direito de aspirar nossa patria.

AUGUSTO LYRA.



Notas Scientificas

Algo de pretencioso poderão notar nesta chronica scientifica escripta numa terra e para uma terra que tem dado pequeno contingente á sciencia por um bacharel que, como todos os bachareis, desde o celeberrimo collega de Salamanca, não vive em muito boas relações com o scientificismo.

Mas, sem recorrer ao *auduces fortuna juvat*, pode tratar de sciencia quem della pouco conhece, porque, hoje, o criterio scientifico anda bastante accessivel para sobre elle dissertarem os profanos. Basta somente ser um pouco assiduo na leitura das gazetas para chronicar sobre o movimento scientifico.

E' o meu caso.

*
**

Na evolução da sciencia o espirito humano não pode avaliar que progressos e em que datas se realisarão essas grandes revoluções que demandam seculos ás vezes, que ás vezes, porem, se succedem em annos.

Ao começar brevemente o seculo XX, perguntamos anciosos:— o que teremos a presenciar nesse seculo, desde que o actual já foi com razão denominado seculo das luzes? E ninguem supporia tamanho adiantamento ao ver, no seu começo, a incerteza com que se desenvolvia a sciencia. E' certo que o seculo XVIII passou ao seu successor a descoberta de principios que esse só teve de aperfeiçoar. Laplace, descobrindo o systema cosmogonico, Lavoisier, creando a chimica moderna sobre a lei da conservação da materia, Bichat, fundando a biologia sobre a distincção entre a vida animal e a vida organica, foram os precursores, entre outros, da grande sciencia do seculo XIX.



Applicada á industria, a sciencia caminha mais apressada. Quando ha menos de cem annos Watt, Fulton, Stephenson e outros faziam experiencias sobre as machinas a vapor, talvez nem ao de leve pensassem que suas tentativas entrariam tão cedo no commum dos conhecimentos e necessidades humanas.

O mesmo se vai dar no seculo XX com a electricidade, cujas applicações serão talvez tão frequentes como as que agora fazemos dos outros elementos da natureza.

Todos os dias registramos uma nova applicação da electricidade, um novo apparatus prestando sua utilidade ao homem.

*
**

Temos presentemente a considerar a triplêta electrica e o torpedo aereo.

No velodromo do Sena, em Pariz, fizeram-se ultimamente cariosas experiencias sobre a triplêta electrica que poude desenvolver uma velocidade de 60 kilometros por hora.

O constructor desse apparatus singular apresentou-o somente como um objecto de attractivo, porque o seu uso nas estradas é por ora impraticavel. Desenvolvendo a velocidade maxima de 60 kilometros por hora, não haverá cyclista que lhe suporte os movimentos; diminuindo na metade a velocidade, os accumuladores só poderão fornecer electricidade durante duas horas. Em todo caso, foi uma experiencia que demonstrou praticamente a possibilidade da applicação da electricidade na locomoção automovel, até mesmo na locomoção pedal.

Os jornaes annunciam que o capitão peruano Paulsen acaba de inventar o torpedo aereo e que é inteiramente exequivel essa invenção que vem revolucionar a arte da guerra. Si se não trata de uma *blague* jornalistica, temos uma nova applicação da electricidade; e é muito possivel o torpedo aereo. A sua exequibilidade no momento é que ponho de quarentena, porque, para estabelecê-la, é preciso primeiramente resolver o grande problema



da navegação aerea, porque necessariamente os balões é que serão os torpedeiros.

*
* *

A natureza offerece amiudadamente exemplos e mais exemplos da grande lei dos contrastes. Por um lado, inventam-se e aperfeçoam-se novos e mais rapidos meios de destruição do individuo; por outro lado, a sciencia medica cada dia descobre novos processos de conservação da existencia.

É a verdadeira lucta eterna e constante entre a vida e a morte, travada em nome da sciencia.

A arte de curar vai passando por aperfeçoamentos taes que, d'aqui a annos, será completa a sua transformação. Uma cousa convem notar: a medicina cada dia se harmonisa mais com a natureza. Basta comparar a antiga e a moderna therapeutica. Ao tempo em que se empregavam, para allivio da humanidade soffredora, os processos mais absurdos e crueis de tratamento que faziam o doente soffrer mais com a cura do que com a molestia, Lesage creou o typo legendario do *Dr. Sangrado*, que, na epoca, passou como uma critica aos medicos. Hoje, porem, está verificado que Lesage preestabeleceu, com a poderosa intuição do seu genio, principios que modernamente estão sendo conhecidos e applicados.

A agua fria das *receitas* do *Dr. Sangrado* é o grande agente hydrotherapico que tantas curas milagrosas tem operado, desde o systema homeopathico de Hahnemann até os banhos do padre Kneipp.

A velha therapeutica era violenta e procurava extirpar o mal de modo que, ás vezes, destrua o orgão, onde estava elle localisado. A theurapeutica moderna visa sobretudo auxiliar a natureza, seguindo o principio de que o organismo humano tem em si todos os meios de remover qualquer embaraço que lhe entorpeça os movimentos, porque, como muito bem pondera Moleschott, o corpo humano é uma machina que excede em perfeição a todas as machinas produzidas pela industria e está dotado de todos os meios possiveis de resistencia e protecção. Como to-



do machinismo, o corpo humano tambem se gasta; e comprehende-se que si a molestia ataca-o num momento em que está enfraquecido, o seu poder de resistencia será muito reduzido. Temos portanto, que o papel da medicina tem por fim: 1.º conservar a machina em perfeito estado de funcionamento—e ahi temos a medicina hygienica, que, no dizer de Allinson, é a verdadeira medecina, ; 2.º auxiliar o movimento de qualquer órgão cnfraquecido, o que se consegue pelos systemas que podemos denominar medico-expectantes; 3.º concertar qualquer peça destruida do organismo, por meio da cirurgia.

Consoante estos principios o Dr. E. Monin publicou no *Monde Moderne* um interessante estudo sobre o tratamento hygienico das affecções do peito, que parece a mim, talvez por ser profano na grande sciencia medica, muito mais racional que a tuberculina de Koch, o serum Maragliano e outras descobertas contra a terrivel molestia roedora de existencias. O Dr. Monin, partindo do principio que a tísica é mais commum nas cidades que nos campos, chegou á conclusão de que o microbio da tuberculose não pode se desenvolver num organismo em condições de offerecer a necessaria resistencia à sua acção devastadora.

Por consequencia, o Dr. Monin emprega na sua clinica, para o tratamento das affecções do peito, em vez dos agentes therapeuticos que só podem enfraquecer o organismo, a hygiene e a alimentação que devem fortalecel-o. Ouçamos suas proprias palavras: «Em todas as molestias chronicas o ponto culminante do tratamento é o regimen alimentar; é preciso estabelecer o equilibrio das despesas e receitas organicas, e ahi está por assim dizer a pedra philosophal da saúde. Na tísica o regimen deve ter por fim augmentar no mais alto gráo a solidez do meio nutritivo afim de tornar a economia impropria á cultura bacillar, porque os microbios são covardes e só atacam os fracos.»

Seguindo essa ordem de considerações, o medico precisa, para auxiliar os movimentos da machina humana, ter a faculdade de vél-a nos seus menores detalhes. O stethoscopio, a espectroscopia, a radioscopia, são os meios de que se serve o medico para examinar os órgãos occultos



do corpo humano. Acaba de inventar-se um novo instrumento de percussão, o phonondoscopio, muito mais aperfeiçoado que a corneta acustica, do qual damos aqui a descripção: "Esse novo aparelho compõe-se d'uma caixa circular fechada por uma membrana vibrante de ebonite, muito delicada, tendo na parte superior dois tubos de borracha que o observador colloca nos ouvidos. Uma segunda caixa, fechada igualmente por uma membrana de ebonite, ajusta-se sobre a primeira. Forma-se assim uma especie de caixa de resonancia que amplifica notavelmente as vibrações. Collocando o aparelho acima do figado, por exemplo, e batendo com o dedo sobre a pelle na sua visinhança, houve-se um som, forte quando as pancadas incidem sobre o órgão, mudo, quando passam alem do lugar occupado pelo órgão."

*
**

O cyclismo tem se tornado uma quasi mania neste fim de seculo e os medicos estão se preocupando bastante com a bicyclêta sob o ponto de vista da etiologia e da therapeutica, porque, presentemente, todo mundo deseja ser *veloceman*, sobretudo nas grandes cidades.

O Dr. C. Seidl acaba de publicar no "*O Paiz*" dois artigos interessantes e substanciosos sobre emprego da bicyclêta e conclue demonstrando que o excesso do cyclismo causa damno serio á saúde, gerando novos estados morbidos, accelerando os já existentes, ou despertando os latentes, causando até a morte dos menos cautos.

O Dr. Seidl não proscreve absolutamente o emprego da bicyclêta, que, usada moderadamente, é vantajosa á saúde, e recommenda-a ás pessoas sadias, até a certos doentes como, por exemplo, os chloroticos neurasthenicos, obesos, gottosos.

Nas diatheses tuberculosas e cardiacas, o Dr. Seidl aceita a opinião de L. Petit, Hallopeau e Huchard que recommendam o uso moderado da bicyclêta que tem como consequencia necessaria augmentar a respiração e fortificar o thorax.

Nessas condições, assevera o Dr. Petit, não ex-



cedendo de 100 as pulsações cardiacas e os movimentos respiratorios não indo alem de 25 por minuto, qualquer individuo, homem ou mulher, isento de tara organica, pode entregar-se sem receio á velocipedia. Os musculos se desenvolvem á custa do excesso de gordura, o thorax alarga-se, a respiração torna-se mais profunda, o coração, a principio agitado, acalma-se, os batimentos adquirem mais regularidade e mais força.

Mas o abuso da bicyclêta, as corridas forçadas são sempre nocivas e o Dr. Seidl cita muitos casos clinicos em que o cyclista morreu instantaneamente após ter caminhado na media 28 kilometros por hora, ou sobrevieram-lhe graves perturbações morbidas nas corridas menos exageradas.

Em taes casos, o Dr. Petit tem verificado nos cyclistas 150 a 200 pulsações por minuto.

O *British Medical Journal* apresenta tambem a bicyclêta como causadora de *appendicite* porque as contracções muito violentas ou frequentes dos musculos *prouis viaco* exigidas pelo cyclismo, determinam contusões do *appendice* seguidas de descamação da respectiva mucosa.

Em 1895, o Dr. M. Baudouin, estudando no *Monde Moderne* os phenomenos produzidos pelo exercicio do velocipede, proscreeva o seu uso ás creanças, aos velhos e a toda pessoa attingida d'uma affecção organica, qualquer que fosse a sua sede.

Diante de todas essas complicações, parece que será muito mais seguro para a saúde e para... a bolsa usar do *calcante pede*, quando a providencia e uma boa alimentação nos dotarem de um bom par de pernas.

* *

Depois de tão saútares preceitos reguladores da saúde, podemos tentar as grandes viagens e dar algumas pennadas sobre o transsiberiano, a grande via ferrea que partindo de Moscou, na Russia, e terminando em Wladivostok no mar do Japão, vai ligar a Europa a Asia atravez da Siberia, depois de um percurso de 9000 kilometros.



O transsiberiano que será a maior ferrovia do mundo, começou a ser construído em 1893 e deve estar terminado em 1903. O seu custo será approximadamente de um billião e quinhentos milhões de francos.

Teem de ser construídos 7.100 kilometros de linha. Presentemente já estão em trafego as linhas Tcheliabinsk-Omsk-l'Ob, na extensão de 2.420 kilometros, Ob-Krasnoyarsk-Oudinsk, na extensão de 90 kilometros e Wladiwostok—Iman na extensão de 102 kilometros—Total, 2.912 kilometros, faltando ainda construir 5.182 kilometros.

A Russia tem empregado o seu exercito na construcção das linhas, dando com isso um exemplo salutar ás outras nações que precisam empregar na industria esses milhares de soldados mantidos com o só proveito de assegurar uma paz armada na Europa, que será um cataclismo no dia em que esta enorme mole humana, armada até os dentes, despejar-se de encontro ás nações.

As vantagens militares, commerciaes e politicas que a Russia vai auferir do transsiberiano são incalculaveis e talvez que essa nova via de communicacão mude a face social e politica dos paizes do Oriente.

No caso de uma guerra com a China ou com o Japão, a Russia, dentro de quinze dias, quando as outras nações da Europa ainda estiverem com suas esquadras no Oceano Indico, lançará seus exercitos sobre a fronteira daquelles paizes.

Commercialmente, quando o chá importado da China chegar a Liverpool, ha um mez que estará nos armazens de Moscou.

*
* * *

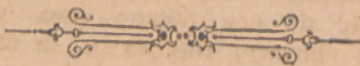
Termino aqui essas notas feitas à margem de minhas leituras. Não me sinto habilitado para aprofundal-as, porque, para abraçar hoje o dominio d'uma sciencia é se abrigado a especialisar nas especialidades mesmo. Mas é uma necessidade imperiosa da humanidade não se isolar e o espirito quer viver sempre ao corrente da marcha geral do progressq. É preciso ter



uma noção de todas as cousas, pelo menos para comprehender as conversações, para termos a tranquillidade de não guardar ignorancias culposas, para sentirmos emfim que fazemos parte do mundo moderno.

Foi por isso que a *Revista do Rio Grande do Norte* incluiu as *Notas Scientificas* no seu programma porque, se todos as lerem, farão como eu que não vivo completamente as cegas no dominio da sciencia, que, afinal de contas não é, como muita gente a considera, *um bicho de sete cabeças*.

M. D.



Chronica Industrial

Nota preliminar—A destruição das formigas—(cultivo da banana—o ouro e a prata amoadados.

Desejando não somente ser util, na medida das pequenas forças dos que nella trabalham, esta *Revista* não esquece o meio em que nasce e espera viver ; e, assim, terá em vista, acima de tudo, o que possa interessar os seus leitores pela referencia que tiver com as suas necessidades, os seus habitos, os seus usos e, tanto quanto possível, os seus gastos.

Fazendo parte de um paiz, como o nosso, tão perconizado pela immensa riqueza e os inexgottaveis recursos naturaes de que dispõe, vasto campo para o desenvolvimento mais amplo e mais futuro do trabalho e da industria humana sob todas as suas multiplas e variadas manifestações, nós desconhecemos completamente a agricultura, como ignoramos os mais elementares aperfeiçoamentos industriaes, e vivemos, quanto aos processos de trabalho especialmente agricola, na mais lamentavel e desoladora rotina, atrazada, irracional o improductiva.

Sem especial competencia originada de estudos technicos ou da experiencia, a *Revista*, todavia, procurará entreter os seus leitores com pequenas notas sobre assumptos referentes á agricultura e outros ramos de industria mais directamente ligados á nossa vida eco-



nomica, ao conhecimento dos nossos admiraveis recursos naturaes ainda desprezados e, finalmente, imformações geraes, colhidas em bom campo, e interessando a todos aquelles para quem é um dever moral a adopção, como divisa, da phrase celebre do poeta latino: *Homo sum, et nihil humani a me alienum puto.*

Tal é a rasão de ser d'estas modestas chronicas.

* *

Muitas vezes a cultura da terra encontra obstaculos de varia importancia ao seu desenvolvimento, alguns dos quaes, comquanto á primeira vista pareçam de menos valor, todavia são sufficientes para causar serios prejuizos ou inutilisar não pequenos esforços.

D'este numero são as formigas saúvas, conhecidas mais vulgarmente entre nós com o nome de formiga *de roça*, em virtude da especial predilecção, parece, que ellas teem pela euphorbiacea que dá a mandioca.

Dos effeitos desastrados que traz a visinhança de um formigueiro de saúvas a uma roça é inutil dizer; todos os nossos cultivadores conhecem-n'os demais.

Não é menos sabido que grande numero de preparados diversos teem sido propostos ou inventados para destruil-os, uns inefficazes, outros muito dispendiosos.

Parece que o melhor formicida, segundo um boletim da benemerita Sociedade Nacional de Agricultura, do Rio de Janeiro, é o sulfureto de carbono, liquido muito inflammavel e obtido, como se sabe, pela combinação do enxofre com o carbono, por um processo muito simples.

Eis, segundo o alludido boletim, que pedimos venia para transcrever, os effeitos do poderoso formicida:

«O sulfureto de carbono (C S₂) introduzido nos buracos dos formigueiros produz os seguintes effeitos desde que se lhe lance fogo.

Sendo esse corpo uma combinação do enxofre e do carbono, pela combustão desses dous elementos em contacto do ar atmospherico resultam tres gazes, que se manifestam bruscamente: o acido carbonico CO₂



(combustão completa) : o oxydo de carbono CO, (combustão incompleta), e o acido sulfuroso SO₂.

O acido carbonico asphyxia, o oxydo de carbono envenena e o acido sulfuroso asphyxia e entoxica tambem.

Taes são os efeitos chimicos e physicos em parte.

Além disso, pelo facto da combustão desses dous elementos—enxofre e carbono—ha uma elevação rapida de temperatura, sufficiente para queimar os corpos organicos e, portanto, as formigas, que são *ipso facto* mortas por esses quatro modos.

Mas ainda ha duas acções a recordar entre esses effeitos ; o da percussão, pelo brusco desenvolvimento dos gazes, que, como a polvora ou o dynamite, produz o deslocamento das galerias das formigas e a projecção de seus corpos contra as paredes, e o desenvolvimento rapido do vapor d'agua ou a transformação desta do estado liquido para o gazoso que augmenta tanto a acção do choque como a da queimadura.

Assim verilica-se um effeito multiplo como na explosão d'um navio em pleno mar ou no interior d'uma mina pelo *grison*, onde o envenenamento a queda o choque, a asphyxia, a queimadura ou a submersão completam umas a obra de destruição das outras. Tapando os differentes orificios dos formigueiros esses effeitos attingem ao maximo da intensidade.

E. DE S.»

Vale a pena experimentar.

* * *

O solo das nossas zonas cultivadas presta-se, com muito pouco trabalho e pouco dispendio, ao cultivo de algumas plantas grandemente productivas, cujo desenvolvimento só a rotina tem-nos impedido de ampliar. Entre estas plantas está a bananeira--*musa sapientum*, Linneu--de que possuímos diversas variedades que produzem quasi sem preparo algum e em quasi todos os terrenos um tanto frescos. Apesar de ser uma planta vulgar,



muito productiva e de facillima cultura, o seu fructo é aqui relativamente caro e mal dá para o consumo.

Entretanto em outras zonas de semelhante temperatura, como na Jamaica, as plantações de bananeiras tem, nestes ultimos annos, tomado grande incremento e dado consideraveis resultados pecuniarios. N'aquella, uber-rima ilha até muitas fazendas de plantaço de canna de assucar foram transformadas em extensos bananeiraes, considerados pelos seus proprietarios mais productivos que aquellas. Segundo dados colhidos em um periodico especialista, fazendas que valiam L. 30.000, com a plantaço da canna, obtiveram com a da bananeira o valor de L. 125.000.

A produçõ de bananas na Jamaica hoje e de mais de quatro milhoes de cachos annualmente, sejam setenta ou offenta mil cachos por semana, exportados para os mercados consumidores dos Estados Unidos e da Inglaterra. Em um só porto da prospera colonia ingleza carregam algumas vezes semanalmente dez, doze e quatorze navios, e o desenvolvimento da produçõ e do commercio d'essa fructa cresce cada dia com o augmento das plantaçoes favorecidas pelas ramificaçoes de linhas ferreas rapidamente construidas para o seu transporte.

Plantaço facil, trato pouco dispendioso, resultado certo e remunerador foram os requisitos que impuzeram aos plantadores da prospera antilha a cultura da banana, ainda de preferencia á da canna de assucar, e essa cultura terá ainda de augmentar com a invenço de novos processos para o preparo da *farinha secca* da banana, alimento saboroso e saudavel.

Porque não tentam os nossos agricultores a experiencia? As vantagens são obvias e parecem muitissimo superiores aos riscos, si taes riscos houver.

Não será talvez sem interesse, para nós que não temos nenhum, saber, por alguns numeros, a quantidade do ouro e da prata amoedados existente no mundo.



Segundo uma estatística official norte americana, a quantidade de ouro attinge 17 billiões, 913 milhões e 125 mil francos.

A nação que possui maior quantidade de ouro e prata é a França que tem quatro billiões de francos em ouro e 3 billiões e meio em prata. Os Estados Unidos possuem tres billiões de francos em ouro e tres billiões e 75 milhões em prata.

Quanto ao papel moeda a America do Sul está em primeiro lugar--e nós na vanguarda. A America meridional tem tres billiões de francos em papel, a Russia dois billiões e meio, os Estados Unidos dois billiões e sessenta milhões.

A riqueza total em numerario, inclusive o papel moeda, é calculada em 115 billiões, 305 milhões e 900 mil francos

A. DE S.



BIBLIOGRAPHIA

Um Escandalo—Romance por Arthur Lobo. Laemmert & C^o. editores—Rio de Janeiro—1897.

O nome de Arthur Lobo prende-se a uma scena de sangue que os tribunaes ha pouco julgaram, absolvendo o romancista, assassino em circumstancias taes que, para não sel-o, seria preciso que não tivesse honra e a coragem altiva da desaffronta individual.

Uberaba, em Minas, foi o theatro dessa tragedia muito conhecida do publico do Rio, pois que os collegas do litterato fizeram uma generosa e digna campanha pela imprensa em favor do criminoso fortuito, e o jury d'aquella cidade reconheceu ha mezes as circumstancias dirimentes do crime, absolvendo o sympatico escriptor.

Um Escandalo, cuja acção não justifica bem o titulo, é um livro de merito e muito honra a seu auctor.

Nota-se que o estylo do romancista não está bem accentuado e ha capitulos extraordinariamente superiores a outros no tocante á precisão dos vocabulos e á belleza da forma.

Os personagens são, porem, em geral, creações verdadeiras de um talento observador e vê-se claramente que aquelle padre attribulado e infeliz; aquelle bacharel desfructavel e *soffrivelmente* nullo; aquellas velhas hypocritas e antipathicas; aquelle *pastor de almas* sem moral e desbriado; e, sobretudo, aquelle typo adoravel de *Luzza*, um prodigio de resignação e devotamento, que a libidinagem caprina de um miseravel e covarde estuprador fez tombar no vicio com o qual jamais familiarisou-se totalmente a bôa creatura desamparada; todos esses personagens e mais o troca-tintas filante e *engrossador*



que não se dispensava de *sangrar* periodicamente as algibeiras desprovidas do bom padre Lucio, e mesmo o professor amante dos classicos, meticoloso, polido a seu modo e intoleravelmente *cacete*, todos *vivem*.

O leitor percebe logo que o auctor descreve-lhe, com verdade e amor, um episodio real da comedia humana, que, ás vezes, se resolve, como no caso que Arthur Lobo estuda, em tragedia dolorosa e violenta.

É um optimo livro, extrahido do *real*, que se encontra á venda na livraria *Cosmopolita* de Furtunato Afanha, u'esta capital. O publico legente tem o dever de não ignorar mais esse bello producto da nossa litteratura.

O auctor, que é mineiro, é tambem um bom poeta, e o seu nome assigna innumerados versos de valor.

Accentuado o estylo, dispensados os neologismos mais ou menos inuteis, Arthur Lobo virá a ser, certamente, um distincto romancista.

A amostra é de primeira ordem.

America—Coelho Netto--Educação civica--Editores, Bevilacqua & C^a--Rio de Janeiro --1897--

Aos seus jovens patriotas é dedicado esse livro do conhecido auctor de *Miragem*. Destinado á educação civica da infancia brasileira, *America* é um livro escripto com amor e patriotismo, no qual Coelho Netto, em linguagem simples e accessivel á intelligencia das crianças, põe em relevo, durante a acção natural e singela de uma vida de collegial, os factos culminantes da nossa historia, que facilmente, assim, poderão ser comprehendidos.

As nossas escolas primarias resentiam-se todas da falta de um livro que, como esse, ensinasse os pequenos brasileiros a amar a patria e conhecer os seus grandes feitos, preparando-se, assim, bons cidadãos e patriotas.

Até bem pouco tempo o livro que em nossas esco-



las era dado para o desenvolvimento do civismo entre os alumnos primarios era o *Coração* de Ed. d'Amicis, livro valiosissimo e completo no genero, mas, só applicavel á educação dos italianos, pois, não é logico nem razoavel que uma creança fique mais ou menos aparelhada para conhecer e amar o Brazil, lendo simplesmente as paginas admiravelmente escriptas d' «*O Coração*» que poderao, quando muito, despertar em suas almas juvenis a sympathia e admiração pela patria de Cavour.

Não se trata, porem, de gostar da Italia e sim do Brazil; e Coelho Netto levou às escolas, com a «*America*», um succedaneo para o «*Coração*» do notavel escriptor italiano, succedaneo que, inferior, alias, ao bello livro de Ed. d'Amicis, tem, comtudo o cunho accentuado e necessario do brazileirismo e do americanismo, proprio a despertar nas creanças o amor ao continente e especialmente ao nosso paiz.

Cumpra às directorias de Instrução em toda a republica introduzirem nas escolas a leitura assidua e a explicação do precioso livrinho de educação civica *America*, do nosso trabalhador e talentoso patricio Coelho Netto.

Chico Bumba—*Episodios da vida da bohemia fluminense*, por Brito Mendes—J. R. dos Santos—editor—1897.

Não é um romance, como bem diz o auctor em um post-facio, no qual defende-se, com uma ironia aggressiva, dos ataques feitos á sua probidade litteraria por um collega e collaborador.

Brito Mendes, que deve ser o pseudonymo de um dos bohemios da litteratura fluminense, descreve algumas scenas da vida de seus collegas e da sua propria, pois é de crer que o *Noites* seja o proprio auctor. Estã, por algumas passagens do livro, pareceu-me o escriptor d' *A Mulata* e dos *Scenarios*.

Alguns dos nossos litteratos e jornalistas estão claramente, sob nomes de occasião, no *Chico Bumba*.

Este titulo não tem nada de commum com o livro. Foi uma simples *reclame* para a obra.

Chico Bumba, ou cousa peor, foi por dias uma celebridade no Rio !



Esteve, como se costuma dizer, na ordem do dia.

Reo de policia, preso por negociar com o amor dos outros, facilitando encontros clandestinos, esse cafeten boçal e cynico occupou, por algum tempo, a attenção da capital federal, e *Brito Mendes*, com habilidade, aproveitou-o para titulo de sua obra, que, assim, com a promessa de um escandalo, muito mais procurada deve ter sido forçosamente, pois entrou em jogo a curiosidade do nosso povo pelas particularidades do facto do dia, ainda maior quando esse facto envolve um escandalo.

O livro é feito apressadamente e os defeitos assentam principalmente n'essa falta originaria—ausencia de methodo e vontade de acabar. O auctor quiz alliviar-se logo d'aquella tarefa e passou ás carreiras por essa mesma vida que se propoz descrever com a competencia de um da grey.

Abre a obra uma descripção algo phantastica de um salão mysterioso, onde uma joven filha do vicio fazia adormecer os freguezes sob a acção envenenadora da morphina ; depois desaparece inteiramente esse commercio occulto em que os cançados da bohemia iam comprar algumas horas de sonho e alegre delirio, para desenrolar-se uma vida trivial e verdadeira entre amantes, cortada de alguns episodios bons.

Era preciso fazer applicação do titulo, porem, e o auctor aleunhou de *Chico Bumba* um exemplar bem acabado de portuguez enriquecido no commercio da carne secca e do bacalhau, typo bem descripto de egoista ignorante, sensual e medroso, que o bohemio *Noites*, seu sobrinho, mette a bulha, fazendo-o voltar para Portugal de onde veio marçano, depois de ameaçal-o com o temido ridiculo escandaloso que daria brado nas rodas do *Paschoal*.

O velho era rival infortunado do sobrinho.

A. M.



DIVERSOES

Logogriphe

(por letras)

Dedicado ao Dr. Antonio José de Mello e Souza

illustrado Director

da

"Revista do Rio Grande do Norte"

Salve, dia feliz! Dia faustoso, 6, 10, 7, 17, 20—

Que relembras tam santas alegrias! 9, 19, 7, 10, 20, 12, 4,
3, 13,—

Quem, em alegre compasso, as harmonias 18, 5, 11, 9, 17, 2,
12, 15,—

Te podera exaltar, cadencioso! 4, 10, 6, 1, 19, 11—

Qual deidade de vate primoroso, 16, 19, 7, 8, 2, 4, 12, 17.—

Em rythmo agradavel ouvirias 4, 10, 11, 5, 9, 4, 12, 19.—

Os cantos festivaes, as melodias 4, 13, 6, 4, 8, 2, 1, 13—

Que me despertas, dia esplendoroso! 9, 17, 7, 10, 20—

Ei-la que surge radiante, linda,
Promissora de grãos commettimentos.
O' data appetecida, sê bem vinda.

Possam as gerações por vir ainda,
Guiadas por mais altos sentimentos,
Celebrar-te melhor que esta que finda.

Natal, 25 de Dezembro de 1897.

Jaguarary



Logogriphe

(A Paganel)

O doce encanto deste nome amado 11, 14, 8, 13, 6, 11
 Uma saudade acorda, calma e doce 4,1,6,11,14,10,5,6,9,11
 Que eleva a alma ao páramo azulado, 10, 16, 6, 9, 10, 7
 Como se para além subindo fosse 10, 5, 6, 6, 9, 14, 11

Tem a frescura de uma flôr mimosa 4, 11, 8, 14, 7, 6, 9, 11
 De uma flôr preferida e perfumada 11, 14, 13, 12, 5, 14, 11
 Que se embala na haste melindrosa 15, 9, 8, 1
 Com certa graça meiga e demorada. 6,16,14,2,11,4,13,14,2,1

Tem o sabor de um fructo resceudente 4, 11, 14, 8, 11
 Da ave e da estrella o encanto resplendente 11,6,10,3,5,14
 A brandura aprazível do velludo 12, 11, 10, 9, 5

Mas agora ao conceito falta a rima,
 Segundo as regras que a sciencia ensina,
 Analysando assim decifras tudo.

U. G.

Logogriphe

Ao valente logogriphista *Jaguarary*

O perjuro, arrenegado—8, 6, 4, 7, 8
 Que tem a cor de açafião—1, 3, 2, 4, 8, 2
 D' enxotar ave, enxotado—9, 5, 4, 7, 2, 1, 7, 2
 Caê na cova sem acção.—6, 5, 4, 8, 6, 2

E foi no circuito achado—2, 5, 9, 2, 6, 2
 No celleiro visto então—7, 2, 9, 9, 8, 2
 De tinta vermelha untado—5, 9, 5, 4, 7
 O electuario truão... 6, 2, 2, 4, 7

Surgia esplendida a aurora!..



Uma ave linda e canora
Com gorgeios a saudava...

E por cantar tão suave
Não foi enxotada est'ave
Do logar em que pousava.

URSULINO HELCK.

Enigmas por anexins

A Juvenil Parola

Barco parado não ganha frete.
Onde está o vaso?

A ociosidade é mãe de todos os vícios.
Onde está a duração da vida?

Quem dá o que tem a pedir vem.
Onde está a ave?

Quem porfia mata caça.
Onde está a creada?

Mais faz quem quer do que quem pôde.
Onde está o poema?

Quem não tem cão caça com gato.
Onde está o pato?

Amor com amor se paga
Onde está o commandante?

Gato escaldado d'agua fria tem medo.
Onde está a medida?

Duro com duro não faz bom muro.



Onde está o boi ?

O habito não è que faz o monge.
Onde está o motivo ?

Em quanto venta agua na vela,
Onde está o chefe do partido ?

Em quanto o pau vae e vem folgam as costas.
Onde está a loira ?

Quem quer a moça anda com pé e bole com a bolsa.
Onde está a arvore do Brazil ?

Antes gaiola que um tiro, antes penar que morrer.
Onde está o passaro ?

Quem espera sempre alcança.
Onde está o fructo ?

URSULINO HELCK.

Charada

Venho aqui nesta charada
Collocar minha primeira—1
Pedi segunda a Racine
Que tereis a verdadeira—1

Depois... subi a colina
Que nella haveis de encontrar
Sem trabalhos a terceira
Com que deve esta findar.--1

Foi infeliz nos amores,
O destino assim o quiz ;
Mas depois de muitas dores
Veio a ser inda feliz.

URSULINO HELCK.





O NADA

Fragmento do capítulo VI do «Phyisco»

A AUGUSTO MARANHÃO.

.....

A silenciosa paz dos tumulos é mais profunda e mais lugubre ao pôr do sol, quando a verdura dos campos principia a vestir-se de lucto.

Poucas pessoas restavam.

Um magro janota de lunetas, movendo entre os dedos compridos e aristocraticos a corrente do relógio, criticava o singelo epitaphio que mãos desconhecidas traçaram a carvão no frontispicio de uma catacumba humilde :

Achê jas o meu Filho.

As almas caridosas pessão a Deus por elle, que era o meu Arrimo.

Esta supplica, arrancada do amago do coração, fora escripta em caracteres grossos e tremulos, como os de um menino que começa a trasladar os primeiros rascunhos.

Era o pedido commovente e simples de uma pobre alma ingenua, desconhecedora do feroz egoismo humano, alma carinhosa de mãe que mendiga orações para o filho morto, confiante na piedade do mundo inteiro.

Quanta poesia n'esses caracteres incertos e errados . quanto sentimento n'essa phrase sem orthographia !

Entretanto lá estava o figurão de lunetas, meneando a badine flexivel, retorcendo os loiros bigodes



lustrosos — lá estava o exgottado pelintra devasso, a
rir diante d'aquelle epitaphio que valia um poema.

—Olha. Estevão, como escreveram o--Aqui--...

Isto só uma satyra! Vou escrevel-a.

E, satisfeito da basofia, fitava os recém-vindos,
intencionalmente, esperando que elles approvassem a
parvoíce, talvez admirado de que já não estivessem ba-
tendo palmas a tão extraordinaria prova de talento e
verve.

Mas os rapazes não lhe prestavam, attenção, agora
profundamente commovidos, estacionavam diante de um
pequenino tumulo de marmore coberto de flores, muito
branco, muito singelo, quasi escondido sob os galhos
verde-negros de um cypreste antigo.

Sob a lapide, cuidadosa mão de artista gravara a
seguinte inscripção:

Dulce : viveu trez dias.

E mais nada. Não precisava de preces: fôra para
o céo direitinho, tendo feito um bom par de azas da
mortalha azul que lhe dera a mamã.

Em casa, logo ao amanhecer, as outras creanças
suas irmans, foram accordar o papae e risonhas, des-
calças, os olhos cheios da aegria san d'aquelle dia de
verão, correram ao jardim afim de roubar flores e
folhas às roseiras e aos resedás: tudo, tudo para
a pequenina morta que descansava, longe, na incon-
sciencia misericordiosa da paz final, no infinito socêgo
de seu regelado palacio de marmore...

Irma, a mais moça—dois annos, se tanto—era a
mais pressurosa. Colher flores para o jazigo da mani-
nha, que delicia!

Embriagada pelo cheiro dos jasmíns, das magnolias,
da mangerona cantando e rindo ao mesmo tempo, dir-
se-hia conduzida pelas flores e não as flores por ella.

E allí estavam: a mais velha, uma bonita
creança de seis annos, grave, imitando os gestos das
pessoas grandes muito seria; o segundo, um pimpolho
moreno, irrequieto e bolicoso arrastando na areia quen-
te do Campo Santo a formidavel espada de estanho que
trouxera amarrada á cintura, talvez prevenindo algum



encontro de feras, e, por ultimo, Irma, de olhos negros e cabellos cor de azeviebe, ligeiramente crespos cahindo-lhe em flocos sobre a opalisação macia dos hombros delicados.

Quando mostraram-lhe o tumulo da irmã, ella teve grandes risadas de contentamento, deslumbrada pela alvura d'aquella prisão eterna.

E, como não pudesse collocar a geito as rosas que trouxera, fez uma algazarra tal, gritou a chorar tanto, que a ama tomou a deliberação de guindal-a sentando-a sobre a singela campa.

Suppunhi que Dulce estava alli por gosto, tanto que, ao jantar, fallava em trazer-lhe laranjas e golo-dices.

Admirava-se de que não apparecesse logo suggestionada pelo delicado instincto que une as creanças.

E fazia pena vel-a, á espera, risonha, chupando o dedo pollegar os olhos fixos na pedra cujas veias sinuosas e desiguaes, semelhavam pequenas raizes desabrochando em rosas--as rosas que com tanto trabalho trouxera para a campa da irmanzinha querida.

Deante d'este quadro Sylvio e os seus companheiros detiveram-se alguns minutos, depois, o Gomes chamoulhes a attenção para um velho obéso, de longas soiças ruivas ajoelhado à beira de sumptuoso mausoléu cercado por uma grade de ferro, feita exclusivamente para separar essa morada faustosa das covas rasas e ignoradas.

—Ailli descança a baroneza Lins. O marido quiz que ella apodrecesse aris ocraticamente e mandou fazer-lhe aquelle palacio luxuoso. Observem as longas barras de ferro! Entretanto os mortos humildes os que em vida pediam esmolas á illustre senhora tornaram-se uns sujeitos reconhecidamente pacatos: não irão encommodal-a nos seus maravilhosos aposentos.

Não iriam, de certo.

Os uivos estrangulados do barão, estes, sim.

Talvez fosse sincera a magoa de sua excellencia mas franqueza, franqueza—nada tinha de sablime.



Apenas os soluços augmentavam, o abdomen do pobre homem crescia enormemente, accordando ideas extravagantes no cerebro dos transeuntes; e, quando o esforço era maior, vinha-lhe de dentro do thorax--uma arca de Noé--verdadeiros rugidos de porco do matto acossado por uma matilha.

Sylvio curvou-se um pouco, apertando as palpebras de myope para ver se os olhitos pestanejadores do burguez vertiam lagrimas ou gordura.

Mas elle levantava-se, escondendo o lenço no bolso da casaca preta, ao mesmo tempo que apertava na mão esquerda a grossa bengala de ebano e o finissimo livro de orações: mentalmente, só sabia rezar nas vésperas das grandes transações commerciaes.

--Sahio em tempo, ponderou o Gomes, os seus berros de hyena talvez estivessem aborrecendo os esfarrapados das sepulturas rasas...

Então lembraram-se de ver uma curiosidade: o corpo que o coveiro expuzera durante o dia, a resequida mumia encarquilhada que a terra não poderá comer e que ali achava-se de amostra, causando piedade a poucos e repugnancia a muitos.

De quem seria essa carcassa?

O cavador sabia-o: maliciosamente perguntou ao Gomes se conheceria a Maria Judith.

«Entretanto aquillo era segredo: nem mesmo o padre Alexandre, o tal que a prostituiria tornara-se conhecedor do facto.»

Mas que differença, santo Deus!

Que tinha a terra feito de tão bem modelados contornos?

O collo desaparecera; os labios gretados e seccos tomaram uma feição macabra; o nariz recordava a extremidade de uma setta; os cabellos cheios de pó, lembravam os fios de um veo funebre, e os braços, esses braços ourora repletos de seiva e cortados de veias azues, descansavam-lhe sobre o mirrado seio vasio, talvez porque a desgraçada não encontrando a quem affagar nos ultimos momentos, se lembrasse de que só lhe restava um amigo: o coração desilludido e exhausto.



Quando o coveiro ia narrar a historia de Maria Judith, chegou o padrega que a perdera.

Fora elle proprio quem, desconhecendo o corpo da infeliz desgarrada, ordena a ao z'lado do Campo Santo a exposiçào da mumia, afim de que o castigo ficasse servindo de exemplo aos peccadores.

Agora mirava-o, com impertinente expressào de nojo, os beiços arregaçados, os olhos de vibora muito abertos, dentro das palpebras lisas e gordas.

Sylvio estremeceu um momento: parecia-lhe que o cadaver extendia ao hypocrita as finas mãos recurvadas, n'um aceno brusco e afflicto, implorando compaixão; mas o bonzo tranquillo, a testa vincada, como a do sabio que disseca os musculos de um animal qualquer, examinava o thorax do esqueleto, cuja pelle estalava, produzindo um rumor surdo...

Ah! se elle auscultasse esse busto, para sempre vasio, nada perceberia, senão o vago rumorejo que se ouve nas conchas, a dubia repercussão do echo que, só por instantes dá vida ás cousas mortas!

-Castigo do céo, murmurou, retirando-se.

Desta vez Sylvio e os outros companheiros não se enganaram: um raio de sol moribundo, desviando-se da folhagem dos salgueiros proximos, cahiu em cheio na bocca da mumia, illuminando-lhe os labios cantrahidos n'um doloroso rictus.

Maria Judith gargalhava silenciosamente, escarnecendo da miseria do padre que lá ia, erecto, firme, victorioso na sua gloria de animal forte, o olhar concupiscente voltando para o azul que se arqueiava, ao lonje, como fugindo áquella insistencia que o maculava.

.....
.....
—C' Cyrillo--bradou o Nunes. Será possivel que as tuas ideias não se tenham modificado hoje, depois de tantas emoções?

O medico encolheu os hombros. « Sempre era um asno esse perigoso metaphysico!

«O problema da morte é no fundo o problema da vida: a combinaçào eterna de elementos diversos



circulando dentro das leis da chimica e da physica. O Nunes conhecia-lhe o temperamento inflammavel e não quiz perder a occasião de vel-o discutir mais uma vez, alem de que seria curioso ouvir a opinião de todos os seus companheiros sobre o indecifavel misterio da morte.

--Asno és tú. Ninguem é idiota para acceitar as tuas theorias estapafurdias misturadas com citações falsas de Buchner e Virchow; explica-te...

Foi o bastante. O seu antagonista, os labios contrahidos num gesto de desprezo, tomou-lhe a bengala das mãos e...o que vai pensar o leitor?...obrigando-o a sentar-se sobre um banco de pedra, redargui aos berros:

--Pois fica sabendo, metaphysico ordinario, fica sabendo, com mil bombas, que o facto do anniquilamento já não me aterrorisa como d'antes...

--Como d'antes, sim, acredito: mas o desconhecido ficará sendo no teu espirito a sombra e a duvida.

Ha momentos em que os sabios tremem de pavor em face da caveira do maior bobo: o doutor Fausto baixou os olhos diante da cruz, apesar de ter vendido a alma ao diabo!

--Nós todos caminhamos para o mesmo fim. Sahimos de um ventre como certos reptis sahem do ovo, porque, em resumo, os elementos que formam o nosso organismo são os mesmos que dão movimento aos seres interiores. Os irracionaes são nossos irmãos; o atomo--vida que preside à formação das organizações simples, contem os mesmos productos chimicos que constituem a base da existencia *d'isso* a que o egoismo de alguns sabios combinou chamar de reino hominal.

O que sentimos viver dentro de nós, o que ouvimos chorar ou gorgear dentro do coração, é apenas, um pedaco da alma Universal, o ecco das dores e das alegrias por ventura herdados de outras raças...

Evoluimos, eis tudo.

Na escala da gradação organica, somos o ponto culminante e superior; mas viemos de baixo...

Ah! eu sinto perfeitamente bem que sou o producto



de trez reinos e que frago em mim a historia do Universo, porque cada homem é um mundo!

• Protista, infusorio zoophito, amphibio, mamífero,— eu sou o que tu és, o que è a humanidade inteira: a synthese das luctas que a Materia travou comsigo mesma, resumo de todos os periodos e de todas as idades, o substractum das forças vivas que enchem o tempo e o espaço, desde os primeiros dias da existencia da terra até hoje!

A natureza veio nos trazendo ao collo através de todas as peripecias, amamentou-nos, creou-nos, gerou nebulosas e formou estrellas, produzio astros e deu luz ao sol; mas não creiam que tudo isto tenha sido feito para o nosso egoismo somente: a alma que pulsa dentro de nossas veas é irmã da dos passaros, da das plantas, da das pedras, se quizerem: vem da mesma fonte e do mesmo seio que deu garras ao tigre para defender os filhos e azas de sêda às pombas para aquecer os ninhos!

—Então, interrogou o Nunes indignado—o meu espirito é igual ao d'este, por exemplo?—e designava o cão que os acompanhara, o Bôto—amigo inseparavel do pintor.

—O espirito é o sangue, a seiva, a reunião de moléculas e de cellulas, formando um conjuncto de orgãos que pensam e agem.

Não acredito na alma como entidade gnomica e phantastica: ella é o resultado do *meio* e d's circumstancias e aperfeiçõa-se à medida que o cerebro adquire mais phosphoro, indo da inconsciencia dos recém-nascidos aos fulgidos rociocinios da idade madura.

—Metaphysica *experimental*.

—A verdade é que o maior pensador tornar-se-ha completamente idiota se qualquer commoção alterar-lhe certos filetes dos hemispherios cerebraes...

—Bôa duvida.

—N'esse caso ficaria com a alma amputada...

A verdade é que, physiologicamente fallando, a unidade de consciencia não existe, pois a acção reflexa que um centro nervoso exerce sobre outro faz-nos mudar de ideias a cada passo e pensar em muitas cousas ao mesmo tempo...



—É que, segundo a tua theoria, temos diversas almas : dez nos pés e dez nas mãos, não fallando nas de outros órgãos importantes. . .

—O Nunes ha de mostrar sempre que foi educado n'um collegio de padres. Temos unicamente uma alma dividida por todas as fibras, movendo-se de accordo com as impressões de nosso cerebro, d'onde ramifica-se, transmittindo ao resto do organismo sensações physicas e não sobrenaturaes, pois o espirito não é outra cousa senão o conjuncto de filamentos e tendões, cujas energias combinam-se entre si. . .

—Não atalhando a tua conversa : porque razão, ao desligar-se do tronco uma cabeça, não continúa a pensar, desde que a alma n'ella reside ?

—Esta pergunta faria rir ao mais sisudo burguez.

Brown-Séquard responder-te-ia que, tendo injectado um pouco de sangue oxigenado na carotida de um cão decapitado, o pobre animal deu signaes de vida intellectual, por alguns instantes, voltando os olhos para quem o chamava.

—Charlatanice de sabio :

Elles têm carta branca !

--A historia natural e a physio'logia garrotearam os partidarios do *a priori*, das causas finaes e do absoluto, do livre arbitrio e das ideias, innatas. . .

Houve uma pequena pausa, durante a qual o Nunes, enraivecido, remexia a areia com a ponta da botina, gaguejando timidamente :

--Não obstante, serei sempre catholico. . . O catholismo. . .

Sylvio interrompeu-o :

--Quanto a mim, se a minha indole voluvel me permittisse ter idéas fixas, seria buddhista. . .

— ? ! !

—Adoro a India, a boa terra dos sonhos e das chimeras azues, o solo amado onde floresce o lotus á sombra dos arvoredos phantasticos e onde o pensamento adormece ao calor dos dias quentes. Buddha é irmão de Jesus : morreu queimado pela mesma febre, calcinado pelo mesmo desejo de liberdade e redempção.

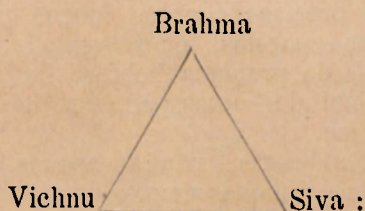


—Tapa os ouvidos, Nunes.

—Pouco importa, meu adorado Guatama, que tenhas sido atheu. Quanto a mim,—o atheismo é o maior merito da Religião que fundaste ; sò Augusto Comte, muitos seculos depois, conseguiu victoria igual.

O catholicismo com só seus dogmas e as suas bullas é a religião dos instinctos egoisticos, do interesse grosseiro. Christo está fóra da Igreja, da mesma forma que Brahma fugio dos pagodes quando os bonzos de lá, subjugando os rajahs, annihilaram a velha nação indiana.

E como quem invoca um pensamento, o pintor—philosopho interrompe-se, levando o dedo pollegar aos labios ; depois começou a desenhar um triangulo, com a extremidade da bengala :



—Eis a synthese da philosophia hindu, a trindade que presidiu á criação e ao desenvolvimento do mechanismo universal.

Brahma é o Jehovah do Principio que deu logar ao protestantismo de Buddha, a fonte creadora e mysteriosa, o germen fecundo d'onde brotou a grande arvore a cuja sombra ainda hoje abriga-se um povo decrepito e quasi extinto pelo marasmo senil a que estão sujeitos todos os corpos individuaes ou collectivos ; Vichnù é a potencia conservadora, o deus protector dos Astros e dos vegetaes, o athleta collossal que sustenta nas mãos a balança com que pesa as forças da Materia ; finalmente, Siva é o agente transformador, a evolução mudada em Deus, o representante da reacção dinamica com que a Suprema Sabedoria renova diariamente a face do Universo, produzindo heroes e gerando monstros, semeiando estrellas e plantando espinhos, derramando lagrimas e espalhando flores !



—Estás expondo ideas de povos physiologicamente incapazes de progredirem. Pregas no deserto, Sylvio.

—Tu não entendes disto, Nunes : os frades perderam-te.

E' esta a synthese da philosophia oriental, a genesis de uma das primeiras systematisações religiosas do globo.

E a tua Biblia não è mais do que o transumpto da Biblia indiana...

—Safa !

—Eu podia citar-te *slocas* de Manú que demonstrariam à evidencia, o valor intrinseco da *originalidade* do maior dos plagiadores : Moysés.

Porem seria preciso ir muito longe, porque affirmarias, citando os teus carolas, ter o legislador indiano vindo ao mundo depois do propheta hebreu.

—Porem, afinal de contas, acabas de confessar que Brahma è um Deus.

—Para os buddhistas, não : è apenas a monada, a cellula primitiva, a substancia simples de onde brotou a Vida, a vida que obedece a causas mechanicas, a leis materiaes, embora obscuras e desconhecidas...

—Mas em que paira o teu idealismo ?

—Na mesma altura em que gyrava.

—E como o concillas com estas hypotheses ?

—Foram os sophistas da teleologia que classificaram a Materia de podridão, negando-lhe alma...

—Isto è que è metaphysica !... ao passo que emprestam ao Deus, que os governa, olhos de lynce e garras de hyena...

Mas, observada a distancia, por entre a nevoa pallida de um crepusculo como este, piedoso e transparente, melancolico e fugitivo, ella, a materia, como que espiritualisa-se : arvores, pedras, montanhas, nuvens, tudo o que a nossa vista alcança ou adivinha, desde a nodoa de uma aza de ave pressurosa que chilrea no espaço, procurando o ninho, até as ondulações do ether,—tudo transfunde-se, modifica-se, transforma-se ante a nossa illusão momentanea.

E' que a Materia, o mundo exterior, existe tal qual è,



e não como o concebemos: as formas de que a natureza parece se revestir á nossa vista, são, talvez, a illusão infinita da Vontade...

—Bravos! Shopenhauer emi scena!

—Admiram-se? Ha numerosos pontos de contacto entre as bases philosophicas do grande pensador allemão e certos preceitos da philosophia hindu. O fundo da sua theoria sobre o universo, é o mesmo que o dos dois materialistas indianos Kapila e Vyasa.

Somos escravos da predisposição herdada de outras victimas do engano dos proprios nervos; pelo menos parece que o universo, esse aggregado de phenomenos inexplicaveis, tem formas differentes para cada especie e para cada individuo. Quem sabe se o sol não é quasi treva para a lesma que arrasta o ventre mucilaginoso sobre os troncos nós, á beira dos pantanos e dos regatos?

Os seres imperceptiveis verão o mundo com as mesmas cambiantes que elle tem para nós?

Que forma terá o infusorio aos olhos do polypo? O sabio que os examina, atravez das impressões suggeridas pelo aparelho microscopico, não poderá dizer, mesmo porque sabe que até entre homens de um *meio* dado um objecto pode parecer de côr differente: aos daltonicos, por exemplo. Os gregos—não sei onde li isto—desconheciam o azul. Mas voltemos à India. Porque razão achas o teu exquisito Buddha parecido com Jesus?

—Pertencem ambos á raça dos pregadores que juntam a palavra á acção. A moral de um é quasi a moral do outro: o mesmo ascetismo, mesma indifferença pelas grandezas da vaidade, a mesma compaixão pelas misérias alheias.

O primeiro, entretanto, era mais revolucionario; e como tal, chegou a dominar os brahmanes, abolindo as castas e tentando realisar o principio da igualdade.

O segundo procurava dar a Cezar o que era de Cezar.

Buddha separou-se logo da doutrina poetica dos Vedas e conseguiu fundar uma religião sem Deus.

Christo ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia



sobre os lagos e sobre as montanhas, pregando a caridade, mas proclamando a Fè.

Ahi separam-se os dois grandes bemfeitorës da misera especie a que pertencemos: bifurca-se o caminho que a consciencia lhes traçara.

Um expira sobre o Calvario, a fronte voltada para o céo e as mãos abertas, como para abençoar a humanidade, o outro, mais feliz talvez...

—E esta!

...adormece sonhando com o *Nirwana* absorvido na illusão do Nada, cabellos ensopados no suor da ultima agonia, os braços estendidos no gesto de quem faz um derradeiro esforço, afim de abraçar a terra que o chamava para o descanso eterno...

Oh! Presentir o *Nada*, sem a preoccupaçã do *além*; descer ao fundo da sepultura, depois de ter a certeza de que o aniquilamento é o somno infindavel sem sonhos e sem pesadelos; apodrecer, assimilado pela materia e pelas forças inconscientes da Natureza; desaparecer na torrente circulatoria do kronos, no insondavel abyssmo do tempo, que é eterno; -- não é isto continuar a viver, mas a viver sem o martyrio do pensamento, sem a incerteza do *ser ou não ser*, sem a agonia da duvida, para dizer tudo em duas palavras?»

Fortissimo acesso de tosse, estrangulou-lhe a voz abafada extremamente impressionavel, o pintor sentiu-se commovido, máo grado seu. E, apertando nos braços o tronco de um cypreste antigo, exclamou, quasi chorando:

—Oh! meu bom amigo! dá-me sombra, muita sombra, quando esta maldita tuberculose extinguir-me de vez! Não ambiciono mausoléu ou campa ridiculamente trabalhada; quero o nada completo, desejo sér sepultado nú, não só para que a natureza me receba virgem das miserias da civilisação, tão virgem e tão nú como no dia em que sahi do ventre de minha mãe, como para que as tuas raizes, ó cypreste! enlacem-se com mais facilidade ás fibras de meu coração alanceado!

Durma eu, emfim, longe da pequenez alvar dos homens: que o meu cerebro, hoje atormentado pela lembrança de um sem numero de chimeras extinctas, depois



que o incendiaram, sirva amanhã para alguma cousa e o resto do sangue apodrecido que circula em minhas veias oxigene-se ao contacto da tua seiva, purifique-se por tal forma que eu possa, depois de morto, ajudar-te a sustentar os ninhos e a esconder os que vierem se abrigar á tua sombra!

H. CASTRICIANO.



O Rio Grande do Norte

ENSAIO HISTORICO

II

Felippe Camarão:

No primeiro numero d'esta Revista prometti continuar a descrever, na medida de meus escassos conhecimentos, a vida collectiva do povo deste Estado, isto é. a escrever a sua historia n'um ensaio despretençioso e, certamente, só destinado a servir de sincera contribuição a outros trabalhos que, por ventura, escriptores mais competentes emprehendam para o monumento final da nossa historia de estado autonomo que já conta gloriosas tradições de civismo, destacando-se dentre a legião anonyma de seus filhos homens e herões que, como o bravo selvicola cujo nome epigrapho o presente artigo, merecem o respeito e o amor dos brazileiros, e estão exigindo do historiador imparcial e justo algumas paginas perpetuadoras dos seus grandes feitos e da sua poderosa acção nas luctas que precederam a formação da nossa nacionalidade.

Não serei eu, por certo, o auctor d'essas paginas destinadas a fazer resaltar na historia especial do Rio Grande do Norte o vulto sympathico de Felippe Camarão, pondo em relevo esse admiravel typo de corajoso e leal representante dos selvagens convertidos á civilisação e collaboradores decisivos da obra, aliás imperfeita, dos portuguezes na America.

Venho, porem, animado pelo incentivo generoso e digno



de alguns trabalhadores do espirito que nesta terra já se interessem pelas cousas da intelligencia e não negam o valioso auxilio do seu apoio moral à indagação conscienciosa dos factos e dos phenomenos que se prendem á vida dos homens sobre a terra, venho, digo, simplesmente trazer ao futuro historiador o concurso, modesto sim, mas que exprime tambem a sincera admiração de um brasileiro, e mais, de um rio-grandense do norte pelo valeroso *potyguar* que, nas azas de uma merecida fama, elevou, honrando-o para a historia, nas luctas continuas da colonisação, o nome rio-grandense.

A influencia collectiva do nosso povo, attentos a sua ignorancia e ausencia completa de educação civica juntamente ao isolamento eriminoso no qual por tanto tempo viveu, isolamento cujas muralhas só agora vai rompendo pelo esforço, que um dia será bem julgado, de alguns dos seus filhos, tem sido quasi nulla nas reformas sociaes operadas no paiz; e este criterio pode tornar-se afoitamente extensivo a quasi todo o Brazil.

Sendo assim, a nossa historia, como a da grande maioria dos estados da federação brasileira, tem de ser feita atravez da biographia dos grandes homens representativos da nossa raça, que se impuzeram, como individuos superiormente dotados, em varias epochas da vida nacional.

Felippe Camarão é um desses typos representativos; e com elle, unicamente devido ao valor d'esse filho heroico, é que o Rio Grande do Norte entra dignamente na historia, logo após a sua conquista, tomando parte activa nos acontecimentos bellicosos da colonia portugueza sob o dominio das Felippes, senhores, por usurpação, do Portugal decadente de D. Antonio, o prior do Crato.

E' ainda hoje um ponto de controversia o lugar do nascimento de Camarão.

Ceará, Parahyba, Pernambuco, julgam-se, cada um, pelo orgão de alguns escriptores, o berço do grande guerreiro amigo dos portuguezes.

A verdade, porem, é que foi aqui, no Rio Grande



do Norte, que o valoroso *potyguar* que depois se chamou Antonio Felipe Camarão nasceu e viveu antes da acção nobilissima dos primeiros missionarios.

E a controversia que ainda existe a respeito do nascimento de Felipe Camarão é, no dizer autorizado do sr. João Brigido, profundo conhecedor da Historia Patria e insuspeito, pois é cearense, uma "affronta ás provas mais robustas, recolhidas dos documentos da epoca da conquista e do povoamento da zona que constituiu a capitania geral de Pernambuco."

De facto: n'esta questão, deve-se ter sempre em vista o *que era Pernambuco como divisão administrativa, no tempo de Camarão.*

As ultimas publicações sobre esse assumpto de controversia historica foram: uma brochura do illustre e estudioso senhor Luiz Lamartine Nogueira, na qual aquelle distincto investigador da historia do seu Estado conclue affirmando que Camarão nasceu em Ibiapaba, no Ceará; e uns substanciosos e eruditos artigos do não menos illustrado senhor João Brigido, publicados n' "A Republica" de Fortaleza nos quaes aquelle consciencioso trabalhador critica com vantagem a obra do seu contemporaneo, provando que Camarão pertence ao Rio Grande do Norte, sendo Ygapó a sua aldeia, onde foi baptisado solemnemente pelos padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres, na dominga da quinquagesima de 1612, 4 de março, 36 annos antes de sua morte, que foi em 1648, segundo refere o padre José de Moraes, chronista do tempo da restauração.

Essa verdade ficou de uma maneira insophismavel asente, desde que o eminente senador Candido Mendes entrou na discussão, revivendo em nosso favor as lettras antigas e authenticas que esmaeciam esquecidas nos archivos preciosos dos conventos, indiscutíveis focos do saber naquelles tempos da conquista.

O velho erro historico pelo qual tem se negado ser Camarão oriundo d'este Estado deve-se principalmente a Ayres do Casal, que *assegurou* na sua *Corographia do Brazil* ter nascido em Viçosa o heroe rio-grandense.

João Brigido, porem, observa lucidamente que essa



afirmação é sem valor, pois que além de carecer de auctoridade historica o auctor da *Corographia*, que apenas se propunha a falar das terras mal conhecidas do Brazil, é certo que Viçosa, a antiga aldeia Tiaya, foi creada posteriormente ao nascimento de Camarão.

Depois da affirmação infundada de Ayres do Casal, outros escriptores entraram a falar sobre o assumpto e o erro cresceu, dando logar á controversia que ainda perdura, apezar da victoriosa e justa intervenção do illustrado senador Candido Mendes, que escudado em documentos valiosos e authenticos da bibliotheca dos eruditos padres da catechese, provou claramente ter nascido o valeroso chefe potyguar na aldeia de Ygapó, nas proximidades de Extremoz, n'este Estado do Rio Grande do Norte.

Pereira da Silva diz ser Camarão parahybano; Fernandes Pinheiro considera-o, ora *carijó*, tribu, aliás, do sul do paiz, ora das visinhanças de Viçosa; J. Norberto, na *biographia de D. Clara Felippe Camarão* incide egualmente n'este duplo erro.

Varnhagem, escrevendo sobre o assumpto, confessa, nas *Historias da lucta com os hollandezes*, que cahiu tambem na illusão de suppor Camarão nascido no Ceará, e não assim no Rio Grande do Norte, quando esta é a verdade resultante dos documentos do tempo. (*Historia Geral*, pagina 362);

Sauthey considera Camarão, erradamente, *carijó*, como Fernandes Pinheiro e Norberto.

Além da corrente de opiniões em favor do Ceará, surgiram alguns escriptores pretendendo que o berço de Camarão foi uma aldeia de Pernambuco, salientando-se entre os que *imaginaram* essa procedencia para o nosso conterrâneo o commendador Antonio Joaquim de Mello.

A competencia do Ceará, porem, foi a que mais perdurou, pela corrente geral dos escriptores daquelle Estado.

Pompeu esposa o erro de Casal, convindo em ser de Viçosa o Camarão e Theberge, mais detidamente, assegura essa procedencia, abrindo lucta com o commendador Mello, advogado de Pernambuco.

Um escriptor cearense, porem, destaca-se, pugnando



afoitamente, com a firmeza de um convencido estudioso, pela verdade que já o eminente senador Candido Mendes havia advogado, e affirma, provando à sociedade, que Antonio Felipe Camarão, o chefe *potyguar*, nasceu em Ygapô, perto de Extremoz, n'este Estado.

É a esse laborioso brasileiro, o Sr. João Brigido, que devo o conhecimento mais perfeito desta questão.

Para João Brigido, que ha pouco escreveu uns luminosos artigos—*Camarão e o Ceará*--e a quem já devíamos valiosos e interessantes trabalhos sobre o assumpto, Camarão *nunca foi pernambucano sinão em o sentido generico da palavra, e cearense foi apenas pela familia, que mais tarde se fixou alli começando por seu irmão Jacahina.*

Entre os escriptores cearenses que deram vulto ao erro de Ayres do Casal, acha-se o glorioso homem de letras José de Alencar, cuja grandeza e incontestavel ascendencia que exerceu entre nós como artista correm parelhas com a sua ignorancia da Historia e Corographia do Brazil.

Sobre o notavel romancista do Guarany observa justamente o Sr. João Brigido : *tratando da sua propria terra, o Ceará—cahiu nos maiores absurdos, cortou infinitamente nas distancias, supprimiu, imaginou e desannexou localidades, não poupando sequer as edades que muitas vezes confundiu.*

De facto ; Alencar, genio artistico primoroso e incontestavel ; estylista original e mavioso que tão bellas paginas escreveu, opulentando a nossa incipiente litteratura com o valioso contingente das suas fceções romanticas que perduram, immortalizando o seu nome ; o famoso creador de *Cecy e Iracema*, anjos protectores da sua perpetuidade na memoria dos brasileiros e dos estudiosos de outras patrias, commetteu, entre tanto, graves erros, que estão disseminados por todos os seus romances historicos.

Este genero illustrativo, nobre e difficil da litteratura—o romance chronica—historia romanticada—requer profundos conhecimentos e escrupulosa verdade na narrativa erudita dos episodios verificaveis.

E' o caso de Camillo Castello Branco em Portugal, que escreveu romances dos quaes a historia do



velho reino dos affonsinhos, principalmente na phase decadente da dynastia dos Braganças, resalta clarissima, evocada pela genial intelligencia que veio, atravez de gerações successivas que se perdem na ascendencia longinqua dos fundadores de Oviedo e Leão, crystallisar-se no cerebro fecundo e poderoso do infeliz suicida de S. Miguel de Seide.

Aqui no Brazil, infelizmente, não surgiu ainda um verdadeiro romancista historico; e os ensaios de Alencar foram desastres.

Assim é que no ponto controverso do logar do nascimento de Camarão ele apega-se á opinião erronea de Casal e comparsas, sem procurar a verdade na unica fonte de valor existente—as chronicas conventuaes dos pregadores da civilisação nas selvas brasileiras.

Somente os que não conhecem essa fonte pura e clara dos trabalhos de convento, base quasi exclusiva da Historia Antiga do Brazil, dirão não ter nascido em Ygapó, perto de Extremoz, no Rio Grande do Norte, --o famoso Felipe Camarão.

O principal argumento dos que querem a procedencia cearense é a demonstração de ter se fixado em Ibiapaba a descendencia do heroe rio-grandense.

Esse argumento, porém, é fragilissimo e pueril, porque a indole nomade dos potyguares esta a explicar-nos essa retirada da familia de Camarão para o Ceara.

E' sabido que tambem no Ceará foi viver a familia descendente de Vidal de Negreiros, sem que esse facto, porem, importe na *desnacionalisação* de Negreiros, que ninguem contesta ser parahybano.

A ultima palavra sobre o logar do nascimento de Camarão foi dita por Candido Mendes, como já fiz sentir n'este ligeiro trabalho. No segundo volume das *Memorias do Maranhão* ficou soberamente provado que o heroe potyguar é rio-grandense.

A tribu dos potyguares, como quasi todos os outros grupos indigenas do Brazil, era composta de indios caçadores e pescadores, que não tinham adquirido ainda, como se sabe, os habitos sedentarios decorrentes da agricultura que os primitivos habitantes do Brazil so-



mente conheciam como uma occupação subalterna, exercendo-a ephemera e insufficientemente para empregar a sua actividade n'aquelles ramos da industria immediatamente decorrentes da sua indole guerreira—a caça e a pesca.

Este desapego ao solo, cujo inextimavel valor não conheciam, explica as constantes migrações das nossas tribus selvagens para pontos varios do territorio nacional.

«Transportavam-se ás maiores distancias. nós, a pé, famintos e carregando ás costas enfermos e crianças. Viagens desde Ibiapaba até a Bahia faziam tapuias, tabajaras e potyguares; da Parahyba iam até Maranhã. Do littoral se difundiam pelos confins do Piahy, tribus inteiras, á colheita dos fructos sylvestres, perseguindo á caça, ou procurando o peixe, quando não era bom o tempo para o haverem nos maceiós e oceano.»

N'uma dessas viagens frequentes a Ibiapaba, no Ceará, foi que, naturalmente, alguns membros da familia de Camarão, entre os quaes seu irmão Jacahuna, resolveram estanciar alli, localisando-se definitivamente. Isso, porem, não quer dizer, como erradamente pensam os que fizeram seu o erro de Ayres do Casal. notadamente o Sr. Luiz Lamartine Nogueira, que fossem elles oriundos daquelle Estado, e sim que d'aqui do Rio Grande emigraram, da mesma forma que o chefe da familia, Felipe Camarão, emigrou da sua aldeia de Ygapó, em Extremoz, para Pernambuco, onde o apanhou em 1630 a invasão hollandeza que o arrastou aos combates sob as ordens de Mathias de Albuquerque.

Nada mais logico do que essa migração.

Em quanto os portuguezes do littoral fugiam ante os soldados victoriosos da Hollanda, ganhando os sertões do S. Francisco, Jaguaribe, etc. os primeiros povoadores d'este Estado, os potyguares, que desde a expedição de Pero Coelho já conheciam Ibiapaba, para alli se retiravam, fugindo de servir aos hollandezes. senhores de toda a costa, que dominavam n'esta capital e no Ceará.

A montanha de Ibiapaba serviu de reducto e foi



um nucleo de resistencia durante todo o periodo da occupação fiamenga.

É logico, por outro lado, que os potyguares, que vagamundeavam em toda a zona da capitania geral de Pernambuco, procurassem aquella montanha ao tempo em que Camarão, poderoso chefe do Rio Grande selvagem, batia-se com parte de seus parentes, desde Olinda até a Bahia, na lucta heroica da expulsão dos invasores.

Não é de suppor tambem que pelo facto da presença de alguns Camarões em Viçosa tivessem ali nascido estes, hypothese de todo ponto absurda no tocante à pessoa do heroe potyguar, segundo observa judiciosamente J. Brigido.

Felippe Camarão foi, por duas vezes, ao Ceará : uma vez, a primeira, visitar, em Soure, o tumulo do padre Pinto, o seu velho conhecido e nobre amigo do aldeamento de Ygapó ; a segunda vez e ultima quando, fazendo parte da expedição de Jeronymo de Albuquerque ao Maranhão, d'ella excusou-se no Ceará, onde ficou a pedido de seu irmão Jacahuna, por *carecer engordar visto estar muito migro*, allegação, aliás, indigna daquelle embryão de heroe.

Uma outra prova que o Sr. Lamartine Nogueira invoca em favor do erro historico sobre o nascimento de Camarão é a mercê de nobilitação dos indios tabajaras José de Vasconcellos, Felipe de Souza e Sebastião Saraiva, aos quaes o rei de Portugal dera tenças de vinte mil reis annuaes e tratamento de Dom.

Nada vale tambem esse argumento.

A graça real a que se refere o estudioso Sr. Nogueira foi devida, conforme o decreto da concessão, aos serviços prestados à catechese, e não ao facto de serem elles parentes de Camarão ; alem disso, observa com muita lucidez o Sr. J. Brigido, « não era tão intensa a gratidão em animos portuguezes, para virem lembrar, em favores d'esta ordem, dividas contrahidas havia mais de meio seculo com o bravo potyguar. »

Ao tempo da concessão d'aquellas graças, os indios começavam a adquirir propriedades, entregando-se á vida sedentaria e productiva. Por acto de 11 de De-



zembro de 1718, José de Vasconcellos adquiriu terras com duas leguas de comprimento e uma de largura, em Ibiapaba, no lugar Sununnunga, fazendo, porém, a declaração de que era tabajara, o que afasta a hypothese de seu parentesco com Camarão, que era reconhecidamente potyguar.

Esses selvagens agraciados foram apresentados por jesuitas que lhes deviam serviços prestados à dominação dos padres na cordilheira de Ibiapaba, onde estabeleceram um hospício em 1697 que concorreu poderosamente para terminar a vida errante dos selvagens que procuravam aquella montanha.

Os potyguares e tabajaras, facilmente disciplinados, viviam ao sul do Ceará, em malocas que percorriam a costa do Rio Grande a Pernambuco. Com os tabajaras dominavam os francezes em Ibiapaba, quando Pero Coelho, a frente dos potyguares, foi desalojal-os. D'esta ultima tribu ficou alguma gente, quando se dispersou o nucleo da barra do Ceará e essa pequena colonia foi augmentada em 1697 pela cohorte conduzida pelos padres Francisco Pinto e Luiz Filgueira.

Morto este pelos indios tucuryús nas encostas de Ibiapaba, os potyguares da sua escolta fixaram-se em Arronches, Porangaba, Messejana e Santo Antonio de Pitaguari. Isto ensina a auctoridade de J. Brígido.

Os potyguares ainda foram ao Ceara terceira e quarta vez incrementar a colonisação d'aquelle Estado: em 1609 com Martim Soares Moreno, primeiro governador daquella capitania, typo que José de Alencar estuda na Itacema; e em 1613 com Jeronymo de Albuquerque, que passava para o Maranhão.

Os potyguares, pois, existiram em Ibiapaba, mas nunca lá esteve o Camarão. Parentes seus que lá ficaram deviam ter fugido d'este Estado, então occupado pelos holandezes.

Quanto aos indios tabajaras José de Vasconcellos, Felippe de Souza e Sebastião Saraiva, não eram seus parentes nem de sua raça, ensina J. Brígido.

Os dois missionarios Diogo Nunes e Gaspar de São Peres, que baptisaram Felippe Camarão a 4 de Março



de 1612, vieram de Pernambuco catechisar os indios potyguares d'este Estado, tribu já submettida aos portuguezes desde 1602, epocha em que, pela segunda vez, Manoel de Mascarenhas, servido pelos tabajaras parabybanos, debellou os autochtones rio-grandenses do Norte.

Na sua acção de catechisadores, aquelles dois padres travaram conhecimento com o poderoso chefe Potyguassú, depois Antonio Felippe Camarão, induzindo-o a abraçar a religião de Christo e arraucando da ignorancia primitiva aquelle grande brasileiro que depois tornou-se o governador geral de todos os indios da capitania geral de Pernambuco.

Antes da missão dos padres no aldeamento de Ygapò, perto de Extremoz, onde nasceu e vivia o chefe Potyguassú, dominava este, como primeiro de sua tribu, no territorio visinho a esta capital; e o Potengy muitas vezes foi a nado atravessado pelo valoroso *poty*, nas suas excursões de capitão selvagem, nomade e guerreiro.

Esta Ygapó dos eruditos deve ser forçosamente o logarejo *Ceará*, entre Extremoz e Ceará-mirim.

Dessa antiga povoação, que hoje reduz-se a dois ou tres *ranchos* de palha, partiram os indios da expedição de Pero Coelho a Ibiapaba, sendo para presumirse, com bons fundamentos, que aquelle decadente aldeamento rio-grandense tenha dado nome ao florescente estado do Ceará.

Do *Ceará* de Extremoz tambem foi que sahiram os indios que estabeleceram um pouco mais para o centro o aldeamento do *Ceará-mirim* (bocca da matta.)

O Ceará mirim de hoje é uma cidade, centro do grande valle assucareiro do mesmo nome.

Candido Mendes ensina que depois da passagem da expedição de Jeronymo de Albuquerque ao Maranhão, em 1614, Antonio Potyguassú não quiz, ou não pode acompanhar-o, ficando no porto do Ceará, a pretexto de molestia ou terror do mar e recordando o que acontecera com os potyguares que, seduzidos, foram á Bahia, de onde não mais volveram a seus lares.

Desse anno, 1614, até 1630, epocha da invasão dos hollandezes em Pernambuco, nada se conhece da



vida de Felippe Camarão. Somente d'elle ha noticias nos dois periodos—a conquista do Maranhão e a invasão de Pernambuco.

N'esse ultimo Estado veio encontral-o a invasão. Seguramente transferiu-se do Rio Grande do Norte, ou pela excassez de padres para regerem as suas missões ou pela necessidade de combater as hordas selvagens que infestavam as cercanias, diz J. Brigido, apoiado em Candido Mendes.

Os compiladores das chronicas antigas discordam sobre quem apresentara Camarão no campo de Mathias de Albuquerque. Varnhagem diz que foi Martim Soares, e o conego Fernandes Pinheiro diz ter sido o padre Manoel de Moraes, o cele're transfuga que mais tarde se declarou parcial da Hollanda e que foi, no pensar de alguns escriptores, queimado n'um auto de fé em Lisboa.

J. Brigido considera falsas ambas essas versões, e diz : «Collocamos em Arronches o tumulo do padre Pinto, de accordo com Candido Mendes, e pelo mesmo motivo, que elle, isto é, porque o contemporaneo padre Manoel Gomes, n'uma carta que anda transcripta no 1. vol. das *Memorias do Maranhão*, dil-o precisamente, quando indica a distancia a que ficava da barra do Ceará.

Tendo sido em 11 de janeiro de 1608 a morte do padre Pinto, e o baptisamento de Camarão em 4 de março de 1612, se infere : 1º., que a visita ao tumulo do seu amigo precedeu a esse acto de religião ; 2º., que suas relações com os dois catechistas eram do tempo em que não passava ainda de catecumeno, ou não tinha entrado definitivamente para o gremio da igreja.

Podia essa primeira viagem ao Ceará (Jaguaribe, como então lhe chamavam) ser mesmo posterior ao seu baptisamento ; mas o que é certo é que veio do Rio-Grande, e para alli voltou ; pois que Diogo de Campos, testemunha occular e insuspeita, na sua *Jornada do Maranhão*, deixou dito que d'alli veio até ao forte do Amparo (barra do Ceará) em companhia de Jeronymo de Albuquerque, na sua segunda expedição, e alli se deixou ficar com seu irmão, quando aquelle chefe, em 27 de setembro, proseguiu na sua marcha.



Parece que, voltando á sua taba, Camarão vegetava na obscuridade quando surgiram os grandes acontecimentos da invasão, e foi chamado ao serviço da guerra, entrando para o exercito de Mathias de Albuquerque, logo por occasião da tomada de Olinda (16 de fevereiro).

Que estava n'uma aldeia de Pernambuco é facto averiguado.

Camarão tinha já combatido com Mathias de Albuquerque no Rio Doce em 16 de fevereiro de 1630 quando Martim Soares deixára o Ceara, para reunir-se a elle, em 1631; e o padre Manoel de Moraes chegou do Rio Grande a S. Amaro onde elle estava, depois daquelle desastre, em 21 ou 22 de fevereiro.

A aldeia em que estava Camarão era a de Musuigh, logar onde existe agora um engenho, conhecido pelo nome simplesmente de *Aldeia*, a 17 milhas de Olinda. Este ponto está bem assignalado nos mapas de Barlaeus, e demóra na estrada do Pau-do-alho para Goiana.

Em conclusão, si o potyguar transitára siquer por Ibiapaba, o jesuita José de Moraes, que foi dessa missão, não se excusaria á vaidade de o enumerar entre os seus filhos, tão avidos de gloria como eram os frades que missionavam; Antonio Vieira, que lhe succedeu, e que não poupava hyperboles para encarecer os seus serviços á civilização e liberdade dos indios, não calaria esse motivo de grande e justissimo desvanecimento.»

Com estas valiosas e eruditas considerações conclue J. Brígido a sua ligeira, mas decisiva contestação ao Sr. L. Nogueira, da qual, cumpre-me mais uma vez dizer, extrahi o principal d'este artigo, por ter n'ella reconhecido fundamentação sabia e segura, propria a estabelecer de uma vez por todas a verdade historica sobre o logar do nascimento de D. Antonio Felippe Camarão, governador geral de todos os indios da Capitania Geral de Pernambuco.

Está provado, a meu ver, indiscutivelmente, que foi de facto o pequeno aldeamento visinho de Extremoz



o berço de Felipe Camarão, um dos mais notáveis vultos da historia patria. E cumpre-nos agora somente, a nós rio-grandenses do Norte, saber honrar e dignamente perpetuar a memoria do hercico varão potyguar cuja bravura inexcédível inicia na historia do Brazil a acção parcial do nosso Estado.

Com o creito que assiste aos chefes do pensamento ou da actividade material na lucta ininterrupta da progressiva marcha da humanidade, Felipe Camarão bem merece que o Rio Grande do Norte, inscrevendo o seu nome no coração da juventude por meio da explicação nas escholas dos poucos, mas frisantes traços biographicos que d'elle conhecemos, pague á sua memoria uma divida de gratidão, objectivando esse sentimento, opportunamente, com um monumento publico que rememore para o sempre o papel eminente que desempenhou na historia o nosso illustre coestadano, representante genuino da raça autochtone do Estado que habitamos.

ALBERTO MARANHÃO.



Aspectos Sertanejos

...E com que saudade evoco eu tempos de outr'ora, accordando n'alma reminiscencias que o transcórre dos annos vai de passo em passo afastando e esbatendo nessa penumbra iriada de illusões da primeira infancia!

Leões folgares da minha meninice, douradas visões de minha mocidade, dias de innocencia, horas de alegria, annos de paz, passados impercebidos, e que deslisastes insontes na placida corrente do viver obscuro e simples da familia sertaneja! Vinde outra vez a mim em alacre revoada: penetrai-me n'alma, povoai-me o cerebro, transfundi-me na existencia o sabor amado da vida que se respira e evapora-se no movimento impulsivo e saudavel que, impelle irresistivel para alem!

Oxalá pudesse eu agora prescindir do concurso de taes recordações. Mas hei chegado a uma paragem da minha peregrinação espiritual, ao estado de maturidade dos sentimentos e forças affectivas, e d'ahi sinto a necessidade de volver os olhos para traz, de calcular a trajectoria feita, de analysar por miudo os passos andados, approximando as distancias, recompondo as scenas, até attingir essa epocha que extrema-se das demais pelo fulgor e pelo encanto que se não extingue. E por que foi ao penetrar da phase objectiva em que as sentinellas amadas do berço, as estremecidas e attentas guias da jornada, sollicitas e amoveis nos dizem—alerta!

Transporto-me a esse periodo, evoco-o á memoria, coordeno os factos, oriento-me e busco, e topo o marco miliario que assignala a memoravel transição, quadra em que as impressões se fixam, por que cada couza



tem já o seu prisma de observação, tem analyse e significação distinctas e concretas.

Observo os homens e os costumes, contemplo de novo a natureza--essa natureza que, se não reveste pomposa magestade e grande exuberância creadora, é, no entanto, fecunda e bemfazeja, de aspecto modesto, ensinando e inculcando no seu trato a fé, o amor, a mansidão, a virtude; essa natureza que põe em todas as cousas uma meiga expressão de belleza desataviada, a luz perenne e vivida de um sol sem sombras, o oxygenio de um ar purissimo e, no firmamento, a encantadora visao de um céu sem manchas.--é o sertão alcantilado onde nasci.

Quero falar' dessas paragens obscuras, da população que lá existe, dos habitos que ahi praticam-se e de tudo quanto lhes diz respeito e pode ser colhido pela observação imperfeita de um espirito bem intencionado, mas inculto.

Leve-se-me em conta ao menos os estímulos e boa vontade que dictaram-me este pensamento.

*
**

O meio sertanejo não é, certamente, no ponto de vista social, apto á formação dos espiritos, que alli, presos pela impossibilidade material de buscar algures conveniente educação, atrophiam-se e fenecem n'um estado de paralysisa a que redul-os, principalmente, a ausencia deploravel das fontes de ensino, litterario e industrial. etc.

No tocante a ensino, é sabido que a nossa população sertaneja, em geral, tem apenas para sua educação as escolas de primeiras lettras, regidas por professores que pouco se recommendam pelo saber e capacidade profissional. Esses preceptores, com poucas excepções, ensinam mal o pouco que tambem aprenderam mal, e sob a influencia mesologica, de que não podem libertar-se, não se dedicam a tão nobre missão com o ardor e devotamento que exigem as suas fnncções e que poderiam attenuar a deficiencia de conhecimentos. Isso e explicavel. Elles, os professores, tambem precisam de mestres.



Toquei neste ponto incidentalmente, não tendo em vista sinão salientar as causas da ignorancia e atraso dos nossos esforçados patricios do interior, aliás dotados de excellentes qualidades progressistas e de optimas disposições nativas para a complexa e variada cultura espiritual. Tivessem elles a seu alcance, sem os custosos sacrificios a que são e por muito tempo serão obrigados, em materia de educação, os mananciaes da intelligencia, e ver-se-ia a progressão admiravel do nivel moral e intellectual das sociedades sertanejas, nas quaes, com rarissimas excepções, nota-se o predominio da tendencia de apprender e civilisar-se.

Em todas as classes d'aquella sociedade e, indistinctamente, nas familias mais extremas do elemento mestiço, como n'aquellas em que elle predomina, polulam exemplos e provas da exhuberancia e vivacidade da intelligencia do sertanêjo e da sua facil intuição d'aquillo que mal lhe é dado perceber.

Um povo que se civilisa é um povo que se forma, que se caracteriza socialmente; procura saber e precisa imitar, para conhecer praticamente o que convem melhor ás suas necessidades, usos e gostos.

A tendencia imitativa, nesse caso, deixa de ser um vicio e é uma manifestação de intelligencia, de senso esthetico, sobre ser tambem uma necessidade filiada à evolução.

Assim, comprehende-se que não é em um meio destes, cuja civilisação estreita e retardataria vai, morosa, lentamente, rompendo as normas rudimentares e pondo de lado rotinas anachronicas, desenvolvilhando-se a cada passo de um labirinto de prejuizos tradicionaes, fundamentalmente radicados e que já adquiriram o caracter accentuado de um vicio organico, um tal meio, dizia, não pôde elaborar ainda o alimento dos factores uteis do progresso em suas diferentes modalidades. Concorre apenas com a parcella diminuta de uma relatividade insignificante. E nem isso pode ser extranhavel nem ser capitulado de defeito que implique ausencia de aptitudes para committimentos de qualquer especie, emquanto a therapeutica



evolucionaria não expurgar aquelle organismo do vicio indicado.

Os nossos sertanejos continuam a ser os representantes em primeira mão do primitivo producto da fusão dos tres factores da nossa raça. A simplicidade da vida e dos costumes, as suas proverbias sobriedade e admiravel resistencia, a grande obsequiosidade, as mais bellas qualidades affectivas que pode um povo possuir, o culto da honra, o amor e a honestidade da familia, a intangivel, inabalavel fé na religião de seus maiores são a sua feição característica.

Exaltados em religião até ás raias do fetichismo e da credence supersticiosa.

Neste assumpto excluem o criterio mais acceitavel, mais justo e sensato, com detrimento mesmo dos seus interesses.

Como são ainda os portadores directos das tradições e dos habitos herdados, que observam e guardam como precioso patrimonio moral, são mediocremente preoccupados do goso das commodidades, da hygiene e do conforto mais accessiveis ás posições menos que medianas. E d'ahi o restringirem sua actividade e industria a uma agricultura rudimentar e limitada, á creação de gados, a pequenos negocios e especulações mercantis sem importancia, desperdiçando precioso tempo abandonados a uma indolencia estúpida e enervante, a longas cavaqueiras nas tavernas e nas ruas, a discussões estereis e tumultuosas a que a politicagem offerece pabulo inexgotavel.

A paixão politica e o espirito de devoção do sertanejo tyrannisam-o, obcecam-o, absorvem-o e dominam-o.

Ardentes por temperamento e pela influencia climaterica, muitas vezes caem em excessos sob o influxo perversivo d'aquelle duplo fanatismo, que annulla-lhes todas as energias, muito quebrantadas pelo ocio habitual, pela estreiteza dos horisontes da vida e pela lamentavel ausencia de estímulos e de um desiderato a attingir, para o qual convergissem constante e intelligentemente todos os seus esforços.

Mas o sertanejo, em regra, sacrifica a obrigação á devoção e, na grande maioria, sente-se satisfeito e em



paz na sua consciencia nada fazendo que dê feição diferente ao viver dos seus antepassados, os quaes aponta como exemplos dignos de imitação, embora nada de realmente util tenham os seus avoengos feito em proveito da prole ou da collectividade que justifique com justiça o tributo prestado á sua memoria, a não ser essa veneração respeitosa que devemos aos nossos mortos queridos. Quanto ao mais, feitas as excepções que confirmam todas as regras, os exemplos citados apenas significam a pacatez da vida e a *bôa criação* dada á familia pelo antepassado.

O raciocinio do sertanejo, neste particular, em alguns por apoucamento mental, n'outros por superstição e defeito de educação, não faz a distincção entre o merito de uma vida obscura, pacata, honesta e infecunda em relação aos interesses da sociedade ou da familia, e o merito de uma vida honesta, pacifica, laboriosa, productiva e util á sociedade e á familia.

E por via de regra, o mesmo abstruso criterio, *mutatis mutandis*, é applicado aos assumptos que se prendem com a religião, com idéas novas e iniciativas de melhoramentos que se lhes afigurem uma ameaça indirecta á integridade de suas crenças ou uma apparente deslocação de interesses e modos de viver, um desrespeito ao que foi instituido pelo bom, mas atrasado senso dos antigos.

Familias conheci eu que viviam em abastada mediania, possuindo haveres com que podiam garantir até certo ponto uma certa independencia futura aos seus descendentes, si não lhes faltasse o tino administrativo e um pouco de elevação de vistas, qualidades raras no sertanejo, tratando-se mesmo dos seus immediatos interesses. No emtanto, seguiam inalteradamente os processos economicos da rotina, abandonando exclusivamente a sorte e o zelo de suas fortunas ao olho da providencia, descuidando da educação dos filhos, estacionados nos rudimentos da instrução primaria, pouco mais ou menos, sem a menor providencia no sentido de attenuar os prejuizos materiaes provenientes das seccas que periodicamente incidem naquella zona, e de presente deparam-se



na pobreza, e outras em penuria extrema, creadas por tão deploravel ineuria.

Hoje em dia, porem, devido á calamitosa secca de 77 e á successão frequente de crises seccas e irregularidade das estações invernosas que se lhe seguiram, a previdencia sertaneja expertou e tem-se desenvolvido no sentido de attenuar os desastrosos effeitos dessas temerosas crises, tornando menos sensivel a inconstancia dos invernos por meio da açudagem, unico remedio que até certo ponto poderá concorrer para modificar as condições do nosso meio climaterico. Qualquer pequeno creador ou proprietario é dominado actualmente da preocupação constante de ter agua. E assim, no intuito de acautelarem-se contra a eventualidade de uma escassez de inverno ou falta de chuvas, os sertanejos rio-grandenses vão tornando o sertão mais tratavel, ameno e mais fertil por meio da açudagem, que cada dia mais se incrementa em toda zona.

Á parte a religião, a politica e o bem-estar da familia, um dos maiores prazeres e ambições do sertanejo é a posse de um cavallo, util e prestantissimo animal que, n'aquellas paragens, tem valor real e um prestimo relevante. O cavallo serve de precioso auxiliar da subsistencia do pobre, que aluga-lhe os serviços ou nelle exerce pelas feiras a sua pequena industriamercantil. E quantas vezes e em quantos casos o excellent animal não é realmente estimado e zelado com todo affecto pelos seus proprietarios, para muitos dos quaes representa, por assim dizer, o unico penhor do pão quotidiano, um capital productivo e um commodo vehiculo nas fadigosas e longas jornadas que fazem habitualmente?

Por outro lado, o sertanejo aprecia o cavallo com equal estima e maior paixão ainda para fim menos util, porem mais commodo e agradável,—para as corridas, o passeio urbano, em que exhibe-se com garbo e destreza, commodidade e elegancia das differentes andaduras do animal, e tambem para outro genero de diversão pela qual o sertanejo é entusiasta e perdido--o derribamento de gado vaccum por occasião das *juntas*



e vaqueijadas nas fazendas. É um divertimento perigoso e que tem algo de barbaro e deshumano, mas ainda muito em voga em todo o sertão.

* *

O nosso sertanejo tem gosto especial pelo jogo. gosto que, em muitos, degenera em habito e paixão. Jogam em familia os jogos innocentes—o *loto*, a *bisca* e a *subca*, por entretenimento, e, depois, por vicio, nas tavernas, tavolagens e nas casas de mercado, jogam o *solo*, o *31*, o *lasquet* e a *espadilha* e alli reúnem-se os *habitues* para entregar-se ao que elles chamam de *passa tempo*.

Nas quadras festivas, como o natal, tempo em que muitas familias da circumscripção municipal afluem para a séde da freguezia com o fim de alli passar os dias de festa, os passeios equestres ao cair da tarde e o jogo constituem as principaes diversões do sertanejo, entremeiadas de algumas noites de agradaveis reuniões familiares, nas quaes brincam-se as prendas e improvisam-se animadas e alegres *soiras* dançantes, orchestradas, ordinariamente, por um violino, um violão e o que chamam de *harmonica*.

Essas reuniões são demoradas e muitas vezes prolongam-se até á madrugada, reinando sempre a mais viva satisfação entre os convivas, muita ordem e respeito. Por via de regra, esse genero diversivo, aliás honesto, hygienico, elegante e civilizador, é fecundo em preparar copiosos laços de muitos hymineus, e com mais facil e segura fortuna do que o interesse, a solitudine dos paei de familias o conseguem por vezes. Alli tem logar o prologo idyllico de relações que se alimentam, estreitam-se e consolidam-se em mais duas reuniões e que têm o seu epilogo no ideal realisado do casamento. Porque no sertão, e isso de antigos tempos, os jovens casadoiros preferiam a quadra da festa do natal, talvez por mais propicia e auspiciosa, para dar começo de realisação á idéa do casamento, e isto chagou a estabelecer-se geralmente como costume em muitos logares. A geração actual, porem, cujo sangue vai sendo contaminado pela nevrose do modernismo irreverente, tem, neste particu-



lar, como a outros respeitos, golpeado a tradição. É que antigamente a moral privada do sertanejo, melindrosa e severa, não permittia o livre accesso nas casas de familia, e os namorados difficilmente encontravam-se à vontade: viam-se furtivamente, atravez os buracos dos muro e fendas das fechaduras das portas; e o trato que hoje é tolerado e permittido nas salas, com assenimento pleno e com um pouco mais ou menos de cerimonia, outr'ora era concedido com rigorosa parcimonia de tempo e de palavras e, muitas vezes, vedado, consoante o temperamento e o criterio da moral do pai de familia, o que, entretanto, não impedia a fuga das filhas em demanda do matrimonio, facto que hoje poucas vezes se repete.

*
**

Sertanejo que sou, amando com entranhado affecto a terra onde primeiro se me accordaram os estímulos da alma e os desejos de viver, onde senti atravessar-me o cerebro a primeira faúlha que aclara o entendimento e illumina a razão, com que piedosa saudade eu o confesso—alli, entre os limites d'aquelles horisontes accidentados de collinas e penedos, eu sonhei, architectei um mundo ao sabor da phantasia creadora dos 10 annos. Ainda lá vivi mais 10 e mais um lustro, attingi a idade em que a sanção racional, severa e esclarecida, despe com desamoravel mão as vestes transparentes e periumosas da illusão e dos sonhos e faz-nos trajar o vestuario prosaico e banal, confeccionado e adquirido pelas necessidades brutaes, positivas e dolorosas da existencia.

*
**

É bem de ver que tentando esboçar ligeiramente alguns espectos da vida sertaneja eu o fizesse, synthetizando de preferencia o que a minha observação recolheu na terra de meu berço, cuja feição social procurei traçar, sem o estorvo moral de qualquer preocupação.

PEDRO AVELINO.



O ESTADO DE SITIO

Nenhuma questão da nossa jurisprudencia constitucional tem sido tão controvertida como a de saber si o estado de sitio suspende ou não as immunidades parlamentares.

Aquelles que pensam que essa medida de extremo rigor e de excepcional gravidade é a lei marcial chegam incontestavelmente a uma conclusão logica quando affirmam que toda a constituição fica suspensa na vigencia della; mas o que não me parece é que, com bons fundamentos, se possa sustentar, em face da nossa lei basica, que ella seja a lei marcial.

Para mim ella é apenas a suspensão do *habeas-corpus*; não attinge as prerogativas inherentes aos mandatos de que se acham investidos os que têm, como primeiro dever, a obrigação de defender os interesses do povo, que, por livre e espontanea delegação, os mandou ao seio do Congresso Nacional.

E por isto que aproveitando-me da oportunidade que offerece a phase politica que atravessamos, tão cheia de ameaças para a liberdade, não resisto ao desejo de discutir esse assumpto.

Dizem os mais illustres publicistas que a lei marcial é uma criação do direito das gentes, nascida das guerras externas e só muito mais tarde applicada às guerras civis; e definem-n'a a *transferencia á auctoridade militar de todos os poderes que cabem normalmente á civil para a manutenção da ordem e da policia interna.*



Preciso mostrar que entre nós o estado de sitio não equivale a isto.

Antes de tudo convem notar que elle é perfeitamente constitucional e que seria absurdo, como já disse alguém, que a Constituição regulasse o seu proprio desaparecimento.

De facto, não se comprehende que uma lei fundamental, prevenindo as crises que poderiam vir a apparecer no scenario politico de um paiz, consignasse uma disposição injustificavel para prevenir a entrada deste num regimen dictatorial.

O que ella poderia fazer—e foi o que fez o legislador constituinte—era auctorisar os poderes publicos, incumbidos da espinhosa missão de manter a paz e evitar a subversão da ordem legalmente instituida, a lançar mão de recursos extraordinarios, desconhecidos em epochas normaes, para que não se aggravasse a situação melindrosa, que, por ventura, viesse a assoberbar o jogo regular das instituições.

Innumeras são as razões que d'um estudo criterioso e serio da constituição poderão haurir aquelles que sustentam ser o sitio apenas a suspensão do *habeas-corpus*.

Realmente: a simples comparação de muitos de seus dispositivos prova que a intenção do legislador foi somente armar o poder executivo de meios que, dada uma crise revolucionaria, lhe assegurassem mais facilmente a victoria sobre os elementos irrequietos e tretegos que procurassem a destruição do edificio gloriosamente fundado a 15 de Novembro com o estabelecimento da Republica, e posteriormente consolidado pelo patriotismo e dedicação dos brazileiros.

A constituição determina no seu artigo 63 que *cada estado reger-se-ha pela constituição e pelas leis que adaptar, respeitados os principios constitucionaes da União.*

Ora, a que ficaria reduzida a federação si os poderes aos quaes compete decretar o estado de sitio podessem instituir tribunaes militares unicos que subsistiriam dada a hypothese de ser elle a lei marcial?

A autonomia dos estados, tão garantida que a



constituição dispoz (art. 90 § 4) que nenhum projecto tendente a abolir a forma republicana *federativa* poderia ser recebido como objecto de deliberação, seria anulada pela intervenção mediante a suspensão das garantias constitucionaes.

Não se admite que uma lei que diz terminantemente não poder cogitar-se de alterar a federação auctorise a annullação da autonomia dos Estados, condição *sine quâ* da existencia dessa federação por uma outra de suas disposições

Dir-se-á que desde que o sitio só poderá ser decretado em virtude de uma *grave commoção interna ou de uma invasão estrangeira a salus publica* deverá ser a unica lei e por consequencia dar-se-á a necessidade do *interregno constitucional*.

Neste caso antes estabelecer-se a ditadura: pelo menos não se sophismará legalmente um regimen que deve ser a plenitude de todos os direitos.

Consignou a constituição no seu artigo 34 n. 21:

Compete privativamente ao Congresso Nacional:

Declarar em estado de sitio um ou mais pontos do territorio nacional na emergencia de aggressão por forças estrangeiras ou de commoção interna e approvar ou suspender o sitio que houver sido declarado pelo poder executivo ou seus agentes responsaveis, na ausencia do Congresso.

E' aqui que está o ponto principal da questão das immunidades parlamentares.

Acceitamos por hypothese, que o poder legislativo sem a garantia de suas immunidades, procurasse, em desempenho de seu mandato reunir-se a 3 de Maio, dia determinado pela Constituição (art. 17).

As leis dizem ser crime impedir ou tentar impedir essa reunião; mas o poder executivo receiando uma grande maioria contraria ao seu governo phantasiava uma conspiração e decretava o sitio. Uma vez que este fosse a lei marcial, estavam suspensas as immunidades parlamentares e consequentemente elle poderia prender tantos representantes da Nação quantos fossem preci-



pos para não haver numero afim de funcceionar o Congresso.

Pergunta-se : neste caso o poder executivo não adia de facto as sessões legislativas, violando flagrantemente os arts. 17 § 1 e art. 34 n. 35 ?

Mas responder-se-á, si o sitio não suspende as immuniidades, os deputados e senadores, acastellados nas regalias que os arts. 19 e 20 lhes conferem, poderão tramar francamente a deposição dos poderes publicos.

Não é exacto : em primeiro lugar porque o crime de conspiração é um crime inafiançavel e, portanto, os implicados nelle poderão ser presos em flagrante delicto, pois o art. 20 dispõe : *os deputados e os senadores desde que tiverem recebido o diploma até a nova eleição não poderão ser presos nem processados criminalmente sem previa licença de sua camara, salvo caso de flagrancia em crime inafiançavel* ; em segundologar, porque, si não forem presos em flagrante delicto, á Camara a que pertencerem incumbe dar a respectiva licença para serem processados e presos.

Em 1894, quando se discutia essa questão no Congresso e na occasião em que orava o Sr. Alcindo Guanabara, disse, em aparte, o Sr. Vergne de Abreu :

Si o deputado pudesse ser preso, o poder executivo podia dissolver de facto o Congresso, impossibilita-lo de funcceionar pela prisão da maioria de seus membros.

A esse aparte o Sr. Anisio de Abreu respondeu :

E o Congresso tambem podia anarchicamente acobertar os seus membros com a irresponsabilidade, não concedendo licença para que fossem processados.

Houve quem replicasse, dizendo que si o Congresso podia proceder dessa maneira, quasi que revolucionaria, do executivo tambem podia partir a revolução.

E, de facto, si é de receiar que o Congresso pratique um acto de tal natureza, muito mais é de receiar que o Presidente da Republica, levado pelo desejo de perseguir a um deputado ou senador, notavel pelo seu talento e competencia, prenda-o sem nenhum fundamento, pois só tem que dar conta de seus actos depois de restabelecidas as garantias constitucionaes.



Eu digo, como já disse alguém :

A omnipotencia das assembleas é menos de temer do que a do presidente, porque não dispõe, co.no est., de força material.

Vamos, porém, adiante.

Si ao Congresso incumbe a decretação do sitio e só na sua ausencia o poder executivo poderá, sem o seu consentimento, lançar mão dessa medida (art. 80) ; si a elle compete suspendel-o ou prorogal-o, quando decretado pelo executivo, como poderá ver os seus membros despojados das garantias que—unicas—lhes assegurarão a necessaria independencia para resolver a respeito com ampla liberdade ?

Si elle é a lei marcial e—hypothese possível—houver na suprema magistratura do paiz um homem despotico e pouco escrupuloso, este, prorogando-o sempre, evitará o funcionamento dos outros poderes.

Ainda mais : que solução, a não ser a revolução, haverá para uma crise provocada por um presidente que, em estado de sitio, adiar a eleição de seu substituto, marcada na constituição (art. 47 § 1.º) ?

Pode objectar-se que, neste caso, existe a dictadura. Não ; si o sitio é o *interregno constitucional*, como affirmam muitos, a constituição está *totu* suspensa : o presidente está agindo dentro da esphera traçada por uma de suas disposições.

A absurdos semelhantes leva a argumentação dos que querem que o sitio seja o *interregno constitucional*, ou antes, desde que o *interregno constitucional* é o desaparecimento da constituição por algum tempo, á *dictadura constitucional*.

O Congresso não terá independencia para discutir a conveniencia ou inconveniencia da suspensão ou da prorrogação do estado de sitio, sob a pressão d'elle e sem immunidades. É um poder, cujas deliberações podem ser acoimadas de ter sido tomadas sob ameaça ou medo não pode esperar para ellas o respeito e o prestígio de que devem revestir-se.

Quando não fosse sufficiente tudo o que expuz para provar que o estado de sitio não é a lei marcial, ainda teriamos, em apoio dessa doutrina, o art. 80.



Diz esse art :

Poder-se-á declarar em estado de sitio qualquer parte do territorio da União, suspendendo-se ali as garantias constitucionaes por tempo determinado, quando a segurança da Republica o exigir em caso de aggressão estrangeira ou commoção intestina ;

§ 1.º *Não se achando reunido o Congresso e correndo a Patria imminente perigo, exercerá essa attribuição o Poder Executivo Federal ;*

§ 2.º *Este, porem, durante o estado de sitio restringir-se-á nas medidas de repressão contra as pessoas, a impor :*

1.º *A detenção em logar não de tinado aos reus de crimes communs ;*

2.º *O desterro para outros sitios do territorio nacional.*

Ora, destes termos claros e precisos deduz-se que a propria Constituição limitou os effeitos do sitio.

Quiz que elle não fosse nas mãos de um poder, sempre propenso a abusar de sua auctoridade, uma arma perigosa e, por isto, restringiu-o nos n.ºs. 1.º e 2.º do seu § 2.º.

Dir-se-á, porem, que as immuniidades são *garantias* e que, consequentemente, estão comprehendidas nas que são suspensas, ex-vi do art. 80. É um engano, porque as immuniidades parlamentares são prerogativas inherentes às funcções que exercem os que desempenham um mandato legislativo, e não *garantias* dadas aos cidadãos contra os arbitrios do poder. Provando o acerto desta opinião, disse um illustre deputado paraense as seguintes palavras, em que brillantemente estudou a improcedencia dos argumentos apresentados pelos que pensam ser o sitio a lei marcial e collocam, entre as garantias que elle suspende, tambem as immuniidades :

Supponho a immuniidade parlamentar completamente fóra das garantias constitucionaes a que se refere o art. 80. Estas são as dos individuos para com o poder publico e não as de um ramo do poder publico para com outro. E tanto é assim que as garantias constitucionaes do art. 72 da Constituição podem ser invocadas contra qualquer acto do legislativo, no exercicio de suas attribuições.

Assim é que, si o legislativo elaborar uma lei contraria a uma destas prescripções ou garantias, estabelecidas como sal-



vanguarda dos cidadãos, indispensaveis em um governo extraordinariamente movel, como é o da Republica, si o Congresso fizer uma lei estabelecendo, por exemplo, a retroactividade de uma disposição, mandando que uma lei se applique a um periodo anterior áquelle em que ella foi feita, qualquer cidadão pode appellar para os tribunaes, requerendo a annullação della e os tribunaes julgarão de sua constitucionalidade.

São estas as garantias que ao sitio é permittido suspender, não só quando elle é decretado pelo legislativo, como quando é decretado pelo executivo, na ausencia do primeiro.

Passando a outra ordem de considerações: o poder executivo perde, durante o sitio, as prerogativas de que é cercado? Ninguem de boa fé dirá que sim; e no entanto muitos querem que o legislativo perca as suas immunidades.

É de notar que justamente este ultimo poder, se todos não representassem egual parcela da soberania nacional, era o que teria incontestavelmente a primazia sobre os outros, porque tem, em face do art. 90, poderes para reformar a Constituição.

Cita-se ordinariamente, quando se discute a questão das immunidades, os precedentes que tem havido entre nós.

Um abuso não justifica outro em tempo algum, principalmente tratando-se de um poder, por sua natureza, politico, como é o legislativo, contra o qual não se pode appellar para casos julgados, a exemplo do que succede com o judiciario.

Mas, mesmo entre nós, já o proprio poder executivo encarregou-se de demonstrar que o sitio não era a lei marcial, porque, na vigencia delle, querendo o immortal Marechal Floriano Peixoto instituir tribunaes militares, precisou fazel-o por um decreto especial, tenazmente impugnado mais tarde no Congresso e ao qual desrespeitou o Supremo Tribunal Militar quando, em uma luminosa decisão, reconheceu a sua incompetencia para julgar presos civis.

Parece-me que tenho mostrado mais ou menos imperfeitamente que o sitio não suspende as immunidades parlamentares, por isso que não é a lei marcial.



É verdadeira que o nosso Pacto Fundamental não as ressalva expressamente, como fez a constituição do Chile; mas de varias disposições deprehende-se que o espirito que presidiu à sua confecção foi este.

As immunidades são da essencia do proprio regimen representativo e na Inglaterra, patria desse regimen, só o poder legislativo—como disse um eminente parlamentar—tem competencia para suspender o *habeas-corpus* e o parlamento inglez, bem como o americano, goza de taes prerogativas que tem a faculdade de impôr penas, em virtude do desconhecimento ou offensa aos seus privilegios.

Falando sobre esse assumpto, affirmou o Sr. Gaspar Drummond :

É exacto que a democracia moderna tende a restringir o mais possivel a esphera das immunidades parlamentares consagradas nas Constituições. É uma tendencia nos paizes democraticamente avançados; mas ao lado desta corre parallela uma outra tendencia, haurida nos principios equalitarios, e é a de restringir o mais possivel o circulo de garantias constitucionaes que o estado de sitio pode suspender.

É mais adiante S. Exc. acrescentou :

Emfim, em todos os paizes onde o parlamento funciona sob o influxo constitucional, são consagradas constitucionalmente as immunidades parlamentares; em uns mais do que em outros, sendo certo que o espirito equalitario tende a cercar as immunidades do parlamento, porem ao mesmo tempo cercando o estado de sitio, de modo que as garantias constitucionaes que o cidadão perde como representante do povo, já o representante do povo tem adquirido como cidadão.

Todo o paiz recorda-se ainda do que foi a questão do adiamento do Congresso no governo do inolvidavel Marechal Floriano. Ella prendeu todos os espiritos e raras vezes, no parlamento brasileiro, houve discussão que mais vivamente agitasse a opinião publica..

Havia sido prorogado o estado de sitio e aquelles que tinham pedido essa prorogação sem immunidades, embora vencidos, queriam o adiamento do Congresso.

Tiveram então que bater-se com os mais illustres oradores da Camara.

Nessa occasião pronunciou monumental discurso o he-



nemerito representante desse Estado Dr. Junqueira Ayres, tão cedo roubado aos grande triumphos que, já naquella epocha, aureolavam o seu nome glorioso.

S. Exc. refiriu-se em sua eloquentissima oração a um discurso magistral do deputado paulista Dr. Herculano de Freitas, discutindo a questão das immunidades que o Congresso, por uma votação memoravel, reivindicara.

Disse S. Exc. :

Seria inutil repetir todos os brilhantes argumentos enfechados naquella indestructivel peça de sabedoria parlamentar (o discurso do Dr. H. de Freitas), que ao puz prestou, sem duvida, relevantissimo serviço.

Não posso, porem, deixar de rememorar os dois mais culminantes : quando S. Exca. provou que o estado de sitio não podia ser o estado de guerra, porque a Constituição não podia conter disposição que previsse e regulasse a sua destruição em todas as suas outras partes ; quando S. Exca. demonstrou que o estado de sitio não podia ser a lei marcial, porque, si o fora, a Constituição teria, ella propria, em um só artigo, destruido a organização federal do paiz, attentado contra a autonomia dos poderes estaduais, substituindo-os pela omnipotencia dos tribunaes militares, que tudo resolvem e decidem sob o regimen daquella mesma lei.

Ha nessas palavras uma synthese admiravel de argumentos irrespondiveis em favor das immunidades. E não é certamente fora de proposito relembra-la agora que o estado de sitio, applicado pelos que se dizem fieis cumpridores da lei, envolve a maior violencia ás regalias de que gosam os eleitos da soberania nacional.

Si o sitio fosse a lei marcial, si elle suspendesse as immunidades parlamentares, eu sou de opinião que o Congresso não poderia funcionar quando' elle existisse. Ficaria tolhido em sua liberdade para cumprir o disposto no art. 34 § 21 da Constituição e a phrase que já li algures—*a uma tribuna parlamentar amordaçada, com certeza a nação brasileira preferirá um Congresso coberto pelos pesados crepes do adiantamento*—seria sempre applicavel todas as vezes que o facto se desse.

Elle, porem, não é a lei marcial, por mais que o



procurem accomodar a conveniencias politicas de momento.

E' certo que as divergencias sobre a interpretação dos arts. da Constituição que o consignaram datam de 1892 pela ausencia de uma disposição clara e terminante a respeito ; mas a diversidade de opiniões, que deu em resultado deixar ao poder executivo uma esphera de acção illimitada, veio do desejo de não contrariar governos amigos.

Prova disto é ter havido tentativas para *regulamental-o*, tentativas que, devido a acontecimentos politicos que têm trazido graves perturbações á Republica, não tiveram nenhum exito, apesar dos esforços sinceros e louvaveis de alguns homens publicos.

Não se pode dizer que a deficiencia que se observa na nossa legislação. por falta de uma lei liberal e justa que fixe as restricções com que deve ser applicada essa medida, seja culpa deste ou daquelle partido.

Quasi todos os nossos politicos de responsabilidades tem cahido em palpaveis contradicções e sido victimas de suas proprias opiniões nessa questão por abandonarem, n'um momento dado, as idéas que anteriormente--com talento e brilhantismo--haviam manifestado.

E' certo que, quando as sociedades politicamente organisadas vivem no meio de agitações mais ou menos serias de ordem publica, nem sempre é possível, em face de situações imprevistas, exigir coherencia por parte dos mandatarios do povo, que têm maior somma de responsabilidades na administração : a necessidade de prestigiar, n'um determinado periodo, um governo que conta com o seu apoio leva-os a transigir muitas vezes ; de maneira que, quando mais tarde precisam recorrer ás garantias que lhes concede a lei, para que os seus adversarios parem no caminho das violencias, estão completamente desarmados.

Entre nós, isto é uma verdade indiscutivel.

Alguns dos que mais desassombradamente affirmaram outr'ora que o estado de sitio suspendia as immunidades parlamentares estão sendo hoje perseguidos



de accordo com as suas proprias opiniões; outros que sustentavão doutrina opposta são os que, com maior ardor aconselham a Presidente da Republica a prender deputados e senadores, cuja criminalidade se ignora.

Si, de futuro, estes volverem á adversidade, estarão appellando para as mesmas garantias que—uns ostensivamente, como representantes do poder publico, e outros pelo seu criminoso silencio—agora desprezeitam.

Para terminar eu faço minhas as seguintes palavras do senador Ruy Barbosa :

O estado de sitio é uma situação excepçãoaal, modifica o estado constitucional do paiz; mas não constitue um interregno, n.º suspende a constituição republicana.

A suspensão da constituição como o interregno da vida constitucional seria uma desgraça: seria a suspensão absoluta do principio da legalidade.

A meu ver a suspensão das garantias constitucionaes consiste simplesmente na suspensão das formas protectoras da legalidade, em relação a certos direitos cuja limitação está ligada á necessidade de repressão contra o crime, em graves situações que justificam a declaração do sitio.

AUGUSTO LYRA.



avo

(Do poemeto *Mãe*)

Inedito

Branca de neve, muito branca e meiga,
Eil-a, ninando-a carinhosa a rir.
—Ave que chalra na sonora veiga,
Vendo a Estrella da Manhã surgir.

Santa velhinha, santa pensativa,
Achas formosa tua neta assim?
Tu és a folha de uma sempre-viva,
Guardando o somno deste cherubim.

Tu és a hostia de ideal sacrario,
Lenda sing'la de subtis anhelos;
Ultima nota de um stradivario,
Alva, tão alva como teus cabellos.

Ai! quando beijas tua ingenua neta
Cuido que o beijo vai mudar-se em planta,
Por cujos ramos, a sonhar quieta,
—Em vez de rolas—a Carícia canta!

Settas azues e settas côr da Aurora,
Taes são os Sonhos, que em tu'Alma passam,
E vão subindo pelo Azul afora,
Rasgando as nuvens que no céu se enlaçam.



Em tua voz um ninho se pendura,
Como na Igreja a luz de alampadario ;
Ascende nelle para o cèò, tão puro,
A tua crença como n'um sacrario.....

Seja o teu beijo o pallio sacrosanto
Que occulte Branca do destino incerto.
Tece-o com Sonhos ! Faze delle um manto,
Eternamente... eternamento aberto !

Seja o teu riso a nuvem que fluctúa,
Pedindo ao sol que não macule a flor,
Que morreria de pezar, si a lua,
—Vendo-a manchada—lhe negasse o alvor !

H. CASTRICIANO.



Notas Scientificas

SUMMARIO :— A differenciação dos sexos.— Incubação artificial,— *O Argentarum*— Memoria dos peixes.

O phenomeno da concepção do individuo na parte determinativa do sexo tem até hoje ficado um ponto obscuro e os sabios ou o não ainda estudaram ou não o poderam ainda resolver.

Faz pouco tempo que os jornaes de Vienna d'Austria annunciaram uma grande descoberta feita nesse sentido pelo physiologo Schenk, que diz possuir um systema que, applicado ás mulheres, faz com que estas tenham filhos do sexo que desejarem.

O physiologo Schenk apresenta diversas pessoas, que, pelo seu systema, conseguiram ter filhos do sexo que pediam.

Para determinar á vontade o sexo do feto, é preciso primeiramente conhecer a sua formação, que começa ordinariamente depois do segundo mez da gestação.

Que o phenomeno da differenciação dos sexos opera-se depois da concepção, sobre isto não resta a menor duvida, porque, como bem ensina Hæckel, o ovulo é um organismo unicellular que se reproduz e se multiplica continuamente por si mesmo. Agora, si a differenciação dá-se pela adaptação indirecta ou potencial, ou pela adaptação individual é uma parte delicadissima da phy-



siologia que escapa aos nossos meios grosseiros de investigação e não pode cair directamente sob os nossos sentidos.

O Dr. Schenk, si descobriu de facto o systema de determinar o sexo, o que sò pode ter logar pelo conhecimento exacto do processo de formação, adiantou um capitulo importantissimo do conhecimento da especie humana que virá talvez resolver as grandes questões controversas sobre a theoria da descendencia de Lamarck, a selecção de Darwin, a theoria genealogica de Haeckel.

* *

Está hoje descoberto o processo da incubação artificial, que presta um grande incremento á avicultura.

Partindo do principio que o calor é bastante para determinar a incubação, construiu-se uma machina que já o anno passado figurou no concurso geral agricola de Paris.

Por meio dessa machina, «A universal», tem-se em pouco tempo uma ninhada tirada à vista de todos, porque o apparelho é de vidro.

* *

A pedra philosophal, que tanto preoccupou os alchimistas da idade media e «fez até o celebre doutor Fausto dar a alma ao diabo» parece que vai ter uma realidade pratica, pelo menos em parte, com o fabrico do *argentaurum*, ou a transformação da prata em ouro.

O dr. Stephen Emmens, dos Estados Unidos, foi o autor dessa descoberta, e o ouro *fabricado* já tem cotação na Casa da Moeda daquelle paiz.

Resta saber si haverá vantagem pratica nossa operação. Sob o ponto de vista scientifico, escreve G. Mareschal, a transmutação não é inadmissivel: muitos sabios estão hoje accordes para admittir a unidade de materia. As moléculas dos corpos são eguaes entre si; somente o agrupamento é que differencia os corpos. Para mudar um corpo n'outro que se deseja obter, é preciso isolar em pri-



meiro logar as suas moléculas e depois reunil-as u'um agrupamento que seja o do corpo que se quer obter.

A transmutação será tanto mais facil quanta mais afinimidade exista na constituição dos corpos.

E' o caso da prata e do ouro.

O Dr. Emmens não publicou o segredo do seu processo, e numa carta ao eminente sabio inglez William Crookés, limitou-se a dizer : " Tomem um dollar mexicano e ponham-no n'um aparelho que inpeça as suas particulas de se espalharem quando elle for dividido.

Submettam-no então a uma batadura forte, rapida, continua e em condições frigorificas taes que os choques repetidos não possam produzir sequer uma elevação momentanea de temperatura Depois, d'uma hora de trabalho, encontrarão *alguma cousa mais que traços de ouro.*"

Essa experiencia não é nova e ha uns cincoenta annos, um chimico francez, Tiffereau, obteve ouro puro, tratando o dollar mexicano por meio do azote; porem, esse mesmo sabio, applicando o processo á prata de outras procedencias, não tirou resultado satisfatorio.

*
* *

Os phenomenos do systema nervoso dos peixes ainda não estão devidamente estudados e ha mesmo quem negue nesses vertebrados a manifestação da intelligencia e da sensibilidade.

Entretanto, certos factos mostram que os peixes são dotados de algumas faculdades communs aos outros animaes e offerecem, neste particular, um interessante campo de pesquisas.

Muitos zoologistas têm constatado que os peixes creados em viveiros conhecem perfeitamente as pessoas encarrregadas da sua nutrição e venhem á hora fixa ao logar onde é costume deitarem-lhes a comida.

Por certo, si os peixes não fossem dotados da faculdade da memoria, para se rocordarem o tempo e o logar em que recebem o alimento, não podiam fazer isto instiuctivamente, mesmo porque o instincto já é um phenomeno do systema nervoso.



O professor Franklin conta o caso de um lucio reconhecido. Esse animal vivia num vasto tanque de bordas de cimento. Um dia, perseguindo uma presa com a vivacidade e o encarniçamento peculiares á sua especie, deu com a cabeça na aresta de alvenaria e feriu-se gravemente. Assim permanecia de barriga para o ar, a cabeça partida, quando passou o Dr. Frauklin. O sabio, tanto por curiosidade, como por compaixão, apanhou o peixe, examinou a ferida, suturou-a e pensou-a cuidadosamente.

O lucio curou-se rapidamente, e, tempos depois, o dr. Franklin, ao approximar-se do tanque, teve a surpresa de ver o peixe apparecer à superficie e dirigir-se a elle.

Podia ser um acaso. Mas para certificar-se, o dr. Franklin fez a volta do tanque. O peixe seguiu pela borda, manifestando a sua satisfação por saltos a egres. O doutor, abaixando-se, apanhou o lucio sem que esse desse o menor signal de receio; parecia, pelo contrario, muito satisfeito.

Nos dias seguintes, sempre que o dr. Franklin se approximava do tanque, via apparecer à tona d'agua o lucio reconhecido.

Bem se vê nesses casos uma manifestação da intelligencia e da memoria.

M. D.



BIBLIOGRAPHIA

Machado de Assis—estudo comparativo de litteratura brasileira—por Sylvio Romero—Laemmert & C., editores—Rio de Janeiro—1897.

E' mais um valioso trabalho do laborioso critico sergipano, dr Sylvio Romero, o infatigavel e erudito defensor da escola litteraria do Recife, em confronto com os mais eminentes e consagrados representantes da litteratura do sul do paiz.

Machado de Assis é um estudo consciencioso do valente polemista e notavel auctor da *Historia da Litteratura brasileira*, no qual elle approxima do festejado mestre da actual geração litteraria do Rio de Janeiro, creador de Braz Cubas, o solitario da Escada, Tobias Barretto, a meu ver e sem hyperbole o maior talento analytico e o mais profundo espirito philosophico que tem produzido até hoje o nosso paiz,

Tobias errou, por vezes; a sua obra, pequena em volume, mas de inextimavel valor para as letras Juridicas do Brazil, resente-se, em muitas partes, dos defeitos naturaes do seu papel de propagandista, que sahia de um passado de ignorancia e pertinaz conservatismo de uma philosophia retrograda e incompativel com os avanços da intelligencia em outros paizes para descortinar aos olhos pasmados dos seus velhos collegas inveterados no erro e á curiosidade sympathica e interrogadora dos novos a corrente de luz, do germanismo juridico, philosophico.

Já a revolução se tinha operado no exterior, no campo do Direito, penetrando as conquistas dos pensadores nos codigos das nações mais adiantadas e o Brazil



ainda jazia nas velhas tradições de ha cem annos, fechando os ouvidos os seus directores intellectuaes ás lições dos reformadores da velha e imprestavel sciencia, superficial e fetichista.

Coube a Tobias a gloria de iniciar os seus discipulos no conhecimento das novas theorias, familiarizando-os com os livros profundos do saber, levando-os, pela magia e convincente prestigio da sua palavra de fogc, nas preleções e nas palestras, até os umbraes d'esse edificio grandioso da penetração philosophica dos modernos juristas da Allemanha e dos outros centros do saber, onde as absoletas theorias do direito contemporaneo das *ordenacoes* já não vigoravam havia muito. Esta propaganda do mestre respeitado da Escola do Recife viscou e floresceu, apresentando-se hoje, pelo orgão de um Clovis Bevilacqua, ao acatamento e respeito dos mais cultos representantes da litteratura juridica.

Do estudo comparativo do eminente critico de Machado de Assis resalta a superioridade do notavel brasileiro que na solidão da Escada robusteceu o seu espirito com o estudo serio e acurado dos profundos juristas da Allemanha, no conhecimento dos quaes o seu grande talento encontrou a armadura irrompivel com que defendeu-se, sempre vencedor dos ataques da ignorancia e da inveja.

Comprehende-se facilmente, com a leitura do livro de Sylvio Romero, que o grande artista do Braz Cubas não pode absolutamente ser collocado em plano superior na historia das letras do Brazil ao em que justamente se deve assignalar a Tobias Barreto que, até hoje, tem sido mal julgado nos circulos mais notaveis da intelligencia no sul do paiz.

Machado de Assis é estudado talvez um pouco desamoravelmente pelo seu erudito e respeitado critico.

Sylvio Romero não pode perdoar a injustiça inverradamente feita ao seu grande amigo Tobias, e é com amor e respeitosa veneração, explicavel e digna, que saienta o valor do sabio professor do Recife em confronto com o elegante e excentrico Machado de Assis.

Pelos novos processos da moderna critica, pelos quaes é mister estudar o livro do auctor e a sociedade



a que este pertence, Sylvio Romero aproxima os dois illustres mestres e aprecia-os detalhadamente nos diversos momentos em que os seus espiritos de elite se encontraram a tratar de assumptos correlativos e semelhantes.

Para mim o interessante estudo de Sylvio Romero tem o grande valor de elevar Tobias, sem diminuir Machado de Assis, em quem reconhece o critico um espirito possuidor de optimas qualidades de escriptor de raça, pondo em evidencia o seu talento de analyse psychologica, a sua espontanea sympathia pela dignidade humana, a sua facilidade de generalisar os factos e as ideas, que dão á sua alma o sainete moralisante que o humour e o pessimismo, empregados pelo grande artista, como diletantismo, não podem apagar.

Inverno em Flor—romance por Coelho Netto—editores Laemmert & C.—Rio de Janeiro—1897.

É o segundo livro da collecção *Alva* do grande estylista Coelho Netto, um dos mais sinceros e eminentes batalhadores intellectuaes no nosso, infelizmente, ainda acanhado meio litterario.

Abre o romance uma bella e eloquente dedicatoria ao dr. Erico Coelho, datada de Boa Esperança—março—1894, na qual explica o auctor ter escripto a maior parte do livro junto ao leito de um seu filho moribundo e que deve ao illustre clinico a quem dedica a obra os estimulos que o fizeram ensaiar o genero, no qual revela-se com todos os titulos para vir a ser em breve um dos melhores cultores.

O pouco espaço no presente numero d'esta Revista



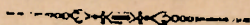
impede-nos de fazer a analyse do «Inverno em Flor», trabalho que ficará para o numero seguinte.

E' um romance notavel, no qual são estudados alguns aspectos da vida fluminense em estylo de mestre, opulento de descripções bellissimas e no qual o auctor penetra n'esse abysmo que os modernos psychologos tem allumiado da alma humana.

A. M.



DIVERSÕES



Logogripho

(Soneto do Giz)

Guerreiro audaz ! Altivo General!--2, 9, 2, 5, 8, 2.
Valente defensor da liberdade!--5, 8, 2, B, 5, 11, 3, 6, 2.
Em teu peito febril a mocidade--6, 2, 5, 11, 6, 11, 2.
grava o nome teu, nome immortal!--6, 7, 5, 8, 9, 10, 2.

Sereno, resististe ao vendavel—B, 2, 5, 5, 11, 12, 6, 11.
da calumnia ferina que não ha-de—10, 5, 4, 8, 6, 11, 2.
em tempo algum manchar-te a probidade--7, 2, 5, 11.
nem te abater da Gloria o pedestal!--7, 2, 3, 5, 11.

E's. qual outro invencivel, Floriano,—2, 12, 6, 11, 5.
o terror da monarchica avareza—11, 12, 12, 2, 1, b, 5, 2.
e o idolo do paiz republicano!--2, 5, 11.

Déste caça á fanatica fereza
de Canudos, varrendo--sempre ufano—4, 3, 8, 1, 2, 9, 2.
os lacaios da torpe realesa !

Natal. 12 de Janeiro de 1898.

URSULINO HELCK.



1898 - Março - 6

Uma excursão pela criminalística

O homem, socialmente considerado, pois é um animal politico, na phrase de Aristoteles, precisa de uma lei que o dirija de sorte a não perturbar pelos impulsos do egoismo e das paixões a coexistencia social; entregue a torrente impetuosa dos seus instinctos e incitamentos. obedecendo apenas aos preceitos que elle mesmo creasse para o seu governo pessoal, o ideal da sociedade. que outro não é sinão a harmonia entre as moleculas que constituem o organismo—estado, seria impossivel de attingir, porque cada vocação, cada capricho, cada paixão, que desabrochasse em facto, se tornaria elemento perturbador da mechanica social. que deve ser tão perfeita como a mechanica dos astros.

D'ahi como corollario fatal, a necessidade de uma lei, de um principio dirigente dos actos individuaes, que previna a desordem emanante de um regimen, em que cada um erigisse a sua vontade em supremo legislador.

Essa consequencia não é completa, pois que a Lei sem força, sem os meios de se tornar exequivel, pode ser grave e solemne como o Moysés de Miguel Angelo, que afinal não passa de um bello marmore, mudo e sem vida; mas ella precisa ser praticamente boa na realidade da applicação aos casos de reacção aos seus preceitos e de preencher o seu fim de harmonia, de equilibrio social.

A menos que não se acredite n'uma idade de ouro, que o espectro das sete cores, a imaginação dos poetas, nos pinta como tendo existido no seio de um



remotissimo passado, existencia de uma paz de lagos azues, de estrellas immoveis, a vida revelou-se sempre, atravez das epochas, um grande combate, que todos os poemas epicos cantão para perpetuar a gloria dos triumphadores e a bella *pose* com que cahem os vencidos.

N'este *struggle for life* em quaesquer dos estadios da evoluçãõ humana, sob todos os climas, ao influxo de todas as culturas, o principio repressivo resaltou como uma força statica, como elemento conservador da ordem social, desde a primeira cellula do organismo politico, a familia, até o Federalismo, forma mais fecunda das sociedades, na phrase de um escriptor.

Na genese das sociedades, no momento em que se deve ter dado a transiçãõ do principio biologico para o sociologico, o facto repressivo achou-se misturado com todos os primitivos costumes dos povos, como primeiro producto da sua cultura, incipiente reflexo, lampejo ainda indeciso da tendencia de condensaçãõ, de crystalizaçãõ de forças desaggregadas e esparsas.

O primeiro soffrimento infligido, com a physionomia de um instituto penal, qualquer que tenha sido a sua forma pratica, assignala o conflicto nascente entre o individualismo e o impulso natural para a aggremaçãõ, entre os sentimentos de pura animalidade, instinctivos e grosseiros, fructos primordios do egoismo inculto, e o altruismo, polo então não sondado do espirito humano.

Como fonte lustral que nasce do mais secreto recesso da montanha velada por eternas neves, o direiro primitivo origina-se dos primeiros organismos sociaes, dos quaes é coevo, e aos poucos, gotta a gotta, como estalactites que se formão no interior das grutas, vem se estractificando atravez das diversas civilisações, até constituir a grandiosa estructura juridica, sobre a qual a sciencia não lançou ainda o velarium estrellado, apresentando-a definitiva e completa.

Considerado *ab initio* uma força defensiva, seus principios variavam e soffriam os influxos dos interesses do momento, passando pelos avatares impostos pelas necessidades politicas dos organismos collectivos em que



tinha de influir, convertendo-se muitas vezes em instrumento de despotismo e oppressão.

D'ahi essa monstruosa e extraordinaria variedade de supplicios e martyrios que abriu na consciencia moderna a fonte suavissima da piedade.

Essa mesma defesa social, como origem da punição, é a primeira aurora do evoluir da sciencia penal, porque anteriormente a pena era um acto de vingança pessoal, na ausencia de uma organização politica, que pudesse exercer essa funcção; necessidade fatal de conservação pelo processus da repulsa da força individual pela força individual, exercitada pela familia.

Abre-se a era da theoria da expiação affirmando que o direito de punir não nasce do interesse do Estado, proclamando com o allemão Kant o principio da justiça absoluta como elemento constitutivo, exclusivo e unico da lei penal.

Para esta eschola, que afastou-se da verdadeira concepção do crime, a sociedade é um ser abstracto e as leis repressivas verdadeiros codigos de moral, que deverião ser transmittidos, em meio de trovões e relampagos, do alto de algum novo Sinai, pela propria divindade.

O criminoso é um ser normal que se transvia por momento e, realisada a expiação, retorna ao gremio social perfeitamente purificado.

No seio d'essa eschola surgiram divergencias que humanisaram um tanto as theorias do illustre professor da universidade de Königsberg, concedendo com Guizot, Broglie e Rossi, que a punição não deve fulminar sinão violadores de preceitos moraes que sejam tambem preceitos da lei social.

Essa concessão arruinou a eschola que hauria nas nuvens o fundamento da pena, reconhecendo implicitamente que esta é um elemento statico social.

Do que vimos de escrever, como atravez dos accidentes do sólo, de irregulares pedregulhos, deslisa o fio d'agua clara, deflue o principio de que a pena é um producto variavel, tomando a feição de cada desdo-



bramento da estrutura politica, á qual vae se adaptando como elemento de estabilidade.

Por isso diz Holtzendorff que Estado, Direito e Pena são completamente inseparaveis um do outro, no sentido de que todos tres botaram da mesma raiz historica, da mesma necessidade ethica da natureza humana.

Em nossa epocha, fecundissima para a cultura do direito, duas escholas brilhantemente procuram arar o terreno da criminologia:—a positivo-naturalistica, que tem como representantes Lombroso, Garofalo e Ferri, e a positivo-sociologica, que tem á frente o talento fulgurante de Tarde e de outros.

Erguidas sobre os modernos processos da sciencia positiva, que creou a sociologia e fez da sociedade um producto natural do instincto do homem, já previsto pelo genio de Aristoteles que, como escreve Alfredo Espinas, «a considerava um ser concreto fazendo parte da natureza e estudado pelo methodo da analyse experimental», a primeira d'essas escholas tem por principal factor do phenomeno criminal o meio ambiente e causas physiologicas, e a segunda certos desequilibrios ou inadaptações sociaes.

Para a eschola positiva, naturalistica ou sociologica, o delicto é um ataque á contextura social e a pena o escudo que lhe é opposto, o refluyente necessario e fatal para illidil-o, reconstruindo o exercicio do Direito, que «sendo o exercicio da mutua liberdade, realisa o accordo de vontades, produzindo a equação dos interesses, isto é, o facto bilateral, com que cada um resiste ao conflicto do meio sociologico».

A sociedade, como ficou dito, é uma das modalidades dos universos cosmicos e psychicos e o homem, que a integra, não está, na phrase de Haeckel, acima da natureza: elle faz parte d'ella.

O delicto é um facto social, como a tempestade é um facto natural que perturba por momentos a placidez dos elementos—portanto, a psychologia, «que abrange a serie de actos subjectivos de sensibilidade, de intellectualidade e de vontade, motivados pelas fun-



ções de relação da vida animal, limitando-se aos modos das suas manifestações», a physiologia, que se occupa das funcções executadas pelos órgãos ou por seus apparatus, e a medicina mental são os elementos que constituem a base de todo estudo do delinquente.

A eschola que se convencionou chamar classica idealizou o delicto uma abstracção e o define—*il reato è un ente giuridico, un'infrazione e non un'azione*, e o delinquente um ser integral, sensível, dotado de intelligencia, liberdade e moralidade, com deveres a cumprir e direitos que é preciso respeitar:

Essa eschola ergue sobre um alicerce de poeira a noção da responsabilidade—o livre arbitrio.

A corrente de opinião opposta ao indeterminismo vem de remoto preterito; a philosophia de Socrates, Platão, dos Stoicos, Hobbes, Locke, Spinoza e Hume a perlustrou, marchando em linha parallela, opposta, Aristoteles, Epicuro, Carneades, Descartes e Leibnitz.

«Foi o velho philosopho de Koenigsberg, diz illustre professor de direito no Recife, quem procurou ligar os extremos por meio de concessões feitas a um e outro lado, proclamando a liberdade para o mundo nomenico e o determinismo para o mundo phenomenico.

E accrescenta que a conciliação era impossivel porque o neumenon de Kant (a substancia neumenica immaterial), escapa a todo processo de estudo.

A questão resolve-se em face da physiologia e da psychologia, uma estudando os órgãos, os seus apparatus, e a outra os actos subjectivos, productos d'esses órgãos ou apparatus, taes como se manifestam e associam.

Entrai em vós mesmo e achareis um deus.

Si quizerdes penetrar no mysterioso tabernaculo da consciencia, diz um profundo escriptor, onde esse deus reside, não chegareis a elle sinão pelo estudo das leis do organismo; sem esta condição, essa imagem divina será velada por um triplice muro de nuvens. *Platonisar* a observação physiologica do corpo humano, louvar-se unicamente nas visões da razão pura, nos es-



paços do absoluto, é um meio de afastar a verdade das cousas.

Quando se observa o movimento das molas do organismo sente-se que a vida se manifesta por dois phenomenos distinctos—a sensibilidade e a contractibilidade, uma dependente do systema nervoso e outra do muscular: d'ahi as chamadas *forças sensitivas* e *forças motrizes*.

Pelos nervos o individuo recebe impressões externas e do proprio organismo, as quaes transmudam-se em percepção, actos intellectuaes e moraes, pelo concurso de acções organicas ou synergia, e esses actos, por sua vez, se exteriorisam irradiando-se do centro nervoso á superficie do corpo (periphéria).

A força vital da contractibilidade, produzindo a contractão ou o esforço, existe, como diz Bichat, em todos os phenomenos physiologicos, em todos os casos de molestia, ao lado da sensibilidade, agindo pelo influxo cerebral dos nervos; pelo que Collen chama acs musculos extremidades moveis dos nervos.

E aqui cai a talho de foice o que diz T. Braga na Phil. Positiva, pag. 103: «por cada gráo de transformação por que passa a impressão periphérica até retornar em idéa na substancia cinzenta cortical, assim se vae traduzindo exteriormente em uma reacção motriz sensível, ou apparente e voluntaria; nos animaes inferiores ao homem estas reacções motrizes são os seus actos de vida de relação; no homem è essa manifestação exterior da intelligencia o que se chama *Vontade*. Desde que duas noções se coadjuvam pela sua equivalencia similar, ou pela sua correcção mutua, essa noção recebida manifesta-se por uma reacção motriz, isto é, o individuo determina-se a obrar em harmonia com essa noção. Para comprehender essa reacção motriz da *Determinação*, basta observar como nos animaes inferiores um cheiro lhes determina a marcha sobre uma dada pista.»

Em face do exposto, a que se reduz o chamado livre arbitrio, archigonia, phenomeno de geração espontanea, que se revela aos iniciados nas suas mani-



festações livre da influencia ou determinação de qualquer motivo, e que logrou n'este ultimo arranco do seculo a defesa de Luiz Proal (*O crime e a pena*), julgando a physiologia e a anatomia insufficientes para estudar o delicto ?

Pelo que temos escripto vê-se que a causalidade é a força de que deflue a gestão dos actos humanos.

Admittir o livre arbitrio é negar a influencia constatada pela Mesologia, da raça, do clima, da hereditariedade ou atavismo, do sexo, do temperamento, da idade, da doença, do meio sociologico e do habito contrahido pelo homem (Phil. Posit.).

Os argumentos dos que terçam armas pelo livre arbitrio, garantidos pelo testemunho da consciencia, acham-se synthetizados por Bautain, (Phil. Morale § 31) no seguinte: 1°. a presença de uma força efficiente que nos torna capazes de produzir um facto por um esforço proprio, de modo que o *eu* não pode sinão attribuir-se á sua producção e á consciencia de que elle emana de sua vontade; 2°. que esta força efficiente pode querer tal cousa, de tal maneira, sem ter outra razão a dar da sua decisão sinão a sua propria decisão; 3°. quando o espirito está em duvida e a vontade como suspensa, o *eu*, pesando e apreciando os motivos oppostos, sente muito bem que elle pode, mesmo contra o bom senso, a razão e a lei resistir ao mais forte, acquiescer ao mais fraco, e assim terminar a crise por um acto proprio, *motu proprio*.

E' uma verdadeira miragem, uma sombra vã da liberdade que desvaira os indeterministas.

"Não tem um fundamento serio, diz o Dr. Clovis Bevilaqua, esta confiança no depoimento da consciencia a qual ostentão os partidarios do livre arbitrio. Quando praticamos um acto e affirmamos que poderíamos não tel-o praticado, a affirmação é gratuita, porque houve no espirito uma simples representação de factos positivos em antihese á existencia real de actos consumados, que não nos habilita a prejulgar, com certeza,



a effectuação d'esses actos, representados pela imaginação ».

« Essa declaração é simples e clara.

« Alem d'isso a illusão da liberdade tem outra origem ajuda mais intima ».

« Nosso pensamento nos parece livre, diz Wundt, não porque não obedeça a leis, mas porque é determinado por essas leis que residem dentro de nós mesmos. Todavia essas leis são precisamente as mais obrigatorias que existem para nós e d'ellas sahio a idêa de causalidade, segundo a qual consideramos como plenamente determinado o curso da natureza exterior ».

Eliminato il libero arbitrio, diz Allidiza, non si puo più parlare d'imputabilità morale.

N'este ponto a eschola classica aceita a affirmação ; ella dirime tambem a inputabilidade, porque a sua base da responsabilidade é a liberdade—« as pessoas puniveis são aquellas que tendo o livre exercicio de sua vontade e a plenitude de sua intelligencia d'ellas se servem para praticar um acto prohibido por lei (Tribucien).

O ponto de vista da doutrina positivo-naturalistica é, porem, diverso ;—relega a responsabilidade por imprestavel e prejudicial, considerando o delicto como facto biologico.

Com Kraepelin ella sustenta que o conceito da responsabilidade é imprestavel, e com o Dr. João Vieira « que é uma chimera psychica, uma pura illusão phantasmagorica que não pôde penetrar mais no pensamento moderno ».

E' a consequencia logica de submeter ás mesmas leis que regem o universo, a *factores cosmicos, physicos, o phenomeno—crime.*

Ao envez de fazer depender a responsabilidade do principio empirico do livre arbitrio, G. Tarde (*La Philosophie Penale*), o grande vulto da eschola positivo—sociologica fal-a originaria da identidade pessoal, identidade que é a permanencia da pessoa, a personalidade encarada sob o ponto de vista da sua duração e da semelhança social.

E' uma especie de transfiguração porque passa o conceito da responsabilidade, morio sob o ponto de vista do



classismo, emergindo do seio das novas idéas com uma phisionomia mais aceitavel.

Explicando a sua theoria diz Tarde :

“Em todos os tempos, julgou-se um ser responsavel por um facto, quando julgou-se que elle era e não outro o autor d'esse facto. E' um problema de causalidade e de identidade, não de liberdade, que se resolve por este julgamento. Admittamos o livre arbitrio, seja, mas ao menos deve-se reconhecer que ha uma vantagem pratica das mais incontestaveis em fazer repousar a responsabilidade sobre a identidade, que é um facto patente, antes que sobre a liberdade, que é uma força latente.”

E prosegue para completar a base da responsabilidade affirmando que “o auctor e a victima devem ser, mais ou menos, compatriotas sociaes, que apresentem um numero sufficiente de semelhanças de origem, isto é, imitativas.”

Sem pretender fazer largo e profundo estudo do *eu* para offerecer a plastica da identidade pessoal, de que o illustre criminologista faz o substractum da responsabilidade, estabeleceremos apenas que em cada individuo, por mais rudimentar que seja, na serie que tem por ultimo typo de perfeição o homem, pode-se apreciar a contextura organica sempre crescente em aperfeiçoamento, do mais elementar ao mais complicado, occorrendo que, nos que têm nervos, estes intervêm em todos os actos da vida e, como nos ensina um illustre escriptor, fazendo parte essencial dos nossos orgãos, servindo de laço commum às suas acções, fonte de suas relações, de suas sympathias, de sua coexistencia vital. elles são molas principaes dos impulsos organicos; a ligação intima de suas partes, a multiplicidade dos pontos de concentração; a segurança e rapidez das communicações; a variedade, a importancia dos effeitos dão ao aparelho nervoso uma tal preponderancia na economia que Hunter já disse que esse systema era verdadeiramente o *animal vivo*, o proprio homem.

Estabelecido o equilibrio resultante do systema ner-



voso, a relação justa entre a mobilidade e a concentração, se terá restabelecido a unidade individual—o eu.

O theatro d'esse processo de integralisação do eu é o cerebro, pelo que Luyz, citado por T. Braga, á pag. 235 da sua Phil. Posit. diz que a individualidade persiste como noção cerebral, mesmo quando uma parte d'essa individualidade foi separada do seu todo.

Dado aquelle equilibrio está estabelecida a identidade, isto é, que foi um individuo são que praticou o acto que o submette á responsabilidade.

A semelhança entre criminoso e victima, outro elemento constitutivo da responsabilidade, é menos uma questão de configuração phisonomica e craneana, do que o facto de convivencia no mesmo ambiente social, sob a mesma base cultural e influxo de uma mesma tradição historica.

O Dr. Clovis Bevilacqua, um cultor assiduo e incançavel do direito, entende que a theoria tardeana se completaria, accrescentando-se aos elementos já vistos da responsabilidade o *animus delinquendi*, isto é—que o acto delictuoso seja querido ou, pelo menos, previsto.

Obtido assim o conceito da responsabilidade, a figura do delinquente destaca-se nitida e clara em frente da justiça, que, serena e calma, tem de applicar-lhe a pena, modificando-o, curando-o, eliminando-o, preservando, emfim, o corpo social da sua acção dissolvente.

A pena é, portanto: qualquer que seja a sua forma pratica, um elemento statico da sociedade; como a figura armada de um gladio de fogo á entrada do jardim da perdição, ou a chamma mantida em deredor das tendas dos viajantes na India para afastar os tigres, ella mantem o organismo politico em perfeito equilibrio e quietação.

Canguaretama, 26 de Fevereiro de 1898.

HOMEM DE SIQUEIRA.



DE JOELHOS

Ajoelha, ó minh'alma, abraçando o madeiro
Onde morreu Jesus, o teu celeste amigo !
A seus pés acharás o pouso derradeiro,
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo.

Ajoelha e soluça... A noite, mãe piedosa,
Te aperta contra o seio e te ensina a rezar...
Balbucia a oração pequenina e formosa
Das estréllas no Cèu e das ondas no Mar.

Ajoelha e soluça, implorando a alegria
Que a saudade sem fim do coração te arranca...
É a graça de viver como a Virgem Maria
Eternamente pura, eternamente branca.

Ajoelha e repete a prece immaculada
Que aprendeste a rezar no tempo de creança ;
Deixa a prece subir como uma aria encantada
Se evolvendo da terra ao paiz da esperança.

Ajoelha e soluça... A duvida que importa ?
Ninguém poderá rir ante uma dor tamanha...
Todos beijam a Cruz, todaa descrença é morta,
Quando chega-se ao pè da sagrada montanha.



De joelhos, minh'alma, ao pé do lenho santo
Onde soffreu Jesus a derradeira pena!
Deixa cahir-lhe aos pés em gottas o teu pranto
Que as enxugue, no Céu, a doce Magdalena!

Ajoelha e soluça, implorando a alegria
Que a saudade sem fim do coração te arranca...
É a graça de viver como a Virgem Maria
Eternamente pura, eternamente branca.

Serra da Raiz—2--98.

AUTA DE SOUZA



A QUESTÃO DREYFUS

Incontestadamente é esta uma das questões que maior interesse tem despertado e que mais vivamente tem abalado e ainda, na hora presente, continua a agitar a opinião publica neste fim de seculo, maxime depois que a voz poderosa do eminente escriptor Emilio Zola feriu a nota de rebate, em nome da Justiça e da humanidade.

A intervenção do famoso romancista, tres annos depois da condemnação do infortunado ex-capitão Dreyfus e após a absolvição do coronel Esterhazy, a quem a corrente de opinião, cada dia crescente, em favor do desterrado da ilha do Diabo aponta como o verdadeiro culpado, tem tido a mais sympathica repercussão; e, deste e do outro lado do Atlantico, seja na metropole da intellectualidade latina—no proprio theatro dos acontecimentos—ou fora della, levanta-se uma verdadeira crusada das almas enternecidas com a evocação commovedora dessa tragedia terrivel cujo desfecho segregou da sociedade e da familia um homem innocente, chumbando-o por toda a vida ao solo aspero e deserto de uma ilha inhospita, envolto num sudario moral de opprobrio e infamia.

A penna erudita e amestrada do emerito escriptor francez, vasauado em documento vibrante de patriotismo, de verdade e justiça toda a indignação fundamente emocional que a consummação dessa pavorosa iniquidade gerava nos espiritos, attrahindo sobre a França os protestos da civilisação, tem fulgurações das intelligencias geniaes, tem o poder de impressão e convencimento da verdade mesma, que em tal grão só a podem com-



prebender, sentir e enunciar as almas de elite, que se formam e depuram com a cultura que eleva, acendra e ennobrece.

Emilio Zola, nessa questão, surgiu talvez providencialmente n'um momento psychologico da sociedade franceza em que sobre o prestigio da sua cultura moral, da honra e dos creditos de sua civilização, das tradições nobres e fecundas do seu nome ameaçavam pairar as sombras de um eclipse e o labéo de uma vergonha eterna. E o grande mestre, o altheta das luctas da intelligencia, o indagador indefesso da verdade, o valente iconoclasta das formulas; das falsas escolas e dos preconceitos sociaes, resiste á corrente dominadora, sãe da linha vulgar e dos moldes do seu tempo e do seu meio, e dando á sua personalidade o vigor e o prestigio pessoal de thaumaturgico heróe, brada alto em nome da justiça, torna defensavel a causa da innocencia, advoga os direitos da humanidade, e nessa campanha ingente propõe-se reivindicar a honra da sua patria e da civilização do seu seculo. Tudo isto é apenas ci-vei. Parece um conto fabuloso o afirmar-se que a coragem de um homem ousou scientemente, por um uever das consciencias illibadas, accusar o governo e a Justiça de uma poderosa nação, arrostando calma e resoluta com a animadversão em peso dos poderes publicos e com a furia odienta e apaixonada das multidões desvairadas—é um facto extraordinario, excepcional nos annaes da honradez e da coragem humana. E è dest arte que Zola collocou-se de peito descoberto á frente desse movimento eminentemente altruista que ora agita freneticamente toda a França, alarmando o velho e o novo mundo, para resgatar ás torturas de uma condemnação inexoravel e iniqua o inteliz Dreyfus. Certo é que a seu lado e de par com o seu tambem pulsam muitos corações generosos e agem sob o mesmo influxo vontades firmes e decididas, espiritos esclarecidos e bem intencionados.

A interferencia do grande romancista veio levantar o véo do mysterio que desde o seu inicio envolva essa temerosa questão, pondo em evidencia o clamoroso



erro judiciario, o inquisitorial sigillo que cuidadosamente velava todos os horisontes da verdade, a acção directa, criminosa e decisiva do governo e o accentuado character politico-religioso, que ella reveste agora e que por ventura constitue o fundo da grande tragedia.

Está visivel e palpavel, e é hoje um facto notorio e incontroverso, que um dos moveis activos, um dos nervos mais vibrateis do processo Dreyfus, que decidiu mesmo de sua sorte de victima preferida, foi sem duvida o antagonismo religioso. A revivescencia desse odio terrivel e inextinguivel, que ha custado á humanidade em diversas epochas um tão pesado tributo de dor e lucto de que dão noticia longas e tristes paginas de sua historia, vem de desencadear-se n'uma tempestade furibunda, implacavel e pavorosa contra os judeus francezes, a proposito do caso Dreyfus. E' este o centro em torno do qual gravitam nesta hora todos os espiritos mediata ou immediatamente interessados nessa grave questão.

Para chegar até esta conclusão, que impõe-se ineluctavelmente com a força de um facto demonstrado. é necessario não olvidar antecedentes da imprensa parisiense, que não ha muita tempo, ha cerca de 7 annos, abriu campanha violenta e tenaz, iniciada pela folha redigida por Drumont, contra a admissão de judeus para officiaes do exercito. E' o anti-semitismo franco, declarado, formidavel. acceso n'uma lucta viva, ardorosa, absorvente e avassaladora que imprime feição predominante à grande questão.

O crime por que foi condemnado o desgraçado Dreyfus vem reduzir-se a isto—á ser elle judeu! Esta qualidade constitue o maior elemento de prova do crime que lhe è attribuido, sobre tal fundamento architectou-se a sua supposta criminalidade!

E' realmente espantoso e inaudito, mas é o collarario que resalta da historia do processo, em que a perversidade subtil, o espirito trefego, imaginoso e fertile do coronel du Paty du Clan, official de policia judiciaria que dirigiu a instrucção processual, obedecendo á idéa preconcebida contra Dreyfus, poz em



pratica todos os expedientes imaginaveis de sua argucia e habilidade—occultismo, espiritismo, hypnotismo e tantos outros—e n'um labyrintho inextricavel e confuso pode envolver a responsabilidade de todo o estado maior do exercito, a partir do ministro da guerra, convencendo de que sò um judeu podia praticar o crime de traicão à patria e que esse judeu era o capitão Dreyfus.

Mas, pergunta-se, posto de lado o motivo religioso, o que serviu de base à incriminação de Dreyfus, em que provas repousa o fundamento juridico de sua condemnação?

Tudo isso é mysterioso, è phantastico, è romanesco, futil e inane.

As provas conhecidas até hoje reduzem-se, para assim dizer, aos fragmentos reconstituídos e collados de um celebre *bordereau* encontrado no lixo da embaixada alleman e comprado por um agente de policia disfarçado em trapeiro.

Esse documento, que nenhum valor especifico e determinativo contem, è escripto sem data, sem assignatura e sem endereço e encerra a revelação de segredos sem importancia attinentes à defesa militar da nação. Não discuto aqui a substancia criminal da communição em si, aprecio apenas o valor probante do documento.

Partiu elle, é certo, de um official do exercito francez, de um official de fileira com toda probabilidade, visto que termina por declarar o seu auctor que *partia n'aquella occasião para as manobras*.

O capitão Dreyfus era official de artilheria e n'aquelle anno não compareceu às manobras; explica-se esse ponto razoavelmente, sem sacrificio da coherencia e da logica?

Pretender demonstrar o contrario, é tergiversar maliciosamente, é incorrer em justa suspeição de parcialidade, de uma inepecia infantil ou de crassa imbecilidade. Fala-se e affirma-se que existe em poder do governo uma prova secreta esmagadora contra Dreyfus, a qual não pode ser conhecida do publico, porque á



sua publicidade oppõem-se fortes razões de politica internacional.

Mas onde o poder de conveniencia de ordem publica que justifica semelhante attentado contra o direito de defesa de um só homem, arrastado aos tribunaes de justiça militar de uma nação culta por crime infamante que contra elle concita a furia tómpetuosa e delirante de um povo, cegamente dominado pela paixão obsessora que esse crime levanta, sem que a favor do accusado militem effectivas, na formação de sua culpa, plena liberdade, a mais ampla discussão e publicidade das peças constitutivas do crime?

E, de par com irregularidades substanciaes e insanas como essa, correm parellas nesse celebre processo o odio de raça, o odio contra a nação rival, o receio de desagrado á grande potencia alliada, o espirito de classe e o temor subserviente da opinião publica, ameaçadora e intransigente.

Foi preciso que surgisse no meio desse mar turvo e revoltado de paixões desordenadas e bravias uma consciencia honrada, immune do contagio reinante, bastante forte, bastante viril, erecta, tersa como a lamina inflexivei é nua da espada da justiça, que tal se manifestou Zola aos olhos do mundo culto, para ousar um abnegado appello em nome da civilização e da humanidade, bradando contra essa monstruosidade juridica no intuito de provocar revolucionariamente a revisão do processo do pobre desterrado da ilha do Diabo.

Baldado, porem, o esforço supremo de tão nobre empenho!

O grande homem de letras da França acaba de attingir ás culminancias de um heroismo raro, com a perda temporaria de sua liberdade, por um anno, condemnado mais a uma multa no valor de 3000 francos, sem que, entretanto, conseguisse com o seu rasgo de generosa audacia o unico desideratum que visava.

No curso do processo e depois de quatro dias consumidos em debates secretos, a portas fechadas, restava apenas contra Dreyfus o *bordereau* e os pareceres de tres peritos (alguns destes de reconhecida incompetencia para os exames



graphologicos) que haviam examinado o documento. E' de notar que, alem da incompetencia em exames desse genero de que foi arguido um dos peritos e de uma contra-prova magistral offerecida pela analyse feita posteriormente por eminentes autoridades nessa sciencia, que formularam seus pareceres, affirmando não ser identica á de Dreyfus a letra do *bordereau*, é de notar, dizia, que sobre um dos peritos officiaes pesava natural suspeição, por suas relações de dependencia com o governo cujas intenções e desejos, na questão, conhecia perfeitamente.

Na pleiade respeitavel de abalisados graphologos a que acima alludi, especialistas de grande reputação nos dois mundos, que examinaram o *bordereau* e opinaram unanimemente não ser de Dreyfus a letra daquela peça, figuram os Srs. Gray Birch, Th. Gurrin e Schooling, ingleses; Carvalho e Arnes, americanos; Rongemont e Paulo Moriand, suissos; Marneffe, belga, e osr. Preyer, allemão.

Nos relatorios que apresentaram, esses distinctos profissionais não só demonstraram profunda investigação e grande competencia, como revelaram a maior seriedade e izeção de espirito no cumprimento do sua delicada missão.

Pois, ainda assim, destruido moralmente o unico elemento em que assentava a prova do crime de Dreyfus—o *bordereau*—, facto comprovado com a defesa vigorosa e brilhante feita pelo publicista B. Lazaro, foi, a despeito de tudo, sobre a base unica d'aquelle documento, que o cesariano tribunal militar francez eliminou da communhão social para desterro perpetuo a victima escolhida pelas machinações demoniacas de commandante du Paty du Clan.

Mas que contristador e compungente contraste o que nesta hora offerece o paiz glorioso de França, cuja existencia de nacionalidade tem sido inolvidavelmente assignalada pelos maiores e mais beneficos triumphos em prol da emancipação do homem, pelas conquistas immortaes da liberdade, alli onde á democracia foi erigido um palladio augusto, soberana garantia dos direitos humanos; que espectáculo doloroso esse—de ser a justiça,



a egide suprema e intangível do direito, transformada com horror em abominável instrumento assassino e os seus sacerdotes em sicários ferozes e cobardes, ferindo de morte a innocência e a honra de um homem, obsidiado e só, diante da civilização espavorida!

No grandioso activo de serviços que a nobre patria de Voltaire registra, como victorias fecundas do espirito, vai ser hoje inserida essa pagina vergonhosa que sobre elle se alastrará indelevelmente como uma nodosa enorme, esmaecendo o seu fulgor tradicional.

Provado que, afora o *bordereau*, nenhuma prova existia da culpa de Dreyfus, volvem contra o coronel Esterhazy todas as suspeitas, as mais fundadas, e a opinião sensata, criteriosa e imparcial, convencida da innocência do primeiro, aponta o segundo como o verdadeiro auctor da alta traição imputada ao infeliz desterrado.

Um concurso de circumstancias valiosas, razões verosímeis e aceitaveis indicavam a pessoa de Esterhazy como o culpado:—a. identidade da sua letra comparada com a do *bordereau*; a sua qualidade de official de fileira—circumstancia que explica a difficuldade de obter o manual de tiro a que se refere o *bordereau*, e o dever que obrigava o auctor do documento a assistir às manobras; as suas famosas aventuras femininas, a sua vida algre, mandana e notavelmente libertina, as suas dissipações e luxo habituaes, a sua paixão pelo jogo e, mais do que tudo isto, o facto altamente significativo e suspeitavel de ser elle o destinatario de uma carta-telegramma que foi-lhe dirigida por uma potencia estrangeira, documento que paira abafado em poder do governo e sobre o qual não foi aberto nenhum inquerito, como em tal caso se impunha e era de esperar.

O conjuncto desses factos, de que resulta de modo inilludível e claro não só a parcialidade do governo sinão tambem a sua cumplicidade e a do estado maior na clamorosa iniquidade praticada contra Dreyfus, foi que determinou a denuncia dada contra o coronel Esterhazy por Mathieu



Dreyfus, irmão da victima sepultada nos rochedos da ilha do Diabo.

Os effeitos legais da denuncia eram, logica e virtualmente, a revisão do processo. Mas, ainda dessa vez, foi sacrificada a justiça, tripudiando o arbitrio e a prepotencia do governo, a intriga e a mystificação do famigerado du Paty du Clan. Era necessario e fatal que fosse salva a todo transe a honra do estado maior compromettida, e foi, praticando-se pela segunda vez nova infamia judiciaria.

Foi, pois, a absolvição do commandante Esterhazy que levou a revolta e a mais funda indignação ás consciencias honradas e independentes, de que toraou-se interprete e órgão Emilio Zola, impellindo-o a lançar um documento rijo e invulneravel como um bloco de granito, no qual accusa com lealdade e justiça a interferencia do governo, a cumplicidade do estado maior e das repartições de guerra, evidenciando tambem a acção envenenadora e dissolvente da imprensa anti-semita.

Zola não conseguiu immediatamente o seu objectivo, falhou ao grande heroe esse recurso extremo com que pretendeu salvar a honra de seu paiz e prestar á civilização um relevantissimo serviço, e a sua interyenção marca a nova phase da momentosa questão, que toma as proporções de uma questão internacional, pelo character odiosissimo que assumiu—uma explosão de odios represados, um cataclysmo de paixões baixas, de ferocidade barbarica e inaudita, uma sanha raivosa, indomavel, com feição de furia epileptica attingindo ás raias da loucura collectiva, commocionando toda a sociedade--eis ahí a manifestação característica do anti-semitismo na França de Faure.

O caso Dreyfus foi o ovalo da campanha anti-semita, que hoje o mundo contempla e de que a civilização enrubece de vergonha.

Sim, de vergonha enrubece, tanto quanto se contrista e empallidece de pezar com essa evolvente descripta pela cultura franceza no final do seculo que fez subir o nivel moral da humanidade até um ponto do qual o fulgor das suas luzes deviam ter desvanecido a visão lugubre dessa mancha tenebrosa que ass'gnala a idade



media e estria de horrores e miserias as epochas das perseguições e das chacinas israelitas.

Quem diria que um dia, após o transcurso de irais de um seculo volvido sobre a implantação desse monumento moral immorredoiro, que se chama a Revolução emancipadora de 89 ou a proclamação dos direitos do homem, quem diria, repito, que o solo fecundo onde a semente da liberdade, disseminada a mancheias e cultivada com amor por almas de escol, rebentou n'uma cornucopia abundante de fructos abençoados, viesse, agora, oh! generosa alviçareira dos adventos do Bem, abastardar-se, cerrando o coração de seus filhos aos clamores da justiça—que geme amordaçada, ludibriada, mystificada e perseguida?

Pois que! alargaste, ò França, os horisontes da democracia que tanto tens apostolado, e foi, com essa clava magica, vibrada pelo teu pulso herculeo durante seculos, incançavelmente, que congraçaste os espiritos, estabelecendo em bases solidas a solidariedade social, que repelle o exclusivismo humano, para vires um dia, em plena efflorescencia desse ideal, proclamar praticamente o principio decahido, relegado com horror para as trevas do preterito,—do odio religioso, da guerra cobarde e singular contra uma raça pacifica, laboriosa, útil, e virtuosa? Não.

Quando mesmo fosse uma verdade incontrovertida o crime de Dreyfus, não podia elle em suas consequencias atingir os seus correligionarios.

Esse monstruoso criterio foi o dos inquisidores da peninsula iberica, de que os dois paizes estão sendo hodiernamente punidos pela justiça muda, infallivel e impessoal das cousas.

Portugal e Hespanha, com o massacre e expulsão dos israelitas, golpearam fundamentalmente elementos preciosos de progresso e perderam de prosperidade tanto quanto ganharam em opulencia e civilisação os paizes hospitaleiros que acolheram fraternalmente a raça perseguida, e disso offerece exemplo, alem de outros paizes, a Hollanda, possuidora da invejavel gloria de ser a patria de um



Spinoza, decedent», como é sabido, de uma familia judia oriunda de Portugal.

A guerra de morte que ora surge na França contra os israelitas é uma nota brutal e dissonante do modo por que actualmente é encarado o semitismo. Surge, ao contrario, em algumas nações do velho e novo mundo, como na Allemanha, na Austria, Suissa e America do Norte, o pensamento altamente democratico e humanitario de restaurar-se a nacionalidade judaica, e a esse nobre desideratum, que tem sido esposado por conspicuos pensadores e publicistas notaveis, denominam *sionismo*, que define aquelle pensamento, isto é, o intuito de ser reconstituída a nação judaica, na Palestina, restituída aos judeus sob um regimen legalmente garantido.

Essa aspiração dos judeus é provocada pelo anti-semitismo, por esse odio latente votado á raça inteira.

O grande pensamento já tomou forma concreta e teve o seu começo de vida pratica em Agosto passado, quando realizou-se em Baziléa, na Suissa, o primeiro Congresso sionista, em que ficou assentado o plano basico para a realisação da patriótica aspiração judaica.

A' frente desse movimento militam, devotada e efficientemente, espiritos de selecção que honram e enaltecem á cultura scientifica e philosophica da Austria e Allemanha representados por Theodoro Herzl e Max Nordau, aos quaes coube a honrosa distincção de dirigir os trabalhos da primeira sessão do congresso sionista, como presidente e vice-presidente nomeados por aclamação unanime dos 204 delegados semitas que compareceram áquella sessão.

O nome do auctor das «Mentiras Convencionaes» pode servir de bandeira a qualquer nobre commettimento, como uma promessa de exito, como um titulo de viabilidade e de prestigiosa recommendação perante o mundo culto, no qual tem elle realisaado a invejavel conquista de meritos que o emparelham com justiça aos mais distinctos sociologos modernos.

Lucido investigador da alma collectiva, analysta criterioso da mechanica social, espirito essencialmente observador e viril, o autor dos «Paradoxos» tem a profun-



deza de juizos e a certeza de golpes de um mestre, que tal se revela elle na sua excellente obra, com que terá prestado a mais preciosa contribuição na esphera em que a alma humana se debate sitiada pela onda empolgante dos preconceitos e convenções, nas suas manifestações e formas multiplas.

E' claro que pensadores da estatura de Nordau, que publicistas da ordem de Herzl—esplendida e vigorosa cerebração, espirito de estadista—philosopho com uns laivos encantadores de poesia, que já foi comparado aos Lassale e Disraeli—é claro, dizia, que a tentativa sionista é um facto serio, que se impõe actualmente talvez como unica solução ao problema do anti-semitismo, e que eu reputo como uma resposta antecipada da civilisação ao selvagismo que ora comprime as consciencias honradas na patria de Zola.

Transformado em realidade o grandioso projecto, esse sonho doirado que afaga e matisa de bellas esperanças a alma judia durante 18 seculos—o retorno definitivo á velha patria querida, cuja imagem, concretisada na visão constante da inolvidavel Sion, não se desvaneceu jamais—ver-se-á de quanto é ainda capaz essa nobre raça, tão inclementemente perseguida e humilhada.

No facto mesmo da resistencia e da firmeza irreductiveis, de que têm dado os judeus um exemplo sem par na historia da humanidade, não se deixando assimilar pelos povos entre os quaes tem vivido e aos quaes vinculam-os seus interesses vitaes, mantendo, a despeito de tudo, a crença e o cunho typico da origem, vê-se o attestado mais irrefragavel da vitalidade e do poder da raça que, unida e reintegrada nos seus direitos de nacionalidade parece ainda virá desempenhar um grande papel nos destinos humanos.

Conhecer a natureza humana, e pensar e meditar sobre o heroismo que não conhece simile dos judeus, ha cerca de dois millenios, supportando imperterritos e pacificos o odio que não cança, o odio conspirador e cruento que os assedia onde quer que se achem, é ficar convencido e contrangido a confessar que esse povo possui no mais alto gráo qualidades excepcionaes de vigor e tenacidade que,



cultivadas e desenvolvidas em meio apropriado, sob o calor fecundo do sol patrio, acabariam talvez por diluir as cores negras da legenda maldita que os deprime e a vilta.

Das cogitações sobre este problema, que se afigura solúvel a alguns pensadores, foi que surgiu o pensamento sicnista.

Quando todos os povos cultos ass'im procedem, vendo no judeu, não o representante de uma raça degenerada, mas o homem forte, intelligente e operoso, que tem como traço fundamental de seu character a mais energica e inquebrantavel força do vontade, que supporta com inexcedivel resignação, não já as difficuldades materiaes inherentes á concorrencia na lucta pela vida, mas o peso dessa tremenda animadve são dos outros povos—essa mão de ferro implacavel do destino, que, como o espectro de Banquo, os acompanha por toda parte—é, pois, renegando todos os direitos impostos pela democracia e creados pela civilisação que Paris arvora na praça publica essa bandeira negra da barbarie contra a raça judaica em nome do patriotismo francez.

O excesso da paixão derrama-se pelas ruas da bocca dos demagogos clericalistas, nos phamphletos e pela imprensa diaria, e vai ao ponto de buscar-se o judeu em sua origem para explicar-se a traução. Reedita-se a legenda da maldição da raça e comparam o crime o supposto crime do desgraçado Dreyfus, à perfidia do traidor do Monte das Oliveiras, entregando o meigo e adoravel mestre com o signa symbolico da ternura e da amisade, tal como Dreyfus, entregando ao inimigo a sua patria generosa, que o cobrira de honras e do seu prestígio moral, tão confiante em seu devotamento e lealdade.

É dest'arte os responsaveis directos—os que açulam e desvairam as turbas cegas e inconscientes—não attendem talvez ao que vai mundo em fora das fronteiras da patria.

Esquecem talvez, conturbados pela paixão que os febricitante e arrasta, que ha ao lado da sua nacionalidade uma potencia respeitavel e aguerrida, de olhos fitos na França, percebendo tudo o que ali se passa e que essa



forte nação, pelos seus representantes officiaes, já assegurou a innocencia de Dreyfus, e que o seu melindre nacional não está longe de ser magoado, porque ella bem presente, atravez dessa questão, o odio da nação derrotada em Sedan.

Oxalá não tenha o mundo de ver uma nova edição da *Dcbacle*.

PEDRO AVELINO.



Cultura intensiva

Não ha, no estudo e na apreciação dos factos da nossa vida economica, logar mais commum, tão commum que, por muito repetido já ninguem dá-lhe o minimo valor, do que o conceito do *essencialmente agricola*.

Com o vasto e uberrimo territorio que possui, o paiz poderia ser effectivamente *agricola*, mais no bom sentido, de paiz onde a cultura desenvolve-se e prospera pelo estudo, pelo methodo, pelo aperfeiçoamento cada dia realizado nos variados ramos da arte de extrahir da terra a maior somma possivel de productos uteis.

Nada d'isto, porem, succede.

A agricu tura n'este paiz tão *essencialmente agricola* é a mais descurada de todas as applicações da actividade individual.

Não ha methodo de cultura, não há a comprehensão do que pode o trabalho intelligente tirar do solo mediante o conhecimento scientifico d'este o emprego adequado dos estrumes, a escolha de tal ou qual plantação para este ou aquelle terreno.

Os mais rudimentares utensilios aratorios, o seu emprego muitas vezes tão proficuo são egualmente desconhecidos na lavoura do nosso Estado.

Reduzido systematicamente ao emprego moroso, nmiamente improductivo e relativamente pesado da fossil enxada, contemporanea talvez dos primeiros cultivadores da idade de ferro, o nosso agricultor ignora que com um simples instrumento agricola moderno e aperfeiçoado,



como a *mariposa*, --enxada de rodas em arado manual, -- um só homem faz n'um dia o mesmo serviço que *dez* com as taes enxadas.

Muitos dos nossos plantadores que, na epocha das *limpas*, empregam diariamente cincoenta ou cem homens, fazendo enorme despesa e sujeitos á tradicional preguiça, ao desleixo, á ignorancia e á insolencia do nosso camponez, desconhecem que um simples arado com uma junta de bois faz, em um dia, o serviço de quarenta homens.

Do mesmo modo que os utensilios da lavoura, o nosso agricultor desconhece a productividade multipla do solo racionalmente cultivado e, uma vez encetando um ramo de lavoura, fica eternamente e exclusivamente adstricto a elle, n'uma lamentavel rotina em que nem sequer tenta melhorar a exploração da especialidade a que entendeu ser forçado a dedicar-se.

Para exemplo, basta lembrar o estado da exploração da canna de assucar.

O conhecimento que o nosso agricultor tem da preciosa gramínea asiatica, da sua productividade, das condições do terreno que deve alimentar-a, dos adubos que requer, do trato necessario ao maior desenvolvimento da riqueza saccharina, é hoje o mesmo que tinha ha cem annos, isto é, scientificamente nullo.

Gerações de agricultores succedem-se na posse de um terreno, cultivam materialmente a planta, accetando com lastimavel resignação o enfraquecimento do solo, as doenças que accommettem-n'a, a diminuição da riqueza saccharina, sem tentar um esforço para remediar nada e esperando tudo da providencia divina que dá a chuva e o bom tempo, e da humana que dá o bom preço do seu producto pela especulação das permutas, ou pelo augmento do consumo.

Colhida a planta, o agricultor indigena, sem outro preparo que não a queima da palha, e, quando o terreno é *tradicionalmente* conhecido como fraco, a applicação de alguns estrumes nem sempre muito adequados,



repete o trabalho rotineiro do anno anterior, quando não limita-se a esperar pela fecundidade da *sòcca*.

Não obstante ser intuitivo que nenhum processo de extração poderá tirar da canna mais assucar do que ella pode dar, os unicos aperfeiçoamentos introduzidos referem-se somente ao fabrico do assucar.

De augmentar a riqueza da planta pelo melhoramento da cultura, pelo emprego intelligente de agentes apropriados, o nosso agricultor não cogitou ainda.

É sabido que a canna bem tratada, em bom terreno, nas melhores condições de cultura, pode dar 18% de assucar; mas essa vantajosa porcentagem, ao contrario do que muitos poderão pensar, não depende de modo algum dos processos de fabricação; é necessario que a canna a possua, isto é, que a cultura lh'a tenha dado.

Nem todos dispõem de optimos terrenos do famoso *massapé*, tão *milagroso* quanto a celebrada *terra roxa* de S. Paulo, e os que não o tem vão se contentando com a diminuta porcentagem parcamente obtida, porque ignoram os meios de augmental-a pelo melhoramento da cultura, especialmente no tocante á applicação dos adubos fertilisantes.

Geralmente, o nosso agricultor só emprega como estrumes, alem dos esterco, os detritos organicos vegetaes e o caroço do algodão. Si por ventura o terreno recebe uma pequena proporção da potassa indispensavel á nutrição das plantas, essa vem, sem que elles o saibam, das cinzas resultantes da queima da palha. onde encontra-se no estado de carbonato de potassa.

E ainda assim, si conseguem obter, durante muitos annos, safras remuneradoras, é apenas porque naturalmente a canna poucos principios mineraes extrahe do solo para sua nutrição e desenvolvimento.

O que se vê na cultura da canna dá-se mais ou menos na do algodão que constitue o segundo ramo de lavoura geralmente trabalhado entre nós.

Uma vez plantada a semente, o algodão não tem, alem das rudimentares limpas a enxada, outro auxilio



mais dos que os já referidos para a canna. Não ha escolha das especies mais apropriadas a este ou aquelle terreno, não ha selecção de sementes, não ha melhora-mento algum.

Não obstante o producto do nosso algodão sertanejo, pela extensão e resistencia de sua fibra, occupa um dos primeiros logares nos mercados consumidores, onde é conhecido como « algodão de Pernambuco », como o nosso assucar é « assucar de Pernambuco », graças ao absurdo systema de exportação intermediaria vindo dos tempos coloniaes.

Fora isso o agricultor indigena apenas conhece (conhecimento ainda peor que os outros) o cultivo rudimentar e rotineiro de alguns cereaes e de alguns legumes, nem siquer sufficientes para o consumo interno.

A cultura intensiva, a multiplicidade tão fecunda e proveitosa da exploração agricola, como já começa a praticar-se em algumas zonas de Minas e outros estados do sul, é perfectamente desconhecida no nosso meio *essencialmente* agricola, pois, por tal, não se pode entender as resumidissimas plantações quasi geralmente feitas tão somente para o consumo domestico do agricultor.

Vejamos alguns numeros :

No anno financeiro de 1896 o *valor total* da nossa exportação foi de 4.096.791\$971, dos quaes 2.121.256\$261, ou seja mais da metade, em algodão e assucar. Pois bem ; os outros productos vegetaes exportados, pondo de parte uma duzia de contos em caroços e residuos do algodão, são representados pela somma infima de : 303.928\$120. dos quaes 185.698\$000 de borracha e 111.649\$300 de cera de carnaúba, isto é, productos vegetaes independentes ainda de cultura, simples industria extractiva.

De modo que a exportação de productos da pequena lavoura, em todo o Estado, durante um anno, fica reduzida á somma de Rs. 6:580\$230 !...

Entretanto, um simples nucleo colonial mineiro, de recente formação, o nucleo Rodrigo Silva, produziu no



semestre de Janeiro a Junho ultimo : milho 48.000\$; batatas 52.000\$; feijão 7.000\$; alem de outras rendas provenientes de criações domesticas, cuja importancia pode-se avaliar pelos seguintes numeros : ovos... 9.580\$500 ; toucinho 22.701\$; leite 30.204\$ etc. A area cultivada d'aquelle nucleo é apenas de 1.025 hectares.

Em S. Paulo, a fabulosa terra do café, a producção d'esse genero, cada dia, sem que se saiba bem porque, mais depreciado nos mercados consumidores da Europa, tende a diminuir, ao passo que desenvolve-se com admiravel rapidez a exploração da pequena lavoura.

Os mercados paulistas, geralmente abastecidos de todos os generos da pequena lavoura, mas importados de outros estados ou do Rio da Prata muitas vezes por preços desconhecidos para nós começam a ver productos da sua propria lavoura rivalisando com os importados.

Até bem poucos annos a preocupação unica do agricultor paulista era o café ; ninguém empregava seu trabalho e capitães sinão na cultura da rendosissima rubiacea. A' proporção, porem, que a producção augmentava o preço diminuia, sem que se possa afirmar ser resultado da lei elementar da offerta e da procura, pois o preço de uma sacca em 1884, com uma exportação paulista de 4 milhões era de 4 libras esterlinas e em 1897 com egual exportação (depois de ter sido maior em 1896) era de uma libra e 15 shellings, apesar do augmento do consumo verificado cada anno.

Hoje, porem, ou por verem-se livres da especulação reinante em todos os ramos e dependencias da nossa vida economica, ou por comprehenderem as vantagens inestimaveis da pequena lavoura, os paulistas voltam-se com egual força de vontade para a cultura intensiva e os resultados já obtidos são os mais lisongeiros e mais auspiciosos.

Alem do cultivo da vinha já tão vulgarisado alli os cereaes têm tido um enorme desenvolvimento, bem verificado pela baixa dos preços, poucos antes eleva-



dissímiles de alguns productos de grande consumo. E' assim que, até ha pouco, o preço corrente de um carro de milho era de 200\$000, e hoje é de 40\$000--baixa de 80%., portanto. São intuitivas as vantagens economicas de tal incremento na cultura de generos anteriormente apenas obtidos por importação, que fazia sahir da zona productora capitaes que assim podem ficar e ser proveitosamente applicados.

E' uma vergonha que um paiz *essencialmente agricola*, como este, importe todos os productos agricolas de que carece para a sua alimentação--com excepção unica da farinha de mandioca e do café, pois até o assucar e o sal são importados depois de beneficiados pela industria estrangeira!

Um paiz, com tão extensas e ricas florestas, que importa madeiras, até sob a forma minuscula de palitos: um paiz que exporta milhões de litros de sal para importar-o depois acondicionado em vidrinhos; um paiz, como succede nos estados do sul, que, apezar de assucareiro, importa assucar, porque os plantadores d'alli estão preferindo empregar seus cannaviaes no fabrico da aguardente, um paiz assim a coisa unica que elle é essencialmente é--importador.

Vejamos mais uns numeros edificantes para o essencialmente agricola.

Durante o anno de 1896 foram importados só pela alfandega do Rio: milho 1.496.556 saccas no valor de 11.972.648\$; arroz 2.240.833 saccas no valor de 24,816.600\$; além de mais de 34 mil contos de trigo em grão e em farinha, que, por só ser susceptivel de ampla cultura nos estados do sul, não deve constituir *provará* n'um libello desapaixonado.

A rica terra do café importou em 1895, pela sua alfandega 600.000 saccas de arroz, 2 milhões de saccas de trigo, 3.250.000 killos de batatas, 150 mil fardos de alfafa 12 e meio milhões de litros de vinho e 650 mil saccas de milho.

Por uma estatistica publicada pelo « Jornal do Commercio » do Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1897 e transcrita de uma folha de Valparaizo, o Bra-



sil importou do Chile, em 1894, 64.730 kilos de feijão e em 1895—73.150 kilos da mesma leguminosa, considerada tão essencialmente brasileira...—alem de outros generos alimenticios, como batatas, trigo, frutas, etc.

Somos, portanto, um povo essencialmente agricola que importa todos os generos de primeira necessidade.

O que se vê no tocante aos productos da pequena lavoura, observa-se egualmente quanto aos da industria pastoril e vem mais de uma vez confirmar que nós brazileiros temos o dinheiro facil e o amor do exotico—admiraveis factores cuja combinação faz com que importemos tudo, não só para não ter o trabalho de produzir, como porque sempre parece-nos que o producto estrangeiro será melhor.

Importamos diariamente com o cambio de 6 e pouco, com os direitos, com a especulação, milhares de kilos de um genero duvidoso a que, convencionalmente, ao commercio indigena approve chamar *manteiga ingleza*, quando a quasi totalidade é franceza genero que, alem de caro, é falsificado.

Essa recommendavel qualidade não é só reconhecida em reteinadas analyses procedidas nos laboratorios especiaes. Toda a gente pode verifica-lo desde que conheça uma vulgar disposição das leis que regem a industria nos grandes paizes. nossos freguezes da Europa, principalmente a amavel França, de onde veem-nos a "Bretel" a « Lepelletier, » a « Demagny » e quejandas.

Os productos destinados à exportação e que, portanto, podem ser livremente falsificados porque só fôrão mal *aos outros*, devem conter no contiente ou involucro a declaração expressa—para exportação—*pour l'exportation*, para evitar ao comprador patricio o dissabor de adquirir gato por lebre. Medicamentos, generos alimenticios, todos são adstrictos a esse preceito. Ora, a tal manteiga traz quasi sempre aquelle titulo de recommendação, ou ainda legivel, ou encoberto por uma camada de grude qualquer na occasião do acondicionamento nas caixas.



N'este particular o fabricante francez faz com os seus freguezes—nós em primeiro lugar, porque parece que mais ninguem importa a quantidade que compramos da sua manteiga,—a mesma coisa que Bismarek declarou em pleno Reichstag, uma vez em que o seu governo foi accusado de tolerante para com fabricantes pouco escrupulosos de cerveja: «A cerveja acoimada de nociva e falsificada é destinada á exportação para a França»...

Poderão dizer que as suas manteigas de sebo, margarina e acido borico *sont pour le Bresil*.

Como exemplo basta.

Si as nossas despensas abastecem-se quasi exclusivamente de generos estrangeiros é porque o agricultor brasileiro entende talvez que agricultura só é café, açúcar e algodão.

A sua natural incuria, a desanimadora aversão que parece votar ás novidades introduzidas no seu trabalho, o seu genio indolente e commodista, infenso a quantas reformas ou innovações impliquem a mudança da rotineira vida que herdaram ou voluntariamente adquiriram—o segundo caso é pouco commum—o geral desamor pela profissão que, particularmente entre nós, só não abandonam quando não acham outra qualquer, o que muitas vezes succede até por empregos publicos, fazem com que de todos os paizes *essencialmente* agricolas do mundo, o nosso seja o mais *essencialmente* atrazado.

As lastimaveis consequencias do exclusivismo em materia de agricultura são faceis de reconhecer.

A actividade de muitos, os capitães, os auxilios do governo circumscriptos a um ou dois unicos ramos de cultura fazem, indubitavelmente, o progresso d'esses ramos—e já vimos ligeiramente quanto esse progresso deixa a desejar no que respeita á cannamas, em compensação, a grande lavoura abre porta franca á especulação mais desregrada que produz a instabilidade do valor do genero produzido como já viu-se em relação ao café. Em 1897 o café brasileiro era cotado nos mercados estrangeiros ao preço médio de 43 francos por 56 kilos ao passo que o de Java. em



nada superior, manteve-se ao preço de 120 francos por igual qualidade.

Tal especulação dando, com outras de igual valor, como resultado a baixa deploravel do cambio que presentemente torna tão lastimoso o estado dos nossos mercados, produz consequentemente a excessiva alta de todos os generos que importamos para alimentação, a começar pe os cereaes.

Por tal motivo é que o pão, principalmente no nosso meio, com ser de pessima qualidade aumenta diariamente de preço pela mingua sempre crescente do peso.

Particularmente para nós do Rio Grande do Norte são as mais tristes as consequencias do abandono da polycultura e o exclusivismo da grande lavoura.

Nem todos podem dedicar-se ao cultivo da canna por falta de terrenos apropriados ou dos capitais que requer a sua exploração, e como desconhecemos as vantagens da cultura intensiva, os braços desoccupados ou emigram ás centenas para os estados do extremo norte, ou atiram-se aos quarteis que lhes dão a vida ociosa compativel com a indole do nosso povo.

Não é argumento a allegação fundada na irregularidade das estações ; a não ser em periodo de grande seccas, felizmente não muito frequentes, a pequena lavoura parece darà sempre mais resultado que a cultura inintelligente de algumas braças de *massapê*.

A questão magna è, para nós, a falta da iniciativa, da perseverança, da coragem no trabalho. A prova d'isso pode ver-se no facto do quasi absoluta ausencia da industria extractiva, quando tantos braços vão applicar-se a ella nos climas menos favoraveis do Pará e do Amazonas.

Um exemplo. E' sabido que nos sertões do nosso Estado abunda a maniçoba (*manihot Glaziowi*) euphorbiacea que produz magnifica borracha e que começa a fornecer uma das melhores fontes de renda do visinho estado do Ceará.

Pois, bem ; agora é que começa-se a fallar na maniçoba entre nós. Em 1894 a exportação da bor-



racha de maniçoba extrahida no Estado foi de cerca de 30 contos de réis; em 1896 já excedeu de 170 contos a exportada pelos municipios de Mossoró, Macau e Flores. Parece indício de que já sabe-se o que vale aquella euphorbiacea, mas quanto è necessario ainda, e que depende só de vontade e trabalho, para ser uma fonte de renda publica e particular!

Agora começa-se a extrahir a seiva da maniçoba, como já extrahia-se a da mangabeira, isto é, sem methodo, sem preparo algum, aproveitando apenas o que a natureza espontaneamente offerecia.

Vejamos como fazem os que teem iniciativa. O governo francez no intuito nunca esquecido de augmentar a riqueza do paiz, já tão admiravel, procura constantemente meios de dotar as suas colonias com todos os melhoramentos agricolas compatíveis com os climas respectivos. E' assim que «em 1895 mandou fazer na colonia do Senegal um viveiro para a cultura da arvore da borracha do Ceará, cujas immensas vantagens promptamente reconheceu e que, pela semelhança dos climas, adapta-se perfeitamente aquella região africana. No anno passado dizia o Governador da Colonia no relatório apresentado ao respectivo conselho geral: «Mais de mil pés de maniçoba attingiram de 3 a 6 metros de altura e dão sementes que vão servir para a diffusão e propagação da preciosa arvore em todos os nucleos agricolas da alta e da baixa Casamance.»

O Governo do estado de S. Paulo, cujo clima, aliás, differe geralmente d'aquelle em que a maniçoba é espontanea, solicitou do do Ceará a remessa de sementes da rica euphorbiacea para o fim de disseminal-a tanto quanto possivel fôr no territorio d'aquelle futuroso estado.

Ao passo que isto succede fôra, nós que temos a maniçoba indigena nem sequer cogitamos sobre a extracção da riqueza que a natureza offerece, porque entendemos que só o assucar e o algodão teem valor venal.

Com relação aos algarismos que, da exportação dos



productos da pequena lavoura, extrahimos de documentos officiaes, cumpre ainda fazer uma nota.

De alguns d'aquelles generos faz-se pequena exportação para outros Estados, mas não porque haja sobra do consumo interno, pois, si tal succedesse, os preços seriam relativamente muito inferiores aos que sempre mantem no nosso mercado.

E' questão de lucros, porque de alguns d'elles, como do feijão, por exemplo, a producção é diminuta em todo o paiz. Em 1896 foram exportados 17.710 litros^m de feijão, (algarismo relativamente elevado) no valor total de 2.124\$200, isto é, à razão media de 108 réis por litro, quando no Estado o preço medio é ordinariamente, e desde muito, de 350 réis.

Assim, mantem-se o preço elevado dos de melhor qualidade que, muitas vezes, attingem até 800 réis por litro, porque o augmento de producção, que poderia fazel-o baixar, é exportado para outros mercados onde pode obter preço egual ou superior ao que aqui conserva.

Entre as plantas que, com a maior facilidade e o menor dispendio, podem ser cultivadas no nosso clima, a mamona occupa um dos primeiros logares pela sua productividade. Não obstante, não tem cultura alguma, porque nós preferimos importar o oleo precioso d'esta euphorbiacea, como importamos tudo mais.

Comtudo já alguns poucos vão comprehendendo que ha alguma utilidade n'ella, pois que, só de alguns pés disseminados em terrenos iucultos e dos que, em algumas zonas do sertão, costumam plantar ás margens dos *ro ados*, já em 1896 foram exportados 15,804 kilogrammas, (em 1894—31.160 kg.)

N'um solo, como o nosso, geralmente de admiravel fertilidade, são innumeradas as plantas productivas que a pequena lavoura poderia cultivar; falta-nos, porem, a iniciativa, a independencia da rotina inveterada que só faz-nos ver utilidade e valor na cultura irracional de duas ou tres plantas unicas.

Pela lei estadual numero 96 de 29 de Julho de 1896 foi creado um premio de tres contos de réis



para o lavrador do Estado que provar ter plantado cinco mil pés de café ou cacau, desde que comecem estes a fructificar. Seria bem conveniente que esse louvavel tentamen por parte dos poderes publicos fosse reproduzido para o fim de ampliar esse estimulo, equal cu maior, com garantias identicas de proveito, ao incremento da pequena lavoura.

Pondo de parte os paizes da Europa e da America, onde os premios annuaes á agricultura são uma verba indispensavel dos respectivos orçamentos, pois que todos reconhecem as evidentes vantagens d'esse methodo administrativo, varios Estados da União teem já enveredado pelo mesmo caminho na medida de suas forças. Em Minas, em varios municipios de S. Paulo, por parte das respectivas municipalidades, em Santa Catharina, teem sido concedidos premios á pequena lavoura, e os resultados são cada dia mais longeiros.

Cumpre aos legisladores e aos governos, nos estados fracos, dar a iniciativa que fallece aos individuos; os nossos já o comprehenderam e fazemos votos para que não desanimem n'essa rota com a mesma facilidade caracteristica de fraqueza que distingue a nossa raça em todas as tentativas de qualquer manifestação vital.

ANTONIO DE SOUZA.



Notas Scientificas

SUMMARIO : *A altura das nuvens.—As pequenas cousas —Liquefação dos gases—O trabalho dos macacos—O orthoformio—Mudança da cor nos negros—A arvore do cobre.*

Uma das principaes preocupações da conferencia meteorologica que se reuniu ultimamente em Munich foi a medição da altura das nuvens.

Os resultados obtidos pelos methodos do professor Hildebranson foram interessantes.

Cirrus, essas nuvens brancas e flocosas, compostas de neve, são as mais altas: elevam-se a 14.930 metros no verão e a 11.560 metros no inverno, tendo uma altura media de 9.923 metros. *Cumulus* são menos elevadas; sua altura maxima, no verão, é de 3.582 metros, baixando a 2.690 metros no inverno.

Geralmente a altura das diversas especies de nuvens varia entre 120 a 12.000 metros. Tem-se, entretanto, observado alturas muito superiores, sobretudo antes do nascer e depois do pôr do sol.

O professor dinamarquez Mohm avaliou em 132.000 metros a altura de uma nuvem observada no mar do Norte.

*
**

A sciencia applicada á industria, alem de utilidades de maior monta, tem essa de acabar com o que podemos considerar objectos inuteis.

Tudo é aproveitavel. A sola encarquilhada de um



sapato velho, o prego enferrujado de uma porta carcomida, prestam-se a transformações industriaes em objectos ás vezes da mais bella apparencia e da maior utilidade.

E' o grande principio da renovação.

Quem poderia nunca suppôr que a materia expellida do organismo, nessa funcção diaria a que todos estamos sujeitos, porem que, pelo seu prosaismo, è feita ás occultas, de um modo despresivel. nos logares mais reservadas das habitações, fosse depois transformada em substancia que se expõe, nas mãos das mais bellas e aristocraticas damas, á luz entontecedora dos salões de luxo ?

Pois bem, nada mais veridico. As materias fecaes, recolhidas das retretes, depois de convenientemente desinfectadas, são submettidas a processos chimicos e, feita a sua desaggregação, uma parte volta ao nosso organismo, pela seiva que vai emprestar aos vegetaes de que nos alimentamos; outra parte, transformada em saes, è muitas vezes aspirada pelas mais gentis senhoras, quando receiam ou fingem um faniquito.

O aproveitamento das pequenas cousas è sobretudo apreciavel nas grandes cidades e constitue um dos ramos mais rendosos da industria do lixo, que tem feito a fortuna de mais de um trapeiro.

Um negociante inglez impressionou-se certo dia com o grande numero de latas velhas que eram deitadas fora, completamente inutilizadas. Compreendeu que essas latas, devidamente tratadas, podiam ser empregadas no fabrico de brinquedos para creanças. Estabeleceu uma pequena fabrica, comprou um numero consideravel de latas velhas, foi desenvolvendo o negocio, montou uma grande officina e, em sete annos, fez uma fortuna de alguns milhares de libras.

Existe em Paris uma industria de bôlos baratos. Pois bem, esses bôlos não são mais do que os restos de pão desperdiçados nos hoteis, casas de refeição e particulares, atirados ao lixo.

O industrial que teve a idéa ds aproveitar esses residuos na confecção de uma nova comida está millionario.



*
**

Tem-se hoje o processo de liquefazer todos os gases, até mesmo o ar, que é tido como o mais permanente.

O professor Moissan, que foi o primeiro a produzir o fluor, conseguiu também liquefazê-lo, sob uma pressão de 22 atmosferas e numa temperatura de 185 graus abaixo de zero.

Para fazer passar esses corpos refractarios do estado gazoso ao estado liquido emprega-se um methodo, por assim dizer, de persuasão, induzindo os mais recencetemente liquifeitos a determinar os outros.

Assim, para se liquefazer um corpo, como o oxygeno, toma-se primeiramente um outro corpo menos refractario, por exemplo o acido carbonico, cuja liquefação é relativamente facil. Abrindo-se um tubo cheio de acido carbonico liquifeito, produz-se uma escapada brusca da qual resulta um frio de 79 graus abaixo de zero.

Utilisa-se então essa temperatura baixa para resfriar um recipiente onde se comprime um gaz mais refractario à liquefação que o acido carbonico. Seja o ethylenio, que, por sua vez evaporado, produz um frio de 135 graus.

Nessa temperatura e sob uma pressão de 22 atmosferas o oxygeno liquefaz-se, produzindo um frio de 185 graus que liquefaz por sua vez, sob a mesma pressão, o fluor.

*
**

Camillo Flammarion, nessa brilhante phantasia que escreveu ha pouco—*La Fin du Monde*—entre outras maravilhas do futuro, disse que, no seculo XXV, os criados de servir serão substituidos por macacos domesticados.

Presentemente, já não é uma novidade a utilização do chimpanzê nos trabalhos domesticose até mesmo nos da industria.

O capitão Mors, de volta do Transvaal, affirma ter alli empregado, nas minas que explorava nesse paiz



aurífero, macacos que substituíam, com vantagem até, os operarios communs.

Os pedaços de quartz eram-lhes confiados e eiles collocavam-nos methodicamente no lugar indicado. Tendo a vista mais aguda do que nós, nenhuma parcella de metal lhes escapava, e, quando deixavam um quartz, estava elle completamente limpo. Iam e deixavam o trabalho, sem repugnancia, ao primeiro signal e viviam alegremente na mais completa harmonia.

* *

Os professores Einhorn e Heinz assignalam as propriedades anesthasicas do *orthoformio*. que, como se sabe, chimicamente é o ether methylico do acido oxybensoico, e apresenta-se sob a forma de um pó branco, crystallino, leve, sem cheiro, nem gosto.

O *orthoformio* è empregado nas anesthasias locais e tem sobre a cocaina a vantagem de absolutamente não ser toxico.

Não tem acção, nem atravessa a pelle, porem, retirada esta, a sua acção é poderosa nos tecidos subcutaneos, e no systema nervoso, insensibilizando-os completamente, e opera maravilhas nas queimaduras graves do terceiro grão. nas ulceras e feridas ulceradas, no *cancer* ulcerado, nos cortes feitos por faca, vidro, esmagamento e em toda e qualquer ferida superficial ou mesmo das mucosas accessiveis. O Dr. Neumayer, de Munich obteve excellentes resultados em casos de ulceração tuberculosa da larynge.

Como se vê, o *orthoformio* é um anesthasico local de primeira ordem e sendo inoffensivo tornar-se-ha o processo preferido de suppressão da dor.

* *

No fim do anno passado travou-se, entre diversos membros da Faculdade de Sciencias de Pariz uma discussão calorosa sobre a cor negra da pelle de certos individuos.



As opiniões foram as mais desencontradas e não se chegou a um resultado certo. Uns entendiam, que a cor negra era produzida por meio de uma carbonização, em razão do clima, dos tegumentos da epiderme, accentuada de geração em geração segundo as leis do atavismo, pensavam outros que a cor era uma predisposição do organismo. E assim ficou latente a questão.

Em todo caso verifica-se que a materia colorante da pelle dos negros está espalhada numa zona muito superficial.

O Dr. Johnston, um medico yankee, partindo desse principio, annunciou, com todas as forças do reclame americano, um processo por elle descoberto para branquear a pelle dos negros que, isto é sabido, vivem naquella paiz cheio de preconceitos tolos como verdadeiros parias, por causa da cor. O processo Johnston consistia simplesmente na destruição da epiderme por meio de uma lavagem de potassa concentrada.

A primeira que tentou a experiencia foi uma negra de nome Batoln que supportou o caustico até ficar sem pelle. Mas em vez da nova epiderme tomar a cor branca, tornou-se vermelha, e a paciente veio a fallecer envenenada, depois de soffrimentos atrozes.

* *
*

Tem-se descoberto certas affinidades entre os reinos vegetal e animal e é bastante conhecida a *arvore do diabo*, perfeitamente carnivora dotada de tentaculos que se contraem á aproximação da presa.

O *Gardner's chronicle* assignala uma particularidade curiosa da *Polycarpæa spirostylis*, da familia das Caryophyllaceas, que bem se pode denominar a *arvore do cobre*.

Segundo o jornal citado, essa arvore encontra-se em toda a região cuprífera de Queensland, nas visinhanças das grandes jazidas metallicas e as analyses feitas na arvore demonstram a existencia nella de grande quantidade de cobre.

M. D.



Chronica Industrial

Syndicatos agricolas.

O fecundo principio da associação para o fim de ampliar e robustecer o exercicio da actividade material ou mental do homem, factor admiravelmente poderoso no balanço dos resultados obtidos pelo trabalho em todas as suas multiplas e proveitosas applicações, esse principio precioso, que tem feito a grandeza e a prosperidade da industria nos paizes da raça anglo-saxonia, é quasi desconhecido no nosso meio.

E' verdade que tivemos e temos pequenas sociedades litterarias—idéas de moços,—onde as luctas da intelligencia encontram incentivos para desenvolver-se e applausos para estimulo.

No campo vastissimo da industria, porem, da industria agricola principalmente, porque d'ella, em primeiro logar, é que ha de vir a nossa grandeza material e a nossa independencia economica, nada temos feito e até as vantagens do que poderíamos fazer são geralmente desconhecidas.

O esforço individual é quasi sempre improductivo em assumptos d'essa natureza, e é sabido que o esforço individual, a iniciativa privada não é propriamente o nosso forte.

Nos paizes onde a industria, manufactureira ou agricola, tem attingido o admiravel desenvolvimento attestado pela perfeição de tantos productos de que a civilisação faz-nos carecer e cujo numero diariamente augmenta com as exigencias sempro crescentes do bem estar e das commodidades, na Inglaterra, na França, na



Allemanha e nos Estados Unidos. é consideravel o numero e a importancia das associações que, como as *trade-unions* iuglezas o os syndicatos agricolas francezes, visam alargar amplamente o resultado dos esforços de cada um pela cooeração de todos.

Ha pouco mais de dez annos, a agricultura franceza passava por uma crise temivel de que a concorrência dos productos estrangeiros, as molestias da vinha e a necessidade geralmente roconhecida, mas não ainda sufficientemente satisfeita, do estudo agricola exigido pelas tranformações trazidas á cultura pelos progressos da agronomia e da mechanica, eram os principaes factores.

Pois, bem ; o melhor meio achado e immediatamente posto em pratica pelos agricultores francezes foi a criação de syndicatos agricolas, cujos effeitos foram— vender os seus productos por melhores preços, comprar os de que careciam mais baratos e conseguir auxilios pecuniarios mediante empréstimos commodos pela taxa e pelos prazos.

Para o fim de comprar menos caro os agricultores membros dos syndicatos fazem as suas compras em commum. o que, tendo como effeito augmentar muito a importancia do pedido, naturalmente faz conseguir a redução dos preços.

Assim, para a compra de sementes ou esrumes, ou até generos de consumo, si um agricultor precisa um e encontra-o pelo preço de dois, vinte, cincoenta ou cem, fazendo um só pedido, por intermedio do syndicato a que estão associados, conseguem facilmente o que precisam ao preço de um e tres quartos ou um e meio.

Si vinte ou trinta pequenos agricultores plantam alguns hectares de trigo e fazem individualmente grande despesa, em proporção, para o beneficiamento do grão, e-sees mesmos, reunidos em syndicato, podem fazer aquisição mais vantajosa de uma só grande usina para o preparo em commum do producto de suas plantações, e as-im realisam consideravel economia de mecanismos, de tempo, e de pessoal.

Do mesmo modo são importantes as vantagens obti-



das pela venda dos productos reunidos em grande quantidade.

Alem dos resultados conseguidos sob o ponto de vista economico pelas associações de agricultores, ha tambem a considerar os resultados scientificos. Naturalmente confiado aos mais intelligentes e mais aptos o mandato de represental-os, estes, pela sua instrucção e trabalho vão pouco a pouco incutindo no espirito dos associados os progressos da cultura, o conhecimento das innovações uteis no que respeita aos processos de fabrico, de amanho das terras, de colheita etc.

Bem poucos são, maxime n'um meio como o nosso, os que leem, os que estudam e procuram pôr-se em dia com todos os progressos da eua profisção. Por intermedio dos syndicatos, onde os interesses são communs, o agricultor *matuto* pode facilmente adquirir o conhecimento que falta-lhe, mediante a correspondência com o syndicato ou com o exemplo dos membros deste, na applicação intelligente e pratica das reformas e melhoramentos diariamente conseguidos pelo trabalho intellectbal dedicado ás explorações industriaes,

Si são intuitivas as vantagens auferidas pela associação entre cultivadores, não são menos importantes as que o fecundo principio, quando bem applicado, consegue nos outros ramos de actividade.

E' sabida a poderosa influencia que exercem sobre a industria manufactora, sobre as condições dos centros productores e até sobre o operariado as grandes *trade unions* inglezas e norte americanas.

Ninguem ignora que essas associações são para o operario o que o syndicato é para o agricultor; de algum modo garatem lhe trabalho e, portanto, vida, ao mesmo tempo que certa independencia, cada dia mais ampla, em relação ao capital, ao patrão. Si o operario não é attendido por este em qualquer exigencia que julga razoavel, faz *parede* e, comquanto sem trabalho, fica habilitado a resistir por muito tempo á força tyrannica do capital, graças á *trade-union*, á cooperativa, ou á beneficente de que faz parte.

São vulgares os exemylos d'essa conquista do prole



tariado nas regiões manufactureiras da Europa e da America.

Assim as agricultores filiados a um syndicato bem organizado e forte: si não convem-lhe o preço que acham os seus productos nos mercados consumidores, armazenam-n'os como fazem os syndicatos francezes, até que, em virtude da diminuição do genero no mercado, o preço suba, consequencia inevitavel da elemental lei economica.

No que diz respeito ao momentoso assumpto de auxilios á lavoura não são menos consideraveis os resultados das associações egrícolas.

Logo que, em dada zona, os maiores e os mais habéis cultivadores associem-se para a formação de um syndicato, não lhes será impossivel, auxilia-la, ou por meio da criação de « caixas ruracs sem capital, mas onde todos são solidaria e illimitadamente empenhados », ou por intermedio de estabelecimentos de credito agricola modelados pelos *credit mutuel* francezes, com pequeno capital e emprestando a juro modico.

A agricultura franceza tem hoje mais de mil e quinhentos syndicatos agricolas, uns até com dez mil membros, outros apenas com quinze ou vinte, mas todos trabalhando efficazmente e dando como resultado o admiravel desenvolvimento da riqueza de que justament orgulha-se a velha nação decadente.

Os nossos productores, desde muito enfraquecidos pela baixa dos preços, pela especulação cambial, pela lamentavel dependencia de mercados intermediarios para exportação de seus productos, e, mais talvez do que por tudo isso, pela rotina anachronica e inveterada dos seus processos de cultura, só teriam vantagens a obter das tentativas que fizessem para a organização de um syndicato agricola nas zonas mais ferteis e cultivadas do Estado.

Si essas associações não tivessem a força precisa para melhorar rapidamente e directamente as suas condições economicas, poderiam pelo menos, com o proprio exemplo, inculir-lhes o gosto pela cultura intelligente, o conhecimento dos variados progressos introduzidos na cultura do solo, a idea de novas plantações adaptaveis ao nosso solo e clima, de utensilios aperfeiçoados,



e tudo isso, com mais ou menos tempo, conforme o vigor da iniciativa e a bôa vontade de todos, teria como resultado conseguir sempre o melhoramento d'aquellas condições, pelo augmento do trabalho o pela perfeição dos productos.

A. DE S.



BIBLIOGRAPHIA

5 — INVERNO EM FLOR--romance por Coelho Netto—Editores Laemmert & C.,—Rio de Janeiro—1897—

Prometti no passado numero d'esta *Revista* dizer as impressões que me ficaram da leitura do notavel romance de Coelho Netto.

Sinto que me faltam competencia e auctoridade para a analyse d'esse livro de valor, obra de um dos mestres mais impecaveis das letras patrias, artista primoroso da Forma, *conteur* opulento e original, que agora se revela psychologo sincero e consciencioso, apresentando-nos um romance que é um attestado do seu grande talento de observação, não sò do mundo material circumdante, que nos descreve com verdade meticolosa e com a eloquencia rythmica do seu estylo admiravel, como tambem d'esse outro *cosmos* subjectivo da eterna Dor humana, no qual penetra o artista com a lanterna magica do Saber e do Talento, a illuminar as sombras onde se occultam as multiplas manifestações do Sofrimento, e trazendo á luz da Critica um novo forçado da nevrose e das circumstancias.

Jorge Soares—o typo que Coelho Netto creou no seu ultimo romance—será immortal na historia da litteratura brasileira.

O talentoso homem de letras estudou o seu modelo em todos os aspectos, prescrouto com afincio e soberaõa força de vontade a alma alanceada do seu infeliz protagonista e surprehendeu, com analyse poderosa de verdadeiro psychologo, a dor intima do padrao de Sarita que empolgou o espirito morbido d'aquella victima *real* do temperamento e da educação, en-



louquecendo-a por fim ante a necessidade indeclinavel de uma renuncia que o desejo sensual, persistente e matador, repellia—monstruosa e verdadeira aberração—apezar dos esforços inuteis da razão martyrisada do infeliz.

Dissæ o auctor na dedicatoria do seu magistral romance :

“A Arte deve ser a visão do *Real* e a preocupação unica do Artista a Verdade, mesmo atravez do *Sonho*“.

E ainda :

“Surprender a Alma, eis o ideal do artista moderno e terei eu forças para levar a termo a tentativa ?“

Essa força teve-a Coelho Netto ; e o seu romance *Inverno em flor* é uma victoria promettedora de outros triumphos na esphera elevada em que «a Analyse não é feita superficialmente sobre o involucro, é profunda e meticulosa, vai ao secreto alveolo do espirito.”

Superfluo é já hoje falar da opulencia e da magica doçura do estylo de Coelho Netto. Da sua *forma* todo o elogio admirativo se me afigura redundante e inutil. Elle é um dos mais perfectos cultores da phrase na litteratura do Brasil e Portugal, onde domina o bello idioma de Camões e de Gonçalves Dias.

Dizer da graça, da fluencia, da vernaculidade, pois, tratando-se do auctor de *Inverno em flor*, é dispensavel ; basta, e é tudo, que olhemos aqui para as suas creações de romancista.

Além do grande doente Jorge Soares, Coelho Netto apresenta ao leitor de *Inverno em flor* dois typos admiraveis de verdade, com os quaes para logo sympathizamos, seguindo o auctor e subscrevendo *ex-eorde* todos os commentarios que este faz aos sentimentos e aos actos d'essas duas personagens que ladeiam no correr da acção principal a figura decrepita e melancolica do paranoico protagonista.

Bã, a fiel e amorosa mãe preta, que todos conhecemos, dedicada, vigilante, ciosa e terna ; e Cesario, um excentrico ruidoso e gaiato, sempre preocupado com



um seu annunciado livro sobre a civilização dos Aryas, que nunca passou, aliás, do titulo, amigo sincero e devotado do abstrahido e desalentado Jorge, e mal seguro na sua original theoria dos homens e das coisas, que o approxima das fronteiras da loucura.

Os outros personagens do livro são vulgares. Estes tres, porem, por si sós, fazem a gloria de um artista, principalmente o apaixonado e infeliz demente, no qual a sciencia medica no Rio de Janeiro, a convite do auctor para um *inquerito* minucioso sobre o valor do seu estudo, acaba de reconhecer "um paranoico bem observado e completo, que ficará na litteratura nacional como um typo psychopathico severamente estudado e magistralmente descripto, ao lado de *Rubião*, o megalomaniaco de Machado de Assis."

Livros como o *Inverno em flor* recommendam o nosso paiz e os nossos litteratos.

O livro é todo optimo, e as bellas scenas succedem-se durante toda a leitura, deixando o leitor indeciso na escolha do melhor trecho do romance.

Da pagina 149 em diante, toda aquella desesperada lucha da razão e da dignidade com a idéa fixa e torturante que trazia acorrentada ao pensamento de Jorge Soares a allucinação succuba que o matava aos poucos, implacavelmente, conduzindo-o á loucura, é magistralmente descripta pelo auctor.

O desgraçado e amoroso padrasto de Sarita sentia ciumes incestuosos e desejos impossiveis, horrivelmente concebidos pelo seu pensamento prisioneiro da obcecação moral; a sua vontade era incapaz de reagir, apesar do fundo de honradez e honestidade que em si havia, contra a imaginação enferma, que evocava a carnação viçosa, virgem, entontecedora da filha espiritual do misero, revivendo-lhe a imagem sensualmente adorada da esposa amante e voluptuosa que o infeliz gosara e perdera.

E o espirito de Jorge debatia-se entre a terrivel dualidade que o martyrisava; entre a visão olympica e desnudada que apparecia ante seus olhos allucinados, qual se fora uma succuba, « das que dantes, nos tempos ferventes do ascetismo santo, appareciam aos solitarios, se-



duzindo-os para o peccado, como Ammonaria, a escrava » e a voz ponderada do dever, que, pura, bradava-lhe o horrivel d'aquella aberração obcecante, chamando-o inutilmente á phaze passada em que o sentimento paternal que o prendia á entia da era real e digno, extreme d'aquelle desesperado e criminoso desejo que um conjuncto inesperado de circumstancias em si despertara, com o desabrochar fascinador da belleza da rapariga, que lembrava a adúltera inesquecida.

E no combate desigual a dignidade era supplantada, calando-se a « voz interior, vencida pela ascensão lubrica da visão formosa. »

São paginas essas de um valor inacabavel, que serão citadas no futuro, como das melhores escriptas em lingua portugueza.

Da pagina 180 a 196 o auctor descreve com mestria e verdade inexcedidas um interior adoravel da vida de solteira da filha adoptiva do torturado Jorge, descendo aos detalhes minuciosos da mais delicada realidade.

A lucta infantil entre a negra Bá e a menina, para que esta deixasse o leito, a scena do espelho, em que a vaidosa carioca mostra-se ennamorada do proprio corpo, admirando-lhe as linhas soberbas e harmonicas, estudando attitudes, valsando em camisa, ensaiando *poses*; o banho de Sarita, a subtil delicadeza e o exemplar pudor da ve ha negra em evitar o espectáculo da nudez da senhora moça; tudo isso é tratado por Coelho Netto com extraordinario talento descriptivo e observação exacta e perfeita das encantadoras futilidades do bello feminino.

Um dos melhores trechos é, tambem, a meu ver, a confidencia dolorosa feita ao Cesario, amigo verdadeiro e sincero do martyrisado Jorge Soares. A narração feita ao amigo daquelles insupportaveis padecimentos moraes e o dialogo que segue; a revolta de Cesario ao ouvir a declaração tremenda, para logo mudada em compaixão sob a influencia da profunda amizade que o prendia a Jorge, são paginas immorredouras da litteratura patria.

Ao fecundo escriptor de *Inverno em flor* envio



parabens, como brasileiro e como apreciador das bellas letras do meu paiz, que quizera ver servidas por muitos da estatura de Coelho Netto, pelo passo de gigante que vem de dar no terreno difficil do romance psychologico com o seu estudo admiravel e perfeito.

Que não arrefeça o ardor productivo do notavel homem de letras, dando--nos em breve os novos livros que annuncia e que por certo serão a sequencia progressiva para o final glorioso de uma obra litteraria que o ha de immortalisar na admiração agradecida dos seus patricios no futuro.

A. M.

A REVISTA — magazine illustrado — editor Alfredo Silva — Pará — Brasil.

E' uma nova e elegante publicação de 24 paginas *in 4.*, que muito recommenda o serviço typographico na capital do Pará. encetada em Janeiro do corrente anno.

Dá um fasciculo mensalmente e promette no primeiro numero, que temos á vista, contribuir com esforço e sem estreitezas para a expansão da litteratura no Brasil.

Em noticias de jornaes de Belem vimos que a Revista conta com seguros elementos de vida, devendo do 2.º numero em diante encetar uma galeria de retratos e traços biographicos das notabilidades litterarias do Brasil e Portugal. Accusando o recebimento do 1.º fasciculo, anguramos ao interessante mensario paraense existencia duradoura e proveitosa.

Eis o summario do primeiro numero :

Cartão de apresentação, por Antonio de Carvalho.

O motivo inicial.

Joanna d'Arc, por João do Rego.



- Súplica*, de Alfredo Serrano.
Um caso da Cabanada, por Marques de Carvalho.
Nevrose, por Guilherme de Miranda.
Olhos Amados, de Corrêa Pinto.
Dulia, por Theodoro Rodrigues
Os extremos tocam-se, por Paulino de Brito.
Visões do Crepusculo, D. A. R.
Chapa indiscreta, por Frederico Rhossard.
Camillo Castello Branco, de Adelino Mello.
Sonhada noite, por Vasco Abreu.
Amor, Amor, de Cantidiano Nunes.
Yara, de Acrisio Motta.
Triste Sorte, por Barroso Rebello.
O movimento bibliographico, por Fran Paxeco.



INFORMAÇÕES

—**Manifestação a Zola.** O Gremio Polymathico levantou a idéa de ser dirigida pela mocidade d'esta capital uma mensagem de applauso e solidariedade ao grande escriptor, á imitação do que se tem feito em muitos paizes da Europa e da America, onde o procedimento tão humano e generoso do mestre despertou o mais merecido e sincero enthusiasmo. Para esse fim dirigiu pela *Republica* um appello á juventude d'esta terra, e regosja-se intimamente pela espontaneidade e presteza com que ella correspondeu aos seus votos. As distinctas sociedades litterarias *Le Monde Marche Congresso Litterario*, e *Gremio Castro Alves* adheriram com enthusiasmo á idéa do Gremio em communicções que foram igualmente publicadas n'aquella folha.

Diversos cidadãos, quer por escripto quer verbalmente, teem declarado subscrever a mensagem em que esta pequena e desconhecida parte da humanidade affirmará a sua adhesão franca e decidida ao genial escriptor.

Eis o appello do gremio:—

«—**Manifestação a Zola.** Bello dever humano esse da solidariedade moral e mental tão superiormente cumprido pela mocidade de alguns dos paizes mais cultos do mundo nas manifestações de sympathia e adhesão enviadas ao grande mestre da litteratura contemporanea!

Quando a França, a velha mãe da civilização latina que tão admiraveis exemplos de amor á liberdade e de grandeza moral deu á humanidade, n'uma horrorosa descahida que acabará de alienar-lhe a hegemonia in-



tellectual do Occidente, apupa, como abjectos garotos, o genial escriptor que é hoje a maior das suas glorias, a mocidade, cujo coração está sempre aberto aos sentimentos generosos, quando não cega-a o preconceito estúpido da religião ou da raça, envia da Belgica da Italia, da Hungria e de outros paizes da Europa e da America as mais ardentes e significativas manifestações de sympathia ao mais elevado representante da consciencia humana, ora perseguido como um facinoroso pelo governo e pela população da sua grande e decahida patria.

O *Gremio Polymathico* levanta tambem, no nosso meio, a idéa de uma manifestação a Emile Zola.

O apoio moral dos semelhantes é sempre um grande conforto e um grande incitamento para o homem, seja elle Zola ou o mais obscuro dos operarios.

O Gremio solicita o sufragio de toda a mocidade do Rio Grande do Norte, desta mocidade que nas lettras, em que o grande mestre é rei, começa a affirmar tão sympathica e auspiciosamente a sua existencia, para uma mensagem que vai dirigir ao auctor dos *Rougon-Macquart*, de *Lourdes*, de *Rome* e da mais divina obra de sua vida gloriosa—a defesa convencida de um homem que julga innocente e que é condemnado por milhões de homens.

Antonio de Souza—presidente.

Auta de Souza

Alberto Maranhão

Manoel Dantas

Augusto Lyra

Pedro Avelino

Thomaz Gomes

Homem de Siqueira

Henrique Castriciano »

—**Publicações do Gremio Polymathico.** O nosso collega Henrique Castriciano tem no prelo o seu esperado poemeto *Mãe*, de que os leitores da Revista já conhecem um delicado trecho.



Alberto Maranhão tem quasi colligidos os apontamentos com que vai organizar um esboço historico do Rio Grande do Norte, do qual já são conhecidos dois substanciosos capitulos publicados n'esta *Revista*.

—A nossa brilhante collega Auta de Souza, a mimosa poetisa que adorna esta Revista com versos de uma tão commovedora doçura, tem prompto um volume, prestes a entrar para o prelo. Não cabe a nós predizer, pelo que conhecemos, o que será esse livro. Apenas consiguamos aqui os mais sinceros votos que fazemos para que, quanto antes, venha a publico o escriptorio de joias que devem ser os versos sahidos da penna que tão bem conhecem já quantos leem a *Republica* e a *Revista*.

—**Theatro no horisonte.** Parece que vamos, em futuro não muito remoto, possuir o almejado theatro, que será construido pelo governo do Estado. A iniciativa particular apenas *desejou-o*. Que venha. O nosso collega, que faz chronicas theatraes n' *A Republica* subscriptas pelas iniciaes extremas, Z. A., começa desde já a aparar a penna.



1998 - Abril - 4

ALMA LYRICA

A Papi Junior.

«—Vigiai e orai para que não entreis em tentação»...

E o Nazareno, afastando-se dos apóstolos, foi ajoelhar-se debaixo de uma oliveira, silencioso e triste.

A noite descera, havia muito, envolvendo a terra no manto branco do luar piedoso.

Longos esphaceolos de sombras, retalhos negros de ruínas antigas, cobertos de herva viçosa, destacavam-se aqui e ali, dando á paysagem uns tons melancolicos de cemiterio abandonado.

Pelo ar havia o vago rumor sombrio das fundas noites calmas, a profunda solidão suggestiva das horas negras, quando o espirito debate-se anceado nas garas do Mysterio que o empolga como se fosse uma grande aguia victoriosa.

A natureza espiritualisara se; o luar ungia a glauca folhagem dos sycomoros esguios, a herva entanguida dos caminhos mal abertos e emmoldurados por longas arvores ramalhudas, os ninhos quentes onde os passaros beijavam-se estremunhados, tontos de sono e embragados de amor.

Um doce olor de flores entre-abertas enchia o horto, povoando-o de sonhos: das proprias pedras como que evolava-se um fremito de vida, um desejo triste de existir para soffrer e amar.

No emtanto, fitando o concavo céu azul, Jesus orava, O seu olhar, de uma doçura melancolica e terna, afastava-se do mundo e ia embeber-se no vacuo, na



altura vertiginosa onde a alma não pode chegar sinão abandonando a materia.

Subito, uma lembrança inconsciente turvou-lhe o coração e elle despertou d'aquelle sonho de accordado, ouvindo os seus labios pronunciarem machinalmente: *Jesus, tende piedade de mim! Compadeceis-vos de mim, Jesus!*

Rio-se; o riso amargo dos que riem para não chorar.

No seu pensamento ennuclado começaram a surgir, pouco a pouco, as amarguras dos desamparados.

As palavras que, sem querer, proferira não eram mais do que um echo quasi extincto: tinha-as ouvido, ha'ia dias, pronunciadas por um pobre cego em viagem para Jericó.

O desgraçado exilado da luz, a beira da estrada sinuosa, coberto de poeira e de andrajos, pedia, supplicava em altos brajos que lhe trouxessem o Messias, o salvador das gentes.

E agarrara-se-lhe á túnica, com a ancia febril dos naufragos que em noites tenebrosas apegam-se á taboa, que o acaso lhes trouxe n'uma vaga estuante: *Jesus, tende piedade de mim!*

«Fazei com que os meus olhos vejam os olhos de minha mulher e de meus filhos! Fazei com que eu possa ver os cabellos brancos de minha mãe! Tende compaixão de mim, Jesus!»

No meio da multidão agitada vinham mais infelizes: uns aleijados, mostrando a deformidade dos membros torcidos pela doença: outros cobertos de chagas asquerosas, de hediondas pustulas malignas, furadas pelo carbunculo e corroídos pelo pus que descia-lhes das feridas arroxeados...

Todos gritavam misturando as suas vozes entrecortados de soluços à prece das formosas raparigas aldeãs: — *Jesus, tende piedade de nós! Tende compaixão de nós, Senhor!*

E, elle ia enxugando o pranto d'aquelle matidão de simples, consolando os desditosos e dando pão aos famintos.



Mas dentro em breve acabar-se-ia tudo; os sophistas da Judéa observavam-o e Judas o vendera...

Nunca mais! nunca mais voltaria áquelle monte, ao desolado horto onde seismara tantas vezes embevecido no ideal da justiça, amortalhado na eterna dor que envolve os tristes!

Como uma legião de phantasmas, passavam-lhe no espirito a sombra dos dias idos, penumbrando-lhe o coração amantissimo.

Via-se ao collo de Maria, pequenino e despreoccupado, feliz e innocente; com a cabeça vasia de illusões; depois achava-se nas terras de Israel, de volta dos areiaes candentes do Egypto; mais tarde sonhara á margem do Jordão á sombra de arvoredos seculares, onde João Baptista, vestido de pelles, accordava-lhe no ser a inquietação pelo desconhecido, o desejo de adivinhar os segredos da alma humana, assim como o precursor traduzia o cantico das selvas, a musica hilariante das florestas rumorosas.

Recordava-se dos bellos dias passados nos desertos, ora sobre montanhas cobertas de flores; ora á beira de lagos serenos, muito quietos, azues como a esperança, mansos como o perdão; ora ao longe das planicies que se prolongavam indefinidamente desdobravão-se a seus olhos como uma toalha verde borrifada de orvalho ou inundada de luz.

Recordava-se ainda da prisão de João e da saudade que sentira ao abandonar a cidade de Nazareth, impellido pela idéa, que o subjugava, de unir todas as almas, de chamalas á communhão do amor, fazendo com que desaparecessem da terra a injustiça e o remorso...

Chegara á Galiléa n'uma tarde de inverno, muito sombria, muito sem risos.

Chovera durante o dia e ficara no céo a algidez melancolica das nuvens brumosas.

Rôlas bravas turturinavam nas figueiras orvalhadas, com frio; das romeiras folhudas pendiam irisadas gottas de chuva que, de quando em quando, cahiam sobra acuçenas cor de neve; as vinhas renovavam-



se. cobertas de rebentos entumescidos de seiva; e rebanhos pasciam, tiritantes, balindo nostalgicamente, saudosos do aprisco.

Um cordeiro desgarrara-se e seguira-o caçado, tropego, mal sustendo-se de pè, Elle tomara-o e aquecera-o nas dobras da tunica, abraçando commovido o pequenino ser, tão manso, tão innocente, e voltara ao rebanho para entregar á ovelha saudosa d'aquelle filho o seu orphãosinho de poucas horas, o deicado fructo que ella guardara longos mezes no ventre abençoado pelo amor e pela natureza.

Nunca mais podera esquecer a alegria d'esse encontro. Ainda echoava a seus ouvidos a caricia humana que aquella pobre mãe irracional deixou escapar da alma alliviada do peso da afflicção; nunca mais olvidara aquella balido que mais parecia uma palavra de agradecimento, o echo de uma oração interrompida por uma phrase entrecortada de beijos e de lagrimas...

Ah! todas as dores são dignas de piedade; todas as maguas são irmãs por que nasciam de uma só fonte o coração!

Caminhava, pensando assim, agora a beira do oceano, ao longo dos mares interminos da Galiléa, azues como o manto que trazia sobre os hombros, agitados como o seu espirito inquieto diante de todas as desgraças, de todas as miserias que affigem os justos e os bons; caminhava, pensando assim, quando deparara Simão e outros companheiros: « Vinde, vinde commigo, pescadores morenos, almas simples e ingenuas como o borrego das campinas, puras como a flor do therebinto, vinde trazer a paz aos mal-aventurados... »

Nisto Jesus sentio um halito suave de flor extincta, um odor mystico de lyrio morto. E dois beijos longos, muito longos e ardentes, queimaram-lhe os labios, numa caricia voluptuosa e pagã. Voltou-se, quasi sem poder falar, como se aquelles dois beijos tivessem-lhe chupado a alma, e viu Magdalena, toda de branco, a fital-o, n'uma unção extrema de apaixonada:

—Jesus, meu doce rabbino, elles querem matar-te.

Fujamos para lonje, meu bem amado, vamos para o



deserto sem fim, viver debaixo das palmeiras e á margem dos regatos...

—Não, Magdalena. O Pae que está nos ceos chama-me para lá.

A morte de que falas è a ressurreição de meu coração que os homens queimaram com o fel do odio injusto...

—È que te importa o odio dos homens, se tens o amor de uma mulher que redimiste?

Não quero que morras. Vamos para lonje, para essas terras do Egypto onde foste amamentado, para qualquer paiz longinquo onde não sejas perseguido, para o fim do mundo... vamos...

—Não, Magdalena. D'aqui ha pouco Judas virá buscar-me: entregar-me-ei. O meu sangue ha de chegar onde a palavra nada poude: ha de inundar as consciencias, purificando-as. Vês? lá embaixo a cidade adormeceu. Adormeceu, em quanto, no alto, perto do azul estrellado, eu pensava na misericordia eterna. Vou dar aos homens o que me resta: a vida. Businei-os a orar com os simples, a pensar com os humildes, sonhar com os bons: amanhã, offertando-lhes o meu sangue, ensinai-os-ei a perdoar.

O perdão é a caridade...

Ella teve um soluço, um branco soluço de mulher que ama pela primeira vez:

—Oh, Christo! para que serviu, então, a luz que lançaste-me n'alma, quando eu a tinha cheia de trevas! O teu perdão salvou-me: a partilha que fazes do coração, entregando-o até aos maus, assassina-me. Salva-me de novo. ó Christo! Agora não quero a tua piedade; desejo o teu amor, desejo-o inteiro, por que nunca fui amada, nunca!

Chorava. Os seus olhos negros, profundos como a noite, nublavam-se, fitando os de Jesus:

—Vamos, meu doce cordeiro; a açuena dos valles começa a florir, o cheiro das mandragoras inunda os campos.

Na selva ha passaros azues como os teus olhos, ternos como os meus beijos. Haninhos de folhas que trescalam a



mirra, macios como o pello dos cabritos montezez, quentes como o halito que sae de tua bocca divina...

Jesus. amado meu, fujamos em busca das montanhas, onde o sol derrama-se como vinho de luz que embriagasse a terra. De lá virei buscar linhos para cobrir-te os hombros, nardo para os teus cabellos, maceiras para os teus labios meigos...

Oh, cordeiro immaculado, não troques o meu amor pelo odio dos homens !

As supplicas brotavam-lhe do coração, espontaneamente, como um veio d'agua viva.

Era a Paixão, a Paixão triumphadora e forte, que cantava nos labios da peccadora o grande hymno da vida symbolisado no amor.

Jesus sentio no seio o calor dos seios de Magdalena. Ella ia beijal-o. Recuou, assustada. Os cabellos do Christo tinham embranquecido, e, de seu rosto fatigado, cahiam grossos bagos vermelhos.

— Bem vêes, minha pomba, envelheci. O sangue que me pulsa nas veias transformou-se no suor que cae aos teus pés, orvalhando as sementes, que brotarão melhor amanhã.

Veio-lhe aos labios um riso quasi imperceptivel, tal como a nuvem tenue e rarefeita passando na face argentada do sol :

— Cada gotta d'estas representa uma prece ; a humanidade está redimida. Vai nascer para todos o dia do perdão, mais claro do que a tua alma purificada. O proprio Herodes unir-se-á a Pilatos e na alma de Judas vem começando a raiar a aurora do arrependimento, mesmo antes da traição...

Magdalena escutara o, mais calma, suggestionada pela força que o Christo exercia sobre o seu espirito de convertida.

E, enquanto o Nazareno enchugava a fronte nos seus longos cabellos perfumados, ella resignada, fitava o céu largo e immenso, aberto como um pallio sobre o monte que dormia amortalhado na luz misericordiosa do luar adamantino...

Quarta-feira de Trevas.

H. CASTRICIANO.



No Horto

« Minh'alma è triste até a morte... » Doce
Jesus falou...E o Nazareno santo
Chorava como si a su'alma fosse
Um mar immenso de amargura e pranto.

Depois...silencioso, elle afastou-se
E foi rezar no mais sombrio canto..
O grande olhar formoso illuminou-se
Fitando o ethereo e estrellejado manto.

« Pae, tem piedade... » A sua voz plangente
Tremia, enquanto, pelas trevas mudas
Baixava manso o triste olhar dolente.

Pobre Jesus ! Como n'um sonho via :
Em cada sombra a traição de Judas,
Em cada estrella os olhos de Maria !

Quinta feira Santa.—Macahyba-7---4---98

ACTA DE SOUZA.



A EVOLUÇÃO DO DIREITO

(Discurso pronunciado na Faculdade de Direito do Recife, por ocasião da collação do grão aos bacharelados de 7 de Dezembro de 1897)

Illustrados mestres, meus senhores.

É a passos vacillantes que subo, conscio de minha incapacidade, os degraus desta tribuna tantas vezes abrilhantada pela eloquencia vigorosa de peregrinos e privilegiados talentos.

Por um excesso de benignidade de meus collegas e honra para mim jamais justificada, eu, o mais incompetente da futura pleiade de bacharelados deste anno, fui escolhido para agradecer-vos o grão que acaba de nos ser conferido como uma iniciação sublime no austero culto da sciencia juridica, e que, à semelhança daquella estrella que guiou os lendarios magos ao berço de Jesus, indica a senda a seguir para attingir o fim moralmente compativel com os que são portadores de um titulo scientifico.

Empobrecido de imaginação e sem dispor de recursos intellectuaes, não me é possivel, bem sei, corresponder á confiança depositada em mim, pronunciando um discurso de accordo com a importancia deste acto.

Mas, *alca jacta est!* repetirei transpondo o Rubicon de minha insufficiencia neste momento para nós duplamente solemne.

Duplamente solemne, disse: porque no grão que nos foi conferido, si vejo bordado com os florões im-



marcescíveis da sciencia a palma da victoria que colhe-mos no peregrinar augusto pelo campo nunca assaz explora-do do direito, respigando aqui as idéas sans alentadas pelo sopro morno da philosophia moderna, e abando-nando alli o que é obsoleto e enervante; si é chega-do o momento em que cada um de nós corre a refocil-lar-se no afrouxelado seio da familia, depondo, com o coração a extravasar de alegria, o fructo dos labores academicos nas mãos venerandas de nossos progenitores, já nos sda, entretanto, o echo da saudade, annunciando-nos, qual trombeta de Hernani, a hora da separa-ção—este divorcio fatal imposto pela força das circum-stancias.

Quem, depois de passeiar o espirito por entre as hispidas florestas da jurisprudencia, ora confuso diante a evolução ascensional de um instituto que deslisa ner-vozamente como tenue regato, por entre as anfractu-oidades de povos que se chocam, de nações que desap-parecem, ora perplexo a contemplar, qual setas de luz rompendo a basta ramagem de luxuriante vegetação, a argucia de algum jurista a decompor até a simpli-cidade atomica a forma complexa de uma criação juridica, quem, depois de alimentar a sua intelligencia no celloiro abundantissimo da sciencia, de saturar-se da luz que promana intensamente desta bella cons-telação formada pela congregação de nossa Faculdade e de se apoiar, no terreno movediço da controversia, no braço vigoroso dos mestres, não experimenta, ao assistir aos funeraes de sua vida academica, ao desli-gar-se destes apostolos da verdade, deste templo onde «officiam a missa eterna do direito» os sacerdotes da sciencia juridica, quem não experimenta, repito, marcharem dolorosamente as petalas da alma?

No rapido percurso de nossa vida academica, por uma influencia poderosa do meio alliada à forte do-se de optimismo que embala as aspirações da mocidade, sentimos referver em nossa imaginação um vulcão de ideas alevantadas, cujo fluxo ascendente irá, talvez, desfazer-se de encontro aos cachopos que impiedosamen-te nos oppõe a vida pratica. Vão afrouxar se os es-



treitos elos dessa cadeia espiritual que nos prendia como a membros da mesma familia, e cada um vai atirar-se munido de sua bagagem scientifica no campo irregular da lucta pela vida, como dessa immensa nebulosa que encheu primitivamente o espaço, salpicado hoje de uma poeira finissima de ouro, desprenderam-se myriades de corpos que leis immutaveis impellem para um teleologismo que apenas nos è dado suppor por hypothese.

Embarcaremos, porem, confiantes no mar revolto onde se agitam os interesses e paixões sociaes tendo por phanal a sciencia e como itinerario o dever. Faltar-nos-á por accaso o exemplo? Não. O exemplo temos em vós, mestres, que representais a sciencia, a sciencia que è a verdade—a verdade que è o objecto do direito. o qual, na feliz expressão de Ihering, «si num sentido è prosa, toma-se, na lucta por uma idéa poesia; porque a lucta pelo direito è sem a menor duvida a poesia do character.»

E' do alto das Academias, estes monumentos de rijo marmore, que o Brazil actualmente contempla e acompanha o movimento scientifico do seculo, è no recinto dessas *synagogas* modernas que se exhibem, n'uma floreação sadia, esses talentos de eleição, que fugindo as subtilezas improductivas do transcendentalismo e à rheumapedante de espiritos acanhados, cavam, garimpeiros infatigaveis, o terreno firme do naturalismo e vão diffundindo luzes por todos os recantos deste paiz, descoberto e conquistado por um povo, que nos legou como dote unico os alfarrabios de uma legislação senil e entravadora do nosso progresso juridico.

Que deveriamos esperar da sciencia luzitana? Que accumulção hereditaria nos poderia transmittir um povo que, incapaz de constituir-se num centro de actividade intellectual, deixou passivamente enjaular o seu espirito no jesuitismo esteril de Loyolla, que sob a protecção real amordaçou as consciencias, limitou a instrucção e condemnou com a logica *impenetravel da foqueira* as pesquisas scientificas, que faziam perichitar o dogmatismo estreito da theologia!



A caudal impetuosa da *Reforma*, desatada á tona do pensamento humano, pelo genio masculino de Lutero, espraçou-se, com a precipitação do raio, pelas regiões habitadas pelos povos saxões, libertando a consciencia e diffundindo a instrucção por todas as classes sociaes. Os abalos, porem, de suas convulsões epilepticas não se fizeram sentir na peninsula Iberica. Os Pyrineos formaram um cordão sanitario para preservar o povo escolhido da *epizemia lutherana*.

Arrancado o Brazil do dominio selvagem, na idade em que é "incomparavel o poder da receptibilidade, da retentividade e da imitação," o primeiro sopro de instrucção que recebeu foi dado pelo jesuitismo que, avido de dilatar seus dominios, aproveitou-se da ignorancia dos colonos e do fetichismo dos selvagens para adjudicar, ao fendo papel, este importante tracto de terra.

O colono portuguez, com as idéas manietadas por uma theologia intolerante, deu vasão, influenciado pelo metaphysicismo francez, a correntes philosophicas, cuja pobreza de elevação e ausencia de principios scientificos cavaram tão fundo no nosso meio intellectual, que commetteria o mais grosseiro dos erros aquelle que procurasse estudar o mundo dos phenomenos pelo prisma da realidade.

Como phenomeno social que é, o direito soffreu intensamente a influencia dessa falsa concepção do mundo e tornou-se a arena predilecta onde os nossos philosophos de *rotulo*, que jamais se elevaram do casuismo de uma exposição sem vida e orientação scientifica, iam esgrimir as armas de sua dialectica.

"O direito, definiam elles, não é mais do que uma idéa innata anterior e superior ao homem; e a moral:— uma especie de phanal divino que illumina a consciencia humana e a guia no desenvolvimento do justo e do injusto"

A Europa curvava-se reverente ante a voz cyclopica de um Darwin, de um Virchow, de um Hackel, alimentava-se da forte seiva desses espiritos privilegiados, e na Escola de Mediçua da Bahia regei-



tava-se a these de um doutorando *rebelle* que commetteu a apostasia de escrever as "*Funções do cerebro*" de accordo com o naturalismo philosophico mais acreditado. Na necropole silenciosa das idéas mortas jazia, havia muito, o transcendentalismo metaphysico, quando a congregação desta Faculdade, hoje felizmente transformada, instaurou um originalissimo processo contra o auctor da "*Historia da litteratura brasileira*" por annunciar numa defesa de these que o naturalismo havia morto a metaphysica!

Faz lembrar a intolerancia da Igreja queimando, por herege, o phylosopho Giordano Bruno e obrigando Galieu a negar Copernico!

A mais lamentavel ignorancia do movimento scientifico e a falta absoluta de direcção philosophica, eis o que nos foi transmittido e que cultivamos por tão longo tempo!

Um grito de alarma, porem, explodiu nos arraiaes adormecidos de nossa litteratura juridica, um raio de luz cortou a caligem dessa noite intellectual, um cyclone irrompeu no meio dessa calmaria e fez em estilhaços as frageis e pretenciosas construcções que boiavam á tona do estagnado mar do metaphysicismo brasileiro.

O momento era critico. Campeões afamados surgiram de todos os lados em defesa de suas theorias; a batina e a casaca fundiram-se para hostilizar um novo Achilles que, brandindo as armas de seu privilegiado talento, offuscou, com um latego de luz, a myopia de seus inimigos, que recolheram-se ao silencio, onde nervosamente remordem o chatismo de suas theorias.

Foi essa a nossa *Reforma*. Menos ruidosa, porem mais brilhante do que a operada pelo genio potente do frade allemão. Menos ruidosa, porque não maculou de sangue as vestes alvas da innocencia, nem os lamentos lacerantes das victimas da Inquisição deramaram sobre a nossa atmosphaera social esse vago nostalgico que succede ás grandes catastrophes; mais brilhante e imperecível porque foi a victoria da scien-



cia contra a ignorancia, o predomínio das idéas sãs sobre o edificio imaginoso de Condillac, vasado pela dialectica de nossos homem de letras.

Tobias foi o Luthero brasileiro! Com uma intrepidez condoreira librou-se, nas possantes azas de seu genio, aos espaços infinitos; transpoz o Atlantico e, penetrando na França, arrebatou o estro vigoroso do velho Fugo! Mas a patria de Comte éra estreita demais para conter o espirito ardente do mestiço, e a Allemanha-- o cerebro da Europa-- acolheu o ousado brasileiro, que *pertencia á grande raça dos pensadores*, como disse Haeckel.

Foi do alto desta collina gigantesca em que "*a testa rodera no céu e a barba molha no mar*," que a idéa moderna do direito, como uma torrente de lava, espraçou-se por sobre a esterilidade descalvada de nossa jurisprudencia.

Ao seu estylo pode-se perfeitamente applicar o que Syvivo Romero disse de E. Renan.»— A delicadeza de tons, a propriedade dos termos, a simplicidade das imagens, alliadas á sonoridade de um rythmo suave, são os dotes daquella prosa, onde ondula a poesia, mas a poesia suave e doce, onde fluctua a vida, mas a vida placida de um pensador."

*
**

Meus Senhores! Ao filho adoptivo da divindade foi, pela critica moderna, reconhecida a sua paternidade terrena e humana. Como um "phenomeno historico, um producto cultural da humanidade," elle seguirá esta ou aquella direcção, evolverá vigoroso aplainando as desigualdades que ainda eriçam a face social, ou refluirá sobre si proprio, conforme a corrente philosophica que dirigir os povos cultos.

Pondo de lado desde logo o metaphysicismo theologico que, cercando o direito de um envolucro mysterioso procurava subtrahir--*esse filho do céu*--á analyse critica e experimental, pondo de lado, repito, essa metaphysica, comparada por Tait, a um desses selvagens anthropophag-



gos que habitam o deserto sempre a fugir diante a luz da civilização e cujo fim, no plano gigantesco da Creação, é difficil de determinar; apreciarei, em ligeiro escorço embora, as outras correntes philosophicas que dominam o pensamento moderno.

O *positivismo*, cuja origem embrionaria podemos ir buscar na philosophia grega, sob o céu azulineo da antiga Hellad', serpenteou medrosamente por entre o labyrintho das theorias, resistiu ás ondulações dos systemas e veio eclodir no seio da França, quando o genio systematisador de Augusto Comte construiu o seu edificio philosophico, que seus discipulos têm e ingenidade de acreditar imperecivel e de summa perfectibilidade. O seu maior merito está em regeitar tudo que é sob enatural e abstracto. No que diz respeito ao espirito humano elle declara que as duas maiores leis descobertas são:--a encontrada por Aristoteles e confirmada por Broussais;--*Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*; e a proclamada por Comte, segundo a qual *totus us nostras noções devem passar por tres estados—o theologico, o metaphysico e o positivo*.

Mas o positivismo, si por um lado dilata-se demasiadamente invadindo a esphera da politica e da religião, onde perde metade de sua grandeza, por outro lado retrae-se, acanha-se num systematismo aferrado. Não permite, á semelhança da China, que, transpostas as suas fronteiras, passemos o espirito por um campo mais amplo e fecundo: é alguma coisa dogmatico! Pouco affeccionado ao direito, penetrando no Brazil foi pedir pouxada ás escolas militares, onde teve por paracieto o espirito lucido de Benjamin Constant.

O materialismo empirico que vê por toda a parte agir fatal e mechanicamente a materia inconsciente e sem um objectivo determinado é, certamente, insufficiente para explicar o mundo super-organico.

O empirismo é, segundo Sylvio Romero, tão metaphysico quanto o dualismo.

Conhecendo mal a natureza humana, elle procura subgeital-a inteiramente ao fatalismo do mundo physico. As pesquisas philosophicas são por alguns proceres do materialismo, presenteadas com o epitheto de metaphysicas.



"A philosophia, diz um pensador americano, terminou sua missão e caminha para a ruína a passos de gigante. Ella merece esta sorte, porque sua razão de ser já desapareceu depois que as sciencias naturaes demonstraram que não existe espirito immaterial, que a acção de pensar não é possível sem substancia nervosa e que o homem não pode resolver os problemas da existencia sinão por via de inducção, mas não por via de deducção, de si proprio, por pura abstracção."

A philosophia, porem, não repugna applicar os methodos das sciencias naturaes; ella não é, como pensa Stiebeling, uma antithese da sciencia, mas a-"synthese hierarchica e methodica de todos os conhecimentos humanos, é a generalisação de todos os principios abstractos das sciencias particulares e experimentaes-systematisados na ordem da generalidade decrescente e da complexidade crescente."

Pretender dar o nome de sciencia somente ao que está mathematicamente provado, ou ao que é mechanicamente apreciavel, é limitar demais a esphera da acção intellectual; submeter a sociedade ás mesmas leis que regem a biologia, é desconhecer essa sciencia, que vem como ultimo elo na serie comteana.

"A sciencia empirica, diz Du Bois Raymond, como os outros modos de actividade, quando cultivada exclusivamente, estreita o horizonte intellectual.

"Ella limita o olhar ás cousas proximas, palpaveis, áquellas que cahem debaixo da immediata percepção dos sentidos, com uma certeza, uma apparencia absolutas.

"Ella desvia o espirito das considerações mais geraes, menos positivas e o deshabitua de mover-se nas regiões em que não ha mais quantidades determinadas.

«Debaixo de certo ponto de vista nós a louvamos por isto, como por uma vantagem inestimavel; como, porem, negar que, onde quer que domine exclusivamente, ella torna o espirito mais pobre em idéas, a imaginação em imagens, a alma em sentimentos e que conduz a um modo de sentir estreito, secco e duro, odioso às musas e ás graças?

A sciencia empirica tem isto de particular: de um



lado ella se prende aos mais sublimes esforços do espirito humano; d'outro lado, por uma serie de gradações insensíveis, ella conduz a uma actividade puramente me-
chanica. »

O meio unico de preservar, disse um pensador brasileiro, as nossas gerações do inconveniente do materialismo brutal, do excessivo industrialismo, da *anesthesia* moral, é não contrapôr a natureza á natureza, e, pelo contrario, justapôr no espirito da mocidade, aos estudos da natureza inconsciente, os da consciente social e moral: é instruil-a e educal-a ao mesmo tempo; é dar-lhe uma preparação completa, e, dest'arte, uma orientação grandiosa e, ao mesmo tempo, altamente scientifica e humanitaria.

O idealismo, de um lado, e o materialismo brutal, do outro, estão em crise. Um procura estudar o mundo dos phenomenos como decorrente de uma causa extranha e superior á natureza, vê no homem duas entidades distinctas e independentes:—o corpo e o espirito; despende um capital intellectual immenso na demonstração dos mais absurdos principios, estuda o homem sem ter em consideração o mundo em que elle vive, como se fosse possível consideral-o fora d'elle, pois que o *homem não é mais do que um phenomeno no immenso mundo dos phenomenos*.

Vive num verdadeiro supplicio de Sisypho a rolar continuamente o fardo inglorio de suas theorias! O outro—o *empirismo*,—de effeitos, embora, mais importantes e salutaes para a sciencia, cujo supporte muito lhe deve, quando eleva-se da materia inconsciente á consciente, do mundo physico ao mundo social, não leva em linha de conta o que os allemães chamam o *factor humanus*, e, considerando o homem como simples ponto mechanico no meio do universo, pretende sujeital-o exclusivamente ás injunções das leis physicas, deixando de lado as que Buckle chama *leis mentaes*.

« A natureza, diz Ihering, interpellada sobre a causa de seus phenomenos, responde por um—*quia*; interrogada do mesmo modo a sociedade responde por um—*ut*. »

As conclusões darwinicas emprolifero connubio com.



a philosophia spenceriana justificam o dito do auctor da *Lucta pelo direito* :— « o fim é o creador de todo o direito ».

No campo estreito onde dominam auctoritariamente as idéas dos mechanicistas, não podemos suavemente emoldurar o direito, que traz em si uma idéa de *fim*, incompativel com os sectarios do materialismo de Buchner, inimigos declarados do teleologismo scientifico que é a adaptação do individuo ao meio social para com mais vantagem resistir á fatalidade da materia ; é o lutar incessante e penoso em demanda de um ideal inatingivel de perfectibilidade humana.

" A sociedade, segundo T. Barretto, é um conjuncto de vontades, tendo cada uma o seu fim a realisar, o seu escopo a attingir, e para cuja applicação não bastam os mesmos principios por que se explicam e coordenam as forças do mundo physico. "

O teleologismo, porem, não distroe o monismo, como ainda pensam alguns ;" *pois já não é mais licito em nossos dias falar de uma sciencia da natureza e de uma sciencia do homem, como de cousas antitheticas,*" diz Sylvio Romero.

O direito, esse immenso fóco alimentado pela cultura dos povos modernos e pelo sacrificio de imperios que se abysmaram, é um dos mais poderosos meios de selecção de que dispõe a sociedade para fugir ao fatalismo do mundo physico. Apeado pela critica vigorosa e intuição moderna das alturas em que o haviam collocado as subtilezas dos metaphysicos, foi, pelos sabios deste seculo, mettido numa retorta, decomposto em suas partes, estrudado por todas as faces e tonificado pelas applicações do darwinismo, resistiu aos golpes de seus adversarios e, quando sobre elle convergiram as luzes do naturalismo e os rigores do methodo inductivo, nada perdeu de sua importancia.

Despido de sua feição theologica foi erigido num *serioso poema*, cujas estrophes são columnas de granito cinzeladas trabalhosamente pelo genio paciente dos infatigaveis obreiros da jurisprudencia hodierna.

Os estudos de legislação comparada, que attestam a superioridade intellectual de Ihering e Heermann



Post na Allemanha e Sumner Maine na Inglaterra, cimentaram uma base tão soida para o direito que, por mais que caia a picareta da destruição, por mais que se esforcem os nihilistas da sciencia juridica, jamais será abalada essa pyramide immensa do pensamento humano! Obra immortal de immortaes obreiros assistirá erecta ao passar dos seculos para desabar quando a terra chegar ao estado de lua, de completa esterilidade!

Segregado, a principio, das outras sciencia que, como elle, não descendem de uma *linhagem divina*. o direito procura actualmente utilizar-se das conquistas de todos os ramos scientificos: deixa-se saturar de todas as luzes que illuminam o cerebro da humanidade!

Entre nós o dique immenso que se oppunha ao evolucionismo do direito ja cahiu desfeito em mil pedaços. Iniciada por Tobias, a obra grandiosa da nossa regeneração scientifica tem sido valentemente trabalhada por um pnhado de discipulos, cuja assemblea elle presidia como se fosse um *maestro* genial a dirigir, de batuta em punho, a orchestra da sciencia.

Os verdadeiros cultores da sciencia juridica entre nós, aqueles que, na expressão de Ferry, escrevem *Direito* com D maiusculo, formam já um bella e luminosa constellação.

Sylvio Romero, o sympathico e profundo auctor dos *Ensaio de philosophia juridica*, Fausto Cardoso, Arthur Orlando e Viveiros de Castro, são nomes que, attestam o nosso valor intellectual, podem ser repetidos ao lado daquelles que no velho mundo mais brilhantemente trabalharam no minerio inexgottavel do direito- sciencia.

E' com orgulho, poçem, que o digo: é no corpo docente desta Faculdade, cujas abobadas ainda parecem repercutir a voz tonitroante de Tobias, que a onda do evolucionismo juridico mais se tem avolumado. João Vieira, Martins Junior, Adolpho Cirne, Adelino Filho e outros muitos, grandemente tem concorrido para o desentorpecimento do mecanismo juridico, quer pelos seus escriptos, onde pululam vigorosas as idéas elevadas que só podem ter como fontes cerebros integros e excepcionaes, quer da ca-



deira de mestre, donde, com a segurança do professor, educam a mocidade brasileira na sciencia de Ulpiano.

Permitti, entretanto, mestres que, dentre todos, destaque, pelo seu talento com lampejos de genio e pela sua erudição admiravel neste paiz de ociosos, um nome que não está mais circumscripto nos limites territoriaes do Brazil, mas que se tornou cosmopolita como a propria sciencia de que é cultor!

Este nome, não era preciso que eu dissesse, é o do Dr. Clovis Bevilaqua-o joven sabio, como chamou-o um seu illustre collega.

Não quero, porem, traçar o perfil do grande mestre, pois com a minha pobreza intellectiva em vez de desenhá-lo como um athleta que é reduzil-o-ia a proporções bem acanhadas.

As suas obras são o biographo mais fiel do mestre de nossos mestres.

**
*

Meus Senhores! Tem-nos sido muitas vezes atirada a pecha de imitadores, e a alguns que não se satisfaziam com o consumo das archaicas theorias que da França importavamos como o mais perfeito producto do espirito humano, tem se chamado de *germanomaniacos*!

Porem de que modo devreiamos encetar a nossa trilha no meio dos diversos systemas juridicos, quando começamos a babuciar a linguagem severa de um lhering, quando a aurora diamantina da sciencia listrando o azul plumbeo de nosso cèo annucia-nos que o seu sol ainda não transpoz a linha de nosso horizonte intellectual?

Creando? regendo-nos por leis originaes, sem obdecer á filiação juridica? A isso, porem, se oppõem a grande lei da evolução e o nosso fundo hereditario, raço de mais para dobrar-se sobre si mesmo e procurar institutos soterrados pelo tempo mas capazes de, remodelados de accordo com o progresso scientifico, supportarem a intensidade da luz que projecta este seculo expirante.



Roma, o fóco que mais luz derramou sobre a sciencia juridica, e cujo monumento resistiu ao embate da corrente impetuosa que rolando do norte da Europa esmagou em sua passagem todo o occidente ; Roma, a patria de Cicero, não foi imitando a Gregos que se tornou immortal ? Estes mesmos não mandaram seus philosophos ao Egypto para ouvirem a palavra sabia de seus sacerdotes ?

Solon,— o celebre legislador atheniense, onde foi abeberar-se da sciencia que o illuminou na confecção das leis que deviam reger a cidade escolhida para berço da philosophia ? Não foi na terra dos pharaós ?

Não vejo desar, portanto, em acceitar as theorias estrangeiras e em trasladar para as nossas leis as disposições dos codigos de outras nações, mas com criterio e depois de um estudo previo sobre sua importancia e possibilidade de adaptação.

Na selecção está o principio vital do Direito.

* *
*

Exmas. Senhoras.

Neste templo da sabedoria, onde celebramos a festa da sciencia, seria summamente arido se faltassem as flores que a natureza semeou no immenso jardim da vida humana — as mulheres — tantas vezes divinisadas ; mas tambem tantas vezes injustamente accusadas !

Augusto Comte, o raphaelesco amante de Clotilde de Vaux, idealizando a sua religião da humanidade, apresenta duas manifestações de seu principio ou philantropia universal :— uma pela voz do Grand-Être, ou reunião das almas mortas, outra pela mulher— a representação mais real e mais graciosa da philantropia, ou a melhor e a mais grandiosa personificação do ideal supremo que o homem possa attingir.

'A mulher è o unico ente diante o qual o positivismo curva o joelho.'

E o philosopho francez tinha razão...

A somma enorme de sentimentos affectivos de que é dotada a mulher tem concorrido extraordinariamente para



o abrandamento das leis humanas, pois já o Código de *Manú*, confeccionado numa época em que ella tinha a mesma condição social de escrava, estatua que não batessem numa mulher nem mesmo com uma flôr.

Quantas vezes a aza diaphana do affecto e da delicadeza femenina, roçando de leve a fronte rugosa e pensativa do sabio, não faz, como fresco orvalho sobre as petalas emmurchecidas de uma flor, alentar-lhe a intelligencia e superexcitar-lhe a imaginação?!

E' desse connubio do sentimento como raciocinio, do coração com o cerebro, que espontanea as grandes idéas—como ondas collossaes que impellem a humanidade para o oceano sem praias do progresso scientifico!

* *
*

Meus collegas! Quando os antigos levavam suas victimas ao sacrificio coroavam-n'as de flores!

Foi o que fizestes, arrastando-me a esta tribuna onde, embora cercado de vossa benevolencia, acabo de revelar a minha insufficiencia e a vossa escolha desastrosa.

Sim, collegas, sacrificastes a imponencia de nossa festa; mas a palavra auctorizada e elevada do mestre escolhido para paranymphe nesta solemnidade virá desfazer a impressão desagradavel que acabo de deixar.

Tenho dicto.

JUVENAL LAMARTINE.



O CELIBATO CLERICAL

Não é demais ainda um esforço, no sentido de se evidenciar a falta de elucidação histórica que dá lugar à errada convicção, em que permanece uma considerável parte da nossa população, da existência ininterrupta do celibato clerical, como instituição de carácter puramente divino.

E' justamente essa crença erronea que urge destruir, desnudando a verdade histórica, e indicar as razões de ordem científica que demonstram o grosseiro e estúpido absurdo proibitivo do casamento dos padres.

Pode-se desde logo afirmar que a instituição do celibato clerical foi uma criação exclusivamente da Igreja romana.

Esta afirmação seguríssima e irrefutável abroque-la-se nos próprios textos bíblicos, nos quaes todas as comunidades christãs devem assentar os seus fundamentos básicos.

Lendo-se o Exodo cap. 2. v. 16 ; cap. 3. v. 1, vê-se que Jethro, sacerdote em Madiam, tinha sete filhos e foi sogro de Moysés ; de onde se pode inferir que foi-lhe permittido ter família.

Ainda no Exodo, no cap. 40 v. 12 e cap. 20 vs. 23 e 26 vê-se Arão, o primeiro summo sacerdote de Israel, ter filhos legítimos sendo substituído por seu filho Eleazar.

O Novo Testamento ensina por sua vez que Zacharias foi casado com Izabel e foram paes de João Baptista—Lucas cap. 1 vs. 4 a 80. O apóstolo Paulo na sua primeira epistola a Timotheo cap. 3 v. 15



diz: importa que o Bispo seja irreprehensível esposo de uma só mulher que saiba governar a sua casa, que tenha seus filhos em sujeição com toda honestidade.» O mesmo apóstolo diz ainda que «é melhor casar-se do que abraçar-se»—1^a Epistola aos Coríntios cap. 7. v. 9.

Até mesmo o padre Antonio Pereira afirma que «nem todos são capazes de viver em celibato senão aquelles a quem o Senhor conceder esta graça e o dom da continencia.»

Estas citações authenticas, hauridas na fonte que alenta e vivifica a crença, suscitam o argumento que produz a convicção de que o celibato do clero brutal e inaudita violencia á lei natural, promana unicamente da Igreja de Roma.

De facto até ao meiado do seculo IX os padres estavam investidos da faculdade de constituir familia legitima.

O direito, portanto, conferido ao clerigo, por força das leis naturaes, de organizar uma familia existio de todos os tempos sem embargo nem postergação dos seus deveres religiosos.

Os papas que succediam-se por eleição do conclave ou por aclamação geral dos ecclesiasticos e fieis reconheciam esse direito, pois historicamente nada consta sobre a prohibição do casamento dos padres decretada por elles.

Foi Gregorio VII quem estatuiu como norma essa resolução arbitraria firmada fora da razão com visivel menosprezo das proprias leis physiologicas e naturaes.

Esse monge ardiloso e hypocrita, retrahindo sempre o sentimento para poder realisar os seus mais despoticos desejos, comquanto de extraordinaria e rara intelligencia, refortalecida por uma cultura elevada, alimentava em segredo já nos tempos de sua primitiva obscuridade, em que vivia com o modesto nome de Hildebrando, a esperanza, embora tarda, de sua grandeza na hierarchia clerical, aspirando ás pompas deslumbrantes do papado, para cuja conquista foi até aos assassinatos, envenenando nada menos de sete papas, inclusive aquelles mesmos que o elevaram ás mais altas digni-



dades ecclesiasticas, fazendo valer em toda a Europa o reconhecido enaltecimento dos seus dotes de espirito.

Hildebrando, que tomara por orgulho o nome de Gregorio, segundo diz Lachatre, nasceu de um ajuntamento incestuoso, pois fora seu progenitor um irmão de sua propria mãe, o abade do mosteiro de Nossa Senhora no monte Aventino.

Attingia, finalmente, ao apice de suas aspirações, mallogradas anteriormente, fazendo-se acclamar por uma agitação popular, que forçou a reconhecerem-no como successor de Alexandre II os cardeaes e ecclesiasticos que se achavam reunidos na basilica de S. Pedro de Liens, afim de resolverem sobre a escolha de um novo pontifice, não se cogitando no momento absolutamente do nome delle.

Amedronados com as exaltações allucinadas da multidão proclamando Hildebrando senhor do Vaticano sem predizer, contudo, o proximo advento da dominação absoluta do futuro soberano real das nações europeas, cederam, e assim ascendia perigosamente a cathedra do Vaticano aquelle que dentro em pouco estaria a anarchisar a Igreja e a revolucionar ambiciosamente o mundo politico-social.

Uma vez instalado na culminancia suprema da Igreja, deu começo á sua planeada obra de reformas extensivas a todos os dominios.

Em um concilio, que convocara para se regularizarem as reformas attinentes ao clero, pronunciou-se rigorosamente contra o casamento dos padres, declarando que eram preferiveis os ecclesiasticos concubinarios, solmitas e mesmo incestuosos áquelles que contrahiam uniões illegitimas.

«O casamento, acrescentava elle, prende o clero ao estado dando-lhe uma familia e afasta-o da Igreja á qual deve sacrificar tudo.

Abstrahindo de tão sordido e depravado pronunciamto, em que se desenha vivamente a negridão da alma apaulada e torpe desse papa que não se pejava de erigir a devassidão em principio, preferindo a corrupção annihiladora do sacerdocio á austeridade de



uma moral perfeita que garantisse a estabilidade das instituições ecclesiasticas, nota-se em semelhante decisão crassa e lamentavel ignorancia do que existe de mais natural e suggestivo no mundo—a organização da familia.

Escreveu, em 1874, o erudito e incansavel Dr. Ruy Barbosa, prefaciando "O Concilio e o Papa" de *Janus*, o seguinte :

Historica e anthropologicamente, a familia precede ao culto organizado, á jerarchia ecclesiastica, á liturgia religiosa. Esse direito, portanto, na ordem natural e na dos tempos, preexiste ás religiões positivas, necessariamente deve preferir a ellas na organização da sociedade humana."

Nestas condições, portanto, só o arbitrio de Gregorio VII—que se comprazia em abater a todos, menoscabando da superioridade da organização social em proveito do seu absorvente dominio, em que não levava em conta a immaculada pureza das tradições primitivas da Igreja, unicas verdadeiras e aceitaveis pelas commuidades christãs, pode abalançar-se a confiscar um direito inherente ás condições phyysiologicas e affectivas do homem.

A resolução de Hildebrando, apesar de attentar flagrantemente contra a natureza, mantem-se e subsiste, com evidente prejuizo da moralidade do clero e da sociedade civil.

De modo que o Vaticano exclue a existencia de um sacerdocio moralisado e serio, permittindo-se a posse de uma padraria viciada e infecta que leva as instituições catholicas á mais profunda decadencia moral, desde que conserva o celibato clerical.

O padre, todo mundo sabe, è um homem como outro qualquer. Guarda sob o negrume da roupeta que veste todas as faculdades e as mesmas funcções peculiares ao homem. E' tambem um dos factores na ordem harmonica da vida social.

Tem incontestavel direito de viver collectivado, de aspirar ao amor da familia, ao grande sentimento da paternidade. A natureza não o contistuiu uma excepção á lei irrevogavel e fixa da procreação, dotou-o com o



mesmo ser que a nós outros e outorgando-lhe os mesmos direitos impoz-lhe os mesmos deveres.

Não se diga, porventura, que o padre Mouret de Emilio Zola é um mytho esculpido pela sua imaginação de romancista. Seria imperdoavel ignorancia suppor-se isso, porquanto Zola não fabrica ficções para entreterimento dos espiritos pueris. A sua escola é a da verdade, o naturalismo.

Consequentemente o padre *Mouret* é uma entidade real, corporea, uma personificação exacta e verdadeira.

Quantos padres *Mouret* existem disseminados pela superficie da terra, condemnados ao desamor e desalento das affeições negadas! Quantos sacerdotes jovens anceiam na robusta e sadia frescura dos annos, nos vortices silenciosos e torturantes de uma paixão occulta, desesperadora, entristecendo-os e acabrunhando-os sem esperanças e que seria o principio de sua felicidade, que os faria talvez os melhores dos homens, se lhe pudessem dar curso, amando, se Roma não os fizesse celibatarios!

São monstruosas e commovedoras as historias que se contam dos padres catholicos.

E a razão explicativa consiste nesse isolamento atrophante e enervador de affectos ungidos e castos em que o seu espirito vegeta, incomprehendendo o mais sublime de todos os deveres que incumbem ao homem, o dever da familia, que gera-se na tranquillidade continua do lar, onde se desenvolve o sentimento, melhorando e aperfeiçãoando as condicções affectivas e moraes do individuo, no contacto sereno e fecundo da esposa e dos filhos. O sacerdote, geralmente, recebe ordens sacras nessa temeraria idade de fogo em que a alma arde numa febre de sonhos, de coisas imaginativas, adivinhando um paraizo na terra, povoado apenas pelo seu amor e as suas illusões cambiantes, anhelando um pequeno mundo, somente d'elle, onde os encantos da mulher rebrilhem, a sua meiguice o faça pensar na vida com seriedade; porque todo elle está concentrado na candura de sua companheira.

O rapaz sae do sem'nario tonsurado e amortalhado na exquisita batina preta e vae pelo mundo fora pen-



sando nessas coisas, sentindo e rugindo nas silenciosas solidões do seu ser, sem francamente se lhe desenhar nos lábios um sorriso de amor.

Depara-se-lhe às vezes uma mulher cujo rosto o seduz e attrahe, mas morre-lhe para logo o sentimento, porque elle é padre e Roma veda-lhe o casamento.

É preciso extraordinario heroismo para vencer as tentações insistentes e irritantes da carne. Mas são bem poucos aquelles que se pôdem impor uma continencia absoluta e completa. A menos que não se trate de um o'gumismo moribundo, degenerado, nenhum homem dispõe da facultade de se preservar semelhante continencia, sob pena de aniquilar-se muito precocemente.

D'ahi, na impossibilidade irremissivel de repousar os seus affectos em uma só companheira legitima, o padre esqueça-se da promessa solemne da morte do coração e lança-se ansiosamente na vertigem dos secretos prazeres mundanos, requestando a mulher que mais lhe agrada, embora vá nisso o mais requintado despudor. É o homem supplantado pela instincto.

Muitas vezes ao confissionario encontram-se do's corações que reciprocamente se chocam e emocionam como se fossem nascidos um para o outro.

É uma menina de quinze annos que genuflecte melancolicamente, com essa doçura infinita das almas impeccaveis e puras, aos pés de um padre apenas sahido do seminario, de rosto lizo e corado, emoldorado por uns olhos faiscantes e seductores que encerram a linguagem silente e mysteriosa das almas apaixonadas e sensiveis. para apenas contidenciar-lhe em voz murmurante os pensamentos muito naturaes que exprimem a doce calentura da vida na sua idade. Ambos, então, entreolham-se com voluptuosos sorrisos, trocam-se sentidamente phrases amorosas e desde logo fica, assim, iniciado o duplo crime do joven padre e a desgraça irreparavel da moça inexperiencede e fragil, cuja razão obcecada pelo amor não teve tempo de reparar na tonsura e na sotaina do seu eleito.

Esse facto, que se não pôde acoimar de imaginario, pois que não raro occorre na vida social, onde existe o celibato clerical, constitue um dos irreductiveis motivos



que determinam a necessidade do casamento dos padres, como uma das condições de moralidade social.

Ninguém ignora, hoje em dia, em consequencia dos assignalados e multiplos progressos scientificos do seculo, que a ausencia da familia é para o homem uma das causas da depravação dos seus costumes e o leva irresistivelmente á pratica de verdadeiras torpezas e ignobilidades, embotando-lhe os sentimentos e deprimindo-lhe os estímulos mais nobres. O celibatario, por effeito de sua existencia esteril e solitaria, formando um mundo á parte, em que vive somente para si, sem outro ideal além do seu bem estar, das suas commodidades faceis, vegeta e gasta-se no mais bestial egoismo.

Com esse isolamento germinam ás vezes, em seu ser, as mais impudicas e obsessoras paixões que medram e distendem-se sem obstaculos, porque elle não vê diante de si senão seu proprio eu, a corrente extravasante dos seus ruins desejos que se antepõem a tudo, sem outro intuito além do de expandir desembaraçadamente os seus impulsos intimos.

A sociedade, para esse ente anormal, tem o dever de tolerar-lhe os mais grosseiros e immundos appetites, de desculpar-lhe as extravagancias que se reproduzem frequentemente, por isso que falta-lhe a responsabilidade de uma familia que elle não possui porque não quer, ou porque não pôde, como no caso do padre.

Entretanto tal não deve ser a conducta moral do homem, cujos direitos e deveres não resultam discricionariamente da sua vontade, mas da organização completa do meio social em que vive.

A grande destinação do homem é pertencer á sociedade, de que é parte integrante, e por i-so assiste-lhe o inilludível dever de subordinar-se ás normas geraes de conducta que lhe são indicadas por ella. Fora dessa verdade só pôde existir a mais perturbadora confusão, que define perfeitamente o desequilibrio social.

O homem que voluntariamente recusa-se a constituir familia ou é um sensual, cujo gozo não se sacia nunca, ou uma aberração natural, isto é, incapaz de pro-



criar por carencia completa de condições physiologicas.

Em ambas as hypotheses têm-se á vista dois verdadeiros phenomenos pathologicos.

Mas não é este o objecto da minha these, em que me proponho simplesmente demonstrar os perniciosos effeitos derivados da prohibição do casamento clerical, que é a razão primordial dos enormes crimes commettidos pelos sacerdotes, conforme ensinam as chronicas antigas e modernas e o que temos presenciado mesmo em nossos dias.

A existencia mystica e contemplativa dos conventos, onde se devia encontrar uma atmosphera expurgada das impurezas, respirando-se o perfume sadio das cousas celestiaes, longe de ser um sitio de paz e quietação é uma nevrose impura de saciedades corporaes.

O frade no remanso de sua cellula, onde devera ter apenas a idéa de Deus, refestella-se mollemente (e isto quasi sempre) nos braços de uma bella *soror* de olhares asceticos humedecidos de voluptia. O que tem sido em todos os tempos e em toda parte a vida promiscua dos claustros, todo mundo o sabe. E nem por isso o Vaticano se demove do proposito em que se firmou de denegar ao clero a faculdade da constituição da familia, esse vinculo fecundo e sublime que une o homem á mulher e os faz em commum viver para o resto da especie.

Sem a familia, penso eu e commigo muitos, não ha segurança social, não ha progresso, moralidade, não ha felicidade possivel, e a humanidade não teria razão de ser, porque ella é a base que serviu á sua grande formação.

Diz Eagenio Véron : « A medida que os progressos da observação armam o homem contra os perigos, e melhoram as condições de sua existencia, as preoccupações do egoismo primitivo tornam-se menos imperiosas.

O nivel da moralidade eleva-se com o desenvolvimento das afeições de familia e de solidariedade nacional. »

Tal é o poder que a familia exerce sobre as nossas faculdades.

Mas o papado prefere ver a Igreja corrompida e ee-



tragada pela dissolução dos costumes dos padres a permitir-lhes o casamento.

E é com essa doutrina subversiva e irracional que elle pretende espalhar os ensinamentos religiosos por entre os povos sujeitos á sua jurisdição.

Inquestionavelmente, além de outras causas conhecidas, a inibição do casamento, isto é, da formação da familia, ao clero, constitue um poderoso elemento de dissolução moral do catholicismo.

O padre casado, chefe de uma familia, sem duvida nenhuma melhor comprehenderia os seus deveres religiosos, porque não lhe faltariam estimulos em casa, de que auferisse vantagens para a sua conducta no sacerdocio, que não seria, então, desprezado e até mesmo (custa dizel-o) escarnecido como é nos nossos tempos.

THOMAZ GOMES.



Chronica Industrial

A maniçoba—Cultura do fumo—Um livro sobre agricultura tropical.

É superfluo já agora encarecer as vantagens economicas que facilmente se pode auferir da exploração e da cultura d'essa euphorbiacea.

Esta *Revista* e a conhecida folha d'esta capital, *A Republica*, têm por vezes feito largas referencias a essa exploração, e, si alguma cousa se deve accrescentar, é tão somente a expressão do nosso sentimento por verificar que, no dominio da realidade, ainda o primeiro passo está por vir.

A planta abunda, no estado indigena, em varios pontos do interior do Estado ; é susceptivel de ampla, rapida e proveitosa cultura em vastas extensões do nosso territorio ; é conhecido bastante o exemplo dos nossos visinhos do Ceará, para quem a borracha da maniçoba será em muito poucos annos a primeira fonte da riqueza publica, e, presentemente, já é um dos mais importantes ; sabe-se que o governo de S. Paulo e muitos agricultores do estado do Rio fazem experiencias em larga escala no sentido de aclimar alli a preciosa arvore ; ninguém ignora que a sua cultura requer poucos cuidados para produzir muito e que cresce com grande rapidez e tem a *vida dura*, como quasi todas as plantas indigenas dos nossos sertões ; é tambem sabido que a maniçoba produz tres vezes mais borracha que a famosa *hevea brasiliensis* do Pará, fabulosa miragem que tem, n'estes ultimos annos, attrahido milhares de patricios nossos que bem falta fazem-nos e



que poderiam, si houvesse iniciativa, *tirar borracha* na sua terra, em bom clima, sem precisar ir extrahil-a longe, com sacrificios, definhando ou morrendo nos inhospitos pantanos da Amazonia.

Apezar de tudo isso, nada fez ainda a nossa agricultura no sentido de desenvolver a sua futura riqueza com mais esse importantissimo ramo de producção.

A cultura da maniçoba não requer grande emprego de capitaes ; adapta-se muito facilmente a quasi todos os terrenos, ainda os arenosos ; prospera com grande rapidez, attingindo, em poucos annos, as dimensões de uma bella arvore ; dá muita e excellente borracha ; não depende de regularidade de invernos, pois que, até no cume das serras dos nossos sertões seccos e pedregosos, encontram-se pés de admiravel verdura e exuberancia.

Porque não tentam os nossos agricultores, ao menos a titulo de experiencia que não custa, o plantio da euphorbiacea que ha de desthronar a *hevea* do Pará ?

* *
* *

Quando João Nicot levou à Europa, em meiado do seculo XVI, as folhas da planta americana que conservou o seu nome (*Nicotiana tabacum*) e que nós conhecemos geralmente pela designação bem impropria de fumo, não suppoz certamente que em pouco seria aquella solanea um genero de primeira necessidade, tornado rapidamente tão indispensavel, em virtude da natural propensão do homem para os vicios, como os alimentos mais indispensaveis.

Não são estas ligeiras chronicas o logar mais proprio para considerações *philo ophicas*. O vicio é geral, nós temol-o mais que ninguem e, todavia, importamos toda especie de tabaco manufacturado, apezar das grande fabricas do Rio de Janeiro e da Bahia, porque os nossos productos são sempre inferiores, no genero *fino*, aos similares estrangeiros.

A Bahia fabrica optimos charutos ; Minas, Rio de Janeiro, Pará, Rio Grande do Sul manufacturam tabacos apreciaveis ; mas o fumante brasileiro, que preza-se e... pode, prefere sempre, apezar do cambio e dos direitos, o *harana* luxuoso e distincto, muitas vezes apenas superior



ao bahiano no bem acabado da confeição, ou no apuro irreprehensível do acondicionamento.

Em nosso pequeno Estado temos optimos terrenos para a cultura do tabaco em larga escala ; essa cultura, como toda gente sabe, é a mais commoda possível, pois nem de cercas carecem os terrenos plantados, porque os animaes que criamos não *mascam* ; todavia, alem de pequenissimas quantidades de pessimo *fumo em corda*, nada mais produzimos. Nas feiras do interior do Estado os fumos menos insupportaveis que apparecem são todos parahybanos, conhecidos sob a denominação geral de *fumo do Brejo* que, para o nosso sertanejo, é synonymo de fumo bom.

As fabricas pequenas e rudimentares existentes no Estado apenas produzem cigarros de inferior qualidade e os *famosos charatos de vintem*. Recebem de outros estados o tabaco preparado em pacotes e as folhas para os taes charutos.

A inferioridade da producção e do preparo, n'este como em todos os outros ramos de lavoura, deve-se attribuir, não a defeito do solo, mas á ignorancia dos cultivadores que desconhecem os mais elementares processos para o preparo do tabaco *bruto*.

Entretanto, temos, como ficou dito e é geralmente sabido, os melhores terrenos areno-argilosos para a cultura d'essa salanea ; o nosso clima e o mais proprio para o seu completo desenvolvimento e superioridade de qualidades, pois o tabaco dá-se de preferencia nos climas quentes onde o verão é mais prolongado, podendo produzir até tres colheitas por anno.

Alem de possuirmos amplos terrenos aptos para a cultura, é sabido que, para o tabaco, ha a maior facilidade no emprego dos estrumes por ventura necessarios n'aquelles que forem mais fracos.

Os detritos vegetaes, maxime os de plantas oleosas, como a mamona (*carrapateira*), os estercoes animaes, principalmente do porco, do carneiro e das gallinhas, não fallando dos adubos chimicos e do guano, que, por seu mais elevado preço, não são accessiveis a todos os pequenos agricultores, maxime entre nós, onde não são encontrados á venda ; as sementes



de varias plantas, todos os estrumes, enfim, são proveitosos na cultura do fumo.

Si, desconhecendo as boas especies e plantando indistinctamente qualquer semente, sem experiencia e previo conhecimento da respectiva adaptação ao terreno, não podemos obter folhas escolhidas pela dimensão, pela fineza e pelo aroma, como as da celebre variedade *nicotiana macrophylla*, de Havana poderemos, todavia, obter um producto superior, em cheiro, em sabor e em combustibilidade, ás cordas do detestavel fumo indigena, fetido, amargo e incombustivel.

Para isso bastaria apenas algum cuidado no processo da cultura, no trato da planta, nas sementeiras e na transplantação e, sobretudo, no tempo da colheita das folhas e nos seus primeiros preparos.

Nós, porem, nada d'isso fazemos, e na cultura do tabaco, como da canna, do algodão e de tudo mais, não conhecemos processo algum de aperfeiçoamento, não cuidamos de tal e limitamo-nos ao trabalho inintelligente, atrazado e grosseiro feito pelos moldes da mais acanhada e mais lamentavel rotina.

Toda a gente sabe que a primeira causa do atrazo da nossa agricultura è, não a irregularidade das estações ou a pobreza do solo, mas a ignorancia sem limites do agricultor em todos os assumptos relativos á sua nobre profissão.

Em regra, o agricultor—e no nosso Estado é a grande maioria dos que teem profissão—é bom pae de familia, ordinariamente grande, pode ser bom cabo eleitoral ou chefe politico de localidade, mas é quasi sempre official que não entende do officio.

Adstricto a dois ou tres processos rudimentares de cultura primitiva, sem noção scientifica alguma, sem o minimo preparo technico, é para elle perfeitamente impossivel melhorar e desenvolver as suas culturas porque não tem os requisitos de instrueção e os conhecimentos praticos necessarios para tal fim.



Em parte, porem, uma minoria, pequena porem ponderavel, desconhece o essencial da sua profissao pela falta de bons livros agricolas, conscienciosos, documentados e praticos, que trouxessem-lhe os conhecimentos para cuja acquisição não falta lucidez ao seu espirito e boa vontade decidida.

Não temos, contudo, na lingua vernacula um só livro n'aquellas condicções. Os bellos tratados de agricultura e zootecnia allemães e francezes são desconhecidos entre nós, porque até os originaes, por falta de procura, são escassos nas nossas livrarias.

Pois bem; a conhecida casa Laemmert propoz ao governo de S. Paulo editar uma versão portugueza do famoso tratado sobre agricultura tropical do sabio agronomo allemão Henrique Semler, pedindo apenas como auxilio a subscripção de tresentos exemplares por aquelle governo.

A obra de Semler é uma verdadeira encyclopedia de agricultura tropical, e todos os entendidos, consultados no Rio de Janeiro e S. Paulo sobre ella, foram unanimes em declarar que é de grande importancia e nos prestará immenso serviço si for vertida para o portuguez.

Todas as culturas de plantas alimenticias dos paizes quentes, plantas forrageiras, fructiferas, medicinaes e florestaes são largamente estudadas na obra do sabio allemão. Tudo quanto relaciona-se com a agronomia—botanica, veterinaria, technologia, engenharia rural, meteorologia, physica, geologia, chimica agricola—alem da parte industrial e commercial da cultura, é alli tratado com proficiencia conscienciosa, methodo e clareza acessivel a todos.

Alem d'isto, a grande obra de Semler, que consta de cinco volumes de setecentas paginas cada um, é illustrada com gravuras numerosas representando plantas, fructas, instrumentos agricolas, machinas, animaes, insectos, etc.

As culturas usadas e susceptiveis de introdução no nosso clima são alli amplamente estudadas



com a exposição dos seus elementos e processos mais modernos e mais proveitosos.

Seria, pois, da maxima conveniencia que os nossos poderes publicos, uma vez que, como sempre, falta a iniciativa particular, procurassem, como certamente farão os de S. Paulo, obter ao menos cincoenta ou cem exemplares d'aquella monumental encyclopedia agricola, logo que seja publicada, pois incontestavelmente prestará á nossa lavoura serviços comparaveis ao de um emprestimo bem entendido, ou dos mais rasoaveis favores e isensões.

A. DE S.



BIBLIOGRAPHIA

Revista Trimensal do Instituto do Ceará—tomo XII (1º trimestre de 1898)—Fortaleza, 1898—*Dedimus profecto grande patientiæ documentum* é a divisa da erudita publicação que na imprensa dá documento honroso do saber e da força de vontade do Instituto do Ceará.

Sólido e amplo repositório de conscienciosos e acurados estudos históricos e científicos, a Revista do Instituto do Ceará é um attestado eloquente e digno da elevada cultura mental que distingue o valente estado visinho.

Abre o presente fascículo, que consta de 84 paginas in 8º, uma «*Descrição Geografica*» da capitania da Ceará, attribuida ao engenheiro Paulet (o mesmo da famosa carta do Ceará, de 1817, que dá o rio Mossoró como limite entre aquelle e o Rio Grande do Norte), mas que, conforme a erudita nota do director da Revista, Dr. Guilherme Studart, deve antes ter sido redigida pelo então ouvidor da comarca, Rodrigues de Carvalho.

Essa memoria, escripta na primeira metade do anno de 1816, segundo ficou averiguado na mesma nota, é muitissimo curiosa, e util para o estudo comparativo do progresso do Ceará.

O erudito Snr. Desembargador Paulino Nogueira, presidente do Instituto, continua o largo e documentado estudo sobre os "Presidentes do Ceará", occupando-se, no presente numero, com o senador José Martiniano de Alencar, 7º Presidente, que tão bella parte tomou na revolução de 1817, tendo por mestre o nosso Miguelinho e os outros proceres do glorioso movimento. E' um esplendido



capitulo de historia patria, onde tanto se admira a erudição do auctor como a grandeza de animo das victimas de 1817.

Em seguida publica a Revista : dois documentos historicos—uma “Descripção do Porto da Fortaleza” pelo capitão de fragata Marques Giraldes, da Real Armada, feita em 1810, e um “Extracto da Narrativa de Lord Cochrane” na parte referente ao Ceará ; desenvolvidas *Ephemerides* cearenses, relativas ao anno de 1891 ; um resumo do ultimo recenseamento do Ceará, por onde vê-se que o Estado tinha, em 31 de Dezembro de 1890—764, 347 habitantes ; e “Variedades” sobre assumptos cearenses, quasi todas extrahidas de jornaes do sul.

A. DE S.



INFORMAÇÕES

Manifestação a Zola:—O *Gremio Polymathico*, do qual é órgão esta revista, já endereçou ao eminente romancista Emile Zola a mensagem de sympathia e applausos pela attitude assumida por aquelle glorioso homem de letras na questão Dreyfus. A mensagem foi subscripta pelos membros do *Gremio Polymathico*, do *Congresso Litterario*, do *Gremio Le Monde Marche*, do *Gremio Castro Alves*, alem dos cidadãos Drs. Juvenal Lamartine e Augusto Bizerra, Fortunato Aranha e Manoel Pinto Meirelles, e é concebida nos seguintes termos :

« MESTRE,

Permitti-nos, a nós filhos da patria brasileira, a liberdade de enviar-vos as nossas saudações de viva sympathia e os protestos do nosso respeito e admiração os mais sinceros e profundos.

Para honra da humanidade, como um signal de sua nobreza e supremacia entre as demais especies e como garantia indestructivel da sua perfectibilidade, existe felizmente um laço impalpavel e invisivel, mas real e resistente, denominado solidariedade das almas---sublime traço de união do homem com o homem a-travez dos tempos, a-travez das distancias e dos mares que dividem os continentes e apartam os povos.

E essa nota doce e pura do sentimento, traduzindo a expressão nobre e divina da alma humana, é a força mater que eleva e colloca o homem ao nivel de seus destinos, para alem da atmosphera nebulosa do erro, abrigoando-o das correntes empolgantes das pai-



xões que avassalam e obcecaram, dos interesses que pervertem e aviltam, do odio que scinde, que intoxica e desnatura.

Todos quantos até hoje se teem desviado da rota commum, atravessando com a coragem dos predestinados a região arida e brumosa do egoismo e do erro que pejam os corações e ennaviam os espiritos, extremam-se como figuras excepcionaes, como seres syntheticos da selecção biologica de toda uma geração, consubstanciando as energias affectivas e as virtudes plasticas que surdem n'um dado cyclo historico da humanidade.

E vós que haveis escalado, com valor admiravel, o muro sinistro de grosseiros prejuizos sociaes, demolindo-os com a acção fecunda, tenaz e incruenta da vossa penna, pelo poder do esforço infatigavel e afevorado de vossa fé, pela combatividade imperterrita e firme do vosso espirito, pela pujança genial de vossa intelligencia, deveis possuir a consciencia dessa grandeza e ter sempre presente aos olhos d'alma a visão consoladora dessa esphera do bello e do util, onde lucilla a venus formosa da verdade, esphera sobre a qual deve desdobrar-se, protectora e incorruptivel, a providencia viva de Deus.

E' para esse ponto maximo dos nossos destinos que convergem as vistas e se encaminham os passos dos guias espirituaes dos homens, privilegiadas creaturas a quem cumpre, como outr'ora ao chefe hebreu, a missão augusta de abrir caminho, seja na agrura ardente e apavorante de invios desertos, seja—o que é mais perigoso e difficil—no campo subjectivo e meandroso da intelligencia, muita vez refractario á semente do bem, esterilizado pelo extrato espesso de multip'os preconceitos que ahi se conglobaram.

Mas as almas anseiam pelo amor, pela verdade, pela justiça com o pendor, com a força ineluctavel dos corpos para o centro de gravidade. E' preciso apenas para derrocar essa antemural do egoismo e da superstição, que se interpõe e obscureca a nitidez e a belleza do supremo ideal, que surjam homens de coragem e boa vontade á altura da missão tão humana



do altruismo, a mais alta expressão da dignidade e nobreza da especie.

O mundo civilizado proclama nesta hora agitada e ominosa da historia de vossa patria uma verdade—que vós haveis, com a vossa intervenção na questão Dreyfus, realiado o typo respeitavel e augusto dos abnegados perseguidos, aos quaes a divina promessa assegura o premio inalienavel, incorruptivel de uma justiça e paz ineffaveis. E vós, no caso vertente, deveis ter já a prova inconcussa da verdade dessa palavra do Evangelho—pelo gozo intimo da satisfação em que repousa a vossa consciencia, robustecida na fé, fortalecida pela certeza do dever cumprido, consolada e enaltecida por esse culto universal de admiração; sympathia e respeito com que os representantes da cultura moral do seculo vão á porfia significando-vos que a extraordinaria benemerencia da vossa obra vos ha sagrado um cidadão da humanidade.

Desappareceram para logo as fronteiras geographicas que vos tinham adstricto pelo sentimento ao solo nativo, aliás tucundo e generoso, mas, em verdade, diminuido e apoucado, qual elle agora se nos mostra, para conter uma personalidade que desdobra-se n'uma esphera pessoal, sobrepujante das raias convencionaes das nacionalidades, a qual amplifica-se e altea-se na envergadura dos heróes do escol da especie para pousar no seio da universal familia, condigna patria dos que se impoem, nobilitando-a por tal forma.

Conhecedores da historia do celebre processo Dreyfus, temos acompanhado com vivo interesse tudo quanto lhe diz respeito, maxime na sua phase mais importante, assignalada pela vossa inolvidavel intervenção no intuito de provocar a revisão d'aquelle acervo monstruoso de iniquidades judiciaes, com que atiraram vilipendiosa affronta ás faces da civilisação do seculo e estamparam um padrão de indelevel vergonha nos annaes gloriosos do vosso paiz, pelos factos correlatos e naturaes consequencias que delles derivam.

Aos vossos sentimentos de elevado patriotismo pedimos venia para consignar aqui a magua com que foi de-



cepcionada a nossa alma de latinos por afinidade ethnica, por filiação espiritual e por tendencia affectiva dos sentimentos, ao contemplarmos esse eclipse que tem empannado o opulento e poderoso cerebro francez, fazendo os vossos compatriotas recuarem, n'um delirio obsessio-nal, aos tempos nefastos da ferocidade reigiosa e do odio de casta.

Essa lugubre reminiscencia da historia medieval, que afilige ainda como um remorso a moderna consciencia neo-latina, esbatia-se já na penumbra dos tempos e tinha de mais em mais a diluir-lhe as sombras espectraes o contraste sublime da monumental epopéa de 89, em que a vossa patria apparecia aos olhos do universo como evocada dos seios de uma aurora redemptora, apresentando aos povos o evangelho novo da regeneração social.

É dest'arte é que nós, os filhos da livre America, estavamos acostumados a estremecer e a contemplar a França, grande, generosa, humanitaria e fecunda, communicando-nos atravez das correntes atlaticas a seiva vigorosa, sadia e juvenil de sua mentalidade, nutrindo-nos ao influxo poderoso de sua civilização.

De repente, e sem os preparos que antecedem ás profundas transições historicas, assistimos, feridos de horror, ao spectaculo macabro de um delirio contagioso e maligno affectando a amada metropoe do pensamento latino, deformando-lhe a estructura magestosa, deturpando a belleza esthetica de suas formas epicae.

Vimos que sob a acção dissolvente do acúleo do odio sectario e do exclusivismo de raça erigiu-se na capital franceza o patibulo official da diffamação e do assassinio da innocencia, transformando-se os templos de Themis em lobregos tribunaes de inquisição, e os sacerdotes da justiça em abominaveis syco-phantas, em ferozes Torquemadas. A voz da justiça, os brados clamorosos da innocencia, os direitos mais caros da civilização, tudo foi abafado n'uma asphixia de morte, conculcado com desprezo pelo tacão ferreo da tyrannia e pela furia minaz das turbas apople-ticas.



Na acuidade de tal crise manifestou-se em vossa patria um verdadeiro collapso moral. mas, quando mal respirava-se n'aquelle ambiente de chumbo, tives-tes vós felizmente as energias precisas para um esforço supremo, quasi sobrehumano, para relevantar o espirito de nobre independencia e justiça paralyzado n'uma inacção cataleptica. Erguestes-vos á maior altura do seculo e fostes o orgão de um appello de justiça sancionado— pelo veredictum unanime da civilisação contemporanea. E desde então tendes traçado dia a dia em caracteres aureos a historia da vossa grandeza immortal ao lado dessa pagina de lama e lucto, de decadencia e ignominia, que ferreteia a França inolvidavelmente.

Tendes sido desde aquelle dia o alvo dilecto de toda sorte de apodos, de insultos, de suspeitas vis e infamantes, de ignobeis desacatos, de ameaças feroces e tentativas homicidas e, por essa via dolorosa, levaram-vos á barra dos tribunaes, onde en-contrastes a mesma justiça que enviou Alfredo Dreyfus para o suppicio de um desterro perpetuo.

A *Cour d' Assises*, convertida n'uma succursal do tribunal militar que julgou Dreyfus, proferiu a vossa condemnação ! E foi quando a noticia de mais essa revoltante iniquidade chegou ao Brasil que nós, mocidade do Rio Grande do Norte, por iniciativa do Gremio Polymathico, orgão da presente manifestação a que adheriram as demais associações litterarias deste Estado, resolvemos por este meio significar ao eminente mestre da litteratura moderna, a vós cidadão egregio da grande patria universal, a nossa admiração, as nossas profundas sympathias e o mais alto acatamento a que vos tendes sabido impor.

E o tributo espontaneo, fervoroso e sincero de corações e espiritos brasileiros que teem haurido preciosissima seiva no mancial fecundo de vosso talento e do vosso saber, tanto quanto, da memoravel lieção de rara virtude que nesta hora offereceis ao universo, tiram o profundo ensinamento de honra e valor



moral mais edificantes de que pode um homem dar exemplo.

Com as seguranças destes sentimentos, accetai tambem a expressão do nosso jubilo e as nossas effusivas felicitações pelo acto altamente nobre e justicioso que acaba de chegar-nos á noticia, de haver a "Cour de Cassation" annullado a sentença que vos condemnou.

Praza aos cèos que este facto tão auspicioso seja o primeiro da serie de reparações moraes com que urge á França rehabilitar-se perante a civilisação.

Natal, 10 de Abril de 1898.»



1898 - Maio - 5

O Rio Grande do Norte

ENSAIO HISTORICO

III

*Revolução de 1817—Miguelinho
—André de Albuquerque.*

O movimento emancipador de 1817 em Pernambuco, apesar de ephemero e das hesitações e erros de administração que caracterisaram o governo provisório, passou á historia como um dos mais eloquentes episodios da vida politica do Brasil; e mais, foi aquelle movimento o que levou mais longe, no terreno pratico da acção objectiva, o ideal republicano, antes do 15 de novembro.

Hoje, o 6 de março é uma data festiva para o Brasil e os patriotas que o fizeram revivem na memoria da actual geração, engrandecidos pelo soffrimento que lhes impoz, com a morte oprobriosa, o famigerado conde dos Arcos.

Pernambuco, a altiva provincia, que muito se elevou na lucta prolongada contra os hollandezes, desprotegido e só, abandonado aos seus proprios recursos pela timidez da monarchia dos Braganças á qual serviu heroicamente, foi ultrajado na pessoa de filhos muito illustres pelos mandatarios vingativos do principe desertor D. João 6º, o misero e cobarde governante fugido á invasão franceza em Portugal.

A revolução de 1817, que podia ter impantado desde logo no Brasil a forma republicana, mallogrou-se, não só



em virtude das divergencias das provincias, o que motivou a limitada extensão do movimento, só repercutido na Parahyba e no Rio Grande do Norte, como tambem por causa dos innumerados erros politicos e falsa orientação administrativa dos responsaveis pela nova ordem de cousas. Esses erros, que foram uma lição para novos governos, divulgou-os o dr. Francisco Muniz Tavares na sua minuciosa *Historia da Revolução de Pernambuco em 1817*.

O Rio Grande do Norte figura na revolução de 1817 representado por dois patriotas immortaes—o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro (Miguelinho) e o Coronel de milicias André de Albuquerque. O primeiro é talvez o mais eminente vulto d'aquella memoravel jornada. Nomeado secretario do governo provisorio, juntamente com José Carlos Mairink que foi confirmado no cargo que já exercia na administração monarchica, o illustre rio-grandense do norte *frei Miguelinho* salientou-se logo, pelo seu elevado talento e solido saber n'aquella epocha de atrazo intellectual, e foi o redactor das melhores proclamações emanadas da junta revolucionaria.

Falando do padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, diz o benemerito auctor da *Historia da Revolução*, Muniz Tavares:

“tinha um dôce character e consumada prudencia: aborria os movimentos precipitados, desejava a revolução, não a provocava, queria uma republica, mas quando os meios de a sustentar se proporcionassem á difficuldade da empresa. Não se esquecia da antipathia dos portuguezes contra os brasileiros; mas reflectindo que a Patria precisava de braços, e que com uma violenta expulsão muito se perderia em capitaes, imaginando vencer a dureza com a generosidade, de proposito tratou de acarinhal-os”.

Para bem se avaliar esses sentimentos e essa clarividencia do nosso conterraneo basta ler-se a seguinte proclamação por elle feita, e assignada e publicada por todos os membros do governo:



“Habitantes de Pernambuco ! A Providencia Divina, que pelos inexgrutaveis designios sabe extrair das trevas a luz mais viva, e pela sua infinita bondade não permite a existencia do máo sinão porque sabe tirar d’elle maior bem e a felicidade, consentiu que alguns espiritos indiscretos e inadvertidos de que grandes incendios se podem originar de uma pequena faisca principiassem a espalhar algumas sementes de um mal entendido ciúme e rivalidade entre os filhos do Brazil e de Portugal, habitantes desta capital desde a época em que os encadeamentos dos successos da Europa entraram a dar ao continente do Brazil aquella consideração, de que era digno, e para o que não concorreram, nem podiam concorrer os Brasileiros, por quanto, que culpa tiveram estes de que o principe de Portugal, sacudido da sua capital pelos ventos impetuosos de uma invasão inimiga, saindo faminto de entre os seos Luzitanos, viesse achar abrigo no franco e generoso continente do Brazil e matar a fome e a sêde na altura de Pernambuco pela quasi divina providencia, e liberalidade dos seus habitantes ! Que culpa tiveram os Brasileiros de que o mesmo principe regente, sensivel á gratidão, quizesse honrar a terra, que o acolhera, com a sua rezidencia e estabelecimento da sua côrte, eleva-la á categoria de reino ! Aquellas sementes de discordia desgraçadamente frutificaram em um paiz, que a natureza amiga dotou de uma fertilidade illimitada e geral. Longe de serem extirpadas por uma mão habil, que tinha para isso todo o poder, e sufocadas na sua origem, foram nutridas por mutuas indiscreções dos Brasileiros e Europeos : mas nunca cresceram a ponto de se não poderem extinguir. si houvesse um espirito conciliador que se abalançasse a esta empreza que não era ardua. Mas o espirito do despotismo e do máo conselho recorreo ás medidas mais violentas e perfidas que podia escogitar o demonio da perseguição. Recorreo-se ao meio tírano de perder patriotas honrados e beneméritos da pátria, de fazel-a ensopar nas lagrimas de miserias familias, que subsistiam do trabalho e socorros dos seos chefes, e cuja perda arrastava consigo irrezis-



tivelmente a sua total ruina. A natureza, o valor, a vista espantadora da desgraça, a defeza natural reagiram contra a tirania e a injustiça. A tropa inteira se supoz involvida na ruina de algum dos seus officiaes ; o grito da defeza foi geral ; e elle resouu em todos os angulos da povoação de Santo Antonio, o povo se tornou soldado, e protector dos soldados, porque eram Brazileiros como elle. Os despotas aterrados pelo inesperado espectaculo, e ainda mais aterrados pela propria consciencia, que ainda no seio dos impios levanta o seu tribunal, dicta os seus juizos e crava os seus punhaes desampararam o logar, donde haviam feito sair as ordens homicidas. Habitantes de Pernambuco, crede, até se haviam tomado contra os vossos compatriotas meios de assassinar indignos da honra e da humanidade. Os patriotas no fim de duas horas acharam-se sem chefe. sem governador : era preciso precaver as desordens da anarchia no meio de uma povoação agitada e de um povo revoltado. Tudo se fez em um instante ; tudo foi obra da prudencia e do patriotismo. Pernambucanos, estai tranquilllos, appareci na capital, o povo está contente, já não ha distincção entre Brazileiros e Europeos, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo paiz, professores da mesma religião. Um governo provizorio illuminado e escolhido entre todas as ordens do estado, prezide a vossa felicidade ; confiai no seu zelo e no seu patriotismo. A providencia, que dirigio a obra, a levará ao termo. Vós vereis consolidar-se a vossa fortuna, vós sereis livres do pezo de enormes tributos, que gravam sobre vós ; o vosso e nosso paiz subirá ao ponto de grandeza, que ha mnito o espera, e vós colhereis o fruto dos trabalhos e do zelo dos vossos cidadãos. Ajudai-os com os vossos conselhos, elles serão ouvidos ; com os vossos braços, a Patria espera por elles ; com a vossa applicação á agricultura, uma nação rica é uma nação poderosa. A Patria é a nossa mãe commum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valorosos Luzos, sois Portuguezes, sois Americanos, sois Brazileiros, sois Pernambucanos.”



Os depositarios do poder, porem, desviaram-se do roteiro indicado pela sabedoria do illustre secretario do governo e os erros succederam-se, cada qual maior, começando pela desavença entre o capitão Pedroso e José Luiz de Mendonça e pela dispensa do concurso voluntario das milicias e ordenanças que marchavam de Santo Antão e que tiveram orden de retroceder, sem uma palavra de gratidão, quando o primeiro cuidado do governo devera ter sido a arregimentação de forças, voluntarias e mesmo mercenarias, para garantia da ordem de cousas estabelecidas a 6 de março. O segundo erro do governo provisorio foi a injusta e monstruosa promoção de officiaes, em que o egoismo dos militares que faziam parte da junta manifestou-se, em accessos indevidos, com verdadeiro escandalo para os camaradas, que murmuraram descontentes.

*
**

Não pretendo escrever aqui a historia da revolução de 17 na séde do movimento, mas somente relatar o episodio tragico da sua repercussão no Rio Grande do Norte, no qual a figura de um homem simples e bom, abandonado e trahido, destaca-se, aureolada pelo martyrio e engrandecida pela cobardia dos seus cumplices. André de Albuquerque, o unico que no Rio Grande do Norte morreu pela liberdade em 1817, succumbiu ás mãos dos seus partidarios da vespera e essa traição sem nome nos faz esquecer a fraqueza com que o infeliz recebeu o golpe fatal da desillusão, com aquelle *vive el rei*, pronunciado *por entre as emoções do intimo susto*, com que respondeu à insultuosa e cobarde pergunta dos que o foram prender, si porventura essa versão, acceita por Muniz Tavares, é verdadeira, pois está em desacordo com a tradição local que nos diz ter o heroe d'aquella aventura politica respondido aos seus inimigos com estas palavras, muito outras das que escreveu Muniz Tavares: «Viva a Patria, viva a Liberdade»

A acção do Miguelinho foi principalmente no Recife e o seu nome está intimamente ligado á revolu-



ção alli. Sobre esse grande patriota corre mundo uma conscienciosa biographia devida ao meu talentoso collega dr. Manoel Dantas e inserta no *Almanak do Rio Grande do Norte de 1897*--; Dispensar-me, por isso, de occupar-me ainda aqui do notavel republicano e illustrado sacerdote, satisfazendo-me com o que ilcou dito, isto è, que foi aquelle nosso conterraneo talvez o mais eminente vulto da revolução que mallogrou-se principalmente porque os seus conselhos e planos valiosos não foram aceitos e seguidos pela junta governativa descordante e inexperiente dos patriotas.

Olhemos agora especialmente para o Rio Grande do Norte.

*
**

Governava a provincia, quando explodiu a revolução de 1817, o governador José Ignacio Borges: era pernambucano de nascimento e muito particular amigo do padre João Ribeiro Pessoa, um dos chefes do movimento revolucionario.

José Ignacio Borges era amigo dos brasileiros e a amizade que o prendia ao padre João Ribeiro tornava-o suspeito ao partido portuguez que não via com bons olhos as visitas frequentes do governador ás casas dos pernambucanos. Era o governador medianamente instruido e faltavam-lhe as vantagens de qualquer educação scientifica; possuía, porem, grande tino e não era extranho ao movimento libertador, sendo certas as suas pronunciadas sympathias pelo elemento brasileiro. A sua ambição, entretanto, levou-o a desmentir as esperanças que os patriotas tinham na sua adhesão ao movimento de Pernambuco. Sem fortuna e sem nobreza de nome, José Ignacio Borges sempre ambicionou a sua elevação pessoal, e o posto de tenente coronel, cavalheiro da ordem de Christo e governador de uma provincia já lhe era satisfação, em parte, aos desejos insoffridos de riqueza e considerações. As vantagens que lhe poderiam advir da sua adhesão ao novo governo democratico eram problematicas e requeriam sacrificios immediatos, que o seu egoismo repellia.



A gloria sem os proveitos materiaes e immediatos não tentava o espirito pratico do plebeu José Ignacio Borges; e o arrojo e altivez com que se declarava pelos seus patricios quando simples cabo de esquadra e velho revolucionario tinham morrido no governador ambicioso e arrogante de uma posição que devia aos portuguezes. Foi, portanto, facil a esperança dos revolucionarios de 17 na adhesão do governador do Rio grande do Norte, que para logo descobriu-se parcial da monarchia e adversario capcioso da emancipação do Brasil.

*
**

Confiantes na amizade que havia entre o governador José Ignacio Borges e o padre João Ribeiro Pessoa, o governo pernambucano dirigiu-se áquelle governador, convidando-o a manifestar-se pela Revolução, pois era chegada a hora de mostrar a nobreza dos seus sentimentos de pernambucano. Dizia a carta confidencial que a Patria reclamava dos seus filhos os maiores serviços, e que nenhum mais do que José Ignacio Borges os podia prestar, pela elevada posição que occupava como governador de uma provincia.

O solicitado, porem, longe de acceder ás razões da carta, resolveu logo não adherir e procurou, pelo contrario, preparar-se para obstar a propagação do movimento emancipador.

Para isso, José Ignacio, sabendo que o nome dos Albuquerque Maranhão, illustre pela nobreza dos antepassados e mais illustre ainda pelas virtudes civicas (no dizer de Muniz Tavares, auctor ao qual me reporto de preferencia n'este trabalho) gosava de muito prestigio e vasta influencia na provincia, e que era oraculo e chefe daquella familia o coronel de milicias André de Albuquerque, poderoso e respeitado pela sua grande riqueza e querido do povo pelo seu generoso coração, procurou observar a conducta politica daquelle temivel rival, alliciá-lo e obter o seu apoio na apostasia ou, sendo isso impossivel, perseguil-o e anniquilá-lo. Não tardou o governador em procurar entender-se com André de Albu-



querque para tentar a primeira hypothese do seu raciocinio--allicial-o--e, não obstante estarem-lhe indicando a razão e a prudencia que devia chamar a esta cidade o poderoso coronel de milicias, dispoz-se a ir elle proprio conferenciar com André de Albuquerque, no engenho Cunhaú, propriedade e residencia d'aquelle potentado. Assim fez.

Ao chegar, porem, ao Cunhaú, soube José Ignacio Borges que o coronel tinha seguido para a villa de Goyaninha. Abandonando os conselhos da prudencia, o governador seguiu sem demora para Goyaninha. Logo que chegou, procurou na sua propria casa o coronel André de Albuquerque, sendo recebido gentil e urbanamente, como mandavam as boas regras da educação. Jantaram juntos, tendo em seguida uma prolongada conferencia, depois da qual voltou o governador para esta capital.

*
**

Convem agora explicar a razão da estada de André de Albuquerque em Goyaninha. O governo de Pernambuco, sciente do prestigio e da ascendencia do coronel n'esta então provincia de Portugal, escrevera-lhe ac mesmo tempo que ao governador.

Essa carta muito lisongeou o espirito simples do bom André, que logo resolveu adherir á causa republicana. Sendo em Goyaninha a residencia do maior numero dos soldados e officiaes do seu regimento, tornava-se urgente a sua presença alli, para diariamente instruir a milicia, predispondo-a para a lucta. Julgando, porem, insufficientes as suas forças para a conquista da capital, André de Albuquerque, logo que teve noticia do estabelecimento do governo republicano na Parahyba, onde primeiro repercutiu a revolução de 6 de março, dirigiu-se áquelle governo, pedindo auxillio de gente escolhida, para agir com maior segurança. Aguardava a chegada do reforço pedido, quanto teve a visita do governador José Ignacio Borges.



Era confidente de André de Albuquerque e influiu grandemente no animo do coronel o vigario de Goyaninha, padre Antonio de Albuquerque Montenegro, decidido e exaltado patriota. Esse sacerdote, impressionado com a visita do governador e curioso de saber o assumpto da conferencia, procurou logo o coronel seu amigo, de quem francamente soube os subterfugios com que o Borges tentara alliciar o coronel para a defesa da monarchia.

Exaltou-se o violento vigario com a ousadia do governador e censurou com acrimonia o amigo por não ter immediatamente castigado e prendido o seductor, acrescentando:

« Já que não aproveitastes a occasião favoravel, não vos resta outra alternativa sinão segul-o no momento com escolta fiel e prendel-o onde o encontrardes, ou sujeitar-vos a fazer com o vosso cadaver a escada da sua fortuna ; e vos direi, que si este ultimo caso succedesse, a patria vilipendiada teria em eterna execração a vossa memoria. »

Assim rematou o padre a sua reprimenda de sincero e intransigente republicano, nada replicando-lhe o generoso e bom André. A força convincente do discurso do arrojado vigario nenhuma perplexidade deixou-lhe no animo e praticou incontinentemente o conselho do padre Antonio de Albuquerque. Chamando os soldados e officiaes em quem mais confiava, lançou-se, a todo o galope dos cavallos, no encaço do governador, indo encontral-o no engenho Belem, em São José de Mipibú, onde pernoitava José Ignacio Borges no seu regresso para esta capital. André de Albuquerque: cercou a casa, na qual, ao amanhecer, penetrou, com dois officiaes, dando voz de prisão ao governador. Este, reconhecendo tarde o seu desastrado procedimento, resignou-se, portando-se sem cobardias e sendo dignamente tratado pelo coronel André de Albuquerque.

..

Estava feita com esse golpe de audacia a revolução no Rio Grande do Norte.

O fazel-a, porem, não era o mais difficil. Para isso



bastou a resolução de um homem de prestigio e coragem. Para consolidal-a, para tornar uma conquista realisada a transformação politica que aquella prisão iniciou na pratica, fazia-se preciso o concurso de uma alta capacidade dirigente ; e o nosso heroe longe estava de ser um homem de Estado. Com os destinos da provincia em suas mãos, não percebia bem a somma de responsabilidades e a importancia d'aquelle mandato. Achou-se de novo hesitante. Faltava-lhe o genio politico de Miguelinho que n'esse tempo via mal comprehendidos pelo governo de Pernambuco os seus sabios conselhos, cujo abandono apressou a victoria da realza.

André de Albuquerque, realizada a prisão, achava-se no engenho Belem sem saber qual o caminho a seguir, de veras embaraçado com a guarda do alto prisioneiro, quando, logo no dia subsequente á prisão, chegou-lhe o auxilio pedido á Parahyba. O novo governo d'aquelle provincia, recebendo o pedido do coronel André de Albuquerque, enviou, com desusada presteza, cincoenta soldados de primeira linha commandados pelo tenente coronel José Peregrino, e duas peças de artilheria ligeira. Essa pequena força valia muito pela disciplina e instrucção ; o seu commandante, ainda muito joven, era um brioso e experimentado militar e os tres officiaes subalternos que com elle vinham eram tambem de reconhecido patriotismo e valor. A essa força expedicionaria incorporou-se o capitão mor da cidade da Parahyba, João de Albuquerque Maranhão, deseioso de ser util á sua patria e parentes. Esse voluntario era homem de firme character. diz Muniz Tavares.

O tenente coronel José Peregrino, conscio da urgencia da sua commissão, veio da Parahyba a marchas forçadas com destino a Goyaninha ; e sabendo alli que André de Albuquerque partira para effectuar a prisão do governador, seguiu sem tardança para o engenho Belem onde encontrou o preso e o chefe revolucionario que começava a não saber o que fizesse.

A chegada do auxilio da Parahyba trouxe grande alento aos partidarios de André de Albuquerque, e a primeira medida d'este foi enviar o governador preso para



Pernambuco, conduzido pelo capitão-mor João de Albuquerque Maranhão.

Nesta capital a apathia era igual á do interior da provincia. Não havia manifestações de applauso ou reprovação ao movimento que o coronel André animava, apesar da notoriedade dos factos occorridos em Pernambuco e Parahyba.

A guarnição de Natal era composta de cem soldados de infantaria e officialidade correspondente, commandados pelo capitão Antonio Germano Cavalcanti, e tinha sobre a nova ordem de cousas a mesma indiferença inconsciente do grosso da população.

Não havia um cidadão preclaro e energico, capaz de despertar no animo do povo, facilmente suggestionavel, o amor e o enthusiasmo pelo governo livre e pela independencia da Patria, vantagens que elle não comprehendia bem, mas que não repellia, conservando-se na sua ignorancia, sem preferencias entre os *direitos divinos* do rei de Portugal a este bello territorio brasileiro e a aspiração generosa de uma minoria liberal que batia-se pela independencia. Bastava essa indiferença igual pela permanencia do poder monarchico para assegurar o exito feliz do cidadão notavel que se propuzesse a convencer o povo da necessidade da Republica no Brasil. Esse homem, porem, não existia, infelizmente, e a incapacidade politica do heroico Andre de Albuquerque não permittia a este o glorioso papel de convincente propagandista.

Capaz, como foi, de dirigir a acção no terreno pratico da violencia armada, faltava-lhe o tino preciso para inculcar no animo publico uma forte convicção em prol das novas idéas, sem a qual impossivel seria, como aconteceu, resistir á reacção fatal da monarchia.

André de Albuquerque, aproveitando a indecisão do povo da capital e firmando-se no reforço parahybano, marchou do engenho Belem, onde prendera o governador, para esta cidade acephala e prompta a submeter-se á primeira aventura de dominação.

A 19 de março de 1817 entrava André de Albuquerque n'esta capital, entre aclamações populares e in-



genuamente certo de que tinha ultimado a sua obra.

Acompanharam-no, além dos seus fleis subordinados do regimento de milicias, a força parahybana e, segundo é tradição aqui, muitos populares do interior, designados pelas respectivas villas, conforme eram filhos d'esta ou d'aquella localidade, dizendo-se ainda hoje que vinham as villas de Goyaninha, de Arez, villa Flor, etc.

O capitão Antonio Germano Cavalcanti, com a companhia de infantes da guarnição, sahio ao encontro dos revolucionarios com intuitos de resistencia, mas vendo a superioridade das forças do coronel de milicias, flanqueadas pela companhia de experimentados e valentes soldados de José Peregrino, adheriu incontinentemente á revolução, abrindo alas e incorporando-se ao exercito mixto e curiosamente armado de todas as especies de instrumentos de combate e fazendo côro com os invasores nos vivas constantes á Patria, á Liberdade e á Religião.

A data precisa da entrada de André de Albuquerque em Natal è ainda ponto de controversia historica, variando entre 19 e 25 de Março.

Parece, porem, que teve razão o eminente auctor da historia da revolução de 1817, Doutor Francisco Muniz Tavares, affirmando ter sido a 19, pois esta data é a mesma conservada pela tradição aqui, que ainda hoje guarda a seguinte quadrinha de um poeta popular contemporaneo :

« A 19 de Março
Que bem se contava
André de Albuquerque
Nesta praça entrava. »

De posse da cidade, o coronel André tratou de organizar uma junta provisoria, de accordo com o seu valente auxiliar tenente coronel José Peregrino.

Foram estes os cidadãos escolhidos para compor a Junta Governativa : o vigario da cidade Feliciano José Dornellas, o coronel de milicias Joaquim José do Rego Barros, o capitão Antonio Germano Cavalcanti e o capitão de milicias Antonio da Rocha Bezerra.

Analysando essa escolha, diz Muniz Tavares que os membros da junta « eram pessoas probas, de alguma as-



condencia, mas indolentes por caracter, de muito pouco saber e arraigadas aos velhos usos.»

André de Albuquerque, escolhendo aquelles cidadãos, quiz compromettel-os na revolução, á qual adheriram, lisonjear-lhes a vaidade e captar as sympathias e confiança do povo para a nova ordem de cousas. Para si reservou o coronel André o governo das armas e julgou-se muito forte n'essa função para rebater qualquer tentativa de reacção.

« Os nomeados, escreve Muniz Tavares, não recusaram a nomeação; o poder agrada; nem foram applaudidos nem vituperados; dirigiram-se em corpo á Matriz, onde renderam-se acções de graças ao Todo Poderoso, e foi esta a maior acção com que se assignalaram no curto espaço de tempo em que figuraram ».

A organização da junta governativa deu-se a 25 de março. D'ahi a confusão com a data de 19, que assignala a entrada triumphante de André de Albuquerque nesta capital.

O governador das armas ordenou a extincção das insignias da realza e communicou aos governos de Pernambuco e Parahyba os successos da revolução n'esta provincia.

O governo provisório de Pernambuco recebeu com tristeza a noticia da victoria da revolução no Rio Grande do Norte, pois o contentamento de ver triumpharem as idéas liberaes em mais um tracto do territorio nacional foi annullado pela decepção que a apostasia de José Ignacio Borges causou no animo dos proceres do movimento de 6 de março. E' sabido que no atilado governador d'esta provincia muitas esperanças depositavam os patriotas pernambucanos e foi para aquelles bravos um desgosto pungente e decepcionante a certeza de que um dos filhos da Patria, em quem mais confiavam, a renegara, preferindo servir á causa da Realeza que de prompto poderia mais facilmente satisfazer a sua desmedida ambição de poder, fortuna e honrarias.

Os mais leaes amigos do governador deposto por André de Albuquerque limitaram-se no Recife a lamental-o, na impossibilidade de justificar o seu desamor á



liberdade dos seus patricios, á qual tantas vezes jurara eterna fidelidade, nos conciliabulos occultos dos patriotas onde comparecia assiduamente antes da distincção do governo monarchico portuguez que o nomeou governador d'esta então provincia, acto que veio augmentar as esperanças dos brasileiros na segurança da Revolução, pois até o momento da apostasia do Borges mantiveram a illusão da solidariedade leal d'aquelle ambicioso e intelligente pernambucano.

José Ignacio Borges, temendo uma manifestação hostile á sua pessoa por parte do povo do Recife, pediu ao commandante da força que o escoltava a fineza de demorar para a noite a sua entrada n'aquella capital. Foi satisfeito e, longe do esperado desacato, só encontrou o mais duro desprezo de todos os que o conheciam.

Foi recolhido á fortaleza das Cinco-Pontas, onde o conservaram incommunicavel.

* *

Estava, pois, feita a Revolução em tres provincias. O governo provisorio, porem, mal avisado e hesitante, em vez de fortalecer-se ahi onde já tinha medrado a semente da Republica, para depois provocar uma manifestação do resto do paiz, abandonou, inexperiente, a defesa do Recife, dispensou, como já ficou dito, o concurso valioso e indispensavel das ordenanças e milicias, desazo que só a ineptia e a maxima incapacidade governativa aliadas á discordia dos principaes membros do governo podem justificar, e sacrificou inultamente as commissoes do padre José Martiniano de Alencar e Miguel Joaquim Cesar, ao Ceará, e do padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, por antonomasia o *padre Roma*, á Bahia.

Sem os preparos proprios de tão arri cadas empresas, os descuidados delegados do governo de Pernambuco foram mal succedidos e o heroico padre Roma, que tinha *os dotes relevantes do desprezo da vida, patriotismo ardente e entendimento saaz*, segundo escreve o



contemporaneo Muniz Tavares, foi mandado fuzilar pelo famigerado conde dos Arcos, o rancoroso inimigo dos brasileiros, e victima principalmente do proprio governo provisorio de Pernambuco, que não via com bons olhos o talentoso e energico sacerdote, enviando-o á arriscada empresa de despertar o patriotismo bahiano, onde tinha que arrostar com a ira do sanguinario governador da grande provincia do centro littoral do Brasil, pela consideração de que, assim, *afastava se de Pernambuco um cidadão inquieto e ambicioso e se lhe collocava em uma carreira onde, si a fortuna o favorecesse, a sua ambição satisfazia-se sem prejuizo, a Revolução ganhava e a nova ordem de cousas conso'idava-se; no caso de adversidade, lucrava-se sempre, perdendo-se um objecto de desconfiança.*

Isto pensavam os governadores de Pernambuco; e o *objecto de desconfiança* para elles era aquelle grande heroe e martyr da historia da Republica, que arremessou ás ondas da bahia de Porto Seguro a papelada compromettedora que comsigo levava, para que somente elle, descoberto pela policia do conde dos Arcos em vista da incuria e da falta de sigillo que revestiram a sua jornada, pagasse com a morte indubitavel a ousadia inexcedivel d'aquella empresa temeraria.

A commissão dos enviados ao Ceará, padre José Martiniano de Alencar, que *pricipiava a frequentar no seminario de Olinda o curso de Rhetorica*, natural do Crato e muito estimado do parochio d'quella Villa, e Miguel Joaquim Cesar, que se dizia bem relacionado nos sertões do Ceará, foi igualmente frustrada.

O governo provisorio e os delegados confiaram na adhesão do capitão mór do Crato, José Pereira Filgueiras, malfeitor cruel, no dizer de Muniz Tavares, contra a opinião de T. Alencar Araripe, que em erudita nota exalta os méritos do Filgueiras, que considera um benemerito da emancipação nacional para a qual foi elemento decisivo no Ceará, Maranhão e Piauhy.

Sem as delongas e precauções que no caso eram precisas, o padre José Martiniano, aproveitando a reunião do povo n'uma missa de dia santo no Crato, proclamou do pulpito, depois da celebração do mysterio religioso,



a Republica no Brasil, lendo o celebre *Presizo* do tibio José Luiz de Mendonça, escripto sob a influencia exclusiva da ameaça do seu collega, o violento capitão Pedroso, que a 9 de Março, nos primeiros dias da Revolução, suspeitara de que o Mendonça os trahia e imprudentemente quiz traspassar com a espada o companheiro amedrontado que no dia seguinte, 10 de Março, publicou o *Presizo*, desfazendo as suspeitas que sobre elle recahiram por ter querido arvorar de novo a bandeira real.

A leitura foi muito applaudida pelos parciaes de José Martiniano e pelo resto do povo, sendo arvorada no adro da igreja uma bandeira branca e, em signal de alegria, dispararam-se as carabinas.

Quando, porem, muito certo estava José Martiniano da efectividade d'aquelle movimento, chegou á villa o influente e poderoso capitão mór Filgueiras e prendeu-o, com tres dos seus mais exaltados adeptos, mandando arrancar a bandeira e dar vivas a *el rei*, no que foi passivamente obedecido por todos os que havia pouco tinham dado palmas e vivas por occasião da leitura feita do pulpito pelo padre José Martiniano.

Este foi para a cadeia da villa com os tres companheiros, e dahi, arrastados de prisão em prisão, até a capital, trazendo sempre ao pescoço pesada corrente e soffrendo injurias sem conta.

Foi esse o fim do movimento do Crato. As outras villas conservaram-se mudas.

O Ceará era então governado por Manoel Ignacio de Sampaio, que á noticia da victoria da revolução aqui no Rio Grande do Norte, activou os meios de repressão de qualquer tentativa de sublevação que por ventura surgisse no Ceará, apezar de certo de que nada havia a receiar dos habitantes daquela provincia. Preoccupado sempre com o possivel apparecimento dos rebeldes no territorio sob sua jurisdicção, Manoel Ignacio de Sampaio commetteu algumas verdadeiras iniquidades, entre as quaes a de prender e enviar para os carcerees de Lisboa o ouvidor da comarca João Antonio Rodrigues de Carvalho, cujo crime era ter relações de amizade com o patri-



ota Domingos José Martins, tendo a mesma sorte um pequeno negociante da capital que se tornou suspeito ao governador exclusivamente por ser natural de Pernambuco.

* * *

Mallogradas essas duas tentativas revolucionarias na Bahia e no Ceará, o governo de Pernambuco viu-se ameaçado de perto pela reacção fatal dos poderes monarchicos firmados em todos as provincias do Brasil, á excepção das tres onde a Republica aparentemente existia, sem elementos, porem, de resistencia que pudessem oppor obstaculos serios aos defensores da deshonrada realza de D. João 6º.

* * *

No proximo numero occupar-me-hei da contra-revolução aqui, que terminou-pelo supplicio de André de Albuquerque.

Falta absoluta de espaço obriga-me a partir em dois artigos o presente capitulo d'este meu despretencioso trabalho.

ALBERTO MARANHÃO.



CAMPESTRE

Tarde de Março. Vaporosa essencia
Sobe do seio collossal da matta ;
E o sol morrendo, sua luz desata
Sobre a alegre choupana da eminencia,

O rio desce em doce somnolencia,
Espreguiçando o dôrso côr de prata,
E longe, a voz das aguas da cascata
Traz-me á lembrança o tempo da innocencia !

Aves, os ninhos procurando, aos pares,
Passam, batendo as azas, pelos ares,
Mergulhadas na luz consoladora...

E là na tósca porta da choupana
Dorme, em cóllo materno de serrana,
Um pequerrucho de cabeça loura.

FRANCISCO PALMA.



A SITUAÇÃO

A acção politica do honrado Dr. Prudente de Moraes tem sido de funestas consequencias para a Republica desde o mallogro da sua candidatura no Congresso Constituinte.

De facto: foi a teimosia de S. Exc. em contrapor o seu ao nome do glorioso Marechal Deodoro que deu em resultado a campanha ardorosa e arriscada que o partido republicano, por um dever de solidariedade, viu-se obrigado a mover contra aquelle valoroso soldado: e è d'ahi, dessa opposição que os actos do governo justificavam depois, que datam os primeiros revezes da Republica, porque, dividindo a nação em dois campos adversos, originou os primeiros odios, as primeiras paixões politicas.

Ninguem ignora o que foi essa lucta: o Congresso, na esphera de suas attribuições, começou a crear obstaculos ao poder executivo; e este, deixando-se arrastar por abusos e excessos, chegou ao extremo do golpe de estado, consequencia, para uns, da opposição parlamentar--systematica e vehemente—e, para outros, do arbitrio e da prepotencia do Barão de Lucena que, explorando affeições particulares, tornara-se o arbitro da situação.

Como quer que seja, a logica dos acontecimentos é fatal; e a reivindicção constitucional dar-se-ia necessariamente, como deu-se no 23 de Novembro.

Vencedor em nome da lei, o Marechal Floriano consentiu na deposição dos governadores, cumplices no attentado contra o Pacto Fundamental.



Desse acto advieram-lhe as primeiras hostilidades, que recrudesceram quando o Congresso teve de manifestar-se sobre a legalidade de sua continuação no poder.

Com taes precedentes, facil era de ver que a sua politica energica e honesta, que prejudicou grandes interesses ligados á dictadura que findara, lançaria os seus adversarios no caminho das violencias e das aventuras revolucionarias, que começaram com a sublevação da fortaleza de Santa Cruz.

Da conspiração de Abril, porem, é que verdadeiramente principia a epocha de pronunciamentos entre nós: ella foi o prologo dessa revolta extraordinaria que, durante annos no sul e mezes na Capital Federal, roubou á vida, arrebatados pela ingrata sorte das armas, centenares de bravos soldados, intemeratos e destemidos na intransigente defesa da Republica.

Ae qualidades notavelmente superiores do Marechal de Ferro, o inolvidavel consolidador das instituições, destacam-se brilhantes e excepcionaes nessa cruel campanha.

Resistindo heroicamente aos inimigos da ordem; despertando o entusiasmo e o patriotismo da mocidade e do povo e irmanando-os na mesma communhão de sentimentos para manter o prestigio da auctoridade; luctando dia a dia, hora a hora, momento a momento, com um desassombro e temeridade nunca vistos; organizando calma e intelligentemente os elementos que lhe deviam assegurar a victoria; repellido com altivez as pretensões desarrazoadas de nações estrangeiras, ao mesmo tempo que imprimia ao seu governo uma feição genuinamente brasileira, eminentemente nacionalista, essencialmente republicana; tudo isto que foi a sua grande obra, o patrimonio inestimavel da sua trabalhada administração, fez a sua gloria e o seu renome, impondo a sua memoria á veneração e ao reconhecimento dos contemporaneos e immortalisando-a na historia.

Li algures que Jomini, o *classicos dos classicos* n.º.



theoria da guerra, affirmara ser esta antes um drama apaixonado do que uma sciencia exacta.

Nada mais profundamente verdadeiro.

A pugna homérica que, em 93 e 94, o benemerito salvador da Republica teve de sustentar foi um grande drama em que ás angustias e ás dores que alanceavam a alma da Nação não faltou o quadro negro das traições e das miserias, do roubo e do assassinato, da atrocidade e da deshonra, em contraposição ao devotamento incondicional com que todo o povo, nas explosões espontaneas e sinceras de sua paixão pela liberdade, empunhava armas para ir, nas praias do Rio de Janeiro ou nas campinas do sul, derramar, com enthusiasmo, seu generoso sangue em prol do ideal sagrado.

Simples cidadãos tornavam-se então soldados invencíveis pelo valor e pelo heroismo, pela abnegação e pelo esforço, pela intransigencia e pela coragem; e todo o paiz recorda-se ainda das intraduzíveis afflicções que amarguravam, naquelle período triste e luctuoso, o coração dos patriotas.

Floriano, a quem o desanimo jamais enfraqueceu, mostrou-se á altura da missão que lhe fora confiada: soldado, resistiu, em nome da lei, aos inimigos da ordem; administrador, legou-nos o mais característico traço de seu governo na affirmacão nacionalista delle.

Bismarck, que fez de sua Patria—a reguladora suprema da paz européa; elle, que incorporou, com o restabelecimento da unidade do imperio germanico, a corôa imperial á da Prussia, dando a esta a hegemonia sonhada pelo seu genio incomparavel de estadista, a quem os mais eminentes homens publicos das velhas civilisações occidentaes não se cansam de admirar, procurando imitalo, exerce ainda hoje, na phrase de um erudito escriptor, apesar de decrepito e retirado á vida privada, uma verdadeira dictadura moral sobre os seus concidadãos.

E o que se dá com Bismarck não é um facto isolado: em todos os paizes, n'um momento dado,



quando a insufficiencia de capacidade dos que dirigem ou as agitações dos que obedecem ameaçam, em as-soberbadora crise, os proprios fundamentos das instituições, os que sabem ou que podem, pela sua superioridade, impor-se á confiança de seus patricios e salvar-os do desastre imminente tomam um tal ascendente sobre elles que impossivel se torna desarraagar do espirito publico a crença de que só a continuação da sua obra garantirá a grandeza e a felicidade da Patria.

Floriano é um exemplo. Ainda hoje, depois de sua morte, o seu nome continua a ter o mesmo prestigio que na epocha mais prospera de seu illimitado poder.

O honrado Dr. Prudente de Moraes, a quem os republicanos, por coherencia, elegeram para succeder ao grande soldado, que tão relevantes serviços prestara nos dias em que os patriotas receiaram pela sorte das instituições, só tinha um caminho a seguir, assumindo a suprema magistratura do paiz: era conformar-se com essa orientação politica de seu antecessor.

A principio tudo indicava que assim seria; mas bem depressa o seu procedimento para com o exercito—fatisado ainda pelas glorias do grande morto de Cambuquira—mostrou que S. Exa. queria inverter as posições dos vencedores e dos vencidos, iniciando uma politica de contemporisações incabidas e de reacções injustificaveis.

Não faltou quem applaudisse perfidamente a sua norma de conducta, que se procurava legitimar pela necessidade de afastar a força armada das agitações partidarias.

Nada mais improcedente do que isto.

Os republicanos nunca quizeram o dominio da espada para influir sobre situações politicas; mas entenderam sempre que não lhes era licito negar a uma classe numerosa, nobilitada pelo mais edificante amor á Repu-



blica, o direito de pensar e de agir, no terreno legal, de accordo com os seus sentimentos.

Desde que os militares não se servam dos elementos de que dispõem, como mantenedores da paz e instrumentos da defesa nacional, para fazer triumpharem as suas opiniões; desde que se conservem obedientes no cumprimento de seus deveres, acatando e respeitando as decisões do poder legalmente constituido, ninguém pode recusar-lhes o direito de manifestar-se, como qualquer outro cidadão, sobre a marcha dos negocios publicos.

A sabedoria dos que governam está em dirigir a força armada e não serem dirigidos por ella; em não crearem pela fraqueza, pela incompetencia, pela desconfiança, a situação inversa da ordem, em que o poder publico é o que mais concorre para derrocal-a.

Nestes conceitos é que está a verdadeira comprehensão do que deve ser a acção politica dos militares.

Desconhecer-lhes, porem, o direito de ter idéas é até sophismar fecundos ensinamentos de nossa historia.

Com effeito: no Brasil só houve um movimento revolucionario que conseguiu triumphar sem ter origem militar: foi o da maioridade de Pedro 2°. Afora esta, todas as conquistas liberaes do Brasil foram o resultado de sublevações militares.

Para exemplo basta o 15 de Novembro.

Nessas condições não é possível, sem flagrante injustiça, negar ao militar, que tem o direito de voto garantido pelas nossas leis, um papel no desenvolvimento progressivo de nossa Patria.

Deixando, porem, de lado estas considerações, volto ao que ia dizendo sobre a administração do Dr. Prudente de Moraes, S. Exa, procurando uma popularidade que lhe faltava, e invejoso dos triumphos que aureolavam o nome de seu antecessor, cedo enveredou por um caminho que o levou dentro em pouco a uma politica que era a negação completa do que havia pro-mettido no manifesto com que assumiu o poder.

Em todo caso, os seus correligionarios e amigos puderam exercer uma certa influencia junto a S. Exa, de modo a neutralisar os effeitos que os seus actos iam pro-



duzindo : S. Exa. não se revoltou ; e, pelo contrario, imprimiu á sua administração uma feição incolor. que, si, não augmentou o descontentamento que já então lavrava tambem não despertou nem enthusiasmos nem sympathias. E assim correram os dous primeiros annos do seu quadriennio.

Foi no fim delles. que S. Exc., por motivos de molestia. passou o governo ao seu substituto legal.

O illustre Dr. Manoel Victorino, com a competencia que lhe advem do seu talento e da sua experiencia, facilmente comprehendeu que impossivel lhe era deixar de seguir, em seus traços geraes, a orientação segura do inolvidavel patriota que—militar—foi quem melhor ensinou ao soldado o respeito á lei ; brasileiro—foi quem melhor accentuou o caracter de nossa nacionalidade, norteando-se pelos sentimentos e pelas aspirações della.

A politica florianista pode synthetisar-se nesta phrase que, nem por ter sido muito repetida ja, deixa de ser eloquentemente significativa : *republicanisar a Republica ; nacionalisar a Nação*. E a sua justificativa está brilhantemente feita nestas palavras do Dr. Manoel Victorino : *ou somos realmente uma raça, uma nacionalidade, um povo que deve constituir-se com o seu caracter proprio, com as suas energias physicas e moraes definidas, com os seus elementos de cohesão ethnica bem accentuados, ou então abandonemos a esperança de manter uma unidade que fatalmente se dissolverá*.

Pensando deste modo, o eminente estadista bahiano procurou agir de accordo com as suas idéas. D'ahi as esperanças com que foi o seu governo recebido.

Mas não foi só politicamente que S. Exc. empenhou esforços sinceros para corresponder á sympathica expectativa nacional : os seus planos financeiros conseguiram tambem levar a confiança não só a todos os pontos do paiz como ao estrangeiro. Foi principalmente por esta razão que todos sentiram S. Exc. demorar-se tão pouco tempo à frente dos negocios publicos.



Reassumindo o poder, o honrado Dr. Prudente de Moraes tinha mais um motivo para não estar satisfeito com os seus correligionarios: não lhes perdoava o terem dado, confiantes, desinteressado apoio ao seu substituto que tão capaz se revelara.

Começaram então a explodir os seus resentimentos, que se tornaram publicos com a intervenção directa de S. Exc. para a scisão do partido republicano federal.

Este facto é de hontem e todos recordam-se do modo por que S. Exc., á custa de indiziveis sacrificios, procurou conseguir uma maioria no Congresso, maioria que deveria applaudir os seus actos praticados, desde então, com o exclusivo intuito de aniquillar o partido que o havia elegido.

S. Exc. alcançou o que desejava; mas o que não poderá certamente é esquivar-se a assumir a maior somma de responsabilidades pela situação de angustias que atravessamos.

Dada a scisão do partido republicano federal, preciso se tornara aos que, auxiliados pelo Presidente da Republica, tinham-n'a levado a cabo, formar um nucleo de resistencia á opposição que fatalmente d'ella surgiria.

Quando se trata de confiar as posições aos que ensinam, aos que fazem e aos que applicam as leis, aos que administram e aos que ajulam a administrar a Nação e aos que nos representam no exterior, manda a lealdade que somente as confiemos aos servidores, cuja fidelidade esteja ligada á sorte das instituições.

Isto, que é a lição de um homem notavel que muito contribuiu para a construcção social e politica que a Republica fundou e que ao saber e ao sentimento dos mais capazes cabe desenvolver e aperfeçoar, foi o que não se fez.

Todos os elementos foram julgados bons e aproveitaveis. Houve mesmo as mais incriveis allianças: homens para quem incompatibilidades radicaes deviam ser invenciveis deram-se as mãos para aniquillar aquelles que tinham sido os mais dedicados defensores.



da liberdade nos momentos de perigo para ella.

Dessa liga heterogenea sahio o partido governista.

Os politicos sinceros, os que fazem de sua vida publica um apostolado constante em prol da causa nacional,—ingenuos—esperavam que entre as duas aggremações partidarias, originadas da scisão, estabelecesse-se uma lucta pacifica, no terreno das idéas e dos principios. que assegurasse ao paiz o jogo regular das instituições.

A sessão do Congresso foi para elles a maior das desillusões: os resentimentos e os odios não permittiram a discussão calma e serena, sempre proveitosa aos interesses publicos. As retalições passoaes, mais do que as divergencias politicas, tornaram estereis, absolutamente estereis os trabalhos legislativos.

Vieram os factos de 5 de Novembro, em que um nobre e dedicado soldado, um valente general, a primeira patente do exercito, cahiu aos golpes traiçoeiros do punhal de um assassino, e as consequencias decorrentes desse acontecimento offereceram aos que haviam ficado senhores das posições a occasião almejada para perseguir os seus adversarios.

A opposição teve que espiar na fuga, nas prisões e no desterro uma culpabilidade que não tinha; e, para livral-a desses vexames, de nada llie serviram os protestos de indignação e a condemnação vehemente com que recebeu a noticia dos tristes successo.

A propria salvaguarda da justiça—a publicidade—tão indispensavel quando se trata de applicar a lei para não ferir os innocentes, foi posta de lado para, em segredo, ser architectada a peça de accusação em que deviam ser envolvidos homens eminentes da politica adversa.

O estado de sitio decretado pelo Congresso, e posteriormente prorogado pelo executivo, foi a rède de cujas malhas não escaparam os que, apesar do tudo, não tinham podido ser incluídos na devassa.

Durante quatro longos mezes ninguem respirou: o



receio de injustificáveis perseguições fez calar todas as queixas.

Nesse interim realizou-se o pleito eleitoral: estava conseguido o resultado desejado, com a victoria do candidato governista.

Passada, porem, essa epocha reappareceram maiores os obstaculos que já antes impediam o regular funcionamento da administração.

As finanças quasi que inconcertáveis; o paiz desorganizado; o espirito publico apprehensivo; os poderes enfraquecidos pela supremacia do executivo; a falta completa de capital; o concurso do trabalho estrangeiro annullado; desconfiança por toda parte; o commercio fazendo prodigios para manter-se ante o retrahimento dos bancos; a agricultura a braços com uma crise terrível; tudo isto foi o resultado da politica feita para incompatibilisar perante o paiz um partido forte e arregimentado, que não se deixou seduzir pelos acenos do poder.

Hoje allega-se para justificar a tenebrosa noite da dictadura civil que pesou sobre os destinos da Republica a necessidade de extinguir o germen das agitações e aventuras revolucionarias.

A razão è improcedente.

Não foram a perseguição e o arrocho que o extinguiram.

Foi o exemplo de energia indomavel dado por aquelle a quem o Dr. Prudente de Moraes succedeu; foi o facto de estarem soffrendo os rigores do ostracismo aquelles que jamais deixaram de condemnal-o, emquanto os que —ambiciosos—viveram sempre de perturbações e da anarchia, tomaram logar ao lado do governo.

Esta è que é a verdade: o mais è procurar sophismar um periodo tristissimo de nossa historia, querendo hypnotisar a opinião com falsos protestos de um patriotismo fementido.

Depois do que acabo de expor, facil é de ver quaes foram os funestos corollarios da politica seguida pelo Dr. Prudente de Moraes com o fim manifesto,



inilludível de desfazer a grande obra do immortal Marechal Floriano.

Elles estão impondo-se á consideração dos homens publicos, a quem a paixão partidaria não cega, e são, em ligeira synthese:

Na ordem economica e financeira: a manifestação do maior desazo e incapacidade; a incompetencia de maus administradores levando-nos ás bordas da bancarrota e fazendo baixar o cambio a uma taxa que vai tornando a vida insupportavel e impossibilitando o desenvolvimento das forças productivas da Nação;

Na ordem politica: a affirmação de que é inadmissivel a existencia de dois partidos, a não ser um dispondo das graças officiaes e cutro entulhando as prisões do despotismo; a comprovação pratica da inequibilidade das promessas feitas pela Constituição de que é permittida a liberdade de pensamento; a demonstração de que o estado de sitio é o supremo regulador do prestigio governamental;

Na ordem moral: a mais lamentavel depressão do character: todos querendo merecer os favores e a protecção dos poderosos, á custa mesmo de apostasias indecorosas, de adhesões pouco dignas.

Eis o que é a situação actual da Republica.

Diante das miserias do presente, grande é a decepção dos que outr'ora, cheios de confiança e inquebrantavel fé no futuro, souberam ser, com as masculas energias do talento e com as incomparaveis grandezas do coração, os pregadores sinceros e convencidos do evangelho democratico.

E para que o desanimo não se apodere do povo no doloroso transe por que passam as instituições preciso é que—na phrase de Littré, n'um equal periodo atravessado pela França—a Republica torne uma reali-



dade a liberdade, para que não sofra a guerra terrível do paralelo, invocando os contrários um passado que não pode estar esquecido e no qual a ordem privada, isto é, a liberdade individual e a garantia da propriedade já constituíam benefícios reais.

AUGUSTO LYRA.



A. Industria do leite no Brasil .

Composição do leite— O leite é um liquido branco, opalino, doce ligeiramente. Contem os elementos seguintes :

Agua

Materia gorda, ou manteiga

Caseina, ou queijo

Assucar, ou lactose

Saes, como phosphato de cal etc.

Não quero dar as proporções exactas de cada um dos elementos constitutivos do leite porque esses variam conforme a raça, alimento e o tempo em que a vacca dá o leite, e em relação ao tempo em que teve o bezerro.

Todavia se poderá calcular que 25 litros de leite darão 1 kilo de manteiga pura ; 28 litros de leite darão 1 kilo de queijo e 100 kilos de soro de leite darão 1 kilo de assucar, ou lactose.

Os globulos da manteiga são mui pequenos (, 025 de millimetro) e é por isso que a nata custa muito a chegar á tona do leite, devido ao seu pequeno volume e á dificuldade que encontram em atravessar um liquido carregado de albumina animal, como é a caseina ou queijo. Diz Duclos que serão precisos 2 annos para chegarem á tona do leite todos os globulos de materia gordurosa que elle contem.

D'ahi veio a descoberta da machina centrifuga, que tende a separar a materia gordurosa do leite, fazendo-a subir á tona do mesmo por causa da grande força centrifuga.

A caseina do leite, que é o queijo, se acha em suspensão e em dissolução no leite, na proporção de 3, 5



a 4,5 por 100 e è a materia' albuminoide do leite, ou albumina animal, como è a clara do ovo da galinha.

Comprehende-se que, fazendo-se queijos, como se faz entre nós, por meio da coalhada azeda do leite e em lugar de desnatar por meio da machina centrifuga, perde-se uma grande quantidade de caseina ou queijo, que fermenta por meio do acido lactico do leite e sahe no aperto que se faz. n'um panno, d'essa coalhada azeda.

Tanto assim, que se vê praticamente que o leite que der um queijo de coalho de 1 kilo serà pouco para um kilo de queijo de manteiga, cuja coalhada azedou e perdeu uma grande parte no sôro que sahio no panno. E' aqui o caso da industria, que veio com a sua machina economisar, fazer melhor e mais barato o queijo.

O assucar do leite, que è o que dá um sabôr adocicado ao mesmo, por causa do calor transforma-se em acido lactico e è esse acido que mata tantas infelizes creancinhas entre nós, alimentadas com esse leite de vacca em quantidade excessiva e que produz as colicas, diarrheas verdes e, por fim, a *athrepsia*. Tanto assim, que no cemiterio de Curraes Novos, no anno de 1895, em pleno inverno, de Fevereiro a Abril, enterraram-se 76 creancinhas, todas victimadas pelo *acido lactico*, que as mães de familia ignoravam e que não sabem neutralizar por meio de um pouco de *agua de cal*, ou outro alcali.

Vem aqui a proposito demonstrar como o leite, que contem albumina, (queijo) principio azotado por excellencia; materia amylacea e carbonatada, como o o assucar; materia gordurosa, como a manteiga, e materias mineraes, como o phosphato de cal, sendo um alimento completo para os mammiferos, ainda poderá dar alcool, ou aguardente.

Eis a formula da lactose ou assucar do leite:

C 12 H 12 O 12 (lactose)—a 2 C 1 H 6 O 2 (alcool)

2 C 2 O 4 —acido carbonico.

Ve-se, pois, que sendo o assucar uma materia carbo-



natada, darà alcool, que é um hydro-carbureto. Não desejo entrar em maiores detalhes sobre esse ponto por que não escrevo para os doutos, mas para as nossas populações criadoras.

Entre os saes que contem o leite, citemos o phosphato de cal, que a natureza creou com o fim de constituir os ossos dos pequenos mammiferos: é, pois, um alimento completo o leite, e esse já liquido e prompto para alimentar, possuindo todos os elementos indispensaveis para a nutrição e vida organica.

Tendo fallado no queijo e mostrado que é um alimento muito azotado, comprehende-se que o queijo alimenta tanto ou mais que a propria carne, por possuir elle 32% de proteina (principio azotado) em quanto a carne de vacca magra só possui 26%.

—*Leite de vacca.* É este leite o que mais se aproxima do leite da mulher e o que substitue o leite de certas e determinadas mães de familia, que não têm a coragem precisa de alimentar seus filhos. Nada ha igual á alimentação materna e tudo mais quanto se faz é em para perda e somente prejudicando a saúde dos filhos.

Como este artigo é todo pratico e desejando prestar todo e qualquer beneficio aos meus patricios, vem a occasião de aconselhar às mães de familia o uso da massa do milho com o leite em papas ou mingãos para seus filhinhos, que tiverem a infelicidade de não ser alimentados por meio do leite materno. A gomma de mandioca (amido) é muito nociva á alimentação exclusiva das creancinhas, por se tornar essa gomma em *dextrina* no estamago e, mais tarde, assucar ou cellulose vegetal.

Comprehende-se que isso dado todos os dias, e Deus sabe em que grande quantidade, produz inflammações intestinaes e verdadeiras molestias para o lado dos rins e ourinas. Muitas creancinhas são victimas da falta de conhecimentos rudimentares de algumas mães de familia.

Não havendo leite materno, a unica alimentação que o poderá substituir é o leite de vacca bem fervido



e dado em pequena quantidade de cada vez e isso com todo o cuidado sobre o estado de saúde em que se acha a vacca, sujeita ella, como se sabe, a muitas doenças contagiosas, como a tuberculose pulmonar e intestinal, além de outras epyzootias proprias, como o carbunculo, quarto inchado (que é o carbunculo latente) e o celebre mal triste, que me parece ser uma febre de fundo palustre, com as suas desastrosas consequências,

A fervura do leite é uma operação que é preciso ser feita por muito tempo, porque os microbios do leite, segundo as observações de Duclos, no seu *Estudo químico e microbiologico do leite*, só morrem na temperatura alta de 115° centrigados, e o leite ferve em temperatura muito inferior a essa. D'ahi veio o aparelho, inventado por Pasteur e feito por Pilter, de Paris, para pasteurisar o leite e esterilizar-o completamente dos pequenos seres, que são quasi sempre a origem de varias molestias no homem e, sobretudo, nas creancinhas, que possuem uma natureza mui fraca ainda e têm maior facilidade em absorver certos germens.

O peso normal do leite é de 1029 a 1033 grammas e isso na temperatura de 15°. centigrados. Pesar a densidade d'um leite por meio de *lactometro* e não tomar a sua temperatura por meio do *thermometro* é ignorancia grande.

Vem a proposito fallar no uso do caroço do algodão para alimentação da vacca, alimentação essa das mais nocivas, não só à saúde da vacca como à de quem usa tal leite. O oleo do caroço do algodão é excessivamente irritante para o tubo intestinal da vacca, e, si é verdade, como diz E. Ferville d'um modo bastante pittoresco, que o *leite entra pela bocca da vacca*, claro está que quanto peor for esse alimento, peor será a qualidade do leite e vice-versa.

As diversas molestias do leite, como leite amargo, pôdre, viscoso, azedo, salgado e até o leite que coalha com muita rapidez, são productos de vaccas doentes ou que se alimentão de certas plantas nocivas ao gado vaccum.



Usão-se leites de varios animaes, como de jumenta, de ovelha, de cabra e até de egua. O leite de ovelha tem em 100 litros :

83 a 86 kilos d'agua
 4 1/2 a 8 " de manteiga.
 4 a 6 " de queijo.
 4 a 5 " de assucar.
 0, 80 a 1 " de saes.

O leite de cabra tambem contem em 100 litros :

82 a 83 kilos d'agua.
 6 1/2 a 7 " de manteiga.
 3 a 6 " de queijo.
 4 a 5 " de assucar.
 0, 75 a 1 " de saes

O leite de vacca contem tambem em 100 litros :

86 a 83 kilos d'agua.
 3 a 5 " de manteiga.
 3 1/2 a 4 1/2 " de queijo.
 4 a 5 " de assucar.
 0, 60 a 0, 90 " de saes.

Em conclusão e, como já disse no principio d'este artlgo, o leite varia segundo a raça, o clima, a alimentação e a epocha em que se acha a vacca do nascimento do seu bezerro.

Segundo as melhores experiencias feitas, inclusive as inglezas, que paixão pelas melhores, o leite contem 12 ./, de materias seccas.ou por outra 88 ./. de agua em forma de soro.

Ve-se, pois, que grande quantidade de leite não è precisa para se fazer na Europa, sobretudo na França, de onde nos vêm centenas de contos, todos os annos, de manteiga, quando n'am litro de leite, ou 1029 a 1033 grammas de peso a 15 centigrados, só temos 12 grammas de solidos e esses divididos em manteiga, queijo, assucar e saes !

*
 **

Raças de vaccas— Sabemos que ha vaccas melhores para o leite e outras peiores e que sobretudo isso de-



pende da sua raça. As melhores vaccas de leite na Europa são as *Contentinas*, *Bretãs*, *Hollandezas*, *Jersey* e, especialmente, as que são filhas de bons reprodutores extranhos e aclimados em certos centros. A boa vacca de leite tem a sua area geographica ou topographica, e está provado que logo que se retira do lugar onde nasceu, cresceu e teve o seu bezerro a vacca boa de leite torna-se má e, só depois d'alguns annos, é que ella torna a adquirir todas as suas boas qualidades para dar o leite.

Assim, a melhor vacca de leite que devemos ter entre nós será aquella que for filha d'um bom touro de raça differente da do gado brasileiro com a melhor vacca e mais bem formada physicamente que possuirmos do nosso gado.

Isso é a selecção artificial feita pelo homem intelligente, como vemos a selecção natural do maior touro, mais bonito e mais forte tirar para fora dos campos o touro peor, pequeno, defeituoso e sem forças. A grande questão está em renovar todos os annos o touro pastor para que elle não venha no fim de 2 a 3 annos degenerar a sua raça com as suas filhas e mães. Enorme erro, pois, conservar touros nas nossas fazendas de criar por muitos annos, como ainda se usa aqui no Norte. Essa lei natural se applica ao genero humano, e não vemos familias aqui no Brasil completamente defeituosas, já doentes, aleijadas, idiotas e perdidas por causa de casamentos feitos só entre parentes mui proximos?

Uma boa vacca de raça na Europa dá—na media— 6 a 7 litros por dia, tirando 2 vezes por dia, de manhã e á tarde. Ha porem maiores produções de leite d'uma vacca e isso sobretudo poucos dias depois de parida, sendo esse leite mui fraco em queijo e riquissimo em manteiga, que é feito de proposito pela natureza para purgar o filho. E' esse leite na mulher o primeiro purgante para o filho e, infelizmente, quantas mães de familia perdem esse precioso remedio para os seus filhinhos!

Uma questão importante não é a quantidade de leite



de certas vaccas, mas sim a do rendimento d'esse leite, sobretudo em manteiga. Uma vacca hollandeza na Europa, assim como umas pobres e *intituladas tourinas*, que è a raça hollandeza estragada em Portugal e em quantidade infelizmente já entre nós, digo, essas raças de vaccas dão até 26 litros de leite, tanto na Europa como nas cidades populosas do Brazil, mas, horror! esse leite marca 18°. a 19°. do *lactometro* de Quevenne, como já examinei, e não dão esses 26 litros de leite aquoso nem 600 grammas de manteiga!!... A raça *contentina*, na França, dá tambem, bem tratada, 26 litros de leite por dia em 2 vezes, e esse leite dá sempre 1 kilo de manteiga pura, que, em 1888, se vendia na França por 4 1/2 a 6 francos. (4\$500 a 6\$000)

Vê-se pois, que todos devem procurar melhorar as raças de suas vaccas, porque o trabalho e despesas com uma vacca má são iguaes aos de uma boa e os resultados são muitos differentes.

Produção do leite— Na França uma vacca de leite dá dinheiro pelo leite durante 10 mezes e só secca esse leite de 5 a 6 semanas antes de ter bezerro. Essas vaccas estão em estribarias proprias e recebem o touro, que vive em estribarias reservadas e sem vêr as vaccas, algumas semanas logo depois de paridas. E' que na França a vacca come as forragens compradas a peso todos os dias, e nós, que temos immensas pastagens nativas, optimos capins *mimoso* e *panasco* que se perdem nos campos pela destruição do sol e das chuvas, como poderiamos entrar em competencia com esse povo francez e outros, e com minimas despesas?

Influencia da alimentação. A alimentação tem a maior importancia sobre a produção do leite. E' preciso bem se attender a que, si damos uma alimentação mui aquosa, a quantidade do leite será maior e, ao contrario, a quantidade é menor. A questão, porem, está na riqueza d'essa quantidade menor para quem explora os productos do leite, como queijo, manteiga, e assucar ou alcool.

Para os infelizes brasileiros, habitantes das grandes cidades, como a Capital Federal, Recife e outras,



è isso um martyrio, porque bebem leite com 18° de densidade de Quevenne, sem que elle os alimente.

Entre nós, aqui nos sertões do Norte, a cousa é outra, e sabemos praticamente quanta manteiga e queijo dá o leite das vaccas no fim do inverno quando as pastagens estão maduras e ellas alimentão-se de certas plantas, como o *mororô*, e outras mui ricas em azoto.

Todos os alimentos não são igualmente favoraveis á producção do leite ; assim o milho verde e o tal capim de planta (capim de Angola,) bem como o caroço de algodão, cannas e outras plantas não sò diminuem a quantidade da producção do leite, como produzem um gosto e côr desagradaveis no leite, queijo e manteiga.

Um ponto essencial é fornecer á vacca uma alimentação bem azotada e aquosa.

Villeroy calcula que os alimentos solidos e seccos devem constituir um terço da ração diaria ; isto é, que uma vacca que come 15 kilogrammas de ração, deverá tomar 5 kilogrammas de ração misturada com agua e sal. Deverá beber 80 litros d'agua por dia, 40 litros de cada vez. Essa agua deverá ser muito limpa e um pouco morna ao sôl porque a vacca não gosta d'agua muito fria e corrente e isso tem uma grande influencia na producção do leite.

A má qualidade da agua que bebem os nossos gados nas cacimbas feitas nos leitos dos rios no tempo do verão é uma grande causa de tantas doenças e mortandade do gado nos nossos sertões. Essas aguas deverão ser limpidas, e puras o mais que se puder conseguir. É necessario todo o cuidado sobre esse ponto, porque tenho visto um grande prejuizo nesta zona do Seridó e elle em parte é devido á má qualidade d'agua das cacimbas do gado.

Não se deve deixar de dar sal aos gados porque elle é uma das partes constitutivas da economia animal.

Não se vê o gado lambendo as barreiras salitrosas dos nossos sertões, comendo esse nitrato de potassa com grande quantidade de barro? O proprio animal está



pedindo aquillo que lhe falta para viver e nós é que não entendemos a sua linguagem muda.

Dai, pois, sal sempre ao gado e, especialmente, dai-o á vacca de leite, que precisa muito d'elle.

Entre as causas productoras do leite é preciso collocar o meio e modo como se tira o leite. As experiencias de Wolf, Hoffer e outros demonstraram que, tirando o leite 3 vezes por dia, augmenta-se a producção do leite e da manteiga; parece que a operação occasionada por essa excitação repetida favorece a formação dos globulos butyrosos. O que é essencial é que essas horas sejam sempre as mesmas todos os dias e, o que mais é, que a ordenhação seja feita totalmente. O leite só afflue ao peito da vacca por causa do vacuo que alli se forma; se deixar-se a teta da vacca com leite e sem fazer o bezerro mamar tudo, pode-se ficar certo de que, a secreção do leite parará e sabe-se entre nós praticamente que um bom teta for de leite melhora as condições das vaccas d'um curral sertanejo, e que, ao contrario, estraga essas mesmas vaccas e só dá prejuizos.

N'alguns, paizes como entre nós, collocão o bezerriño perto da vacca para tirar o leite, isso, porem, vem do habito. Na Europa a vacca dá todo o leite independente de tal habito.

O que é preciso é chegar-se de vagar perto da vacca, não fazer medo e menos ainda dar-lhe pancadas. Como é triste ver-se entre nós vaqueiros de grossas varas nas mãos, tirando o leite das vaccas e *fornecendo-lhes* de vez em quando grandes e fortes pancadas?! Felizmente, ha outras *fazendas*, de donos mais humanos e intelligentes, que não permitem esse uso barbaro e que chamão pelo nome cada vacca do curral, onde, ás vezes, se achão mais de 100, e cada uma dá o signal de ouvir por um mugido brando e significativo de amor e carinho para com seu dono. Como é bello isso, e só almas puramente sertanejas sabem sentir o quanto ha n'isso de poetico e bucolico!....

Montando-se uma leiteria com machinas aperfeiçoadas nos sertões do Norte, onde o gado vive na maior das liberdades, banhado por ondas enormes de luz e ar, sem



cercas e com a maior e melhor das pastagens, como sejam os capins *mimoso* e *panas*, capins que poderão ser cortados maduros no fim do inverno, para servirem de alimentação ao tempo do verão, que é um pouco duro n'estas zonas, digo, montando-se *leiterias* a vapor para comprar esses leites purissimos e de densidade de 28 a 30 de Quevenne, como tenho provas, é para se fazer uma fortuna em poucos annos e levantar do estado de abatimento e pobreza em que se achão os nossos sertões.

Vejamos: um criador com 100 vaccas em seu curral, como ha aqui tantos, vendendo o leite a 100 rs. o litro, na porteira do curral, quanto poderá fazer?

Dando 1 vacca 1 litro diario, quantidade essa minima; serão 100 litros diarios ou, em dinheiro 10\$000, ou por mez-300\$000; por anno—3.600\$.

Dirão alguns que no verão não haverá essa quantidade de leite.

Respondo que: 1.ª a vacca aqui não dará só 1 litro de leite por dia; 2.ª, que o leite d'uma parte do verão, leite muito mais rico em suas partes constitutivas, poderá ser vendido e comprado pela leiteria pelo dobro do preço do inverno—200 rs; 3.ª. que as forragens guardadas, feitas dos capins dos campos de criar, estarão ali para alimentar milhares de vaccas de leite, além das plantas verdes, que nascem nas vazantes dos rios.

Não ha exemplos aqui de fazendeiros engordarem centenas de bois para serem vendidos nas feiras de Perbuco?

Que venhão, pois, as leiterias levantar estes centros tão ricos, onde o pobre sertanejo vive e morre no seu trabalho de annos sem deixar fortuna pecuniaria e somente algumas terras e gados, sujeitos á morte por tantas causas, quasi todas oriundas da falta de seus conhecimentos da industria pastoril.

Tempos melhores hão de vir, em que a industria do leite no Brasil ha-de chegar a um grão tal de desenvolvimento e riqueza que será para admirar-se; então, n'essa epocha, serão bemditos os nomes d'aquelles que, como eu, plantaram as primeiras sementes.



*
**

A grande preocupação do productor ou negociante mesmo que quer vender o leite em especie, o que dá um grande lucro, é fazel-o chegar ainda fresco e bóm ao seu cliente. Sabemos que o leite se decompõe, que a caseína se coagula quando o assucar se transforma em *acido lactico*; sabemos, por fim, que essa acidificação é tanto mais rapida quanto maior fôr o calor que supportar esse leite.

Logo, quanto mais se poder conservar o leite no frio, mais demorada será a sua decomposição. Mas o Dr. Pasteur, estudando a força de certos pequenos seres, infinitamente pequenos, existentes no ar athmospherico, chegou á conclusão que esses animalculos é que precipitão a formação do *acido lactico* mais depressa que o proprio acido. Veio disso o principio scientifico de aquecer fortemente o leite, até 115 centigs. e depois esfrial-o até 4º. centigrados.

Assim o leite poderá conservar-se por muitos dias sem azedar e sem estragar-se. Ha instrumentos propios para esse fim, na Europa.

Para nós aqui, afim de que o leite possa supportar 3 a 4 horas de viagem, tempo esse bastante para vencer as distancias de 4 leguas, no maximo, até chegar á casa da leiteria, bastará esfrial-o logo depois de tirado em tanques de pão ou pedra na porteira do curral e ser elle transportado em vazilhames de folhas de Flandros com as suas tampas de compressão.

Sabe-se que quanto mais depressa e fortemente por baido um leite, mais depressa azedará e dará a propria manteiga na superficie d'esse liquido.

Na nossa zona sertaneja, pela estatistica feita por mim, existem 3750 vaccas de leite n'um raio de 4 leguas desta villa. Vê-se, pois, que a materia prima existe em quantidade bastante para uma leiteria de tamanho não muito pequeno.

Havendo uma pequena machina de gelo do systema Carré, pode a leiteria trabalhar com 3000 litros diarios, pois, á medida que for chegando o leite é



examinado, pesando-se sua densidade, calculada a sua acidificação por meio do papel de gyra-sol e posto em deposito com gelo até passar todo pelas *centrifugas*, que o desnatarão.

Feito isso, a nata entrará nas batedeiras de manteiga e, marcando 22°. centigrados, estará essa manteiga feita.

Passando ella por uma prensa a mão ou aparelho rotativo para tirar o sôro da manteiga, receberá 50 grammas de sal moido e quente para entrar em latas de folha de Flandres, que serão enviadas aos mercados proprios.

O leite desnatado pela centrifuga receberá o extracto de coalho (coalho inglez) para se solidificar e, depois de passar por um moinho para fragmentar essa coalhada, entrará para as formas para o queijo de coalho, ou entrará para as taxas a fogo brando para se fazer o queijo de massa cozida e de maior ou menor quantidade de manteiga que lhe será dada. A grande questão está em trabalhar com a coalhada ainda doce e isso não sò pelo prejuizo que dà o leite em azedar-se, como para não ter de cozinhar essa mesma coalhada em leite fresco e doce, como fazem.

Ha aqui n'esse systema primitivo duas ou tres grandes perdas: a diminuição do peso da coalhada azeda, o prejuizo do leite doce para consinhar e o tempo que se perdeu em trabalhos duplos, quando por meio da *centrifuga* e coalho o trabalho é um e unico.

O sôro doce da coalhada doce soffre a acção do calor até marcar 36°. do pesa-xarope de Baumé, dando então crystaes de assucar bruto de leite.

Vejamos quanto darão de resultado 100 litros de leite para uma leiteria:

4 kilos de manteiga a 6\$000.....	24\$000
3 kilos de queijo a 2\$000.....	6\$000
1 kilo de assucar.....	8\$000
	38\$000



DESPESAS

100 litros de leite a 100 rs.....	10:000
Transporte 20 ./ (1 vintem).....	2:000
Fabricação 60 ./ sobre o valor.....	6:000
	<u>18\$000</u>

Ve-se, pois, um lucro de 20\$000 por 100 litros, ou 200 ./

Cacule-se agora uma Leiteria, como trato de montar aqui com o capital de 100:000\$000 em 500 acções de 200\$000 cada uma, e que trabalhe com 3:000 litros em 10 horas por dia.

Teremos de lucro quasi liquido :

$20\$000 \times 30 = 600\000 diários $600\$000 \times 10$ mezes de trabalho. ou $600\$00 \times 26$ dias do mez Rs. 15:600\$000 ou Rs. 156:000\$000

Divida-se o rateio entre os accionistas, tirando-se 5./ para fundo de reserva e estrago das machinas, mais 20 ./ para lucros e perdas, total 25 ./, teremos $156:000\$000 - 39:000\$000 = 117:000\$000$, que darão de dividendo, salvo erro ou omissão, mais de 100 por 100, isto é, o accionista no primeiro anno poderá salvar o seu capital de 200\$000 da acção e ainda ter um optimo juro do capital empregado e, ficando com um rendimento annual de quantias fabulosas !

Dirão alguns que isso não è possível. Pergunto eu : quanto dará de dividendo então ?

Dará 50 ./ ; dará 25 ./ ; dará 10 ./ ?

Fixem um algarismo qualquer, o menor d'elles, por exemplo, e teremos ainda : 10:000\$000 para dividir, o que importará o accionista receber 20\$000 por cada acção, além da garantia do seu capital empregado e a vantagem de ter ganho muito n'um anno com a venda facil e prompta do leite das suas vaccas.

Si isso não fosse verdade, não existiriam 1000 e tantas leiterias sòmente na França, alem de muitas em varios paizes da Europa.

*
**



Eis uma taboa de correcção para tomar a densidade do leite conforme a temperatura :

Temperaturas do leite em graus centigrados. (Leite não desnatado.)

Grãos do lactometro	20	21	22	23	24	25	26	27
28	29,2	29.4	29.6	29.9	30,1	30.4	30.6	30,8
29	30,2	30.4	30.6	30.9	31.2	31,5	31.7	31,9
30	31.2	31.4	31.6	31.9	32.2	32.5	32.7	33,0
31	32.3	32.5	32.7	33.0	33.3	33.6	33.8	34.1
32	33.3	33.6	33.8	34.1	34.4	34,7	34.9	35.2
33	34.3	34.6	34.9	35.2	35.5	35.8	36.0	36.3
34	35.3	35.6	35.9	36.2	36.5	36.8	37.1	37,4
35	36.3	36.6	36.9	37.2	37.5	37.8	38.1	38.4

N. B. Tomei a temperatura maxíma de 27° e mínima de 20 centigrados por causa do nosso clima, e as densidades maxíma de 33,4 e mínima de 30,3 por causa do leite frio e dos nossos sertões. Entretanto, na Europa esta boa principia na temperatura de 3 centigrados acima de 0 e chega até 27° centigrados. São essas temperaturas as mais communs nas leituras da Europa.

O lactometro aqui e' o de Quevenne, o melhor.

A questão da venda do leite em especie tem recebido uma curiosa applicação e, assim, tem se levantado varias companhias de leite condensado, sendo a mais notavel a Companhia Inglesa e Suissa, de que fallaremos adiante.

Esse leite não só serve para os exercitos em trabalhos, como para navios em viagens no alto mar, hospitaes e até logares onde o leite é caro, como em Natal, onde se vende até por 800 rs uma garrafa e de pessima qualidade.

Aquelle leite se fabrica na Suecia na Dinamarca, na Inglaterra, na Russia, na Allemanha, na Austria, na Italia e, sobretudo, na Suissa. Vê-se que na França não se fabrica esse leite e existem fabricas francezas só na Suissa.



Tratemos da Companhia de leite condensado Ingleza e Suissa ; cito a pagina do relatorio apresentado ao Governo Francez em 1866, (pagina 80, de Ferville— Industria do leite, queijo e manteiga.)

Leia-se isso e admire-se que monumento digno de um pòvo culto e trabalhador !

A companhia está situada em Cham, nas bordas do lago de Zug. Possue ella 10,500 vaccas de leite e recebe por dia (em 1885) 70:000 kilos de leite. Esses 70:000 kilos regulão perto de 60 e tantos mil litros, pois, um litro de leite tem mais de 1 kilo de peso.

Esse leite chega á Leiteria em carros de cavallos em bonds sobre trilhos, em caminho de ferro e até nas costas dos fornecedores de leite que o trazem, entregam, assistem ao peso e levam outro vasilhame vazio e limpo a vapor pela Companhia.

Não desejo aqui descrever o meio e modo como esse leite chega a reduzir-se em latinhas de 450 grammas de leite condensado, que darão 5 litros, ou 7 1/2 garrafas de leite, misturando em agua quente no momento de usar-se. Isso não cabe nos estreitos limites d'esse artigo de propaganda.

Basta dizer que a Companhia gasta por anno 2.210.000 kilogrammas de assucar na fabricação do leite condensado. São, pois 147.333 arrobas e 5 kilos de assucar que, comprado a 10\$000 a arroba, por ser assucar refinado, darião Rs. 1:473,330\$000 (mil, quatrocentos e setenta e tres contos, tresentos e trinta mil reis !)

E, entretanto, se vende a latinha d'esse leite em Paris a 700 e 800 réis e aqui mesmo no sertão, no Acary, onde já o importamos, se vende por 1:300 a latinha.

Calcule-se tambem que existe um hotel da Companhia, onde comem todos os dias 400 operarios e só pagam 1 franco (1,000) cada um.

Ainda mais, que existe uma céva de porcos só para aproveitar as lavagens dos aparelhos, porquinhos que a Companhia compra com a idade de 2 mezes por 30 francos(trinta mil reis) vende-os depois gordos no fim de 1 anno por perto de 300\$000—280 francos



e com o peso de 200 kilogrammas (13 arrobas e 5 kilos)

Tiremos tambem do *Bureau fédéral de statistique de Berne*, na Suissa. as importantes cifras de exportação só d'esse leite condensado, em 1886, para a França e o seu valor em francos e contos de reis :

A França importou : 131,066 quintaes metricos na importancia de 13.344.000 francos, que a 100 o franco, são Rs. 13:344\$000\$000 (treze mil, trezentos e quarenta e quatro contos)

Esperemos e tenhamos fé nos homens dos sertões do Norte, onde o cosmopolitismo brasileiro ainda não chegou felizmente.

Acary.

DR. PEREIRA PACHECO.



MARINA

Venho do enterro de Marina... Frio,
O pranto os olhos turvos me inundava,
Porque su'alma era um pequeno rio
Onde meu triste coração boiava.

Tinha a candura de uma flor de gelo
Esse botão de rosa de trez annos.
O palliô virginal de seu cabello
Era o carinho de meus desenganos.

Dizem que é louca a Alma penserosa
Que chora a morte de uma flor singela...
Mas eu amava tanto aquella rosa,
Mas eu queria tanto bem a ella !

Tornava-me creança quando a via,
Estrangulando o horror de minha magoa,
E se Marina, as vezes, padecia
Eu lhe enchugava os olhos rasos d'agua

Branca, da cor dos lyrios orvalhados,
Alva, da cor mimosa da bonina,
Parecia, ao fitar os ceos magoados.
Uma Nossa Senhora pequenina.

Ora me chamava noivo e ora irmão,
(N'aquella idade a gente nunca pecca !)
Casimo-nos n'um dia de verão.
Depois de um baptisado de boneca.

Dava-me beijos quando lh'os pedia,
N'um riso claro. terno, satisfeito ;



Eu lhe offertava, em troca, o que podia :
Laranjas ou cartuchos de confeito.

E quando adoeceu, chorei com pena
Vendo-a sofrer aquelle mal sem termo...
Porque a Bondade intermina e Suprema
Abandonou o meu anjinho enfermo ?

Existe acaso dor que tanto alquebre,
Amargura tão cheia de veneno ?
Ai ! pobre atheu !— allucinado em febre,
Ajoelhei-me aos pés do Nazareno...

As lagrimas desceram-me dos olhos,
Afeitos aos martyrios e aos revézes ;
Chorou meu coração que ri de abrolhos,
Que tem chorado muito poucas vezes...

Approximei-me do pequeno berço :
"Marina, adeus, ó meu singelo goivo !"
Mas ella, o olhar em trevas já immerso,
Não pediu mais brinquedos a seu noivo.

Tinha no collo sem frescor, sem vida
Uma boneca ingleza. loira e fina ;
Recordava na mãe adormecida.
Ninando, em sonho, a filha pequenina.

E emquanto os seus olhos se fechavam
Para a vida, sem luz e desmaiados,
As rosas no pomar desabrochavam
E os pombos arrulhavam nos telhados.

Só eu, vencido, em louco desvario,
Abraçado a seu corpo, soluçava
Porque su'Alma era um pequeno rio
Onde o meu pobre coração boiava...

MARIO DO VALLE.



CUBA

O nome da formosa perola das Antilhas não pode mais ser pronunciado com indiferença, sem que se lhe associe uma ordem de idéas elevadas que prendem o espirito e affectam o sentimento, e d'ahi um desejo intenso que para logo se impõe de conhecer os factos mais notaveis de sua existencia historica, conhecimento que hoje desperta o mais vivo interesse nos filhos do novo Continente, pela notavel evidencia em que tem posto a heroica ilha a campanha homericã que ha tres annos sustenta pela causa de sua independencia.

A grande Antilha foi descoberta por Colombo em Outubro de 1492. Tinha então uma população compacta, laboriosa, intelligente e civilisada em relação á epocha e ao meio. Em 1511 foi invadida pelos hespanhóes, que alli penetraram com um corpo de 300 homens chefiados por Diogo Velasquez, fundando então a cidade de Baracoa, em 1514 a de Santiago e Havana em 1519.

Os indigenas, não obstante sua benevolencia com os hespanhóes, a quem receberam sem desconfiança, foram reduzidos á escravidão a mais cruel e tratados de modo que já em 1553 raros existiam.

Foi uma verdadeira eliminção do elemento authotone. Taes foram os prodromos da funesta dominação hespanhola, que, em menos de meio seculo, devorou na cupidez a mais rapace e homicida uma população pacifica e governavel, que tão confiante se mostrara na generosidade e brandura dos seus dominadores.



No seculo XVI a Havana foi duas vezes tomada e saqueada por aventureiros e piratas francezes, cahindo em poder do terrivel Morgan em 1669.

Houve duas revoltas na ilha em 1717 e 1762, quando foi dominada pelos inglezes, sendo restituída á Hespanha no anno seguinte.

No começo deste seculo nada de interessante offercia a situação de Cuba que fizesse prever o seu florescimento e esplendor futuros. Assim é que quando a Jamaica, nos fins do seculo passado, já havia atravessado um periodo de notavel prosperidade e que S. Domingos occupava o primeiro logar entre as colonias agricolas, Cuba mantinha-se ainda menosprezada pela metropole e até desdenhada pelos estrangeiros.

Os seus pequenos proprietarios faziam a cultura do solo quasi sem auxilios do braço escravo, entregando-se de preferencia á industria pecuaria. A população da ilha por esse tempo era de uns 300 mil habitantes, dos quaes um terço eram escravos.

O desenvolvimento de Cuba data de 1809, quando foi aberta ao commercio de todas as nações. A partir dessa epocha o porto de Havana tornou-se um dos mais frequentados da America, sendo visitado annualmente por cerca de 6 mil navios de differentes nacionalidades. A par do commercio, foi desenvolvendo-se com grande incremento a cultura da canna de assucar que acabou sobrepujando as demais. A liberdade de commercio foi um poderoso attractivo para o capital estrangeiro, que para alli se encaminhou de diversas procedencias, valorizando o solo uberrimo da ilha e dando incentivo, vida e progresso a suas incipientes industrias.

A grande revolução que rebentou na Hespanha em 1868, desthronando Izabel II, repercutiu em Cuba, produzindo o primeiro notavel movimento insurreccional, não só contra a dynastia dos Bourbons, mas, principalmente, contra a propria metropole.

Os motivos da insurreição eram o regimen aduaneiro



que de dia para dia tornara-se prohibitivo e insupportavelmente vexatorio ; a obstinação systematica e odiosissima da Hespanha, não admittindo os crioulos para o funcionalismo publico na ilha ; os abusos sem nome da administração colonial, cada vez mais dura e oppressora e, por fim, a escravidão.

Essa revolta, que se tornou memoravel pela sua duração, foi suffocada em 1878 pelo general Martinez Campos por meio do suborno e promessas de largas concessões, das quaes, as mais questionadas, as que diziam respeito á liberdade, não foram' cumpridas, e d'ahi um dos germens da actual revolução.

Não só a guerra civil, mas o regimen colonial, que a Hespanha, em vez de amenisar, tornara cada vez mais rigoroso e tyrannico, foi que principalmente surtiu as peiores consequencias.

A producção do assucar, que era de 700 milhões de kilogrammas antes da guerra, desceu a 500 e até a 300 no anno de 1876 a 77, com a sensível aggravante de um regimen financeiro *sui generis*, extraordinariamente oppressivo, pois que o papel moeda, tendo curso na ilha, como em quasi todos os estados americanos, soffria enormes e frequentes variações em Cuba.

Os impostos eram asphyxiantes ; as taxas eram excessivas e desanimadoras por tal forma. que simples negociantes havanezes pagavam annualmente 12 e 13 mil pesetas de tributos indirectos,, ou cerca de 5:000\$ rs. de nossa moeda.

Não havendo a metropole cumprido as promessas que fizera aos insurrectos por intermedio do general Martinez Campos, no tocante á autonomia administrativa e commercial da ilha, após 17 annos da primeira, explodiu segunda revolução em 1895, que ainda perdura, a qual, sem duvida, pode ser considerada um dos factores decisivos da actual guerra hispano-americana.

Cuba tem uma área de cerca de 118. 838 kilometros quadrados, podendo comportar uma população de 12 a 15 milhões de habitantes ; vê-se, no emtanto, pelo ultimo recenseamento, que a sua população, até



O anno de 1895, dava apenas 14 habitantes por kilometro quadrado. Mais de metade de sua população é branca, sendo de notar que entre os brancos muitos são trabalhadores agricolas, o que prova que são alli os europèos perfeitamente aclimaveis e que podem concorrer com os indigenas nos trabalhos arduos, mas compensadores da cultura d'aquelle fertilissimo solo.

Segundo dados extrahidos do orçamento de 1893-94, as despesas publicas n'aquelle anno elevaram-se na ilha à somma de 25:984,239 pesos, ou cerca de 16 pesos por cada habitante ! Como se vê, não podem ser mais oppressivos os impostos em Cuba, em grande parte attribuidos a escandalosas malversações administrativas e a um effectivo militar muito oneroso.

Tão exorbitantes eram os encargos que chegou a provocar reparos e accusações por parte do ministro hespanhol Ruiz Gomez, que n'uma das sessões do senado, em 1884, comparando os impostos cubanos com os do Canadá e outras colonias inglezas, demonstrou que a média de imposto por cabeça no Canada elevava-se de 20 a 25 pesetas, em todas as outras colonias da Inglaterra de 12 a 13, e só em Cuba é que a capitação attingia a 111 pesetas, isto é, quasi dez vezes mais do que paga um colono britannico !

Para fazer-se idéa perfeita da insaciavel e desapiedada exploração da Hespanha em Cuba, basta registrar que essa ilha tem proximo o vasto mercado dos Estados Unidos, onde podia com vantagens que facilmente comprehendem-se fornecer-se à vontade, mas isso è-lhe expressamente vedado pela legislação hespanhola !

E' obrigada a abastecer-se nos mercados longinquos da descaroavel e gananciosa metropole, paiz pobre e traco productora. De modo que essa monstruosa prohibição redunde no absurdo de estar Cuba na contingencia de alimentar-se com o trigo que a Hespanha importa dos Estados Unidos e para lá exporta como producção hespanhola.



Tal era a situação de Cuba até a epocha em que rebentou a segunda revolução, situação que não podia prolongar-se por mais tempo, por ser de si insustentavel pela força natural das coisas. Além dos motivos de justo resentimento dos cubanos pelo não cumprimento das promessas da metropole; além do natural desejo e aspiração de obterem a independencia de sua patria, que já havia attingido todas as condições de capacidade para emancipar-se, accrescia que o systema colonial da ilha era um incentivo poderoso e constante para a insurreição, animando ao mesmo tempo as aventuras dos filibusteiros, e caracterisando um dos maiores ultrages á democracia e á civilisação do continente.

A Hespanha devia ter seguido o exemplo da aliás cupida, mas pratica Inglaterra, no Canada, concedendo a Cuba a autonomia e vantagens de que gosam os canadenses e australianos, regimen sabio que, além de fecundo em resultados materiaes para a metropole, tem estabelecido fortes e estreitos laços de sympathia entre a colonia e a mãe—patria.

Não comprehendeu assim a nação que teve a gloria de descobrir o novo mundo, que teve a fortuna e o merito de povoar quasi metade de suas terras e que, imprevidente, não tem sabido conservar as suas mais bellas possessões ultramarinas, parecendo que a politica colonial hespanhola decorre somente do pensamento estreito, restricto e anti-progressista de um apego avarento, da auctoritaria intransigencia odiosa de um dominio que se lhe afigura indisputavel e eterno, mas que, realmente, cada dia diminue e escapa-lhe irrecoveravelmente.

Está ali a prova nos successos que occorrem actualmente, tingindo o solo e aguas da America e Oceania com o sangue generoso que o patriotismo e a civilisação fazem a esta hora verter.

Da mais rapida apreciação das despesas orçamen-



tarias de Cuba, tomando por exemplo as já citadas do anno financeiro de 1893—94, resalta a escandalosa orgia administrativa d'aquella colonia, pois que a somma das despesas effectuadas no indicado exercicio correspondem approximadamente á importancia de 52 mil contos de nossa moeda, o que é simplesmente extraordinario, passamos, incongruente, attendendo-se a que trata-se de uma colonia povoada por pouco mais de um e meio milhão de habitantes. O Brasil, com uma população dez vezes maior e não obstante as graves difficuldades economicas e desatinos financeiros provocados em parte por motivos não menos graves de ordem diversa no actual regimen, apresenta um orçamento de despesas, no corrente exercicio, de 315 mil contos. Estabelecido ligeiro confronto entre os dois orçamentos, guardadas as naturaes proporções de um para outro paiz, e sem levar mesmo em conta a somma consideravel que a depressão cambial no Brasil absorve annualmente com o serviço de sua divida externa, verifica-se que é superior a um terço do orçamento das despesas de Cuba em 93—94 a quantia diferencial entre os dois orçamentos comparados; do que resulta o facto espantoso, inaceitavel de serem as despesas do Brasil official, relativamente, inferiores ás da grande Antilha, simples colonia.

No ponto de vista economico, creio, nenhum outro argumento poderá dar idéa mais nitida do que é e de quanto vale a administração colonial em Cuba.

Este só specimen deixa entrever claramente as dilapidações e a ganancia infrenes de que tem sido victima o povo cubano da insaciavel mãe-patria, que sob tal aspecto tem-se revelado sempre da mais condemnavel imprevidencia e de não menos criminoso menosprezo pela prosperidade e progresso de suas possessões.

O que de extranhavel ha na revolução dos cubanos, em face de um regimen, não somente negativo quanto á prosperidade de sua patria, mas até contrario á evolução natural do seu progresso, negativo e tyrannico quanto á sua liberdade?



Não mais podia esse povo esperar concessões, tantas vezes promettidas e asseguradas e que para elle não significavam mais que uma burla, uma illusão com que a politica arguta, meandrosa e insincera da metropole se desvincilhava apenas de difficuldades criadas pela exigencia de suas nobres aspirações.

Assim é que das reformas e concessões promettidas por intermedio de Martinez Campos, por occasião da grande revolução de 68, apenas uma importante foi cumprida peio governo hespanhol—a abolição da escravatura na ilha; as demais, cujo compromisso foi egualmente tomado por aquelle illustre estadista, como meio unico de obter a deposição das armas revolucionarias, não tiveram cumprimento.

A revolução, nesses casos, impõe-se como o meio logico e unico aconselhado pela dignidade humana, apoiada nos mais sagrados e indiscutiveis direitos das aggremações sociaes, não só para conseguir o *desideratum* tão natural dos povos dominados, o de emancipar-se do um jugo já incomportavel, em face das condições vitaes de seu progresso, como para exercer materialmente o direito da mais justa represalia, a vindicta, o desforço irrepremissivel contra o despotismo brutal que esmaga e asphixia, que ludibria e fere em nome da civilização. E é isto o que fez e está fazendo a nobre Antilha, com o recurso supremo da revolução que a deflagra ha 3 annos.

A meu ver, mal e erroneamente pensam aquelles que, imbuidos de idéas filiadas a um direito cuja genesis remonta á phase das primitivas organizações sociaes, direito de que a luz do verdadeiro direito, n'uma incidencia cada vez mais nitida, mais lucida e fecunda sobre o aggregado das relações da existencia collectiva, já decretou moralmente a definitiva caducidade, dizia, erroneamente pretendem demonstrar nas insurreições, como a que ocorre em Cuba, o elemento subversivo e odioso de extranha influencia, um phenomeno caracteristico de raça ou da anarchia dos povos occidentaes, e não a manifestação real e typica, a affirmação distincta de uma lei natural, que do mes-



no modo verifica-se no individuo como na collectividade.

O sentimento de liberdade e o desejo de independencia estão de tal modo ligados ao instincto de conservação, que só excepcionalmente, por anomalia e aberração, poder-se-á verificar o contrario em alguém, qualquer que seja a condição e o grão de sua cultura mental, a menos que não se trate de um mente-capto ou de infelizes de outro genero, nos quaes a caligem do vicio e da mais crassa abjecção tenham apagado a luz da intelligencia, desviando e invertendo o curso natural dos mais nobres estimulos do homem.

Si o corpo social nada mais é, realmente, que o agrupamento, a reunião de muitos individuos, pensando e agindo sob o influxo das idéas emergentes e sempre tendendo para o melhoramento progressivo, para o bem estar e felicidade da communhão, claro é que o pensamento de uma sociedade não passa de ser um reflexo, um desdobraimento moral do individuo, simples unidade, que se congloba, se personifica e representa-se em sentimentos e idéas objectivados na entidade collectiva.

Não ha erro em affirmar que as leis que regulam e presidem os phenomenos e funcções do organismo individual ampliam-se e extendem-se aos organismos das collectividades com os mesmos corollarios e effeitos que lhes são estricta e respectivamente peculiares, mas em que a lente da analyse philosophica, atravez da trama urdida pelo complexo de relações da vida em sociedade, só descobre e fixa um ponto, uma unidade, —o individuo—que é o ponto de partida, a cellula do grande e complicado aparelho social.

Assim, o individuo nasce e desenvolve-se no núcleo da familia, recebendo no estreito ambiente do lar os elementos constituintes do seu ser, e uma vez attingida a época em que phenomenos somaticos impressivos manifestam-se associados a outros de ordem psychica, assignalando aptidões organicas e capacidade para concorrer na lucta da existencia,—elle desprende-se dos vinculos desse circulo, irresistivel e natural.



mente, indo colaborar no seio da communhão social, como factor distincto, na posse e consciencia dos direitos e responsabilidades que lhe cabem. Isto se dá no periodo que a technologia juridica denomina maioridade, ou idade em que é reconhecido a todo individuo o direito de poder livremente governar-se.

Do mesmo modo acontece com os povos: tem a sua infancia e a sua maioridade, que se assignala, que se constata por um conjuncto complexo de razões ponderosas de ordem material e moral, sobresahindo entre essas o desejo significado, a aspiração de emancipar-se, quando se afirma e exteriorisa essa aspiração, assumindo a forma concreta de um pensamento amadurecido, irrevogavel, de um *desideratum* nacional.

Os esforços, todos os elementos contrarios, que a ambição e o despotismo põem em acção para impossibilitar, protrahir e burlar esse supremo idéal dos povos tributarios e escravizados, esbarram sempre de encontro á resistencia, á obstinacia invencivel, ao odio acirrado e à inconversibilidade a mais heroica das victimas do extranho jugo.

Que ficaram dos grandes imperios dos Darios e Alexandre, da obra colossal dos romanos, dos triumphos de Annibal e das modernas conquistas do Napoleão? A que proporções acham-se reduzidas as memoraveis conquistas portuguezas na Africa e no Oriente e as não menos celebres dos hespanhóes neste continente?

Cifram-se hoje, por assim dizer, no valor de factos que a historia registra, offerecendo ao universo lições fecundas, inolvidaveis, por isso mesmo que encerram um ensinamento salutar e profundo, demonstrando a fragilidade e a ephemera existencia da obra social que se funda no pretendido direito de conquista, que é mantida a preço do sacrificio da liberdade politica dos povos.

Não é isto desconhecer a assignalada grandeza dos serviços que a civilização antiga e medieval prestaram as conquistas e as descobertas de terras e mundos ignorados.



Por maiores, porem, por mais custosos que os sacrificios acarretados por taes empresas podessem ser, a sua mais alta benemerencia perante a civilisação não auctorisa, não justifica o exercicio eterno de um poder liberticida, de um dominio que se apoia na força, que ceva odios, que concita rebelliões, e que haure alento, prestigio e lustre da miseria que gera, do sangue e lagrimas que faz verter, do opprobrio que imprime na face das populações acorrentadas a um tal regimen.

E que outra coisa tem sido a historia dos governos oriundos das conquistas em todos os tempos, sinão a edição mais ou menos augmentada, mais ou menos correcta e modificada da historia do dominio hespanhol na America, desde Pizarro e Cortez até Weyler e Martinez Campos?

Cuba, singularmente, offerece uma longa pagina de dor e sangue, de atrocidades e heroismos raros, exemplos assignalados de um patriotismo excelso, de abnegação, de generosidade com o inimigo exterminador e feroz; pagina commovedora de um martyrio padecido ha quatro seculos com as intercadencias impostas pelo canção da lucta, ou pelo descortino fugaz de um illusorio horisonte de liberdade que a fé, illaqueada, julga por vezes entrever atravez dos embustes diplomaticos da tyrannica metropole. A revolução em que com tamanho ardor ora se empenha o seu patriotismo dá o mais nitido relevo ao auctoritarismo theocratico e cruel dos seus dominadores; nessa assombrosa tragedia, em que se destacam lances sombrios com a feição pavorosa das scenas inquisitoriaes, que o atavismo iberico tem alli revivescido em episodios que deixam a alma estarecida e aniquilada á evocação emocional de seus horrores.

O supplicio inaudito do nobilissimo moço cubano Manoel de Hoss não encontra simile, sinão nos origmaes tormentos que a fantasia e a volupia da fereza humana suggeriam aos Torquemadas.

Esse joven heróe, cujo nome passa á historia emoldurado pela aureola dos martyres da liberdade, deixou os commodos e gosos de uma larga fortuna legada



por seus progenitores e mais o prestigio da posição conquistada nos labores fecundos do espirito e foi, com a alegria e fervor dos convencidos e dos fortes, batalhar pela independencia de sua amada patria.

Symphatico, attrahente, de accentuado aspecto marcial, possuindo aptidões intellectuaes e excellentes qualidades moraes, foi Manoel de Hoss preferido pelas hostes revolucionarias para um dos cabecilhas, logo após a morte do glorioso Macêo.

Em Tunas, depois de um combate tenacissimo durante 14 horas, cahiu Hoss em poder dos hespanhoes, sendo encarcerado n'um dos fortes que circumdam aquella Villa, poucos dias depois tomada pelos cubanos.

Foi ahi o theatro da flagellação atrocissima do symphatico e invencivel patriota.

Os hespanhoes, no intuito de obterem delações, submeteram-no a torturas em que a vileza e a perversidade disputavam-se a primazia.

Sobre as chammas de fogareiros continuamente alimentados obrigavam o infeliz moço a demorar as mãos, tendo as phalanges dos dedos atadas com cordas de violas! E' facil avaliar o horrivel soffrimento que esse trato infligia ao glorioso padecente.

Nenhum resultado surtindo essa tortura, os ferozes adversarios recorriam a tormentos de outro genero: arrancaram as unhas dos pés da pobre victima, espicaçaram-lhe o peito com bayonetas e, á sua vista, enforcaram um seu irmão, innocente creança de 7 annos.

Tudo soffreu com inexcedivel valor esse heròe, sem jamais emittirem seus labios uma palavra compromettedora dos seus correligionarios, ou de arrependimento ou condemnação do nobre ideal querido, cuja defesa o lançou nas mãos homicidas dos dominadores de sua patria.

A crueza e extensão do soffrimento tamanhas foram, que Hoss encaneceu completamente pouco antes de morrer, tendo apenas 26 annos de idade.

Com a tomada de Tunas, foi dado ainda ao inolvidavel heròe ver alguns dos seus amigos e companheiros, aos quaes mal pôde, murmurando, dirigir as palavras—é tarde, meus amigos! e balbuciando, n'um lam-



pejo derradeiro de suas indomáveis energias, terminou dizendo : ide bater-vos !...

*
**

Nesse impressionante facto pode dizer-se que está a synthese historica dos horrores da encarniçada lucta em que se obstina a Hespanha contra a emancipação da grande Antilha, traçando de golpe, em caracteres inapaveis, a significação moral que perante a civilisação e a democracia contemporaneas devem ter as dominações odiosas, que se firmam no direito da força.

Mau grado os votos e benções do papado e clero hespanhol, santificando a actual guerra da Hespanha contra os Americanos, as armas destes hão de vencer nesse prelio ; por que nelle actuaram o sentimento de solidariedade existente nos povos do novo continente, o influxo poderoso das modernas correntes democraticas, consubstanciando o mais alto e retumbante protesto da humanidade contra o sobrevivente espolio execravel da barbarie medieval.

A victoria da Norte America virá por glorioso remate ás conquistas armadas da civilisação no seculo XIX.

PEDRO AVELINO.



BIBLIOGRAPHIA

Papi Junior: *Adolpho Caminha e a sua obra litteraria. Fortaleza. Lith. Cearense.*

Papi Junior, um dos mais esperançosos escriptores do «Centro Litterario», espirito culto e bem formado, praticou, incontestavelmente, uma acção meritoria dando publicidade á esplendida brochura cujo titulo epigrapha estas linhas.

Adolpho Caminha era, de facto, um forte.

Trabalhador infatigavel, possuia a tenacidade do heroismo, virtuosa coragem dos que alliam a audacia do talento á independencia do caracter...

Papi Junior, no seu livrinho, obedece ás leis da critica hodierna, pondo em relevo a individualidade do auctor d'A *Normalista*, sem esquecer a acção que o meio cearense exerceu sobre o seu temperamento morbido, em lucta com a indifferença irritante de um publico egoista, sensatamente pacato como quasi todo publico brasileiro. Depois de lel-o, fica-se comprehendendo melhor a nota ironica das «*Cartas litterarias*», o pessimismo d'A *Normalista* e do *Bom Creoulo* e os descuidos de analyse da *Tentação*, escripta quando o auctor já se achava doente e vendida por seiscentos mil réis a um editor corajoso e naturalmente amante e protector das lettras...

Mas ouçamos o futuro romancista d'O *Simas*:

«O caracter litterario de Adolpho Caminha moldouse, pois, á feição da moralidade da sua imaginação e da intensidade vibratil de sua natureza nervosa.



Quero eu dizer: fez-se sob os influxos que determinam e organização commum dos artistas. Mas n'elle, é preciso notar, todos os trabalhos de composição psychica tiveram mais tensa vibração, porque encontraram-no de um temperamento ultra-activo, com tendencia às paixões que lhe ficaram em meio triumpho, não domadas por essa vontade prodigiosa, vindo simplesmente da grande e determinada energia nervosa.»

E accrescenta, mais adiante: «Foi com um grito de desafio, um meio grito de revolta e odio, direi, que elle se impoz ao apreço de si mesmo. Na vida seguiu o caminho mais aspero, mais contundente que o homem pode escolher: atirou-se bem para a frente, procurando manter-se, equilibrado, independente, desafiando o mundo e os seus olhares, lucta esta em que o seu character tomava ainda resistencias leoninas, fortalecia-se. E, nessa attitude, notava-se que o que mais incidia no seu espirito, determinando-lhe os avoejos liberrimos da imaginação, era sem duvida uma sediciosa revolta contra as convenções, o suborno, as desigualdades sociaes, a hierarchia das massas, as ambições entrechocantes das classes.»

Esta insubmissão, aliás commum aos artistas de raça, tem sido uma das causas da derrota da litteratura entre nós.

N'um paiz onde poucos lêem, onde poucos ligam importancia às cousas do espirito, a preconizada independencia de character dos artistas e dos puros é quasi uma cousa inconcebivel, sinão acto de rematada loucura.

Para prova, ahí està a miseria de Cruz e Souza, o desgraçado negro cujo orgulho não sabia pedir, mas cujo talento derramava, a mancheias, perolas de esplendido quilate, superiores, sem duvida, aos chichisbeques ordinariamente expostos nas *vitrines*, porém de muito inferior cotação no mercado brasileiro...

Uma vez, Francisco Pacheco e Adolpho Caminha encontravam-se com o inditoso Cruz e Souza na rua do Ouvidor.



O infeliz poeta trazia um velho palitot sebento e um chapéo ainda mais idoso e mais sujo.

Depois de ligeira palestra entre o escriptor cearense e o poeta catharinense, Adolpho Caminha, que se havia separado de Francisco Pacheco, veio juntar-se a este, perguntando-lhe se conhecia a pessoa com quem acabava de fallar, e, obtendo resposta negativa :

—Pois aquelle é o Cruz e Souza : Coitado ! Queixa-va-se da miseria em que vive com a mulher e os filhos, pois os 150\$ da Estrada de Ferro para nada chegam. Alem d'isto, ninguem quer editar-lhe os livros incomprehendidos...

Feliz paiz este, em que a mãe de Gonçalves Dias pede esmolas e Cruz e Souza padece o jejum da fome ao passo que, nas proprias secretarias dos ministros, a charice dos parvos ceva-se commodamente, chupando as tetas pingues do orçamento.

Ditosa terra de nullos, esta, onde as manifestações dos talentos originaes causam, aos que poderiam protegellos, pasmo igual aos esgares dos doidos em qualquer asylo de alienados !

Contra esta irrisoria indifferença protestou sempre Adolpho Caminha, conseguindo agrupar em torno de si a maioria dos *novos* que no Rio de Janeiro sentiam-se atacados da perniciosa mania das lettras.

Para nós outros, repito, elle não foi somente um artista ;—foi um forte. A Papi Junior agradeço pe-nhorado a remessa de seu valioso opusculo, aguardando, com anciedade, a publicação d'*O Simas*.

H. C.



1898 - Junho - 6º

PLANO DE ESTUDOS DE AGRICULTURA
NATAL
RIO GRANDE DO NORTE

EDUCAÇÃO PHYSICA

*A primeira condição de exito
do homem no mundo é ser um
bom animal.*

EMERSON.

A grande lei que o genio lucido de Darwin expriu na famosa phrase—lucta pela existencia—e que traz como resultado necessario a selecção, ou, como melhor denominou Spencer, a *persistencia do mais apto*, do mais forte, do mais resistente aos embates cada vez mais duros da vida, essa grande lei, que é a pedra angular de todo o edificio scientifico contemporaneo, deve sel-o tambem de todo processo de educação, em que, acima de tudo, visa-se o preparo do individuo para entrar na concorrencia da vida apercebido das melhores armas e dos mais completos requisitos com que passa abrir o seu logar, mantel-o e, si possivel fôr, alargal-o.

Na vida humana, como na vida animal, os victoriosos são sempre os fortes pelo vigor physico, pela resistencia da constituição e pela robustez da saúde.

Combatendo o systema pernicioso do abuso do estudo na infancia e na adolescencia, o mestre da philosophia contemporanea affirma que «uma bõa digestão, um pulso forte e um caracter alegre são bens exteriores que *cousa alguma* pode contrabalançar.»

A instrucção variada, a erudicção profunda são grandes armas na luta da vida; mas o valor da saúde e da força muscular; o valor de um caracter alegre e



disposto que só o bom estomago dá, todas essas cousas desprezadas por philosophos dispepticos ou hypocondriacos são elementos indispensaveis para a valorisação d'aquelles grandes bens em proveito e beneficio de quem os possue.

O homem tem um fim na vida, seja este a virtude ou a felicidade, o bem estar individual, que produzirá, com o esforço de cada um, o bem estar da collectividade.

Mas para ser feliz, para ser virtuoso, para realizar grandes committimentos, diz Bain, é preciso ter o coração leve, ser alegre.

E o bom humor, incomparavel e imprescindivel condição de felicidade na vida, acha-se intimamente ligado e dependente do vigor physico, da saúde, da boa alimentação e da digestão.

Com o systema de educação geralmente adoptado no nosso paiz, systema retrogrado e contraproducente que consiste em procurar por todos os meios e desde a mais tenra idade o exclusivo desenvolvimento do espirito, com grave e insanavel detrimento do corpo; com esse methodo educativo que consiste em sobrecarregar a memoria dos adolescentes com uma somma de conhecimentos que absolutamente não podem assimilar, pois que o espirito é como o estomago que apenas pode proveitosamente digerir uma certa quantidade de alimentos compativel com as suas energias; com tal systema poder-se-á talvez obter sabios de gabinete, mas do genero d'esses philosophos hypocondriacos e mysanthropos, anemicos, mal humorados e insociaveis, cuja sciencia nebulosa e complicada, com ser profunda e transcendente, é sempre menos util ao commum dos mortaes do que os livros simples e claros de um naturalista como Darwin, de um philosopho como Nordau, de um moralista como Smiles, de um romancista como Zola ou de um poeta como Hugo.

Na vida do individuo, como na vida social, a saúde, o vigor physico e o bom humor são condições muito mais indispensaveis de successo do que o mais amplo cabedal scientifico ou litterario.

E' sabido que os sabios e os ricos são justamente



os homens mais tristes do mundo, porque ordinariamente não têm boa saúde e são physicamente fracos.

David Hume, tão profundo philosopho quanto erudito historiador, cujo nome honra a alta litteratura ingleza, prezava mais o bom humor que teve a dita de possuir do que o vasto saber que o immortalisou; e dizia em uma autobiographia achar-se sempre disposto a encarar as coisas de preferencia pelo lado fovoravel, modalidade de espirito que renutava mais preciosa do que... a posse de um rendimento de duzentas mil libras.

Ora, esse preciosissimo dom da alegria, como bem notou Bain, é ordinariamente associado ao vigor physico.

Sem uma circulação e uma digestão vigorosas, sem boa saúde, não ha bom humor e não ha bem estar possiveis.

O lastimavel vezo de sobrecarregar o espirito dos adolescentes com uma grande quantidade de estudos, muitas vezes ainda acima da sua comprehensão pouco desenvolvida, tem por primeiro effeito apenas amortecer ou extinguir a natural viveza e tendencia á expansão d'aquella idade.

Depois, e como consequencia logica do exaggerado exercicio do cerebro, no passo que os outros órgãos permanecem em quasi completa inactividade, é prejudicado insanavelmente o desenvolvimento do organismo, enfraquecidas as suas funcões, abatida a sua vitalidade, justamente na epocha de formação da estructura ossea, que assim fica para sempre enfezada e pobre.

Tal applicação do espirito poderá talvez não trazer directamente um estado morbido apreciavel; mas, observa Bain, é quasi incompativel com o bom humor exuberante.

«Para que a cultura intellectual torne-se uma vantagem no combate da vida, affirma Spencer, é indispensavel o vigor physico.» Não é possivel, porem conseguir essa força uma vez que, durante a idade em que o organismo está apto para adquiril-a pelo exercicio constante dos musculos, apenas *descançado* pelo trabalho mental, mantem-se, com o nosso methodo de educação, na mais lastimavel e mais pernicioso inercia.



A educação geralmente escolhida pelos pais, sempre que podem, é a dos internatos, que têm para elles a vantagem, muitas vezes decisiva, de deixal-os por alguns annos *livres* dos filhos. E mais, empenham-se em recolhel-os áquellas prisões, que outro nome não cabe melhor, o mais cedo possível. Muitos levam os filhos ao internato com seis, sete e oito annos.

Vejamos qual era, ha doze annos, e ainda hoje na maioria dos collegios nacionaes, o regimen observado com o maximo rigor da mais inexoravel lei :

Estudo e aulas	10 1/2	horas
Refeições e orações	2 1/2	"
Recreio	2 1/2	"
Somno	8 1/2	"

24

• Duas e meia horas de ar livre, durante as quaes só era reputado *alumno serio e bem comportado* o que passava-as sentado em banco sob um telheiro para o fim de obter boas notas na media semanal que dava direito a um passeio fóra aos domingos.

Os mais *insubordinados* apenas dedicavam-se aos exercicios que proporcionavam-lhes jogos como os *quatro cantos*, *a peia queimada* e bem poucos mais. A maioria limitava-se a formar grupos onde tão somente eram exercitados os musculos da lingua.

Com tal systema, introduzido pela educação jesuitica e observado com o mesmo espirito de indefectivel rotina que preside a tantas outras das nossas manifestações vitaes, com tal methodo posto em pratica sobre crianças de oito e dez annos, obtem-se infallivelmente a degenerescencia dos musculos, a morosidade o imperfeição do crescimento, a fraqueza de todo o organismo que, qu ficará reduzido a proporções abaixo da média, ou elevar-se-á a um maximo acima d'ella, mas com prejuizo da robusteza de todos os orgãos.

Aliás, graças ao alludido espirito de rotina, no interior do lar è praticado o mesmo systema de que os collegios são acabado modelo o exemplo. O menino travesso, que no lar paterno é tantas vezes olhado como uma fonte de cuidados, como um motivo de dissabores



e aborrecimentos pela sua sua vivacidade irrequieta, pela curiosidade sempre vigilante e alerta, pela necessidade irreprimível de movimento, de exercício, de actividade desordenada, o menino n'essas condições encontra sempre, como obstaculo constante a tolher-lhe todas as manifestações de vitalidade nascente, a reprehensão dos paes, dos mais velhos e até dos famulos, e muitas vezes o castigo por pequenos actos sem nenhuma consequencia verdadeiramente prejudicial, mas que vão de encontro ás serodias normas educativas que resumem-se em conter a creança sentada em cadeiras ou em algum recanto da casa para apprender a *ter modos*.

Habitudo desde a mais tenra idade a esse systema contrario a toda expansão physica, reputada pela nossa educação incompativel com a ridicula seriedade que se quer impôr-lhe, o menino torna-se adolescente dominado pelo mesmo freio rigoroso e estúpido, e passa, no lar ou nos internatos, os melhores annos da juventude, aquelles justamente em que mais precisa expandir a vitalidade do organismo, curvado sobre livros, sentado, constrangido á inercia mais prejudicial do que qualquer accidente a que porventura ficasse sujeito em virtude de excessos commettidos nos recreios mais desordenados e violentos.

Desconhecendo por inteiro as necessidades verdadeiras d'um organismo que desenvolve-se e que, portanto, tem fome e sede de ar livre, de alimentação sadia e abundante, de exercicio, de transpiração, a maioria dos paes entende tratar os filhos como lastimaveis *maricas* a quem tudo faz mal, e priva-os de todos os jogos onde tanta vez se lhes depara ensejo de adquirir uma experiencia salutar, um ensinamento util que certamente a reprehensão ou o conselho não dariam melhor. e que nem o exemplo faria comprehender e aceitar com mais segurança e efficacia.

Em vez de deixal-os verificar por si mesmos a consequencia boa ou má, proveitosa ou prejudicial dos seus actos, intervindo apenas em muito poucos casos nos quaes pudesse haver perigo immediato e grave em deixal-os entregues a si— e tal é o fundamento do admiravel



methodo de Spencer,—os pais estão sempre alerta, por uma má comprehensão do amor e do dever paternos, promptos para prohibir-lhes tudo com o insupportavel —tenha modos—, ou submettel-os a castigos irracionaes e de efeitos radicalmente contraproducentes.

*
* *

No tocante aos preceitos hygienicos o mesmo methodo produz ordinariamente os mais lamentaveis resultados.

Desde o systema absurdo e irracional de envolver o recém-nascido em faixas e flannels incompativeis com o nosso clima, conservando-o abafado em quartos fechados, onde o ar vicia-se e sobrecarrega-se rapidamente, até o vestuario de fazendas quentes estupidamente impostas pela moda européa e adoptadas servilmente e simiescamente, em plena zona torrida, por pais e por filhos, tudo é perfeitamente opposto ás mais elementares regras de uma hvgiene racional.

Cada dia vemos pais que reprehendem os filhos a quem por ventura, ao chegar á casa, encontram de pés nus, impondo-lhes como preceito severo e inviolavel o uso constante do calçado e, o que è dez vezes peor, de meias.

Si a criança, como por instinctiva inclinação a satisfazer uma verdadeira necessidade, reincide, a reprehensão rigorosa e o castigo physico coagem-na a observar o ridiculo preceito.

Não *levar* sol, não *levar* chuva, não saltar, não correr e tantas outras semelhantes, são imposições geralmente feitas pela nossa educação, quando as crianças carecem justamente de *levar* sol e chuva, de correr e saltar, etc, quasi tanto como de comer e dormir.

Em compensação obrigam-n'as muitas vezes, sob pretexto de *frescura* de memoria, a sentar-se com os livros nas mãos pela manhã, logo depois do despertar, quando mais util ser-lhes-ia o exercicio ao ar livre; fazem-n'as estudar á noite á luz nociva do petroleo,



ou depois das refeições, quando o estomago precisa de todas as energias, assim desviadas pelo cerebro, para a digestão e assimilação rapidas e proveitosas dos alimentos ingeridos.

Si qualquer ligeira indisposição, quasi sempre originada de tal methodo de educação physica, acommette o menino, um leve encommodo gastrico, passageiros symptomas de febre, ou outro equivalente, logo abarrotam-no de *chá*s, de tisanas, e até de quinino no segundo caso, conseguindo apenas muitas vezes aggravar o que era de si passageiro e leve.

Si é possível, a educação das meninas ainda parece mais irracional e mais ridicula, porquanto alem dos taes preceitos que, em consequencia da idéa falsa que fazemos do recato e do pudor femininos, são-lhes ainda mais inexoravelmente impostos, pesam sobre ellas os lastimaveis inconvenientes do uso estupidiissimo do espartilho, uso que a natural inclinação de imitar e a vaidade nascente suggerem-lhes e a tolerancia das mães, n'este particular, facilmente permitem.

Entretanto, não menos do que aos meninos, são-lhes absolutamente necessarios os exercicios physicos, o ar livre e o sol, para perfeita formação d'esses delicados organismos aos quaes reservou a natureza o pesado encargo de, por sua vez, elaborar novos organismos.

O uso— ou o abuso, que é o caso ordinario,— do tal collete a comprimir os mais importantes órgãos, forçados a conservar, durante horas, uma deformação prejudicialissima, com o fito unico de uma elegancia ridicula; esse abuso, talvez originado, primeiramente pela falsa idéa de que uma cintura delgada seja poderoso attractivo para outros que não essa classe de *snobs* a que Nordau denomina *snobs esthetisantes*, permittido pelas mães às filhas de doze annos, é uma das mais absurdas manifestações do servilismo a essa rainha da futilidade, da inconsequencia ou de chilro *snobismo* que se chama a moda.

Não é raro encontrarmos meninas de quinze a vinte annos, pallidas, anemicas, soffrendo do estoma-



go, e em quem as mais importantes funções do organismo femenino acham-se gravemente alteradas. Essas pobres creaturas, para quem a moda é inexoravel senhora, já dessoradas fundamentalmente pelos vicios da educação sedentaria que receberam desde a mais tenra infancia, respirando apenas o ar nunca puro do interior e o ainda mas nocivo dos salões de baile ou das egrejas, sem nenhum exercicio saudavel que lhes é tão necessario, soffrem ainda mais pela constante compressão do horrivel collete que, mais de uma vez, *em publico e razo*, tem-lhes feito perder os sentidos.

O estomago doente, ordinariamente motivo serio de profundos desgostos, privando-as até do "querido" espartilho n'alguma crise de irritação não muito rara, difficulta-lhes a digestão, azedando-lhes a delicada bocca, a ponto de poderem algumas sem grande esforço, como as *ladies* de que fala Ramalho Ortigão, avinagrar todo o Potengy associando-se para cuspir-lhe em cima, ao mesmo tempo, do caes Pedro de Barros ou do trapiche da Alfandega.

*
**

Não são menos desoladores os efeitos moraes directamente emanados de tal systema educativo.

Physicamente fraco, o homem muito difficil e muito raramente poderá ser um trabalhador perseverante, capaz de iniciativa energica, de um esforço efficaz e prolongado, quer no dominio do trabalho physico, quer no do trabalho mental; fallece-lhe a coragem indispensavel para a luta— dos musculos ou das idéas—, assim como falta-lhe, noventa e nove vezes sobre cem, aquella inapreciavel qualidade da alegria e do bom humor que David Hume reputava superior a tudo.

O menino educado sob o regimen tão severo quanto absurdo da retenção no interior do lar e do collegio, exclusivamente applicado ao estudo, entra na vida quasi desapercibido das melhores armas de combate, das mais proveitosas condições de prosperidade e de exito.



Ainda durante a vida escolar, quando a arte da mascara não tem attingido o grão de desenvolvimento que é ordinario na sociedade, o menino manifesta os primeiros symptomas d'essa fraqueza moral, d'essa falta de coragem que são fructos do *tenha modos* domestico.

A creança que, sahindo aos oito ou dez annos do regaço materno para um internato, encontra ali por ventura estabelecida a pratica da gymnastica escolar, apresenta-se naturalmente timida e receiosa, receiando atrever-se aos riscos de uma corda de nós ou de um trapezio, apezar de ver outros da mesma idade servirem-se facilmente d'aquelles apparatus.

Nos jogos que dependem de agilidade e presteza, ainda quando, passados alguns dias de observação desconfiada, ouse tomar parte n'elles, occupará durante muito tempo um logar inferior, porque não tem a elasticidade de musculos que só o habito dá, e este falta-lhe em virtude do *tenha modos* paterno.

Assim na vida. Sempre sedentario, sempre preso aos livros, começa a viver receiando tudo, de tudo tendo medo, desde um simples chuveiro que, com certeza, far-lhe-á mal, até a luta corpo a corpo, a murro ou a faca, que por ventura se lhe depare n'uma rua ou no campo.

São esses os que, ainda homens feitos, conservam sempre incoercivel o medo do animal domestico, quer fugindo desordenadamente ou "passando de largo" pallido e com o coração aos pulos, por causa de um pobre e manso boi que pasta pachorrentamente à margem da estrada, quer agarrando-se desesperadamente ao arção do sellim na equitação um pouco rapida, ou esperando um amigo, que se deixára ficar atraz na contemplação de uma flor ou do uma paisagem, para não passar só diante do cão preguiçosamente estirado no "terreiro" de uma cabana campestre.

São ainda os productos da educação de *modos* que fecham os olhos à esperada detonação de uma espingarda proxima, e temem por essa arma tão util o santo horror que inspiram as cousas monstruosamente perigosas.



N'esses pequenos factos, como em outros de ordem mais elevada, descobrem-se facilmente os effeitos lastimaveis da educação sedentaria.

Alem d'isso, é escusado notar a differença de moralidade resultante dos dois systemas de educação. E' observação já muitas vezes feita, e consignada por todos quantos se têm preocupado com taes estudos, que os individuos educados em internatos, onde o sedentarismo impera a par do exclusivismo do trabalho mental, são mais precocemente corrompidos do que aquelles a quem, como os adolescentes dos collegios inglezes, o exercicio physico repetido a miúdo desvia de cogitações e devaneios que a vida sedentaria produz e desonvolve, ou os que, crescidos na vida livre e forte dos campos, na equitação, na caça, nas longas caminhadas a pé ou no trabalho agricola, não teem tempo para taes devaneios e cogitações perniciosas.

Educados no interior de collegios, como ainda hoje ha alguns, onde o exercicio ou não existe ou occupa um logar minimo, tendo como unicas distrações o fructo prohibido do cigarro e do romance, muitas vezes erotico, que devoram alta noite á luz escassa do lampião dos dormitórios, o adolescente torna-se em pouco moralmente desempenado e atrevido, e critica com facilidade, como observa Ortigão, phenomenos que ainda não conhece, ou sentimentos sobre os quaes nenhuma experiencia pessoal pode ter.

D'ahi, talvez, a possibilidade de maior aptidão para observações sociaes e estudos philosophicos isentos de qualquer parcialidade, maior desenvolvimento do senso critico resultante do habito cedo adquirido; mas certamente tambem a incapacidade proporcional dos grandes commettimentos moraes ou intellectuaes que requerem confiança ampla em si e nos outros, esforço persistente e continuo, a coragem da vida, em fim.

Nas relações sociaes não manifestam-se menos sensivelmente as differenças fndamentaes dos dois systemas de educação. Com a mesma facilidade de critica superficial que o distingue no que respeita aos sentimentos



de que tem noticia pelas suas leituras, o antigo collegial, educado apenas no espirito, procede no tocante aos seus semelhantes encontrados no caminho da vida pratica.

Desconfiado, descrente da sinceridade de todos, pelas induções irreflectidamente tiradas da leitura dos romances, não poucas vezes é prejudicado por taes prevenções, principalmente si acaba-se-lhe de azedar o genio ao embate das primeiras contrariedades da vida.

O joven que teve a fortuna de uma larga e forte educação physica, si nao veiu já com o organismo des-sorado por hereditariedade morbida, adquire, ao mesmo tempo que a saúde robusta e o vigor muscular, a confiança em si proprio, e, d'ahi, a bôa disposição para os outros.

Compare-se, n'esse particular, o caracter do joven camponez com o do habitante das cidades. O primeiro é franco, muitas vezes cordial e ingenuo, quasi sempre sincero, nas palavras como na physionomia que não sabe dissimular com rapidez e arte a mutação dos sentimentos ou o vigor das impressões. Tem confiança em si e nos outros, quasi não conhece o ridiculo e dispõe-se sempre a encarar as cousas pelo lado favoravel. É perseverante nos emprehendimentos que tenta, nos sentimentos que o affectam, não decoroça facilmente, espera sempre.

O moço das cidades é geralmente um velho pelo espirito; desconfia e retrai-se rapidamente, escarnece dos mais, tem commentarios pelo menos irreverentes para os mais puros e mais sinceros sentimentos, possui des-envolvida em extremo a arte de dissimular o que pensa e o que sente, de esconder as impressões, de occultar o pensamento por meio da palavra, conforme o preceito do velho Talleyrand; descre de si, porque sente-se fraco e inconsistente, e dos outros porque não os pode julgar superiores a si; leva o ridiculo a todos os terrenos, desde o scientifico e o religioso até o domestico; é pessimista, desanima e abandona por pouco todos os emprehendimentos começados; faz de Schopenhauer um deus e da negação um systema.



*
**

A educação physica intelligentemente dirigida, sem preconceitos, attenua ou modifica muitas d'essas lastimaveis disposições.

Em vez de, como em geral fazemos, procurar instruir o menino desde a idade de cinco ou seis annos, mettendo-lhe nas mãos a odiada carta de a·b·c, em vez de conserval-o retido no interior do lar, cuide-se primeiro de formar o animal, desenvolvendo-lhe os musculos, alimentando-o bem, robustecendo-o.

A par d'essas necessidades inilludiveis fica a de procurar, por todos os meios que a razão paterna indicar, desenvolver nos meninos a idéa da independencia, da iniciativa, de todo esse conjuncto de cousas que constituem o precioso *self command*.

Em vez de intervir a cada passo, não raro prejudicialmente, no proceder do menino, prohibindo-lhe ou permitindo-lhe isto ou aquillo, segundo os caprichos do momento ou as normas de uma disciplina impertinente e impensada, deixem-no agir em liberdade, adquirir por si proprio a experiencia dos factos e dos phenomenos, soffrer as consequencias d'essa experiencia, intervindo somente em alguns casos em que haja grave e immediato perigo deixando-o obrar por si sò.

E' mais vantajoso para a educação que o menino fira-se levemente servindo-se de um instrumento que ainda não conhece, soffra uma contusão n'uma carreira mais excessiva ou n'am salto desordenado, do que seja reprehendido e privado assim, como bem nota Spencer, de adquirir directamente um ensinamento salutar e que não esquecerá.

Esse regimen, que a muitos parecerá perigoso e brutal, produz, entretanto, admiraveis effeitos, faceis de observar na educação ingleza.

Deixar, tanto quanto possivel sem grave inconveniente, o menino dirigir-se por si mesmo; supprimir a disciplina de reprehensões que, amiudadas e repetidas, do mesmo modo que os castigos physicos, produzem apenas o enfraquecimento dos brios e a desconsideração de



si proprio ; permittir-lhe toda expansão physica, todos os exercicios, desde a carreira até a luta ; fazer-lhe comprehender *pelo exemplo* que o homem deve confiar principalmente e sempre em si para tirar-se com successo das difficuldades pequenas e grandes da vida ; ensinar lhe, tambem pelo exemplo, as vantagens da observação da hygiene, os inconvenientes da desordem no vestuario, nos objectos de uso diario ; enfim procurar, o mais cedo possivel, inculir-lhe a idéa de que è homem, são proveitosos ensinamentos que fazem da educação na patria do grande pensador o modelo invejado e seguido da mais elevada arte e do methodo mais racional e efficaz para produzir homens.

E si, por ventura, houvesse algum inconveniente de ordem moral na observancia fiel d'esse methodo— que, bem e criteriosamente empregado, nenhum produz— certamente seria compensado pelos admiraveis resultados de que a vitalidade, a energia e a perserverança da raça ingleza são effeitos dignos de reflexão e estudo.

ANTONIO DE SOUZA.



GOIVOS

(A' memoria de meu irmão Irineu)

I

Um dia... (eu era menina)
Trouxeram-me um passarinho :
Era uma ave pequenina
Roubada ao calor do ninho.

Inda não era sol posto...
Quantos perfumes trazia
A aragem fresca e macia
D'aquella tarde de Agosto !

Devagarinho, no solo,
Sentei-me a cantarolar...
De manso puz-me a embalar
O pobresinho no collo.

Que tempo estive, não sei !
Do mundo inteiro distante,
O jardim n'aquelle instante
Foi a terra que eu amei.

Depois... a noite descia
E eu senti dentro do seio
Não sei que vago receio
Da tarde que alem morria!



N'uma gaiola pequena
Fui deitar o passarinho,
Fazendo lá dentro um ninho
De algodão frouxo e de penna.

Mas dias depois, ò dor!
Que grande desdita a minha!
No fundo da gaiolinha
Achei morto o pobre amor.

Tinha o biquinho entreaberto
Qual se morresse a cantar,
E um par de azas aberto
Como se fosse voar.

Chorei sem hypocrisia
Como se chora em creança...
Era a primeira esperança
Que do seio me fugia.

II

Que annos já vão ! Entanto
Só recordo entristecida
A hora em que vi sem vida
O meu pequenino encanto.

E d'aquelle triste dia
Do meu viver de creança,
Conservo como lembrança
A galolinha vasia.

Lembrança ingenua e sagrada.
Caricia que se balouça
Entre os meus sonhos de moça
Como reliquia adorada !



III

Um dia d'estes, enferma,
Eu recordava, a chorar,
Um sonho que vi brilhar
Em minha vida tão erma.

E, cheia de desconforto,
Fui evocando o perfil
Serenos, meigo e gentil,
De meu irmãosinho morto ;

Quando ouvi, muito baixinho,
Um grito vago e dorido
Como o saudoso gemido
De uma ave pedindo o ninho...

Quem ousaria no mundo
Penetrar na soledade,
Onde gemia a saudade
Do meu coração no fundo ?

Julguei sonhar... Mas, desperta
Estava ainda, e sosinha!
Aquelle gemido vinha
Lá da gaiola deserta.

Era o soluço choroso
Da ave que se partira
E de meu seio fugira
Em busca do Azul formoso !

*
**

Mas... a gaiola vasia;
Que eu conservo noite e dia,
Não sabem ? E' o Coração...
E' dentro d'elle que mora,
E' dentro d'elle que chora
A alma de meu irmão !

1897—Nova Cruz.

AUTA DE SOUZA.



UMA QUESTÃO JURIDICA

Podem os Superiores Tribunaes de Justiça dos Estados e as demais auctoridades judicarias ordenar, *ex-officio*, a responsabilidade criminal de qualquer funcionario subalterno, quando, em papeis ou autos de que regularmente tiverem de conhecer, encontrarem crime ?

Com esta mesma sub-epigraphe já " A Republica, " numero 397 de 30 de Agosto de 1896. inseriu, na sua *Secção Judiciaria*, um longo artigo, infelizmente não assignado, no qual o seu illustre auctor opinou pela negativa, «em face da actual organização judicaria da União e das leis da Republica».

E concluia pedindo a licção dos mestres para convencel-o do erro, si n'elle estivesse.

Este modo de terminar dissuadiu-me do proposito que logo tive de abordar o assumpto,—porque, em verdade, sou discipulo, confesso sem falsa modestia, e o appello não se dirigia sinão aos mestres, os quaes, no entanto, não se dignaram falar até a presente data, que me conste.

O ponto é, porem, convenientemente entendido, de real interesse e envolve importancia pratica que convida a attenção dos competentes.

E, enquanto não vem a licção querida, que esclareça e convença, permittirá o illustre preopinante, auctor do referido artigo, que eu, embora sempre desconfiado de mim mesmo, resolva a questão de modo inteiramente



opposto, quero dizer, pela affirmativa, em face das mesmas leis em que procurou estribar-se.

Bem se vê que a verdade não pôde estar em duas soluções contradictorias; o que mais impõe a necessidade de saber quem está em erro.

Não é de agora, convem dizer, a minha opinião, já manifestada em mais de um julgado, com a sanção do Superior Tribunal de Justiça do Estado.

Isto, bem entendido, só por si não era e não é motivo para fazer *finca pe*. Antes, gostosamente retractar-me-ia, se convencido fosse da falsidade de minha opinião, ainda endossada por egregia auctoridade, a qual, em tal hypothese, nada mais faria sinão tornar *egregio* o erro, o que quer dizer, cada vez mais digno de lastima, e, consequentemente, cada vez mais merecedor de emenda.

Tenho como certo que a presumpção de infallibilidade só pertence aos presumidos de mais ou aos tolos de menos, isto é, aos pobres de espirito no mundo das letras, os quaes, á semelhança dos seus homonymos da Escripura, a quem somente foi prometido o reino do Céu, acreditam ter o privilegio do reino da verdade.

Mas tambem não aceito, sem mais exame, quaesquer razões contrarias, que bem podem nada elucidar, ou não trazer o cunho real da verdade que se procura.

Creio que não sou imponderado, pensando assim. E' si para a effectividade do direito é preciso lutar, segundo Ihering, para chegar á verdade no campo juridico faz-se mister discutir, que é uma das formas da lucta.

Sem mais preambulo, entro na materia.

E' esta a argumentação do illustre collega, cujas palavras peço venia para transcrever em seguida:

«Estatue a Constituição, no art. 83 de suas disposições geraes:

—Continuam em vigor, emquanto não revogadas, as leis do antigo regimen, no que explicita ou implicitamente não fôr contrario ao systema de governo firmado pela Constituição e aos principios n'ella consagrados.»

«Já tinhamos o Codigo penal, com o qual *deve* estar de accordo esse preceito da Constituição (Porque *deve*?



pergunto logo entre parenthesis e faço o respectivo grifho); e deve ser observado; e elle indo além do que a respeito do procedimento *ex-officio* legislara a lei de 1871 e seu regulamento, somente o admittiu em «um caso» e mediante uma condição realizada, dispondo em seu art. 407 § 3º., tratando dos casos em que haverá a acção penal: «Mediante procedimento *ex-officio* nos crimes inafiançaveis, quando não fôr apresentada a denuncia nos prazos da lei.»

«Semelhante disposição fez desaparecer a do § 7 do art. 15 da lei 2033 de 1871, do § 4 do art. 49 do seu regulamento, e, conseguintemente, a do art. 157 do cod. do processo criminal, que havia sido mantida por essas disposições, como excepção ao principio de abolição do procedimento *ex-officio*, que consignava nos respectivos artigos citados.»

«E cessando o dispositivo da legislação de 1871 pelo cod. penal, que na especie não o consignou, não podem os Tribunaes e Juizes, nos Estados, usar mais d'essa attribuição, muito embora mantida em suas leis de organização judiciaria e nos seus regimentos, por não ser licito aos Estados legislarem em contrario ás leis da União.»

Vejamos mais de perto como isso é.

Bastaria reduzir toda essa argumentação á velha forma syllogistica para evidenciar-se todo o seu defeito, e, portanto, a inadmissibilidade da sua conclusão.

E' o que o leitor, conhecedor das regras da logica, poderá fazer por si mesmo, emquanto prefiro oppor-lhe as seguintes glosas em escala ascendente, seguindo embora processo mais demorado, comquanto nem por isso menos efficaz.

I

Si a lei 2033 de 1871, art. 15. estendia o procedimento *ex-officio* a "mais de um caso" como se declara pouco antes da transcripção que fica feita, e, si ao contrario, o Cod. penal "*somente* o admittiu em um



caso e mediante uma condição verificada", como se diz acima,—não sei como se possa concluir d'ahi que este foi *alem* d'aquella.

Equivale a dizer que Pedro, enumerando apenas *um*, vae alem de Paulo que enumera, *verbi gratia*, até *dez*.

Conforme o modo de ver do illustre collega, a affirmação inversa é que era a verdadeira :— o Cod. penal ficou *aquem* da lei citada.

Mas, parece-me que, entendidas as cousas nos seus *justos limites*, não tem razão de ser aqui a questão de ir *alem*, ou de ficar *aquem* ; porquanto o Cod. penal limitou-se a ficar dentro do seu *proprio dominio*.

O meu pensamento tornar-se-á claro com as linhas seguintes.

II

E' absolutamente dubitavel que a disposição indicada do Cod. penal tenha feito *desapparecer* a do § 7 do art. 15 da lei de 1871, já consagrada no art. 157 do Cod. do processo criminal ; porquanto a disposição do art. 407, § 3, do Cod. penal, em verdade, não é *contraria* á do Cod. do processo criminal, reproduzida na lei de 1871 ; não ha real *collisão* ou *conflicto* entre ellas. E assim, não tem cabimento a applicação, na hypothese, da —*lex posterior derogat priori*.

Aliás, dever é do interprete conciliar as disposições que possam parecer antinomicas. E, no caso, conciliam-se, porque não se contrariam, antes completam-se, cada qual nos respectivos logares e nos seus devidos termos, as duas disposições indicadas, conforme penso poder demonstrar.

O novo Cod. penal, seguindo a doutrina accieira pelo direito italiano (si bem, si mal, não é aqui o logar de discutir, nem me proponho fazer: a analyse d'essa theoria, que tem sido contestada, theorica e praticamente), o novo Cod. penal, digo, e tal é o facto, seguindo a doutrina accieita pelo direito italiano—de que a materia da acção é de lei substanti-



va, estabeleceu, no art. 407, a materia das acções penaes até o limite em que essa mesma theoria pôde ser justificada em uma cedificação criminal. D'ahi:

a) A "queixa da parte offendida, ou de quem tiver qualidade para represental-a." E' a velha "acção particular" que se filia á vingança pessoal-base psychologica do *jus puniendi*, como já teve occasião de notar o nosso insigne jurista—philosopho Tobias Barreto ; (1)

b) A "denuncia do ministerio publico em todos os crimes e contravenções " com excepção dos poucos crimes expressamente declarados.

E' a "acção publica", que importa o reconhecimento do *jus puniendi* como eminente funcção social, ou do Estado, (2) ainda não exclusiva, porém, como se vê, na *finalidade do direito*.

E não admira isto na nossa moderna codificação ; porquanto tambem é certo que o principio da *vindicta* ainda não desapareceu de todo, de nenhum dos actuaes systemas de penalidade, segundo o testemunho do mesmo eximio jurista e inolvidavel professor do Recife. (3)

Mas a acção publica, cujo orgão é o Ministerio publico, como mandatario da sociedade, ou melhor, do Estado, não podia, evidentemente, ficar á discreção do mandatario, ou ser tolhida pela incuria possivel d'este. D'onde a necessidade logica de impor ao juiz o dever de movimentar essa mesma acção, si o ministerio publico o não fizer nos prazos legaes. E d'ahi ainda, a disposição do § 3 do citado art. 407, a saber :

c) «O procedimento *ex-officio* nos crimes inaffluçaveis, quando não for apresentada a denuncia nos prazos da lei.»

Esta disposição não é incolume de censura, penso, pela limitação que contem e que não encontra apoio

(1) *Estudos de Direito*, — pag. 49

(2) *Non come patrimonio (dello Stato) ma come un alto derere'*, como diz Pessina, *Manuale del diritto pen. ital.* (Napoli, 1893) pag.48

(3) Tobias—*Estudos de dir.* pag. 178



na inflexibilidade dos principios ora dominantes na sciencia. Quanto ao mais vae ligar-se ao mesmo tronco d'onde brotam as duas disposições que a precedem ; quero dizer, filia-se á mesma theoria adoptada pelo Cod. penal, a qual, em ultima analyse, ou justifica a todas tres, ou não justifica a nenhuma.

Porquanto, em todas ellas se determina a materia da acção e, até ahí, conforme a mesma theoria, não se pode dizer que tivesse havido excesso,—sim cautelosa providencia, que equivale a uma boa qualidade, da parte do respectivo legislador penal.

As mesmas razões, porém, não militavam, e não militam, a respeito da disposição contida no art. 157 do Cod. do processo criminal, § 6 do art. 15 da lei de 1871, art. 49 do Reg. 4824, para que pudesse, sem manifesto excesso, ser *parallelamente* consignada no art. 407 do Cod. penal, uma vez que alli se trata propriamente de *competencia*, referente ao "modo" e ao "momento" de agir o juiz "quando, em autos ou papeis submettidos regularmente ao seu conhecimento, reconhecer crime de responsabilidade."

Isto pertence, sem contestação, à processualistica ; é da exclusiva alçada da *lei formularia*, e só ahí tem o seu lugar proprio, a sua *justa collocação*.

É o que parece ter reconhecido virtualmente o proprio Cod. penal, por um lado silenciando o caso no art. 407, mas, por outro lado, no § 6 do art. 207, definindo expressamente— crime de prevaricação :

«§ 6— dissimular, ou tolerar os crimes e defeitos *officiaes* de seus subalternos e subordinados, deixando *de proceder* contra elles, ou de informar á auctoridade superior respectiva, quando lhe falte *competencia* para tornar *effectiva* a responsabilidade em que houverem incorrido.»

Essa *competencia*, por isso mesmo que é da alçada do dominio da lei do processo, não a definiu, nem podia definir, sem absorvente exorbitancia, o Cod. penal. Porém claramente a *presuppoz*, e de facto ella existia então



já expressa no Cod. do processo criminal, já reproduzida em leis posteriores, conforme reconhece o illustre colega.

Não podia ignorar isto o legislador penal e, antes, revelando querer assegurar o preceito com a *sanção*, formulou a these constante do § 6, art. 207.

Esta these é bastante para pôr fóra de duvida que o art. 407, § 3, não fez "desapparecer," não revogou, antes completou, dando-lhe força, a *competencia* firmada na disposição constante dos arts. citados e n'outros do Cod. do processo criminal, da lei de 1871 e respectivo regulamento.

Realmente a analyse do art. 207, § 6, do cod. penal descobre ali duas hypotheses precisas :

- a) —o Juiz, o funcionario publico, tendo *competencia* para *proceder* contra os seus subordinados e subalternos pelos *crimes officiaes*, isto é, para tornar elle proprio *effectiva* a responsabilidade dos mesmos ;
- b) —o funcionario publico, o Juiz, não tendo essa *competencia*, que pertence ao superior respectivo, a quem incumbe-lhe dar informações.

E em qualquer dos dois casos, isto é, tanto por não dar informações aqui, como por *não proceder* alli, fazendo *effectiva* a responsabilidade contra quem fôr, commette o juiz--crime de prevaricação, segundo o Cod. penal.

Logo, do que fica expellido, conclue-se que, alem do procedimento *ex-officio*, definido no art. 407, § 3, do Cod. penal, onde, conforme a doutrina que seguiu, quiz somente determinar a materia da acção, pode dar-se tambem, sob ponto de vista diverso, como sob razão differente, o procedimento *ex-officio*, no caso de que se trata, definido nas *leis processuaes* do antigo e do novo regimen, e supposto ou previsto claramente na figura criminal desenhada no cit. § 6 do art. 207 do mesmo cod. (4).

(4) Esta § 6 cit. art. 207 do cod. pen., encerra a *sanção* do preceito, ou principio firmado no art. 82 (paredes—meias do art. 83) da Constituição Federal.—



Ou essa conclusão, em face do proprio Cod. penal, ou admittir que o legislador foi contradictorio consigo mesmo, e falto de senso, o que não é licito suppor e seria grandemente injusto na hypothese.

Em resumo : si o procedimento *ex-officio* está adstricto ao caso unico do art. 407, § 3. do cod. penal, conforme sustenta a opinião que combato, como explicar o § 6 do art. 207? Como fazer criminoso o juiz por *não proceder* contra seus subordinados, tornando *effectiva* a responsabilidade dos mesmos pelos crimes *officiaes*, tendo competencia para isso,—si uma semelhante competencia è cousa impossivel de firmar-se nas leis processuaes dos Estados, á semelhança do art. 157 do cod. do processo criminal e de outras leis, que se pretende terem sido revogadas pelo cit. art. 407 do Cod. penal?

Não seria revoltante contradicção, manifesto d'escorceto de idéas, de logica, de bom senso? (5)

Verdade é que tambem se argumenta (textuaes palavras) que : "o juiz em caso algum deve fazer de parte, desvirtuando assim a sua nobre e importante missão de julgador, distribuindo imparcialmente justiça aos litigantes que devem confiar na imparcialidade, que nunca deve ter animosidades, paixões e interesses. »

Sem duvida que assim deve ser ; nem a attribuição ou competencia de que se trata, nos termos restrictos em que a definiu a lei, encerra o contrario d'isso. uma vez que o juiz seja o que deve ser : ministro da lei, incapaz de deixar-se escravisar pelas paixões e pelo interesse.

Si assim não fôr, a cada passo, nos actos mais simples, como nas decisões mais sagradas, elle se deixará ver tal qual é—desbragado e indigno.

Não é esse o typo que se deve suppor, discutindo-se uma questão de direito ; com o abuso, e admittido o magistrado uia ser abjecto, toda a discussão é excusada e inutil. Afinal, semelhante argumento, que deixa entrever

(5) Si não se pôde suppor taes cousas da parte dos legislador, então, a interpretação que impugno é o fructo da incivilidade prevista pelo jurise, Celso, na L. 24, D. *de leg.*, de se resolver sobre um texto de lei, antes de examinar-se o seu todo.



receio pelo arbitrio do juiz, prova demais; e a semelhante respeito pôde-se dizer, com Brusa, em uma das suas *Observazioni* sobre o cod. penal italiano: "... a reacção contra o arbitrio do juiz era justificada no fim do seculo passado, mas não hoje."

III

Não sei como, nem porque o legislador constituinte tivesse o *dever* de accordar-se com o Cod. penal, (nem com qualquer outra lei anterior).

Não obstante, n'esse outro presupposto, que é outra falsa premissa, como se diz em logica, assenta igualmente a conclusão *ex-adverso*.

Bem longe d'isso, porem.

A Constituição, como lei suprema e fundamental do novo regimen, tinha de traçar não só livremente mas *soberanamente*, como fez, a orbita dentro da qual todas as leis—existentes e futuras—deviam amoldar-se, sob pena de eliminação nas existentes, o Cod. penal inclusive, do que a ella fosse opposto, expressa ou virtualmente, ou do que excedesse o circulo constitucional traçado.

A Carta Constitucional da Nação è a lei «superior» na expressão do preclaro John Marchall. (6)

Razão porque Ruy Barbosa, o mais erudito e competente dos nossos constitucionalistas, ao qual, no Brasil, podem ser applicadas com justiça as palavras de Story em relação a Marchall, *without a rival*, Ruy Barbosa, repito, diz, fazendo sua uma phrase de Willoughly: «Si ha em direito politico um axioma de ordem mathematica, é o de que a Constituição senhoreia a lei:— *Constitutional must controll the laws.*» (7)

Em verdade é assim; esta é a doutrina proclamada e aceita pelos publicistas, sem discrepancia, que nos conste.

E digno de nota é que, n'esta conformidade, o E-

(6) *The writings, upon, the Federal Constitution*, pag. 26—cit. no *Actos Inconstitucionaes*, pag. 43 e seguintes.—

(7) Ruy Barbosa—*Actos Inconstitucionaes*— pag. 69



statuto de 24 de Fevereiro, uma vez operada a transição do regimen monarchico-unitario para o republicano-federativo, no intuito de evitar o cháos no seio da legislação preexistente, crystallizou, previdentemente, n um conceito juridico, por assim dizer seleccionador, estabelecendo :

«Continuam em vigor, emquanto não revogadas, as leis do antigo regimen, no que explicita ou implicitamente não for contrario ao *systema de governo* firmado pela Constituição e aos *principios* n'ella consagrados.

Cabe agora perguntar: Em que a disposição contida no art. 157 do Cod. do processo criminal, reproduzido na chamada lei da reforma, de 1871, no respectivo regulamento, e, afinal, mantida nas leis de organização judiciaria dos Estados (inclusive a d'este, n.º 12 de 9 de Junho de 1892. art....) e nos regimentos dos respectivos Tribunaes de Justiça (inclusive o do nosso Superior Tribunal, art. 10. § 1, letra m.) é *contraria* ao *systema de governo* firmado na Constituição Federal e aos *principios* n'ella consagrados?

Foi o que não se disse, nem se procurou verificar.

Entretanto, é obvio que a questão, sob esta face, tem certa magnitude, theorica e, sobretudo, pratica; porque, no caso affirmativo, temos a inconstitucionalidade da disposição questionada, o que importa para o juiz, qualquer que seja, não já o direito, mas o dever de julgar (em caso concreto, bem entendido) dita disposição irrita e nulla, maxime sob o regimen politico em que actualmente vivemos.

N'esta direcção explanado o assumpto, era e'eval-o, tanto quanto, peço venia para dizel-o, me parece amesquinhal-o procurar resolvel-o sob o ponto de vista estreitissimo e inteiramente falso da subordinação da Constituição ao Cod. penal, que aliás não apoia, como ficou visto, a conclusão que do seu art. 407, § 3, isoladamente, se pretendeu tirar.

Ora, quero crer que, posta a questão em frente à luz plena da Constituição Federal, a solução não pode deixar de ser sinão no sentido que já indiquei.

E' o que passo a demonstrar em ligeira synthese,



para não dar a este escripto demasiado desenvolvimento.

IV

A. Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, firmando o regimen republicano federativo, fel-o nos mais largos moldes. E assim, rompendo com o que até então estava estabelecido quanto ao instituto do direito, firmou a dualidade da justiça:—uma federal, outra dos Estados (arts. 55, 61 e 62.)

Como cosequencia d'isto teve de determinar a competencia legislativa da União, relativamente ao mesmo instituto em si e no seu desdobramento pratico.

Nesta conformidade, estatuiu que á União por intermedio do Congresso Nacional compete, privativamente, legislar sobre o direito *civil, commercial e criminal* e o processual da Justiça Federal" (art. 34 § 23); ao passo que, por via de exclusão e mediante clausula geral, deixou livre aos Estados a competencia para legislarem sobre o direito processual das respectivas justiças (arts. e cit. combinados com os arts. 63 e 65 n.º 2).

Si foi ou não acertada esta revolução no nosso mundo juridico; si se desconheceu, assim, de um lado, na unidade do direito, um élo fortissimo de nacionalidade, o qual, por isso mesmo, convinha ser mantido, sinão, seguindo exemplo de outros povos, estreital-o cada vez mais e nunca despedaçar; si se desconheceu, de outro lado, a harmonia intima das leis de *fundo* com as de *forma*, cada uma das quaes póde ter e realmente tem o seu desenvolvimento proprio, porém de modo que se completam, formando no seu conjuncto um todo organico, são questões de certo interessantes mas que não me proponho desdobrar, nem discutir aqui.

Não dissimularei, porém, que d'esse decepamento de "ramos do mesmo tronco, que vivem da mesma vida e se nutrem da mesma seiva", para servir-me de uma pinturesca phrase do egregio autor dos *Estudos de Direito*, com inteira applicação ao caso, pode resultar, na vida real juridica, mais de um desas-



tre serio, pôde provir menos sadia floração, e, conseguintemente, fructos menos sazenados na sacra e boa e protectora arvore do direi'õ.

O que, porém, não offerece margem á duvida é a competencia bipartida da União e dos Estados, relativamente ao instituto do direito ; e, si bem expri-mo o meu pensamento, essa bipartição encerra, nos termos expostos, principios primordiais ao nosso pacto Constitucional.

Mas a Constituição Federal, no citado art. 34. § 23, estabelecendo a competencia juridico-- legislativa da União, emprega as expressões : «... sobre direito civil, commercial e criminal»— o que quer dizer : sobre o direito "substantivo", conforme diziam, com Jeremias Bentham, os velhos juristas, em antithese á *adjective or instrumental law*, ou, como dizem os modernos, talvez com propriedade maior,— o direito *these positiva*, por meio da qual (para só falar do que tem intima relação com o caso) "uma acção é declarada criminosa e declarada a pena que se lhe deve applicar." (8)

Orã, pergunto ainda : a disposição questionada do art. 157 do Cod. do processo criminal, mantida nas leis de organização judiciaria dos Estados e que faz objecto da sub-epigraphie do presente artigo, é de direito substantivo ? importa *these positiva declaratoria de facto ou acto criminoso*, com a consequente pena a applicar e, portanto, d. esphera legislativa da União ?

Ou, pelo contrario, diz respeito á *realização* da lei penal, á *competencia*, concernente ao *momento e modo* de agir o juiz no caso particular ahi determinado ; portanto, da alçada da lei do processo, conseguintemente da esphera legislativa dos Estados ?

Já o leitor conhece o meu modo de pensar a este respeito, e quer me parecer que expor a questão n estes seus justos e precisos termos è quasi resolvel-a.

O art. 157 cit. do Cod. do processo criminal reza assim :

(8) Tobias - ob. cit. p: g. 40.



« O Supremo Tribunal de Justiça, as Relações e mais auctoridades judicarias, quando lhes forem presentes alguns autos ou papeis, si n'elles encontrarem crime de responsabilidade, formarão culpa a quem a tiver, sendo de sua competencia; e não sendo, remetterão copia autentica dos papeis ou da parte dos autos que contiver o crime á auctoridade judiciaria competente para formação da culpa. »

Ora o crime de que ali se trata (« de responsabilidade », *delictum proprium*, de função, ou « official », segundo a technologia do cod. penal, art. 207 § 6), o crime de que ali se trata, repito, que os juizes encontrarem taes autos ou papeis « quando estes lhes forem presentes » é o que constitue a these declarativa da figura delictuosa.—objecto, sem duvida, da lei penal, e que, por isso, n'esta deve estar *qualificada* com a correlativa pena. O mais que se contem na desposição acima transcripta diz respeito á *realização* da lei ante o acto ou facto concreto--positivo ou negativo, commissivo ou omissivo infractor della, conforme a *these* ou *norma* declaratoria respectiva; refere-se ao *momento, modo, tempo* e á *competencia--attinente* á *effectividade* da sanção punitiva, isto é, da pena; pertence, portanto, á parte *dramatica, formal*, e penso poder dizer, applicando fecunda idea do incomparavel e pranteado mestre---á parte *physiologica e morphologica* do direito, (9) por meio da qual este põe-se em movimento e se manifesta « como *função*, como *actividade*, como *força*. »

O que vale o mesmo que dizer que entra na esphera da processualistica, cabe á lei do processo; *ergo*, na hypothese, na competencia legislativa dos Estados, segundo os principios consagrados no Estatuto de 24 de Fevereiro de 1891.

Si estou em erro, queiram dizer e demonstrar os competentes, porque o meu desejo unico é acertar.

(9) Tobias-- ob. cit. pag. 30.





Uma observação final

Si para a effectividade do direito é preciso lutar, segundo Ihering, disse eu em principio, ou si, a *lucta* faz parte essencial do direito, na expressão de Tobias Barreto (10); d'ahi não vá o leitor suppor (esta «Revista» não é exclusivamente juridica, nem só para juristas), que o exercicio, o gôso de um direito determinado—A B ou C—a cada momento exija lucta, no sentido stricto do vocabulo (*heteromachia*). Pode ser gosado em *paz*; ou porque tenha chegado o momento de equilibrio no qual elle se impõe, ou porque o seu *imperium* não encontre contestação e por isso não precise de combater para se fazer respeitar.

De resto, convem não esquecer, como observa o auctor dos *Estudos Allemães*, que o direito tem tres momentos: a *regra*, a *lucta* e a *paz*. Mas afinal a propria *regra* já é um producto da *selecção juridica* na lucta pela vida social, cujo fim, ou alvo—è a harmonia, a paz, mediante a adaptação de todos os associados ás normas juridicas,—unicas que podem assegurar, pela coacção exterior, como diria Ihering, essa mesma vida harmonica.

A nova intuição *darwinica—iheringean*a, referente ao direito, que o intrepido Tobias Barreto soube, com tão brilhante esforço e peregrino talento, iniciar e desenvolver entre nós, é o veio de ouro, á parte linhas de detalhe, onde vae alentar-se a flôr dos nossos melhores pensadores e juristas philosophos, de cujo grupo destacam-se, pela vigorosa abundancia, pela profundeza do estudo e pelo muito que ainda promettem: o grande e illustre amigo de Tobias, Silvio Romero, o primeiro que indicou aquelle veio, e Clovis Bevilacqua, ainda na primavera da vida;—ambos notabilissimos professores, ambos filhos do Norte. (11) E d'aqui, seja dito de passagem, é que tem irrom-

(10) «Estudos Allemães», Rio, 1892, pag. 623.

(11) Ainda agora publicou este ultimo na *Revista Academica* da Faculdade do Recife um interessante artigo com a seguinte epigraphie: «Aplicações do darwinismo no direito».



pido pujante todo o movimento scientifico, philosophico e litterario que avigora e enaltece o Brasil.

Não pareça que eu queira ser injusto com o *positivismo*, e menos com Benjamin Constant, o notavel e querido mestre da valente, briosa e marcia mocidade, tão cedo roubado á vida, e cujas qualidades de patriota merecem todas as homenagens. Mas, a influencia do positivismo nos destinos da Republica, si foi real, como ninguem contesta, é muito para duvidar-se que pudesse dar a melhor orientação politico-administrativa.

MEIRA E SÁ.



ESTUDOS SOCIOLOGICOS

A IMITAÇÃO

Os factos que surgem na vida da collectividade, surprehendendo a expectativa dos que, mirando a superficie, não sondam-lhes o amago, uma certa paralyzação ou mesmo regressão nos movimentos dos organismos politicos, originadas pela influencia dos chamados *grandes homens*, arrastam o espirito de certos philosophos a negar a sciencia social, sciencia que julgam ainda inexistente pelo supposto antagonismo com a illusão do livre arbitrio.

Ao reflectir, *verbi gratia*, pela superficie, no facto não previsto da queda da realeza, pela vibração subitanea repercutida n'alma do povo-rei, diante do sangue da innocente Lucrecia, victimada por uma sentença iniqua que immolara sua liberdade ao capricho sensual de Tarquinio Soberbo, pôde-se crer que a sociedade não constitue um organismo, sujeito a leis intransigiveis.*

Entretanto, n'esse mesmo phenomeno de vibração do toda-alma de um povo, produzida por um sangue virginal sacrificado sobre o altar da honra ameaçada, em pirigo inilludivel, constata-se a energia d'esse organismo social, no qual se reflecte a grande lei do sentimento, irradiando-se do individuo para o corpo collectivo, como do coração se irradia, em ondas rubras; o sangue para todo o corpo humano.

Esse importante facto historico comprova a xistencia da grande força de conservação, o principio statico, do organismo politico, resaltando dos dois sentimentos, indi-

(*) Mommsen considera uma fabula o attentado contra o pudor de Lucrecia.



vidual e colectivo, que a constituem—a independencia e o concurso.

Essa eclosão reactiva do sentimento de um povo pelo caso da grande injuria que gerou a tragedia dolorosa da morte de Lucrecia, documenta a affirmação de Martins Junior—a sociedade não está fóra da natureza e sim dentro d'ella, é das leis de cohesão e afinidade realisada entre os corpos simples de que a chimica se occupa, que sahem por desdobraimento progressivo, as leis de sympathy e cooperação que abraçam as familias e os povos.

«Si um homem, diz Hermann Post, citado por Clovis Bevilaqua, hoje em dia attribue-se uma determinada esphera dentro da qual se sente auctorizado a dar livre curso ás suas faculdades, e si reconhece um determinado limite além do qual tem-se por obrigado a não ir, é que a consciencia moral arrima-se sobre o facto de que o homem é, ao mesmo tempo, um individuo biologico e um membro de um aggregado social, em outras palavras, de que elle é, até certo poncto, um individuo kosmico substancial, e, por outro lado, é um organismo elementar contido em um organismo kosmico mais elevado, n'um aggregado social». E accrescenta aquelle illustre brasileiro: é ainda por essa mesma razão, que, deante da injustiça que o fere: ou fere a outrem, elle se irrita, sente-se impulsionado pela necessidade de vingança, a qual se traduziria sempre em facto, si motivos contrarios, muitas vezes, não lhe oppuzessem obstaculos. E' que elle sente-se contrariado em suas tendencias e tem a intuição de que perdem o equilibrio, as forças que mantem a organização do aggregado social onde a injustiça se dá.

Por esse indicado facto de geral esforço para derruir a instituição monarchica que fóra causa originaria do commovente drama descripto, se confirma a influencia dos contactos entre as individualidades componentes do organismo social romano, arrastando ao reconhecimento da lei da imitação, de preferencia a pretendida formula evolutiva, como lei dos desdobramentos sociaes.

Essa evolução, considerada como uma successão fatal de transformações, induz a estatuição de uma phase ini-



cial sempre a mesma por toda parte; pelo que diz Tarde—o mal do transformismo, que é criação dos naturalistas, consiste no habito de considerar como unico typo possível de desenvolvimento a especie singular e singularmente rotineira, de desenvolvimento, apresentada pelos seres organicos.

Esse conceito materialista do organismo social, subordinado, segundo Herbert Spencer (Problemas de Moral e Sociologia,) ao modo do observar os organismos da serie zoologica, colloca a sociedade n'uma situação vegetativa, tendo a feição de geração expontanea e não de *geração ordinaria e normal*, os factos sociologicos, e os organismos em que elles desabrocham seriam antes agremiações de seres, sem laços de continuidade e semelhança, como se constituem na região da zoologia.

Que a biologia influe grandemente, como primordial raiz, no organismo de que nos occupamos, não ha contestar; mas é preciso convir que «o instinto de sympathia, condição primeira e indispensavel de todo agrupamento social, pela communicação das emoções, dos desejos e das ideas» é a lei suprema que estabelece os movimentos rotatorios, no tempo e no espaço, d'esse mesmo organismo.

Essa lei torna, de imponderaveis e incoerciveis como se poderia imaginar na doutrina que se nos oppõe, os factos sociaes sujeitos á certeza de que elles obedecem candelenciosamente á pressão da successão e da semelhança, sem excepção mesmo das descobertas e invenções.

N'este particular, diz Tarde, não só ellas são sempre em parte *imitativas*, formadas por uma intersecção mental de imitações diversas, mas ainda, mesmo no que ellas têm de mais original devem ser *imitadas* para serem factos sociaes, não simples factos individuais; uma invenção não propagada, uma idéa não adoptada, não reflectida no espirito de outrem é como não existindo socialmente.

Littre falla da imitação do passado e moderado aperfeçoamento das suas formas para que a sociedade chegue á criação artistica, revelação pujante da sua vitalidade.



Quando não se dá influencia dos contactos e que, portanto, o processo da imitação deixa de funcionar porque um povo antemurou-se contra a influencia d'essa lei, segregando-se, succede um longo estadio de paralyzação no seu movimento evolutivo (o que constata o erro do transformismo), como deu-se com os Barbéres das Canarias, anquilosados no estado dos Troglodytas da pedra polida, dos quaes talvez descedessem.

O que se dá com um organismo politico, succede com qualquer das suas fórmãs, sejam productos, como o direito, si não se colloca em relação com o direito estrangeiro; ao contrario, pelo contacto, dá-se desdobraimento, como na religião essencialmente democratica do d'ces rabbino da Judéa, tendendo não só a imitar o culto apparatuso do paganismo, como o seu proprio espirito polytheista, transfundindo-se na hora presente no culto dos grandes homens.

Do que vem exposto, vê-se que não é inopportuno inferir com o illustre autor d'*As Transformações do Direito*, que os phenomenos physicos obedecem à lei da ondulação, os phenomenos vitaes à da herança e os propriamente sociaes à da imitação, sujeitando as tres leis a explicação completa das analogias apresentadas pelo mundo social, que nasce no mundo vivo e se move no mundo physico.

A ondulação estabelece uma semelhança entre o phenomenos dos organismos physicos de estrutura igual com minimas nuances accidentaes, a herança emanante de um tronco commum de um povo ou de uma raça orienta para alvos certos os seres vivos de determinada especie, a imitação crea os factos sociaes iguaes, com uma feição característica, no seio de uma dada aggrimação humana, e esta imitação reforça-se pelas leis da ondulação e da herança, que são quasi em essencia phenomenos de semelhança, de analogia.

Esta semelhança social, diz Clovis Bevilacqua, consiste na conformidade de juizo sobre as acções censuraveis e louvaveis, em partilhar, n'uma repulsão identica pelo mal e uma identica approvação ao bem,



em concordar, em these geral, sobre os modos licitos e illicitos de alcançar seus fins. E' uma semelhança moral, social, theologica que se pôde aferir pela opinião dominante, pelo grão de generalisação dos sentimentos moraes. E, como estes se sedimentam, se organizam na noute creando uma fonte poderosa de energias que orientam o homem para a teleologia social, um armazenamento de impulsos e motivos que contrabalançam as solicitações antisociaes, podemos dizer que a similitude em questão se deixa reconhecer pelo senso moral, que è um deposito de inclinações transmittidas hereditariamente e inculcadas pela educação principalmente durante o periodo da infancia e da juventude'.

Subjeitos ao ambiente politico, os organismos parciais que constituem a sociedade, se modificão, e o cerebro individual se remodela pelo cerebro social, passando por um processo de refacção moral e cada individuo «não fará mais do que repetir uma lecção apprendida da sociedade ou combinar se é livre e fecundo repetições equipolentes em uma synthese original».

Serve de exemplo a descoberta de Newton, consistente em observar duas idéas então reciprocamente extranhas— a queda dos corpos terrestres e a gravitação da lua em torno da terra, como duas consequencias de um mesmo principio.

Não seria talvez uma hypothese muito arrojada reconhecer em especies de animaes, mesmo inferiores, o protoplasma d'essa doutrina, que vimos desenrolando, estudando os seus costumes, e os seus recursos extremos para salvar-se ou a sua próle muitas vezes com um grande sacrificio que leva a dominar o proprio instincto de conservação.

A perdiz, por uma sublime dedicação maternal, sacrificando-se para salvar os tenros filhinhos, offerece-se ao inimigo chamaudo-o para ponto opposto ao em que elles se achão.

Quand la perdrix

Voit ses petits.

En danger, et n'ayant qu'une plume nouvelle



Qui ne peut fuir encor, par les airs, le trépas,
Elle fait la blessée et va trainant de l'aile,
Attirant le chasseur et le chien sur ses pas.

O *vaganus cayanus*, passaro das regiões do Prata, finge-se ferido para defender o ninho e o *proctotretus multimaculatus* da Patagonia, segundo Ch. Darwin, quando em perigo, faz-se morto e deixa-se arrastar, como se fosse um cadaver, porque tem em regra por adversarios especies que só se alimentão de presas vivas.

As manobras e estrategias sagazes referidas, como recurso de escapar às contingencias dos perigos não serão um resultado subconsciente da imitação reproduzido em cada uma das especies arroladas?

Diz um profundo naturalista : as variações do instinto entre especies muito visinhtas nos parece indicar que ha n'este facto alguma cousa que não é precisamente ligada à organização, alguma cousa de comunicado.

Para comprovar a sua asserção descreve diversas especies de aranhas cujos tecidos varião por muitos detalhes permanentes em cada especie, umas tecem no espaço, outras n'agou e sua organização não explica essas differenças.

Em face da moderna psychologia o problema enunciado não perde de importancia.

O illustre Wundt ensina que as condições psychicas, como as condições physicas da consciencia, nos indicam, que o dominio da vida consciente é susceptivel de abraçar grãos multiplos, e sustenta que entre os animaes os mais inferiores, em que apenas as impressões immediatamente anteriores são conservadas e as primitivas não o são, salvo se forem frequentemente repetidas (o grifo é nosso,) admitte-se igualmente uma consciencia imperfeita.

No que fica dito pode ver-se que a esses seres se distende a influencia da imitação, que elles alias não sabem, pelo grão inferior de consciencia, entrecrusar com outras attingindo a um mais largo desenvolvimento nos seus processos de trabalho e de defeza.



Releve-se nos recorrermos a esse meio de demonstração, attendendo a que o illustre Tarde para comprovar que o sentimento de profunda distincção entre o tratamento do compatriota e a conducta para com o estrangeiro existiu entre os homens primitivos, recorreu á affirmacção de Letourneau de que as abelhas respeitam unicamente as provisões da sua colmeia, atacando as colmeias estrangeiras.

«O que ha de continuo, o que ha de necessario, o que ha de submettido a leis scientificamente formulaveis, nos factos sociaes, é o caracter que é commum a todos, e que é exclusivamente proprio ao seu conjunto, de serem imitativos ou imitados. Imitação consciante ou inconsciente, intelligente ou de carneirismo, não importa ».

Em qualquer dos productos da cultura humana—linguagem, systema religioso, guerra, artes, sente-se a força impulsora que a imitação lhes imprime, como eterna reguladora dos desdobramentos successivos de todo organismo politico, estabelecendo os elos que ligam a cadeia social.

Quanto á palavra, a humanidade pouco teria progredido, se a imitação, *instrumento o mais efficaz para realisar os progressos de que a constituição cerebral do homem o torna capaz*, como diz Véron, enriquecendo a linguagem por meio da onomatopèa, não viesse estabelecer a sua transmissão, porque sabe-se que a creança só falla a linguagem que ouve.

Predisposto cerebralmente para o exercicio da palavra articulada, porque possui um orgão no cerebro, especial da linguagem, orgão este, segundo Broca, situado « sur le bord supérieur de la scissure de Sylvius, vis-à-vis l'insula de Reil », o homem não sahiria da expressão mimica e interjectiva, si pelo processo da imitação não augmentasse a gamma dos sons proprios a traduzir os seus sentimentos e idéas.

Esse territorio central proprio aos *movimentos da linguagem articulada e á percepção dos sons articulados* sem os processos da imitação ficaria inhabilitado, como succede com o surdo-mudo que não se pôde crear uma linguagem articulada.



É aqui caberia perguntar aos transformistas, sem o extremo recurso à *causa desconhecida* de Wallace, como o homem adquiriu o órgão cerebral da linguagem na metamorfose de quadrumano em bimano.

A creança, por sua vez, no tocante á linguagem nada crea, e adquire lentamente, pela influencia da imitação a expressão de traduzir os sentimentos.

Comprovamol-o com a opinião de Wundt, que diz : « cuidadosamente notei e inscrevi todos os sons articulados, que forão balbuciados por dois de meus filhos, e em cada um desses dois casos, não descobri um som articulado designativo que não se originasse da imitação ».

D'ahi sustentar A. Marty e L. Noiré que o desenvolvimento da linguagem decorre da sociedade, fazendo-o o segundo depender dos sons articulados creados no funcionamento do organismo social e propagados pela imitação.

A guerra, por sua vez, nos offerece a comprovação da força da similaridade, a que o homem junta alguma coisa do seu genio fecundo.

Trazel-a para exemplo, n'um artigo de Revista, consagrada ás sciencias e ás letras, não parece uma indiscreção, porque ella tem sido, embora lastimavel, um instrumento necessario ainda neste momento em que já se ouve o *angelus* do seculo, para restabelecer o direito subjogado pela força.

Um campo de batalha, se é um logar de tristeza e dor, serve tambem á humanidade—Ambrosio Paré lançou as bases da cirurgia racional, devido á guerra, n'uma epoca em que eram vedadas as disseccções do corpo humano, e as tropas francezas, na Grande Revolução, levaram por toda parte a semente da liberdade.

Os gregos dispunham as suas forças para o combate por phalanges que tinham difficil subdivisão; sua base era a fila de 16 homens, formando quatro filas uma tetrarchi de 64 combatentes.

Os romanos, imitando o systema grego, modificaram a phalange impropria para terrenos accidentados e de movimentos difficeis por sua profundidade, dando á legião mais mobilidade por uma formatura em trez linhas, dis-



postas em *xadrez* ; essas linhas se subdividiam em manipulos de 120 e de 60 homens.

Na nossa organização moderna vamos achar na actual companhia, uma cópia da tetrarchia e mesmo do *manipulo*.

Napoleão em Waterloo abusou das columnas cerradas, base, como já vimos, do *systema grego* ; viu por isto fugir-lhe a victoria antes de modificá-las em linha, manobra difficil, para corresponder á vivacidade do fogo inimigo.

Quanto ás armas não precisa alongar para convencer de que o homem inerte copia os seres armados ; um illustre naturalista affirma--o homem tem mais de uma vez imitado a natureza e para as suas proprias luctas modelado suas armas e sua tactica pelas dos animaes, e accrescenta : a maior parte dos crustaceos tem armas offensivas e defensivas ; revestidos de uma rija couraça e armados de pinças poderosas a-semelham cavalheiros da idade media lardeados de ferro e de lança em punho.

O machado de pedra, encontrado nas grutas de Saint-Acheul, e outra arma chamada *ponta de Moustier*, productos do instincto guerreiro da idade *palcolitica*, são os *prototypos* do machado eucabado e curto com que Clovis, em Soissons, scindiu o craneo do chefe franco, que se oppoz a que elle presenteasse, pouco *catholicamente*, com os vasos sagrados da cathedral, sua esposa Clothilde.

Esse facto bem demonstra que as epocas prehistoricas concorreram para sedimentar, para organizar os primeiros esboços da arte das edades historicas.

A architectura, que na bella e inspirada phrase de Lamennais, é uma poesia, a poesia do mundo dos corpos, das formas inanimadas, vae tambem buscar na noite caliginosa d'essas epocas, de que a archologia recolheu raros e inestimaveis productos, a sua primitiva forma.

Resultado de uma necessidade inilludivel--o abrigo, meio de subtrahir-se o homem primitivo ás difficuldades terriveis que o ameaçavam na vida, a architectura originou-se sem preoccupações estheticas, como a ceramica dos primitivos dinamarquezes e a dos troglodytas belgas.



« O esforço para satisfazer as necessidades physicas, diz Véron, produzia a industria, que defende, conserva e facilita a vida ; para satisfação das necessidades moraes, entre as quaes e preciso contar em primeira linha a da propria actividade cerebral, o homem creou as artes, muito tempo antes de ser capaz de lhes dar um exercicio sufficiente pela elaboração consciente das idéas ».

Vae de certo uma immensa distancia entre a mão que talhava pedras, como armas, como utensilios, e a mão que hoje cinzela o marmore, diz Tobias Barretto, e accrescenta, -- é altamente provavel que os Phidias e Praxiteles, os genios da esculptura em geral, que animam o marmore com o gracioso espirito da belleza, sejam descendentes directos do selvagem das cavernas, que animavam o silex com o grosseiro espirito da utilidade.

Em nenhuma arte, como na architectura, *base et cadre*, na frase de Eugenio Peletan, *des autres arts, qui les porte et les abrite à la fois*, melhor se revela a grande lei da imitação.

Tendo por azylo as cavernas e por espaço as espessuras das florestas gigantes, o homem primitivo deu os primeiros modelos architectonicos aos templos da India, do Egypto e da Assyria.

Tratando do palacio assyrio de Khorsabad, do qual Cesar Cantú nos offerece uma bella estampa, diz M. Viollet-le-Duc, citado por Veron: « o systema decorativo dos adornos de face das torres consiste em uma reunião de porções de cylindros justapostos como tubos d'orgãos, ou, o que é mais verdadeiro, como podiam sê-lo troncos de arvores postos unidos verticalmente.

« Esta decoração é como uma ultima reminiscencia de fachinas de madeira que, originariamente, deveram servir para manter e preservar as terras amassadas, a taipa, antes do emprego regular do tijollo cru. »

Segundo o abbade Bourassé, *Archeologie Chrétienne*, entende-se por ordem em architectura um arranjo regular de partes salientes, das quaes a columna é a principal, para compor um bello todo.

A ordem Corinthia, *ordem elegante e nobre*, para dar um sò exemplo do instincto que impelle o homem



para imitar a natureza, è devida a Callimaco, esculpto atheniense, que a produziu em Corintho, da qual tomou o nome.

Notando aquelle esculptor, junto a um tumulo, o modo artistico por que as folhas do acantho por acaso se entrelaçavam em torno de uma cestinha, que continha offerendas, formando-lhe uma grinalda, desenhou esse arranjo da natureza, que ficou, por imitação, sendo os capites das columnas d'essa bella ordem architectonica.

Para findar esta ordem de considerações, que documentam o nosso principio, pedimos a Batissier o seguinte pensamento: pôde-se considerar a architectura hellenica como o prototypo de todos os estylos da architectura moderna.

Na litteratura, o naturalismo desbrava o sólo dos hervanços da phantasia pura, dos productos genuinos da vagabunda imaginação, apresentando-nos no romance, n'um desenho seguro e firme, a vida e a *psyché* dos personagens que o movimentam, como existindo no mundo da realidade, confirmando assim o que diz Saint-Real — *un roman c'est un mirois qu, on promene le long d'un chemin.*

Balzac abriu a larga estrada que conduziu a essa escola, fazendo estudo de detalhada analyse psychologica, mostrando com a lentis do seu talento o que já havia sido previsto por Jean-Jacques, isto é, *que o homem que pensa é um animal depravado.*

O traço do seu character artistico acha-se n'estas linhas que transcrevemos: um *contour* que toma por base a criminalidade secreta, o marasmo e o tedio de sua epocha; um homem de pensamento e de espirito, que se applica a pintar a desorganização produzida pelo pensamento.

Entra em sua phase decisiva o naturalismo desprendendo-se de uns restos de imaginação, que ornaram os trabalhos litterarios do profundo autor da Comedia Humana e dos Contos Philosophicos. A nova escola tem por supportores as obras de Daudet e Flaubert e a vigorosa envergadura do genio de Emilio Zola,



que faz consistir a arte suprema na fidelidade absoluta da observação.

Esse facto explica a tendencia irresistivel á imitação, revelada desde a mais remota antiguidade e *Daphnis et Chloë*, bello romance grego de Longus (traducção de Courier,) offerece-nos a prova na invejavel scena, passada no interior de um bosque protector, em que a bella e amorosa Lycenion, *inquilina* de um velho *esmorecido*, industria Daphnis nos secretos mysterios do amor; desde esta fecunda lecção, o feliz joven andou menos ás cegas com a sua doc. Chloë, que elle abraçava apenas *par derrière en imitant les boucs...*

Pelo que ficou em rapida synthese detalhado, conclue-se que a imitação, cuja alma mater é o instincto de sympathy, que solda as moleculas do corpo social, é uma *cascata alargada de alto á baixo da pyramide social, dos povos civilizados aos mais barbaros*, desde os primordios da especie humana.

Por ella, como força que condensa as lecções do passado e ao mesmo tempo crea o progresso, dando os elementos necessarios que o homem por sua faculdade de assimilação e combinação harmoniza "teleologicamente" se explicam as similaridades entre povos extranhos e afastados, de nucleos sociaes diversos, convencendo de que é geral a lei que rege os movimentos do organismo denominado humanidade.

Se essa lei da imitação, modalidade ou face lamínosa por que se nos revela a sympathy, que impelle para o facto social, a unidade humana, é, como demonstramos, irreductivel, reguladora soberana dos movimentos sociaes, conducentes aos a'vos, que todos os seres buscam, não se comprehende que a revolta ou impulso anti-social de um homem, mesmo genial e poderoso, possa derruil-a e enfraquecel-a, perturbando como uma tempestade toda mechanicamente celeste, a mechanica do organismo politico.

Não ha quem se convença de que uma não por melhor construida, que do cavername ao tópo dos mastros possua uma musculatura de aço invergavel, possa domar ou mesmo resistir á revolta do oceano em



suas horas terriveis de convulsão ; assim tambem o homem de genio não tem fibra para transviar o curso do rio humano do seu leito.

Perturbações passageiras, produzindo no lago social o effeito de um corpo pesado arremeçado sobre as aguas, que depois de momentanea agitação voltam a sua serenidade habitual, é o que pode produzir a acção opposta dos *grandes homens*, á corrente progressiva dos desdobramentos sociaes.

Essa acção individual, diz o Dr. Paula Lopes, retardando ou accelerando a evolução, vae perdendo de intensidade na razão directa da força reguladora dos mortos ; desfaz-se melhor nos resultados collectivos do tempo.

Estes resultados são elaborados pela força latente da imitação, que dá um estructura especial ao espirito de uma nação, augmentando a intensidade das suas crenças, crystalizando suas idéas, aperfeicoando o seu sentimento esthetico e tornando mais firme a coheção, o laço suggestivo social.

Em uma situação semelhante, a influencia dos *grandes homens* é nulla, ella se quebra de encontro ao Recife que a espuma dos contactos construiu no seio d'alma nacional ; qualquer tentativa de supremacia social produziria o effeito de uma fuisca electrica, sobre a *massa* politica, que se levantaria para não deixar-se subjugar.

Quando, entretanto, uma força insignificante, por circumstancias imprevistas— uma crise politica, o cansaço decorrente de uma calamidade publica, por uma acto de conquista ou de surpresa, dominasse a sociedade, dar-se-hia o que succedeu aos mouros da Andaluzia : foram tyrannizados, mas não assimilados pelos processos de civilização de Felipe 2º.

A illusão do livre arbitrio vem tambem, como argumento Achilles, pôr-se em linha de batalha para desbaratar a affirmação de uma lei reguladora do equilibrio dos nucleos sociaes, em que se subdivide a familia humana.

Essa illusão, diz Spinoza, vem de ignorarmos nós os motivos que nos dirigem.



Ella deflue do unico motivo psychologico da escolha. Mas covenhamos que a escolha é o resultado da pressão de um motivo mais forte actuando sobre a vontade como um peso maior faz cahir uma das conchas da balança. Antes d'esta escolha ha uma oscillação, verdadeiro e genuino producto do caracter do individuo, caracter que constitue o motivo interno o definitivamente impulsivo do acto realiado.

Conforme a feição, sob o ponto de vista moral, que o acto exteriorizado toma, e que muitas vezes é previsto pelos que conhecem o seu agente, comprehende-se que este entrou para a sua pratica com alguma cousa de si mesmo, da essencia do seu organismo, preparado pela educação, pelas vicissitudes da vida, pelas propriedades innatas, que constituem o caracter.

Pelo modo por que explicamos o conceito do determinismo, não se pôde induzir que consideremos inexistente a liberdade, no sentido de cada um *possuir a energia interior de desenvolver-se de um modo especial, com uma reacção propria contra as influencias do meio.*

Já demonstrado, como ficou, que a acção individual, dos chamados grandes homens, producto da vontade, livre ou não, não pôde derogar as leis de semelhança que regulam os movimentos sociaes, a questão do indeterminismo perde esse tom, que se lhe quer emprestar, de antagonismo com a sciencia social.

E aqui cabe dizer com Martins Junior: da mesma forma a que existencia da lei physiologica do crescimento, por exemplo, não poderá nunca ser elidida pelo homem, o que não quer dizer que este não tenha a liberdade de dezejal-o ou de loucamento pretendel-o; da mesma forma a existencia de uma lei social, *exempli gratia*, a evolução geral, nunca poderá ser elidida pela vontade individual, por mais que esta exgotte n'esse sentido as suas energias.

Procurando uma conciliação, o illustre Tard^o aceita o conceito de uma liberdade disseminada entre os innumeraveis elementos substanciaes e activos do Universo, ficando assim existindo uma liberdade não limitada ao homem mas distendida a todos os seres, uma verdade não



demonstrada pelo testemunho illusorio da consciencia, mas suggerida pela observação das sorpresas phenomenaes, do que ha de perpetuamente novo e inesperado nas revoluções as mais regulares do mundo.

Pelo que temos vindo desenrolando, á traços rapidos, resalta, atravez de todos os productos elaborados nos aggregados humanos, como atravez de um solo ora plano, ora ericado de accidentes, o fio de agua clara, um principio, uma lei que estabelece a certeza de que os movimentos sociaes, não são resultados imprevistos *do acuso*.

E para concluir, *data venia*, reproduzimos as seguintes palavras do profundo autor d' *As Transformações do Direito* :

Eu não digo que a imitação seja toda realidade social ; ella não é sinão uma expressão da sympathy, que lhe preexiste e que ella redobra exprimindo-a ; ella depende da invenção, faísca de que é o brilho. Começa por ser de algum modo submettida á Hereditariedade, por tanto tempo quanto o grupo social se reduz á familia, e que a transmissão dos exemplos é limitada ao circulo estreito dos parentes. Depois, quando ella a domina mesmo por sua vez, ella se curva maiormente sob uma outra regra : ella é subordinada, nós o sabemos, ás leis superiores da logica, como a ondulação ás leis da mecanica. Mas não é menos certo que ella só urde os tecidos sociaes, organizados pelo Logica social.

HOMEM DE SIQUEIRA.



1898 - julho - 7

O Rio Grande do Norte

ENSAIO HISTÓRICO

IV

A revolução de 1817—Miguelinho—André de Albuquerque.

Conforme prometti no penultimo numero d'esta Revista, vou concluir hoje a parte d'este ensaio referente ao episodio revolucionario de 1817 no Rio Grande do Norte.

Vimos a facilidade com que André de Albuquerque, apoiado no valor militar do tenente coronel parahybano José Peregrino, apoderou-se do governo da provincia, com a adhesão cobarde e temetida das pessoas mais graduados d'esta capital.

O seu poder, porem, era instavel e a sua inexperiencia e ingenua confiança nos homens que o cercavam trouxeram-lhe em breve a mais tremenda desillusão.

A reacção monarchica, iniciada pelo conde dos Arcos, que da Bahía enviou vasos armados para bloquearem o porto do Recife, cresceu com a acção directa do governo geral do Rio de Janeiro, onde então se installara a corte portugueza de D. João 6º, cujo animo de cera foi instigado para agir por todos quantos a revolução ameaçava: o mundo official e capitalista, a nobreza e o clero, largamente estipendiados pela realza.

E as gentes da capital do Brasil colonia viram o



príncipe D. João, o alapardado soberano que até então só sahia do palacio da Boa Vista para assistir na capella real à melodia sacra dos tonsurados seus familiares, dirigir-se por vezes ao arsenal de marinha para apressar, com a sua presença, os preparativos da frota que devia seguir para Pernambuco a exterminar no berço a Revolução emancipadora de 6 de março. Houve o recrutamento forçado, promessas e ameaças; e a expedição realista organizou-se, sendo confiado o commando da esquadilha ao vice-almirante Rodrigo José Ferreira Lobo, que seguiu logo para o Recife com a fragata *Thetis*, uma escuna e duas corvetas, devendo seguir depois o grosso das tropas de desembarque nos navios que activamente se apercebiam.

Éra desconhecida no Rio a iniciativa energica do governador da Bahia, conde dos Arcos, que precedera Rodrigo Lobo no bloqueio do Recife.

A 2 de abril partiu o vice-almirante Lobo da capital brasileira, chegando com poucos dias a Pernambuco, onde encontrou os vasos de guerra bahianos, com que não contava. Assumindo o commando geral do bloqueio, tratou de executar as instrucções que lhe dera o governo de João 6º, e destacou os vasos menores para cruzarem na costa, desde Alagôas até esta capital do Rio Grande do Norte. Em seguida, lançou uma proclamação, na qual declarava o bloqueio dos portos das provincias rebeldes e as disposições em que vinha de exterminar a Revolução.

Era o commandante Rodrigo Lobo um portuguez tristemente celebre pela cobardia com que portou-se na guerra do Roussillon, da qual sahio com a pecha de traidor, o que valeu-lhe perda da patente por julgamento do Tribunal competente, que foi annullado pelo governo apodrecido da regencia do príncipe D. João 6º, que contiou-lhe a elevada commissão do bloqueio dos portos da capitania de Pernambuco. Isso ensina o auctor da *Revolução de 1817*.

Si os republicanos tivessem preparado uma força maritima, por pequena que fosse, facil lhes seria vencer o cobarde bloqueiante. A imprevidencia, porem, com que os conselhos do nosso glotioso conterraneo, o



nata'ense *frei Miguelinho*, foram regeitados pelos responsáveis governadores provisórios, não permittiu que uma resistencia regular se oppuzesse á reacção fatal e logica do poder monarchico.

O desbarato dos patriotas foi facil, e o sangue generoso do padre *Roma* não foi o unico a regar o solo da patria que o Destino reservava para sómente a 15 de novembro de 1889—72 annos depois—ver em seu seio a democracia triumphante, porque o 7 de Setembro foi uma reforma liberal incompleta, um erro historico de consequencias negativas para o avanço consciente da nossa ainda mal definida nacionalidade, que veio dos seus primordios trabalhada pelos vicios de um cruzamento de grupos humanos radicalmente dessemelhantes.

Deixo, porem, esse capitulo geral da historia do Brasil portuguez para commentar especialmente a pagina que se refere ao nosso pequeno e esquecido Rio Grande do Norte, pequeno, digo, em relação aos collossos territoriaes da Federação.

O governo instiuido aqui por André de Albuquerque, governo composto, como atraz ficou dito, de homens sem acção e sem patriotismo, annullou-se para logo em uma inercia caracteristica da má vontade com que os *homens bons* da capital acceitaram a mudança politica.

Não valeram os esforços do chefe do movimento, André de Albuquerque, secundado pelo denodado republicano José Peregrino, o arrojado parahybano commandante da força auxiliar vinda d'aquella provincia, para a explicação das vantagens do governo livre; e, em surdina, os membros da junta provisoria solagavam o trabalho de propaganda por elles apprehendido.

Por outro lado, André de Albuquerque, homem indeciso e de vistas curtas, não tentava por si só a consolidação pratica da sua obra revolucionaria.

Sem o desprendimento preciso para supprir com as sobras dos seus immensos haveres a insufficiencia do numerario no thesouro publico, deixou-se ir na maré morta da indiferença a mais condemnavel dos espiritos apoucados que o odiavam em segredo, e tudo fiou da co-



ragem do seu valoroso auxiliar, tenente coronel José Peregrino.

Nem uma medida de defesa foi adoptada. A apathia reinava, absoluta e real.

Os proprios milicimos do regimento do coronel André voltaram aos seus negocios no interior, sem que ao menos uma companhia de fieis soldados restasse ao lado do chefe do movimento, que bem podia, opulento como era de bens materiaes, estipondiar uma leal e decidida guarda de sua pessoa.

Não teria, por certo, si assim procedesse, a mesquinha sorte de acabar na infecta masmorra da fortaleza dos Reis Magos; pois que não se atreveriam a ir prendel-o, como foram, os cobardes que elle, alma simples e boa, cumulava de distincções.

A inercia do commandante das armas deu lugar, pois, á traição que era de esperar de homens para quem a tradição obscurantista do direito divino era a verdade politica, e cuja adhesão ao movimento fôra exclusivamente devida á surpresa do golpe feliz e audacioso de André de Albuquerque, que por sua vez agira influenciado pelo forte animo do vigario de Goyaninha, Antonio de Albuquerque Montenegro.

A situação tornava-se insustentavel.

O tenente coronel José Peregrino e os seus commandados, conforme as instrucções recebidas do governo da Parahyba, deviam voltar para a sua terra, tambem ameaçada, e, apesar dos rogos de André de Albuquerque para que se demorassem, partiram para a capital do vizinho Estado a 28 de Abril.

Mal pensava o infeliz e nobre official commandante do reforço parahybano no fim tragico com que o odio monarchico teria de em breve castigar o seu patriotismo, depois de traiçoeiramente desarmal-o por intermedio de seu velho pae, que acreditou nas promessas fementidas dos representantes da realeza na capital do Estado limitrophe.

Apenas retirou-se o tenente coronel José Peregrino, com a sua força de 50 praças bem instruidas e disciplinadas, explodiu aqui n'essa cidade a contra re-



volução, arvorando-se a bandeira real portugueza na praça publica amotinada pelo populacho inconsciente que viu em André de Albuquerque o unico responsavel pelo estabelecimento de um regimen cuja melhoria sobre as instituições monarchicas a desidia e a má fé dos governantes improvisados não lhe tinham sabido explicar. Foi somente a força do uso e da habitual escravidão no dominio portuguez o que determinou o movimento popular contra a republica incoarprehendida pelos proprios que a fizeram. Nenhuma medida de oppressão fôra adoptada que tornasse passivel a nova ordem de cousas de um confronto desfavoravel com a administração passada de José Ignacio Borges. A ausencia, porem, de qualquer cultura na população atrazadissima d'esta cidade, em 1817, facilitou a "revanche" contra André de Albuquerque, a quem faltou, em absoluto, o talento politico para conquistar o favor da opinião para as idéas a que, elle proprio, inconscientemente servia.

Para o apoucado entendimento da massa popular, sem educação cívica e sem um goia de talento que supprisse a sua esgueira, o ataque à monarchia e o desrespeito á auctoridade divina do rei importavam n'um attentado á religião, n'um desconhecimento da vontade de Deus, em nome da qual exercia D. João 6º. a realeza em Portugal e possessões.

E foi assim, entregue o povo ao poder exclusivo da tradição dos velhos usos arraigados de chronico servilismo, que a contra revolução operou-se.

A guarnição, ouvindo o nome do rei pronuncia-do com calor pelo povo em motim, sentiu-se assaltado pelo medo e pela veneração, correndo os soldados ao quartel, promptos a satisfazerem com a melhor boa vontade o desejo expressamente manifestado pela turba-multa para a reposição da realeza.

O proprio Antonio Germano, commandante do destacamento e um dos membros da junta governativa, incitou os soldados contra o usurpador, patenteando assim a má fé com que adherira á revolução de 19 de Março.



O odio popular concentrou-se exclusivamente contra o infeliz e desamparado André de Albuquerque, pois os seus collegas de governo, havia muito, preparavam a sua perdição e confraternisaram logo com o povo em favor da monarchia.

Desordenadamente, dirigiu-se a populaça á casa do governo para effectuar a prisão de André d'Albuquerque, que nem ao menos tivera aviso do que se passava.

Conta Muniz Tavares, que a rugidora e desenfreada horda surprehendera o governador no leito e, em tom ameaçador, perguntaram-lhe os principaes :

— *Quem vive ?* e que, estupefacto, lhes respondera André :

— *Viva el-rei.*

Accrescenta aquelle hestoriador que, não obstante esta resposta, intimaram-lhe a prisão, contra a qual não reagiu o desventurado revolucionario, *quando um infante portuguez, official de milicias, com execranda cobardia,* o apunhalou.

E' tradição, porem, por mim recolhida de narrações feitas pela Sra. D. Joanna Alexandrina de Souza, contemporanea de André d'Albuquerque, decidida partidaria dos patriotas e que foi por isso processada depois da restauração, que André d'Albuquerque, ao perguntarem-lhe os assaltantes *quem vivia,* respondera-lhes sempre : *viva a patria ! viva a liberdade !* sem que se acobardasse ante a arrogante selvageria dos cobardes que pouco antes o adulavam.

E' tradição tambem que achava-se André d'Albuquerque, não no leito, mas á sua mesa de trabalho, em companhia de seu secretario o padre João Damasceno, quando o foram prender.

Eram os principaes cabecilhas da contra-revolução : Antonio José Leite de Pinho, o official de milicias a quem Muniz Tavares attribue o assassinato de André d'Albuquerque, nos termos que acima transcrevo, e o alfaiate Manoel da Costa Bandeira, vulgo mestre Costa. A este ultimo é que a tradição attribue a auctoria do cobarde apunhalamento, pois levava aquelle alfaiate sob o palitot um florete, e era o mais exaltado insulta-



dor de André d'Albuquerque ; dizendo-se tambem que o coronel Antonio José Leite de Pinho, portuguez de nascimento, arrogou-se a *gloria* de executor da morte do chefe revolucionario, com o fim de ser alvo das esperadas honras da monarchia, sendo de facto per aquelle, motivo condecorado pelo governo real.

O procedimento de Antonio José Leite e a sua condecoração caro lhe custaram. André d'Albuquerque deixara um sobrinho que, por occasião da morte do tio, achava-se na Allemanha a titulo de estudar, o que não fez, limitando-se a esbanjar uma boa parte da sua grande fortuna. Esse moço, o depois celebre André Arcoverde (Dendé), voltando do estrangeiro, jurou vingar-se do notorio matador de seu tio, o que de facto cumpriu, como se verá dos seguintes apontamentos que obtive de um contemporaneo do facto :

Pelos annos de 1832-33, de 7 para 8 horas da noite de uma sexta-feira de quaresma, quando já se havia recolhido a procissão do Senhor Bom Jesus dos Martyrios, foi assassinado, de ordem de Arcoverde, o poderoso coronel Antonio José Leite de Pinho, um dos principaes vultos politicos d'aquella epocha.

O meu informante não soube com precisão dizer o dia do mez e anno, afirmando, porem, ter occorrido o facto em 1832 ou 1833.

Achava-se o coronel Leite de Pinho na calçada de uma casinha de sua propriedade, onde tinha um pequeno estabelecimento de molhados para vendas a retalho, quando foi apunhalado por dois dos mais feiões dos *cangaceiros* de Arcoverde.

A casa a que alludo ainda existe e é situada á rua da Conceição, morando n'ella hoje um sapateiro de nome Joaquim. A sua frente dá para o becco do palacete do Congresso. Está hoje dividida em duas sob numeros 14 e 16, porem conserva os primitivos compartimentos.

Conta-se que os assassinos deixaram no peito do coronel cravados os punhaes que o mataram.

Voltemos, porem, ao assumpto principal, interrom-



pido com a digressão que ahí fica, sobre a morte do presumido matador de André d'Albuquerque.

Apunhalado e ainda semi-vivo, o transportaram á cadeia, onde, carregado de ferros, em poucas horas expirou, conta Muniz Tavares ; accrescentando que, depois de morto, foi o seu corpo «desfigurado e envolvido em uma esteira e lançado no cemiterio.»

X A tradição conserva mais pormenores sobre a revoltante tragedia que epilougou o movimento republicano de 1817 aqui. E' assim que diz-se ter sido conduzido aquelle martyr rio-grandense, ainda semi-vivo, para a fortaleza dos Reis Magos, onde morreu tres dias depois, n'uma masmorra infecta que existiu até 1891, quando foi mandada obstruir pelo capitão Dr. Autoliano Lins, que dirigiu, n'aquelle anno, as obras de reconstrucção do forte dos Reis Magos.

Depois de morto, reza a tradição, foi trazido a rastos o infeliz André de Albuquerque para esta cidade, afim de ser sepultado no subsolo da matriz.

Muitas anedoctas curiosas de factos occorridos então, algumas encerrando infamia pequenina e outras generosidade caritativa, contam-se ; e eu reproduzo aqui duas d'essas occorrencias que denotam : uma, a rapacidade de um avarento de nome Quental ; e a outra um bello rasgo de generosidade respeitosa de uma corajosa mulher, Rita Coelho, avó do meu talentoso collega, redactor d'«A Tribuna», Manoel Coelho, e do coronel Westremundo Coelho.

A primeira é esta : ao passar o cadaver, arrastado, em frente ao cidadão a quem acima se allude, o avarento, n'um movimento de sordida rapinagem, abaixou-se e despregou da farda do coronel que o corpo de Albuquerque vestia os ricos botões de prata, guardando-os na algibeira do surrado casacão.

A segunda : ao entrentar o cadaver com a sympathica mulher cujo nome registro n'estas paginas, a animosa Rita Coelho, e notando esta o desamor e a falta abso uta de respeito com que os conductores indecorosamente arrastavam o corpo desfigurado do grande cidadão, não occultou a sua revolta e, passando uma tremenda



descalçadeira nos descaraveis mercenarios, envolveu o corpo de André de Albuquerque em uma esteira que tinha á mão.

Ao chegar á matriz o corpo de Albuquerque, foram-lhe quebradas a machado as pernas e os braços para que com elle não se enterrassem os grilhões, que eram propriedade do erario real.

A casa de habitação do martyr foi saqueada, sorte que tambem teve a de sua velha e virtuosa progenitora, que não pôde sobreviver um só dia ao supplicio do filho, que cortou-lhe de dor o coração amantissimo de mãe extremosa.

Terminou assim a aventura politica do homem simples e bom, corajoso, mas de mediocre intelligencia, a quem o Destino confiou o papel de chefe da revolução de 1817 nesta parte do Brasil.

Com a morte do usurpador e ausencia forçada de José Ignacio Borges, governador de direito, ficou sem governo esta então provincia; e, querendo a camara da capital impedir as consequencias d'aquelle acephalia, poz em vigor uma lei que providenciava a respeito e em virtude da qual constituiu-se uma junta governativa composta de tres membros.

«Esta junta, diz Muniz Tavares, regou placidamente a provincia como em tempo sereno; não entrou no exame das opiniões, porque sabia que não existiam, nem procedeu a prisões, reputando somente criminoso o infeliz que desapiadadamente haviam trucidado.»

As idéas republicanas encontraram ainda depois da morte de André de Albuquerque alguns fervorosos adeptos que, na serra do Martins, instituiram um novo governo provisório em substituição ao da Capital e que devia servir de centro de reunião a todos os correligionarios perseguidos pela auctoridade monarchica.

Esse governo foi approved pelo de Pernambuco, que animou-o a proseguir.

A indiferença do povo, porem, e a successão de revezes soffridos pelos rebeldes determinaram a extincção do nucleo republicano do Martins.

ALBERTO MARANHÃO.



TYPOS FEMININOS

A Alberto Maranhão.

BRASILEIRA

Bella e morena, pallida e franzina,
Da brasileira eis a silhuêta ;
Eis o typo ideal de voz divina,
De cilijs negros e de trança preta.

Mixto de cravo e lyrio e violeta,
Nos labios tem a aurora purpurina,
Porque são roseos como a borboleta
Encarnada, voando na campina.

Noiva do Sonho, amiga da Chimera...
Ilumina-lhe a bocca o sol do Riso
Ma's claro ainda que o luar da Esphera.

Capaz de dar a vida n'um sorriso,
Tem nos seios o olor da Primavera,
Nos olhos tem a luz do Paraiso !

HESPAÑHOLA

Morena, quasi como a brasileira,
Porem mais forte e mais voluptuosa.



Dansa o bolero assim como uma rosa,
Si o vento passa, dança na roseira.

Ironica e gentil, muito faceira,
Como toda mulher, é caprichosa ;
Voz de sereia, doce e languorosa,
Beijos de fogo e gestos de loureira.

Vae às touradas ; não empallidece
Vendo o sangue cair, em jorros quentes,
Dos flancos de algum touro que esmorece.

Quando trahida, em beijos rescendentes,
Aflaga o amante, ri ; mas, si pudesse,
Rasgar-lhe-ia o coração com os dentes...

MINIOTA

Aldean portugueza, és tão bonita !
E's tão mimoso, rouxinol do Minho...
Sinto evolar-se o olor de rosmaninho
Que tens nõ seio, onde o Desejo habita.

Teu rosto é qual uma maçã que excita
Os camponios, à beira do caminho :
Loira maçã dulcissima, exquisita,
Talvez... picada por um passarinho.

Pastorinha gentil, por sobre os montes
Não receias o cardo nos barrancos,
Erguendo as saias rendilhadas, curtas.

E os aldeões sentem bater nos flancos
A alma, quando o vestidinho encurtas
Mostrando a curva dos joelhos brancos...



FRANCEZA

Mãos de menina, roseos pés de fada,
Torso de neve e olhos deslumbrantes,
Pousando nas *vitrines* elegantes ;
Linda ; nervosa ; loira ; delicada...

Seu pensamento é a vaidade, o nada
Das rendas e das modas excitantes ;
Adora as phraaes rubras, escaldantes,
E vai ás operetas decotadas.

Reveste o amor de extranha bizzarria.
Porque, si hoje namora loucamente,
Abandona a paixão no outro dia...

O seu perfil recorda-nos somente
Uma boneca loira como o dia,
Uma criança anemica e doente.

ITALIANA

Detesto o Sul da Italia. Amo Florença
E a florentina, casta como o lyrio...
Cante-a meu verso ! cante-a no delirio
Da Forma--estrella sob o céu suspensa !

Ingenua e branca. Punge-lhe o martyrio
Da tunica irial da Fé immensa...



Vive abraçada no pallio azul da crença !
Por isso tem a pallidez do cirio.

Quando a Manhã, em jubilos, accorda,
Ella, da brisa ao matinal cochicho,
Vae às egrejas, onde o amor transborda ;

E, vestida sem galas, sem capricho,
Não sei porque, nas cathedraes recorda
Uma Madona que fugiu do nicho !...

H. CASTRICIANO.



Codificação civil brasileira

Ja não tem actualmente a mesma importancia juridica a luminosa contraversia que, sobre as vantagens ou desvantagens das codificações, sustentaram na Alemanha Savigny e Thibaut, porquanto um código não é, como pensava o genial romanista tedesco, uma marmorisação do Direito, nem este perde sua elasticidade evolutiva quando systematisado num trabalho de legislação. "As organizações juridicas, diz Arthur Orlando, se impõem, como se impõem os sistemas philosophicos e religiosos.

O Direito, quer seja uma forma do equilibrio que resulta da co-existencia social, como pensam os mechanicistas do phenomeno juridico; quer um producto da cultura humana, na opinião dos evolucionistas, tem de, necessariamente, acompanhar o desenvolvimento da sociedade, cuja ordem elle regula, revogando muitas vezes pelo desuso as disposições, de cuja inapplicabilidade resultou um atrophiamiento de órgãos, si antes o legislador, que deve estar sempre a par do desdobramento cultural e industrial da sociedade para a verdadeira e scientifica adaptação legal, não o fizer expressamente.

Tem sido, é verdade, justamente notado que o Direito Civil—*sua restato quasi immobilizzato di fronte alla sempre crescente varietà di rapporti nuovi, cui l'evoluzione sociale ha dato origine*; ao contrario das outras disciplinas juridicas que, tonificadas pelos methodos positivos applicados ao seu estudo por uma moderna e verdadeira concepção philosophica da sociedade humana, evoluem rapidamente formando essas bellas constellações onde talguram os talentos geniaes de Lom-



broso, Ferri, Garofalo, Tarde e Alimena, no Direito Criminal; Blenrtschli, Holtzendorf, Stuart Mill e Lastarria, no Direito Publico.

Il diritto civile, diz Chirori, non deve essere qualcosa di monumentale posto al di fuori della vita sociale, e dovendo seguirne gli aspetti diversi nei diversi momenti cangia le sue norme per legge di adattamento.

Sem entrar, porem, na apreciação das causas que mais tem contribuido para a mumificação ou anilose do Direito Civil, magistralmente estudadas por Ferdinando Puglia, nota com prazer que um renovamento lento, mas promettedor está se operando no campo deste ramo juridico, para cujo estudo os modernos civilistas, nomeadamente os italianos, procuram se apropriar até mesmo dos ensinamentos ainda vagos da Paleontologia, que forneceu dados para G. d'Aguano desvendar a origem de muitos institutos juridicos nos utensilios encontrados nas cavernas ao lado do esqueleto do homem primitivo.

Mesmo no Brasil, onde, dizia Tobias Barretto, "no tocante ás letras estrangeiras, os moços, com bem raras excepções, só se apaixonam pelo peor," os trabalhos de Clovis Bevilacqua sobre Direito Civil não pedem meças aos que na velha Europa mais se tem recommendado. Uma erudição vasta, aliada vantajosamente a uma intuição philosophica profunda e ainda não contaminada do systematismo dogmatico das escolas, dão ás obras do illustre mestre um valor altamente recommendavel no mundo scientifico, onde o seu nome já occupa um logar altamente honroso para a nossa litteratura juridica.

• •

Si no campo da theoria onde as ideas espalham livremente suas azas planando por sobre os monumentos juridicos, o Direito Civil verga sob o peso das cadeias que a preponderancia excessiva do Direito Romano e uma erronea intuição do mundo lhe puzeram, chumbando-o a um pyrrhonismo contrario à evolução social; ainda mais entorpecedoras se mostram essas



influências no terreno positivo da lei escripta; pois, os codigos vigentes, na sua maioria, vivem a trasladar, sem um previo estudo da vantagem e possibilidade de transplantação, as disposições contidas nas leis estrangeiras, ou, o que è peor, deixam subsistir a) lado das innovações feitas pela sciencia e justificadas pela pratica social, certos residuos de costumes filhos do obscurantismo medieval o que demoram nas camadas atrazadas da sociedade. O resultado desse amalgama do princípios disparatados é uma incongruencia lamentavel, onde devia primar a logica e a clareza, predicados indispensaveis a uma boa obra de codificação.

A influencia que nas nações latinas continua a exercer o codigo Napoleão vem fortemente apoiar a bella theoria da *imitação*, não como a lei fundamental dos phenomenos sociaes com a extensão que lhe attribue Tarde, mas segundo diz muito bem Clovis Bevilacqua: *como um caso especial da lei em virtude da qual o movimento, avança pelo ponto onde ha menor resistencir a vencer.*

E, si ha um pouco de exaggero em Aubry et Rau quando affirmam que:— "E' preciso ter o animo por demais prevenido para contestar ao *Code civil*, a excellencia de sua redacção, ou negar-lhe o merito de ter cuidadosamente observado a linha de demarcação que separa uma obra legislativa de uma obra scientifica sobre legislação", devemos convir que mais infundada foi a pecha que, na propria França, lhe foi atirada de *une plate compilation* de Domat, Pothier e das Institutas de Justinianus, feita por 'procuradores conduzidos por um soldado. (1)

As duas melhores systematisações do Direito Civil na Europa, o codigo da Italia e o da Hespanha (o allemão, que entrará em vigor no 1º. de Janeiro de 1960, não está comprehendido nessa comparação) embora procurassem se apropriar dos novos ensinamentos da sciencia e aproveitar os costumes e usos dos povos,

(1) Clovis Bevilacqua, *Legislação Comparada*.



cujas relações jurídicas regulam, tomaram por molde o *Napoléão*, adoptando a mesma classificação e subdivisão das materias e transcrevendo textualmente muitos artigos.

A America latina, excepção feita do Brasil, não assistiu indifferente ao movimento codificador que, com a promulgação do *Code Civil*, o velho mundo iniciou. O Chile possui um código que faz honra aos seus legisladores. Nelle foram, pela primeira vez, egualados os direitos civis dos estrangeiros aos dos nacionaes, disposição que, dez annos mais tarde, foi copiada pelo italiano e que hoje é considerada uma das mais importantes conquistas da sciencia. O código argentino, confeccionado pelo grande jurisconsulto Sarsheld, soube "aproveitar criteriosamente as conquistas da sciencia juridica, os melhores codigos e os projectos anteriormente publicados. Os escriptores francezes como Demolombe, Marcadé, Troplong, vêem sua influencia contrabalançada, sinão dominada, pela de juristas germanicos, como Zachariæ e Savigny, por quem as preferencias de Sarsheld são notaveis, ou pela de tratadistas em que se reflecte a cultura allemã, como Aubry e: Rau e Maynz". (2)

No Brasil, porem, ao lado das incompletas e imprestaveis Ordenações do reino, cujo esboramento do encontro á idea moderna do direito é evidente, a mania de legislar tem amontoado uma porção incongruente e disparatada de leis extravagantes, decretos e regulamentos, que tornam por demais difficil o conhecimento do nosso Direito e, ainda mais, a applicação da lei aos casos occurrentes.

A promessa que a constituição de 24 fez de um Código, que viesse substituir as Ordenações do reino publicadas por Felippe 2º e as *leis, cartas regias, regimentos, alvarás e resoluções* promulgados em Portugal até 25 de Abril de 1823, si ainda não foi satis-

(2) Clovis Bevilacqua, obra Cit.



feito, não se deve lançar essa falta á conta de nosso atraso, pois a Allemanha ainda hoje tem as suas relações jurídicas reguladas por grande variedade de regimens. Em um só Estado desse paiz subsistem muitas vezes, lado a lado, os regimens mais antagonicos. (3)

Desde 1858 que trabalham para substituir nossa atrasada e contradictoria legislação por um código que viesse fixar esses principios oscillantes e eliminasse as disposições inassimilaveis, que desnaturam o nosso direito privado. O inelyto jurista Teixeira de Freitas contractou com o Conselheiro Nabuco de Araujo, então Ministro da Justiça, a confecção de um *Projecto de Código Civil*.

"Teixeira de Freitas, diz Clovis, preparou o *Esboço* do Código Civil brasileiro, que por ali anda impresso e que é um precioso monumento de sabedoria juridica, cujo unico defeito, penso eu, é a nimia preocupação da theoria, que o faz delongado e prolixo. Reconheceu-lhe o subido valor outro notavel urlista, Velez Sarsfield, que fôra incumbido de organizar o projecto do Código Civil para a Republica Argentina, aproveitando-o largamente para o seu trabalho. Infelizmente, porem, o *Esboço* contém apenas uma dimiuinta parte do direito civil, aquella que podemos chamar geral ou introductoria".

Poucos annos depois foi rescindido o contracto com o notavel jurista, que sustentava a excellencia de uma systematisação de leis que abrangesse todas as materias do direito privado, idea esta hoje defendida por escriptores do merito de Cimbali, Vivanti e Puglia e ja realisada, em parte, pelo *Código Suizo Feral das Obrigações*; mas que, para os nossos juristas daquelle tempo, se afigurou um *symptomu de des-equilibrio*.

Resultado negativo tambem tiveram o contracto firmado com o Conselheiro Nabuco de Araujo, o *Projecto* do Código Civil appresentado em 1882 no Parlamento pelo illustre jurista mineiro, Dr. Felicio dos

(3) C. Bovillaqua, obr. Cit.



Santos, e as comissões nomeadas pelo governo monarchico e que foram dissolvidas com o advento da Republica sem que tivessem deixado um trabalho, que servisse sequer de documento historico de sua existencia.

Não amorteceram, porem, os nossos esforços.

Com a proclamação da Republica e consequentes reformas no nosso direito, sensiveis modificações experimentaram as nossas relações de ordem privada, tornando-se cada vez mais urgente uma codificação do Direito Civil.

Reconhecendo esta necessidadas foi que o governo provisorio confiou a importante empreza ao merito do Dr. Coêlho Rodrigues que, depois de quatro annos de demorados estudos na Europa, appresentou o seu trabalho concluido à consideração do poder legislativo, por ter sido rogeitado pelo governo.

E' o codigo de Zurich aquelle que talvez mais tenha influido no espirito do Dr. Coêlho Rodrigues quando confocciou o seu *Projecto*. A divisão e ordem das materias é a mesma do codigo allemão, notando-se até, como neste, a precedencia injustificavel da parte referente ao direito das obrigações, que devia vir depois das que dizem respeito aos direitos de familia e das cousas.

• •

Creio acertar affirmando que não devemos esperar um codigo civil preparado pelo poder legislativo. Nada mais improprio para os grandes trabalhos de legislação, do que as chamadas assembleas legislativas cujos membros eleitos, em geral, por considerações de ordem politica, ou não possuem o preparo necessario, ou sacrificam os principios da sciencia com discussões estereis.

Em apoio dessa asserção está o Codigo Criminal italiano, em cujo preparo foram muitas vezes abandonadas as idens defendidas brilhantemente por Ferri,— o orador da escola naturalista.

As comissões de juristas tambem não são, como pensam alguns, as mais aptas para trabalhos dessa ordem. O exemplo do Codigo Allemão e do france



prova somente que Bismarck e Napoleão foram os directores ou conductores dos juristas que, nos dois paizes, prepararam os codigos respectivos.

Isolado no seu gabinete de trabalho, na convivencia calma dos livros, é que o sabio, com mais economia para o paiz e vantagens para a sciencia, architecta demorada e cuidadosamente a sua obra, sobrepondo com a pertinacia dos homens superiores, peça sobre peça, desde os fundamentos até a conclusão final.

Ha quem pense que, por meio de uma commissão de juristas, se obterá uma obra de codificação mais perfeita e mais de accordo com a idea moderna do Direito, sob o fundamento de que cada uma das partes em que divide-se o objecto do direito civil sahirá mais perfeitamente confeccionada, ficando confiada ao jurista que a tiver melhor especializado.

Um jurista de merecimento tem o dever de aprofundar com igual cuidado não só todo o direito privado como ainda as outras disciplinas que, com elle, mais estreitas relações mantêm, e neste caso estão o Direito Romano, a Philosophia do Direito, a Legislação Comparada &.

Accresce ainda que é tão intimo o nexos existente entre as diversas partes do Direito Civil que é preciso manter a mais perfeita unidade na factura de um codigo, sob pena de surgir um aleijão juridico improprio para a regulamentação de nossas relações de ordem social.

••

Tem preocupado seriamente o espirito dos juristas a questão da maior ou menor extensão que devem comprehender as codificações.

Um codigo de direito privado que abranja toda a legislação civil e commercial é a idea defendida por um grupo de civilistas notaveis, sob o fundamento de que ha identidade substancial nas relações por ambas reguladas; ao contrario de outros que votam pela divisão tradicional em attenção á feição particular que assumiu o direito Commercial.



Não ha duvida que este ramo juridico, com as transformações que tem experimentado, não se pode enquadrar, sem prejuizo para a sciencia, nos limites ainda acanhados do direito Civil.

Um esbarro em sua marcha seria talvez a consequencia desse funcionamento.

Ainda menos aceitavel mo parece a opinião de Arthur Orlando, que defende a idéa de um *corpus juris* comprehendendo todos os departamentos da sciencia juridica e que attribue a multiplicidade dos nossos codigos ás *sobrevivencias de epochas passadas na civilização actual que têm obscurecido o espirito dos juristas a ponto de desconhecerem a necessidade da promulgação de um código unico da vida juridica contemporanea.*

Para dar, porem, uma idea exacta do modo de ver do illustre auctor da *Philocritica* a respeito do assumpto, cuja importancia é attestada pelos maiores mestres da sciencia de Ulpianus, transcreverei o trecho em que debuxou toda sua auctorizada opinião.

«Vadala Papale e Henrico Cimbale propõem fundir em um *código unico de direito privado social* a legislação civil e a commercial.

«Por mais louvavel, porem, que pareça esta solução, porquanto o que pretendem os seus illustres defensores é acabar com as legislações das classes, isto é, impedir que o direito civil continue a ser o dos detentores do solo e o commercial o dos detentores do capital, ella se nos afigura insufficiente. Não se trata somente de defender os interesses das classes operarias contra os proprietarios e os capitalistas.

«Si esta fosse a razão, o remedio estaria no advento de um direito novo—o direito industrial.

«Uma reforma actual não deve limitar-se á fusão do direito commercial e civil n'um código unico; tem que systematisar em um todo o complexo das relações juridicas, quer familiaes, quer patrimoniaes, quer commerciaes, quer industriaes, quer criminaes.

«Na organização de um *corpus juris* moderno, o legislador, que não quizer fazer passos para traz, ha de inspirar-se no conceito da solidariedade social, ha de subor-



dinar as instituições jurídicas ao critério do mutualismo.

«O direito moderno tem um caracter preponderantemente social, e este caracter tende a organizar um código unico, que seja o todo das relações jurídicas, quer familiares, quer patrimoniaes, quer commerciaes, quer industriaes, quer penaes.»

Esta opinião, não obstante apadrinhada pela competencia de Arthur Orlando, me parece insustentavel.

O Direito como phenomeno social está sujeito á lei da evolução, e si esta se faz, como ensina H. Spencer, por um processo constante de differenciação, partindo do complexo para o simples e do homogeneo para o heterogeneo, é obvio que no dominio juridico as cousas não devem acontecer de modo diverso.

Como affirmação dessa lei, que abraça todo o *cosmos*, vem a história nos ensinando que as primeiras obras de legislação fundiam em um só corpo as relações jurídicas e religiosas, como se vê, entre outras, da Biblia e do Código de Manú.

Numa epoca, porem, mais adiantada o direito libertou-se da religião passando a formar um corpo de leis á parte, como aconteceu com o *Corpus Juris* dos Romanos, o *Codig* *Wisigothico* etc.

Mesmo em nossos dias ainda vemos o *Svod*, na Russia, abrangendo todos os ramos do direito, e o *Código Prussiano*, que comprehende o direito civil, o commercial, o publico, o administrativo e o ecclesiastico; mas ninguem será capaz de sustentar que esses códigos realizaram as aspirações da sciencia.

Como os seres inferiores que se reproduzem por scissiparidade, e ses complexos corpos de leis vão se scintindo em outros mais simples, especies de organismos com vida propria e independente.

Si ha, portanto, analogia entre a evolução natural e a social, ou si esta não é mais do que uma das faces daquella que é geral, proteiforme e abrange todo o *cosmos*, não vejo razão para dizer que a evolução consiste justamente em voltar á homogeneidade primitiva.

JUVENAL LAMARTINE.



UM SIGNAL DA EPOCHIA

Não condemno as religiões ; não pertenco á classe dos espiritos iconoclastas destruidores de preconceitos e empreiteiros de derrocadas sociaes. Acho que todas as sociedades atravessam inevitavelmente os tres estados assignalades por Emilio Littré, gyrando na orbita que lhes traçou a lei da relatividade e obedecendo ao principio do desenvolvimento gradual, atravez do tempo e do espaço.

Não vejo razão para se condemnar a idade media, da mesma forma que julgo simplesmente absurdo o odio do ultramontanismo á Revolução Franceza.

São crises fataes, necessarias, ao organismo social que tem phases como o organismo humano. Quem pode negar a grande somma de beneficios que as Cruzadas legaram ao mundo civilizado ?

O christianismo melhorou os costumes destruindo a immoralidade pagan e pregando o monotheismo.

Todo systema, politico ou religioso, pode ser encarado sob dois aspectos principaes : em sua genesis e em seus resultados.

Em sua genesis o christianismo é uma variante do judaismo ; em seus resultados, vemos-o chegado, através de extraordinarias mutações, a um periodo em que, de envolta com outros principios que morrem e outras idéas que tombam, elle começa a vacillar, assoberbado pelos embaraços que lhe crêa a cultura moderna.

Si os crentes dessem tregua, por um momento, ao espirito da seita que os tolhe ; si á luz da critica



hodierna, scientifica e objectiva, penetrassem na noite das edades com o pensamento liberto, a salvo de idéas retrogradas, eu estou certo de que não se dariam no espectáculo de uma argumentação vasia de noções claras, campanuda e esteril, como a inanidade palavrosa da metaphysica irrisoria dos pregadores do absoluto em todas as suas ramificações.

O protestantismo é um facto historico como outro qualquer.

Deu-se entre elle e o catholicismo o mesmo que se deu entre o christianismo e o judaismo.

É sabido que Jesus inspirou-se no Talmud e que ahí está encerrada uma doutrina que não é, decerto, a doutrina christian.

Hartman affirma, com optimos fundamentos, que o proprio Jesus não se suppunha um Deus, não tinha na mente a idéa da fundação do regimen catholico universal. Foi judeu, simplesmente, da cabeça aos pés, para servir-me da expressão do citado escriptor.

As conclusões tiradas de sua doutrina, profundamente humana sob certos pontos de vista, não foram mais do que um d'esses factos esporadicos, em que as mutações de um principio variam com a nova phase da vida de um povo.

Na Revolução franceza, por exemplo, as idéas brancas de Robespierre afogaram-se n'um mar de sangue, e estou certo de que o grande discipulo de Rousseau, aniquilando, com um traço de penna, milhares de individuos, não foi mais do que uma victima inconsciente do *mal* e das circunstancias...

Eu não me admiro de que o christianismo se tornasse o maior inimigo do judaismo, assim como o protestantismo o é da religião que condemna e da qual, queira ou não queira, é um filho muito legitimo.

Si o catholicismo tem defeitos, o protestantismo tambem os possui, sendo para notar a contradicção em que cae a cada passo, o que não admira, pois o seu guia é a Biblia, o livro mais contradictorio até hoje publicado, inferior, em muito textos, aos Vedas e ao Alcorão.



Entrando no assumpto d'estas linhas, cumpre-me salientar a decadencia do nosso clero.

Esta observação, que não deixa de ser interessante, pode applicar-se ao clero em geral : na França mesmo, o paiz catholico por excellencia, a religião de Ignacio de Loyolla não tem, presentemente, um padre que se possa comparar a Fenelon ou a Bossuet.

Entre nós, dá-se o mesmo facto : não sei onde se escondem os actuaes Mont'Alverne.

Para melhor salientar a asserção feita, vejamos o quadro seguinte : Não quero fazer allegações que poderiam melindrar si não fossem verdades inconcusas, acompanhadas de provas irrefragaveis.

Seguindo a classificação scientifica de Sylvio Romero, o notavel criticista, vou apresentar ao leitor os mais salientes representantes do catholicismo entre nós.

1ª. EPOCA, ou periodo de formação autonómica (1500—1750) :

HISTORIADORES :

Padre José de Anchieta.
Frei Antonio, de Santa Maria Jaboaão.
Frei Vicente do Salvador.
Padre Manoel de Moraes.
Frei Christovão da Madre de Deus.
Frei Thomaz da Encarnação.

PREGADORES.

Frei Roberto de Jesus.
" Manoel da Madre de Deus.
" José Pereira.
Padre Angelo dos Reis
" Eusebio de Mattos.
" Antonio de Sá.

POETAS

Frei Henrique de Souza.
" Francisco Xavier



Frei Manoel Itaparica.

AERONAUTA.

Padre Bartholomeu de Gusmão.

SEGUNDA EPOCA.

Periodo de desenvolvimento autonomico :

POETAS

Santa Rita Durão
Costa Gadelha
Luiz Vieira
Caldas Barbosa

ORADORES SACROS :

Souza Caldas
Francisco de S. Carlos.
Jesus Sampaio
Frei Caneca.
Januario da Cunha Barbosa
Mont'Alverne
Francisco Barretto
Frei Bastos
Antonio de Sampaio
Bernardino de Senna.

PINTORES

Ricardo do Pilar
Francisco Solano

MUSICOS

Antonio de S. Elias
José Mauricio



Silva Rosa
Pedro Teixeira.

SCIENTISTAS.

Mariano da Conceição Velloso
Leandro do Sacramento.

HISTORIADORES

Gaspar da Madre de Deus
Monsenhor Pizarro
Luiz dos Santos.
Ayres do Casal

ECONOMISTA.

O bispo Azeredo Coutinho.

POLITICO

Diogo Feijó

ESCRITOR SATYRICO

Lopes Gama

Eis ahí ; vimos historiadores, poetas, cientistas, aeronatas, oradores, pintores e musicos. Aos nomes citados podemos juntar os de João Ribeiro, Frei Miguelinho, Martiniano de Alencar e muitos outros, grandes pelo saber e pela convicção patriótica. Convem não esquecer tambem os de D. Romualdo de Seixas e D. Antonio de Macedo Costa, dois grandes batalhadores da Fé.

Não falemos de D. João Esberard, uma mediocridade palavrosa, e de D. Vital, aliás um notavel espirito, cuja intolerancia serviu apenas para salientar a incompatibilidade manifesta existente entre o espirito do nosso povo e as ideas retrogradadas contidas em mais de um dogma.



A questão religiosa, foi, quanto a mim, um dos grandes factores da Republica no Brasil.

Depois da prisão dos bispos começámos a duvidar do chamado direito divino, privilegio exclusivo dos reis e dos padres. Seja como fór. D. Vital ficou sendo uma das figuras mais salientes da clero brasileiro, archetypo raro de combatente abroquelado na fé e no dogma.

Teve a coragem de suas convicções: respeitemos-lhe a memoria.

Voltando ao assumpto, pergunto: onde poderemos encontrar, actualmente, em nosso clero um patriota como Miguelinho, um orador como Mont'Alverne, um musico como José Mauricio, um botanico como Conceição Velloso, um economista como Azeredo Coutinho, o padre genial, cuja obra mereceu a attenção de Montaigne?

Percorro todos os Estados e só encontro dois padres superiores: Julio Maria e Correla de Almeida. Si existem outros não sei onde estão.

A decadencia do nosso clero é, pois, um facto innegavel, determinado pelo mesmo motivo que occasionou a queda do poder temporal, que demolliu a Bastilha e proclamou os direitos do homem. É que o seculo dezoito creou a Analyza, com as suas turbulencias e o seu espirito irreverente.

É a medida que a sciencia foi deavendando os segredos da natureza, as religiões foram perdendo o character nebuloso, commum a todas as creações metaphysicas: hoje o psychologo-social vê apenas um facto biologico onde encontrava-se um acouteclimento sobrenatural. De-appareceram os prophetas.

A chimica, a zoologia, a physiologia, a physica extinguiram os milagres—um dos maiores recursos da Religião—deixando a duvida onde havia a esperança, o visio onde existia a certeza do paraizo e da recompensa. De observação em observação, chegámos á evi-



dencia de que nenhum phenomeno social surgo sem precedentes, sem slliação, sem causa.

As idéas tem a sua gradação, como a vida das especies: tudo evolue partindo do infinitamente pequeno até chegar ao apogeu da grandeza e da perfeição.

As religiões não escapam a esta lei, tanto assim que o fetichismo, o polytheismo o o monothelismo appareceram successivamente, marcando tres phases do pensamento humano.

A Investigação destruiu as bases em que se firmava a theologia.

O methodo experimental o a biologia estatica e dynamica, isto é, o estudo dos seres vivos sob os mais variados aspectos, derrocaram o velho systema do *a priori* firmado em dados irreaes e absurdos.

Viu-se, então, o erro em que lidam os catholicos, accetando como verdade indiscutivel a theoria das causas primarias e finave, a formação do mundo em seis dias, o apparecimento electrico de Adão e Eva, etc. etc.

A philosophia do seculo dezoito começou rindo d'este desparates e é innegavel a acção que exerceu sobre a religião e a politica.

Da ironia de Voltaire passou ao materialismo de Diderot e d'Alembert, chegando á phase positiva em que se acha.

Uma reforma é o embryão de outra reforma.

Com a substituição dos antigos processos philosophicos, foram surgindo, pouco a pouco, novas perspectivas, novas dedacções. Hoje o aspecto intellectual do mundo é inteiramente diverso.

O catholicismo, com os seus dogmas, as suas bullas, as suas excommunhões, ficou aquem da cultura moderna: por isto, não sei que escriptor sarcastico chamou-o, injustamente, de religião dos pobres de espirito.

Admiro, em seu conjuncto, o christianismo: acho que elle e o budhismo symbolisam a grandeza espiritual de dois povos, n'um momento dado; mas a moral do Christo é puramente idealista, assim como a



concepção que elle tinha do universo. Por isso, o protestantismo, que tem a razoavel pretensão de interpretar melhor a doutrina do Nazareno, revela-se tambem atrasado, acceitando certos principios que o coração explica, mas que o cerebro regeita: encarada sob o ponto de vista scientifico, a Biblia é um montão de heresias.

Porém onde encontraremos uma religião que substitua as que actualmente predominam? Onde acharemos um systema que satisfaça ao mesmo tempo aos simples e aos intellectuaes? Peuso com Schopenhauer: religião e sciencia são duas cousas que nunca se combinarão. O crente verá sempre o que fugir à analyse. A orthodoxia positivista (catholicismo às avessas, como alguem a chamou) pouco ou nenhum valor tem.

O pan—monotheismo de Hartman é simplesmente um aggregado de sophismas nebulosos, eivados de um pessimismo que acabrunha e entristece.

Mas a verdade é que, á medida que o pensamento avança, a lustrucção se propaga, as religiões vão perdendo terreno: si a humanidade fosse composta de sabios, os crentes seriam bem poucos.

Quanto ao catholicismo, essa falta de horueus que dignamente o representem (encaro a questão pelo lado intellectual) é a prova mais cabal de sua decadencia: os espiritos de *elite* estão n'outra parte, embevecidos n'outras aspirações, saturados de ideas novas. Que me apresentem, na Europa, um Spencer de batina e, no Brasil, um Tobias Barretto calçando botinas de fivellas de prata ou usando collarinhos rendados.

H. CAPRICIANO.



Chronica Industrial

A chuva artificial.--Exgotamento e irrigação de terrenos.--

Estudando cada dia os assumptos que constituem a especialidade d'estas modestas chronicas, cada dia tambem se nos antolha maior e mais completo o nosso atrazo de conhecimentos n'esse fecundissimo ramo de actividade, que é a agricultura.

Os vastos e importantes trabalhos constantemente executados nos praias agricolas; as multiplas e proveitosas applicações das conquistas da sciencia ao desenvolvimento da agricultura; os admiraveis esforços, diariamente mais esclarecidos, com que a sciencia agricola procura combater os obstaculos oppostos pela natureza—que muitas vezes é vencida—, ao alargamento da sua esphera de acção; do mesmo modo que, no dominio exclusivamente pratico da cultura, o melhoramento das terras pelos estrumes; a sua utilização, pela rega quando seccas, e pelo exgotamento quando pantanosas ou excessivamente humidas; a dilatação da sua productividade pela variação das culturas; o augmento e superioridade dos productos, resultantes da applicação de novos e aperfeiçoadosapparelhos; tudo isso e muito mais são conhecimentos, theoreticos ou praticos, que ordinariamente fallecem-nos, ou de que temos tão somente noticia incompleta e vaga, perfeitamente incapaz de uma applicação pratica e proveitosa.

E' sabido e quotidianamente dito que a agricultura, no nosso Estado, é a mais importante das fontes de riqueza particular e publica, muitissimo superior, pela pos-



sibilidade de amplo desenvolvimento, á industria pecuaria e á ainda mais restricta da extracção do sal—aquellea tolhida pela calamidade resultante das repetidas e profundas irregularidades climericas, e esta pela incapacidade de vencer a concorrência, em virtude da inferioridade dos seus productos, do onus dos impostos, da difficuldade ou do alto preço dos transportes.

Mas a agricultura não é só a mais importante das nossas fontes de riqueza; ella é a *única* sufficientemente capaz de garantir-nos um futuro prospero, independente e digno, de assegurar-nos o progresso economico, sem o qual, nos estados como nos individuos, todos os outros progressos são morosos, difficéis e incompletos.

..

Não é de todo fora de proposito, quando a lavoura e a criação do gado atravessam os primeiros estadios de uma d'essas terríveis crises a que o nosso meio climerico as sujeita, conhecer ao menos as tentativas feitas algures para descobrir os meios de combater, no dominio da agricultura, a inclemencia da natureza, tantas vezes mãe quantas inimiga do homem.

Todos sabem que não é só a zona nordeste do Brasil sujeita a longos e repetidos periodos de secca, muitas vezes tão rigorosa que torna-se incompativel com a vida.

Em varios outros paizes a agricultura padece não raro os effeitos desoladores da seccura athmosphérica. Em algumas regiões do amplissimo territorio dos Estados Unidos, por exemplo, comquanto não produzam os tristes resultados que as nossas populações sertanejas infelizmente conhecem, graças á maior largueza de recursos ali existentes, os effeitos desastrosos das seccas fazem-se sentir com a destruição das lavouras e dos animaes.

E do mesmo modo que, em outros paizes, á custa dos esforços da sciencia, dos individuos e dos governos, tem-se conseguido seccar vastas zonas de terra que são entregues á agricultura, ferteis e productivas, assim, pela razão inversa, varias e serias tentativas tem sido feitas



para humedecer os terrenos, cuja irrigação é difficil ou dispendiosa, por meio da producção da chuva artificial.

E' bem verdade que, para o bom resultado de taes tentativas, parece verificado ser indispensavel a existencia de tal ou qual quantidade d'agua na athmosphera do logar das experiencias, o que algumas vezes não succede nos nossos sertões; nem por isso, porem, esses estudos são menos interessantes--ainda pondo de parte a natural sympathia que despertam todas as ousadias do espirito humano em luta com a natureza--pois sabe-se tambem que muitas vezes existe agua em certos logares da athmosphera, sem que, entretanto, concorram todas as circumstancias reconhecidas pela meteorologia como indispensaveis para a queda da chuva.

Neste caso, menos raro do que pensamos, as tentativas para a producção do precioso phenomeno cabem perfeitamente no dominio das cousas possiveis o que o engenho humano, mais cedo ou mais tarde, acabará por conquistar.

Eis o modo por que foram feitas as experiencias determinadas ha poucos annos pelo governo norte-americano: Fez-se subir até a altura de 2.500 metros um balão, cheio de uma mistura de hydrogenio e oxygenio, sendo áquella distancia arrombado o balão por meio de uma corrente electrica. A detonação produzida foi semelhante á do trovão. Dez minutos depois fizeram subir *papagaios* levando cargas de dynamite presas á cauda, e, em seguida, grande quantidade de polvora dispersada n'uma zona de tres kilometros em torno. "Produzlu-se logo, diz o relatório, uma espessa nuvem de fumo em uma área de cerca de duzentos metros, a qual foi logo seguida de uma torrente de chuva."

Taes experiencias não toem, certamente, resultados constantes que tornem definitiva a conquista da chuva; como ficou dito e ninguém ignora, a meteorologia reconheceu ha muito a necessidade do concurso simultaneo de certas circumstancias, a concomitancia de certos requisitos para que as nuvens desprendam a agua que contenham, produzindo a chuva.



Todavia, os bons resultados de tentativas semelhantes parece poderem permittir a esperanza de que, em futuro mais ou menos proximo, os rigores de uma secca prolongada possam ser mitigados, como tantas outras calamidades, graças ás applicações praticas de conhecimentos adquiridos diariamente pela sciencia humana.

E isso é de esperar tanto mais quanto a formação regular de nevens, nos paizes temperados, para o fim de impedir os nocivos effeitos da geada, tão commum no principio da primavera, já é uma conquista da sciencia agricola que, nas zonas vinhateiras da França, tem por vezes dado optimos resultados.

Em virtude da falta de chuvas na primavera e, consequentemente, da secura atmospherica, os raios do sol incidem, logo pela manhã, directamente sobre os renovos das vinhas, de algum modo paralyzadas pelo frio da noite, crestando-os e desorganizando-os completamente. Esses effeitos que tanto prejuizos causaram á cultura franceza, como, no Brasil, toem por vezes causado á dos estados do sul, foram obstados, por conselhos do illustre chimico Boussingault, com a formação de nuvens artificiaes produzidas a certa distancia das plantações, durante a noite, pela combustão de palha e ramos humidos que produzem fumo abundante.

*
*
*

Nós temos largas zonas de terreno hoje improprio para a cultura por falta de irrigação conveniente, que nem sempre é facilmente praticavel; mas possimos tambem grandes pantanos, ou terrenos excessivamente humidos, que, exgottados regularmente, seriam de fertilidade remuneradora. No valle uberrimo do Capió, nas immedições da lagoa das Guarahyras, da do Papary, e em muitos outros logares possimos largos terrenos, não susceptiveis de cultura regular, por causa exclusivamente do seu baixo nivel.

Qualquer pequena quantidade de chuva, a minima enchente de um rio transformam-n'os em lagoas e



charcos, inutilizando assim um solo onde a camada vegetal tem uma profundidade que não se encontra sinão muito raramente fora d'aqui.

Toda a gente sabe que não ha mais fertéis terrenos, de mais admiravel productividade do que essas camadas de alluvião convenientemente exgottadas por um systema combinado de aterros e canaes.

Ninguem ignora os magnificos resultados obtidos na Hollanda, por exemplo, do exgottamento de vastas lagoas, como o antigo *mar de Harlem* que a ousada engenharia hydraulica hollandeza entregou á agricultura em 1840 ; assim como os prodigiosos trabalhos emprehendidos para o fim de seccar e utilizar o vasto golfo do *Zuyderzee*.

Na França, na Italia e em outros paizes, a engenharia tem assim conquistado vastissimos terrenos de que depois a agricultura sabe tirar os maiores e mais proveitosos resultados.

Ainda ha bem poucos annos a agricultura franceza augmentou a sua admiravel riqueza com a posse do grande delta do *Rhodano*, 72,000 hectares de pantanos pestilenciaes que foram transformados em optimos terrenos de cultura, hoje cortados de canaes e estradas de ferro, e onde a vinha prospera rapidamente.

E n'um solo como aquelle, delta de um grande rio, sujeito a enormes innundações irregulares, preso entre os dois braços extremos de *Rhodano* e o mar, os trabalhos foram muito mais demorados, difficeis e dispendiosos, em virtude do vasto systema de canalisação prévia e indispensavel, do que sel-o-hia em qual quer dos nossos pantanos de menores dimensões, em solo relativamente elevado e de uma fertilidade superior.

A. DE S.



BIBLIOGRAPHIA

7— **Amores, amores...** (psychose do amor) Teixeira de Queiroz—Lisbõa—Antonio M. Pereira, editor—1897.

É mais um bello livro do insigne romancista portuguez, pertencente à serie da *Comédia do campo*.

Teixeira de Queiroz desenvolve com o masculino poder do seu talento de psychologista e medico distincto, que é, uma these complicada de hereditariedade morbida em uma menina de imaginação movediça e romantica, curiosa de imprevistos, que, aos conselhos experientes e profundamente moraes de um padre illustrado, intelligente e bom, deveu a salvação do seu espirito desnortado pela obcecação que no seu cerebro juvenil deixara uma lenda de amores trahidos e ciumes vingadores.

Amores, amores... é dos melhores productos da litteratura portugaeza.

O seu eminente auctor descreve magistralmente as suas scenas e dá em espectáculo aos leitores alguns typos perfeitamente estudados atravez da poderosa lente do psychologista.

Frei Jeronymo, por exemplo, personagem centro do valioso livro, apparece-nos na verdade nua e grandiosa dos grandes apóstolos da Renuncia.

E Innocencia é uma d'essas adoraveis creaturas que na vida passam, lastimosamente, carpindo, no isolamento de um cruel destino, a caprichosa desigualdade com que doutou-as o Inconsciente, dando-lhes, n'um physico desprezado e rachitico, deformado desde o berço, sentimentos apaixonados e profundos que não podem ser correspondidos, e escondem-se envergonhados dos



olhos dos felizes que, sem ridiculo, podem declarar os seus affectos.

A. M.

3—Pelo Sertão—(historias e paizagens) por Affonso Arinos—Rio de Janeiro—Laemmert & C., editores-1 898.

Na litteratura nacional, entre os contistas, Affonso Arinos deve occupar lugar distincto.

Pelo Sertão é um livro de contos escriptos em epochas diversas, em um periodo que medeia entre os 19 e os 26 annos, como informa o auctor.

São bellos e bem feitos todos. O distincto litterato pinta o que vê com uma expressão tal de sentimento verdadeiro, accentuando pessoas e cousas com a desejada *clareza de exposição* e mantendo a *relação normal entre o auctor e o assumpto*, como requer o grande Tolstoi, que a gente cuida ouvir, lendo os seus bonitos contos, falarem os typos sertanejos, como na descripção singela e forte do Joaquim Mironga, revivendo, commovido, aquella brava morte do Juca.

A. M.

9—A descoberta da India, por Coelho Netto—Laemmert & C., editores—Rio de Janeiro—1898.

E' mais uma produção da penna erudita e fecunda do distincto romancista do *Inverno em flor*.

N'A *descoberta da India*, -livro feito ás pressas, o que não é bom systema, mas que justifica-se, no caso, por tratar-se de uma homenagem á colonia portugueza por occasião das festas da commemoração, em maio ultimo, Coelho Netto atêve-se ao *Roteiro* para a descripção aproximadamente exacta da viagem do Gama.

Inspirou-se tambem o nosso litterato no poema do



immortalizado poeta soldado e dá-nos, no seu estylo puro e bello, uma pintura vivamente acabada da grande descoberta maritima.

A descripção da tempestade no mar Indico, que os chronistas negam, mas que o poeta relata nos *Luziadas*, é a parte mais bella do livro : ouve-se rugir o oceano bravio, ameaçando a maruja assustada e supersticiosa que jurava ter entrevisto egipans disformes esvoaçando acima ds mastros e avistado horridas figuras nadando ao largo; e o vulto magestoso do Gama, commandando, estoico, a rude travessia, e destruindo os instrumentos e astrolabios para que para deante fosse a salvação dos amedrontados marinheiros, que amotinados pediam a volta à Patria.

A. M.

10--O Livro de Alda por Abel Botelho--Porto--Livraria Chartron de Lello & Irmão, editores--1898.

É o segundo da serie--*pathologia social*--que começou com *O Barão de Lavos* e na qual o auctor estuda alguns casos da tremenda molestia moral que leva os miseros pacientes ao derradeiro plano da degradação publica, empolgados pela obsessão continua de uma diathese implacavel, como no *Barão de Lavos* e na victima da tentação amaviosa daquelle *Alda* diabolica, cuja voz, perturbadora e quente, valia mais para o desgraçado estudante do que a meiguice enternecida e pura da promettida noiva.

Abel Botelho é um rapaz de grande talento e a sua observação é segura e verdadeira.

O seu estylo, porem, é fatigante e muito longe está do dos bons escriptores da lingua portugueza.

O *Livro de Alda* é feito com uma falsa opulencia de vocabulario, pullulando em todas as paginas do romance neologismos, alguns insupportaveis, que prejudicam quasi sempre a belleza, por vezes notavel, d'esse vigoroso trabalho.



Nota-se tambem nos livros de Abel Botelho o emprego dispensavel de grosseirias de linguagem, o que não é por certo a melhor expressão do naturalismo no romance, que pode ser perfeito e muito bem occupar-se das miserias sociaes, sem precisar descer a grosseiria pouco artistica de um *realismo* repugnante.

A. M.

11--Olinda conquistada--Narrativa do padre João Baers, capellão do coronel Theodoro de Weerdenburch, traduzida do hollandez por Alfredo de Carvalho, do Instituto Archeologico e Geographico pernambucano—Recife—Typographia de Laemmert & C., —editores—1898.

E' a historia, singelamente contada, da conquista de Olinda pelos hollandezes a soldo da celebre companhia das Indias Occidentaes. O coronel Weerdenburch, foi o encarregado pelo general Lonck de desalojar da velha cidade do Norte a guarnição que a occupava; o que levou a effeito, com bravura exemplar, o dito coronel hollandez, a 16 de fevereiro de 1630.

A narrativa do capellão Baers é um valioso documento para a historia de Pernambuco, e o sr. Alfredo de Carvalho prestou com a sua traducção um real serviço aos estudiosos.

O traductor prefacia o depoimento do padre hollandez, elucidando o assumpto com erudição e competencia.

A. M.

12--O Morto--Romance de Coelho Netto — Editores, Laemmert & C.—Rio de Janeiro—1898.

Este livro do festejado escriptor brasileiro dece-



peiona o leitor que se atira a elle com a sofreguidão e o interesse de quem espera encontrar mais uma joia litteraria saída do esermio d'onde o *Cellini da phrase*, como com justiça o qualificou Garcia Redondo, tem tirado essa phantasia brilhante do *Rei Phantasma* onde o ataviado da linguagem e a louçãna do estylo não pedem meças aos quadros deslumbrantes dos costumes do Oriente, ou esse estudo magistral da louçara que se desenvolve nas paginas attrahentes do *Inverno em for*, ou a naturalidade e firmeza de observação que se notam na *Miragem*, ou ainda o humorismo da *Capital Federal*.

Não quero, desde logo, decretar a condemnação do livro, o que seria injustiça manifesta, mas do talento de Coelho Netto era licito esperar alguma coisa mais do que ligeiras variações sobre o mote da fuga e do fuzilamento de um jornalista celebre durante a revolta da Armada e descripções da encantadora terra mineira muito menos opulentadas do que as que o escriptor fizera no seu livro *Por montes e valles*.

O *Morto* não é um livro cuidado ; dir-se-ia a estréa de um principiante, si não fossem paginas soltas onde affirmou-se o *savoir faire* do mestre.

O motivo do romance nada tem de original e é bastante corriqueiro.

Josephino Soares, educado superficialmente, sempre agarrado às saias maternas, perde cedo o paé e segue a carreira commercial, na qual, sem luctas e sem esforço, chega à posição de guarda-livros de uma casa exportadora de café e noivo da filha do patrão, Luiz Farinha.

Neste estado apanha-o a revolta da Armada. Envolvido nas denuncias anonymas que então pullulavam, foge para Minas a occultar-se em casa do coronel Amaro, a cuja filha hysterica inspira uma paixão doentia.

Vencida a revolta, regressa ao Rio de Janeiro, desposa a filha de Luiz Farinha e põe-se a viver às sôpas do sogro, sem energias nem incentivos mais do que para fazer um seguro de vida.

O livro contem paginas bellissimas como as impressões de Josephino Soares sobre o mar, muito bem apanha-



das, a descripção ao natural do bombardeio, a nota magistral do exodo da população fluminense á aproximação da esquadra legal, as scenas campestres numa fazenda mineira ; mas começa e acaba em phrases frouxas, sem o colorido que lhes sabe dar o estylo do grande escriptor, soando mesmo mal, á pagina 2, umas tantas comparações --“*um rapagão travesso e bello como Jupiter*”... “*magro como uma quaresma*”...

Coelho Netto teve em mira tratar da poltroneria desses entes passivos que vão pela estrada da vida a fora, confiando nos acasos da sorte ; mas não se demorou no desenvolvimento da these que tão brilhantemente podia ser explanada pelo seu talento pujante.

M. D.

13—O Paraíso—(*Excelsa Fantasia*) *Romance de Coelho Netto—Editores, Laemmert & C., Rio de Janeiro—1898.*

O *Paraíso* é a ultima das perolas cahida da penna do operoso auctor do *Inverno em flor*, no seio de nossa nascente, mas promettedora litteratura.

Como a alma de *José Carriça*, o estylo de Coelho Netto vae ascendendo, n'um crescendo harmonioso, desde a primeira á ultima pagina, offerecendo ao leitor o interesse de uma narração admiravel de belleza de linguagem e de riqueza de phrase, construida sem emphase, n'uma simplicidade que mais realça o attractivo da descripção.

Imitado do Inferno do Dante, o *Paraíso* encobre, como o poema do poeta florentino, os finos estyletes da mais bem acabada critica a nevrose do espiritismo que tem se alastrado no Rio de Janeiro.

A educação que no Brasil dão á mocidade estudiosa sofre uma das mais justas censuras quando a alma de *José Carriça* é interpellada pelo glorioso martyr padreiro da cidade de S. Sebastião, sobre a historia da



antiga capitania que é hoje a capital do Brasil. "A mãe carinhosa que perde, diz C. Netto, uma hora depois do parto, o filho que apenas poudo vagir junto ao seu collo, tira um largo episodio dessa curta existencia e conta-o durante toda a sua vida aos que della se aproximam. A flor que desabrocha com a madrugada fresca e morre abrasada pelo primeiro raio de sol tem a sua historia. Só a cidade das palmas não tem, para os seus filhos, uma historia digna.

As iguarias com que costumamos alimentar a intelligencia resumem-se na historia da França, na litteratura da França, nos costumes da França e na gloria da França, ficando o que nos diz respeito encoberto, ab eterno, na mais perfeita ignorancia.

Coelho Netto é um dos escriptores mais queridos dos que manejam a lingua portugueza e, quando eliminarmos de nossas estantes as leituras baratas que de Portugal nos enviam, pois o Brasil é o mercado de que vivem as lettras portuguezas, o inimitavel *conteur* terá o logar que de direito lhe compete ao lado dos escriptores de escol, que entre nós já formam bella e respeitavel pleiade.

J. L.



CORRIGENDA

No artigo—*Codificação civil brasileira*—sahiram, entre outras, as seguintes incorrecções: á pagina 342, linha segunda, em vez de *contravessia* lêa-se *controversia*; á pagina 343, linha segunda em vez de *Blurtchli*, lêa-se *Bluntschli*; á mesma pagina, linha onze, em vez de *nota*, lêa-se *noto*; á pagina 344, primeira linha em vez de *influcucias*, lêa-se *influições*; á pagina 346, linha oitava, em vez de *climinam*, lêa-se *eliminasse*; á mesma pagina, linha dezenove, em vez de *urista*, lêa-se *jurista*; á pagina 349, linha sexta, em vez de *funcionamento*, lêa-se *fuzionamento*.



1898 - Agosto - 8

VIDA POTYGUAR

(Primeiro capitulo de um livro
que o autor não escreveu por
inutil.)

O que o estrangeiro não vê.—A *Cidade*.—O *essencialmente agricola*.—A falta de iniciativa.—O titulo de eleitor.—As classes.—Os transeuntes.—O empregado publico.—As repartições.—Federal e estadual.—O prestígio do estrangeiro.—A *fala atravessada*.—A flor dos costumes.

Quizera bem saber qual é a primeira e, portanto, segundo dizia do pensamento aquella velha raposa Talleyrand, a melhor impressão que sente o estrangeiro ou o brasileiro do sul quando, aportando ás *plagas potyguares*, pisa pela primeira vez o solo do caes Pedro de Barros ou aquella *arapuca* da Alfandega.

Ponho de parte e, pois, dispenso-me de saber a opinião d'aquelles que já trazem *informações*, que «já sabiam o que isto era,» como elles dizem.

Ao aproximar-se do nosso porto o estrangeiro não vê logo o que, antes de tudo, esperava ver, aquillo que com tanto e tão louvavel enthusiasmo viram em outros pontos da costa tão vasta do nosso Brazil os Agassiz, os de la Hure e outros que pouco mais acharam, ou antes, nada mais acharam para admirar: a vegetação luxuriante, a floresta esplendida, sombria e intrincada, cuja verdura incomparavel e perpetua tanto seduz os que nasceram e cresceram nesses *amaveis* climas onde uma temperatura de 2º acima de zero é doce e amena...



Outra cousa que o estrangeiro não vê é a cidade.

O habitante do interior, o matuto que tem tantas vezes uma linguagem original, pittoresca ou expressiva, chama isto aqui—a *Cidade*: «Brevemente irei à Cidade;» «a semana passada estive na Cidade.» etc.

Para elle é a *Cidade* por excellencia, a metropole indigena, onde vem comprar o que precisa e saber *noticias da politica* que são-lhe tão indispensaveis como a alimentação e o vestuario.

Costuma-se dizer por ahi, entre cem outras affirmações consagradas e gratuitas, que o paiz é essencialmente agricola e, portanto, o povo essencialmente agricultor. Não ha tal.

O que o brasileiro é, acima de tudo, o potyguar principalmente, é um povo *politico*. Mas não é aqui o logar para tratar d'isto.

A modesta capital, dividida em dois pequenos bairros de ruas impossiveis, ou sem calçamento ou grosseiramente calçadas de pedra bruta, sem edificios, sem jardins, com pequeno commercio e nenhuma industria, parecerá mais uma villa pacata de interior do que uma capital maritima.

Sem iniciatava para emprehendimento de qualquer natureza, sem coragem para mais trabalho alem d'aquelle que lhe é absolutamente indispensavel para subsistir, não tendo, em regra outras aspirações que não sejam possuir alguma cousa e ser alguém *na politica*, o potyguar vive como quem espera que os melhoramentos de qualquer especie, os beneficios, o progresso lhe caiam promptos e sem trabalho seu, do alto do cèo ou do alto do governo. E é este, penso eu, o vicio fundamental da educação indigena.

A iniciativa do individuo, a coragem e a confiança de lançar-se ao trabalho, arriscando pequenos capitaes de que disponha, fazendo voluntario sacrificio dos seus commodos, do seu descuidoso viver de habitante de um paiz onde a vida é facil, essa iniciativa tão proveitosa e fecunda que caracteriza o Norte-americano, o Norte-rio-grandense, feitas pouquissimas excepções, não conhece.



O commercio ou o emprego publico são, em geral e conforme, ao começar a vida, tem ou não alguma coisa *de seu*, os unicos meios que procura para viver.

A agricultura cada dia, em vez de ver augmentar o numero dos que a ella se dedicam, porque, afinal de contas, com a indole do povo, é a unica de que poderá vir ainda um futuro melhor, vê, pelo contrario, desertarem os braços para a vida *mais descansada* do pequeno commercio e do emprego publico sem carreira.

N'um Estado como este, onde, effectivamente, e graças em primeiro logar á falta de iniciativa de que ha pouco falou-se, a agricultura, alem de ignorante e atrozadissima, vive cercada por obstaculos de toda especie que impedem o seu desenvolvimento normal, obstaculos produzidos pela falta de commercio directo com os mercados consumidores, pela falta de capitaes, pequenos embora, que a auxiliem,—n'este Estado agricola, só è agricultor quem, bem examinadas as cousas, sem protecção, sem dinheiro e sem ao menos saber assignar o nome para *arrumar* um emprego, não vê meio de ser outra cousa...

*
* * *

A vida social, si por tal entende-se a collaboração de todos para o bem estar da collectividade, da qual naturalmente, resultará o bem estar de cada um; si tal é a acção do espirito de solidariedade inquebrantavel e irresistivel de todos por um e de um por todos, essa vida social nós não a temos.

Sob esse ponto de vista parece que o potyguar é mais adiantado do que os da vanguarda d'este seculo de egoismo, de individualismo, de cada um por si e o diabo que carregue os outros.

Além da solidariedade politica—e essa mesma essencialmente condicional e mudavel—não ha nenhuma outra, nem ainda religiosa.

Não ha espirito de associação para fim algum, scientifico ou litterario, moral ou religioso, philanthropico ou de mutua beneficencia:



Vivendo para si e os seus, o que, todavia, não está demonstrado que seja em todos os pontos incompatível com o altruismo, sem grandes aspirações de especie alguma, pobre, sem iniciativa, qual é o futuro do patricio ?

Alem do tempo que consagra ao trabalho indispensavel para a manutenção propria e da familia, elle só dedica uma parte do resto á *politica*. Ainda quando viva da agricultura, do commercio ou da pequena industria, as profissões menos relacionadas com a referida politica, (digo menos relacionadas, porque aqui, é característico, todas o são) e unicas que poeem dar-lhe tal ou qual independencia, elle não pode, por indole, por educação e por habito, deixar, um dia que seja, de preoccupar-se com ella.

Para o potyguar o titulo de eleitor não é precisamente o documento publico que o habilita ao exercicio de um direito politico—o de tomar parte, como cidadão, no governo de seu paiz, elegendo aquelles que teem de fazer as leis e os que deverão executar-as—; o titulo é principalmente um diploma que lhe dà o direito á consideração dos chefes, á esperanza de um emprego, ao agrado dos *cabalistas* em vespervas de eleição, a uma patente da Guarda Nacional e a muitas outras cousas elevadas e superfinas...

Assim, si os paes não são geralmente tão sollicitos quanto seria para desejar em fornecer aos filhos uma educação e uma instrucção compatíveis com as suas posses e com o meio em que vivem, todavia não esquecem a obtenção, quasi sempre antes da idade legal, por meio de toda especie de arranjos, inclusive certidões mais que duvidosas, do tão almejado titulo de eleitor.

D'ahi, entre outras glorias que indiscutivelmente cabem ao potyguar, como a de ser patricio de Miguelinho e Camarão, o direito que assiste-lhe á gloria *industrial* e politica da fabricação, em larga escala, dos bens conhecidos *phosphoros* eleitoraes.

Parece escusado notar que, fazendo generalizações d'esta natureza, entendo ficarem sempre devidamente resalvadas as competentes e um pouco raras excepções.



A predisposição *política* faz de tal modo parte integrante, inseparável, da índole do indígena que, ainda nos tempos--n aquelles «ominosos tempos»--em que o Rio Grande do Norte era uma reles provincia, burgo-podre onde os filhotes de alto cothurno vinham fazer aprendizagem do grande curso de trapações, de machinações e de politicagem sordida que, com o tempo, deveriam infallivelmente guindal-os aos cimos do poder, n'aquelles tempos, digo eu, já havia, e não poucas, fabricas de *phosphoros* devidamente privilegiadas, com gerentes diversos (conforme o partido que estava *de cima*) e com *garantia do governo*.

* * *

A capital, alem dos negociantes e dos soldados, è composta quasi exclusivamente de empregados publicos.

Nas ruas oitenta por cento dos transeuntes, cheios de si, olhando de alto para o proximo e só cumprimentando os superiores, são empregados. Ha-os federaes, estaduaes, municipaes ; e cada uma d'essas administrações tem um exercito d'elles.

Falei em transeuntes cheios de si. Creio não exaggerar afirmando que um dos mais evidentes e mais comicos caracteristicos da terra, principalmente na classe, mais avultada, do funcionalismo, è justamente essa *prôa* (permittam a expressão popular porque é pittoresca e expressiva) que os patricios erguem em publico.

O individuo que anda na rua traz quasi sempre—porque não direi—sempre ?—uma cara de circumstancia, propria para a rua, como o casaco e o chapéo ; carregada ou zombeteira, simplesmente circumspecta. affavel ou apalermada. nunca é, e aqui menos que em qualquer outra parte, a cara caseira, commoda, *à fresca*, do interior do lar.

O typo mais commum do frontespicio indígena é um mixto de superioridade propria alliada ao desprezo ou pouco caso do proximo. Vejam vossas mercês ali aquelle sujeito que passa, teso como um poste ambulante, olhando carrancudo ou desprezador para os outros. Pen-



sam que é alguém ? Acham que dentro d'aquella *próca* vai um grande saber ou um brilhante talento, um elevado poder ou, ao menos, a representação de um gordo cofre repleto do vil dinheiro ?

Não é ninguém, meus amigos : um empregado qualquer, com obrigação das dez ás tres e cento e cincoenta ou duzentos mil réis de ordenado mensal.

Vêem aquelle outro que aborda o amigo negociante como uma superioridade protectora e condescendente para dar-lhe dois dedos de *prosa* ?

Deve lhe, ha mezes, uma continha, ou pretende abrir outra.

A tal *superioridade* vê-se a cada passo nos cumprimentos de urbanidade usados, ou que deveriam ser usados na rua. E' commum encontrarem-se dois sujeitos conhecidos e não cumprimentarem-se porque cada um espera que o outro o faça primeiro.

E muitas vezes o cumprimento è feito de tal modo, com tão manifesta má vontade e tanto aborrecimento que, para mim, seria preferivel não fazer nenhum.

Individuos ha que levam a mão á aba do chapéo como quem faz o conhecido gesto ao qual, nunca pude saber porque, deram o nome de uma fructa. Outros (ou esses mesmos) dizem «bom dia» ou «boa noite» como quem diria «vá para o diabo que o carregue,» ou semelhante amabilidade. Outros, em posição social reputada inferior, e esses são em grande numero, deixam de cumprimentar um individuo de posição mais elevada, que conhecem bem e do qual não teem o minimo motivo de queixa, para não passarem por aduladores. . . Verdade é que os taes superiores são algumas vezes tão tolamente orgulhosos que pode ser justo aquelle procedimento.

Em casa, porem, o potyguar, como todo brasileiro é affavel, cortez e generoso, ás vezes em demasia, cheio de offerecimentos instantes, de «pois não», de «esta ás suas ordens», e convidando para jantar com a maxima facilidade o *simples conhecimento* que ali vai a negocio, sem lembrar-se dos apertos em que poderá collocar a



dona da casa, a qual muitas vezes só tem a costumeira carne secca com feijão dos dias ordinarios.

*
**

O empregado publico é um sujeito que pode ser attentioso em sna casa, obsequiador até, como os outros patricios; mas, entrando na repartição respectiva, só conhece o collega e recebe de sobrolho carregado ou de labio franzido, conforme o genio, a todo aquelle que precisa penetrar nos santuarios augustos do papelorio e tratar um assumpto qualquer com algum dos seus sagrados levitas.

Esses veneraveis sacerdotes, sentados á competente banca—quaes pontifices ante sacratissimas aras—reflectindo, após o sacrificio solemne, nos profundos mysterios do Altissimo (ás vezes é sobre a hora em que se fechará a repartição, o que haverá em casa para o jantar, ou como diabo farão as suas arrumações com o magro ordenado no principio do mez proximo) recebem a infeliz parte que tem negocios a tratar com o mau humor proprio de todo aquelle que, tendo o pensamento abysmado em reflexões transcendentales sobre a contingencia das coisas humanas, ou sobre as condições altamente *bicudas* em que hoje acham-se as divinas, vê-se de repente chamado a baixar á reles realidade de um despacho ou de uma certidão *verbo ad verbum*.

Outros ha, de indole menos contemplativa, que, rabiscando arabescos no al-masso da repartição, saboreando a leitura espantosamente instructiva de um Escrich ou de um Montépin, ou simplesmente escrevendo à menina um bilhetinho doce, fazem rapidamente desaparecer, ao approximar-se a parte, todos esses indicios de humanidade vulgar e, com a penna presa á orelha ou aos dentes, abrindo grossos livros apparatusamente collocados ao alcance da mão, mergulham convencidamente, como marrecas perseguidas, nas incommemuraveis profundezas de um trabalho absorvente, que não é facil fazel-os deixar para attenderem ao perturbador d'aquellas tão doces occupações.

Quando estão sós, livres de partes e da presença,



ne.n sempre muito agradável, do chefe, o caso muda de figura. *Arma-se a prosa* com a mesma sem cerimonia de uma calçada ou de um fundo de bodega, de cigarro entre o indicador e o medio ou entre aquelle e o pollegar (é conforme) e analysam-se factos ou individuos, commentam-se successos, fazem-se conjecturas, aventam-se hypotheses, elaboram-se planos, planta-se a semente fecunda do boato--- enquanto as moscas pousam s bro os grossos livros apparatusos e sobe ao tecto em variadas espiraes o fumo pardo dos cigarros.

A's duas ou ás tres da tarde, fechada a reparição, e quando elle, acceso novo cigarro e aberto o chapéo de sol indispensavel--pois que è mais facil a um burguez de cidade pequena não ter o que comer do que faltar-lhe o indefectivel traste com que anda até á noite,--quando depois de ter fumado uma duzia de cigarros, rabiscado algumas folhas de al-masso com exercicios calligraphicos, palavras sympathicas, e nomes, entre os quaes o seu avulta infinitamente; depois de ter boc-jado, dito mal do proximo, principalmente dos amigos, aborrecido duas ou tres pobres partes que por ventura appareceram e terão de voltar no dia seguinte; depois de ter emfim preenchedo as horas regimentaes do serviço publico, com grande proveito da União ou do Estado e seu proprio; o empregado que dirige-se ao jantar, com escala, ás vezes, pelo calice de *cognac* ou de *vermouth*, torna-se de novo o circumspecto e altivo transeunte de que falei.

E' de ver-se especialmente a *fumaça* do federal, até dos que são demissiveis ad libitum. Para esses, como para muita gente, o federal é uma especie superior, distando mais ou menos tanto do estadual quanto o homem dos anthropomorphos maie elevados, e nesta terra onde o exotismo é tudo, onde o estrangeiro tem pancada de armas (falarei sobre o capitulo). o federal considera-se e é também considerado um pouco exotico,--superior, portanto.

Entre o amigo em uma repartição federal e, a não ser que seja um dos escolhidos a quem elles, por con-



descendencia inapreciavel e rara, distinguem com a sua amizade protectora, verá.

Começa por não darem-lhe attenção; tanto faz que vossa mercê entre ali como mais uma das moscas que pousam sobre os livros apparatusos; e si não tiver um conhecido que o proteja, ou não souber manobrar de modo a deixar bem patente que curva-se com humildade ante a independencia e a magestade augusta do federal, que confessa-se um mendigo a implorar, como favor immerecido e immenso que deem-lhe attenção, correrá serios riscos de só obter, com muita demora e infinitas protelações, depois de passar por muitos aborrecimentos e supportar muita mácriação, aquillo a que a lei lhe dá direito e que, em virtude da mesma lei, o dito federal è obrigado a fazer.

Parece escusado estar repetindo que ha excepções, como em todas as regras; o commum, o geral è que è isso.

Empregados ha, maxime entre os estaduaes, a quem não se afigura incompativel a altivez natural em todo homem e nem até mais alguma que julguem-se com direito de ostentar em virtude das fuueções que exercem, com a urbanidade e cortezia que impõem-lhes tanto o mais velho dos codigos do bom tom, como quaesquer dos regulamentos que prescrevem-lhes os deveres funcionaes.

* *

Mas o federal, apezar da sua elevação, não è quem maior somma de prestigio gosa na terra de Miguelinho. È o estrangeiro.

Cuido ás vezes, ao procurar as causas, tão obœuras quanto formidaveis, d'essa distincta consideração que cerca o *marinheiro*, nas injustissimas accusações de bairrista que fazem ao potyguar.

Bairrista ! mil vezes não ! Por indole, por educação ou pelo que for, não ha alguem mais apreciador do que è *de fora*, pessoa ou cousa, e, como consequencia (?) mais depreciador do que è da terra, que elle.

Basta que o sujeito não tenha aberto os olhos á luz tão pura e tão forte do céu indigena, basta que



tenha lhe chegado aqui a bordo de qualquer costeiro ou de qualquer Lloyd, para que seja talentoso, ilustrado, ou... rico.

Com uma excessiva desconfiança de si proprio, que parece ser tambem um dos elementos do seu caracter, o potyguar é propenso a considerar irresistivelmente o estrangeiro, o desconhecido como superior. como capaz, e respeita-o pelo menos emquanto não convence-se de que o tal estrangeiro é igual ou inferior a si.

E, si alem de ter vindo em algum dos mencionados vehiculos, si além de chegar todo *emprouado* e olhando por cima do hombro desdenhosamente levantado, si além de ser malcriado, o sujeito fala *atravessado*, então, nem digo nada a vossas mercês; elle é tudo. fará o que quizer e tudo que fizer será olhado como o *suprasimum* da distincção, da elegancia, do saber ou da força.

Bife, gallego ou carcamano, o principal é falar *atravessado*.

Seja mal educado, não ceda o passo a ninguem, nem ainda a uma senhora, entre no *wagon* da estrada de ferro pisando duro, aos berros, sem cumprimentar, ocupe dois ou tres logares com a mala de mão ou o guarda-chuva, estire as pernas, arrume os pés sobre o banco proximo, faça enfim o que vier-lhe ás ventas, sem procurar saber si incommoda o visinho com os ditos pés, ou a visinha com o fumo do cigarro ou do charuto que traz, e será olhado com respeito e admiração.

Depois de tantas provas da superior educação dos grandes centros, si até falar *atravessado* e por *monosyllabos--oh, yes, all right, goddam, etc.*, pode dizer que está em sua casa, *at home*, e que nada faltar-lhe-ha, nem as attenções, nem os serviços.

Para prova basta ver como os *snobs* da elegancia e da alta roda indigena precuram imitar esses modos. Para nós, ordinariamente, o sujeito que pretende mostrar uns tantos signaes de boa educação e de gentileza cu é ridicularizado ou, como ficou dito, chamado adulator.



O *fino*—entende-se principalmente com a parte joven da sociedade indigena, a quem maiormente cabem essas carapuças--é não cumprimentar, é soltar grossas baforadas de fumo ordinario sem reparar que ha senhoras proximas, é escarnecer, é fazer pouco caso, em summa.

Si um individuo que encontram occupa alta posição na sociedade, si é uma autoridade, é indispensavel affectar pouco caso, nenhum respeito, para ficar bem patente, bem claro, que «não tem medo d'elle», que «é um homem como os outros»...

POLYCARPO FERTOSA.



AGNUS DEI

Encore un hymne, ô ma lyre !
Un hymne pour le Seigneur !
Un hymne dans mon délire,
Un hymne dans mon bonheur !

Lamartine

Viens vite, ô doux Jesus, habiter dans mon âme,
Donne-lui de goûter la douceur de ta voix ;
Montre-moi, ô grand Dieu, la pure et chaste flamme
Qui embellit ta Croix !

E'coute, mon Sauveur, les soupirs très ardents
Que fait voler vers toi ma pauvre âme ulcérée,
Qu' auprès de tes autels je passe les moments
De ma vie d' exilée !

O' sainte Eucharistie, ô vin délicieux !
O' Pain sacré de l' Ange et froment des élus !
Viens descendre en mon âme, ô gage merveilleux
De l'amour de Jesus !

Ici-bas je dois vivre inconnue, oubliée,
Mais alors il me faut un éclatant miracle,
Et je veux qu' il soit fait par la manne cachée
Au fond du Tabernacle !



O' Jesus, mon amour, la douceur de ma vie,
Viens éteindre la soif de mon cœur altéré ;
Je veux aller à toi par les mains de Marie,
O' divin bien-aimé !..

Donne-moi de t' aimer comme un pur Séraphin,
Pour bien te recevoir remplis-moi de ferveur...
A toi seul je consacre, ô mon Maître divin,
Tout l' amour de mon cœur !

AUTA DE SOUZA.



O THEATRO NACIONAL

JOÃO CAETANO

A historia do theatro brasileiro existe, e intensamente brilhante em um determinado periodo, que foi aquelle em que o genio creador de João Caetano deslumbrou as platéas fluminense e lisboeta, interpretando, com uma pasmosa superioridade, filha mais do seu temperamento requintadamente artistico e do seu talento genial e espontaneo do que de licções regulares e methodicas, os maiores mestres da arte dramatica. O nosso grande tragico apprendia, nos seus primeiros tempos, com a mais extraordinaria facilidade de comprehensão, todos os segredos da grande Arte. Attingiu, na scena brasileira, o mais alto grau da perfeição artistica, no genero e no tempo, o que fez com que dissesse um dos nossos criticos mais illustres *que do bloco em que Deus talhara-lhe o genio, apenas duas lascas se animaram na distancia--Rossi e Salvini*, os dois eminentes tragicos que precederam na celebridade universal a Emanuel e Novelli.

O centro de todo o movimento evolucionista do theatro brasileiro é o famoso João Caetano dos Santos. No periodo fecundo da nossa maior autonomia e expansão artistica--1830 a 1870--João Caetano foi o chefe querido do nosso mundo theatral. A sua acção não se fez sentir somente sobre a execução das peças estrangeiras. O esforçado creador do nosso theatro, aquelle genial espirito que se revelara em Itaborahy, creando com inexcedivel vigor de interpretação o papel de Carlos, no drama *Pedro o Grande*, revelação que valeu-lhe logo os applausos entusiasticos dos illustres litteratos Porto Alegre e Joaquim Manoel de Macedo que, pasmos e surpresos,



assistiram ao irradiar primeiro do talento assombroso de João Caetano, também influiu poderosamente na criação de nossa litteratura dramatica.

Os homens de letras do tempo, orgulhosos de escreverem para o grande artista, esforçaram-se na fatura delicada de peças de theatro, surgindo algumas verdadeiras joias litterarias. João Caetano impulsiona a nossa litteratura nascente, e punha em scena, a par de producções estrangeiras, peças de auctores nossos, animando-os para a grande obra da criação do theatro brasileiro e fazendo representar pela sua companhia do *Pedro* todas as peças nacionaes de valor, tomando parte, elle, nas tragodias de Magalhães, por exemplo, e o grande comico Martinho Vasques, seu amigo e discipulo, nas comedias de Luiz Carlos Martins Penna, o infortunado moço que a tuberculose matou aos 33 annos de idade, em Lisboa, e que foi o auctor d'essas interessantes comedias de costumes fluminenses e da roça em que a *vis comica* resalta, desopilante e provocando a gargalhada franca do publico, de situações burlescas engenhosamente arrançadas, com a maxima naturalidade e perfeita observação da vida do campo e da corte, no tempo das *meias-caras*.

*
**

Vamos olhar retrospectivamente para a evolução do nosso theatro, na esperança de que a recordação das glorias de João Caetano e das brilhantes *troupes* do *São Pedro de Alcantara* e do Gymnasio sirva de incentivo aos nossos actores e auctores, que os temos de real merecimento, para que se empenhem no resurgimento da Arte dramatica—declamada e lyrica.

Regressar a Kant é progredir, dizem os adeptos do criticismo philosophico do grande pensador de Koenigsberg; voltar ao nivel artistico do periodo que a potente genialidade de João Caetano presidiu--1830 a 1870---é, para a litteratura e interpretação dramaticas no Brasil, um avanço notavel.

Pouco depois da morte do grande tragico nacional.



o theatro brasileiro acanhou-se ás proporções mesquinhas de revistas de anno, genero em que se malbaratam actualmente talentos e organizações artisticas como os de Arthur Azevedo, auctor, e Mattos e Peixoto, actores.

Parece, porem, felizmente, que um movimento sympathico em prol da grande Arte opera-se na capital federal, com a criação do *Centro Artístico*; com a reprodução das comedias de Martins Penna e das partituras magestosas do padre José Mauricio Nunes Garcia, etc.

Que o mesmo ideal--o culto da Arte—reuna na mais estreita solidariedade os modernos espiritos do Brasil intellectual, e do laboratorio promettedor do pensamento nacional surgirá, ao lado das outras manifestações da intelligencia humana, o theatro brasileiro, alicerçado nas tradições gloriosas do tempo aureo em que João Caetano dos Santos pisava soberanamente o palco do *São Pedro*.

*
**

A sub epigraphé do presente artigo, justifica-se plenamente.

O genial interpreto dos maiores mestres do mundo, o tragico que deu vida no Brasil ás creações assombrosas de Shakspeare, foi tambem o chefe, em um dado periodo, de todo o movimento da nossa evolução artistica, encorajando os principiantes, ensinando com amor aos novos, acolhendo em seu theatro e protegendo com o seu prestigio de vencedor glorioso do publico as producções dos auctores nacionaes.

São d'esse tempo as comedias de Martins Penna, o verdadeiro creador do genero no Brasil; d'esse genero que descreve os costumes sociaes, estereotypando-os com propriedade e pondo em relevo situações fora de tempo e logar, que fazem, segundo Aristoteles, o lado comico da vida, quanto não envolvem perigo, porque então teremos a tragedia; d'esse genero, tão apreciado, da litteratura dramatica, que foi cultivado no seu terceiro periodo—o de verdadeira comedia de costumes—por Menandro, Plauto e Terencio, seguidos por Gil Vicente e



pelo brasileiro Antonio José, o *Judeu*, que a inquisição nefasta roubou ás letras luso-brasileiras.

Não é ainda, o das interessantissimas e immortaes comedias do nosso patricio Martins Penna, o genero elevado da alta comedia de character que o grande Molière creou, continuado por Beaumarchais ; mas é licite affirmar-se que, si a impiedosa tuberculose que matou o addido de 1^a. classe à legação brasileira em Londres, Luiz Carlos Martins Penna, quando aquelle fluminense voltava ao Rio de Janeiro em 1848-- tinha 33 annos de idade, já ficou dito--si a morte não o levasse tão cedo, sim, o genero culminante do theatro de Molière, onde se movem aquelles typos comicos representativos das paixões humanas, que são Harpagon, Scapin, Mascarille, Tartuffo, Sganarello, perfeitamente comparaveis á magestosa galeria dos soffredores que se nos mostram na obra genial e tragica de William Shakspeare, esse genero seria talvez cultivado pela poderosa intelligencia do illustre auctor d'*O noviço*.

*
**

A historia do theatro no Brazil remonta-se ao anno de 1565 ; e é ao missionario--poeta, José de Anchieta, que devemos a introdução da arte scenica no Rio de Janeiro.

Foi na Aldeia de São Lourenço, em Nietheroy, que o grande catechista inaugurou, n'aquelle anno, o *theatro dos indios*, destinado a contribuir, impressionadamente, para a educação religiosa dos nossos selvagens.

Os *mysterios* do missionario modelo foram as peças escolhidas, que eram levadas com apparato scenico, encantando o espirito infantil dos incolas.

E foram mais um poderoso meio de que se serviu o educador illustre para cultivar a alma virgem dos naturaes do paiz, servindo, assim, ao seu Deus e á civilização.

Gloria a ti, ó immortal fundador do Theatro Brasileiro, que tão alto havia de alçar-se, tres seculos depois, nas azas possantes do genio de João Caetano !



Depois da acção benéfica e perdurável de Anchieta, o theatro nacional desapareceu, para surgir novamente, em 1767, pela iniciativa do padre Ventura que, brasileiro e mulato, teve de lutar com os preconceitos da epocha, conseguindo afinal organizar a sua *Casa da Opera*, onde reunia selecto auditorio com a representação das operas de Antonio José, o *Judeu*, brasileiro eminente de grande valor na Republica das Lettras, que seguiu a orientação artistica de Metastasio, Molière, Rotrou, Calderon e Lope de Vega, sem ter attingido, porem, as concepções e a pura forma dramaticas do immortal parisiense que escreveu *Tartuffo*, *Harpagon*, e tantas obras primas da mais alta comedia de character.

A *Casa da Opera* do padre Ventura, porem, pouco durou, devido ao incendio do edificio em uma noite de representação dos *Encantos de Medea*.

O padre Ventura, que com enorme pena viu desfeito o seu grande trabalho, não encontrou protecção para a reedificação do theatro; e ao portuguez Manuel Luiz, fagotista e dançarino, valido do vice-rei, conde de Avintes e segundo marquez do Lavradio, coube substituir o padre inteliz, construindo, com o auxilio do vice-rei, uma nova *Casa da Opera*, para a qual contractou artistas nacionaes e estrangeiros sufficientes para o seu modesto repertorio. As celebridades do tempo eram o actor Joaquim da Lapa, a actriz cantora Maria Joaquina, e José Ignacio da Costa, por alcunha--o *capacho*--que não era somente actor, porem ainda poeta e major do regimento dos pardos, refere o illustre sr. Mello Moraes Filho.

Esse mesmo auctor escreve que «Manuel Luiz, o director da opera, consta da tradição que fora actor nos palcos do reino; de character dubio e sem talento, individualizara-se pelas elegancias do porte e graciosidade da dança. Com estes dotes naturaes, facil lhe foi succeder ao padre Ventura, como fundador da nova opera, e alcançar mais tarde, no governo do principe regente, titulos honorificos e patentes militares.

Em todo caso, figurando ao lado do marquez do Lavradio, activo e illustre vice-rei a quem deve o Rio de Janeiro iniciativas de progresso, a arte dramatica



do Brasil lhe resguardará o nome, esquecendo as misérias e os defeitos.»

O desaparecimento do Theatro de Manuel Luiz coincide com o episodio politico e sangrento da Inconfidencia mineira.

Até 1775, a Casa da Opera ostentou-se victoriosamente amparada pelo favor do marquez do Lavradio.

N'aquelle anno, porem, sendo substituido o vice-rei protector das artes por Luiz de Vasconcellos, as noites da Casa da Opera foram se tornando cada vez mais frias, até que extinguiram-se completamente, quando, sob o governo do Conde de Resende, a população do Rio assistiu, no campo da Lampadosa, naquelle dia tristemente memoravel, 22 de abril de 1792, ao spectaculo terrivel da morte do Tiradentes, depois de ter assistido ao embarque para o degredo dos heroicos brasileiros que sonharam com a Republica no territorio sa-grado de Minas opulenta, onde cantou Dirceu os olhos de Marilia.

*
* *
*

Com a mudança da cõrte portugueza para o Rio do Janeiro, em 1808, um periodo de accentuado progresso para o Brasil teve logar ; e a figura baldõa de D. João VI, o principe regente durante a interdicção de D. Maria I, a louca, destaca-se, impondo-se ao agradecimento dos brasileiros. Aquelle soberano que, em politica propriamente, tão obscuro papel representa na historia ; que tem sobre a sua memoria o peso da cobarde retirada de Lisboa, fugido aos pelotões maltrapilhos do intrepido Junot ; aquelle soberano tem, entretanto, direito á nossa gratidão relativa, pelo muito que contribuiu para o progresso da colonia, nunca se negando a apoiar as tentativas liberaes, e contribuindo directamente para a expansão entre nós das sciencias, litteratura e artes.

A acanhada casa da Opera de Manuel Luiz era indigna dos esplendores da cõrte real portugueza no Rio de Janeiro ; e a idéa de Fernando José de Almeida, de construir-se um grande theatro, teve logo o apoio do regente, que concedeu por decreto, para esse fim,



uma parte do terreno no largo da Sé Nôva, hoje de S. Francisco de Paula ou do coronel Tamarino. Em 12 de outubro de 1813, abriu-se o theatro, para a primeira representação, solemnizando-se o anniversario do Rei, e chamou-se *Real Theatro de São João*.

Foi regente da orchestra d'esse spectaculo de gala o celebre Marcos Portugal, o rival feliz do genial brasileiro padre José Mauricio Nunes Garcia que sô hoje esta recebendo as honras a que faz jus o seu grande merito, devido á campanha patriotica do sr. visconde de Taunay, que desenterrou do pó de archivos particulares uma grande parte da obra, que será immortal, do compositor que attinge, na sua *Missa de Requiem*, segundo affirmam os mais conceituados criticos, a magestosa seriedade impecavel de Mosart.

As peças representadas a 12 de outubro de 1813 foram: o *Juramento dos Numes* e o *Combate de Vimciro*, em scenario deslumbrante e caprichoso.

Foi tambem no *Real Theatro São João* que D. Pedro I assistiu, a 25 de Março de 1824, depois de jurada a Constituição do Imperio nascente, o spectaculo commemorativo d'aquella data nacional. Foi á scena o drama sacro *Vida de Santo Hermenegildo*, durante o qual aclamações innumeradas se ouviram ao Imperador, tocando-se o hymno constitucional composto por D. Pedro I, sendo victoriados os actores predilectos do publico, e recitando-se muitas poesias a proposito do grande dia da effectividade da nossa independencia, achando-se entre os distinctos poetas que se fizeram ouvir o talentoso repentista bahiano, Francisco Muniz Barretto.

N'essa mesma noite, porem, já muito tarde, o theatro foi presa de um incendio do qual só se salvaram as paredes do edificio.

Fernando de Almeida, seu proprietario, tratou logo de reedifical-o, recorrendo a emprestimos; e para supprir provisoriamente a falta do theatro incendiado, armou em sala de espectaculos um dos salões da frente, obtendo um theatrinho que inaugurou-se a 1º de dezembro de 1824, com a conhecida opera de Rosini *O Encontro*



feliz, para solemnizar o primeiro anniversario da coroação do primeiro Pedro.

Chamou-se esse theatrinho *Constitucional*, em attenção aos factos da politica no momento historico, e possuia um corpo de baile dirigido por Toussaint.

A companhia italiana que trabalhara no theatro S. João dissolveu-se ; por isso, o pequeno theatro *constitucional* ficou servindo para concertos musicaes, até que a 22 de Janeiro de 1826 reabriu-se o grande theatro, com o nome de *São Pedro*, homenagem ao soberano do dia, indo á scena a opera *Tancredo*, em espectáculo de gala pelo anniversario da princeza D. Maria Leopoldina. Depois d'esse espectáculo, o theatro só abriu-se em 4 de abril do mesmo anno, com a presença do Imperador, para commemorar-se o natalicio da futura rainha de Portugal, D. Maria da Gloria.

Nesse tempo, uma associação de amadores mantinha um theatrinho, entre a antiga rua do Cano e a do Piolho, informa-nos Mello Moraes Filho, accrescentando que «era frequentado por familias notaveis, sendo o ingresso muito fiscalizado e não sendo permittida a entrada sinão a homens conhecidos e a senhoras de elevado conceito».

Foi ahi que negou-se o ingresso à marquezia de Santos, a quem D. Pedro I, que fazia-lhe a côrte, offerecera um camarote ; isso deu logar a um mandato de despejo ao grupo de artistas, depois de comprado o theatro, de ordem de D. Pedro, por Placido Antonio Pereira de Abreu. Os prejudicados ainda fizeram, ao receberem a ordem, uma manifestação de desagrado ao soberano, prorompendo em vaias e atirando á rua objectos do theatro, que foram queimados no campo de Sant'Anna.

Depois d'isso, o actor Porphirio Borja, um dos artistas do antigo *São João*, construiu para um theatro a casa da maçonaria à rua do Lavradio, o que não poudo levar ao fim a falta de recursos e animação, refere o sr. Mello Moraes Filho.

Ha ainda a consignar-se o theatrinho particular da



rua dos Arcos, creado por alguns moços de bôa vontade.

*
* *

Abre-se, então, uma outra phase para o *Imperial Theatro de São Pedro de Alcantara*.

Fernando José de Almeida, seu proprietario, contracta em portugal uma companhia dramatica, que chegou ao Rio de Janeiro em 1858.

Essa companhia, que soffreu um naufragio, chegou ao Rio no dia da morte do empresario Fernando de Almeida. D. Pedro I, porem, não a desamparou, e a *troupe* trabalhou no theatro *S. Pedro* até o 7 de abril, data em que aquelle theatro mudou mais uma vez de nome para *Constitucional Fluminense*, em virtude da revolução que expulsou o monarcha do throno, e fechou-se logo após a abdicação, por causa de desordens havidas entre os espectadores, retirando-se a companhia dramatica portugueza e a italiana que tinha iniciado uma serie de assignaturas.

Alguns d'esses actores foram para o theatrinho da rua dos Arcos. Ahi, a 7 de maio de 1831, 30 dias depois da revolução que trouxe-nos a regencia, realizou-se um espectáculo de gala, ao qual assistiram Francisco de Lima e Silva, um dos regentes, Souza Franco, ministro da Justiça, e varios deputados.

Convem lembrar tambem os theatros da Praia Grande, onde funcionou por esse tempo parte dos artistas das companhias dissolvidas; e o theatro de *São Januario* ou da Praia de D. Manuel, construido na rua do Cotovello por uma sociedade de artistas, outra parte das companhias desfeitas. Foi inaugurado a 2 de Agosto de 1834 com o drama *Misanthropia e arrependimento*, e a empresa, explorando-o tres annos e 6 mezes, passou-o ao governo.

Já então, tinha sido alugado o *Theatro Constitucional* ao Banco do Brasil pelo filho e herdeiro de Fernando de Almeida. O Banco, prevendo melhor negocio, reorganizou o theatro, contractando os artistas que perambulavam a cata de empresario.

*
* *



Era essa que ahi fica, rapidamente contada, a historia da evolução do theatro nacional, quando o genio de João Caetano revelou-se, em um modesto palco de Itaborahy, n'uma solemne affirmação da grande Arte no Brasil; e a fama do estreado insigne chegou á cidade do Rio de Janeiro, antiga Côte, trazida pelo testemunho entusiasta de Porto Alegre e Joaquim Manoel Macedo.

Incorporado logo ao elenco do Theatro Constitucional do Rio, João Caetano logo depois desliga-se dessa companhia para formar uma *troupe* de artistas nacionaes, representando no theatro da Praia Grande, na antiga provincia do Rio, em 1833, *O Principe amante da Liberdade ou a Independencia da Escossia*, sendo sagrado ahi grande artista por um auditorio de convencidos e entusiastas, diz o sr. Mello Moraes Filho, de quem foi João Caetano amigo e mestre de declamação.

Trabalhou depois o genial actor brasileiro no theatro do Vallongo, construido em tributo ao seu merito ja reconhecido por todos; no *São Januario* e, novamente, no *Constitucional*, que reivindicara em 2 de Junho de 1839 o seu antigo nome de *Theatro de São Pedro de Alcantara*, depois de passado a empresa particular pelo seu proprietario o Banco do Brasil.

Foi ahi que o grande actor, na noite de 7 de Setembro de 1839, appareceu ao publico na Tragedia *Ogiato* do poeta Gonçalves de Magalhães. Foi extraordinariamente applaudida essa entrada de João Caetano na grande scena brasileira e data d'aquella noite a sua reputação de tragico impecavel, que chegou á interpretação genial da galeria estupenda de Shakspeare

De accordo com os dados chronologicos, vê-se, diz Mello Moraes Filho, que um francez, cujo nome ignora-se, edificou na rua de São Francisco de Paula, em 1832, um theatro para representação de peças francezas. João Caetano reconstruiu-o, chamando-o theatro de São Francisco de Paula.

Depois, a rua chamou-se do theatro, e o theatro, *São Francisco*.



Em 1855, esse theatro passou a denominar-se *Gymnasio Dramatico*.

Ahi, João Caetano muito adiantou-se, penetrando soberanamente nos segredos dramaticos e vencendo as difficuldades com uma assombrosa intuição artistica. Era-lhe rival por esse tempo a famosa cantora Candiani, contractada em 1844 com a companhia lyrica italiana para o *São Pedro*.

Foi uma rivalidade passageira, porem; os successos ruidosos do genial brasileiro abafaram o merecimento, sem duvida real e notavel, da insigne cantora, e o *São Pedro* fechou-se porque ao São Francisco ou Gymnasio é que o publico de preferencia ia admirar o clarão offuscante do talento singular de João Caetano dos Santos.

O São Pedro reabriu-se em 1861 para trabalhar a companhia d'aquelle grande artista, mas um incendio reduzi-o a cinzas, mezes depois, indo a companhia para o *São Januario*.

Essa casa de espectaculos, collocada em mau iogar e de proporções acanhadas, não correspondia às aspirações do nosso maior artista de todos os tempos até hoje. João Caetano empenhou; portanto, grandes esforços e conseguiu reedificar o São Pedro, começando então, no bello theatro artisticamente reconstruido, a gosar mais largamente os favores do publico jamais regateados áquelle genio creador, uma das maiores glorias da nossa nacionalidade.

Um acaso, porem, veio radicar no animo do povo a superstição de que má sina teria o edificio, no qual foram empregados materiaes destinados á cathedra; na manhã de 27 de Janeiro de 1856, o *São Pedro de Alcantara*, pela terceira vez, ruia incendiado.

*
**

Em 1852 foi inaugurado o theatro Provisorio do Campo de Sant'Anna, com a opera *Macbeth*.

N'esse theatro, hoje desaparecido, foram ouvidos e admirados os grandes artistas estrangeiros: Thalberg,



Lagrange, Tamberlick, Lagrua, Mirati, Stolts, Liszt, etc.

Foi tambem no *Provisorio* que Gottschalk organizou e regeu o seu memoravel concerto de mais de trinta pianos, acompanhados por uma orchestra de setecentos musicos, cujo final foi assinalado, ás ultimas notas do hymno nacional, por uma salva de peça de artilheria.

*
**

Depois do terceiro incendio do theatro São Pedro, João Caetano não desanimou, e empenhou-se fortemente para a reedificação do theatro. Fez tudo o que era possivel para reerguer o edificio ; e conseguiu-o, depois de um trabalho fatigante, de compromissos de toda ordem, para a satisfação dos quaes dipoz do producto do seu trabalho de doze annos, inaugurando a nova phase do *São Pedro* com o drama de Gozlan, *O Livro Negro*.

«Nessa noite, escreve o seu discipulo e amigo Mello Moraes Filho, brindado por S. M. o Imperador com uma joia de alta estimativa, saudado pelos poetas que applaudiam-lhe o esforço e o genio, acompanhado de artistas e pessôas illustres até a sua residencia da rua do Lavradio, por entre alas de admiradores com tochas accesas, o soberano do palco fluminense sentira-se compensado das fadigas do emprehendimento e dos labores do passado.»

No *Provisorio*, a Opera Nacional corquistava grande e justo entusiasmo, transmittido ao publico pela voz de cantoras celebres, como a Ristori, grande tragica, irmã pelo genio do nosso glorioso João Caetano.

No *Provisorio* foram á scena as primeiras producções de Carlos Gomes e Henrique de Mesquita.

Foi no palco já desfeito do theatro do Campo de Sant'Anna que a Opera Nacional teve o seu berço e onde o talento poderoso e fecundo do auctor da *Fosca* revelou-se ao Brasil, pela primeira vez.

Que essas tradições sirvam de estimulo ás gerações que chegam, para que o nosso theatro dramatico e lyrico erga-se, opulentado pelo talento promissor dos nossos artistas, que os temos, e que deverão lembrar-se sempre



do astro radiante que ha 30 annos desapareceu do Céu da grande arte nacional, deixando, porem, um rastro luminoso e fecundo a guiar, nas trevas, que começam felizmente a rarefazer-se, do indifferentismo idiota dos nullos, o espirito emprehendedor dos idealistas e o sentimento artistico dos modernos obreiros.

Que João Caetano seja o pharol dos que hoje se batem nobremente pela Arte; e si lá chegarem, alguns, onde elle chegou, a gloria do Brasil será imperecível.

*
**

Como acontece a todos os triumphadores, João Caetano foi alvo de vinganças pequeninas da inveja ou do despeito e tambem mereceu, em compensação, algumas homenagens de alta significação para a sua justa fama.

Dos muitos episodios da sua agitada vida de constante e ininterrupta actividade esperitual e pratica, destacarei tres, que parecem-me mais eloquentes e instructivos.

*
**

Em 1850, a companhia de João Caetano, que então trabalhava no *São Januario*, levava á scena *A Gargalhada*, de Jacques Arago, um dos primeiros auctores dramaticos d'este seculo, peça que tinha sido levada em Paris, especialmente pelo theatre da *Porte Saint—Martin*.

Acontece chegar ao Rio o illustre auctor da peça e, hospedando-se em casa do Ministro francez, sabe que João Caetano conta no seu repertoria *A Gurgulhada*. Mostra, então, o distincto escriptor desejos de assistir a uma representação.

Sabendo disso, João Caetano annuncia o drama e vai pessoalmente convidar o auctor.

Na noite de 18 de Outubro de 1850, João Caetano, perante uma casa a transbordar do que de mais selecto havia nas letras, artes e politica, com a presença da Còrte, dava tão genial interpretação ao difficil papel de *André Lagrange*, que fora em Paris desempenhado pelo



celebre Frederick Lemaitre; tamanha foi a impressão que teve do extraordinario talento dramatico do nosso grande artista o illustre Jacques Arago, que ahi mesmo, nessa festa memoravel em que João Caetano foi triumphalmente corôado entre uma tempestade de applausos, levando gentilmente ao camarote do auctor o premio do seu grande successo; tamanha foi a commoção e tão intensa a alegria do festejado auctor da *A Gargalhada*, que ligou-se ao artista brasileiro por uma amizade sincera e nobilissima, dedicando-lhe algumas referencias entusiasticas no seu livro *Voyage autour du Monde*, e vindo fallecer em casa de João Caetano, onde se hospedara na sua segunda viagem ao Brasil, em 1854.

Uma outra consagração do nosso sublime tragico, um dos primeiros artistas do mundo, foi em Lisboa. Era a estréa do grande actor no palco lusitano; a sua justa fama movimentara todo o mundo artistico lisboeta e ao hotel onde se achava foram litteratos e actores pedir bilhetes para a estréa.

Um tal José Romano, auctor do «29 ou Honra e Gloria,» queria, não só a sua entrada, mas sim um certo numero de cadeiras.

O grande actor, altivamente, repelliu a insinuação do *maitre de clique*, e negou-lhe as entradas.

Na noite do espectáculo—levava-se a *Dama de S. Tropez*— apenas o eminente artista poz o pé no palco, ergueu-se da platéa um rumor hostile de pateada proxima. Então, D. Pedro V, esse rei bondoso e gentil, caritativo e humano que amparava nas ruas de Lisboa os miseraveis desherdados que a burguezia egoista desprezava; esse moarcha piedoso e querido, mais se engrandeceu ainda, abafando do camarote real, com a sua côrte, a descortez manifestação com que o despeito ameaçava o genio brasileiro. O rei, de pé, seguido por quasi toda a casa, atroava o recinto com as palmas e os applausos com que era sagrado, na patria de Camões e de Garrett, o maior representante da intellectualidade artistica do Brasil.

Um outro episodio da vida de João Caetano: José de Alencar, que n'aquelle tempo começava a sua carreira



litteraria, com admiravel talento, apresentou ao soberano da scena fluminense o seu drama *Azas de um anjo*, para que escolhesse um papel e o representasse no seu grande theatro, pela terceira vez reconstrido, e que então gosava de uma justa e necessaria subvenção do governo.

Voltando o auctor, João Caetano, gabando-lhe o merito do trabalho, pediu, entretanto, desculpa de não o levar á scena, por não haver um papel para si.

O distincto escriptor José de Alencar, sem razão, julgou-se offendido, e pouco depois commetteu, para vingar-se da delicada recusa de João Caetano, um acto que feriu directa e dolorosamente o grande actor, pois era um golpe terrivel na sua querida Deusa--a Arte dramatica.

Deputado de 1861 a 1864, José de Alencar trabalhou e conseguiu que a subvenção ao theatro de *S. Pedro* fosse eliminada do orçamento da despesa.

Mello Moraes Filho, relatando esse facto, escreve :

«Uma tarde, ensaiava João Caetano *Os Intimos* e alguém, entrando precipitado na caixa do theatro, disse-lhe, desorientado, confirmando inquietadoras suspeitas : — Acaba de cahir na Camara a subvenção ao Theatro de São Pedro !...

E João Caetano teve uma syncope...

José de Alencar estava vingado.»

Esse facto, lealmente registrado pelo Sr. Mello Moraes Filho, è triste e vem mais uma vez provar que o despeito e as pequenas paixões humanas são, dadas certas circumstancias, empecilho temeroso ao progresso colectivo de um povo.

O nosso grande romancista, o illustre auctor do *Guarany* e *Iracema*, foi um dos promotores, com aquelle desabafo pouco digno de um rancor injustificavel, da decadencia em que ainda se debate o theatro nacional.

Depois da morte de João Caetano, que occorreu em 1863, pouco depois da vingança magoante de José de Alencar, o theatro nacional escureceu e até hoje vimol-o



em uma sombra densa, que só agora vae se adelgacando. E' que tinha desaparecido o astro rei do nosso mundo artistico, sem que tivesse ainda surgido uma estrella de bastante brilho, capaz de substituir o clarão entontecedor do genio assombroso do grande tragico brasileiro.

E para isso contribuiu, sem duvida, a retirada da protecção official pela intervenção negativa da influencia politica de José de Alencar, tanto mais censuravel quanto partia de um eminente homem de letras, que cegamente collocou a satisfação de um odio injusto ao de cima dos interesses sagrados da verdadeira e grande Arte, ferindo de morte o glorioso chefe de todo o movimento de prodigiosa expansão que operou-se nos quatro decennios—1830 a 1870.

ALBERTO MARANHÃO.



A POESIA DE HOJE

Guilherme de Santa Rita

I

Um dos symptomas mais caracteristicos da anarchia mental que actualmente predomina no seio das sociedades cultas é a nostalgia do passado, o desejo irresistivel, a ancia inenarravel que avassala o artista moderno, fazendo com que o seu pensamento volte-se ora para o budhismo, ora para o paganismo ou, ainda, para outros systemas complexos da velha philosophia oriental, tão cheia de bellezas, de axiomas verdadeiros, de concepções grandiosas e immortaes.

Ao lado de espiritos bem equilibrados, de sabios com Darwin, Spencer e Haeckel, ao mesmo tempo destruidores e constructores, surgem, como uma legião de Prometheus, atirando aos quatro ventos a gargalhada sombria do desespero e do sarcasmo, os Edgar Poe, os Heine, os Shelley. Presentemente, a poesia atravessa uma phase de desolação profunda, de incerteza, de nevroses e allucinações.

E os visionarios da Arte, os sedentos de ideal, quasi sempre feridos nas fontes da vida, filhos de raças degeneradas, anemicas, trazendo nas veias o sangue dessorado e pobre de gerações que envelheceram no exercicio das armas, em pugnas sanguinolentas, em combates deshumanos, ou nas orgias e nos deboches proprios das civilisações decadentes, os Sonhadores de hoje, diziamos nós, precocemente desiludidos, ou encastellam-se na Ironia, como Buadelaire e Richepin, ou, como Veraine e a maioria dos nephelibatas, trancam-se na torre



de marfim da Ilusão, olhos fechados ás miserias do mundo, labios ungidos pelo oleo santo da prece e da lagrima, mãos postas, na attitude imploradora de quem, desenganado das vaidades da vida, deixa o espirito alar-se ás regioes do Insabido, reconcentrando-se no Mysterio como o mollusco dentro da concha. São os poetas crianças, profundamente religiosos e ingenuos, adoradores convictos do Nazareno, sectarios sympathicos do christianismo. Nossa Senhora serve-lhes de madrinha; o seu manto azul é a bandeira que desfraldam nas romagens que fazem ao Ignoto; e quando, vencidos, gastos pelo soffrimento, sentem o fim proximo e irremediavel, mudam-se para *a outra existencia* certos da recompensa e do perdão, guiados pela videncia da Fé, symbolisada na Virgem Santissima.

Estes, como o poeta da *Sagesse*, acabam nos hospitaes, depois de uma vida errante, sem rumo e sem direcção. Os versos que compõem destacam-se pelo subjectivismo que d'elles resumbra, salientam-se pela bizarria da phrase torturada e vesga. E' abrir ao acaso qualquer livro symbolista; em primeiro, logar nota-se o vago do pensamento, a idéa transcendental, quebrando a estrophe como se a inspiração fosse um grande mar rompendo todas as barreiras, todos os horisontes traçados pela noção do Rythmo.

Depois observa-se a preocupação do artista em dar-nos a conhecer a angustia que o domina, a analyse do *eu* em todas as suas diversas modalidades, aquillo que o original analysta da *Degenerescencia*, Max Nordau, chama *egolatria*. E, como resultado d'essa profunda tensão nervosa, d'essa autopsia individual, d'essa observação constante, que o artista faz de si proprio, procurando libertar-se do erro, vemol-o, a cada passo, como a ave que doideja dentro de uma clamysde de vidro, ir ás alturas do Incognoscivel e voltar ás paisagens sombrias da terra, triste, aborrecido, allucinado, muitas vezes. Dá-se-lhe então no cerebro uma extranha mutação de scenario, e a natureza transforma-se a seus olhos, tão requintado é o grão de sensibilidade que o domina.



D'ahi o exagero das imagens, as figuras decorativas, que fazem o martyrio dos que não são iniciados nos mysterios d'essa arte bizarra e insolita. D'ahi a preocupação phantastica do symbolista em dar formas ás cousas incorporeas, vozes ás cores, e cores ás letras. Dir-se-ia que elles, os adeptos d'esta escola *sui generis*, constituem uma sociedade á parte, composta de privilegiados, dispendo de novas circumvoluções cerebraes, de nervos cujas funcções são desconhecidas dos physiologos.

Mas elles são apenas representantes do estado de anarchia mental em que se debate o Occidente e, si bem que á primeira vista pareçam tão distantes da vida social moderna, não são mais do que um producto da epocha que atravessamos, tão cheia de apprehensões e de incertezas.

Estamos, sem duvida, n'um periodo de transição.

Necessariamente, vae dar-se uma grande mudança no scenario politico dos paizes a cuja direcção a fatalidade historica confiou a hegemonia espiritual dos povos hodiernos. A grande questão do seculo XX será o socialismo, questão variada e complexa, capaz de abalar fundamentalmente as sociedades egoistas de hoje. Chegaremos aos esplendores da sociocracia, o vasto systema sonhado pelo genial espirito de Augusto Comte?

A crise economica em que se debate a Italia, cujo orguiho ha pouco foi dominado pela consciencia branca do negro Menelik ; a situação tragica da Hespanha, illudida por um ministro cruel que diz-se defensor dos brics de seu paiz, quando não passa de advogado da monarchia ; o aniquilamento moral da França, onde reproduzem-se quasi diariamente escandalos como o do Panamá, e assaltos á Justiça e ao Dever (muito de industria dizemos— dever e não Direito) como na vergonhosa questão Dreyfus; o ferrenho absolutismo da Russia ; o egoismo sordido da Inglaterra ; a decadencia completa do velho Portugal conquistador, toda a *debâcle* moral em que se afunda a maioria das nações modernas, victima da paz armada, da divisão mal feita do trabalho, das leis economicas que as regem, não nos está garantindo a victo-



ria do socialismo cujas idéas vêm de longe, esclarecendo o espirito attribulado dos humildes, como um raio de sol illuminando um valle inundado de sombras? Estas phrases não vêm a esmo. Ao lado da questão social, o sociologo poderá analysar o papel da Arte na phase angustiosa que atravessamos.

E verã a oscillação symptomatica do momento, a reacção espiritualista que se opera presentemente na musica, na pintura, na esculptura, na poesia.

A maioria, por enquanto, è positiva. Os philosophos utilitarios, os propugnadores do darwinismo, do spencerismo, do associacionismo de todas as formulas praticas nascidas da Investigaçã o da Analyse, derruiram, a golpes de logica, os velhos processos metaphysicos. Vivemos n'uma epocha essencialmente industrial, e a lucta pela vida constitue um problema difficil como nunca foi. Mas, por isso mesmo que o egoismo e o interesse são o movel principal da existencia collectiva nos tempos que correm, sendo o mais forte, necessariamente, vencedor, dà-se a corrente reactiva vinda de grupos dispersos, separados pela nossa má organizaçã o social, grupos de desherdados que escondem as suas dores nas aguas furtadas, d'onde descem todas as manhãs em procura do trabalho mal remunerado, e para onde voltam exhaustos de fadiga, trazendo na alma o tedio e o desalento.

O operario europeu, affirma Max Nordau, vive em condições a que não se sujeitaria quaquer animal do deserto. A elles, por uma affinidade muito natural, acham-se presas outras classes infelizes, entre as quaes a do proletariado intellectual, onde agrupam-se os homens de letras, especialmente os poetas e os pintores. N'um livro profundamente suggestivo e verdadeiro—*L'œuvre*—Emilio Zola pinta, com vivas cores a miseria em que vegetam os romeiros da Arte, principalmente nos difficis tempos de estrêa. Isto em Pariz, na movimentada capital que Victor Hugo chamava, com emphase, o cerebro do mundo. O mesmo succede na Russia, na Allemanha, na Italia e na Inglaterra, na prosaica e circumspecta Albion, onde Chatterton suicidou-



se allucinado pela fome e onde Shakespeare foi cocheiro.

Eis a razão por que a poesia, em todos os tempos, teve o seu lado sombrio.

Nos dias de hoje, ella symbolisa, mais do que nunca, a dolorosa agonia intima dos que soffrem e dos que choram. O parnasianismo, o verso delicado e vasio, a estrophe burilada e correcta, desapareceu, com as suas *nuanças*, as suas perspectives risonhas.

Os sonetos de Armand Silvestre e François Coppée delectam, mas não absorvem o nosso espirito.

No romance, a intuição realista vae cedendo o passo a outros ideaes, facto este que Zola, com todo o seu talento, não pode obstar. E o symbolismo vae ganhando terreno, ao passo que, na ordem social, o collectivismo adquire adeptos, aguardando o dia da *revanche*.

A eschola decadente, em suas multiplas manifestações, caracteriza, sem duvida, o estado morbido da maioria dos idealistas de hoje. Será trasitoria, mas ficará na historia como o esforço angustiado de uma parte da sociedade procurando libertar-se das miserias da vida, e voltando-se, n'um arranco de desespero, para os horisontes longinquos do passado.

De facto, qual a significação do neo-hellenismo, por exemplo, n'esta phase utilitaria, positiva, real?

Na França a idéa pagã, preocupa mais de um espirito culto. Diversos artistas, entediados, aborrecidos *do terra a terra* burguez das cidades populosas, absorvem-se no culto misoneista das tradições gregas.

Taine consagra innumeradas paginas em suas obras, tão cheias de eloquencia e lucidez, ao sonho aristocratico da arte hellenica, cujo escopo visava a apothese da natureza, a glorificação da forma. Jules Lemaitre proclama com enthsiasmo a superioridade do povo heroico e forte que produziu Phidias ao lado de Pericles—o genio artistico ao lado do genio politico—e que construia templos para abrigar estatuas. Conhece o leitor as *Petites Orientales* do delicado critico francez?

Releia este sonoro livro de versos e veja como os primitivos preocupam Lemaitre. E a *Païenne* de Juliette



Adam? E as innumeradas telas onde são reproduzidos perfis esculpturadas de mulheres em plena florescencia e em completa nudez?

Mas os neo-hellenistas formam uma legião á parte. São inimigos irreconciliaveis da religiãõ christã, de quem não perdoam o pessimismo ascetico e resignado. Servem apenas para mostrar á critica a falta de homogeneidade de vistas, a anarchia dominante na arena onde travam combate os cultores do bello. (*)

A reacção espiritalista é muito mais accentuada. Não é uma simples transformação superficial, uma mudança sem causas fundamentaes.

Bem longe d'isto. .

Encontramol-a em todas as litteraturas modernas; no illuminismo allemão, nos romances sombrios da Russia, nos poemas e narrativas da França, no preraphaelismo inglez e na eschola nephelibata de Portugal. Serão reverberos da phase romantica, do tempo em que os bardos iam pedir inspiração á musa dos claustros, ás sombrias alamedas onde as loiras castellãs ideaes scismavam, de olhos fitos no infinito azul estrellado?

Na prosa, o exquisito estylista do *Là-bas* e da *Cathédrale* representa as novas tendencias litterarias.

Huysman symbolisa esta geração decadente.

No verso, os pessimistas contam-se aos centos, quasi todos religiosos, christãos: Verlaine, Mallarmé, Morias,

(*) Esta observação é mais uma prova contra a synthese incompleta de H. Talne, expendida na celebre Introducção a "*Histoire de la littérature Anglaise*", onde o sabio francez, procurando provar que a historia não é mais do que um problema de mechanica psychologica, dá como base de toda critica a theoria do *melo, raça e momento*. Sylvio Romero, incontestavelmente uma gloria de nosso paiz, prende a esta classificacão o *critérium da individualidade*, explicando assim o apparecimento a um tempo, n'um só *meio*, de poetas de intuição e processos differentes, como Victor Hugo, Lamartine e outros, alias pertencentes á mesma *raça*. Infelizmente, não cabe ao auctor dos *Estudos de Litteratura contemporanea* a prioridade d'esta lembrança: logo apos a publicacão do livro de Talne, Emilio Zola deu á imprensa uma serie de artigos em que junta á trilogia do philosopho gaullez, o conceito que Sylvio, vinte e tantos annos depois, lançou á luz da publicidade. Os artigos a que alludo foram mais tarde colleccionados no livro—*Mea huines*.



Kahn e tantísimos outros ahí estão para demonstrar a nostalgia do Além, servindo de molde a extranhas locuções artisticas. Que doçura nos versos de Verlaine, velados de uma tristeza profundamente humana, de uma piedade santa e misericordiosa !

O poeta, abandonado de todos, desilludido, compenetrado das verdades do *Ecclesiastes*, onde o propheta biblico traça com mão de mestre a psychologia da vaidade, uivando de hospital em hospital a epopéa de suas dores, fecha os olhos à podridão do mundo, e ajoelha-se constricto aos pés da cruz exclamando, n'um soluço :

" Je ne veux plus aimer que ma mère Marie...
Oh ! comme j'étais faible, et bien méchant encore,
Elle baissa mes yeux et me joignit les mains,
Et m'enseignua les mots par lesquels on adore. "

O leitor, ainda mesmo acceitando, as conclusões da critica de Max Nordau, para quem os mysticos não passam da imbecim, ha de confessar que isto é bello.

Onde, porem, a vontade de crêr, a sêde do Absoluto se manifesta com maior intensidade é na Russia, em consequencia do despotismo governamental alli predominante.

Não sou dos que mal julgam o pessimismo oriundo d'esse paiz, tão pouco estudado.

Penso, com illustre escriptor, que elle é uma manifestação naturalissima do espirito humano, mormente nas epochas de civilisação adiantada, quando as difficuldades sociaes prendem, n'uma malha de ferro, o individuo cujas aspirações são tolhidas pela realidade, que tem côres sempre carregadas para os humildes e para os fracos.

A explicação do desalento, da amarga ironia que emana das producções litterarias d'essa nação grandiosa está na pressão tenaz da autocracia dos tyrannos que a subjugam. Devido ao absolutismo de seu governo, que teme a invasão das idéas novas como quem teme o cholera, viveu separada do resto da Europa até pouco tempo, pode-se dizer. E assim ficou ella com um certo cunho typico, com a physionomia intel-



lectual e moral que lhe é propria, guardando as suas tradições, conservando os seus costumes, como nenhuma outra nacionalidade.

O romance russo é um repositório de factos cujos caracteres distinctivos envolvem a historia sentimental d'esse povo infeliz. A vida local vem n'elle descripta a traços largos, n'um estylo vivo e original.

Isto se explica, escreve X. Marmier, pela razão de ser a litteratura o unico refugio do sentimento de independencia nacional e de liberdade pessoal que não tinham outro meio de se manifestar, e que, mesmo em sua expressão litteraria, eram submettidos á censura. O genio de Pedro I abriu novos horisontes ás faculdades intellectivas do povo russo. Mas cotinuou a mesma forma de governo e, com ella, os mesmos martyrios das classes pobres e desherdadas. Michel Lermontoff e Alexandre Pouschkine, na poesia, Tourgeneff e outros, no romance, representam um dos lados sombrios da psychologia de sua raça. Nestes, a ironia è nota predominante.

Conhecem os versos doentios do primeiro, todos cheios de sarcasmo e emoções dolorosas?

Leiam commigo as duas estrophes seguintes :

“Je te donno grâces, ô Seigneur !
Du tableau varié d'un monde plein de charmes,
Du feu des passions et du vide du cœur,
Du poison des baisers, de l'acroté des larmes ;

De la haine qui tue et de l'amour que ment,
De mes rêves trompeurs, perdus dans les espaces,
De tout enfin, mon Dieu ! Puissú-je seulement
Ne pas longtemps te rendre grâces !”

Actualmente, porem, os litteratos russos, salientam-se pelo naturalismo christão de suas producções.

Tolstoi, cuja preocupação doutrinnaria é assás cohecida, patenteia claramente este estado d'alma.

Se passarmos á Allemanha, cuja indole sonhadora revela-se até nas obras de alta philosophia, vamos en-



contrar-nos com a mesma reacção espiritalista até na musica e na pintura.

Na Hespanha, Campoamor, que não è somente o lyrico das *Dolosas*, como muita gente pensa, tem escripto paginas de um idealismo requintado, em que a concepção phantastica allia-se perfeitamente á bizzarria da forma.

Em Portugal, finalmente, os symptomas são evidentes, de ha muito presentidos pelos illustres escriptores Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.

Basta comparar-se a *Morte de D. João* aos *Simples*, duas obras que não parecem architectadas pelo mesmo auctor.

Espiritalistas são tambem o originalissimo poeta desequilibrado Antonio Nobre, D. João da Camara, Julio Dantas e Eugenio de Castro, superior a todos.

Ligado a este grupo, não pelas *nuances* da escola, mas pelas affinidades do pensamento, surge o auctor do *Poema de um morto*, Guilherme de Santa Rita.

No proximo numero da «Revista» analysaremos este livro profundamente suggestivo e altamente philosophico.

H. CASTRICIANO.



O DIVORCIO

Agora, que essa magna questão é novamente aventada no Congresso de minha patria, se me offerece azo de escrever algumas linhas, accentuando mais uma vez o meu modo de pensar em assumpto que envolve um dos mais graves e complexos problemas affectos á sabedoria dos nossos legisladores, e para o qual volvem-se neste momento as esperanças dos que propugnam pela sua conversão em lei, e a expectante attenção dos que se oppoem systematicamente a esse *desideratum*.

Certo é que me não move o sentimento, ao versar este assumpto, o *elan* de irreflectido enthusiasmo com que muita vez apegamo-nos a uma idéa, que julgamos bôa, humana e viavel; nem obedeço ao movimento enganoso e perfido da vaidade pessoal, para affectar ares de arauto intraso de questões de subido alcance moral e scientifico, ou mesmo para as de pequeno porte social, para as quaes, por somenos que seja o seu valor, a prestancia e a probidade do escriptor são requisitos primeiros e indispensaveis.

A fragil arma manejada por obscuro e indextro obreiro do pensamento pode, todavia, servir de vehiculo à expressão de qualquer idéa, sem tornal-o passivel da coima moral que, às vezes, deslustra a obra de afamados campeões—a carencia de bôa fé e firme convicção.

Si me accusa a consciencia a inopia mental para o trato de questões de tamanho relevo, sinto,—posso affirmal-o— em compensação, a mais consoladora urnia em declarar que me não molestam remorsos da insinceridade, e da desconvicção com que possa servir



às causas a que só me arrastam os dictames da razão extreme, agindo em confluencia com as correntes incoerciveis e perduradoiras do sentimento, fundidos na forma sensível de uma injunção moral, que é a suprema força e a suprema lei das acções humanas menos odiosas.

* *
*

Essa religiosidade que todas as formas reveste da intolerancia manhosa e aggressiva, surdindo, aqui e alli, —já em flexuosidades rampantes, já grimpendo ostensiva, de collo inflexo, despedindo irosos golpes; essa religiosidade que mostra-se systematica, invariavelmente opposita ao verdadeiro espirito religioso da epocha, caracteristica e praticamente divorciada d'aquellas leis emanadas do amor e da pureza, da egualdade e da justiça, ainda encontra alentos em sua caducidade para oppor campanha de morte ás manifestações concretas das mais preciosas conquistas moraes do homem.

O ambiente estrilizador dessa condemnavel obcecção adensa-se, sob a pervicaz instigação clericalista, em torno da questão do divorcio que ora pende da decisão do Congresso, ante o qual a todo instante chegam, como a repercussão atavica do fanatismo iberico, representações contrarias, extorquidas, em nome da moral e em nome de Jesus, á boa fé religiosa de grande parte de filhoes do Brasil.

Antes de abordar francamente o assumpto, seja-me relevado o expressar a dor moral que me invade a alma de filho desta grande patria, aliás fadada a preencher magníficos e nobres destinos, ao contemplar o empolamento furioso em que se alteia essa onda nefasta, formada do conglobamento e fusão de elementos acintemente collectados pelo machiavelismo clerical, para manter, immota e inderruível, a muralha sinistra que a politica papal e a religião de Loyola traçaram em torno da evolução mental e da livre consciencia.

Hemos chegado, na vida historica de nossa nacionalidade, a periodos bem caracteristicos, que assignalam a influencia degeneradora do espirito fetichista, transmitti-



da ás gerações contemporaneas, como uma diathese moral infiltrada já no organismo da sociedade e ahí fazendo erupções, que mal encobrem a sua origem insidiosa e má.

No seio das mais altas corporações legislativas do Brasil não poudo em tempo algum repercutir o echo auspicioso de uma grande idéa, elaborada em longos e penosos estadios do espirito dos tempos, sem que sentisse em torno o voejar dessa ave agourenta, coberta do pó das coisas obsoletas e retrogadas, projectando sombras inquisitoriaes no firmamento da patria, librando-se na atmospheria luminosa da sabedoria e do progresso—região serena de onde radiam para a periphèria social multiplos raios de calor e vida organicos—e ahí descrever evoluções, manobras, qual mais arteira e anti-humana, para fazer presa de morte nos emergentes, regeneradores principios em que se vitalisam e remodelam as sociedades cultas.

Assim tem sido sempre e ainda agora, ao encerrar-se o cyclo historico que os coevos denominaram «seculo das luzes», testemunhamos o facto entristecedor—signal de retorno peculiar ás sociedades decadentes—um como phenomeno de evaporação que se desprende das cinzas ignescentes desse amalgama hybridado de religião e fetichismo em que se argamassou o caracter religioso dos nossos ancestraes, vapores que sobem á tona social, a sabor dos representantes da moral obscurantista e apocrypha das sachristias, ameaçando nublar, por momentos, os largos horisontes de civilização perquiridos e longamente norteados pela alma soffredora do homem atravèz dos seculos.

A vós todas, carissimas patricias, parte amavel, nobilissima e respeitavel da sociedade brasileira, da qual, principalmente, depende a mais alta funcção que se objectiva na hegemonia moral de vossa patria; a vós, a quem foi delegada a superna missão de fixar a pedra angular do templo augusto onde se officia a moral, onde vibram, emociantes e doces, as homilias divinas do amor e da justiça, da piedade e do perdão,—a vós é que eu me dirijo em espirito, pelo inexpressavel



dever que atem o homem ao berço dos seus irmãos e ao berço dos seus filhos, elo irrompível que nos solidarisa a todos com os destinos communs da especie.

Oxalá não se vos depare no pensamento que estas linhas guardam coisa alguma de equivoco e extranhavel, de molesto aos vossos sentimentos; pois que é por amor de vós, principalmente, que tal pensamento foi concebido, e o prezo e o estimo como o tributo piedoso de justiça prestado aos que soffrem, sem remedio, os supplicios gerados pelo regimen tyrannico da indissolubilidade matrimonial.

E, visto que sois vós, por que é a mulher, a parte mais prejudicada, a mais indefensa e sensivelmente lesada sob a vigencia desse regimen, são mais em vosso favor os meus votos e as minhas palavras que, si algo pudessem de benefico influir, seria decerto esse resultado o mais alto galardão que almejar podera o auctor humilde destas linhas.

*
**

Por que é o divorcio impugnado no Brasil?

Por quem é essa nobre instituição mais malsinada e torpemente hostilisada?

Quaes os fundamentos ponderosos de moralidade em que se fundam os adversarios do divorcio?

Ao primeiro item desse questionario, pode responder-se com segurança que, no Brasil, a causa primordial da impugnação do divorcio reside latente no cordão umbelical, ainda não extirpado inteiramente, o que aliga atavicamente os neo-latinos americanos ás decrepitas instituições das antigas metropoles; e a prova remol-a no facto de, no continente de Colombo, somente nas sociedades de origem hispano-portugueza não existir o estatuto juridico, não só do divorcio, como, em algumas, até do simples casamento civil.

No velho continente destacam-se, sob este ponto de vista, as tres nações peninsulares, Italia, Hespanha e Portugal, onde mais visceralmente tem influido a religião romana com todos os seus consecrarios moraes



e sociaes. Em bem da verdade, porem, e por honra e justiça á cultura moral da patria de Cavour, é preciso dizer que teem-se feito diversas tentativas no parlamento italiano em favor do divoreio, e que alli uma grande corrente de idéas cada dia mais se accentúa e avoluma, em campanha aberta, em prol da humanitaria instituição.

O eminente sabio P. Mantegazza é um dos mais fervorosos e decididos campeões dos que pugnam pela adopção em sua patria d'aquella sabia e dignificadora lei, lamentando, em paginas repassadas de saber, em que tranparecem muita justiça e amor ao proximo e a mais profunda comprehensão humana, que o codigo civil de sua nação ainda accuse tão sensivel lacuna. É, realmente, é de notar esse contraste, essa falla na legislação civil italiana, principalmente em vista do profundo, adiantado e fecundo espirito dos seus pensadores, em cuja primeira linha hodiernamente destacam-se, na cultura scientifica do direito, verdadeiras eminencias, que fulguram com indisputavel superioridade entre os mais abalisados escriptores e juristas philosophos da epocha.

Esse phenomeno, porem, de retardamento penoso, que fende tão insolitamente a harmonia dos avanços, na complexa accepção moral e mental, particularmente nos tres indicados povos latinos d'alem e aquem Pyreneus, no tocante ao assumpto, explica-se pelo poder atrophiante e paludico dessa endemia religiosa que a hereditariedade implantou, difundiu e consubstanciou constitucionalmente, elevando-o ao grau e força de elemento social indispensavel, de directriz moral, de condição *sine qua non* de progresso, em todas as direcções do espirito.

O mundo moderno vac, no em tanto, fazendo-lhes as contas ; e, balanceando com justiça e clareza todo o activo o passivo accumulados secularmente no registo historico dessa trindade ethnica, apura com exactidão indestructivel um resultado lamentavelmente negativo da preponderancia do elemento religioso, qual o que diastolisa e regula os phenomenos evolutivos na vida das



tres nações peninsulares, mormente nas duas d'aquem Pyreneus.

Por não alongar esta ordem de considerações, mais do que m'o permitem os limites deste artigo, passo ao segundo ponto do questionario,—quem mais ataca e malsina o divorcio no Brasil.

Facil tarefa é responder, e não muito difficil a de demonstrar quem os fautores principaes, os mais intransigentes e perigosos, dessa cruzada explorativa do sentimento e do sentimentalismo religioso dos nossos patriocios, cruzada que obedece simplesmente, verdadeiramente, aos interesses estreitos, pouco confessaveis e menos nobres do espirito de seita, e só a isto. Procure-se-os, e se os ha de encontrar através os confessionarios, assomando nas eminencias dos pulpitos ou palpitando nas columnas da imprensa catholica, e são elles os herdeiros das glorias dos Torquemada e Malagrida e das tradições inapagaveis dos *Saint-Barthelemy*. São elles os representantes remotos, em linha descendente, dos feros glorificadores da sciencia, da coragem e da fé, taes quaes as personificaram, entre muitos, Giordano Bruno, João Huss, Galileu, R. Bacon, Campanella, Pedro La Ramée, Pallissy e Bartholomeu de Gusmão, e que arrastam a cauda historica, sombria e lutulenta, dos Rodrigo Borgia e dos magicos motores do braço dos Ravallac. Pois são elles o prolongamento, a successão historica authentica, com variantes de modificação hierarchica, dessa longa e innominavel progenitura espirital que pretende filiar-se á mais augusta genesis da moral religiosa, qual a que defluiu, refrigerante, fecunda, e tão docemente como limpha celestial e pura, dos labios immaculados e amoraveis do philosopho da Judéa. Quem são elles?

São os padres catholicos; são os que se dizem commettidos da missão privilegiativa e sublime de mediadores entre a creatura e o Creator! E aos olhos do Pater-creator, que instituiu a lei suprema do *crececi e multiplicai*, lei que foi consagrada e completada, na sua verdadeira e mais elevada accepção, pelo Filho, feito homem, na formula simples e imperativa do—«amai ao vosso proximo, amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos» ;



certamente, aos olhos do Pater-creator e do Filho, esses que arrogam-se o privilegio de dirigir em seus nomes as almas, não caminham direito em seus deveres ao fim pre-annunciado; não preenchem a missão ideal que receberam, desde que por intenções, palavras e factos se nos mostram à luz meridiana os operarios esforçados de uma obra de desamor e injustiça, que visa, em seus immediatos effeitos, o afrouxamento dos laços, ou, antes, a desaggregação das moleculas que fazem a vida material e moral e a perpetuidade da especie, visto como outra coisa não é a conducta do clero catholico, desmentindo aquella lei fundamental, e contrariando o salutarissimo principio do—«dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus».

Onde a missão sublime de cordura e paz, de justiça, amor e sacrificio, a unica natural e comprehensivel no clero catholico, a partir da sua mais alta dignidade hierarchica, o papa, até o mais humilde presbytero, desde que ultrapassam seus representantes os arraiaes de Deus e penetram subterfugiosa e intusamente nos dominios de Cesar, não por amor ás coisas de Deus, senão por egoismo, maldade e insubmissão e, sobretudo, por apego a interesses terrenos ?

Na recente, emociante guerra da Grecia com a Turquia, lucta que vibrou e repercutiu fundo na alma dos povos latinos, e até saxonios, do velho e novo mundos, por que ella foi menos, em verdade, uma prelio ferido por interesses internacionaes em jogo entre os dois paizes, do que a explosão sangrenta do odio irrepresavel de raça e religião ; qual foi a conducta do Vaticano deante esse conflicto e as anteriores hecatombes, repetidas, dos christãos do Oriente ?

Antes de rebentar a guerra, muito tempo havia já, n'aquella parte execrada do universo periclitavam os interesses da religião christian e com elles eram trucidados, n'uma carnagem cannibalesca, milhares e milhares de filhos das doutrinas do divino salvador de Magdalena. Uma palavra do Vaticano não retumbou no orbe catholico, ao menos que eu tenha ouvido, movendo os espiritos a uma tão sympathica, humanitaria cruzada,



qual a de serem, sob a pressão da christandade occiden-
tal, impellidas as grandes potencias européas a agirem
de modo que a guerra fosse evitada e, em tempo, cer-
ceadas as garras rapaces e homicidas do repellente monstro
ottomano.

Quedou-se, porem, sua santidade em beatifico silencio
para accordar mais tarde, só, com o echo longinquo
dos canhões hispano-americanos, jisto é, quando se lhe
afigurou ver bloqueado o *christianissimo* Escurial. E, ainda
nessa emergencia, falhou ou, antes, foi invertida a sua
missão de paz. Ao que se deduz dos factos ultteriores,
parece que foi palliativa, platonica mesmo, a intervenção
do Vaticano, visto que, de decivo, de humano e
conciliador, sabe-se bem que houve o facto significa-
tivo de desinteresse e imparcialidade--de ter sua santida-
de, o papa, abençoado as armas hespanholas. nessa
guerra, para que, talvez assim, podessem levar com
os golpes vibrados e com o sangue que fizessem ver-
ter a conversão áquelles hereticos *yankees*.

São, pois, repito, os representantes dessa religião,
isto é, o clero catholico, quem mais ataca e malsina
entre nós a garantidora instituição do divorcio.

* * *

Quaes os motivos de ordem moral em que se
fundam os adversarios dessa instituição? E'o terceiro
e ultimo quesito do questionario a que venho respon-
dendo.

A moral, no ponto de vista social do casamento,
so o é, realmente, quando assenta em leis immutaveis
da natureza e de modo a corresponder praticamente,
em utilidade e proveito, á primacial funcção da espe-
cie--que é a sua propagação e aperfeiçoamento, no
sentido amplo e complexo do termo.

Visto que essa abstracção--a moral--só tem significação
concreta partindo da concepção de uma justa razão philo-
sophica erigida em principio regulador das relações hu-
manas exercitadas em sociedade, quando em consonancia
as leis fixas, inilludiveis da natureza com os motivos se-



cundarios da economia social ; conclue-se, no caso vertente, que o divorcio é o completivo moral do casamento, em sentido biologico, como, no sentido sociologico, preenche, como estatuto juridico, outra importante funcção moral, pela garantia que presta aos malaventurados da vida conjugal, facto de que deriva, em natural sequencia, os effeitos perversores, sensiveis no recinto do lar sobre a prole, e, extra-muros, sobre a sociedade, pelos con-sectarios da prostituição privada, da livre libertinagem e do concubinato ostensivo.

Disse completivo moral no *sentido biologico do casamento*, e quero tornar mais explicita a minha proposição. Preliminarmente, é preciso estabelecer—em que pese aos ferrenhos partidarios dos preconceitos e convenções sociaes, passados, presentes e vindouros—, que só comprehendendo significação intrinseca do vocabulo—moral, no ponto de vista em que pode ser tomado nesta questão, quando essa palavra exprime a verdade tangivel das manifestações multiformes da vida organica do animal humano, n'aquillo que teem de incoercivel, de insubstituivel e de inalienavel, de natural, em summa. Ahi, no conjuncto inteiriço de formas psycho-physicas, não deturpadas pelo elemento facticio e extranho da sociedade, está, distincto, o perfil plastico, extreme, da creatura ; e no modo de ser em que se exteriorisa o *eu*, desdobrando sua vitalidade em direcções diversas, tal como as raizes da arvore se extendem e dilatam em differentes sentidos dentro do mesmo raio, d'ahi é que se formam, colligem-se, conglobam-se e são naturalmente elaborados os elementos estaticos e fundamentaes da moral. Falsa e funesta theoria é a que, em moral, scinde o homem, reduzindo-o a uma dualidade individual, e estabelece tal principio, incongruente e absurdo, para abstrahir a natureza physica e poder deduzir elementos basicos, metaphysicos e ultra-humanos, de um ser ideal e incorporeo, para, sobre taes fundamentos, estatuir um codigo de preceitos e regras do conducta social. Certo, tão apparatuso quão fragil mechanismo, jamais em tempo algum resistiu e resistirá aos embates das correntes organicas do ente humano—como são os appetites e necessidades



vitaes de ordem physica e psychica, que consubstanciam o ser vivente.

A perpetuidade do vinculo conjugal é uma coisa absurda, por que está em perfeita desconnexão com palpitanes leis naturaes. A monogamia, que não se filia, tambem, de modo legitimo, áquellas leis, ao menos é mais explicavel, como uma concepção razoavel, de ordem economica, que obedece ao elevado pensamento de firmar severos deveres ao homem, no tocante á manutenção da mulher e da prole resultante das relações conjugaes com um só individuo.

E', portanto, mais comprehensivel, por ser consoante com as funcções mais nobres da especie.

A indissolubilidade do casamento é quiz absolutamente não resiste á analyse feita com lucidez de espirito e isenção de animo.

Que moralidade pode—honesta e sinceramente falando—existir n'uma instituição que tende a amputar a creatura, no duplo sentido physio-psychologico, calcando sob a pressão brutal, desapiedada e inhumana de irrationaes comminação e anathema, a livre eclosão de sentimentos ingenitos, o exercicio legitimo de direitos que teem a sua mais alta consagração no aperfeiçoamento e conservação da especie? Pois que! Será ferindo as fontes vitaes dos interesses substantivos e essenciaes da especie que d'ahi manará esse *el-doirado*—a moralidade—, como, miraculosamente, sob a percussão da vara do predestinado chefe hebreu, jorrou limpida fonte da árida penedia do deserto? Não. Suppor e affirmar o contrario é incidir em erro, que a propria boa fé não dirime, boa fé que viria accentuar somente a falsa comprehensão, a idéa metaphysica sobre um facto positivo e fatalmente adstricto á ordem physica contingente, como seja o insurgimento da natureza humana, quando se a tenta refundir nos moldes creados pela mentira convencional da sociedade.

Contra isso, bem o sinto, levanta-se forte celeuma de protestos hostis no seio dos coripeus da orthodoxia catholica, por que convem-lhes affirmar e manter vivida a crença de que o casamento indissolúvel é um facto inatacavel, por ser de origem divina: dizem que é um dogma



indiscutível, acerca do qual nem mais palavra, visto que *magister dixit*. Não foi; quem disse foi o Pater-creator, por si e pelo verbo redemptor do Filho humanizado, e foi dest'arte que fel-o: « amaivos »; e com esta simples palavra traçou Deus irrevogavelmente a synthese completa do destino infugível, fatal da especie humana—amar; e não me parece que, à significação mais elastica e arbitraria desse verbo, possa coadunar-se logicamente, como corollario, o appendice da indissolubilidade matrimonial.

A divindade e indissolubilidade do casamento é obra dos concilios, obra de homens suspeitos, tanto mais porque, dando ao matrimonio esse character, nada mais faziam que trabalhar *pro domo sua*, forjando cadeias difficilmente rompiveis, para os crentes, com o fetiche da origem divina.

A união do homem e da mulher, sob a forma de casamento, jamais poderá ultrapassar a esphera temporal e, por tanto, não passa de mero contracto civil, em nada dependente da solemnidade religiosa para a sua mais perfeita legitimidade.

A dispensa da benção do sacerdote em algo poderá affectar o enlace matrimonial, uma vez que se effectua por mutuo accordo e affeição dos nubentes e em conformidade com a lei civil que regula esse contracto?

Claro é que não. E é um dos mais eminentes theologos do catholicismo, Pedro Lombardo, quem o affirma; e, pois, que valor poderá ter, a não ser o de puro convencionalismo religioso, ou como melhor nome haja—o sacramento matrimonial, o qual, segundo a opinião de Girardin, (que não reputo suspeito) « não passa de uma pretensão impia dos fabricantes de leis positivas, prophetas e legisladores a desfazerem as leis naturaes para refazerem o genero humano sob o nome de sociedade »? Considerarei insuspeito, na materia, o juizo de Girardin, firmado no conceito a seu respeito externado por eminente escriptor, afirmando ter sido o illustre publicista francez um marido exemplar e extremoso.

E, abundando nas mesmas idéas de Girardiu, outro.



seu não menos conspicuo compatriota, creio que Target, um dos redactores do Codigo Civil francez, assim se exprime em relação ao casamento: "Onde quer que a sociedade encontrar um homem vivendo com uma mulher, deve reconhecer um consorcio apto para dar aos filhos o direito de legitimidade."

Objectar-me-ão talvez que isso são idéas do gentilismo, do polytheismo e do mais que aprouver ao espirito industriosamente obcecado e intolerante do clero catholico. Não, senhores padres catholicos, attendei. Em qualquer seita, em qualquer credo religioso tem o homem o poder de ser livre, de ser moral e de ser bom, sincero e heroicamente virtuoso. E as sociedades pagans d'isto nos offerecem copiosos exemplos, quer se trate da virtude conjugal realçada em lances de heroismo, quer se trate da fé religiosa, quer se trate de virtudes civicas levadas á mais alta expressão de nobreza. E no que se refere particularmente á comprehensão dos deveres matrimoniaes, os povos barbaros e pagãos, como os samnitas, estatuindo o divorcio como garantia dos direitos da mulher, principalmente; como os romanos, só raramente utilisando se desse direito, durante um longo estadio historico, comprovam indestructivelmente o meu asserto.

Porque, si na Roma pagan houve Messalinas, Julias e Octavias muitas, tambem alli luziu, com fulgor deslumbrante e inexcedivel, a vir ude formosissima das Sulpicias, das Calpurnias, das Cornelias e de tantas outras, para as quaes o amor, a honra e a honestidade mereceram o mesmo culto immaculado das Vestaes.

Ora, visto que é racional e positivo o poder o conteúdo exceder o continente, a parte sacrificar o todo nem o accessorio antepor-se ao essencial, claro é que as falhas e limites das coisas contingentes não comportam regras absolutas, nem leis intransgressiveis, quaes as que regem os mundos, a natureza—absoluto unico que se conhece, na ordem das coisas visiveis e palpaveis. Partindo desse principio immutavel, acceto pelo mais elementar senso commum, chega-se, em natural corrente logica, á seguinte conclusão: ao homem, coisa defectivel e contingente, não se pode impor leis



fixas e perpetuas que transcendem á sua natureza e com ella estão em diametral antagonismo. E que me demonstrem ser a indissolubilidade do vinculo conjugal coisa diversa de um facto de caracter permanente, invariavel, coactivo, e não ser incongruente, incoadunavel com as variabilidades, limites, mutações, exigencias e necessidades fataes inherentes á creatura humana. D'ahi o absurdo, o clamoroso absurdo que inquina o casamento irrompivel, que não é moral, por não ser humano, porque sobreexcede á esphera de força e virtude da organização do homem, fazendo-o, desalentado, na impotencia de escalar legitimamente ante a sociedade as muralhas desse circulo de ferro, tombar, allucinado e pervertido, na rampa escorregadia que conduz da hypocrisia aos departamentos sordidos do vicio, á noite eterna da loucura e ás tenebrosas viellas do crime. E si aos srs. padres romanos e aos adversarios da dissolução conjugal parecem estas e outras razões pouco philosophicas e menos concludentes a favor do divorcio, si são pouco expressivas da verdade, é convinavel e opportuno encaminhar-lhes a attenção para este sò facto: Poude acaso, em todos os tempos e entre todos os povos, o rigor barbarico das leis adrede estabelecidas para punição do adulterio obviar essa claudicação da fidelidade jurada ao thálamo? E, a mulher que este dever postergava, não tinha a previa certeza da inexhorabilidade punidora das leis e da execração publica a mais cruel? Por que incidiam e reincidiam, e continuaram a delinquir em todas as epochas e estadios attingidos pela civilisação, a despeito da ferrea manopla da comminação legal e do anathema social, porque? Simplesmente porque a verdade natural não pode ser obliterada nem illudida pelos artificios da convenção; simplesmente porque as ineluctaveis necessidades organicas do animal humano não se refrigeram nem satisfazem-se com o alimento elaborado nessa retorta de preconceitos em que foi fundido o codigo da moral theologica e social; finalmente, porque, notai bem, (e não o sabeis?) a fidelidade conjugal absoluta, não sendo qualidade da nossa natureza, não corresponde, em rigor, a uma necessidade physiologica do amor



propriamente dito. O egoismo do homem, e s o egoismo, foi que, para seu gozo exclusivo, exigiu-a e criou-a em identidade de vistas, por interesses diferentes, com a intolerancia *abnegada* do catholicismo.

A fidelidade absoluta não corresponde a uma exigencia physiologica do amor, do mesmo modo que o ciume nem sempre é gerado por este sentimento, mas, em numerosos casos, é apenas uma das formas do egoismo ; é a vaidade, o desejo de dominar por completo alguém, de não ser inferior nem supplantavel. O homem, pois, na partilha desses direitos, figura de leão da fabula. Não comprehendendo nem pratica a inviolabilidade dos deveres da fidelidade conjugal. Sendo elle, porem, o depositario da força e do poder, a seu talante fez os costumes e elaborou as leis, lesando em seu proveito os direitos femininos, em pontos em que elle não trasige, nem perdôa.

A mulher, pela sua inferioridade natural, vive n'uma condição de eterna passividade, e até nas suas faltas e desvios mais graves e conscientes, não pode, com justiça, ser ella absoluta e rigorosamente imputavel. Procure-se em torno da mulher, quando baqueda na culpa, e achar-se-ão os indicios, as pegadas ou a sombra fugitiva do cumplice responsavel, do representante do masculino. Elle vai, sem remorsos, fazer côro com a grita dos cerberos da moralidade social ultrajada pela sua companheira de prazeres, victima de tal ou qual fatalidade, a quem, deshumana e covardemente, fere-se, macula se e dilacera-se sob os colmilhos ferinos da detracção, dos sarcasmos e dos mais aviltantes vituperios.

* * *

O crime, virtualmente, deriva da liberdade em cuja posse e gozo achava-se o delinquente. A responsabilidade implica correlativamente a liberdade moral e material do culpado. São direitos que se correspondem—o de punir e o de obrar livremente, um presuppõe o outro.

A mulher, pois, em seus delictos contra a honra e a honestidade--filha, pupilla ou esposa—carece de elementos essenciaes de responsabilidade moral para tornar-se, em



rigor de justiça e consciencia, passivel da sancção penal e do desprezo da sociedade.

Para attenuar essas e outras iniquidades, de que é victima, mormente, a parte fragil do genero humano, é que o divorcio, instituição humanitaria do mais subido alcance moral, è rec'amado e estatuido hodiernamente nas mais cultas sociedades.

Seja elle restricto a um ou dois casos, qual o que figura em projecto no nosso codigo penal, ou seja amplo, como em alguns paizes, o divorcio vem, em qualquer das hypotheses, preencher no Brasil uma lacuna social que corresponde á medida juridica de incalculavel relevancia, de inestimaveis resultados ; já como antemural, a mais effcaz, para estorvar as correntes perniciosas da prostituição clandestina, já para estabelecer garantias salvadoras aos casaes malaventurados que aneiam, como o sedento viajor dos desertos, por esse oasis bemdito, refrigerante, celeste, que lhes humanize e lenifique a alma batida e crestada pelas lufadas de fogo do infortunio conjugal.

E porque aspiro com os mais vehementes anhelos de minha alma a maior elevação moral e mental de minha patria, é que formulo votos sinceros pe'o proximo advento desse estatuto juridico, que virá certamente collocar o Brasil a par dos povos onde a palavra «civilisação» já tem a expressão de uma verdade pratica.

PEDRO AVELINO.



MISERIA HUMANA

(A propósito de um crime)

*Os cães desenterraram ha dias
uma criança recém-nascida, tendo
ao pescoço uma fita que serviu para
asphyxial-a.*

(Noticia de um jornal)

Oh ! mundo encantador, tu és medonho !
F. Varella.

Scmiu se, ha muito o sol nos abysmos do Occaao.
Trevas por toda parte. Erra, tonto, ao acaso,
O Remorso, a buscar um algar onde se acoite.
Dormiu o dia inteiro, e, acordado, afinal,
Anda de seio em seio, a povoar a noite
Da loucura e da dor, da nevrose e do mal.
Quando o dia finou-se, elle riu, bocejando
E disse, vendo o sol que se ia occultando,
No sudario sem fim do poente sombrio :
Que martyrio cruel ! E' já tarde, faz frio
E eu tenho de vagar, eu procura do Crime.
Onde irei avivar a tragedia sublime
Que o homem representa, em face do planeta ?
Onde irei sacudir o pó de minha ruina,
A sombra de meu odio, infinito, sem meta,
Maior do que o mar borrascoso e ondeante,
Maior do que a noite, estrellada e divina ?
Onde irei embeber minha garra gigante ?

Isso disse e partiu naza fria do Vento,
Em procura do Crime, em busca do Tormento :
—Boas noites, irmãos. Vim pedir-vos aaylo.



Cae lá fora a geadá, a frieza do orvalho
 E não sei onde possa encontrar agasalho,
 Um albergue feliz, onde durma tranquillo....
 Sabels : lá, por ahí, casatiões já usados,
 Selos do meretriz, corações de soldados,
 De bandidos venaes, almas que vertem pús
 Como o sol no zenith deixa cahir a luz :
 Em jortos, em cachões. Mas, vêde, estou cansado,
 Do commum terra a terra em que vivo isolado.
 Desejo ir habitar um parque não vulgar
 Onde existam, ainda, uns restos de luar,
 Onde as flores do mal venham brotando apenas,
 Como brotam no azul... as estrellas serenas.
 Quero um ninho subtil, luda quente de beijos,
 Onde possa cevar todos os meus desejos,
 Sem ouvir o clamor de maguas costumeiras,
 O soluço imbecil de ladrões e rameiras,
 Os sonhos do juiz que vendeu a justiça ;
 E o grito dos heroes que cahiram na liça
 Em prol de causas vis, como, agora, na Hespanha.

E o Crime respondeu, com placidez estranha :

—Remorso, afia a garra e busquemos um lar
 Onde more a virtude e, mais, os preconceitos :
 Seja ali, na mansão de algum nobre vulgar,
 D'esses que, no Brasil, são burguezes perfeitos.
 Vendo estás, no divan de salão magestoso
 Alguem que chora e ri, na volupia da dor ?
 Que semblante gentil ! que delicado torso
 Que gestos ideaes ! Tu não achas, Remorso ?
 Pois bem : aquillo é meu. E' tão covarde o Amor
 (Ainda bem tolo es, si admiras-te d'isto)
 Que entregou-me, a sorrir, esta pobre creança
 Este mimo gracell, cheio de luz e esp'rança.
 Um Sileno qualquer, Judas que diz-se Christo,
 Dos que emprestam dinheiro a com por cento ao anno.
 Arrancou-lhe o pudor e deu-lhe o desengano.
 Agora, vê lá bem ! ella, a virgem de outr'ora,
 Prostituida já val suffocar o filho,
 Como alguem que da luz fosse extinguir o brilho,
 Como um anjo do mal que apunhalasse a aurora....
 Remorso, espera ahí, é preciso ajudal-a.

E o Crime desnudou se para ir ensinal-a.

Uma scena cruel, viu-se, então, n'esse instante :

A moça, já n'alcova, atirou-se a chorar
 No leito, onde, talvez, abhorrecera o amante
 Com o tedio do amor e a flamma do olhar.

A criança dormia... a sonhar... a sonhar....

Na santa inconsciencia ingenua da pureza,
 Branco lvrlo infantil, parecia sorrir,
 Qual si su'alma casta, a su'alma indefesa,



Chamasse alguém do ceu, que não queria vir.
 Rosa pulchra e mimosa! Alva bonina nua,
 Nascida no mysterio hediondo do peccado,
 Como o cygne incuidoso e leve que flutua
 Sobre as aguas fataes de um charco enlameado,
 Ella tão loira e branca, ella tão santa e pura,
 Dormia, reclinada, inerme, sobre a lava
 De um coração de mãe que o Crime avassalava,
 Fez um gesto, accordou. Tinha sede, pediu
 No vagido da dor, o que pede um menino:
 O calor maternal de um affago divino,
 O orvalho de um collo, onde a paixão fulgiu.
 A misera estendeu-lhe, em gesto indifferente,
 O seio purpurino e o anjinho, que sorte!
 Poz-se a chupar-lhe o sangue impetuoso e quente,
 D'onde a vida jorrava e ao mesmo tempo a morte.
 Dissc-lhe, então, o Crime em voz baixa, á surdina:
 —Que grande estupidez, esta de ter um filho
 Sem as formas legaes do santo sacramento!
 E' preciso seguir o costumado trillic;
 Da natureza a lei não vale um juramento.
 Não ignoras, demais, que a nossa sociedade
 Gosta da Hypocrisia e adora o sambenito,
 Que a propria virtude é somente vaidade,
 E que o homem sem ouro é um paria maldito.
 Toma, por conseguinte, um conselho prudente;
 Na lama do quintal enterra o pequerrucho,
 Que não passa, afinal, de um objecto de luxo,
 Para quem, como tu, deve ser innocente
 Si souberem que és mãe, sem a benção do rito,
 Podes, quanto quizer, a pureza incensar:
 Nunca mais passarás de um aujo proscripto,
 Satanaz que manchou a pureza do lar!

Mas, soluças? Porque? Ai! são cousas do instincto,
 Que nem sempre contem a precisa fereza;
 Hoje as leis em vigo: (repara... vê si mintu)
 São as leis da Razão e não da Natureza.
 Affugas o teu filho? Isto é muito usual,
 Mas vala-te commover e a piedade é um mal...
 Honradez n'este caso? Ella é só permitida
 Aos que nascem no lodo, aos que vivem na lida,
 Do trabalho plebeu, sem futuro, sem norte...
 Mas esses são tão vis que receiam a morte
 Do filho que nasceu sem licença da Igreja,
 Pobre gente infeliz que a fortuna não beija!
 Vamos! estende a mão! O mundo assim o quer.
 Nem é só dar á luz a missão da mulher...
 Depois, quem disse a ti, ó murcha flor sem haste!
 Que não podes dispor do verine que geraste?
 Olha: não és nenhum fero dragão do Marne:
 Nem tu matas ninguem; feres a tua carne!



Emquanto, brutalmente, o Crime assim falava,
A desditosa moça o filho aspbvxiava.

E, perto sobre o altar, um Christo, moribundo,
Olhava, ensanguentado, este drama de pranto :
Seu olhar era triste e resumia um mundo
De lagrimas e dor, de coleras e espanto..
O' genio primitivo ! ó grande solitario
Das montanhas azues da velha Galiléa,
Pensador ideal, combatente da Idéa,
Que de sangue orvalhasto o cimo do Calvario ;
Espirito viril, cujo sonho infinito
Era um paillo a guardar a hostia da bondade ;
Alma da côr do azul estrellado e bemdito,
Cuja crença deu sol a toda humanidade,
Cuja vida ó um ceo sobre um antro maldito...
Quantas vezes, ó pobre exilado do amor/
Eu tenho perguntado aos alvacentos montes,
A's ondas do oceano, ao profundo clamor
Dos vagalhões, no mar, ao sol, nos horizontes,
De que serviu a cruz, em cujos hombros vejo
N'um nimbus cor de rosa, o teu semblante lasso,
Na convulsão extrema, inda mandando um beijo,
Aos que riem de ti : um derradeiro abraço /
Quantas vezes, ó Christo, eu indago do vento
Aonde paíra a fê, aonde mora a crença,
A fê, que nos legaste, em lugubre tormento,
Já no pego sem fim da eterna noite immensa ?

Olho o mundo com tejo, e, encarando o Universo :
Vale a pena, senhor, morrer por esta raça
Que traz no coração o remorso, a desgraça
E que os filhos engeita ?—eu pergunto n'um verso.

Si tu és, na verdade, o Deus das Escripturas,
E, si alem d'esta vida existe o Paraiso,
A fulgir na planicie extensa das alturas,
Formoso como o Bem, doce como o sorriso...
Tem compaixão, Senhor, não de mim, nem do pobre
Que só tem por abrigo o ceo, que a todos cobre ;
Nem da lóira creança, esfarrapada e nua,
Soluçando, faminta, á fria luz da lua ;
Mas da lama felis—dos senhores da terra
Que contem tanto lodo e tanta infamia encerra,
Dos astros ao fulgor na vastidão etherea ;
Do misero avarento, em cujo eburneo cofre
Em oiro vae mudar-se o pranto de quem soffre,
Em ouro vae tornar-se o grito da miseria ;
Do rei perverso ou máo—phantasma velho ou novo
Cujo manto real ó mortalha de um povo ;—
Do sophista veual que estrangula a virtude
Com o dolo da lei, quando funesta e rude ;



Do hypocrita sem fé que conspura os altares,
Do torpe don Juan que prostitue os lares...
Deixa cahir, enfim, tua benção divina
A voz de teu perdão, cheia de sol e brilhos,
Sobre a alma cruel, sobre a mão assassina...

Sobre o seio das mães, que asphyxiam os filhos !

H. CASTRICIANO.



Notas Scientificas

Liquefação do hydrogênio e do helium.--Longevidade dos grãos.--A margarina.---As aranhas e o telegrapho.---O formolador.

A liquefação do hydrogênio e do helium passou do dominio da especulação theorica para o terreno da realidade pratica, devido sobre tudo às ultimas experiencias de Mr. James Dewar.

O problema não era novo. Ha annos Olszewski, habil physico de Cracovia, tinha feito algumas experiencias sobre a liquefação do hydrogênio. O helium, porem, submittido ao mesmo processo, não deixara ver o menor traço de liquefação.

Mr. James Dewar foi mais feliz e, applicando o processo de expansão continua que se effectua nos aparelhos industriaes de Linde para a liquefação do ar, viu correr o hydrogênio e liquefez o helium.

O successo dessa experiencia é de incalculavel alcance scientifico: mudou completamente as noções que possuíamos do emprego do ar liquido como agente frigorifico e permittiu levar mais longe as investigações. e enriquecer a sciencia com factos novos, cuja natureza ainda não é facil prever.

Mr. Dewar realizou a sua experiencia, encerrando n'um recipiente o hydrogênio comprimido a 200 atmosferas. O gaz, depois do correr em duas serpentinas, uma circulada de acido carbonico solido bem empilhado,



outra mergulhada n'um vaso de ar liquido sobre o qual fez-se o vacuo parcial de modo a baixar a temperatura a 205 grãos abaixo de zero, passou a outra serpentina onde produziu-se a expansão. Logo que o gaz chegou a esta ultima serpentina, resfriou, e no fim de alguns minutos, cahiu em gottas no fundo do vaso.

Essa primeira experiencia feita por Mr. Dewar, a 10 de Maio ultimo, deu, em 5 minutos, 20 centimetros cubicos de hydrogenio liquido.

Antes de ser exposto ao ar, o hydrogenio é absolutamente transparente. Mas, emquanto se evapora, forma-se na massa uma nuvem branca que cae no fundo da proveta. Esse deposito é o ar solido que ficou sò, ao evaporar-se o hydrogenio. Liquefaz-se a seu turno e desaparece afinal pela evaporação.

Todos esses phenomenos são por demais interessantes.

Já a ebulição do hydrogenio sob a pressão atmospherica havia fornecido as mais baixas temperaturas que se podem sentir durante alguns instantes. Desceu-se ainda, fazendo o vacuo sobre o hydrogenio liquido e attingiu-se, como para o acido carbonico, o ethylenio, o ar, o limite intransponivel imposto cada vez pelas propriedades thermodynamicas do corpo sobre o qual se operava.

Para descer ainda mais, era preciso possuir um gaz mais volatil que o hydrogenio. O helium está nesse caso; porem a sua grande raridade, provavelmente não permittirá empregal-o em experiencias seguidas na produção dos grandes frios.

Si o recente successo de Mr. Dewar deve ser saudado com o entusiasmo que desperta todo progresso, faz-nos uma certa melancolia a idéa de que chegámos nos extremos limites da possança humana n'um problema do mais palpitante interesse scientifico.

Tem-se observado que, quando se revolvem certos terrenos, apparecem plantas novas, desconhecidas até, o que sò se pode explicar pela germinação de grãos que



ha muitos annos, ha seculos e millenios talvez, estavam sepultados nas entranhas da terra.

Scientificamente é isso perfeitamente explicavel, porque o phenomeno da germinação precisando do concurso dos tres elementos--agua, calor e ar--,desde que faltam esses elementos, o grão não germina, e si é dotado de certo poder de conservação, como por exemplo, o trigo, fica por muito tempo em estado de incubação.

Mr. Chatin assignala que, ao construir-se as fortificações de Paris, causou surpresa ver as terras escavadas cobrirem-se de uma vegetação que só se encontrava no sul da França. As excavações eram profundas, e forçoso foi concluir que os grãos haviam ficado soterrados desde seculos, quando a temperatura parisiense era a mesma que a temperatura actual do sul da França.

O facto mais interessante, porem, que se observou neste particular foi que, por occasião das excavações nos tumulos do antigo Egypto, nas terras revolidas germinaram grãos de trigo que alli tinham sido depositos ha mais de tres mil annos.

••

Muita gente fala e malsina a margarina, porem poucos conhecem a sua composição. É corrente, por exemplo, sempre que se trata de manteiga estrangeira, apresentar como um dos maiores inconvenientes a grande quantidade de margarina que entra em sua composição, quando é certo que essa combinação natural de acido margarico e glicerina que constitue em grande parte a porção concreta dos oleos graxos só se torna nociva quanto é de má qualidade.

N'uma recente discussão, na Sociedade de Chemicos Belgas, essa questão teve a maior actualidade e damos aqui a traços rapidos o processo de fabricação dessa substancia, que muito auxilia a industria quando é conscienciosamente manipulada.

Obtem-se a margarina batendo com leite, oleo de careço de algodão, de gergelim ou de ervilhaça, a parte liquida que se separa do sebo quando se o



leva ao fogo. A quantidade de substancia oleosa incorporada varia muito, conforme as estações. Assim no estio, é quasi supprimida, ao passo, que durante os grandes frios, a proporção attinge a 30 e 40'.

Essa addição dá á pasta da margarina, naturalmente muito quebradiça, a unctuosidade necessaria. As materias primas são então elevadas á temperatura de 45° nos reservatorios separados dispostos acima da batedeira onde acabam de misturar-se. A operação, que dura cerca de duas horas, deve ser vigiada com cuidado e suspensa logo que o todo tomar a apparencia de creme. Neste momento, uma bica de madeira leva-o a uma vasta cuba, na qual só deve cahir depois de ter encontrado um lençol d'agua gelada vinda de um aparelho frigorifico.

É esse o ponto delicado da manipulação.

É preciso, com effeito, para fabricar uma boa margarina, que o seu resfriamento não seja muito brusco e que a sua solidificação se opere sob a forma dos grumos do sôro.

Retira-se então dos recipientes a substancia graxa que sobrenada. Despeja-se-a em wagonetes perfurados rega-se-a depois com levaduras de manteigas finas para lhe dar um sabor agradavel o deixa-se-a es-correr durante algumas horas.

Vem em seguida o trabalho mecanico.

Malaxa-se a margarina sobre taboas.

O soro escapa-se, a pasta torna-se homogenea como a manteiga e uma machina de forma horisontal, formada de dois cylindros acanalados, estira-a. Corta-se-a então em pães de uma libra e procede-se a expedição.

Os fios das teias de aranhas são excellentes conductores da electricidade e d'ahi o cuidado que é sempre preciso ter na conservação dos postes telegraphicos completamente limpos do trabalho activo e constante desses minusculos arachinideos.



Na ultima guerra do Japão deu-se um facto interessante que forneceu mais uma vez a prova de que as grandes forças podem ser neutralizadas pelas pequenas cousas. Constatou-se que a expedição dos despachos telegraphicos não se effectuava em condições normaes. Havia um desperdicio de fluido, uma especie de fugida inexplicavel, de modo que ás vezes acontecia a corrente electrica perder-se completamente em trajectos pouco consideraveis. Construíram-se sobre esse facto as hypotheses mais bizarras e chegou-se mesmo a, sem resultado pratico, occupar-se militarmente uma certa extensão da linha, até que um engenheiro francez descobriu o enygma e verificou que as teias de aranha tecidas entre os fios telegraphicos, das quaes muitos fios communicavam com o solo, desviavam a corrente electrica em sua passagem, de modo que os despachos, em vez de chegarem a seu destino, perdiam-se na terra.

O engenheiro fez substituir por vassouras as espingardas dos soldados; mas a lucta continuou, porque, sendo as aranhas numerosissimas no Japão, os postes e fios telegraphicos eram envolvidos na trama das suas teias com a mesma facilidade com que se as destrua.

..

Formolador é o nome de um novo apparelho para desinfecção, recentemente construido.

As sabias e interessantes communicações ultimamente feitas no Congresso de Medicina e Hygiene de Madrid demonstraram, de uma vez por todas, que, si em materia de transmissão de molestias, o inimigo está no microbio, pode-se affirmar tambem que o remedio consiste na desinfecção.

Os hygienistas tendem hoje a substituir os antisepticos em estado liquido pelos gazosos, principalmente quando se trata do conjuncto de um aposento, porque o gaz, penetrando todas as partes, destroe mais facil e completamente os germens morbidos.



O formol,--solução aquosa de 40 ./. de aldehydo formico, ha muito reconhecido como o mais energico desinfectante, devia chamar especialmente a attenção do mundo sabio; mas era apresentado até agora no commercio sob a forma de um liquido incolor, de cheiro vivo, acre e picante, toxico, como a maior parte dos antisepticos.

O problema consistia em procurar o modo de transformação que tornasse o emprego do formol sem perigo, dum manejo facil, com resultados certos.

A companhia « Helios » construiu um aparelho que gazeifica o aldehydo formico, evaporisando pastilhas concentradas desse gaz.

O aparelho é de facil manejo, pode-se-o dispor sobre qualquer movel, de modo a esterilisar, n'uma certa medida, e desodorisar o ar dos aposentos carregado dos miasmas deleterios, sem causar cheiro prejudicai ou desagradavel.

M. D.



NOTAS E INFORMAÇÕES

Collaboração preciosa. O eminente jurista-philosopho brasileiro, cujo nome é o symbolo mais alto do valor mental alliado ao trabalho mais proveitoso, Dr. Clovis Bevilacqua, em carta dirigida a um dos nossos collegas, o Dr. Lamartine prometteu a sua valiosissima collaboração á nossa modesta Revista. Com verdadeiro desvanecimento damos aos nossos leitores o trecho da carta do respeitado mestre da Escola do Recife :

.....«Encontrei sobre a minha secretaria a *Revista do Rio Grande do Norte*, um bello repositorio de bons estudos, attestando o talento e a bõa vontade de um valoroso grupo de moços artistas e pensadores, grupo em que brilham, com fulgores de especial sympathia, as louçanias de um conhecido talento feminino. Li o seu eloquente artigo e o seu bonito discurso, este meu conhecido já pela audiçãõ que tivera d'elle na solemnidade da collaçãõ do grãõ de bacharel, faz um anno quasi ; li os escriptos e os versos de seus companheiros de redaçãõ, alguns meus conhecidos, como Thomaz Gomes, Siqueira, Castrictano, aquelles pessoalmente e este ultimo por leituras ; e alegrou-me sobremaneira reconhecer o gosto e a bõa orientaçãõ dos que ahi no Rio Grande do Norte se dedicam á cultura das lettras. Serã com prazer que me utilisarei do offerecimento que me faz para collaborar na *Revista*, logo que certas occupações mais urgentes o permittam. Aperto-lho a mão etc.

Clovis Bevilacqua.»



Juizo lisongeiro. Publicamos com satisfação os seguintes trechos de uma carta dirigida ao nosso collega Alberto Maranhão pelo distincto membro do Instituto Archeologico de Pernambuco, Snr. Alfredo de Carvalho.

O operoso escriptor pernambucano, agradecendo a nota bibliographica relativa á sua traducção da *Oinda Conquistada* do Padre Baers, diz :

«A sua noticia, da qual tirarei estimulos para novos trabalhos, despertou-me o desejo de conhecer os numeros anteriores da *Revista*. Acabo de terminar a sua leitura extremamente satisfeito ; n'elles se nos revelou a existencia, ahi em Natal, de um grupo de operosos investigadores das cousas patrias, aos quaes felicito pelo brilhante desempenho que têm dado á ingrata tarefa de manter uma publicação litteraria em um meio venão hostile, pelo menos indifferente ás preoccupações intellectuaes».....

Falando sobre os estudos e largas pesquisas especiaes que tem feito para a sua historia do jornalismo brasileiro, da qual já tem no prelo a parte relativa a Pernambuco, diz ainda :

«Conservo, porem, grande quantidade de notas sobre a imprensa dos outros estados e, caso concedam-me espaço para a sua publicação nos proximos numeros da *Revista*, terei prazer em organizar um *Catalogo chronologico dos jornaes do Rio Grande do Norte.*»

Agradecendo o offerecimento tão gentilmente feito d'essa valiosa collaboração, aceitamol-o com muito prazer, e esperamos com verdadeira sympathia e natural curiosidade o primeiro artigo do illustre pernambucano sobre assumpto que tão intimamente affecta-nos.

Revista Brasileira. Recebemos os tres fasciculos, relativos aos mezes de Maio, Junho e Julho ultimos, da *Revista Brasileira*, que continua com brillantismo e vigor a sua elevada missão civilisadora.

Sustentando alto e firme o prestigio das melhores



letras nacionaes, cultivando com vontade inquebrantavel e indefessa perseverança os mais diversos e mais altos ramos d'essas letras, a *Revista Brasileira* continua a prestar ao paiz o inapreciavel serviço que consiste em manter, infrangivel e insuperavel, a barreira opposta á invasão tremenda da litteratura de fancaria, d'essa litteratura barata e *apressada* que talvez é um dos mais lastimaveis fructos da nossa pretendida cultura mental e da de toda a raça latina.

Saudando com prazer a valente *Revista*, agradecemos penhorados a remessa d'aquelles exemplares.

União Academica. Recobemos tambem o 5.º fasciculo d'essa optima publicação redigida por uma commissão de moços alumnos das Escolas superiores da Capital Federal, brilhantemente secundados pela collaboração de distinctos professores das mesmas escolas.

Desde a divisa—*In fraternitatem spes*—que, tão significativa, adorna-lhe a capa, até o trabalho material que muito abona o progresso da arte typographica n'aquelle grande centro, tudo é sympathico e promettedor na joven revista, cuja visita muito agradecemos e retribuiremos com a nossa modesta publicação.





1898 - Setembro - 9

O ANTI-SEMITISMO FRANCEZ

E Aaron porá suas mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre elle confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel... e enviará o bode ao deserto pela mão de um varão aparelhado.

Levit. xvi, 21.

Assim ordenára o Senhor a Moysés para o resgate annual das grandes culpas do seu povo predilecto.

E, como o bode emissario levado ao meio do deserto sob as maldições de Israel, os descendentes do povo eleito, disseminados desde tantos seculos no meio de raças estranhas, carregam todo o peso de suas culpas, são o pretendido causador de todos os seus males, o bode emissario dos Aryanos, emfim.

Raça unica pelo vigor de sua constituição, pela grandeza do seu papel na historia, pelo prestigio universal da sua primitiva legislação, pela influencia de suas tradições, de seus costumes, de toda sua vida sobre tao grande parte da humanidade ; dispersa ha dezenove seculos, após aquella tremenda crise organica—o apparecimento do Christo—«abalo violento que exgottou toda a energia vital da communidade judia como corpo politico » (1); hospede no mundo inteiro, sem rei, sem patria e sem Messias, o povo, a quem labvé dictou leis, e hoje o responsavel por todas as iniquidades dos aryanos christãos.

(1) P. Lillienfeld—*Pathologie Sociale*, introduc.



Expulsos successivamente de todas as nações que enriqueceram com o seu trabalho, párias odiados por todas as raças e por todas as religiões que adoptaram os seus costumes ou os seus ritos, os filhos de Israel cumprem o destino temível que traçou a Ahasverus o Messias que desconhecera —: «Tu serás errante sobre a terra até que eu volte».

Dispersos, após a destruição do grande templo do Senhor, pelos exercitos vencedores de Tito, perdida a Arca santa de sua alliança com Iahvé, perseguidos como feras, através dos seculos, pelos sectarios d'Aquelle que pregou o amor aos proprios inimigos, exterminados pela espada do soldado, como pelo gladio da lei dos christãos, a Europa anti-semita de hoje não julga talvez ainda resgatada a culpa horrivel da cegueira que os fez matar o Messias que esperavam.

De todas as prodigiosas grandezas do tempo aureo do rei dos Cantares, bastantes para fazerem a admiração de uma princeza como a rainha de Sabá, com ser a visitante famosa pelo seu fausto oriental ; dos valorosos exercitos vencedores de Philisteus, de Moabitas e de Syrios ; do prestigio grandioso dos prophetas enviados para chamar o povo eleito ao caminho do Senhor, nada resta mais que párias perseguidos e dispersos pelos quatro cantos do mundo. Do reino glorioso de David e de Salomão, bem como da Troia antiga, *etiam periere ruinae*.

Só a esperança ficou-lhes em troca de tudo que perderam, a esperança sempre viva no cumprimento das prophcias, para elles ainda não realizadas, da vinda do Messias promettido.

*
*
*

O quadro vastissimo da Historia não apresenta-nos um espectaculo mais doloroso e pungente que o de uma nacionalidade, grande pelos seus feitos e pelo legado precioso de idéas que deixou á humanidade, solapada pouco a pouco pelo embate rude dos preconceitos se-rodios de religião e de raça, derruida irreparavelmente ao choque do interesse vil do ouro, ao peso da infamia



resultante da mais completa falta de escrupulos no tocante á moral social como á moral domestica, abandonada por todos os grandes ideaes humanos e vivendo os ultimos annos de uma existencia, outr'ora brilhante, mergulhada no lodaçal da especulação mais sordida, da corrupção de costumes mais desbragada, de par com um militarismo absurdo e soberano.

Foi, sob estes ultimos aspectos, o espectáculo dado ao mundo pelo imperio romano na epocha em que o throno imperial era posto em hasta publica pelos pretorianos avidos de riquezas e arrematado por quem mais ouro tivesse.

E' este o espectáculo que da aos coevos a França contemporanea com os seus costumes dissolutos, com o seu Panamá e o seu Boulanger, ha pouco, e agora mantendo, por servilismo ao exercito, um innocente no mais horrivel degredo e perseguindo os partidarios d'este innocente, que são os da justiça e da verdade, por preconceitos odiosos de raça, inteiramente e radicalmente incompativeis com a pretendida civilisação de que ella faz seu apanagio.

Dessorada a nacionalidade pelas causas multiplas que originam a indiscutivel decadencia de toda a raça latina; corrompidas as idéas fundamentaes do seculo pela obliteração do verdadeiro conceito do systema politico, pela progressiva eliminacão de certas normas de moral social, cuja preponderancia não podem impunemente negar; falsados os principios sobre que deveria respousar uma politica adiantada, porem honesta, pela má interpretação dos chamados immortaes principios da revolução de ha mais de um seculo, cujos verdadeiros fructos ainda não souberam colher; os Francezes, mais que qualquer outro povo, sentem-se, n'esta hora terrivel para a sua nacionalidade, no mais completo desassocego, na mais perfeita anarchia moral e mental, que os força a encarar as coisas mais vitaes do seu paiz sob um ponto de vista radicalmente falso, e a procurar as causas dos seus males onde ellas não podem achar-se.

Desprestigiadas as normas de certa moral politica, cuja importancia tem sido demolida pelas agulhoadas do ridiculo em que são especialistas, como verdadeiros



e representativos latinos ; e mais ainda pela escandalosa venalidade de muitos dos seus homens publicos, pela desenfreiada ambição de todos os especuladores, politicos ou financeiros, a quem não faltam incentivos na criminosa condescendencia ou na inqualificavel cumplicidade de muitos altos membros das classes dirigentes, elles esquecem ou fecham os olhos ás verdadeiras causas d'essa lastimavel decadencia e pretendem attribuil-a, antes puerilmente do que perversamente, a extranhos, a minorias, aos Judeus !

Foi assim que, passada a febre ridicula da *boulangismo*, aquella phase tão triste e degradante da sua historia politica, em que os mais baixos sentimentos foram explorados ao lado ou sob pretexto de transformação politica, todos quizeram reconhecer n'aquelle movimento a iniciativa e a acção dos Judeus.

Um simples e feliz intrigante politico, que foi, por algum tempo, o mimoso da fortuna... e de um grande numero de francezas, tão inconstantes quanto ella, passou á cathgoria de *invenção* de Judeus, criação de um syndicato israelita, e quejandas tolices.

N'aquella tremenda derrocada de capitães e de caracteres que foi o Panamá, grande parte das torpes especulações, dos enormes roubos praticados por altos personagens da administração da Companhia do Canal, de cumplicidade com politicos e jornalistas francezes não menos altos, foram attribuidos aos Israelitas, que ali entraram com os mesmos direitos e menos fome que os seus perseguidores arianos.

Os politicos, os especuladores e os jornalistas encheram as algibeiras com o fructo das economias laboriosamente feitas por mais de oitocentos mil accionistas do famoso canal, e os Judeus, verdadeiro bode emissario, carregam o peso todo das iniquidades que não commetteram !

*
*
*

A cegueira do anti-semitismo francez é de tal profundidade, acarreta consigo uma intransigencia tão sys-



tematica, que faz esquecer aos que pretendem ser mais imparciaes e independentes, mais puros e desinteressados, a noção da verosimilhança mais trivial nas ridiculas accusações que intentam contra os semitas.

Para esses paladinos do odio ao Judeu—e são hoje legião—todos os poderes da nação, todas as instituições e até as leis são influenciadas pelos Israelitas.

A propria magistratura, de que fazem tanto alarde, esse poder judiciario tão sabio e infallivel—quando deixa-se dominar pela grita dos energumenos da politica ou da imprensa, tem sido increpado de semitismo, toda vez que uma decisão, favoravel aos Judeus e fundada nos mais estrectos preceitos da Lei, foi dada por qual-quer dos seus tribunaes.

Em 1890 um dos paladinos menos suspeitos do anti-semitismo francez, o sr. Ed. Drumont, accusava o proprio governo da Republica de parcialidade, em favor de judeus contra christãos, nas decisões tomadas sobre as retumbantes fallencias de dois estabelecimentos de credito.

N'essa mesma occasião dizia-se que Rothschild era o Grande Juiz da França, como, nas eleições d'aquella epocha, fôra o Grande Eleitor!

Si a agiotagem, que não conhece differença de raças nem de religiões, porque todos atiram-se a ella com avidez de corvos famintos, faz subir o preço do trigo; si os capitaes empregados nas especulações bancarias das cidades auferem maiores lucros que os applicados à industria rural; si a aristocracia financeira de Paris esmaga com o luxo insolente e desmarcado a mediocridade, nem sempre honesta, dos gritadores; si, em summa, ha ricos e pobres, patrões opulentos e operarios miseraveis—o culpado, o causador d'essas differenças è o Judeu!

Si a França continúa a eriar milhares de *gogos* para comprarem, com as suas economias perseverantemente accumuladas, acções de caminhos de ferro phantasticos, de minas mythologicas, de empresas industriaes para exploração da lua, è o Judeu que lh'as impinge; si a imprensa è venal, e arvora a *chantage* descarada e cy-



nica em principio ordinario e recurso productivo de vida, é o Judeu que a compra.

Essa especie de mania caracteristica de grande parte da alma franceza contemporanea chegaria a ser profundamente ridicula si não fosse triste e lastimavel pelos effeitos que cada dia d'ella decorrem.

E' sabido quanto ridiculo teem chamado sobre si— porque convem salientar bem que, para nós Americanos, isentos de certos preconceitos anachronicos e incompativeis com a dignidade de uma civilisação livre, o ridiculo é a feição dominante de taes idéas e sentimentos—, é sabido o ridiculo a que expõem-se, em outros paizes da Europa, como a Allemanha e a Austria, os coripheus do anti-semitismo irracional e absurdo d'este fim de seculo.

Ninguem ignora, por exemplo, a campanha sustentada na capital austriaca, pelos partidarios d'essa descommunal tolice, para obterem, como, afinal, obtiveram, ainda ha bem pouco tempo, a sanção, duas vezes recusada, do Imperador, á escolha de um burgo-mestre especialmente anti-semita, e cujo mandato não foi o de prover ás necessidades da grande capital, mas perseguir, por todos os meios e modos, aos descendentes de Israel, em grande numero ali residentes, e contribuindo efficazmente, com a sua actividade e os seus capitães, para a admiravel prosperidade da orgulhosa princeza do Danubio.

E' muito conhecida a extensão da propaganda anti-semita na tão culta Allemanha para que seja necessario fazer-se-lhe especial referencia.

Bastará lembrar um facto altamente comico referido por Max Nordau em uma das suas preciosas correspondencias para jornaes brasileiros.

No anno de 1897 a colheita do trigo foi, por causas naturaes, pequena em todos paizes productores desse cereal. Em virtude da diminuição de quantidade, naturalmente tambem, pela lei elementarissima de economia politica, os preços subiram. Forçados pelas reclamações geraes, os governos tiveram de suspender temporariamente as medidas proteccionistas com que favorecem a agricultura europeia, e, como consequencia, os trigos da America, cuja



produção fôra abundante, começaram a entrar nos mercados allemães, sabendo-se logo que o maior exportador americano d'aquelle producto era um Leister, de Chicago.

Pois bem: os anti-semitas allemães, que vêem judeus a cada canto, tendo descoberto que o homem chamava-se Levi Joseph, nomes israelitas, concluíram, com formidável prespicacia, que era judeu, que havia syndicato judeu para monopolio do trigo, que os Judeus queriam aproveitar-se da carestia para exterminal-os pela fome, e outros disparates que os fizeram ficar com uma phisionomia facil de imaginar, quando souberam, apòs minuciosas informações, cujo resultado lhes foi transmittido pelo telegrapho, que Levi Joseph Leister era aryano de raça pura... e tinha trigo para vender, quando os agrarios anti-semitas allemães estavam com os seus celleiros vazios.

Esse factó comico, no qual o sabio allemão vê o effeito de uma lei psychologica--que «todos os homens tomam por inimigos os que differem d'elles em apparencia exterior e costumes»--dá a medida da importancia e seriedade dos fundamentos do anti-semitismo.

*
* *

Mas levar ao extremo essa já de si exorbitante e absurda guerra ao semita, fazer sahirem de tal oppozição, absolutamente inaceitavel no seio da civilisação contemporanea, as rrais lamentaveis e inesperadas consequencias, cohrindo-se de ridiculo sempre e, agora, do maximo opprobrio, só á França coube.

Esse caracter ardente e irreflectido que, com a maxima facilidade, leva a excessos as idéas grandes, como os sentimentos mesquinhos, jamais patenteou-se tão clara e indiscutivelmente como n'este momento.

Com uma cegueira indigna de homens civilizados, a parcialidade e a leviandade francezas atiram a judeus a culpa de faltas que são consequencias necessarias, fructos naturaes do seu caracter degenerando, da corrupção politica, da sua degenerescencia, emfim.

No tocante ao regimen economico accusam os ju-



deus de todas as especulações dos grandes syndicatos, tantas vezes prejudicaes, que os aryanos organizam devorados pela séde do ouro. Entretanto, nos Estados Unidos, por exemplo, onde não teem tanta força as ideias preconcebidas, a ninguem lembrou ainda attribuir os *trusts*, que infestam o seu regimen economico, a semitas ou a negros.

Sob o ponto de vista, muito mais elevado, da administração da justiça, vemos, como ficou dito, escriptores bastante carecidos de escrupulo e de bom senso para acoimar a magistratura franceza de parcial, quando não de vendida aos Judeus.

Themis, quando tem de julgar questões em que Israelitas são parte, « pede emprestada ao amor a venda tradicional, » diz o sr. Eduardo Drumont (2) e espera complacientemente que elles arranjem tudo como lhes convem; julga contra christãos um feito que, pouco depois, em condições idênticas, sendo judeus parte, decide a favor d'estes. . . .

No mecanismo politico todas as molas, todas as engrenagens são accionadas, ao ver d'esses escriptores « sem espirito de partido e sem declamação vã, » pela força judia.

A immoralidade do systema eleitoral fundado sobre o suffragio directo das massas, do qual sai vencedor, noventa e nove vezes sobre cem, o que dispõe de dinheiro e do poder--e não ha mais eloquentes exemplos do que os apresentados pelo parlamento francez,--é imputada á influencia israelita, o que implicaria inevitavelmente a certeza de ser a grande maioria da França formada de judeus.

Em summa, só não consta ainda que seja a odiada raça a autora da *débâcle* de 1870--nem, tambem, da proxima e definitiva derrocada que ameaça temerosamente a patria das liberdades. (3)

E' inutil lembrar, que está ainda sob a attenção de

(2) *Les Derniers Batailla*, Paris, 1890.

(3) O famoso negocio Wilson, que tanto amargurou o sr. J. Grevy teria tambem origem semitica!



todo o mundo, a obcecção inqualificavel de que o povo francez. em sua quasi totalidade, tem dado dolorosas provas na questão Dreyfus--Zola. Mas até n'esse demarcado exaggero vê-se um symptoma da versatilidade do caracter francez que, com o mesmo ardor empregado hoje em perseguir Dreyfus e em tentar o lynchamento de Zola. amanhañ leval-os-ha em charola pelas ruas de Paris, bem habituadas desde seculos a testemunhar as variações da rainha dos cataventos.

Em França toda a gente é um pouco de Tarascon, dizia Daudet ; e nunca esse apophtegma do espiuituosissimo francez poude ser mais claramente demonstrado do que pelo anti-semitismo de sua patria.

Amanhan elles porão Zola na cupola do Pantheon ou sobre o arco do Triumpho ; e não vem longe o dia em que, cançados de perseguir infantilmente os Judeus. elles pregarão aos quatro ventos a excellencia da raça, a necessidade inadiavel da reconstituição da patria israelista, já propagada pelos *sionistas* allemães e suissos, tanto mais quanto, no pensar de Renan, "não é impossivel que, fatigado das bancarotas repetidas do liberalismo, o mundo torne a ser ainda uma vez judeu e christão." (4)

N'esse tempo, os jornaes anti-semitas francezes de hoje, que houverem escapado ao desastre proximo, enviarão sollicitos á futura capital da Palestina reporters especiaes para saber quando nascerá o Messias...

ANTONIO DE SOUZA.

(4) Renan—*Histoire du Peuple d'Israel*.



CATALOGO DOS JORNAES

DO

RIO GRANDE DO NORTE

(1832—1898)

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

A imprensa jornalística norte-rio-grandense ainda não foi objecto de um estudo systematico : o que se ha feito é quasi nada. Apenas na *Relação dos jornaes que tem havido no Brasil desde 1808 até 1862*, inserta ás pp. 124—132, Tomo I, Parte 2.^a, da *Corographia Historica* do Dr. Mello Moraes, occorrem 4 periodicos do Rio Grande do Norte, e na lista de jornaes brasileiros, que vem no *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, de 1881, se acham descriptos 17 pertencentes ao periodo de 1832—77.

O catalogo, que hoje damos á luz, organizado com o possivel cuidado, comprehende os titulos e as datas de 166 jornaes apparecidos, de 1832 a 1898, em 8 localidades do Estado.

Não obstante lacunas e inexactidões inevitaveis, cremos poderá prestar algum serviço, sobretudo como arcabouço de trabalho mais amplo que, esperamos, não tardará em ser emprehendido na propria patria de Camarão. De grande numero das publicações mencionadas vimos specimens na preciosa collecção de jornaes brasileiros do sr. dr. João de Oliveira, a cujo cavalheirismo devemos a melhor parte das informações que nos guiaram na elaboração da nomenclatura seguinte.



I ASSU

1	O Assúense	1867—72
2	A Lanceta	1871
3	O Sertanejo	1873—74
4	Correio do Assú	1873—77
5	A Escova	1874
6	A Muleta	1874
7	O Verão	1875
8	O Trovador	1875
9	O Brado Conservador	1876—77
10	O Beija Flor	1877
11	O Lirio	1877
12	Jornal do Açú	1877—78
13	A Saudade	1881
14	A Abolição	1884
15	O Cacete	1885
16	O Trabalho	1887
17	O Pince-nez	1887—88
18	A Situação	1888
19	O Brado Federal	1890
20	O Republicano	1890
21	O Observador	1892
22	O Estudo	1896
23	Gazeta do Assú (Maio, 7)	1897
24	A Eschola	1897
25	A Semana	1898
26	O Livro	1898

II CEARA'-MIRIM

1	A Escola	1887
2	O Santelmo	1887
3	O Ensaio	1889
4	O Democrata	1889
5	O Municipio	1890—92
6	A Tribuna	1893
7	O Ceara-Mirim	1894
8	Echo Juvenil	1894

III MACAHYBA

1	Leão XIII (Nº. unico)	1893
---	-----------------------	------



IV MACAU

1	O Macauense	1886—89
2	A Buzina	1888
3	O Palhaço	1888
4	O Raio	1889

V MOSSORÓ

1	O Mossoróense	1872—76
2	Recreio Familiar	1876

VI NATAL

1	O Natalense (*)	1832—37
2	A Tesoura	1833
3	O Publicador Natalense	1848
4	O Sulista	1849—52
5	O Nortista	1849—50
6	O Brado Natalense	1849
7	O Clarim Natalense	1851—52
8	O Argos Natalense (Setembro, 7)	1851—52
9	O Constitucional Nortista	1851—52
10	O Jaguarary	1851
11	O Paladino	1851
12	O Camalião	1852
13	O Camponez	1852
14	A Careta	1852
15	O Curujão	1852
16	O Fagote	1852
17	O Jacarè	1852
18	O Jurupary	1852
19	A Matraca	1852
20	O Morcego	1852
21	O Mosquito	1852
22	A Rosa	1852
23	A Liberdade	1856—57
24	O Rio Grandense do Norte	1858—62
25	O Dous de Dezembro	1859—62
26	O Artilheiro	1860

(*) O n. 4 foi impresso no Maranhão; os ns. 5, 8 e 10 em Pernambuco, e o n. 6 no Ceará. Eram jornaes partidarios exclusivamente occupados com a politica local.



27	O Guarda Nacional	1860
28	A Lanterna	1860
29	O Beija-Flor	1861
30	O Estudante	1861
31	O Arrebol	1862
32	O Barbeiro	1862
33	Correio Natalense	1862—68
34	O Progressista	1862—65
35	O Rio Grandense	1866—67
36	O Liberal do Norte	1868—72
37	O Conservador	1869—81
38	O Constitucional	1872
39	A Luz	1873
40	O Liberal	1873—77
41	O Echo Miguelense	1874
42	O Alpha	1875
43	O Espirita	1875
44	O Iris	1875—76
45	Voz do Povo	1875
46	A Atalaia	1876
47	O Potengy	1876—77
48	O Coará Mirim	1877
49	A Roza	1877
50	A Situação	1877
51	Correio do Natal	1878—79
52	A Reforma	1879—81
53	O Alviçareiro	1880
54	A Ideia	1880
55	A Luz	1881
56	A Juventude	1882
57	A Mocidade	1882—83
58	A Aurora	1883
59	O Echo Juvenil	1883—84
60	O Gaiato	1883
61	A Gargalhada	1888
62	A Actualidade	1884
63	O Cri-eri	1884
64	A Liberdade	1885—86
65	O Pandego	1885
66	O Caradura	1886



67	O Albatroz	1887
68	O Cysne	1887
69	O Pigmeu	1887—88
70	Boletim da Libertadora Norte Rio Grandense	1888
71	O Cascabulho	1888
72	O Corisco	1888
73	Gazeta do Natal	1888—90
74	A Inspiração	1889
75	O Norte Rio Grandense	1889
76	O Periquito	1889
77	Primeiro de Março (N. unico)	1889
78	O Punhal	1889
79	A Republica	1889
80	O Tentamen	1889
81	O Porvir	1889
82	A Evolução	1890
83	A Mocidade	1890
84	Quinze de Novembro. (N. unico)	1890
85	O Rio Grande do Norte	1890—94
86	A Sentinella	1890
87	A Patria	1890
88	A Tribuna Juvenil	1890
89	O Vigia	1890
90	O Artista	1891
91	O Santelmo	1891—92
92	O Caixeiro	1892
93	O Colibri	1892
94	O Athleta	1893
95	Diario do Natal	1893
96	O Garoto	1893
97	O Pastor	1893
98	O Patrão	1893
99	O Estado	1894
100	O Monitor Postal	1895
101	O Oasis	1895
102	O Seculo	1895—97
103	A Bala	1896
104	O Echo	1896
105	O Fantoche	1896



106	O Futuro. (Abril, 1)	1896
107	O Jacobino	1896
108	A Onça	1896
109	O Peralta	1896
110	O Phonographo	1896
111	O Planeta	1896
112	Polyanthéa a Carlos Gomes	1896
113	A Tagarella	1896
114	O Trem	1896
115	O Eden (Setembro, 15)	1897
116	O Iris (Junho, 12)	1897—98
117	O Oito de Setembro	1897—98
118	O Recreio	1897
119	A Tribuna (Junho, 12)	1897--98
120	Revista do Rio Grande do Norte	1898
121	O Progresso	1898

VII S. JOSÉ DE MIPIRÚ

1	O Dia	1891
2	O Ensaio	1891
3	O Nortista.	1892

VIII SERIDO'

1	O Povo	1889 - -93.
---	--------	-------------

ALFREDO DE CARVALHO.
Pernambuco.



A OPINIÃO DE NORDAU

Um desfecho triste

A momentosa questão que se agita actualmente na França—a revisão do processo Dreyfus—proposta pelos elevados espiritos desses humanitarios cidadãos que não apoiaram com o silencio criminoso o monstruoso erro judiciario que condemnou o innocente official de infantaria, e entre os quaes destacam-se Emile Zola, Picquart, Scheurer-Kestner, Trameux, Clemenceau, Ives Guyot, Labori, Jaurès, mereceu já especial estudo nas paginas desta *Revista*, e os leitores estão mais ou menos inteirados dos precedentes dessa iniqua sentença que enorme responsabilidade envolve para o estado maior do exercito francez.

O presente artigo propõe-se, portanto, exclusivamente, dar a conhecer aos assignantes da *Revista* a opinião do eminente auctor dos *Paradoxos* e da *Degenerescencia*, sobre o caso Dreyfus, e, especialmente, uma hypothese grandemente triste que vem de suggerir-lhe ao espirito de *elite* a probabilidade da revisão do processo, agora incessantemente pedida ao governo da França pela imprensa e pela opinião publica, essa mesma opinião parisiense que, ainda bem ! acaba de reconhecer o seu erro em rebellar-se contra o genial e justiceiro auctor do *J'accuse*, para exigir a reparação do inqualificavel crime de lesa-humanidade, que pesa hoje ameaçadoramente sobre a honra do exercito da grande patria da Revolução.

E' sabido que a morte voluntaria do coronel Henry veio trazer uma grande luz áquella questão que já custara uma condemnação ao romancista do *Paris*, luz sob cujos raios esquadrinhadores o sr. Cavaignac, ministro



da guerra, pediu demissão, e o presidente Felix Faure vê-se prestes a abandonar o poder, por envolver para o governo uma dura afronta a revisão do processo exigida pela Justiça humana, que deve estar acima de governos. Na pessoa de Alfredo Dreyfus soffre a especie uma injustiça atroz, devida á hyprocrisia e á intolerancia.

Max Nordau, apreciando a proxima e provavel revisão do singular processo, affirma que sobre a innocencia de Dreyfus *ninguem na Europa tem a menor duvida, sinão a França*, e declara que a sua mente é presa actual de uma idéa que o persegue tenazmente, qual a da possibilidade de ser o infeliz deportado victima de uma loucura melancolica (porque sò um cerebro excepcionalmente forte poderia resistir sem abalo profundo á torturante vida do desgraçado francez na ilha do Diabo) e, consequentemente, (porque ha dez probabilidades contra uma) apresente o symptoma quasi invariavel nos lipemaniacos ou loucos melancolicos---as auto-accusações.

É uma hypothese essa, aventada pelo distincto philosopho allemão, que deve ser esperada pelos advogados de Dreyfus, caso a revisão se dê, como é inadiavelmente preciso.

Nordau evoca, para justificar o seu receio, alguns casos morbidos, sujeitos ao estudo da psychiatria, que plenamente convencem da possibilidade d'esse spectaculo desolador : Alfredo Dreyfus, perante o tribunal revisor, affirmando ser elle mesmo o criminoso, contra a evidencia da sua nenhuma responsabilidade eloquentemente provada pelos seus humanitarios e grandes defensores.

Entre outros exemplos d'esse symptoma das auto-accusações, frequentes na loucura melancolica, cita Nordau o de uma pobre mulher de um caixeiro viajante.

Era uma bella rapariga, muito pallida, fraca, de movimentos lentos e como automaticos ; olhos apugados, sob as lagrimas que corriam incessantemente, diz-nos o popularrissimo escriptor.

Essa infeliz, do quem o marido tinha um ciume extraordinario, era da mais irreprehensivel conducta conjugal.



O caixeiro, porem, nunca deixou de, ao voltar de suas viagens, indagar indiscretamente do procedimento de sua mulher, aborrecendo-a com perguntas pouco delicadas.

Um triste dia, aquella infeliz foi atacada da melancolia, justamente quando regressava o esposo de uma de suas costumadas viagens.

Ao fazer o ciumento, d'essa vez, a pergunta habitual á esposa, pergunta que consistia n'estas palavras invariaveis, logo depois do beijo :-- « Foste-me infiel ? diz-me, » a desgraçada cahiu de joelhos, soluçando, garantindo, com abundancia de detalhes vergonhosos, ter trahido infamemente o seu marido.

Este, cujo impteto foi atalhado pela intervenção de sua mãe, que jurou ser falso tudo o que dizia-lhe a desgraçada, chamou um medico que verificou tratar-se de um caso bem caracterisado de loucura melancolica.

A infeliz foi recolhida ao hospital parisiense de *Sainte Anne*, estabelecimento onde é praticado o curso de psychiatria da eschola de medicina.

Foi ahí que apresentaram a Max Nordau, que é um medico notavel, aquella lipemaniaca, de quem ouviu a repetição detalhada do phantasiado crime que a infeliz confessava chorosa, dizendo se indigna do perdão e admirada de ser tão bem tratada, ella, uma infame e infiel esposa.

Depois de tratar d'esse e de outros casos, o eminente auctor das *Mentiras Convencionaes* passa a figurar a triste hypothese de ser Dreyfus atacado da loucura melancolica, idéa que assaltou o espirito do philosopho quando, ao sahir do *Sainte Anne*, onde vira a misera esposa do caixeiro viajante, ouviu apregoarem os garotos *La Libre Parole*, o *Intransigeant*, e a *Croix*, que traziam em letras gordas o novo processo d' *Zola*.

E' uma descripção rapida, mas eloquente, a que faz Nordau da scena hypothetica e provavel de confessar Dreyfus um crime que não commetteu.

O illustre escriptor, que esperava fosse da Allemanha



que partissem as provas da innocencia do degradado e da criminalidade de Esterhazy, o que não se verificou por ter havido a providencial confissão de Henry, e do proprio criminoso, conforme as ultimas noticias ; o illustre escriptor, dizia eu, imagina o facto inesperado e estupefaciente da manifestação em Dreyfus do symptoma das auto-accusações :

Vae ser revisto o processo e a sala do tribunal, repleta, aguarda a palavra do accusado, a quem a multidão está prestes a victoriar, resgatando-se das injustas manifestações hostis ao seu eminente defensor, Emile Zola ;

Os advogados reem já explicado, pela imprensa, eloquentemente, as razões que patenteiam a innocencia do accusado ;

Os intolerantes chauvinistas e anti-semitas, clericos e militares, hypocritas e maus, esperam desalentados o veredictum dos jurados do *palais de justice*;

Vae ter logar o interrogatorio do réo e, de subito, um movimento de surpresa agita o auditorio. Dreyfus confessa ter sido um traidor, ter vendido a patria à Alemanha ;

Ha um sussurro de contentamento entre os inimigos do infeliz, que bradam, satisfeitos, ter sido o remorso a causa da confissão do réo ;

Os advogados, naturalmente, declaram louco o accusado e apontam casos semelhantes de auto-accusações.

A estupefacção do povo, porem, é geral e grande, e os pharisaicos perseguidores do infeliz bradam, possessos, que os defensores querem mystificar a opinião.

Pode este quadro deixar de nos fazer estremecer ? exclama Nordau.

Será horrivel, de facto, si assim quizer o Destino que resolva-se a questão palpitante e actual da innocencia do degradado official francez.

Está dentro do circulo das hypotheses explicaveis, esse desfecho ; e é justa a preocupação do illustre phi-



losopho que tão bem tem sabido estudar a humanidade, quando é certo que sò excepcionalmente poderá Dreyfus ter conservado intactas as suas faculdades mentaes ; que a loucura no seu caso serà provavelmente de character melancolico ; e que, si isso acontecer, é quasi infallivel que o desgraçado affirmará perante o Jury, contra a sua defesa e contrariamente ás provas e á verdade, que é elle o traidor, que merece o castigo, que pretendeu vender aos allemães a patria, sacrificando a defesa do territorio nacional.

ALBERTO MARANHÃO.



DREYFUS--ZOLA

Das columnas desta Revista, já tive occasião de escrever ácerca da grave e intrincada questão Dreyfus, apreciando em ligeira synthese, formulada sobre subsidios colhidos com o interesse sincero de bem informar os nossos leitores, esse clamoroso erro judiciario, a respeito do qual se ha pronunciado a opinião do mundo civilisado na imprensa jornalística, officiosa e neutra, pelos seus órgãos mais reputados e conspicuos.

Foi isso quando a intervenção do eminente escripter francez fazia incidir sobre a escuridade que entenebreceia as malhas diabolicas do celebre processo toda a luz de verdade, desvendando aos olhos da França e do mundo o horror da iniquidade commettida pelo mais alto tribunal militar de sua patria, em nome do patriotismo e da justiça.

Da reacção operada na opinião publica, intra e extra fronteiras francezas, pelo inolvidavel *J'accuse*—esse attestado eloquente de exemplar honradez e da mais acrisolada coragem moral de um homem do seculo—originou-se uma nova phase que trouxe aos espiritos, dos mais indifferentes ao caso até então, um interesse palpitante, e algo ancioso, em conhecer-se todas as peripecias do curso que tomava a questão, que agora abarcava em suas ramificações personagens nella desconhecidos e originariamente extranhos, cuja figuração nesse drama de lances indelevelmente tragicos impunha-se á expectação geral a mais attenta.

Atravéz o laconismo das noticias telegraphicas e das informações, mais ou menos pormenorizadas, transmitidas do velho mundo pelos correspondentes de jornaes de diversas procedencias, o espirito imparcial ia fazendo



o seu julgamento e a sua justiça subjectiva, firmando com segurança os seus juizos na uniformidade que, em resumo, verificava na opinião de todos que escreviam sobre o assumpto, e de que se apurava em definitiva, de um lado a innocencia de Alfredo Dreyfus, do outro a culpa dos Esterhazy e, no fundo, realçando n'um destaque nitido e sympathico, a coragem abnegada de Zola, como um symbolo da consciencia civilisada, empunhando a arma vingadora da Justiça e despedaçando o garrote inquisitorial em que o tribunal militar de França trucidava a innocencia, a honra e a vida de um homem de bem, e o nome impolluto de uma familia respeitavel.

O incidente judicial, que ainda perdura, determinado pela intervenção do grande romancista, intervenção que somente visava a revisão do processo, em virtude do qual o ex-capitão Dreyfus foi condemnado a desterro perpetuo n'um clima a cujas condições pathogenicas confiara-se o complemento da obra homicida e infamante da justiça franceza; esse incidente judicial, dizia, tem sido o foco luminoso e o apparelho reflector da impeccavel correcção moral de Zola, da ignominia e tropelias dos satanicos de Paty du Clam, das ignobéis veniagas internacionaes dos condes Esterhazy, da culpabilidade do estado maior francez, e da cumplicidade justamente arguida do ministerio da guerra, co-responsavel moral pelo endosso prestado no monstruoso erro, por mera transigencia com o clero e conveniencias do espirito de classe.

Os factos ulteriores confirmam indestructivelmente, primeiro : a innocencia, o patriotismo e a inatacavel conducta professional de Alfredo Dreyfus, evidenciando implicitamente as virtudes privadas do infeliz desterrado; segundo : a probidade civica illibada de Emile Zola, e o movel extreme de qualquer interesse de sua iniciativa, que outro não foi sinão o amor da justiça e a reabilitação dos foros da cultura moral de sua patria, compromettidos com o acto da condemnação d'aquelle desgraçado official.



Remontando a factos e peripecias occorridos durante o processo que condemnou Dreyfus, encontram-se os melhores e mais puros elementos para a formação de um juizo firme, estribado na logica mais natural e mais lucida de que nessa questão, não só praxes e consuetudinarias normas processuaes, mas o proprio direito de defesa foi ostensivamente extorquido e sacrificado; tudo foi torcido, postergado e posto a geito do julgamento condemnatorio.

Por muito respeitavel que se queira suppor, e que realmente seja, a honorabilidade do tribunal que julgou Dreyfus, e a consciencia profissional de seus membros, individualmente, é força confessar, todavia, que idéas preconcebidas, que tomaram o maior vulto e valor no curso da devassa, concomitantemente com outros elementos suggestivos que vieram á tona social, grassando com a intensidade perigosa de um morbus epidemico—qual o antagonismo e o rancor sectarios—perverteram e turbaram o senso e a calma judicativos da entidade julgadora, obsidiando-lhe a liberdade moral, obliterando-lhe a lucidez do espirito de analyse com a visão obsessora do—descredito do exercito, temor do anathema religioso e do sentimento patriotico, intransigentemente hostis a absolvição do infeliz martyr de Cayenna.

Está ahi, affirmando-o, a verdade dos factos passados em julgado.

A emocionante e apparatusa cerimonia da exauctoração, ou execução moral infligida pessoalmente ao misero capitão, foi levada a effeito com os maiores requintes de uma pragmatica implacavel, em que transluzia a volupia do odio pharisaico personificado na justiça, que engulfinhava-se a indefesa victima, convertendo-a no cevo appetecido de uma sanha hydrophobica inaudita.

Essa formalidade tão odiosa, tão inelemente, tão cobarde e deshumanamente se effectuou que mereceu da indole fria dos inglezes, isenta dos exaltamentos meridionaes, alem de outros, o seguinte commentario, por parte do sr. de Blowitz: «A cerimonia da degradação militar apresenta hoje em dia um spectaculo de aspecto barbaro, do qual nenhuma lição se pode colher. E' de plo-



ravel que se não pudesse, antes, pronunciar a pena de morte...

E o que transpirava, e o que se sabia então da criminalidade attribuida a Dreyfus, e que decidiu juridicamente da sua condemnação, respousava apenas n'um documento de contestados valor e authenticidade—o *border-reau*—conforme declarou o advogado Démange, ao abrir-se a audiencia. Essa declaração do advogado foi logo interrompida pelo presidente, e em seguida foi votado a porta fechada-- o "huis-clos"-- e o tribunal, sob o silencio e segurança do mysterio, decidiu a condemnação do innocente official a desterro perpetuo em inhospito presidio penal, e ao opprobio de indelevel ferrete, com que foi egualmente fulminada toda a sua familia, em linha ascendente, collateral e descendente.

* *
*

Facto de tamanha gravidade, conhecido em seus detalhes das nações cultas, era natural que provocasse contra a França todos os reparos e juizos com que a civilisação tem o dever e o direito de criticar, applaudindo ou condemnando, as acções sociaes, mormente as que dizem respeito aos inalienaveis interesses da humanidade; as que affectam os mais salutaes principios da moral collectiva, que toda repousa exclusivamente no culto religioso da Justiça, sem a qual teremos o mundo volvido ou chumbado ao periodo de barbarie, e as mais nobres conquistas do espirito reduzidas á significação sophistica e fallaz de meras entidades abstractas.

E dentro em seu seic, ao povo generoso que, em mais de um lance de sua vida historica, galgou o calvario de ingentes e augustos sacrificios por amor á grandeza e á liberdade humanas, a esse povo deparravam-se junto a si filhos da mesma linhagem civica dos immortaes obreiros de suas mais excelsas façanhas, os quaes sahiram á estacada da civilisação, enristaram armas, e feriram esse prelio homerico que admira ao mundo, reivindicando para a patria amada o patrimonio com-



mum da sua força, que é o producto cultural dos povos do occidente.

Taes heroes chamam-so Emile Zola, Scheurer--Kestner C. Richet, Piequart, Labori, Trarieux, Stapfer, Jaurès e tantos outros que honram a humanidade, defendendo a verdade e cultuando a Justiça nessa celebre questão.

* * *

Nunca um homem subiu mais alto do que quando, nos combates rudes da verdade, elle, sentindo as dores mais vivas do cruciáto da honra, mantem, sereno, a postura do luctador e, percorre, passo a passo, a via dolorosa desse augusto destino—desprendido, humano, som-branceiro, impessoal—tragando, alfim, o calix de amarguras acres, ou sendo immolado em infamante crucificação! Si tamanho sacrificio foi levado ao cabo no cimo de uma montanha da Judéa, a vista dos pretorianos de Cesar—esse homem excepcional foi Jesus, redimindo a humanidade; si teve execução n'uma praça de armas e n'um degredo penal, com todo o apparatus da força e por entre o ulular feroz das turbas contagiadas do odio e das allucinações collectivas—esse martyr è Dreyfus; si soffreu a execração e o ludibrio nas vias publicas e nos recintos sagrados dos tribunaes judiciarios, sob as vistas dos juizes e dos gendarmes e deante a civilisação espectante—esse heróe é E. Zola—archetypo moderno da honradez civica, restituindo a paz à consciencia franceza, integralizando-a na posse do espolio moral de suas glórias.

* * *

Nenhum laço de interesse de qualquer especie prendia e prende o eminente litterato francez ao infeliz A. Dreyfus.

A mais rigorosa syndicancia, feita nesse particular, veiu apenas pôr em evidencia que Zola não conhecia sequer o desgraçado ex-capitão, e que a espontaneidade voluntariosa de sua iniciativa foi um acto instinctivo,



filho dos impulsos da sua consciencia, uma vez feita em seu espirito clarividente a convicção da pavorosa iniquidade.

Concluiu Zola com exactidão mathematica a innocencia de Dreyfus, como uma consequencia logica e ineluctavel. que resaltava das premissas judicarias combinadas com a suspeição fundada que incidia insistente sobre a conducta actual e antecedentes profissionaes e privados de Esterhazy, a quem a perspicacia investigadora e inilludivel dos espiritos imparciaes indigitava passivel de justificadas desconfianças na questão.

Aquelle titular não se havia illibado ainda perante a opinião de accusações e suspeitas de antiga espionagem internacional que lhe era attribuida, conforme rezavam as tradições, ignominia que não transluzia a sabor das chronicas noticiosas da imprensa franceza, talvez por effeito de conveniencias officiaes da mais alta relevancia, por isso que o serviço de delação e informações fora prestado em favor de uma potência a quem, a todo transe, era mister tratar com os cuidados da mais meticulosa cortezania, e primores da pragmatica de uma diplomacia especial e captivante.

Isso comprehendeu e logo vislumbrou o genio do celebre escriptor. Os outros fios guiadores desse labyrintho urdido pelo genio artistico, malignamente feraz do commandante de Paty du Clam, esses elementos subsidiarios conseguiu-os Zola pelo prestigio de sua nomeada de escriptor universalmente conhecido

E' vercsimil e aceitavel a consecução desse extraordinario successo por intelligencia de tal quilate a serviço de um caracter dotado de admiraveis qualidades de acção e lucta.

Quem se der ao estudo da psychologia do auctor dos *Bougon-Macquart* através das paginas dessa obra de original valor litterario e social; quem acompanhal-o nos seus passos iniciaes pelo grande mundo das letras, e conhecer as luctas que sustentou, os odios e investidas que provocou, o caminho que seguiu consoante a directriz traçada pelo seu lucido espirito e cumprida por sua vontade de uma tempera immalleavel—certo achará



de facil explicação que o auctor da *Débâcle* com o mesmo punho escrevesse *J'accuse*.

Para traçar e dar a lume *J'accuse*, sem estar na posse moral e material dos elementos de uma resalva, fora mister admittir que o cerebro de excepcional vigor do laureado romancista tivesse sido obscurecido pelas sombras da insania.

A muitos se afigurou (e foi esta uma das mais innocentes versões) que Zola abalançou-se a tão arrojada tentativa movido apenas pelos caprichos de um grande orgulho e pela sua vaidade de escriptor.

Ninguem em França, até ha pouco, queria ver que alguem para subir tão alto, como Zola, era necessario, alem da grandeza moral do escopo, possuir alguma coisa de igual á envergadura do genio, sem cujo auxilio não chegaria de certo a sobre elevar-se á esphera rasteira, —o logar commumonde medram as vulgaridades.

O romancista francez possui essa superioridade, de que acaba de offerceer irrefragavel testemunho, provocando e sustentando uma lucta no theatro mais corrido e cosmopolita do universo civilizado, que constitue o seu publico, e assiste attento e interessado ao impressionante prelio em que se vê, de um lado um só homem, de enfiatura athletica--figura de heroe de epopèa--em cajo peito palpita o coração generoso de sua patria, e do outro, o espaço geographico necessario a conter os trinta e muitos milhões de creaturas de uma grande nação, contra quem bate-se aquelle hercules, vulgar no seu aspeito, mas, em verdade, moldado na materia plastica de que foram formados os mais assignalados vultos que a humanidade venera e admira.

E déste tão sabia e aspera licção, ó mestre, que jamais a olvidarão os vencidos e os presentes, que todos se transmudaram em applaudidores euthusiastas de tua coragem e pericia vencedoras.

Tentaria acompanhar no seu desdobramento chronologico alguns dos mais interessantes pontos da historia



do processo Dreyfus--Zola, ainda que de modo imperfeito, si tal assumpto pudesse adstringir-se aos limites de um artigo. Todavia, relevem os leitores da *Revista* as lacunas que notarem, em attenção á boa vontade com que lhes offereço ligeiras informações e fixo, nestas linhas, as minhas impressões em relação ao assumpto que tem atrahido a attenção dos povos mais cultos, porque nelle vêem um ultraje á civilisação, e tambem o ovulo latente de uma importante questão social, ou de uma possível lucta internacional das peiores consequencias.

*
* *

Não erra quem affirmar que hoje, extra-fronteiras da França, ninguém absolutamente acredita que movel menos digno tenha feito do auctor da *Débacle* o patrono espontaneo de Alfredo Dreyfus.

Tão infamante aleive, tão rasteira e baixa increpação só devia partir dos bandos tonsurados, açuladores hypocritas do odio contra os israelitas.

Zola, em 1866, já respondia ás investidas d'esses villões, no prefacio que escreveu á sua obra *Mes haines*, com os seguintes conceitos que bem caracterisam seu espirito superior: «O odio é santo. E' a indignação dos corações fortes e poderosos, o desdem militante dos que não supportam a mediocridade e a toleima. Odiar é amar, é sentir a alma quente e generosa, é viver largamente desprezando as coisas vergonhosas e estupidas.

O odio allivia, o odio faz justiça, o odio engrandece. Senti-me sempre mais firme, mais corajoso após cada uma das minhas revoltas contra a chateza do meu tempo. A altivez e o odio são meus hospedes. Aproveu-me isolar-me, e em meu isolamento odiar tudo quanto feria a altivez e a verdade etc.»

Veem de molde estas palavras de combate, frisantes da actual situação em que se depara o seu auctor, e como se fossem escriptas para dar a mais nitida expressão á assignalada phase que atravessa o espirito de E. Zola.

E o antigo empregado das docas alfandegarias de



Paris, a 60 francos por mez ; e o fazedor de pacotes da casa Hachette, assim como, vencendo impeços, conquistou o nome e a posição de um escriptor notavel, pelo poder indomavel de suas energias e pela força fecunda do talento, do mesmo modo elle soube, luctando contra a procella medonha de paixões desencadeiadas, tornar-se o salvador da civilisação dessa patria, alias de tão nobres cruzadas em favor da Justiça e do direito.

Devia ser assim, surgir de tal typo--enclausurado no seu isolamento para odiar tudo quanto viesse ferir a altivez e a verdade--o libertador da innocencia de um bom, de um honrado homem, tal como Alfredo Dreyfus.

Defrontados--a victima e o salvador--temos somnado : a mais invulneravel inteireza moral, a modestia, o patriotismo, a abnegação, a grandeza do espirito francez,-representando o legado intrinseco dos privilegiados evangelistas da Encyclopedia, symbolisando as restantes particulas miraculosas do pão eucharistico, em cuja communhão nutriu-se o genio latino para operar o bem social de que gosamos.

♦♦

Alfredo Dreyfus, quiçá, terá em breve de ser reintegrado no goso de sua liberdade e da honorabilidade de seu nome immaculado.

O coração francez hade verter ainda a lagrima do arrependimento de haver, em crise de funesto desvario, maculado de infamia a honra de uma nobre familia que tudo sacrifica ao amor dessa França que, só, madrasta descaroavel e fera se ha mostrado com filhos tão amantes.

A familia Dreyfus é uma das que mais se hão notabilisado pelo seu tradicional patriotismo entre os alsacianos-lorenos. E acaba de confirmal-o agora, mantendo-se fiel e dedicada á sua patria, a despeito das perseguições com que tem ella premiado o seu devotamento ; ferindo-a cruelmente e ulcerando-a n'alma, promovendo-lhe a deshonra, o banimento ; eliminando-lhe todos os membros dos cursos de ensino publico, assassinando-lhe



am dos mais distintos representantes com torturas inauditas, com processos indecorosos e cobardes.

E essa familia, custa crel-o ! descendente da nobre-raça perseguida pelos adoradores do clemente Jesus de Nazareth, padece, com o sublime estoicismo da matrona biblica--que lhe expulsem, que lhe flagellem os filhos, que os matem e degradem, a troco do sò direito de permanecer fiel á mãe commum, amando ahi o berço de seus filhos.

Que se avalie até onde chega o desvairamento do odio sectario, que exp'ode desse feitio do coração envenenado do clero francez.

No que respeita individualmente ao martyr da ilha do Diabo, as pesquisas mais rigorosamente esquadri-nhadoras liquidaram que em seu passado, na historia de sua vida, não foi encontrada uma prova, um vestigio duvidoso contra a sua probidade ; que a sua pagina de quinze annos de serviços podia ser vista e analysada ao *grand jour*, sem que a luz meridiana indicasse uma sò falta, maculando esse attestado de impeccavel conducta professional ; que a opulencia de seus recursos e de sua familia, as suas virtudes privadas, a sua aversão ao vicio e aos prazeres aventureiros, a modestia exemplar de seu viver, o seu grande apego ás alegrias e affeições domesticas abroquellavam-o contra qualquer suspeita de venalidade.

Fôra desse circulo de investigações---onde se podiam encontrar elementos para erigir a criminalidade de Dreytus, e para lançar a tisma da prostituição sobre o nome de um official que, antes, dava lustre e realce á classe a que pertencia ?

Esses motivos de uma só fonte podiam emanar. E o espirito que observar, sem interesses de partido e com a calma reflexiva e o desejo de ser justo, ha de descobrir qua a execravel campanha tramou-se nos escusos latibulos de campanario. Era a politica clerical ; era o odio de seita posto a serviço de uma questão nacional



que devia compellir a França a esse vergonhoso passo regressivo. Está ahí--foi o clero explorando o hystericismo patriótico dos exaltados, ao sabor da imprensa incendiária.

O desdobramento da segunda phase do processo Zola-Dreyfus é que fornece as mais robustas provas de uma evidencia irrecusavel, esmagadora, contra a influencia do anti-semitismo e do espirito clerical.

Sabido como è que o Sr. Cavaignac, que acaba de deixar a pasta da guerra, depois que o sr. Felix Faure resolveu a revisão do processo, fazia ostentação official de suas crenças religiosas e, pois, consequente confissão do seu odio aos judeus, não é extranhavel a sua declaração solemne, repetindo, ratificando declarações de seu antecessor, o sr. Bilot, de que--*ex vi de autos secretos existentes no ministerio, em consciencia, declarava Dreyfus culpado.*

Mas, pergunta-se, quaes são essas peças sobre cujo phantasiado valor affirmava a culpa de Dreyfus o sr. Cavaignac? Que secretos documentos são esses, sem sciencia dos quaes foi Dreyfus condemnado, violando-se os direitos da defesa e todas as regras judicarias? A isso só podia responder aquelle ministro com a opinião do Sr. Bilot, que elle perfilhava, apoiando-se em documentos que eram portadores das communicacões e das falsidades de Esterhazy e de Paty du Clam.

Ora, ainda assim, «nenhum accusado pode ser condemnado, preso ou detido, senão nos casos determinados na lei e segundo as formas que ella prescreveu (do art. VII das Declarações do direito do homem). E como sobre taes peças, sem effectivo valor probante, que não soffreram o escalpello do exame de authenticidade nem a luz da livre discussão, podia, baseado em tao fragil fundamento, o ministro francez arriscar a respeitabilidade do governo, fazendo-o subscrever a proposição affirmativa da culpa de Dreyfus, que emittia em nome desse governo ?

Não é muito que de um anti-semita confesso, de mais a mais (circumstancia digna de nota !) primo do com-



mandante de Paty du Clam, avente-se o juizo de parcialidade nessa questão. E mais. Quando na sessão da Camara dos deputados, de 12 de Julho, foi dirigida uma interpeção ao governo sobre a authenticidade dos alludidos documentos, o sr. Brisson, presidente do conselho, declarou que *o governo já se havia explicado a respeito, e que pedia o adiamento da interpeção para um mez mais tarde!* O sr. Cavaignac, secundando o sr. Brisson, na mesma occasião, declarou que *a Camara não devia acceitar, como o governo, que se sujeitasse á critica da discussão, todos os dias, as asseverações de homens que davam a sua opinião sem terem entre as mãos os elementos de apreciação, ou então a carta de um homem que affirmou que um documento que nunca vira, que confessou não ter visto, tinha os caracteres de um documento falso. E que, em taes condições, pedia á Camara para adiar a interpeção para um mez mais tarde.*

E, depois disso, foi effectivamente votado o adiamento da interpeção por 498 votos contra 24! factó que revoltou a opinião imparcial, arrancando de um jornal independente da metropole franceza a seguinte exclamação:

"Eis ahi, como os representantes do povo que demoliu a Bastilha, para que a Justiça fosse livre, entendem a Liberdade e a Justiça!"

O Coronel Picquart, um homem de bem e um dos ornamentos de sua classe, processado em Fevereiro deste anno, por motivos decorrentes da questão Dreyfus, foi submettido a conselho de investigação e punido depois com a reforma. E assim, na França, se têm infringido os mais elementares principios de justiça, em virtude dos quaes não podia ser aquelle conspícuo official processado *duas vezes* pelos mesmos motivos! Apuradas as coisas, verifica-se que Picquart, Lehois e outros foram processados por crime de opinião, isto é, por não acreditarem na culpa de Dreyfus!

**

Vence por fim a verdade, e todo o edificio architectado pelo genio demoníaco de Paty du Clam, de



pacto e intelligencia com os bandidos do jaez dos Esterhazy, desfaz-se em virtude dessa força mysteriosa e intangivel de justiça immanente na consciencia humana e nas coisas impessoaes, tal como o espirito de Deus palpita ignoto na face do universo.

O coronel Henry--uma victima--codendo ao peso infugivel do remorso, suicida-se, deixando a chave desse enigma terrivel que allucina de sombras espectraes a consciencia dos reprobos, e faz que as brizas gementes dos mares do norte levem para amplidão os ais e soluços nostalgicos expeditos pela alma danceada de um justo.

Aguardemos que a revisão do processo, já decidida, e que acaba de ser proposta pelo órgão competente á Corte de Cassação, venha restabelecer a verdade, reabilitando a innocencia de Dreyfus e a honra de Zola.

Em toda a evidencia á que se á acção então ver na do preclaro escriptor o mais bello padrão da cultura moral do seculo, e um documento historico attestando que a frangoa ardente da alma latina ainda pode accender-se e brilhar nos fulgores dos puros ideaes que reverberaram um dia na frente de Jesus, junto ao poço de Jacob, em face da peccadora de Samaria.

Promovendo o retorno de Dreyfus á França; exhumando-o d'aquelle tumulo insular, em que só as vozes doridas da natureza e os borrifos da onda marinha diziam-lhe a dor e o pranto d'alma dos filhos e esposa amados, ultrapassou Zola a benemerencia involvidavel da acção de Voltaire, defendendo Calas e illibando-o, após tres annos de condemnação e supplicio. A acção do eminente auctor de *Paris* alçou-o mais alto, transfigurando-o n'uma entidade thumaturgica, capaz de evocar á vida moral o precto de Cayenna, ha 4 annos envolto na mortalha de maldicção do lendario traidor de Gethsemani.

Volta Dreyfus, e com elle a revanche pacifica da Justiça vingando a civilisação. (*)

PEDRO AVELINO.

(*) Consta que Dreyfus já foi chamado para assistir a revisão do seu processo



CREPUSCULO

(Do poemeto inedito—Mãe.)

.....

Quiz, hoje, Branca visitar o Oceano,
Quiz, hoje, Branca visitar o Mar...
Na profundeza de eternal arcano
Vimol-o grande, magestoso, insano,
Sempre a gemer e sempre a soluçar.

Morria a tarde mergulhando o Oriente
Na tinta roxa do lilaz do Occaso.
Threnos subiam, dolorosamente...
A Natureza pelo espaço olente
Dos sons em busca fugiria acaso ?

Gritos de dôr, espasmos de agonia,
Preces desfeitas, beijos desvairados,
Tudo o que chora, quando morre o dia,
Vae esconder-se na mortalha fria
Que a noite cose para os desgraçados.

Tudo o que é grande, magestoso e bello,
Desperta, á noite, funda sensação :
Alma não ha que, emmoldurada em gelo,
Kia das ondas do Oceano, ao vel-o
Carpindo a tóa pela escuridão...

Até nos antros mudos da quebrada
Paira não sei que extranho desconforto,
E a creancinha loura, immaculada,
Como que sente, vagamente, o Nada
Descer nas azas do crespuc'lo morto.



Não sei que angustia pelo céu perpassa,
Não sei que pena para o céu se evola
Quando, na etherea e colorida taça,
Deus funde a sombra, negrejante e baça,
Prendendo o mar que se contorce e rola...

Ave, Maria ! Que saudade iminensa !
Ave, Maria ! Clama o sino ao longe...
Ajoelhemos na planície extensa,
O' minha Branca ! Pelo azul suspensa,
A nuvem reza como reza o monje !

Ave, Maria ! diz, fitando a choça,
A camponeza, sempre alegre e honesta...
Ave, Maria ! como è liuda a moça,
Como, formosa, pela espuma roça
A saia branca com que foi a festa !

Ave, Maria ! diz, no azul dos mares,
Sobre a jangada, o velho pescador.
E, ao longe, ao longe, procurando os lares,
A frente nua, descoberta, aos ares,
Ave, Maria ! reza o lenhador !

O Mar, sagrado pela unção da sombra,
Buscando um canto onde, a gemer, se acoite,
Choroso monge, cuja dôr assombra,
Levanta a lua na azulada alfombra,
E reza a missa vespéral da noite...

A paz de Deus, ó Mar ! seja contigo !
Seja contigo o anjo do Senhor !
Que as suas azas dêem luz e abrigo
A ti, aos ninhos, ao cardeiro antigo
Na gaze envolto de etheral pallor.

Por mais feliz que seja o seio, occulta
O amargo germen que produz o canto
D'essa saudade, onde a tristeza avulta,
D'essa agonia, cuja dor sepulta
O coração em desolado pranto...



Porque, tão cedo, despertou agora
No coração d'esta creança—a dôr ?
Chorava, sim ! mas como faz a aurora
Quando, entre risos, o seu pranto chora
Sobre a folhagem dos rosaes em flor !

Branca é um sonho de minh'alma. Trouxe
Nas azas de oiro, para a vida, maguas.
Hoje accordaram, mal o sol finou-se,
Porque só hoje o seu olhar voltou-se
Para o infinito pélago das aguas...

O' coração ! E's uma immensa lyra
Por onde o sopro do mysterio corre...
Porque suspiras quando o mar suspira ?
Porque vacillas quando a luz delira,
Bruxoleando no Poente, e morre ?

Branca não sabe ainda o que é tristeza,
Porém da paz ao virginal remanso,
Veiu buscal-a a dôr da Natureza
E ella vae, da dôr na correnteza,
Fitando o céo como um cordeiro manso...

Nem do menino o ser inconsciente
A magua evita, lugubre e sombria :
—Branca, tu soffres ?—fala-me, innocente.
E sem saber o que pergunto, sente
Que alguma coisa lhe roubou o dia...

Quanta amargura ! Pela vez primeira
Eu vejo Branca entristecer-se... vejo...
Não ri-se á garça nivea e forasteira,
E embalde envolvo-a, tremula e fagueira,
No pallio azul de um carinhoso beijo.

Supponho ás vezes que o crepusculo, quando
Vaga na terra, a suspirar, de rastros,
Faz as creanças rirem-se, chorando,



E vae depois as lagrimas mudando
Em luz... em benções... em saudade... em astros...

Surge uma estrella, transparente ninho
Que os anjos fazem na azulada calma :
Erguendo os olhos, como um passarinho,
Branca levanta o tremulo dedinho
Para mostrar um sonho de su'Alma.

Da noite o astro vem tambem surgindo,
Como si fosse edenica falua ;
E vendo Branca o abysmo o reflectindo,
Pergunta agora—foi-se a magua !—rindo,
Si a gente pode navegar na lua...

.....

H. CASTRICIANO.



UM CASO MAL ASSOMBRADO

O poeta Angelo da Paz, festejado pelas musas e auctor selecto dos mais fidalgos versos, é um espirito emancipado e, pois, para elle, isso de almas do outro mundo não passa de *lorotas* para amedrontar creanças e encher os serões innocentes da supersticiosa gente sertaneja que, nem por um decreto, depois do escurecer, passa por tal ou qual encruzilhada, onde gemidos se ouvem de almas supplicantes, em accorde pavoroso com o lugubre gargarhar das corujas empoleiradas no alto das oiticeas.

O Angelo, saturado de theorias modernas, que do cerebro varreram-lhe as creanças infantis que recebemos com o carinho insubstituivel da vigilancia materna; imbuído de leituras aprofundadas dos grandes apostolos da Duvida, é um descrente; e a sua razão tem sempre o riso incredulo dos negadores do *a priori* para isso de alma, fluido immaterial, imponderavel, a mysteriosa essencia que, a penar nos circulos concentricos do Inferno dos crentes, lava-se de peccados commettidos pelos corpos que, apodrecidos, desfazem-se sob as campas, adubando a terra.

Ha dias, porem, o poeta Angelo da Paz, apesar de toda a sua philosophante incredulidade, *raspou* um susto que o deixou a tremer durante horas, amedrontado e sem fala, no fundo de uma rêde, n'uma casa *mal assombrada* da pequena villa de , nos serões de Oeste.

O crepusculo da tarde corria rapido para a escuridão de uma noite trevosa e triste.

Pela estrada plana, larga e sem rodeios, caminhavam o poeta e o seu criado em demanda da pequena povoação, formada de uma só rua, extensa, bem alinhada, de



casinhas pobres, dentre as quaes se altéam, asymetricamente, dois sobradinhos, onde moram o coronel Cazuza, chefe politico, e o vigario, um rapagão adiposo, de olhar brejeiro e labios grossos, que alinhava, enquanto o diabo esfrega o olho, o incruento mysterio da missa, aos domingos, na pequena igreja asseada e alegre, sob as vistas devotas de homens simples, matronas rubicundas e donzellinhas na estação dos sonhos.

Traziam longa jornada ; e os pobres sendeiros que os conduziam arquejavam de cansados, encurtando, *a passo*, a distancia que os separava do appetecido rancho.

A recta extensa do caminho fechava-se, a breve trecho, pela conhecida illusão de optica ; e os viajantes, sob um ceo de chumbo, formavam a base d'aquelle angulo horizontal e agudissimo, sempre o mesmo, cujo vertice, inatingivel, era o ponto de mira dos animaes estropiados.

A' frente dos cavalleiros, de espaço a espaço, erguiam-se, em vãos curtos, bacuraus da côr da terra.

Das capoeiras marginaes, subia um ciciar estridulo de cigarras, que cortavam, com a nota forte e continua do seu canto malsinado pela formiga previdente da fabula, o silencio da solidão, n'aquella *bocca* de uma noite feia de Agosto, na deserta estrada sertaneja.

No centro do caminho, formando outra raia, viam-se detritos de algodão, cahidos dos comboios que diariamente descem, pela safra, para os mercados do agreste.

Ao longº, por entre a folhagem verde-negra do capão de matto, subia um tenue fio de fumo, annunciando a existencia, alli, de trabalhadores na extracção do leite da maniçoba.

Uma grande paz bucolica enchia a alma do poeta que a negava, crescendo dentro em si, n'aquella suave transição da tarde para a noite, o seu grande amor pantheista por essa Natureza fecunda do norte brasilico, que traz, patentes, nos flancos poderosos de deusa prodiga milhares de fontes de riqueza inexploradas, que estão ahi a pedir o concurso da actividade intelligente da industria para zombarem das seccas temerosas, flagello unico das fortes raças sertanejas.

A mente do poeta começou, então, a compor, gra-



vando-a na memoria para escrevel-a na primeira pou-
sada, uma d'essas suas bellas producções, de um lyrismo
sadio e puro, que não é a infantil pieguice dos preten-
sos imitadores do auctor da *Graziella*, mas essa duravel
manière—a mais perfeita expressão da poesia de hoje e
sempre, que é o lyrismo são e completo do inspirado
cantor da *Scena rustica* e d'esse altissimo poeta nacional
que, nas *Ondas*, deixou boiar, victoriosamente, o seu po-
deroso espirito de artista eleito, tangendo as harmoniosas
lyras do meu paiz que um novo sol redoira,

.....
sem remorsos, sem fel, sem remendos, sem folhos.

Cahira a noite já, sombria e sem estrellas, quando os
viajantes pediram pousada a um velho sertanejo de calças
e camisa de algodão grosso que á porta de uma casa, á
entrada da villa, sentado em tosco banco de pau d'oleo,
fumava, descancadamente, puxando a longos intervallos,
do seu cachimbo de comprido tubo, amplas baforadas de
um tabaco forte do brejo de Bananeiras, que soprava, re-
galadamente, aos euros do levante, que trazem bonança,
ao contrario do sud'este rijo, que torce pelas hastes as
novas plantações e dispersa as nuvens portadoras da
chuva desejada :

—Louvado seja Deus, camarada !

—Para sempre *seja* louvado, respondeu o velho.

—Não me dirá onde possamos passar a noite, para
seguirmos amanhã. cedo, para a serra ?

—*Vosmecês* têm lá em casa, allí na volta da rua,
rancho pobre, mas dado de coração ; aqui, n'esta bôa
casa que se vê, ninguem se *astreve* a pernoitar, por ser
mal assombrada. Eu gosto de distrahir com o meu ca-
chimbo por aqui, até o sino tocar as oito horas ; mas
depois, *nanje* eu que quizesse tirar a prova do que se diz
na villa, *capitão* !

Conta a comadre Thereza que là p'r'as tantas, toda
noite, as almas fazem aqui ajuntamento.

—São lerias, respondeu, arrogante e superior, o poeta
viajante. Fico mesmo com as almas. Não sabe quanto esti-



marei receber hoje novas do outro mundo. Vou indagar d'esses amáveis espiritos vagabundos pelo que fazem lá no paiz desconhecido e vasto, onde Lucifer impera, alguns patifes mortos do meu conhecimento. Questionarei também as almas sobre o destino de uma que foi na terra para mim deusa impolluta, a quem dediquei, feliz, um bom poema !

—Falou bem, *seu* moço ; mas não brinque com essas coisas da outra vida.

Vosmecê é muito moço, *capitão*, e talvez ainda negue esse palanfrorio que está p'r'ahi a dizer ; *olhe* que a Rita dos Canecos, ha tres dias amanheceu estatelada no meio da rua, alli assim, só porque passou por aqui ás dez horas. Diz que viu toda a casa alumiada e um velho de barbas até o chão e olhos de fogo, passeando na sala da frente com um livro grande de capa preta entre as mãos de cêra.

Seu vigario disse na igreja que isso era historia da Rita e que não se devia acreditar que as almas sahissem de seus cuidados para andarem mettendo susto á gente ; mas eu não tenho fé no que diz *seu* vigario, que parece um *ponta limpa*.

O outro sim, era padre ás direitas ; não andava caçando nas terras do coronel Cazuzza e influido a rapaziada para pescarias no açude do governo, como este.

De vigario moço, temos conversado.

—Pois, meu velho, o seu vigario é que tem razão. A Rita não viu nada ; a sua imaginação em delirio foi que andou a povoar esta casa do phantasmas de longas barbas brancas.

—Não entendo, moço ; mas *estou* que a verdade pende mais p'r'a Rita dos Canecos do que p'r'as falas sabichonas de V. S.

—Pois bem. Está chegando a hora da visita do velho de olhos de fogo. Vá o amigo para a sua casa, com o meu criado, e mande-me, por obsequio, um pouco de café quente, é nada mais. Eu vou logo armar alli n'aquelle quarto a minha rêde. Boa noite, e obrigado.

Durma bem, moço ; o café vem já.



Para o criado arranja-se no alpendre lá de casa um bom armador. *Inté amanhã, capitão!*

--Passe bem, camarada.

Foram-se os dois ; e o Angelo. depois de armar a rede no quarto contíguo á sala da frente, deitou-se vestido mesmo, sem se dar ao trabalho de accender o *photo-mobile* de viagem, para orientar o criado quando viesse com o café.

Enfadado da longa caminhada, o poeta poz-se a recordar baixinho a poesia que havia composto mentalmente na estrada, até que o somno veio, sorrateiro, perdurar-se-lhe nas palpebras, convidando-o ao repouso.

Pela porta escancarada entrava um perfume subtil de violetas, de mistura com os sons barbaros de uma botija, uma trompa e um realejo, terno original de instrumentos com que os soldados do destacamento deliciavam os ouvidos de alguns cabras *de peia* e de meia duzia de *micelas* de tamancos, na *venda* da esquina.

Ao lado, dentre os ramos de uma aroeira annosa, uma coruja cantava, insistentemente, casando-se o seu grosso piar de mau agoiro com a intoleravel musica dos policiaes de folga.

E o poeta adormeceu pesadamente, ás escuras, na casa abandonada do entrar da villa.

Pouco tempo depois, regressou o criado, desconfiado e medroso, com uma pequena bandeija na qual trazia um bulesinho de louça ordinaria com café e um prato fundo de coalhada fresca, amabilidade do hospedeiro velho de calças e camisa de algodão grosso. Logo á entrada, o assustado famulo chamou o amo em voz tremula ; e, não obtendo resposta, avançou com o coração aos pulos, tacteando nas trevas. Ao entrar no quarto onde a rede, em vigorosa linha curva, assemelhou-se-lhe a tudo o que o pavor pode gerar, menos á realidade simples de uma rede occupada pelo amo em repouso, o poeta accordou ; e, encontrando-se nas trevas, ouvindo ao pé de si, junto á rede, a respiração oppressa de um homem, cujo vulto apenas divisava na escuridão circumdante, sentiu-se invadir de um medo extranho ; procurou raciocinar e não pode ; a garganta cerrou-se-lhe



numa tortura indizível, impedindo-o de falar, e o seu espirito, empolgado pelo medo, só percebera que aquella casa era mal assombrada, consoante o testemunho do povo do logar.

O criado passou então a ser, para o poeta livre pensador, o mesmo phantasma de longas barbas brancas até o chão e olhos de fogo, que a Rita dos Canecos vira, e que agora vinha, disfarçado em outra forma, martyrisal-o zombando do seu enfatuado scepticismo de homem do seculo. E afigurava-se-lhe que aquelle vulto de homem, que alli se achava, de respiração oppressa, egual á sua, ia debruçar-se sobre o seu corpo em suores frios, e interpellal-o ao ouvido sobre as suas idéas a respeito do além-mundo.

A situação era dolorosissima.

O pobre criado, pegado ao chão, tinha a certeza a pavorante de que não o seu amo, mas o phantasma do livro negro alli jazia estirado na rede, prompto a estrangulal-o, ao premeiro movimento, entre os seus dedos longos e frios; e o suor corria em bicas pela face do pobre rapaz, que deixou cahir com estrondo a bandeja, aggravando ainda mais a dolorosa impressão de supersticioso pavor que a ambos dominava.

Fazendo um grande esforço, o Angelo conseguiu ter um inspiração de louco: descarregou forte bofetada, a esmo, no criado, que, julgando ser a mão do seu amo a manopla vingadora do phantasma herculeo, cahiu redondamente, tiritando; e o poeta, por sua vez, encolhendo-se, puxou as varandas da rêde e ficou a suar, medrosamente, assim abafado, sem animo para erguer-se e riscar o phosphoro, fazendo luz sobre aquelle mysterio que o inquietava, sem atinar que o vulto pudesse ser o seu companheiro que tivesse, como elle, perdido a fala, dominado pela superstição tyranna que os dominara a ambos.

Veio tiral-o d'este estado a gargalhada alegre e trocista do velho hospedeiro, que já ouvira do criado o caso



extraordinario, e vinha convidal-o para o almoço, cobrando por chalaça o preço do bule que a *alma do outro mundo* tinha quebrado para não permittir que o seu hospede experimentasse o café saborossissimo feito pelas mãos de sua velha Quitéria.

O viajante, encavado, não disfarçou o susto, mas affirmou ter sido aquella a primeira vez.

A manhã crescia alegre e a passarada, ás soltas, festejava a ascensão vibrante do astro-rei, que, do le-vante, rubro, mandava a terra a luz creadora dos seus raios, de uma claridade metálica e offuscante.

ZEPHIRINO ARRUDA.



Notas Scientificas

SUMMARIO : *Novo emprego da bicyclêta—Os microbios e a manteiga—Costumes do avestruz—A diarrhea infantil—O vidro e a construcção—Seda natural e seda artificial—A expedição André e os pombos correios—A ilha Rockall—O aperto de mão.*

A bicyclêta tem por tal modo invadido os usos communs de locomoção que pouco falta para tornar-se um objecto absolutamente necessario.

A inspecção das vias ferreas é feita geralmente por meio dos carros automoveis que os francezes chamam *draisine*, os quaes, correndo sobre os trilhos, verificam se a linha está bem ou mal conservada e apta ou não para desenvolver a maxima velocidade dos trens.

Um audacioso inventor americano teve a idéa de construir um aparelho que, adaptado aos eixos das rodas da bicyclêta, sustenta uma pequena roda que corre sobre o trilho opposto e transforma o aparelho em *draisine*. Montada a machina sobre os trilhos, si ha qualquer falha na construcção da linha, dá-se necessariamente o descarrilamento. A idéa de correr em bicyclêta sobre trilhos de caminho de ferro não é nova, e todo mundo sabe que o celebre Blondin atravessou o Niagara fazendo correr uma bicyclêta sobre um fio aereo.

Mr. M. P. Dornic acaba de fazer uma communi-



cação interessante à *Sociedade franceza de animação da industria do leite*. Trata-se, nada mais, nada menos, do auxilio dos microbios na fabricação scientifica da manteiga, agindo como fermento.

Sabe-se, com effeito, que a manteiga obtida de um creme *amadurecido*, isto é, do um crême fermentado por algum tempo, apresenta uma notavel superioridade de gosto e de aroma sobre a manteiga proveniente da batadura do creme fresco. Os microbios auxiliam a fermentação e a sua acção chimica pode-se resumir do seguinte modo :

O crême acidifica-se ao fermentar, o assucar decompõe-se, e transforma-se em acido lactico que age quimicamente sobre os globulos graxos, ou materia graxa do crême, transformando-a sensivelmente em cascina.

Dessa fermentação do crême, quando ella é feita regular e normalmente, com fermentos apropriados, resulta : desenvolvimento dessa cousa impalpavel e saborosa que se chama o aroma, augmento no rendimento, melhor conservação, batadura mais facil e mais ao abrigo da decomposição resultante dos grandes calores.

*
**

O Dr. Cronwrigt Schreiner, que ha muitos annos se occupa, na colonia do Cabo, da criação do avestruz, publicou, na *Revue Scientifique*, um estudo sobre os costumes dessa interessante ave, do qual extrahimos os seguintes apontamentos :

«O avestruz engole tudo que lhe atiram, botões, laranjas, ossos, até fios de ferro. Essa alimentação não é nada substancial e ás vezes estrangula a ave. Mas se lhe abrirem o papo e extirparem o objecto, continua a devorar como d'antes. A força do avestruz é consideravel.

A toda carreira é capaz de abrir brecha n'um muro de tijollo secco. Com uma patada derriba e estripa um homem, e Mr. Schreiner viu um avestruz atacar mesmo uma locomotiva, embora sem resultado.

A força, neste animal, não exclue a graça. Dança, particularmente a valsa. Muitas vezes tem-se visto um



bando de avestruzes, de azas abertas, dar passos choreographicos até tontear ou quebrarem uma pata. O macho, quando encontra a fema, torna-se elegante e maneiroso : pavonêa-se, acocora-se, abre as azas, eriça as pennas e balança harmoniosamente a cabeça até bater nos lados a cada oscillação. É bom marido e excellente pae.

Ajuda a fema a construir o ninho e partilha com ella os tedios da incubação.

A mortalidade pela diarrhea infantil chegou ultimamente em Paris a 350 obitos por semana.

Os medicos e hygienistas verificaram nesse augmento da mortalidade a acção do microbio, que se desenvolve devido ao pouco cuidado no aleitamento artificial e mixto. " Com o aleitamento natural exclusivo e bem regulado, observa o Dr. Jules Comby no seu *Tratamento das molestias infantis*, não ha diarrhea, ou pelo menos diarrhêa seria; fora do aleitamento natural, a diarrhêa é sempre immimente. »

Partindo desse sabio principio, Henri de Varigny aconselha, no aleitamento da crianças, como meio de evitar ou prevenir as enterites, as seguintes prescripções :

1. Preferir o aleitamento pelo seio, velando na limpeza extrema do mammifero ; só desmamar depois de um anno e nunca durante o calor.

2. Si o aleitamento se faz por meio de mamadeira, esterilisar sempre esta pela agua fervente, antes e depois de cada mammadura ; esterilisar tambem o leite. Isto é essencial : é preciso matar os microbios. Alimentação exclusiva de leite durante um anno. Leite puro, sem misturas infecciozas.

3. Nunca alimentação mixta, antes da desmamma, o quando esta tiver logar, dar somente alimentos bem cozidos, preferindo o caldo, afim de não introduzir microbios no organismo.



O vidro está se impondo como um dos melhores materiaes de construcção, e na proxima Exposição Universal de 1900, o seu emprego será consagrado sob as formas mais variadas. A fabricacção do vidro torna-se cada vez mais facil e economica.

Os tectos e assoalhos de vidro são de utilidade reconhecida e permitem a penetração da luz nos aposentos e subsolos. A luz fornecida, porem, pelos grandes assoalhos de vidro, forçosamente diffusa, não se espalha sufficientemente nos angulos. Mr. Hayward, aproveitando as propriedades de refracção dos prismas, começou a utilisal-os na construcção, conseguindo desviar e canalisar á vontade os raios luminosos até 20 e 30 metros de distancia. Os prismas em questão, que compete ao architecto bem dispor, formam parallepipedos encaixilhados em ferro fundido e podem resistir a uma pressão de 3.500 a 4000 kilos por metro quadrado.

Alem desta applicação, pode-se vir a fazer paredes de casa, de vidro, quer em massas compactas, quer de peças óccas de facil ajustamento. N'uma carcassa de ferro, de angulos reunidos entre si por cintos de ferro batido, podem-se dispôr esses tijollos verticalmente, de modo a constituir uma parede dupla, em cujo interior far-se-á circular, ora o calorifero, ora o frigorifero, conforme a estação. Nessas paredes podem-se ainda acondicionar os fios electricos da illuminacção e do telephone.

A casa de vidro será a habitacção do futuro nas grandes cidades.

Mr. Ménégaux publicou na *Revue générale des sciences pures et appliquées* um interessante estudo sobre a cellulose nitrada, vulgarmente chamada seda artificial, que substitue vantajosamente as sêdas de trama para as fitas, bordados, passamantarias. A seda artificial forma uma industria florescente em França, dando uma producção de 150 kilos diarios. A Suissa e a Inglaterra tambem se propõem explorar esse producto de iniciativa scientifica franceza.



Muitos processos chimicos permitem distinguir a seda artificial da verdadeira. Entre outros, esses dois :

1. A seda artificial dissolve-se nos alcalis, deixando uma coloração amarella ; a seda natural dissolve-se sem coloração.

2. A seda artificial dá, com a diphenylamina a reacção do acido nitrico ; a seda natural não dá.

* * *

Não ha noticias da expedição Andrée ao polo do norte, e parece que não deu resultado o systema com que contava o explorador para se communicar com o mundo civilisado por meio dos pombos correios.

Nenhum desses mensageiros chegou a seu destino e é de crer que, ou voltaram á expedição, ou perderam-se e morreram nas regiões polares, victimas das aves de rapina.

E' sabido, segundo os estudos do sabio naturalista inglez Tegetmeier, que o pombo não supporta os grandes frios. Experiencias repetidas no cimo do Monte Branco, à vista dos pombaes de Chamoumix mostram que a ave mensageira está sujeita ás variações atmosphericas. No Monte Branco, os pombos voam, descrevem alguns circulos e voltam á caravana, porque o frio lhes entorpece os membros.

* * *

O *Scottish geographical Magazine* tem uma excellente monographia de Mr. Miller Christy, sobre a Rockall, a menor ilha do mundo, que se encontra distancia da costa.

Essa pequena ilhota, ou antes esse rochedo isolado no mar alto, tem uma circumferencia de 75 metros. 21 metros de altura acima da tona d'agua, fica 530 kilometros no oeste da Escossia, no Oceano Atlantico, e está separada das Hebridias por profundezas de 500 a 1.600 braças.

Outros motivos fazem ainda de Rockall um dos pontos mais curiosos do globo. De longe e mesmo de per-



to, a ilha assemelha-se a um navio de velas abertas, por causa do guano depositado pelas aves marinhas. Muitos navios tem sido victimas dessa semelhança singular.

De quando em vez surgem protestos, em nome da medicina e da hygiene, contra o costume do aperto de mão, e na cidade de Bakou, Russia, já se formou uma sociedade, que consigna nos seus estatutos uma multa de cinco rublos contra todo associado que der um *shake hand* num amigo, em qualquer logar que o encontre.

Apertar a mão a um individuo pode ser pernicioso, porque é um meio de transmissão de certas molestias da pelle, e mesmo d'outras epidemias, por causa do microbio que adhire á parte humida da mão. No tempo secco, então, ainda é maior o perigo porque a poeira é um excellente vehiculo do microbio.

O hygienista Buchner fez a respeito interessantes experiencias que chegaram todas ao resultado da transmissibilidade de certos germens maleficos existentes na poeira, por meio do contacto das partes humidas de dois corpos.

Ratos e macacos, aos quaes Buchner fez respirar o ar carregado de poeira num ponto infeccionado pela peste siberiana, transmittiram a molestia, ao simples contacto com os seus companheiros.

M. D.



BIBLIOGRAPHIA

14 Paul Bourget—*Complications Sentimentales*—
--Paris editor Alphonse Lemerre—1898.—

São tres esplendidos contos:—*L'Ecran*, *L'Inutile Science* e *Sauvetage*.

Bourget, com o seu raro talento de analysta da alma humana, dá-nos tres capitulos bem trabalhados da vida moderna.

No *L'Ecran*, apresenta-nos uma adúltera intelligente e ingrata a par de um admiravel coração de mulher—o da *pauvre Alyette* que não trepidou em sacrificar-se abnegadamente para salvar a reputação da sua falsa amiga.

L'Inutile Science é a historia complicada de uma coquette mentirosa, contra cujos ardis e manhas de consummada artista toda a sciencia foi inutil, pois os ataques da comediante dirigidos com extraordinario talento ao coração dos homens, zombaram de um homem publico de grande saber, impossibilitado de raciocinar ante a magia irresistivel de uma mentirosa de belleza notavel.

Sauvetage é uma pagina magistral da comedia burgueza parisiense, da qual destaca-se, em relevo admiravel, a mais digna manifestação do amor paterno, para impedir a queda quasi inconsciente de uma rapariga honesta e simples nas garras de um *Saint-Preux* vulgar.

A. M.

15 Sagres—de Olavo Bilac—publicação commemorativa da descoberta do caminho da India—Rio de Janeiro—1898.

E' um poemeto vibrante em homenagem à memoria do grande D. Henrique, infante de Portugal, que em Sagres,--só, *aferrando os pés sobre um penhasco*



a pique, fitava o horizonte com o pensamento fixo no grandioso problema dos descobrimentos que tamanho lustre deram á patria dona dos mares que abriam em cada quilha uma parcella do Chios....

O distincto poeta brasileiro commetteu uma bella acção, cantando em versos impecaveis, sonoros e solemnes, como os do poemeto *Sagres*, o precrusor genial dos navegantes que mais tarde um feliz acaso havia de trazer ao territorio virgem do Brasil selvagem.

O estro nacional prestou dignamente um significativo preito ao heroico filho do mestre de Aviz que, fugindo ao goso da vida cortezan, desprezando os prazeres honestos da familia, isolou-se no estudo--casto e sobrio--pertinazmente indagando das aguas sombrias do tenebroso mar o caminho ignorado e lendario das terras christãs do Preste, que sorriam ao sol, por traz da bruma.

A. M.

16 Diario de um soldado—por Ambrosio Richshofer---traduzido por Alfredo de Carvalho, do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano--Recite---Typographia a vapor de Laemmert & C'. 1897.

O sr. Alfredo de Carvalho, que no presente numero desta *Revista* dá-nos um minucioso, exacto e interessantissimo catalogo dos jornaes norte-rio-grandenses, é um estudioso que está se impondo à estima dos seus patrios pelo esforço e sinceridade com que vai extrahindo da litteratura historica e geographica da Hollanda valiosos documentos para a futura historia do Brasil e especial de Pernambuco.

Ha dias, noticiámos aqui uma d'essas interessantes obras da serie--*Para a historia de Pernambuco*. Isto valeu-nos a offerta, feita pelo illustre traductor, de um exemplar do *Diario de um soldado*---o primeiro da serie, e que ainda não conheciamos.

Enfadonha para os simples curiosos, a leitura d'essa despretereiosa e simples narração é utilissima para todos os que desejam conhecer os factos historicos da nossa vida colonial.



O traductor, em uma rapida mas erudita *noticia bibliographica*, diz o seguinte, que subscrevemos, sobre o merecimento do *diario* de Richshoffer :

«Fastidioso em alguns pontos, nos quaes tem a monotonia de um livro de bordo, em geral a sua leitura del'ita e interessa pela abundancia de anedoctas, episodios singulares e factos typicos que bem nos patenteiam a crueza dos costumes e habitos militares da epocha, e sobre tudo o espirito de gananciosa rapinagem e o baixo mercantilismo sem escrupulos que presidia a celebre companhia das Indias Occidentaes, cujo dominio ainda hoje mal avisados patriotas lamentam não se tenha perpetuado entre nós.

Quanto ao seu valor documentario, basta referirmos que o visconde de Porto Seguro, unico dos nossos historiadores que conheceu o *diario* do strasburguez, tece-lhe os maiores encomios, e considera-o de subida utilidade».

A. M.

17 J. Lonchampt—*Epitome da vida e dos escriptos de Augusto Comte*, traduzido e annotado por Miguel Lemos—Rio de Janeiro—Bibliotheca do Centro positivista—1888.

E' uma narrativa singela, feita por um dos melhores discipulos de Comte, da vida fecundissima d'esse genial systematizador e extraordinario mathematico, auctor de algumas obras que são verdadeiros marcos miliarios na estrada do pensamento e da civilisação, que vem desde Aristoteles, atravez da critica dos sophistas e da intolerancia dos retrogrados, norteadas para a positividade dos conhecimentos, apezar dos desvios metaphysicos que tem preocupado muitos cerebros de philosophos.

As notas elucidativas de Miguel Lemos, que formam a metade do volume, são de incontestavel interesse historico.

Aos dados biographicos recolhidos pelo sr. J. Lonchampt precedem os retratos do eminente sabio e grande pensador de Montpellier, e de Clotilde de Vaux, a com-



panheira espiritual e a principal inspiradora do fundador da religião da Humanidade.

A. M.

18. Comedias, por Martins Penna—Editor II. Garnier—io de Janeiro, 1898.

A boa vontade de um editor desinteressado e a operosidade dos srs. Mello Moraes Filho e Sylvio Romero fizeram com que surgisse à luz este livro precioso,—documentação do valor do nosso maior comediographo—que estava condemnado ao esquecimento perpetuo.

Nos estreitos limites de uma nota bibliographica, não posso dizer toda a admiração que em mim despertou a obra de Martins Penna, que, na comedia de costumes nada deixa a desejar, nem pela naturalidade e propriedade da linguagem, nem pelo efeito scenico. Melhor do que eu já disseram de Martins Penna, o que elle foi e a posição que conquistou na litteratura brasileira, os seus criticos e admiradores Drs. Mello Moraes Filho e Sylvio Romero nos dois magistraes estudos que abrem o volume que tenho á vista.

As *Comedias* de Martins Penna são a documentação de um grande talento de escriptor dramatico e a prova evidente de que si a nossa litteratura não é mais rica neste particular, é somente por que os organizadores de companhias theatraes procuram empanzinar o publico com as producções de fancia que nos vêm mal traduzidas do estrangeiro e com a exhibição licenciosa das *revistas do anno*.

M. D.

19--O Famoso Galvão--por Teixeira de Queiroz--Editores,--Tavares Cardoso & Irmão--Lisboa, 1898.

O livro que tenho à vista é o ultimo publicado da *Comedia Burgueza*,--estudos physiologicos e sociaes da classe actualmente dominante em Portugal, que Teixeira de Queiroz iniciou com a excellente monographia dos *Noivos* e continuou no *O Sallustio Nogueira, D. Agostinho*,



Morte de D. Agostinho e tem continuado com uma maceria que lhe dá logar de honra na litteratura portugueza, como um dos seus melhores romancistas.

Teixeira de Queiroz é naturalista e, seguindo o conceito de Balzac, procura fazer em seus romances a *historia natural da vida portugueza*. Não tem os vãos largos da concepção desses genios que crearam a *Comedia Humana* e os *Rougon Macquart*; mas a *Comedia do Campo* e a *Comedia Burgueza* do escriptor portuguez ficarão no estreito ambito da litteratura brasilio--portugueza, porque não escriptos n'uma lingua pouco conhecida nos outros paizes. Vai nisso o seu maior elogio e o meu criterio sobre o romancista.

O *Fumoso Galvão* é a historia desse typo moderno do aventureiro que vive nos altos e baixos da Fortuna, emprenhedor, audaz, sem escrupulos, fazendo dos milhões uma especie de jogo de cartas. Incarnação completa desse typo, o *yankee* tem a frieza da raça anglo saxonia que matou nelle as explosões de sentimentalismo, e o faz conceber e executar, por verdadeiros golpes de audacia, essas empresas gigantescas e assombrosas que parecem ás vezes creações fantasticas de um genio diabolico.

Galvão mostrou a tempera rija de um americano, deu ao cerebro a envergadura de um espirito de lutador, mas o coração ficou sempre o de um portuguez para cair nas malhas de um amor reles que matou a sua prodigiosa actividade, fel-o esquecer os seus negocios e determinou-lho a ruina e o suicidio. Tudo isto, porque lhe faltou uma philosophia em toda sua vida, observa o *Dr. Egger*, o seu amigo inseparavel, typo interessante do sabio, que não è muito original, e se parece com o *Dr. Zopsius* da *Reliquia* de Eça de Queiroz.

M. D.

20 Evolução psychica dos Bahianos, pelo Dr. J. B. de Sà Oliveira. Bahia, 1898.

E' uma serie de artigos publicados n'A *Bahia*, e nos



quaes o autor estuda, com muito criterio e lucida observação, o desenvolvimento da raça mestiça brasileira no Estado da Bahia.

Analysando e comparando os elementos diversos de que começa a formar-se a raça nacional, o distincto e-scriptor demonstra que o typo organico, anatomico, evolucionaria, embora revestindo ainda, presentemente, «uma forma intermediaria, cada vez mais aperfeiçoada, entre as especies mães.»

Essa evolução trará, em futuro remoto, no pensar do A., uma *raça especifica* cujos caracteres geraes apresentarão um complexo intermediario entre os diversos elementos ethnicos que contribuiram para a sua formação.

Estudando os factores d'essa transformação, os accidentes multiplos inevitaveis na differenciação das raças, o A. remonta ao periodo da primitiva colonisação, pouco posterior á descoberta, e ainda antes de fixarem-se os actuaes limites geographicos dos Estados.

E' assim que refere-se ás migrações de *paulistas* (paulistas, neste sentido, eram, em geral, os *bandeirantes* do sul, desde S. Paulo e Minas ao Rio Grande do Sul) no territorio bahiano, e á influencia de uma pequena quantidade de filhos do Norte do paiz, entrados pelas fronteiras septentrionaes, e que, diz o A., apezar de serem como gotas arremessadas no Oceano, contribuíram com seu thesouro de virtudes para a formação da sociedade bahiana.

Os negros, os *caboclos*, os mulatos, em seus caracteres anthropologicos e psychologicos, são estudados isoladamente como factores da raça, e é especialmente curioso o capitulo referente aos mulatos.

No tocante á transformação moral, á influencia dos costumes, dos usos e das religiões, o A. demonstra que, si, na velha Europa, a causa primaria da transformação social é a questão economica, entre os bahianos a mais poderosa causa é a religião complexa em que entram o



catholicismo romano e o fetichismo africano, aquelle com muito mais força do que este.

Finalmente o livrinho, do Dr. Sá Oliveira é uma bella promessa, e naturalmente desperta em todos quantos estudam as coisas patrias o desejo de vel-o ampliar o assumpto, como este merece e a. competencia do A. o permite.

A, DE S.



NOTAS E INFORMAÇÕES

Novas visitas. Alem dos periodicos que permutam suas edições com as d'esta *Revista*, recebemos ultimamente mais os seguintes, cuja remessa agradecemos : *A Ronda*, "orgam dos interesses dos municipes do Districto Federal" ; *O Tentamen*, redigido por moços estudiosos do Recife ; *Vinte de Julho*, orgam da sociedade «Fraternidade e Instrucção dos Caixeiros do Pilar», Alagôas ; *O Livro*, louvavel tentamen de jovens patricios do Açú ; *Semana Illustrada* do Rio, n. 13 de 24 Setembro, cuja primeira pagina vem adornada com um bom retrato de Zola ; traz nas paginas centraes espirituosos commentarios de factos e assumptos do dia, cabendo especial menção ás disposições de ultima vontade do Presidente da Republica. O texto é variado e attrahente ; *Patria* 1. e 2. numeros do primeiro anno, orgam da colonia cearense em Manaus, muito bem redigida e que promete largo e auspicioso futuro ; e *O Trocista*, de Maceió, hebdo madario critico, litterario e noticioso.

Oasis. Recebemos o numero especial, commemorativo do quarto anniversario do gremio de que è orgam esse sympathico periodico, que é um admiravel exemplo de perseverança e força de vontade, qualidades tão promettedoras quanto raras no meio onde vive.

A Estação. Tivemos sobre a banca (já não os temos porque *A Estação* aqui não chega para quem a quer) os numeros de Agosto e Setembro d'esta magnifica publicação que tão efficaçmente auxilia as filhas de Eva na arte de vestir bem.

O gosto perfeito dos seus modelos, a variedade de dezenhos elucidativos, a multiplicidade e clareza das ex-



plicações tornam *A Estação* um dos mais procurados jornaes de modas.

Alem d'isto, que é muito, traz sempre quatro a seis paginas de bõa litteratura que amenisa agradavelmente o estudo, bastante ameno para ellas, da parte technica.

A's nossas leitoras que, porventura, não disponham ainda d'esse precioso auxiliar da elegancia feminina, re-commendamos *A Estação* como um dos primeiros e mais variados jornaes que, na sua especialidade, são publicados na lingua portugueza.

O Simas. No proximo numero a *Revista* dará uma nota bibliographica do bello livro do Sr. Papi Junior, do Ceará, o que não faz no presente por ter chegado tarde a esta capital, e não convir demorar mais este fasciculo, já tão demorado.

A Revista, do Pará publica, no seu ultimo fasciculo uma nota bibliographica sobre o nosso numero de Agosto que, por muito lisongeira, desde já agradecemos.

Na proxima *Revista* transcreveremos o juizo da nossa amavel collega.





1898 - Setembro - 10

Linhas de Historia comparada

Pendo para a opinião de Sylvio Romero, o eminente critico nacional, negando a existencia de uma lei sociologica de recapitulação abreviada da historia, que o talentoso e illustrado sergipano dr. Fausto Cardoso diz ser observadamente certa, e á qual já deram o concurso de sua opinião valiosa, mas, nem por isso, vencedora, Schaffle, Bordier e Greeff.

As razões de Sylvio Romero são poderosas e onde os illustres pensadores seus contrarios vêm a supposta lei de *récapitulation abrégée*, o infatigavel auctor dos *Ensaíos de Philosophia do Direito* somente reconhece phenomenos sociaes regidos pelas leis de *homochronia*, *heterochronia* e *proterochronia*, a primeira e ultima assim denominadas por Sylvio Romero, e a segunda pelo grande philosopho do evolucionismo, Herbert Spencer.

A historia não é reproduzida por uma recapitulação rapida da *philogenese*, ou das *phases successivas pelas quaes passaram todas as sociedades na serie dos tempos*, pela *ontogenese*, ou *desenvolvimento individual* de cada sociedade, como



affirma Bordier na sua obra—*La vic des sociétés*.

As colonias, sim, repetem a vida das metropoles, tal qual approximadamente ella é, na epocha da colonisação—*homochronia*; reproduzem phenomenos realizados na mãe patria, sem guardarem a regular successão, é o que Spencer chama—*heterochronia*; finalmente, as colonias, ás vezes, antecipam-se na evolução historica, effectuando conquistas sociaes de que as metropoles não gozam ainda, como, por exemplo, o caso das republicas americanas em relação ás nações europeas que as colonizaram. E' a lei á qual Sylvio Romero chama *proterochronia*.

Isso, porem, está longe de ser identico ao que se verifica na evolução animal, com a recapitulação abreviada, pelo embryão, das phases pelas quaes passaram os seres vivos na serie do transformismo que ha milennios vem aperfeiçoando a criação.

Negando, pois, como nego, a lei sociologica da recapitulação total e abreviada da historia, reconheço, entretanto, que, pelo principio scientifico do atavismo nomologico, os povos modernos reproduzem, com as dessimilhanças dos diversos estadios da civilização, virtudes e vicios de antigas gerações, ha muitos seculos extinctas. E' assim que a historia da França napoleonica aproxima-se da phase de extraordinaria condensação da auctoridade romana nas mãos do genial politico Julio Cesar, o fundador do Imperio colossal de Roma, assim como Bonaparte foi o destruidor da 1ª Republica Franceza. E' assim tambem que a França de hoje relembra a decadencia do povo rei que, depois de ter dominado o mundo, refo-cilava-se, indecorosamente, no deboche e na geral immoralidade, que desciam do solio dos au-



gustos senhores da Roma pagã a amollecerem o animo da população de sobrios trabalhadores, que foram os italianos antes da invasão dissolvente do espirito hellenico. Este requintadamente artistico, vingou-se dos vencedores da sua bella Grecia, berço ideal da mais entontecedora perfeição da plastica, inoculando no sangue rubro dos latinos a gotta azul dos vicios elegantes que franquearam mais tarde as portas da cidade eterna às hostes de visigodos, hunos e vandalos, de Alarico, de Attila, e de Genserico, cataclismos sociaes que trariam, sem duvida, o aniquilamento da grande nacionalidade romana, si não fosse a reacção mystica do Christianismo, que abriu novos horizontes ao espirito meridional, iniciando uma nova epocha para a humanidade soffredora e curiosa.

*
* *

A cidade lendaria de Romulo foi, durante 245 annos, um patriarchado ou monarchia plebéa, caracterizado pelos traços communs aos typos das sociedades primitivas, reza a tradição.

Depois, a revolução aristocratica instituiu o *patriciado*, conferindo a suprema auctoridade a uma *gerusia*, ou senado, corporação dos velhos experientes e presumidamente mais notaveis.

Dahi, a serie de luctas democraticas para a conquista da egualdade politica, finalmente obtida com as leis Licinias, que deram aos plebeus o direito de aspirarem ao consulado, em 387, depois das reivindicações parciaes do Tribunato, dos casamentos com pessoas *patricias*, do exercicio dos cargos publicos, inclusive o sacerdocio. Era uma aristocracia democratizada, semelhante á monarchia representativa da Inglaterra de hoje, onde



existe a egualdade politica, provinda de conquistas de facto e não das afirmações juridicas que se fazem no continente europeu, especialmente na França, onde as bellezas liberaes de 89 redundaram em uma democracia bastarda, depois do pesadelo universal que a passagem devastadora de Bonaparte trouxe á civilização, atrazando a marcha progressiva da Humanidade, apesar do seu genio guerreiro e da sua alta capacidade de estadista. Foi vencido Napoleão, nem o podia deixar de ser, afinal, pela fatalidade, sempre triumphante, da evolução historica, mas a sua acção brilhantissima e avassalladora importou, não ha negar, em um colapso social, assim como a crise colossal da Edade Media que acarretou a decomposição de Roma, pela victoria material dos barbaros, atrazou a marcha evolutiva do mundo, obrigando a humanidade, depois de realizada a fusão de vencedores e vencidos, a repetir as phases da evolução nomologica, para retomar a civilização no pé em que se achava, o que se verificou com a formação das grandes nacionalidades, a começar de Carlos Magno. Este periodo, que antecedeu a democratização moderna dos povos, ha de, pela mais razoavel hypothese, resolver-se no socialismo bem entendido e puro, curada que seja essa nevrose subversiva e desesperada do nihilismo e dos anarchistas actuaes.

Será então licito esperar-se alguma coisa de semelhante ao elevadissimo ideal da Sociocracia, ou mesmo da biocracia, pela incorporação dos animaes assimilaveis para a industria, realizando-se a formação das pequenas nacionalidades, altamente civilizadas, e unidas entre si pelos laços moraes da mais perfeita solidariedade humana, uma confederação universal!



Será um sonho, mas é consolador e bom não termos para a Vida, apesar de tudo, o olhar cobarde dos que em todos os phenomenos só vêem o estigma da nossa miseria, julgando a humanidade uma burla, a especie racional uma simples ironia do Inconsciente, a rugir e a soffrer, atravez os seculos, sem attingir jámais essa relativa perfeição que ha de revelar ao entendimento esclarecido das sociedades futuras a existencia de Deus.

Não, por certo, do vingativo Jehovah das Escripturas, mas do Deus bondoso e amigo, cujo espirito já baixou, porventura, á terra, illuminando-a de relance, coado por entre os cilios do adoravel Jesus, que verdadeiramente divino foi, como alguns outros eminentes moralistas representativos do patrimonio melhor da humanidade—o sentimento—na fonte de Jacob, falando, amovel e convincente, á mulher de Samaria.

Conquistada pelos plebeus, na Roma antiga, a egualdade politica, no anno 387 da fundação da cidade, surge para a historia a primeira nacionalidade; construida homogeneamente pelas leis naturaes da propagação e expansão e pelo movimento, ainda não conhecido, da sabia annexação para realizar-se a organização politica de um povo. Roma é a unica *nação* d'entre os muitos Estados da antiguidade. (*)

O espirito politico e o patriotismo; a idéa de nação e o sentimento patriotico, essas duas conquistas da faculdade de abstracção, consequencia embora das primitivas instituições, foram os romanos os primeiros a trazerem para a vida collectiva das sociedades.

Dantes eram cidades rivaes e exercitos sempre

(*) Oliveira Martins—Historia da Republica Romana.



em luctas; um esboço de federalismo e de imperialismo os typos de aggregação, sem os laços da solidariedade politica que fazem a consciencia dos povos. Eram a tentativa falha da federação dos gregos ; o molde imperial dos medo-persas ; a bastardia republicana, por um lado, e o absolutismo dos senhores do Oriente persa pelo outro.

Fracassou a liga das cidades da Grecia, porque á federação apenas esboçada faltava o espirito nacionalista ; desmembrou-se o imperio de Alexandre, porque o grande guerreiro da antiguidade não passava de um extraordinario chefe militar, que não pretendia mais do que imitar os Darios e os Xerxes que as suas phalanges derrotaram.

Ao de cima d'esse anarchismo politico e economico em que se debatiam os povos antigos, surge a sabia organização da patria romana ; nasce a idéa de Nação, desperta o sentimento patriotico ; constitue-se o direito, conquista immortal do povo rei ; alargam-se os dominios da poderosa metropole ; a Italia congrega-se ; a annexação precipita-se com a invasão de Pyrrho.

Patria e Direito, a força e a sabedoria supremas, fizeram dos romanos o maior de todos os povos.

A deusa Razão que os francezes de 89 rehalilitaram, surgiu ha vinte e cinco seculos ás margens do Tibre.

Foram divinizadas as representações da Esperança, da Fortuna, da Fé e da Concordia ; e o Direito attestarâ sempre a grandeza assombrosa do Raciocinio d'essa gente forte que fez a civilização prodigiosa á qual pertence o genial philosopho--jurista e orador famoso que verberou na celebre catilinaria o chefe temeroso do anarchismo demolidor.

Montesquieu, o profundo auctor do grandioso



tratado sobre o *Espirito das leis*; o creador da Nomologia, disse algures que "si fosse mister propor um bello modelo de republica federativa, devia escolher-se a Lycia".

Oliveira Martins, de accordo com esse conceito do philosopho, entendeu que o principio federativo, que dá aos povos o direito de *conservarem a faculdade de separarem-se*, foi incompatible com a tendencia centralizadora da primeira nacionalidade humana—Roma.

A ficção representativa do senado romano permittiu o estabelecimento do cesarismo.

A reacção aristocratica de Sylla, affastando os novos e os burguezes do senado, deu logar ao protesto dos democratas e dos ricos.

Foi assim tambem na França do segundo Imperio.

Dessas luctas do capitalismo e da nobreza, nasceu a anarchia das idéas que acclamou Julio Cesar senhor absoluto.

Do conflicto da razão de Estado e do Direito nasce o cesarismo, ensina Oliveira Martins. Elle é o fructo do hybridio conubio *da utilidade pratica e da corrupção organica*.

Julio Cesar e Napoleão parecem-se. Ambos, inimigos da liberdade, interromperam, em dois cyclos historicos, a evolução nomologica, pervertendo o espirito publico antes da *realização, num estado de complexa e rica civilização, do equilibrio proprio das epochas simples e modestas que iniciam a evolução de todas as sociedades*.

Esse equilibrio ideal, para o qual, parece, é bom caminho a federação administrativa com a centralização politica—autonomia das localidades e soberania somente nacional—podiam ter obtido as duas maiores nações historicas, Roma e Fran-



ça, si o problema da representação fosse resolvido pelos seus estadistas republicanos, evitando-se a usurpação dos cesares.

*
* *

Roma, a singular potencia da antiguidade classica, a altiva senhora do mundo, que realizou a primeira formação politica pondo em jogo o raciocinio collectivo e servindo ideaes sociologicos; essa extraordinaria patria do primeiro povo historico que se organizou em Nação e influiu no desenvolvimento posterior da humanidade attingiu a sua mais gloriosa phase, o seu periodo mais util e constructor, na epocha republicana, na qual a instituição do Senado culminou na governação do grande povo, presidindo ás lutas politicas entre patricios e plebeus.

Estes *partidos* rivaes, secularmente separados pelos preconceitos tradicionaes que faziam do romano de origem o cidadão por excellencia, restringindo a capacidade civil e politica aos assimilados elementos, provindos de populações varias que as guerras de conquista fizeram convergirem á dominação da poderosa *Urbs*; estes dois poderes—plebeus e patricios—são os actores collectivos do grande drama social e politico que desenvolveu-se no paul do Tibre, dentro dos muros da cidade de Romulo.

Emquanto ao senado, *assembléa de reis*, coube o supremo poder; enquanto os magistrados seus subalternos não annullaram-lhe a acção patriotica, preparando o cesarismo; no periodo fecundo que seguiu-se á queda da realza dos Tarquinius até a instituição dos dictadores que precederam de perto o absolutismo



dos Imperadores, iniciado de facto pelo genial Julio Cesar, Roria caminhou victoriosamente para a consecução do bello ideal da federação administrativa e unidade nacional e politica que é o typo ate hoje mais perfeito de forma de governo ou de Estado.

A usurpação de Cesar, como a dos Bonapartes, embaraçou a evolução politica para o federalismo moderno que a Suissa e os Estados Unidos da America do Norte demonstram ser o melhor regimen, assim para as pequenas como para as grandes extensões territoriaes onde se agitam as nacionalidades de hoje.

Cerceada em Roma a auctoridade da grande *gerusia*—o senado— no qual se reuniam as sumidades do saber do tempo e da experiencia cautelosa e patriotica—os philosophos e os grandes generaes; usurpado pelos Imperadores o poder daquelle soberano conclave de homens illustres entre os quaes brilhou a palavra eloquente de Cicero e carpiu a tradição republicana pelos labios austeros do celebre Censor; extincta a supremacia do Senado por esse mesmo grande Julio Cesar que tanto lustre deu á tribuna da veneranda assembléa, revelando ahi a extraordinaria mentalidade do auctor dos *Commentarios* e conquistador das Gallias; consummada essa obra execravel e impatriotica do egoismo e da ambição desmarchada de um genial espirito, a solidariedade politica dos romanos teve de afrouxar; os esplendores da cõrte imperial perverteram ainda mais os sentidos e estragarem o character dos descendentes dos vencedores de Annibal; desapareceu aquella grande alma do povo por excellencia, trabalhador e sobrio, dos melhores tempos da Republica, apaixonado pela poli-



tica e interessado nas dores e prazeres da patria para surgir o indifferentismo do povo pelas coisas publicas e manifestar-se em todo o corpo social o requinte licencioso e dissolvente da vida airada, dessa vida que assignala os tempos da transição para o Imperio, escandalizando as virtuosas e retardatarias matronas herdeiras do pudor de Lucrecia, que coravam de vergonha ao saberem do debochado viver de Julio Cesar, de Claudio, Catilina, Dolabella, Curio, Antonio, Celio e Milo—os chefes da mocidade elegante e dissoluta que arrastou á devassidão as Metellas e Claudias—typos representativos das mulheres da bôa sociedade que "*deitando o cinto ás urtigas, entravam francamente com a mocidade dourada na devassidão elegante.*"

A Republica e as virtudes privadas que succederam á monarchia da Roma dos Tarquinius cederam o passo ao imperio militar de Cesar que ao transpor o Rubicon trazia o seu plano amadurecido para a instituição do exercito permanente sobre o qual repousasse o seu absoluto poder de usurpador cuja ambição aspirava até a divindade pagan, legando aos seus successores, com o poder temporal, a dignidade sacerdotal e maxima de summo representante do poder espiritual.

As bellas reformas introduzidas por Julio Cesar, autocraticamente, para combater a anarchia do final da Republica, caracterizado pelo capitalismo systematico, pela anarchia na arrecadação das rendas, entregue á rapina dos protegidos; os seus decretos perseguindo a depravação de costumes, elle, o cumplice de muitos adulterios; introduzindo reformas na legislação e abolindo o iniquo direito que, sobre a liberdade dos devedores insolventes, tinham os credores; creando colonias



para as populações desocupadas que desvairavam na capital ; aproveitando todas as terras do Estado e adquirindo novas, onde localizou fora de Roma (*ex-fœce romulea*) vinte mil famílias ; enviando oitenta mil homens para as *provincias* de acordo com o pensamento de Caio Graccho ; condemnando o celibato ; proibindo a ausencia dos Italianos da Peninsula por mais de tres annos, para impedir o crescente despovoamento ; dando premios e terras aos paes de numerosas famílias, e outras muitas medidas de incontestavel alcance postas em pratica pelo genial autocrata em cujo "*cerebro os problemas da sociedade humana encontravam, sinão uma solução, uma forma de equilibrio...*", como escreve Oliveira Martins ; todas essas reformas foram uma victoria do socialismo sobre o capitalismo, forças vivas que succederam á *plebe* e ao *patriciado*.

È porque a Republica não attingiu a perfeição do federalismo, dissolvendo-se antes de descobrir a moderna forma da unidade politica da Nação e autonomia administrativa das *provincias*, que constituiriam Estados livres, mas não soberanos, unidos sabiamente pelos laços da soberania nacional—força que a grande conquistadora antiga realmente chegou a ter no seu patriotismo até então desconhecido das sociedades ; e porque a lucta de interesses matou as energias d'aquelle grande povo, as sabias reformas do dictador Julio Cesar, aproveitando á maioria e atacando de frende a immoralidade de costumes e a rapina official das classes nobres—vicios que elle proprio fomentara, como um dos chefes que foi da *vida airada*—a sua dictadura reformadora foi, sim, pelo motivo indicado, endeusada pelo povo e trouxe immediatas vantagens, desafogan-



do as *provincias* do jugo centralizador da Republica unitaria, que era trabalhada pela rivalidade interesseira dos seus grandes dignitarios. O proprio Tacito, por "cuja pena falava ainda o espirito de Catão" accentúa a protecção que o Imperio dispensava ao povo das provincias.

A obra de Cesar, porem, abortou, como tambem a de Napoleão. Ambos estes genios, que, no seu olhar de *aguia*, traziam o *embryão de uma loucura*, não contaram com as leis inconscientes da historia e pensaram unificar o mundo pelo esforço ingente de sua vontade e pela força excepcional da intelligencia isolada, esquecidos de que a felicidade final do Universo, si por ventura um dia gosar a humanidade a suprema paz no seio do progresso maximo, será o resultado do concurso de todas as vontades, o fructo do saber e da razão accumulados pelas gerações, o impulso colectivo da especie uniformizado nas idéas que culminarem do embate poderoso das philosophias disseminadas pela intelligencia popular.

Cesar, o poderoso espirito que a ambição desvairou até ao ridiculo de proclamar-se filho de Venus e incorporar-se aos deuses mythologicos, succumbiu á reacção dos seus inimigos, republicanos ou simples desaffectedos, e até *Bruto* rebellou-se contra o fundador do Imperio, que só consolidou-se devido á astucia de Octavio Augusto—o cruel e rigido desprezador dos encantos de Cleopatra, o vencedor de Antonio que despojado viu-se pelo seu joven collega da herança de Cesar, que elle fora o principal a defender, arengando ao povo, soberbo de indignação, junto ao corpo ensanguentado do primeiro Imperador.

O. escandalo social que foi a imperial Roma



dos Augustos senhores do mundo, todos sabem.

Aquella grande nação que os *barbaros* do Norte dividiram e dominaram, realizando a fusão de duas poderosas correntes do Direito—a germanica e a latina—fraccionou-se afinal, e a recente unificação da Italia foi certamente um mal para as localidades, que melhormente estariam si Garibaldi e Emanuel tivessem instituido novamente alli a Republica. Não mais a senatorial da idade classica, não tambem a forma bastarda que adoptou a França—porque unitarismo parlamentar republicano é, certamente, peor do que a monarchia com a federação—mas a republica federativa presidencial, a melhor e mais perfeita forma de governo, pelo accordo que estabelece entre a tendencia dispersiva das actividades e a unidade nacional.

Só um povo, parece, adapta-se ainda perfectamente ao symbolismo politico da monarchia constitucional unitaria. É' o inglez. É' isso, pelo genio da raça ; pelo amor á tradição ; pela consciencia de que o rei não governa e pela certeza de que alli, na Albion odiada e temida, a liberdade existe tanto quanto é possivel no *momento historico* para os cidadãos daquella *Republica* de facto, singular e inimitavel.

A mania politica dos povos latinos imitadores, adoptando como forma de governo o constitucionalismo britannico, é um erro que a experiencia sobejamente tem demonstrado, porque ninguem reproduz a instituição monarchica da Inglaterra, onde a soberana é adorada e nulla.

* * *

O Brasil, escolhendo a forma federativa pre-



sidencial, deu um grande passo na estrada do progresso, e, si é verdade que alguns detalhes foram mal consignados na Constituição de 24 de Fevereiro, o que pouca monta, por que temos o recurso da revisão e a experiencia demonstrar a necessidade de reformas especiaes; si é verdade disso, tambem o é que o governo federativo realiza o mais perfeito molde do Estado moderno e é o mais sabiamente interpretado perante a sociologia.

*
*

Um dos ultimos livros de Raul de la Grasse-rie, o notavel jurista francez que tão sabiamente applica ao estudo especial do direito o methodo experimental, auxiliando-se da sociologia nascente e da legislação comparada,

o *Estado Federativo* é a demonstração eloquente da superioridade da federação sobre o unitarismo.

O eminente cultor da sciencia que investiga as origens das instituições juridicas, para a applicação logica e social dos phenomenos a ella sujeitos, estudando no valioso livro citado a moderna instituição do federalismo politico, accentúa que, por um movimento analogo ao biologico, a sociologia ensina que na formação das sociedades humanas dá-se a confederação rudimentar constituida pelos grupos entre si até então ligados somente para a guerra, confederação determinada pelas necessidades de conquista, defesa ou alimentação, e que estes esboços de nacionalidades transformam-se em nações unitarias, pela supremacia de um dos membros do conjuncto social, que destaca-se, constituindo hierarchia, e restringindo a autonomia das outras provincias.

Esta unidade, porem, determina a plethora na capital e a anemia nas extremidades. Toda a vida concentra-se na metropole, ficando as provincias na mais triste penuria.

Urge, então, opina o distincto jurista, que volvamos a um novo estado federativo, superior ao antigo, porque aperfeiçoados elementos existem para a composição do organismo dos governos.

Este argumento biologico de Raul de la Grasse-rie é acceito pelo nosso mais notavel jurista-philosopho—o eminente Clovis Bevilacqua, que, abandonando o rigorismo positivista que condemna a applicação de methodos de sciencias inferiores a outras de superior hierarchia, e despresando tambem os conceitos do profundo Tarde, que vê o atrazo da sciencia social na analogia que se pretende n'ella enxergar com a meehanica e a biologia, declara que o argumento do jurista francez é confirmado pela historia.

De facto, o egregio professor da Eschola do Recife, desdobrando o argumento, mostra-nos exemplos nos grupos que hoje ainda vagueiam nos sertões do continente negro, e nos da Australia; na organização antiga do Egypto reproduzida na Palestina, na India, na Persia, em Roma, na Germania, na Inglaterra, por toda a parte; e explica a situação da Grecia, que ficou no esboço federativo porque a actividade dos Alexandres foi solicitada pela febre de conquistas.

" A combinação do principio republicano com o da federação mais ou menos como a realizaram na America do Norte e na Suissa, diz Clovis Bevilacqua, é o typo em que se equilibram as forças e as tendencias dos diversos elementos sociaes.

E' verdade que, mesmo n'aquelles paizes on- o systema da moderna federação encontrou appli-



cação aperfeiçoada, diz ainda o sabio jurista brasileiro, " o observador encontra baldas a expungir. "

Uma d'essas baldas é a multiplicidade de legislações que Raul de la Grasserie considera um mal, proclamando de *immensa vantagem a unificação legislativa*.

Clovis Bevilacqua, porem, não quer a *unidade completa, que dessora e comprime*, e, dizendo embora que a Constituição não consignou o desejado *meio termo* entre a unidade e a *variedade indisciplinada*, afirma que está evitado o perigo da dissolução do direito patrio na sua parte substancial.

Para o illustre cathedratico da Faculdade de Direito do Recife, uma razoavel aproximação do meio termo indicado seria obtida com o simples desenvolvimento da these do Art. 34 § 23 da Constituição brasileira, no sentido de, dando-se-lhe uma menos ampla interpretação, cercear a liberdade legislativa dos estados, "conferindo-se a estes somente o direito de organizarem, a seu talante, a sua justiça local e estabelecerem normas segunda as quaes tenha esta de agir, espontanea ou provocadamente." O estudo d'esta these importantissima da unidade legislativa e federação, sustentada por de la Grasserie, não cabe no espaço deste artigo.

Accentuar é bom, porem, que a doutrina vencedora na constituinte brasileira foi a diversidade de legislação, mantendo-se unas e communs a todo o paiz as linhas principaes do direito substantivo, o que não está longe das idéas de transacção advogadas por Coelho Rodrigues no senado e expostas por Clovis Bevilacqua em um erudito artigo de analyse ao livro — *Estado Federativo* — de Raul de la Grasserie.

O receio d'esses illustres juristas é que o di-



reito nacional seja aniquilado pelos rebentos estaduais, apesar da confissão de Clovis de estar evitado esse perigo.

Parece, porem, que o correctivo do Supremo Tribunal, para evitar que os congressos locais exorbitem, muito vale; e, conservando a União para si a faculdade de organizar os codigos civil e penal, o corpo de doutrinas nacionaes que formam o direito patrio estará a salvo da influencia varia dos Estados, que só têm o direito, de accordo com as franquias antonomicas da federação, de legislarem na orbita do direito adjectivo, estabelecendo as normas reguladoras da magistratura local.

Os interesses geraes da communhão estão protegidos pelos codigos federaes em vigor, em todo o territorio nacional.

A má comprehensão por alguns congressos estaduais do preccito da Constituição, que marca o limite da esphera de sua competencia, facilmente será corregida, evitando-se, pelas sentenças do supremo tribunal da União, o perigo de indebitas intervenções juridicas, firmando-se o "equilibrio perfeito dos diversos elementos sociaes", que é a grande virtude da federação, como muito bem affirma o notavel pensador Clovis Bevilacqua.

ALBERTO MARANHÃO.

Natal—26—12—1898.



Ao cair da noite

A Maria Emilia Loureiro

Não sei que paz immensa
Envolve a Natureza,
N'ess'hora de tristeza,
De dor e de pesar.....
Minh'alma, rindo, pensa
Que a sombra é um grande véo
Que a Virgem traz do Céu,
N'um raio de luar.

Eu junto as mãos, serena,
A murmurar, contricta,
A saudação bendicta
Do Anjo do Senhor,
Emquanto a lua plena
No Azul, formosa e casta,
Um longo manto arrasta
De lurido esplendor.

Minhas saudades todas
Se vão mudando em astros.....



A magua vai de rastros
Morrer na escuridão.....
As amarguras doudas
Fogem, como um lamento,
Longe do pensamento,
Longe do coração.

È a noite desce, desce,
Como um sorriso doce,
Que em sonhos desfolhou-se
Na voz cheia de amor,
Da mãe que ensina a prece
Ao filho pequenino,
De olhar meigo e divino
È labio aberto em flor.

Ah ! como a noite encanta !
Parece um santuario,
Com o lindo alampadario
De estrellas que ella tem !
Recorda-me a luz santa,
Immaculada e pura,
Da grande noite escura
Do olhar de minha mãe !

O' noite embalsamada
De castas ambrosias.....
No mar das harmonias
Meu ser deixa boiar...
Afasta, ó noite amada,
A duvida e o receio,
Embala-me no seio
È deixa-me sonhar !

AUTA DE SOUZA.



Uma questão pratica de direito criminal

Ao Dr. Antonio de Souza.

Em vista do art. 201 do C. d. penal o crime do perjuro só pôde dar-se no *plenario*, ou tambem na phase da instrução ou formação da culpa ?
Corollarios.

Procuram os juizes satisfazer a natural exigencia de estabilidade nos conceitos e relações de direito.

Quando, com esse objectivo, se deixão influenciar por uma sã jurisprudencia, só merecem applausos e augmentam os creditos dos tribunaes.

Mas, por vezes, a excessiva subserviencia á jurisprudencia dos tribunaes é causa de erros funestos e injustiças clamorosas.

Por outro lado, a céga observancia de uma tal jurisprudencia cercia a livre investigação dos juizes, alimenta-lhes a apathia, torna-os indifferentes aos resultados scientificos.

Dessa deploravel falta de comprehensão de de-



veres proficuaes resulta a diversidade se antinomia de doutrina em sentenças sobre questões semelhantes.

Ora, nada ha mais deprimente para os creditos dos tribunaes do que o predominio de sentenças injuridicas ou fundadas em doutrina vacillante.

Os cidadãos, ao consultarem a fluctuante jurisprudencia antes de se lançarem a uma demanda, não se julgam seguros em seus direitos e até duvidam do criterio dos juizes.

Estes sabios conceitos, acima transcriptos, expressos com admiravel singeleza, li-os no portico da nova e notavel *Revista de Jurisprudencia*, da qual é redactor principal o preclaro magistrado Dr. Raja Gabaglia; e dignos se fazem de seria meditação da parte dos nossos juizes. (1)

N'elles está indicado o bom, como o mau caminho,—o que merece ser seguido com louvor, e o que deve ser evitado com precaução, a bem de todos, dos juizes, dos tribunaes, cujas sentenças, por ventura injuridicas, já é um grande mal, mal necessario embora, que prevaleçam entre os proprios litigantes, e será uma verdadeira desgraça que venhão a ser arvoradas em *normas* de futuras decisões aos casos semelhantes.

Não ; a norma do Juiz é a lei. Já o imperador Justiniano impunha ao juiz—julgar—não conforme ao *prejudicio* de seus predecessores, mas segundo a lei : *Non exemplis sed legibus* judicandum sit (C. 13. de sent. et int. judic. 7. 45.)

Por ter pensado sempre deste modo, nunca, ao desejo de "satisfazer a natural exigencia social

(1) Veja-se tambem *Filosofia del diritto privato* de Cogliolo 2.ª edic. Babera, § 4.



de estabilidade nos conceitos e relações jurídicas," nunca, repito, sacrifiquei de todo o exame dos motivos das sentenças dos tribunaes. Assim, cotejando esses motivos com a lei, jamais duvidei reusar-os quando o estudo accurado gerava em meu espirito a convicção profunda do sacrificio d'aquella.

Si essa convicção podia em algum caso não ser a mais acertada, ou, mesmo, si não o foi em todos elles, era sempre sincera, e tanto me bastava para não furtar-me ao arduo dever, inherente ao cargo, de procurar "discernir o rumo da lei", que outra cousa não é realmente a missão *interpretativa* do juiz, no expressivo dizer do insigne Marschal. (2)

Bem é de ver que este systema é muito menos commodo do que o da simples applicação aos casos concretos occorrentes dos motivos das decisões proferidas pelos tribunaes; porquanto, e conforme se exprime o douto profesor Cogliolo: "é infatti naturale che giudici poco istruiti o molto neghittosi trovino comodo l'adagiarsi nel letto facto dagli altri." (3)

Não ignoro mesmo que ha quem tenha querido deduzir, vem ao caso lembrar aqui, do art. 59 III, § 2.º da Constituição Federal argumento em prol de certo character de obrigatoriedade para a jurisprudencia dos tribunaes no sentido de constituirem *norma* de decidir para os casos semelhantes futuros.

Até já tem sido motivo para *advertencia* a juizes inferiores da parte de alguns tribunaes, o Supremo Tribunal Federal inclusive, a circum-

(2) Decisão no pleito *Osborn v. United States Bank*, a cujas palavras cita o eminente Ruy Barbosa: *Acta. Inconsta.*, pag. 86.

(3) *Filosofia del diritto privato*, 2.ª ed. Barbera. pag. 44.



stancia de se afastarem aquelles da jurisprudencia seguida na instancia superior.

Em tudo isso, porém, peço venia para dizer, ha uma extranha confusão de idéas e de cousas diversas que, desdobradas até as ultimas consequencias, levariam ao absurdo de converter os tribunaes em poder legislativo, pois tanto importa dar ás razões de decidir daquelles força obrigatoria para impor-se na solução dos casos futuros semelhantes. (4)

Ora, esta consequencia põe em evidencia o disparate da jurisprudencia assim entendida, com tal elasterio,—regra ou norma absoluta, intangivel, quasi inviolavel e sagrada, mesmo em nome da lei e dos principios da logica, os quaes são, não ha negal-o, outros tantos sões do mundo intellectual.

Não ; não ha tal inviolabilidade, penso, não ha tal regra imperativa, da parte dos julgados, Inviolavel—só a lei é ; a *regra* só esta pôde dar, pois, somente ella constitue a *norma obrigatoria*—na declaração do *direito*, cuja integridade dest'arte impõe-se como vinculo de harmonia e segurança social.

Consequentemente, a verdade é que: “Juizos e decisões dos tribunaes, como opinião de juriconsultos, quando contrarios a leis indubitavelmente validas, não podem pretender por si a efficacia de uma observação judicial, nem obrigar o juiz a seguir nas suas sentenças o que tenha sido julgado, ainda que por muito tempo, em casos analogos (Gluck, Pandette, livro. 1º, t. 2, § 33).

A *consulta*, e bem o está mostrando o voca-

(4) Não se poderá ver nisso a confirmação da seguinte observação de Cagliolo ? : La storia mostra che in tutti i periodi de decadenza fu maglori la autorità delle sentenze in casianaloghi”.



bulo, da jurisprudencia, a que se refere a citada disposição constitucional, não vae além de um meio instructivo, conveniente, sim ; mas sem a supposta força obrigatoria. Interpretação meramente doutrinal, a dos tribunaes, não pode pretender para si a força da interpretação *authentic*, que só cabe ao poder que faz a lei.

O contrario disso seria retrogradar no campo da sciencia juridica ; seria mesmo provocar conflicto no seio da propria Constituição Federal, a qual consagra, não só a *divisão*, como a função especifica dos poderes dentro das respectivas orbitas, que ella positivamente traçou. É só assim elles podem ser *harmonicos* e ao mesmo tempo *independentes*, nos termos do art. 15 da Carta federal brasileira.

Sirvam-me estas considerações de escusa pela ousadia da minha parte, pois sou o primeiro a confessar a minha insufficiencia, em seguir doutrina contraria à firmada pelo Superior Tribunal de Justiça deste Estado, quando decidiu, em accordam de 19 de Maio de 1897, proferido nos autos de recurso criminal n.º. 111, que, “em face dos §§ 2.º. e 3.º. do art. 261 do Cod. Penal vigente, não se pode verificar crime de perjurio no summario da culpa, e sim no plenario”.

Sob este fundamento, decretou o egregio Tribunal no referido accordam a responsabilidade de um juiz districtal que entendeu a lei de modo diverso ; e, por occasião de tomar conhecimento do processo de responsabilidade, na qualidade de juiz processante, proferi, depois de detido exame, em data de 15 de Dezembro de 1897, sentença, na qual tive, mau grado meu, de pronunciar-me em sentido contrario, sem quebra do muito res-



peito ao Tribunal e a cada um dos signatarios do indicado accordam.

E' desta minha decisãõ que, sem outro intuito que não seja provocar o estudo e a licção dos competentes, passo a extrahir os fundamentos da minha opiniãõ, que, mezes depois, vi, com satisfaçãõ, patrocinada inteiramente em luminosa sentença do Conselho civil e criminal, do Rio, relator o notavel magistrado Dr. Moniz Barreto, proferida em data de 2 de Abril de 1898 e publicada na "Revista de Jurisprudencia", n.º VII, de Maio do mesmo anno, pag. 138.

Foi do seguinte modo que fundamentei a minha dieta decisãõ :

—No dominio do codigo de 1830, que definia, art. 169, o crime de perjurio pelas simples expressões : "jurar falso em juizo", e distinguia a penalidade, quando a causa era criminal, conforme o juramento falso fosse "para absolvição ou para condemnação do réo", duvidoso era, e assim foi theorica e praticamente, si o perjurio podia dar-se na phase do processo chamada instrucção, informaçãõ ou formaçãõ da culpa, a qual, como se sabe, é preliminar indispensavel do julgamento ou *plenario*.

Assim, na esphera da theoria, si o notavel auctor das "Observações ao Cod. do processo criminal", Dr Mendes da Cunha, sustentava não haver crime de perjurio na formaçãõ da culpa, outros juriconsultos, não menos notaveis e mais modernos, opinaram, com valiosos fundamentos, de modo contrario, entre os quaes o Dr. Silva Costa, na *Revista*, de Janeiro e Fevereiro de 1868, e o Dr. Thomaz Alves nas suas "*Anotações Theoricas e praticas* ao Cod. criminal, vol. 2, pag. 642.

As mesmas correntes oppostas moviam a ju-



risprudencia dos tribunaes, bastando citar as Revistas n.º. 1774 e n.º. 1781, na *Revista Juridica*, tomo 2.º. de 1866,—uma no sentido affirmativo, outra no sentido negativo.

Tal era o estado do nosso direito, na theoria e na pratica, de certo não ignorado pelo legislador, quando sobreveiu o actual Cod. penal de 1890, o qual definiu o delicto de que se trata nos seguintes termos :

“Art. 261—Asseverar em juizo, como testemunha, sob juramento ou affirmação, qualquer que seja o *estado da causa* e a natureza do processo, uma falsidade ; ou negar a verdade, no todo ou em parte, sobre circumstancias essenciaes do facto a respeito do qual depuzer”.

As novas palavras do Cod. penal : “qualquer que seja o *estado da causa* e a natureza do processo”, são claras, não tiveram outro intuito e não podem ter outra explicação sinão eliminar a duvida e a controversia, filhas do laconismo do art. 169 do Codice anterior, o que quer dizer que o crime de perjurio ou de testemunho falso, segundo a technologia do novo codigo, tanto se pode dar no *plenario*, como no *summario da culpa*.

Este, como é sabido, constitue a phase preparatoria, o primeiro momento, estado ou *stadio*, conforme dizem os juristas italianos, do processo penal, como julgamento ou *plenario* constitue a sua segunda phase, momento ou estado final.

“L’istruzione delle prove costituisce il primo *stadio* del procedimento penale.” Enrico Pessi-



na. *Manuale del Diritto penale italiano*, Napoli 1893, parte 3ª, §§ 60, 18 c, 84, 52 e 22.

Tolomei, *Diritto e procedura penale*, 3ª ed., Pavia, 1874, n. 2536.

Logo, das palavras :—para absolvição do acusado,—para condenação,—contidas nos §§ 2 e 3 do citado art. 261 do Cod. penal, vigente, e que também são lidos no antigo Código, não se pode deduzir opinião contrária, porque seria, evidentemente, mutilar a figura desenhada com clareza no proprio art., *verbis* : “...qualquer que seja o estado da causa.”

Ora, ao artigo devem estar subordinados, não só materialmente, mas essencial, logicamente, os respectivos §§. Estes, portanto, só podem ser interpretados de harmonia com aquelle, que os senhoreia, como o principal ao accessorio, como as premissas à conclusão.

Consequentemente, aquellas expressões valem tanto como se dissessem :—a favor do acusado —contra o acusado, empregadas por outros codigos, entre os quaes o francez, art. 361, o portuguez, art. 238.

E si já para muitos interpretes do nosso antigo Cod. criminal, de 1830, as referidas expressões tinham o indicado sentido, hoje, com maior razão, em vista da definição positiva e clara que, do crime de testemunho falso, dá a primeira parte do art. 261 do Cod. penal vigente, de accordo com o Código italiano, fonte proxima e directa daquelle.

O art. 263 do actual Código ministra outro argumento, que não é para ser despresado.

Em vista deste artigo, que suppruiu, seguindo o art. 216 do Cod. Italiano, notavel lacuna do Código de 1830 : “Não terá logar imposição de



pena si a pessoa que prestar o depoimento falso ou fizer falsas declarações em *juízo*, verbaes ou escriptas, retratar-se antes de ser proferida *sentença* na causa”.

Ora, sem distincção, que não fez, e o applicador não pode fazer, entre sentenças na formação da culpa e sentenças no plenário, é claro que a disposição transcripta comprehende umas e outras.

Mas, si a sentença de pronuncia é interloctoria simples, como se poderá objectar, a sentença de não pronuncia é interloctoria *mixta*, que põe termo ao feito, em regra com o direito salvo, a quem fôr, da renovação em vista de melhores provas, porém, também, ás vezes, de modo *absoluto*, como nos casos do art. 10 do Cod. de 1830 e do art. 27 do vigente, *ex-vi* do art. 20 da lei n.º. 2033 de 20 de Setembro de 1871, não revogada n'esta parte pelas leis processuaes do Estado e, portanto, em vigor, nos termos do art. 71 da Constituição do Estado, de 7 de Abril de 1892, e do art. 66 da nova Constituição de 11 de Julho de 1898, acrescento agora.

Dahi, e tendo em consideração o disposto no art. 263 acima transcripto, do Cod. penal de 1890, defluem os seguintes corollarios de real importancia pratica :

a) que, no caso de sentença de—*não pronuncia*, a testemunha não pôde mais retratar-se, ao passo que, no caso de sentença de *pronuncia*, attento o seu character de provisoriidade, a retratação só se torna impossivel, para o effeito do art. 263, com a sentença definitiva no plenário, ou, mesmo antes disso, com outra de egual força, que ponha termo á acção, ou melhor—perima o direito de acção ;



b) só quando se verifica a *impossibilidade* da retratação é que se consumma, juridicamente, o crime de testemunho falso ; e, conseguintemente :

c) antes disso não pôde ser decretada ou ordenada a prisão da testemunha, sob o pretexto de perjúrio, e sem processo que de tal convença ;

d) n'esta ultima hypothese, o juiz que ordena ou decreta a prisão da testemunha antes da consummação do crime, quero dizer—antes da constituição jurídica do delicto e do processo respectivo que o prove, incorre em responsabilidade, porque ninguém pôde ser preso por supposto crime ; e, na hypothese, o crime não existe ainda, juridicamente, em quanto é possível a retratação da pessoa que prestar o depoimento falso, isto é, *antes de proferida sentença na causa*, condição legal para sua punibilidade, nos termos do art. 263.

Accrescentarei agora :

“...L'idea di consummazione del reato secondo la legge puó talvolta coincidere con quella del delinquente, ma puó ben anco e piú spesso differirne ; e deve differirne quando la protezione del diritto lo richieda”.

São palavras, muito a proposito, do preclaro professor italiano G. Tolomei (obra cit., n. 1203), e com ellas encerro o presente artigo, convencido de que o crime de testemunho falso pode verificar-se, tanto no *plenario*, como no *summario* da *culpa*.

Si estou em erro, ahí fica elle para ser rebatido e demonstrado, certo de que não serei eu quem ha de ter a *teimosa* coherencia do conhecido animal da *Fabula*.

MEIRA E SA'.

Natal, Dezembro—1898.



Quadro

(A H. Castriciano)

Sobre o caixão dourado, ella repousa,
Tão branca como a neve da montanha;
N'aquella fronte regelada pouosa
Da morte a quietação serena, extranha.

As pequeninas mãos arroxeadas,
Unidas, presas sobre o debil seio,
—Que não lhe tirem cousas adóradadas,
Parecem supplicar n'um leve anceio.

Um coração suspira desolado
Tristissimo, fictando esse maguado
Quadro funereo de amargor infindo.

E não se sabe bem quem é o morto
—Si o coração de mãe n'aquelle horto,
—Si o pequenino ser que está dormindo !

RENE' DE VINCY.



Política internacional Americana

A velha politica de conquistas e de expansão colonial seguida pela Europa tem sido a causa de seus maiores desastres, creando entre as diversas nações odios e rivalidades, que, quasi sempre, lhes têm acarretado guerras sanguinolentas em que mal se calculam os sacrificios de vidas e de dinheiro.

Como consecuencia das desconfianças e perfidias d'ella originadas e—ainda mais—como resultado de represalias esperadas em um futuro mais ou menos proximo, veiu a necessidade da *paz armada*, isto é, da manutenção de enormes exercitos permanentes, que absorvem a maior parte da receita publica.

A "Revue des Revues" publicou, ha mezes, um curioso estudo a esse respeito.

Por elle se vê que o effectivo dos exercitos europeus, em tempo de paz, é o seguinte :

Russia 1.000.000 de homens



França.....	589.000	de homens
Allemanha.....	585.000	"
Austria.....	365.000	"
Italia.....	174.000	"
Inglaterra.....	220.000	"
As demais nações (pequenas)	1.380.000	"

Em pé de guerra :

Russia.....	2.500.000	"
França.....	2.500.000	"
Allemanha.....	2.230.000	"
Austria.....	2.500.000	"
Italia.....	1.473.000	"
Inglaterra.....	720.000	"
As pequenas nações.....	3.142.000	"

Com as reservas :

Russia.....	9.000.000	de homens
França.....	4.370.000	"
Allemanha.....	4.300.000	"
Austria.....	4.000.000	"
Italia.....	2.200.000	"
As pequenas nações.....	5.470.000	"

Ao todo, ha : 4.313.000 soldados em tempo de paz, 15.065.000 em pé de guerra ; e 29.340.000 com as reservas.

Isto fez com que um escriptor illustre dissesse que a Europa não é, na realidade, mais do que um vasto acampamento militar, medindo vinte vezes a extensão de Paris.

Si, deixando de lado o numero de combatentes,



estudarmos quaes as sommas precisas para conservar esses poderosos exercitos, saberemos que a Russia gasta annualmente 772 milhões de francos ; a Allemanha 675 milhões ; a Fraça 650 milhões ; a Austria 432 milhões e meio, etc.

Comparando os effeitos decorrentes dessa situação com os que poderiam ser obtidos com a applicação util e proveitosa de tantos milhões de braços e de capital ás industrias e ao commercio, chegaremos á conclusão de que a *paz armada* é absolutamente improductiva, porque —n'um meio em que o anarchismo e o socialismo, como corollarios da miseria publica e da lueta entre o capital e o trabalho se accentuam cada vez mais como um problema de difficil solução—ella contribue, em grande parte, para manter opprimidos os povos, paralyzado o desenvolvimento economico dos diversos paizes.

Spencer Wilkinson já affirmou que o conflicto é o facto mais elemental da vida nacional.

Ninguem ignora que isto é, até certo ponto, uma verdade ; mas o que tambem não pode ser posto em duvida é que, si não fosse a politica absorvente da Europa e, decorrendo della, o receio por parte das nações mais poderosas de guerras provaveis no continente, os orçamentos não seriam sobrecarregados com dispendiosas organizações militares, que, em muitos casos, como o da Italia na questão da Abyssinia e o da França relativamente a Fashoda, não evitam derrotas estrepitosas e humilhações pouco dignas.

Será um interesse superior de civilização que dá origem a essas despesas fabulosas ?

Não ; e a existencia da Turquia no seio dos povos que melhor representam a cultura e progresso occidentaes é uma prova disto. Ella con-



tinúa a figurar no mappa das nações 'independentes porque os gabinetes europeus não puderam até hoje chegar a um accordo sobre a sua partilha.

Todos querem a melhor parte da presa opima, e em quanto não conseguem obtel-a vão conseruando " aquelle acervo de effeminação, villania e incapacidade," expressão com que já foi designada a China.

No estado em que se encontram hoje as velhas monarchias que, com a decadencia de suas dynastias, vão attingindo o maximo dos sacrificios que é licito exigir dellas, não pode deixar de merecer os applausos dos homens superiores, daquelles para quem o bem da humanidade deve ser o fim a que se dirigem os povos, a idéa generosa de que se fez propagandista cheio de convicção e de fé—Nicolau 2°

Valendo-se do prestigio que lhe advem do facto de ser o mais poderoso soberano da Europa, elle tornou-se o promotor da campanha em favor do desarmamento geral e encarregou o seu ministro Mauraview de convocar, pela celebre circular de sua ordem assignada, o Congresso da Paz.

Sou dos que não acreditam na efficacia dos tratados, nem na sinceridade internacional. Penso que "*Si as declarações constitucionaes não garantem os direitos declarados aos membros da nação onde imperam, muito menos poderão influir sobre as suas relações com extranhos. Preconizações abstractas de paz não esconjuram a guerra*"

Mas nem por isto deixo de admirar a manifestação de um grande espirito para quem a paz universal, assegurada, não por elementos de destruição e de morte, mas pelos indestructiveis prin-



cipios da justiça e do direito, não é uma phantasia, uma conquista irrealizavel.

Ainda para os mais scepticos, o convite do Imperador da Russia aos gabinetes europeus é um testemunho insuspeito de que vae se tornando insupportavel a politica de lucta e dissensões internacionaes, e que é indispensavel, pelo menos, accetar o arbitramento como solução primaria para resolver os conflictos entre as nações.

Infelizmente, as lições do passado são improficuas para os povos ; e isto mesmo vão demonstrando os Estados Unidos, que querem iniciar agora a mesma politica de aventuras coloniaes que, na Europa, produziu os resultados que acabamos de ver.

O auxilio, em alguns casos decisivo, que as esquadras prestam nas guerras modernas, quando trata-se de paizes banhados pelo mar, é um facto hoje incontestavel.

Para proval-o, basta citarmos os exemplos do seculo actual e, destes mesmos, os mais recentes, que foram a guerra chino-japoneza e a que teve logar ultimamente entre os americanos e hespanhoes.

Nos proprios paizes onde pode-se fazer, sem grandes difficuldades, a navegação dos rios, elle comprova-se brillantemente.

A esse respeito, diz um notavel escriptor, falando do contingente que a marinha prestou, nos Estados Unidos, por occasião da lucta homerica entre o norte e o sul:

" Triplice veiu a ser esse contingente e, em cada uma de suas tres partes, capital : cooperar nas manobras do exercito e transportar em segurança as tropas federaes ; executar o bloqueio ;



expugnar as fortificações inimigas, desarmando as costas e levando ao centro do território rebelde, pelas arterias fluviaes, as armas da União," E o almirante Porter foi mais longe, asseverando que o bloqueio contribuiu mais para o perdimento da Confederação do que todas as demais operações juntas.

Constatando essa verdade e fazendo apreciações sobre a obra de Stenzel, o auctor da *THE FLEET OF THE UNITED STATES IN THE AMERICAN CIVIL WAR*, disse o senador Ruy Barbosa, escriptor a que me tenho referindo mais de uma vez neste trabalho :

"Na Europa, como na America e na Asia, na França, Inglaterra e na Allemanha, como nos Estados Unidos, na China e no Japão, a voz da historia é a mesma.

Todos os estados orlados pelo mar necessitam de ser fortes no mar porque "o littoral, fronteira do oceano, campo commum de todos os povos navegadores, abre os paizes maritimos aos commettimentos da avidéz estrangeira contra a qual não se conhece anteparo decisivo, a não ser no coração do marinheiro e na solidez da marinha".

No nosso continente, os Estados Unidos foram a nação que melhor comprehendeu que os exercitos podem improvisar-se, n'um momento de perigo, ao passo que "AS ESQUADRAS SÃO OBRA CUSTOSA, PORFIADA E TECHNICA".

Convencidos disto, preferiram, ao envez de dispendarem o seu orçamento com a manutenção de exercitos permanentes numerosos, a criação de uma marinha respeitavel que assegurasse o valor de suas armas em qualquer ponto do mundo. E agora mesmo demonstraram que, si não fosse



esse procedimento, não lhes teria sido tão facil a victoria.

Possuindo um exercito de apenas vinte e cinco mil homens, que podia e pode ser elevado a um numero extraordinario, porque, em tempo de guerra, todo cidadão é soldado, tiveram na esquadra o penhor de seu triumpho, conseguido n'um espaço relativamente curto.

Talvez tenha sido a certeza de sua superioridade no mar, alliada aos proveitos que lhes poderiam advir da guerra, o movel preponderante dessa lucta desigual, em que foram esmagados os valentes filhos da patria dos Cids e Pelayos. E digo isto, porque já hoje não creio no desinteresse e no amor á liberdade da grande republica norte-americana.

Penitencio-me dessa culpa, porque fui dos que —ingenuos— pensavam que fosse o desejo de secundar os que, em Cuba, se batiam pela independencia de sua terra a razão justificativa da guerra.

Disse eu, quando romperam as hostilidades :

Nesse duello tremendo de duas nacionalidades, a cavalheirosa Hespanha —terra do amor e do heroismo— nos desperta, pela unidade de raça, um culto de veneração e de respeito pelas suas glorias passadas ; mas o nosso coração está todo com os americanos, que querem ver Cuba livre da tyrannia despotica de seus governos para continuar a affirmar, no convivio das nações cultas, a grandeza de seus antepassados, e de seus colonisadores.

E accrescentava :

Os Estados Unidos, cuja supremacia continental ninguem disputa, desconhecariam as proprias leis de humanidade si, por mais tempo, se



demorassem em ir em auxilio desses que até hoje tem evitado as emboscadas, mas que nunca recciarão o combate leal, escrevendo epopéas de valor com o seu sangue generoso e mostrando a sua força atravez da figura homérica de Maximino Gomez, o caudilho invencivel e destemido, o guerreiro audaz e valente, o supremo director das operações militares dos revolucionarios. E nem se diga que foi o calculo frio das conveniencias, o egoísmo de predominio que levou os americanos a protegerem os filhos gloriosos da Perola das Antilhas. Não; o governo americano não fez a guerra á Hespanha: declarou-a apenas.

Quem a fez foi o povo, nas explosões irremprimiveis de sua nobre dedicação por um ideal superior; e o povo nunca é levado por interesses mesquinhos. Elle viu nos cubanos heroes e martyres: uniu os seus aos esforços delles, arrastando o governo de seu paiz a uma guerra justificavel, porque—quaesquer que sejam as consequencias della—fará da colonia opprimida a irmã da metropole.

.....

Hoje modifico as minhas opiniões, não em relação ao povo americano, que estou certo era sincero nas expansões de seu entusiasmo pela causa cubana; mas relativamente ao governo de Washington que, desta vez, como de outras de que se encontram innumerous exemplos na historia, quiz, explorando legitimas exaltações populares, tirar proventos materiaes de uma campanha empreendida em nome da civilização.

Para nos convenceremos disto, é sufficiente reflectirmos sobre o procedimento dos Estados Unidos após a victoria.

Elles tinham o direito de atacar a Hespa-



nha, durante a lucta, em todas as suas colonias.

Não é, por isto, de admirar que estendessem as suas hostilidades até Porto Rico e as Philippinas. Obtido, porem, o triumpho, mandava o mais elemental principio de lealdade que o seu primeiro acto fosse a proclamação da independencia de Cuba, solemnemente promettida, á face do mundo, por uma votação eloquentissima do Congresso.

Ainda mais: era natural que cobrassem uma pesada contribuição, como indemnização das despesas feitas; mas não que transformassem n'uma guerra de conquista uma lucta iniciada para evitar que continuasse a ser derramado o sangue de um povo que batalhava pela sua liberdade nos lances tragicos de uma campanha cruel.

E, no emtanto, foi o que fizeram, annexando Porto Rico e as Philippinas, accrescendo que, com os bravos habitantes desse archipelago, a sua perfidia ainda foi maior, porque conseguiram delles auxilios e sympathias que querem pagar submettendo-os, agora, com revoltante ingratição, a seu jugo.

Hoje sou tanto pelos Philipinos, como fui e ainda sou pelos cubanos.

Voltando, porem, a estes.

Os Estados Unidos consideravam Cuba um problema, tanto hespanhol, como americano, no que tinham inteira razão, visto possuirem alli centenas de milhões de pesetas e estar concentrado em suas mãos todo o commercio da ilha; mas o seu direito não vae ao ponto de—sob esse fundamento e á allegação irrisoria de que os cubanos terminaram a lucta cheios de odios, o



que faz recciar da parte delles vindictas mais ou menos serias—recusarem-lhes os meios de constituirem, autonoma e livremente, a sua patria.

Mas isto ainda não é o principal da questão.

Fossem cubanos ou americanos os que ficassem senhores das posições officiaes, o que era indispensavel e urgente antes de tudo, como satisfação de um compromisso inilludivel, era a organização politica da Republica.

Foram, realmente, bem simples aquelles que, no primeiro momento, deram credito ás fallazes promessas dos americanos, porque todos os seus passos nesta lucta trahiam as suas intenções, os seus pensamentos reservados.

E, si não, vejamos.

Synthetizando o que dizem os tratadistas de direito internacional sobre belligerancia, diz um escriptor que são precisos os tres requisitos seguintes para o reconhecimento da belligerancia: 1.º que a revolta tenha já algum tempo de duração, não tendo o governo podido suffocal-a; 2.º que os recursos da revolta sejam importantes; 3.º que ella domine uma parte do territorio, quer maritima, quer terrestre.

Porque os americanos não reconheceram a belligerancia aos cubanos, em vez de fazerem uma guerra dispendiosa? Isto era sufficiente para fornecer-lhes elementos que lhes garantissem vencer por si.

Não o fizeram, porque o seu presidente, sob a pressão avassalladora do *jingoismo*, tornara-se partidario da politica de conquistas territoriaes.

Affirmam alguns, que não querem submeter-se á evidencia dos factos e attenuar a sua ad-



miração pelos *ingleses da America*, que estes, prestando honras militares a Calixto Garcia, depois de morto, e não perturbando a escolha de Maximo Gomez para a presidencia de uma republica cuja existencia é ainda problematica, manifestaram publicamente o firme proposito de não crear obstaculos á independencia de Cuba.

E' um engano.

A historia do que se deu no Texas é deste seculo.

Os Estados Unidos incitaram á sublevação os habitantes dessa immensa região, facilitando-lhes os recursos de armas e dinheiro de que precisavam, e, depois, declarando a guerra ao Mexico, annexaram metade de seu territorio. O Texas não escapou: "*a sua independencia foi reconhecida como medida preparatoria da annexação*".

Não nos illudamos.

O que os americanos desejam é preparar os cubanos a serem os primeiros a pedir a incorporação de sua terra como um estado federado da União americana.

Não deixa de ser esta uma politica habil.

Elles sabem bem que qualquer acto que praticarem, confiados na força, irá talvez produzir uma nova revolução, cujos efeitos temem. Preferem, por isto, a eleição de um Congresso—para o qual só entrarão os seus designados, porque serão elles, como depositarios da auctoridade, os proprios fiadores da liberdade de voto —e facilmente CONVENCERÃO esse Congresso de que deve solicitar a incorporação de Cuba.

E eis de que modo, *sem negar-se á satisfa-*



ção de seus compromissos, realizarão as suas aspirações.

Isto pode não dar-se para cohonestar a posse das Philippinas e de Porto Rico ; mas, si succeder, é mais um traço para assignalar a sua politica DESINTERESSADA.

Em qualquer hypothese, porem, reconheçam ou não a independencia de Cuba, ficará, para attestar o seu egoismo, nota característica de sua acção na politica internacional, a annexação de Porto Rico e, principalmente, das Philippinas, onde denodados combatentes pelejam sob o commando do intemerato Aguinaldo, pela sua almejada emancipação da metropole, out'ora hespanhola, hoje americana.

Mas isto não é para causar extranheza, porque, em todos os seus actos, elles não se esquecem de seguir as inspirações que, no momento, lhes dictam as suas conveniencias.

Em 1823, Monroe, em uma celebre mensagem dirigida ao Congresso, declarava que toda interferencia, por parte de qualquer potencia européa, no sentido de opprimir ou de algum modo dominar os destinos das colonias hespanholas da America, cuja independencia havia sido reconhecida, não poderia ser encarada sinão como uma manifestação pouco amigavel para com os Estados Unidos.

Como entenderam os americanos as palavras de seu presidente? Cruzando os braços, deixando as novas republicas entregues aos seus fracos recursos e consentindo até que paizes da Europa augmentassem as suas possessões. O procedimento da Inglaterra com as Malvinas e em Honduras prova esse facto.

E' bem verdade, infelizmente, que a doutrina



de Monroc só existe como uma afirmação da hegemonia dos norte-americanos sobre os demais povos do continente.

E, si assim não fosse, como se explicaria que aquelles que não permitem a intervenção dos governos europeus nos negocios da America, pretendam intervir no Oriente, fazendo politica de expansão colonial?

Com que fundamentos negam ao Japão, por exemplo—que, depois da guerra chino-japoneza, “DE UM JACTO, DE UM SALTO ASSOMARA, DESTACANDO-SE DA VASTA MASSA INERTE DA CHINA, COMO UMA NAÇÃO COMPLETAMENTE ARMADA PARA TODAS AS COMPETENCIAS DA CIVILIZAÇÃO MODERNA”—o direito de ter a mesma preponderancia que desejam na America?

E, no entanto, essa é a aspiração dos japonezes.

Não creio, pois, no desinteresse dos americanos: elles são verdadeiros representantes da raça tenaz, perseverante e fria, porem tambem egoista e pratica de que descendem. E já agora não se deve pôr mais em duvida a alliança em que tanto se fala delles com os inglezes, para uma acção conjuncta no Oriente.

Talvez, d'ahi, dessa politica de aventuras colonias, lhes venham as primeiras decepeções, como justo castigo á sua desmedida ambição.

Quizeram trocar o viver modesto, no regaço da paz e á sombra das leis, pelas incertezas de uma politica que poderá reservar-lhes, no futuro, surpresas e desillusões que hoje—no apogeu de sua prosperidade e grandeza—julgam impossiveis.

Mirem-se nos fecundos ensinamentos do velho mundo e observem detidamente o que vae pela Europa.



É tempo ainda de ouvirem a voz prophetica dos patriotas sinceros que, no senado de Washington, oppõem-se, com mascula energia, á politica de conquistas territoriaes.

AUGUSTO LYRA.



Conceito da sociedade e origem do seu poder

Tem bastante profundeza o bello principio de Rousseau—*il faut beaucoup de philosophie pour observer les faits qui sont près de nous.*

Quando essa sagacidade philosophica falta ou é incompleta, dá-se a confusão dos effeitos com as suas causas, lançando-se em circulação idéas e conceitos que não podem merecer os suffragios de todos os que lêem e pensam.

O estudo do organismo social, da sua estrutura, do seu tecido intimo, tem muitas vezes sido feito sem a devida observação dos factos, que, impressionando mal, levam a affirmações pouco harmoniosas com a sua realidade intrinseca, intima.

Como prova d'esse asserto, temos a doutrina que, sob o ponto de vista economico, desenrolam certos philosophos no sentido de ser a sociedade um grupo de individuos presos pelos elos das mutuas transacções e da permuta de interesses.



A esse conceito de que a sociedade é a mutualidade dos serviços, como pretende Bastiat, *Harmonias Economicas*, sustentando que a sociedade é toda inteira a troca, se poderia melhormente oppôr um outro conceito, não economico, mas juridico, pelo qual a cohesão social, ao envez de ser amalgamada pelo principio da utilidade, fosse constituída das relações de direito estabelecidas entre os seus membros.

Melhormente se comprehende essa preferencia, quando se sabe, pelas lições do originalissimo pensador G. Tarde, que o direito, entre as outras sciencias sociaes, tem esse caracter distinctivo de ser, como a lingua, não sómente parte integrante, mas modelo integral da vida social. As invenções linguisticas, creando novos termos ou dando novo sentido aos antigos, são originadas para exprimir ou fazer comprehender as novas idéas postas em circulação ; e as innovações juridicas nascem tambem para exprimir ou, pelo menos, collocar no grande repositório dos direitos cada forma nova de actividade introduzida por quaesquer innovações.

Mas, si o conceito da permuta é excessivamente elastico, fazendo recuar as fronteiras de uma sociedade para alem do que pode ser previsto, o juridico a detem n'um circulo limitado e restricto.

A força arranjadora do tecido social podia tambem ter o seu elemento creador n'um principio politico ou crença religiosa, porque accetar uma mesma theogonia ou deixar-se saturar de um mesmo sentimento patriotico, como o sonho eterno de resurreição da Polonia, é o que melhor pode convencer do organismo por que passa essa vibração religiosa ou civica.



Desde que um sentimento ou uma crença sugere intensamente um grupo de individuos, fazendo sonhar com uma mesma visãõ religiosa ou antever no seu horisonte politico as fulgurações de um mesmo ideal, é visto que esse grupo fõrma uma mesma individualidade politica.

Mas isso, que é certo, não é bastante para caracterizar uma sociedade, porque esse sentimento religioso ou patriotico não é um phenomene de geraçãõ expontanea, presuppõe uma sociedade já bastantemente trabalhada e em que elle se crystallizou, gotta a gotta pelos, processos da imitaçãõ, primordial factor social.

Convenhamos que si a troca fosse essencial para caracterizar o facto politico ou, como disse Bastiat, si a troca é a sociedade, as sociedades animaes seriam melhormente organizadas do que as humanas, devendo-se erigir arcos de triumpho aos ratos magnanimos das fabulas de La Fontaine, que libertavam leões, gatos *et tutti quanti*.

As diversas classes sociaes se prestam realmente reciprocos serviços, mas muito menos, como diz Tarde, do que as termitas se prestam.

Accitando esse conceito economico da troca como constituindo o facto social, seriamos arrastados logicamente a inferir a superioridade de organizaçãõ collectiva na animalidade inferior, em que a divisãõ do trabalho mais se accentua, e, portanto, os elementos da permuta, como exemplificam os siphonophoros lembrados por aquelle escriptor, entre os quaes essa divisãõ é levada ao extremo de uns comerem por outros que digem por elles.

Essa amorosa assistencia, que faz o encanto e a attracção do estudo da natureza, não se



limita ao reino animal; ella destende o laço fraterno ao animal e à planta.

E' um enlevo observar que cada arbusto coroadado de flores tem um enxame de variados insectos que as frequentam, bella côrte volátil a beber-lhes o mel e a deixar-lhes no pistillo o pollen das azas, pagando essa divida de inebriante nectar com a fecundação da planta.

D'esse amoroso commercio ou troca realizada entre a flôr e o insecto bem se poderia inferir um laço social, quando existe apenas um laço vital, que, uma vez desatado, produziria o estiolamento, a morte da arvore na estufa, nostalgica, saudosa dos seus amorosos insectos, repetindo no seu exilio os bellos versos de Victor Hugo:

Et moi je reste seule à vois tourner mon nombre
A' mes pieds.

Si o principio, emfim, da assistencia dêsse o cunho da perfeição e solidez do organismo politico, seria logico convir em que a agremiação da nossa especie era inferior ás sociedades animaes, em que essa mesma assistencia revela-se aureolada de sacrificios e amor.

Documentam essa extrema dedicação as aranhas, cujo hymineu, diz Dugés, é um delirio; nos seus paroxismos, fallece o macho, e a femea consagra-se à sua posteridade, pela qual; por sua vez, sacrifica-se, mostrando, na bella dicção de Coutance, que as esposas mais apaixonadas serão as mais dedicadas mães.

A adoptarmos essa neutralidade de serviços, como a quinta essencia da perfeição do laço social, segundo opinam os economistas, seriamos arrastados a, despresando toda relação juridica, considerar perfeita a sociedade violenta do proprietario com os seus escravos, que elle alimenta em



troca dos esforços dos seus musculos, do senhor feudal com o servo esmagado por pretensos direitos que destendiam-se ao proprio leito nupcial, ás primicias da joven noiva vilipendiada, em troca da protecção do castello plantado no alto da collina.

Esses taes, attento o ponto estreito do interesse, seriam melhormente ligados do que os que afinam por um identico sentimento religioso, balbuciam uma mesma lingua e abrigam no cerebro um mesmo idéal patriotico, emocionando-se, ao influxo do costume e da tradicção, pelas bellezas d'arte, pelo triumpho dos seus exercitos e eloquencia dos seus tribunos e legisladores.

Uma tal sociedade, talhada pelo materialismo brutal do interesse, não teria produzido um Victor Hugo "*com a fronte tocada de um raio prophctico*", um Balzac, "*olhando com o microscopio do seu grande olho á flor do rosto o infinitesimamente pequeno do coração humano*" : um não teria glorias, grandezas, virtudes a emoldurar n'um poema, o outro miserias a abater, porque o mar social, como o mar morto, seria pesado e inavegavel, sem uma aragem de esperança a frizar-lhe a face morta.

Ao contrario do que imaginam os economistas, ao passo que as sociedades evoluem pelo processo do intereruzamento das descobertas e invenções, processo, portanto, imitativo, as relações juridicas vão se accentuando, porquanto tudo que constitue uma permuta de serviços ou troca dos productos do labor humano, desenvolve-se ao influxo de um principio juridico que a movimenta e dá-lhe uma forma regular e aceitavel.

Do exposto deduz-se que uma sociedade é antes um accumulo de obrigações, contractos, direi-



tos e deveres, productos genuinos das leis, tradições, usos e costumes, do que a troca, sem ornato, de valor por valor, que pôde ter logar entre povos heterogeneos e de zonas afastadas; ao passo que as relações juridicas presuppõem uma certa similhaça entre os elementos que as formam.

A divisão do trabalho especializa as aptidões, e dada como laço de união d'esses elementos, por isso que estimula a troca, tocaria ao absurdo, porque cada classe productora constituiria *especies humanas distinctas*, unidas pelo egoismo, pela identidade de interesses *vis-á-vis* das outras classes, com as quaes estabelecessem as suas relações de permuta.

Entretanto, si a divisão do trabalho, que é a *alma mater* do phenomeno economico chamado troca, abre no seio social profundos sulcos de diferenciação, o que importa trabalhar para dissolver, entregue a si mesmo, o corpo politico, o direito, cujo dominio é, na phrase de Tobias Barretto, a prisão de todos *vis-á-vis* de todos, de cada um a cada um, ergue um dique deante d'essa diferenciação, fazendo-a sensivelmente submergir-se no vasto oceano dos contactos.

E' o direito o grande architecto da egualdade, o nivelador de todas as classes e quando a sociedade, desde o palacio ao mais humilde tugurio, derrama a luz fecunda da instrucção, ensina desde a cidade ao campo os direitos e deveres dos individuos, que a constituem, elevando assim o nivel moral de todos os obscuros á altura do nivel dos que a dirigem, inspira-se no culto da confraternização e não no do egoismo decorrente de considerar-se o homem "um animal que faz trocas".



A sociedade faz n'esse caso obra de *assimilação pelo contagio imitativo*, ella os eleva á altura e procura tornal-os semelhantes aos que a dirigem, tornando commum o patrimonio de idéas, crenças, sentimentos e affectos.

E a sociedade assim procede porque, si é certo que seres differentes podem se prestar mutuos serviços, é mais que certo que só pôde haver laço social entre elles de reciprocos direitos, si soffrem a pressão de uma mesma tradição, si têm um mesmo patrimonio de crenças e se modelam pelo mais energico instrumento de imitação—a educação.

O laço economico; essencialmente vital, não dá o tom social á agremiação humana, o laço juridico, por isso que o direito é um producto da cultura humana e surge da similitude por imitação, (sem semilhança social não ha direito) tem um character social. E, diz Tarde, quando essa similitude existe, sem que haja direitos reconhecidos, já existe um começo de sociedade.

Luiz XIV definiu bem, na celebre phrase—*l'Etat c'est moi*—que, embora sem um laço juridico, se pode reconhecer uma sociedade, pois que tudo se anniquilava deante da sua pessoa tornada modelo de todos os francezes, com os quaes, apesar da inexistencia de ligação juridica, se achava unido socialmente por identidade de crença religiosa e educação classica, “sentindo a influencia dos seus cortesãos, especie de imitação *diffusa*, recebida em retorno de sua imitação *radiosa*”.

Occupando-se, com a sua proficiencia habitual, do impulso imitativo que irrompe dos recessos d'alma humana, diz Clovis Bevilacqua: o valor do *instincto de imitação* para o desenvolvimento intellectual de todos os animaes que vivem em so-



cidade, e principalmente do homem, é dos mais notáveis e transmite a experiência adquirida anteriormente sem o dispendio de tempo e de esforços, e, d'esse modo, o progresso mental se effectua com celeridade maior.

E' por isso que, embora o embate da competencia, das rivalidades entre os *officiaes do mesmo officio*, entre estes o contacto social é mais sensível, o laço que os une mais íntimo, porque em seu seio dá-se um armazenamento commum de costumes e principios, produzidos por uma educação idéntica, o que não se gera pelo simples facto da permuta.

Entre esses, a similhaça, originada pelos mesmos processos educativos e, portanto, orientadores á uma mesma teleologia, produz um corpo politico; entre os que têm apenas o contacto da collaboração n'um mesmo estabelecimento industrial não ha laço social, não ha uma mesma corrente imitativa conducente a uma mesma orientação teleologica.

Em vista do que vem a traços largos desenvolvido, uma sociedade, como define Tarde, é uma collecção de seres em quanto estão em caminho de se imitar ou em quanto, sem se imitar actualmente, se parecem, e seus traços communs são copias antigas de um mesmo modelo.

A sociedade não é a Nação. A Austria, subdividida em raças distinctas, em castas diversas, constitue uma Nação, composta de *muitos povos avassallados*, cada um com suas tradições e constituição historica, e como uma Nação constitue-



se de povos, póde constituir-se de classes em choque de interesses egoisticos.

Uma Nação, portanto, é um hyper-organismo, porque o organismocimento só pode ser uma sociedade pela fusão das crenças, costumes, idéas e tudo quanto a força magica da imitação gerou, assimilando.

Ora, uma Nação, para não cahir em dissolução ou em guerra, precisa de um principio que a envolva n'um mesmo amplexo fraternal e a mantenha em equilibrio—esse principio é o suffragio universal, que faz surgir, como de um lago revolto uma ilha de constructa vigorosa, o governo que a todos represente e a todos convença do principio da egualdade, até que a mesma imitação, como a grande caldeira que funde todos os metaes sociaes, apresente um só, depurado e coheso, que constitua o tecido, a similitude social.

Quando esse principio falta, não se podendo bem fundir todos os elementos que se movem no ambiente politico, dá-se o caso dos Estados-Ge-raes, subdivididos em clero, nobreza e povo, divisão que era o reflexo nacional e fez saltar a faisc-a revolucionaria que derruiu o throno secular de Luiz XVI, creando-se, pela extensão do odio entre essas tres classes, uma indescrivel situação a que a Historia deu o nome de Terror.

Esse facto, que obedeceu a leis historicas, que foi o producto natural dos elementos anteriormente accumulados e da impaciencia legitima pela derruba das servidões pessoas e proclamação dos direitos do homem, n'um regimen de real garantia e diffusão completa do voto não se presume poder surgir.

O suffragio universal o previniria, porque é a



grande força do paiz, em que funciona, o amplo repositório de todas as vontades que constituem a Nação e, portanto, o grande mar que faz naufragarem e submergirem todas as pretensões e desvarios de facções e oligarchias.

Entre os gregos, diz Rousseau, tudo que o povo tinha a fazer o fazia por si mesmo.

Hoje, fal-o por mandatarios constituídos pelo voto, attenta a agitação da vida moderna, a multiplicidade dos negocios e impraticabilidade de uma continua, permanente reunião na praça publica.

Os poderes publicos, que constituem a direcção social, são delegados do povo, representantes da soberania.

Mas, para que essa delegação não seja illusoria, é necessario votar, e votar conscienciosamente, para que não succeda o que com tristeza denunciava Prevost—Paradol, isto é, que para ser deputado em França era preciso ser um homem de governo, ou possuir uma terra de quarenta mil libras de renda, ou descer a declamações e filiações demagogicas.

Realizado por processos seguros, o suffragio universal é a unica expressão exacta da soberania.

“O verdadeiro e o bem são a opinião e a vontade do povo : esta ficção se impõe desde que a ficção da infalibilidade e da soberania monarchica não tem mais curso”.

Entretanto, deante da solidão que vae invadindo os comicios, da sua frequencia vertiginosamente decrescente, salta ao espirito uma pergunta : o suffragio universal exprime a soberania, é a exacta expressão da vontade popular ?



Consultemos a estatística e deixemos que ella nos dê a contristadora resposta.

Segundo o illustre chefe da estatística no ministerio da justiça em França, n'aquelle paiz, no anno de 1885, existiam 10:181,100 eleitores para uma população de 38:050.000 francezes, seguindo-se que tres quartos d'esta população achavam-se privados do direito de voto ; si tomar-se por base do calculo o numero dos que concorreram ás urnas em 1886, que foi de 7,896,100 votantes (concorrença, considerada aliás, extraordinaria) quatro quintos dos cidadãos ficaram extranhos a essa consulta numerica da nação franceza.

N'um opusculo publicado em Dezembro de 1871, já H. Taine se impressionava com o abandono dos comicios, notando que apenas dois eleitores sobre tres votavam.

Sem, entretanto, dominar-se do desalento, este escriptor, depois de outros alvitres, entendia que o remedio para fazer funcçionar melhor a machina eleitoral era crear-lhe mais uma mola, instituindo-se a eleição de dois graus.

Foi na doutrina de Tocqueville, segundo a qual basta que a vontade popular passe atravez de uma assembléa escolhida para ahi se elaborar de alguma maneira e sahir revestida de forma mais nobre e bella, que inspirou-se H. Taine para desejar remodelar por esse systema o suffragio universal.

Cremos que ha uma grande illusão em suppor que mais frequentadas serão as urnas e mais seguros os seus resultados, não cabendo á grande massa eleitoral escolher, por falta de competencia e luzes, mais do que um resumido eleitorado intermediario, que eleja os representantes da Nação.

A medida seria anodina.



O povo que não se emociona em directamente indicar os seus legisladores, muito menos concorrerá ás urnas, reconhecendo a sua incompetencia, para confabular esse segundo eleitorado, revestido de um privilegio de capacidade que já é uma negação do principio democratico, de que o suffragio universal e directo é a suprema garantia.

Depois, a aptidão para escolher quem bem escolha não depende de menos instrucção, de inferior educação e interesse pela causa publica, do que para directamente eleger o depositario do poder, vindo o resultado ser tão *fatal* como a escolha directa.

Essas considerações confirmam que, como diz Tarde, os reformadores do suffragio universal, eguaes a esses normandos que, beijando os pés do papa, se esforçavam por ligar-lhe as mãos, pretendem reformal-o só achando que essa reforma pode ser feita restringindo-o e oppondo ao seu principio essencial o germen mais ou menos dissimulado de um principio contradictorio que se ensaia enxertar no seu.

Esse appello á eleição de dois graus é uma grande illusão, emfim, porque quem vota em alguem para bem escolher, escolhe logo directamente o seu mandatario, ouvindo mesmo esse alguem.

O comicio é um ponto de consultas e deliberação, occorrendo que mais facil e mais perigosa é a corrupção do melhor e do menor numero—*corruptio optima pessima*.

Demonstrando as conveniencias do suffragio universal, diz Tarde que elle tem a vantagem de ser um methodo estatistico de governo, uma ho-



menagem politica prestada á virtude dos grandes numeros e uma reedição original do antigo adagio : *mundum regnunt numeri*.

Mas o notavel escriptor reconhece que sua força reside essencialmente em ser reputado o órgão infallivel da soberania de uma Nação.

Sobre essa instituição, pode-se dizer, respondendo aos que temem-na, receiosos do transviamento da grande *massa* por essa imaginada tendencia humana ao erro e ao aniquilamento e, n'este caso, nenhuma organização seria possivel, falta de um ponto de apoio, com a auctoridade de Luiz Blanc, que não é sobre o ponto de vista exclusivo dos interesses do momento que é preciso se collocar para estimar a importancia social de um principio e que é da essencia do suffragio universal adquirir um valor pratico cada vez maior, á medida que o povo se exclarece, que sua intelligencia se eleva e que sua vida politica se desenvolve ; essa instituição, além d'isso, repousa sobre a noção do direito e, no unico facto de reconhecimento solemne do direito ha alguma coisa de um alcance immenso.

Como quer que seja, o suffragio universal funciona e prestigia o poder publico.

Funciona mal e prestigia de modo muito precario os depositarios desse poder, que se não devem sentir bastantemente fortalecidos pela aura da confiança popular.

D'aqui a urgencia da sua reforma, que deve consistir em dar-se-lhe uma expansão logica, presa ao seu conceito e destino.

Si *mundum regnunt numeri* e si no reconhecimento do direito, como pensa L. Blanc, ha alguma coisa de um alcance immenso, o regular funcionamento do suffragio universal só pode ser



adquirido pela distensão do voto ás mulheres e aos meninos.

Será isso um paradoxo ou uma chimera, mas n'um circulo de espiritos serios, unico digno do julgamento das concepções humanas, diz Tarde, os paradoxos e as chimeras de hoje são os germens de uma verdade e de uma utilidade de amanhã, e essa idéa não é creação de um demagogogo mas de um espirito clerical, M. Henri Las-serre, como refere aquelle illustre pensador que a accita e desenvolve com a mais segura dialectica.

Convenhamos, antes de tudo, em que o suffragio universal é uma lei fatal—o povo vota sempre e de qualquer forma ; sua vontade manifesta-se ou pela voz calma e pacifica dos comicios ou pelo bramir da revolução.

Si esta é, ás vezes, de consequencias perturbadoras da mechanica social, o remedio é justamente previnil-a, não pretendendo erguer diques ás enchentes do rio social, mas alargando o suffragio, *poussant à bout cette grande innovation contemporaine*, fazendo-o realmente *universal*.

Só se pode contestar o direito das mulheres e creanças em serem contadas no escritinio, diz Tarde, por uma derrogação formal na ficção que serve de base á estatistica eleitoral, como em qualquer outra : a equivalencia das unidades numeradas. Em uma eleição, a cabeça de Pasteur e a cabeça de um garoto de Paris que completou 21 annos são e devem ser reputadas eguaes, como na estatistica judiciaria, um furto simples é reputado igual a outro furto !simples, apesar do intervallo enorme que pode existir entre a gravidade do primeiro e a do segundo. E' esta uma



ficção necessaria e, notemol-o, tanto mais perto de ser uma verdade, pela compensação dos erros em mais e em menos assim produzidos, quando ella repousa sobre maiores numeros, isto é, quando ella é applicada mais largamente, com menos excepções e limitações arbitrarías. Arbitrariamente se permitem tomar em consideração o sexo e a idade, qualidades todas physiologicas, sem ter consideração ao grau de instrução, ao de fortuna, nem ao estado civil, a profissão, caracteres de ordem social, portanto, e mais dignos, em consequencia, que os precedentes de serem notados n'uma estatística essencialmente social.

Esse ultraje ás mulheres e meninos pela interdicção dos seus direitos politicos, o profundo escriptor o lança justamente á conta do habito que tem o forte de esquecer o direito do fraco, contrariamente ao cultivo da civilização.

Sob o pretexto brutal da incapacidade, condemna-se a mulher ao gynecceu, priva-sea creança, como ella, de um direito proclamado inalienavel — a soberania, fechando-se-lhes o templo em que a Nação comparece para constituir o seu supremo poder.

Entretanto, ao passo que lhes são negados os direitos politicos, que jogam com os interesses geraes da sociedade, permitem-se-lhes direitos civis, como a facultadade de herdar, cuja suppressão, aliás offendendo os seus interesses particulares, póde obedecer a uma conveniencia do Estado ou da sua organização industrial.

Despojal-os, porem, do voto é descurar do porvir, "porque si a creança é o futuro e a esperança, a mulher é antes de tudo a mãe da creança, e o interesse da Nação é que seus homens de Estado se preocupem, não da geração presente, em que



se fixa sempre o pensamento do homem adulto sem familia, mas da posteridade”.

O poder, a suprema direcção de um paiz, quando eleito por uma minoria, tanto vale fazel-o surgir de um escrutinio apenas franqueado aos que a lei eleitoral privilegiou, deixa-se suggestionar pela necessidade de satisfazer as conveniencias dos grupos e facções, com detrimento dos reaes, dos viciaes interesses da generalidade dos governados.

A falta dos suffragios das mães e das creanças ao poder publico, suffragios que o fariam meditar no preparo das gerações do futuro, fal-o crear essas medidas de pseudá-caridade, esses azylos aos pequeninos desvalidos, verdadeiros mata-douros dos abandonados, orphãos de todo amor.

Pode dizer-se, affirma um escriptor, que os melhores hospicios de creanças abandonadas são cimiterios.

O de Moscou, sobre 37.000, em vinte annos, salva 1:000. O de Dublin 200 sobre 12:000 !

Deante d'esse resultado do egoismo official, pode dizer-se que essa immensa perda é decorrente do afastamento das mães e creanças das urnas, porque o concurso da mulher no governo lhe emprestaria o seu espirito, tendo ella, como Michelet o sustenta, o senso da ordem e aptidão administrativa.

“A palavra da mulher é o dictame universal, a virtude pacificadora, que por toda parte allivia e cura. Mas esse dom divino só o possui quando não é mais a escrava, a muda do pudor, quando o progresso dos annos a emancipa, lhe dá toda sua acção”.

Esse reconhecimento do seu direito não a desvia, antes a adstringe à sua missão social de harmonia e amor.



Deixemol-a penetrar na *caverna* eleitoral : ella serà a portadora da paz, como o foi mistress Livingston acompanhando seu marido às regiões inexploradas da Africa, onde a vista de uma mulher fazia convencer de que elle não era portador do mal.

Reconhecido, como ficou, que o principio da soberania seria destruido sem o reconhecimento às mulheres e creanças do direito eleitoral, admittamos, por um processo de analogia, o seu exercicio pelo principio da representação que é admittido para os direitos civis, referentemente às mesmas pessoas que não têm o exercicio d'estes direitos.

Uma excepção a esse principio da representação dos direitos por mandatarios legaes não se justificaria, mormente quando o poder publico é a sua mais alta expressão, e adoptal-o importa um acrescimo de vontades na confecção dos governos.

Esse processo de apurar, para tornar uma verdade a democracia, a vontade soberana de um paiz, previne o advento de uma *ephebo-cracia* ou *celebo-cracia* perigosa, porque a sociedade requer meditação profunda, avêssa á indole dos nossos ephebos na hora presente.

Para combater o canção que domina os corpos electoraes afastando-se das urnas, e que se origina do valor permanente do voto, quando os que o exercem têm valor differencial patriotico, esse sonho que vimos esboçando seria salutar e Tarde o reduz á demonstração pratica seguinte, fazendo conhecer como os individuos vão subindo e descendo, com a vida, de valor eleitoral :

“O elector de 20 a 25 annos, em geral, teria



um voto ; de 25 a 30, dois, quando muito, sendo 30 annos a idade media do casamento, em França, para os homens ; de 30 a 50, teria quatro, cinco, seis, conforme o accrescimo de sua familia menor. Mais tarde, ao inverso, seus filhos tornando-se maiores ou morrendo, seu numero de votos diminuiria, gradualmente, n'uma regressão correspondente, em media, ao declinio de sua idade e de sua utilidade no seio da Nação”.

Por esse systema, não teriamos uma *éphebocracia*, a monotonia do voto *estacionario* cessa-ria, concorrendo por ventura para prevenir uma *célebocracia*, mas também não teriamos a preponderancia dos gerontes e a *mocidade continua-va sem perder o monopolio das iniciativas gloriosas e fecundas*.

Esse augmento de votos no eserinio eleitoral, essa força advinda da confiança de votantes realmente inspirados no espirito do futuro, faria fugir, como ás alvoradas os phantasmas da noute, o espectro das revoluções, tornadas impossiveis com um poder publico, com uma direcção social ou nacional verdadeiro reflexo da soberania.

Concluamos.

A causa da decadencia do estimulo para a acção, manifestada pelo voto, na Europa e em todos os pontos que importaram e importam os seus principios e tendencias, por esse contagio das civilizações, vem das reacções offerecidas, em odio aos desvarios da Grande Revolução, por todos quantos foram por ella prejudicados.

E' ainda, póde dizer-se, embora o decurso de um seculo, a consequencia dos designios de Pitt, o terrivel adversario d'aquelle enorme movimento



reivindicador, combatendo o seu principio até esse principio se retirar para a cella do arrependimento e da solidão.

Exilou-se a democracia, fugiram as liberdades proclamadas atravez do nevociro vermelho de 89, para a America Ingleza—"cella da solidão"—e é por isso que, n'esse pedaço do nosso continente, onde o individualismo dà vigor á cadeia social, como élo que a solda, o enthusiasmo eleitoral mantem uma mesma temperatura, ao passo que nas outras partes, como no nosso paiz, a arvore eleitoral nos offerece fructos semelhantes aos d'esses fallados arbustos das ribas do Asphaltite.

Explendida cella, esta America virgem, para a democracia expandir-se, abrindo-se, como uma flor da noite, a perfumar todo o ambiente social !

Penha, 22 de Dezembro de 1898.

HOMEM DE SIQUEIRA.



Agonia do Sonho

A Homem de Siqueira.

Vamos—pedi—aquella walsa triste
Execute ao piano : eu quero ouvil-a....
Quero saber si a Alma ainda resiste
A'quelles sons, onde o luar scintilla...

E as suas mãos pequenas, carinhosas,
Pousaram, de vagar, sobre o teclado,
Como dois lyrios, como duas rosas,
Como um casal de pombos, fatigado.

De pé, junto á janella, os olhos fitos
N'um ponto vago do horisonte immenso,
Meus Sonhos despersei e vi, constrictos...,
Vi-os bater as azas, como um lenço.

Eram sonhos azues e sonhos brancos,
Niveos, dispersos pela Esphera santa :
Uns—tinham ais na maciez dos flancos
Outros—volatas presas á garganta.



Esse—era negro ; lurido—era aquelle,
Que mais nunca voltou, que foi-se embora,
Como as aves subtis, que o vento impelle;
Emquanto o sino sobre a torre chora.

Lembra-me um, tão triste e tão mimoso
Que poz-me os olhos tristes rasos de agua :
Levava sobre as pennas, carinhoso,
Um ramo de cypreste : a minha magua,

Lembra-me outro, côr de sangue, rubro...
Esse era o Odio ; conheci—o bem.
Partiu, irado, sob o céu de Outubro
De meu Destino em busca...além...além.

Outro...Inda recorde : um Sonho doce,
Como os olhos, da moça que tocava
(Tão tenue que o senti, quando evolou-se,
Mas sem saber que dentro em mim chorava.)

Outro partiu sorrindo : um sonho verde :
Ia, agitando as longas azas mansas,
Onde a vista não vae...onde se perde...
Era o Sonho das minhas esperanças !

E o ultimo ? Coitado ! sobre escolhos
(Ha-os tambem no ethereo isolamento)
Ia em busca de um astro que meus olhos
Viam, na tela azul do Firmamento.

Não voava ; nem sei como sustinha
O corpo que as estrellas amparavam,
E seu olhar, tão placido, continha
Lagrimas que do céu por mim chamavam.

Era o sonho de minha mocidade,



Cheio de fel e cheio de amarguras :
Procurava, tranisdo de saudade,
Para morrer, um astro nas alturas.

E emquanto, lá em cima, agonizava,
O som final da walsa se extinguia :
A moça, distrahida, se ausentava
E a turba ria, indiferente...ria !

HENRIQUE CASTRICIANO.



A sociabilidade

O homem é o unico animal que revela aptidão para o desenvolvimento das qualidades sociais e em quem se manifestam sufficientemente caracterizados os phenomenos moraes.

A tendencia constante e energica para o aperfeiçoamento do sentimento, da intellegencia e da actividade, com o fim de aperfeiçoar a existencia collectiva, tal é a manifestação espontanea que distingue o homem dos outros animaes.

E' pelo concurso dessas tres faculdades que se realizam todas as construcções humanas ; porém, é só sob a preponderancia dos sentimentos mais dignos, inspirando todas as nossas investigações e guiando todas as nossas elaborações, que ellas convergem utilmente para o progresso da sociedade.

Surge, pois, no inicio da phase positiva, a necessidade do aperfeiçoamento systematico dos nossos instinctos nobres, como indispensaveis á



realização de todos os nossos trabalhos, desde a mais rudimentar manifestação da lavoura até os mais engenhosos recursos da industria moderna e desde as mais simples concepções mathematicas até as complicadas questões moraes.

Unificadas pela synthese final todas as fatalidades que nos regem, instituido o regimen definitivo da sociedade pelo mais digno representante da nossa especie, o incomparavel Philosopho, o problema humano ficou consistindo na subordinação do egoismo ao altruismo, da analyse á synthese e do progresso á ordem.

E a condição necessaria que se impõe, verificando-se francamente na pratica, é que as duas ultimas partes só serão convenientemente satisfeitas sob o ascendente da primeira.

Comprehende-se desde logo que a verificação d'aquella parte constitue o objectivo das nossas mais apuradas attenções e o alvo para o qual devem convergir, systematicamente, todos os nossos esforços.

Mas a proficuidade desses esforços, se reconhece claramente pela meditação exacta sobre a evolução historica da Humanidade, só tem logar sob a influencia benefica do elemento feminino, pela intervenção continua da existencia collectiva.

Portanto, a sociabilidade é o meio necessario assim como a mulher o agente indispensavel do aperfeiçoamente moral do homem.

Realizada esta relação de dependencia, o altruismo predominará sobre o egoismo, produzindo uma salutar reacção, cuja fatal consequencia é a perfeita felicidade da especie humana.

Esse modo de existir do homem surgiu com o seu apparecimento logico, desde o fetichismo inicial, e manifesta-se desde a cabilda do selvagem,



onde as relações mutuas ainda jazem em seu estado rudimentar de desenvolvimento, até a mais elevada secção da pyramide social, onde o requinte das etiquetas e o exaggero dos salamaleques chegam a desviar os nossos puros intuitos e a desvirtuar os nossos nobres impulsos.

Desde a sua phase puramente contemplativa, quando as faculdades intellectuaes ainda não atingem á apreciação dos phenomenos, o homem patenteia uma tendencia natural para transmitir as suas emoções, experimentando sempre um certo bem estar moral quando proporciona aos outros alguma satisfação ; fica por isso de algum modo estimulado e mais disposto a emprehender novas observações, das quaes resulta forçosamente o despertar de suas funcções investigativas.

Compreende-se, facilmente, como um estimulante de ordem moral, que age sobre a região affectiva do cerebro e faz esta exercer sua influencia sobre a região especulativa, vem determinar o desenvolvimento das faculdades intellectuaes.

Vê-se, portanto, que a sociabilidade se impõe a cada passo pela necessidade do aperfeiçoamento não só dos nossos predicados moraes como tambem das nossas qualidades intellectuaes.

E' deste modo de ser do conjuncto humano, todos sabem, que resultam as relações de amizade sincera, as dedicações leaes, as abnegações desinteressadas, a coparticipação nas alegrias e pesares de pessoas extranhas á nossa familia e até os mais pesados sacrificios. E todas essas manifestações, convenientemente praticadas, constituem uma fonte perenne de felicidades e offercem um poderoso concurso para a verificação do sublime lemma em torno do qual a Religião da



Humanidade systematizou a existencia humana —viver para outrem.

E' pelo concurso das relações mutuas que a elaboração dos grandes genios tem conseguido firmar a continuidade do conjuncto humano e tem nos facultado os elementos para facilitar a existencia no planeta e que o Grão Ser tem transmittido através dos seculos essas grandiosas construcções que constituem o nosso precioso peculio moral, intellectual e pratico.

Facilitando o ascendente dos sentimentos altruistas sobre os egoistas, desenvolvendo o apego, a veneração e a bondade, a vida collectiva inspira-nos as construcções que melhor convêm ás nossas necessidades reaes e fornece á poesia recursos inestimaveis para a coordenação de suas imagens alevantadas.

E com esse auxilio valioso da mais esthetica das revelações do espirito humano, cuja efficacia se faz sentir nas estimulações dos nossos sentimentos sympathicos, ella exercerá mais vantajosamente a sua influencia, proporcioneando-nos os doces encantos que resultam do desenvolvimento das nossas mais dignas aptidões.

Por consequencia, estabelecida a subordinação racional do cerebro ao coração, evidentemente reconhecemos a superioridade moral da mulher e aceitamos, cheios de dignidade, a sua preponderancia na existencia collectiva ; nos subordinamos, systematicamente, á Familia, á Patria e á Humanidade, preenchendo a nossa verdadeira destinação social.

Desde então, todas as nossas lucubrações terão uma util convergencia e todas as nossas forças cooperarão para o aperfeiçoamento humano, ori-



entadas pela luz das transcendentis construcções moraes, coordenadas pela synthese positiva.

Essas construcções, esboçadas na phase fetichista e desenvolvidas no dominio do polytheismo e no regimen monotheico, ficaram definitivamente preparadas para determinar a regeneração social com o advento do positivismo, a mais perfeita concepção do cerebro humano, que, assimilando todas as nossas aspirações, reconhecendo a necessaria subordinação da intelligencia e da actividade ao sentimento, estabeleceu o regimen normal da sociedade.

Foi essa boa doutrina que, instituindo uma conciliação efficaz entre as noções abstractas e concretas, estabelecendo a convergencia necessaria da ordem objectiva e subjectiva, incorporou a poesia á philosophia, permittindo um apoio reciproco entre o genio poetico e o genio philosophico, cuja consequencia fatal é o aperfeiçoamento individual e a felicidade humana.

Traçada a norma de nossa conducta em torno do centro o mais bem fixado, espontaneamente se desenvolverão os nossos instinctos collectivos, de modo que, com real, proveito iremos nos libertando das theorias methapysicas, cuja perniciosa intervenção ainda se faz sentir. E, então, poderemos comprehender facilmente que a virtude é um dom proprio da natureza humana, que as nossas bondades residem em nós mesmos, que experimentamos sempre uma satisfação intima na pratica do bem pelo bem, independente de recompensas quaesquer.

Assim coordenada a vida individual e collectiva sob os são principios da verdadeira philosophia, naturalmente se irá enfraquecendo a intensidade da impulsão dos instinctos pessoas, sob



cuja energia exclusiva seriam inutilizados todos os esforços da actividade.

Eis porque um individuo completamente segregado da sociedade, sem receber a ternura que transborda do coração feminino, sem gosar os carinhos da familia que tanto amenizam a alma, propenderá forçosamente para o mal, pelo desenvolvimento progressivo dos instinetos grosseiros e tanto mais quanto a sua situação for determinada pela ausencia de cultura moral; d'ahi se conclue que, para um criminoso, a cadeia constituirá realmente um castigo, mas não um correctivo, como erroneamente se tem applicado por vezes.

Quem pensar que o isolamento pode levar o individuo a corrigir-se dos defeitos provenientes de uma educação má, elabora scientificamente em erro. Esse ente transviado, victima as mais das vezes da incuria dos governos, ou melhor, da falta de comprehensão dos deveres por parte das classes dirigentes, que deixam permanecer na mais renhida lucta com a miseria e e com a ignorancia uma massa consideravel de individuos, só conseguirá regenerar-se experimentando os effeitos da convivencia com seus semelhantes que, com os exemplos edificantes e com as estimulações moraes, lhe despertam os bons instinetos.

Vê-se, portanto, que a sociabilidade é o meio preciso para modificar as nossas disposições moraes e, por tal maneira, que a sua influencia se faz estender até aos phenomenos biologicos. Está ao alcance de todos essa dependencia subjectiva dos factos de ordem physica e de ordem intellectual aos phenomenos de ordem moral. E, para verificar essa verdade, não é preciso exemplificar; basta a simples consideração de certos factos ordinarios



que se produzem constantemente no seio da propria sociedade.

Representando, assim, um papel importantissimo no conjuncto da existencia humana, a sociabilidade exige o dever nosso de cultivar-a dignamente, para que possamos auferir os lucros Moraes que emanam do seu desenvolvimento e com mais vantagem se exercitem as nossas funções especulativas, que permittem-nos transmittir os nossos pensamentos, as nossas concepções e as nossas construcções.

Portanto, si pelo aperfeiçoamento dos nossos instinctos affectivos é que os nossos esforços podem concorrer para a coordenação e unificação de todas as nossas faculdades e si esse aperfeiçoamento só se realiza sob a influencia da vida social, á qual os individuos devem estar normalmente subordinados, urge que empreguemos todas as energias para orientar convenientemente a nossa conducta, de modo a regularizar a sociedade á luz dos mais sublimes principios a que tem attingido a indagação philosophica, sob o ascendente da doutrina regeneradora que systematizou a existencia individual e collectiva pela convergencia normal dos nossos sentimentos, pensamentos e actos.

E, assim estabelecida sob a inspiração systematica dos nossos mais dignos attributos, como principio de todas as nossas manifestações e repousando sobre uma base sufficientemente solida, constituida pela mais perfeita disposição estatica de seu organismo, a sociedade marchará com a



maxima segurança para o seu verdadeiro fim
—o progresso da Humanidade—.

JOSE' DE BERREDO

Natal, 18 de Bichat de 110
20 de Dezembro de 1898



Lyra íntima

(A Maria)

Homenagem de respeitosa
admiração á distincta poeti-
sa Auta de Souza.

I

FLOR QUE FALA

Esta flor que enviaste—Amor-perfeito,
Esta flôr, que de longe, entre as mimosas
Lettras da tua mão, saudoso aceeito,
Ah ! bem exprime o affecto, as dulçorosas

Sensações da tu'alma, ó' minha amada !
Nunca me canço de fital-a, e vejo
Que ella tem a Tristeza retratada,
È fala sempre que, saudoso, a beijo.

Fala de ti, dos teus encantos fala,
Diz-me umas coisas taes e tão sentidas
Que, para ouvil-as, fico mudo.....e cala



O peito as maguas !.....Mimosa flôr, exhala
A essencia da sua alma, e as queridas
Recordações !.....Entre meus beijos : fala !.....

II

TARDE, NOITE, AURORA

Quando á tardinha, o Sól, talvez cansado,
Vae em leito de espumas repousar,
E manda á Terra o ultimo cuidado
Nos mornos raios d'um saudoso olhar ;
Oh ! nessa hora de luz e sombra e encanto,
De amor e de saudade peregrina,
Por entre as dobras do nocturno manto,
Tu me appareces, creação divina !

Quando a Lua no céo vaga formosa,
De branda luz banhando a Terra e o Mar ;
Quando as auras na queixa harmoniosa
Doces sonhos de amor vêm despertar :
O nome que me acode ao pensamento,
Entre emoções de amor e de poesia,
Em tão feliz momento,
E' o nome teu, Maria.

Depois, quando, já farto de dormir,
E saudoso da Terra, o artro—rei
Quer mais cheio de luz no céo luzir,
Obedecendo, talvez, do amor á lei :
Antes que o Sol desponte, antes que Aurora
Venha a Terra saudar com seus primores,
Já em minh'alma a tua imagem mora,
Como visão celeste entre os amores.

MARIO E SILVA.



A vontade unilateral como causa de obrigação

Na grande aurora juridica é o direito Civil o ramo que mais sadiamente tem sido alimentado pela seiva das idéas novas que a philosophia do direito derramou nesse departamento da sciencia. Resultado, embora, da confluencia de tres correntes juridicas distinctas, o direito privado dos povos occidentaes ateve-se demais ao formalismo medieval e ainda não teve forças para romper o tegumento com que o revestiram as praxes antigas.

Esse atrazo relativo tem, certamente, contribuido para a divergencia que se nota entre os escriptores e entre as construcções legislativas sobre qual seja a melhor e mais completa classificação deste ramo do Direito. Desde Justiniano até o nosso Teixeira de Freitas, muitas tem sido as divisões propostas, sem, entretanto, haver uma só capaz de responder a todas as objecções levantadas.



Acceitemos, sem procurar esmerilhar os pró e contra ligados a cada uma das divisões procuradas, a dos allemães que fragmenta em cinco partes o objecto do Direito Civil :—direito das pessoas, das familias, das coisas, das obrigações e hereditarios.

*
* *

A historia do direito e, particularmente, do direito privado é interessantissima no estudo do desenvolvimento e transformações por que tem passado o conceito das obrigações juridicas, atravez dos diversos povos e civilizações da antiguidade.

Diz Sumner Maine que a distincção entre o direito das obrigações e o das coisas não apparece na aurora do direito ; affirmação esta que não exclue a possibilidade do jurista encontrar, entre os povos primitivos, vinculos contractuaes.

“Nos primeiros momentos da evolução social, apparecem obrigações, por isso mesmo que apparecem direitos, e, como estes eram preponderantemente sociaes, collectivos, tambem as obrigações começaram por affectar a forma collectiva, antes de se individualizarem” (1)

Quando a liberdade individual ainda não havia surgido e a actividade particular annullava-se deante a estreita solidariedade dos grupos sociaes primitivos, os contractos não obrigavam individualmente os membros da sociedade ; mas a tribu ou clan que pactuava por si ou por seus chefes com outro grupo social equivalente.

“Ainda hoje, diz Letourneau, os nubianos commerciam militarmente, por grupos armados que se defrontam, enquanto alguns individuos avan-

1) Clovis Bevilacqua. *Direito das Obrigações*.



çam, de ambos os lados, e effectuam a troca dos objectos”.

Só muito tarde e depois do afrouxamento dos laços de cohesão que prendiam cada individuo ao grupo social, é que foi surgindo a propriedade particular e com ella a faculdade de cada um obrigar-se pessoalmente pelos factos ou delictos. Estes eram mesmo a fonte mais abundante de obrigações no direito primitivo, como nos attesta a historia dos diversos povos.

Hermann Post offerece um exemplo interessante da passagem da obrigação collectiva para a individual, na historia da compra das mulheres, onde se nota que o dever de contribuir para o preço e o direito de perceber-o se vão restringindo, progressivamente, a circulos de mais em mais estreitos de parentes, até apparecer o momento em que exclusivamente ao noivo incumbe a obrigação de dar o preço da compra daquella que vae ser sua esposa, e somente ao chefe de familia cabe o direito de embolsal-o (2)

Nesse periodo da historia do direito, era a propria pessoa do devedor remisso quem respondia pela divida contrahida e não satisfeita. Assim dava-se no Egypto, entre os hebreus, em Portugal no tempo dos foraes, e em Roma, onde podia ser morto ou vendido alem do Tibre, depois de estabelecida judicialmente a insolvencia do devedor e de haverem passado os tres dias do mercado. O velho codigo decemviral estatua que não havia fraude quando as postas do cadaver não eram proporcionaes ao debito : *partis secanto ; si plus minusve secuerint nec fraude esto.*

“*Il concetto delle obbligazioni civili, diz Cogliolo,*

(2) C. Bevilacqua. *Obr. Cit.*



s'è formato a poco a poco e pari passu con tutte le manifestazioni della vita giuridica : esso reflette le fase per le quali é passata l'individualitá umana nei suoi rapporti con la societá".

Abbrandados, portanto, mais tarde os costumes e elevando-se a humanidade na escala do progresso, foram apparecendo novas formas de obrigação com o desenvolvimento industrial dos povos.

O credito individual tomou, por conseguinte, uma distensão admiravel.

*
* *

Entrando, porem, no objecto principal deste ligeiro artigo, que é o estudo das causas geradoras das obrigações juridicas, não de toda obrigação juridica, mas daquellas que podem ser apreciadas economicamente e que teem uma existencia transitoria, nada podemos respigar sobre o assumpto nos escriptores portuguezes que escreveram sobre o Direito Civil. Portugal não possui um só jurista de vulto ; os seus escriptores não passaram de commentadores mediocres ou praxistas vulgares.

O mesmo não podemos dizer do Brasil, que tem, é verdade, produzido poucos homens de merito real ; mas que desde os ultimos decennios do seculo passado tomou a dianteira de Portugal no dominio das lettras.

"E' tempo de deixar bem esclarecido que em litteratura, como no mais, já avistamos bem longe o antigo reino". Referindo-se depois ao desenvolvimento puramente scientifico de Portugal, diz-nos ainda o nosso eminente critico e profundo jurista Sylvio Romero : "Onde o seu atrazo é de assombrar de veras é em doutrinas e idéas provenientes da Allemanha. Só agora, muito recente-



mente, traducções francezas lhes deram o conhecimento vago e superficial de Schopenhauer, Hartmann e Haeckel. E não passaram d'ahi.

A transformação completa da intuição jurídica por Ihering, Post, Fröbel é-lhes totalmente desconhecida, como o são os trabalhos publicísticos de um Gneist e os estudos philosophicos de um Ludwig Noiré, por exemplo.

“Tal a razão da ausencia alli de um profundo sabedor da cultura allemã, como o nosso Tobias Barretto.

“Um estudo completo e detalhado nesta direcção pela poesia, pela arte, pela sciencia, pela politica, pelo jornalismo iria demonstrar irrecusavelmente que a superioridade unica da litteratura portugueza sobre a nossa encerra-se unicamente neste singularissimo phenomeno : elles estão a produzir e a ter-nos aqui para os applaudirmos ; nós a produzir e a tel-os la fóra a nos amesquinha-rem. Não está má a troca.....” (3)

Costumam os escriptores distribuir em quatro categorias as causas geradoras das obrigações jurídicas : o contracto, o quasi contracto, o delicto e o quasi delicto. Outros ainda addicionam a estas a lei, que é o principio vital, o systema nervoso, por assim dizer, do direito.

A insufficiencia, porem, desta classificação, que não abraça todas as figuras de causa, foi reconhecida já entre os Romanos, pelo que um dos seus mais auctorizados jurisconsultos apresentou a formula seguinte, um tanto vaga, é verdade, porem mais comprehensiva : *Obligaciones aut ex contractu nascuntur, aut ex maleficio, aut ex proprio quodam jure, ex variis causarum figuris* (D. 44, 7, fr. 1) Mui-

(3) Sylvio Romero. *Litteratura Brasileira*.



tos codigos modernos adoptaram a formula romana.

Hoje, procuram os estudiosos salientar a vontade unilateral como vinculo obrigacional; mas ninguem julgue ser isto uma invenção *fin de siècle* que despontou ali da cabeça de algum pescador de novidades; no Direito Romano podemos encontrar vestigios, ou manifestações desta theoria na promessa de recompensa, no *votum* aos deuses e na pollicitação.

“Foi, porem, já em nossos dias e partindo da jurisprudencia allemã, escreve Clovis Bevilacqua, que a theoria da promessa unilateral estendeu os seus alicerces, preparando os vastos alojamentos em que se vieram collocar modalidades obrigacionais, que appareceram com as necessidades novas da vida moderna. Mas, formulada nesse glorioso paiz, onde o pensamento juridico adquiriu mais intensidade, reflectiu-se a theoria na França e em outros centros de grande cultura. E não pode mais hoje o direito das obrigações recusar-lhe ingresso, sob pena de se mostrar lacunoso e em desharmonia com a sciencia e com a realidade juridica, tal como se manifesta nos costumes, nos quaes haure a lei o sopro vital que a anima”. (4)

Gabriel Tarde, o illustre criminalista e sociologo francez, accitando e desenvolvendo a theoria da promessa unilateral, apresenta como *typo* de contractos em que essa é o principio gerador das obrigações que delles decorrem, os titulos ao portador, os seguros de vida, os reclames e os prospectos

Examinando algumas das figuras indicadas por Tarde, procuremos, seguindo as licções dos com-

(4) Clovis Bevilacqua. *Obr. Cit.*



petentes, inventariar as razões que se oppõem á sua theoria ou militam em seu favor.

O contracto, fonte principal de obrigações, é um *vinculum juris*, clando a vontade de duas ou mais pessoas que se accordam sobre um negocio qualquer. A propria origem etymologica da palavra contracto está indicando perfeitamente a sua significação juridica.

Talvez, por essa razão, muitos civilistas não queiram conceder a virtude de vincular a vontade sinão ao accordo expresso desta. Mas, nos contractos entre ausentes, a offerta feita pelo pollicitante obriga-o ao cumprimento de sua palavra até a extincção do prazo marcado para o recebimento da acceitação, tornando-se evidente, neste caso, a existencia de um vinculo obrigacional, falte embora o accordo das vontades dos contractantes no momento da offerta. O interesse social assim o exige e o individuo não tem outro meio sinão sacrificar o seu interesse em favor do da collectividade de que faz parte e da qual necessita para a plena asseguração de seus direitos.

A offerta, nos contractos entre ausentes, não constitue ainda uma causa de obrigações, propriamente dita ; isto é, não é a vontade unilateral o principio gerador que serve para aferir a natureza da modalidade juridica creada pelo pollicitante.

E'-nos preciso estudar outras figuras juridicas, e estugar o passo para chegarmos, o mais breve possivel, ao termo deste artigo, cuja extensão vae-n'o tornando por demais insipido e massante.

Na *estipulação em favor de terceiros*, que abrange o seguro de vida, a vontade unilateral será a causa determinante da obrigação do promittente ? Pela affirmativa respondem G. Tarde e René



Worms, o qual diz : "O promittente está ligado para com o beneficiario, pela manifestação de sua vontade unicamente, porque este ultimo só tem que accetar a offerta do estipulante, para tornar effectiva a obrigação do promittente, desde o dia em que a contrahiu". (5)

Para destruir este argumento, aliás formulado por uma respeitavel auctoridade, penso ser bastante oppor-lhe as seguintes palavras do nosso não menos illustre jurista C. Bevilacqua. "O que se deve dizer é que a *estipulação em favor de terceiros* molda o contracto por um typo que não é *commum*, transferindo ao beneficiario a acção de exigir a execução da obrigação, a qual competia naturalmente ao estipulante. É um caso de *despersonalização* do vinculo obrigatorial, e não de formação desse vinculo por acto unilateral do promittente". (6)

Depois das palavras do illustre mestre, acima transcriptas, nada mais temos a acrescentar para apoiar a nossa impugnação á theoria sustentada pelos escriptores citados

Ainda no *titulo á ordem*, não é a vontade unilateral a causa efficiente das obrigações que delle resultam, nem tambem encontramos nelle os elementos que caracterizam a *estipulação em favor de terceiros*.

A theoria mais corrente e mais acceita é a que o aproxima da *cessão de credito*.

Promessa de recompensa. Segundo o codigo allemão, existe promessa de recompensa quando "*alguem, mediante uma publicação, promete uma recompensa a quem executar um trabalho ou qual-*

(5) *La volonté unilateral.*

(6) C. B. *Obr. Cit.*



quer outro acto indicado na publicação". A vontade do promittente não se acha ligada á de uma pessoa determinada, mas á de qualquer que execute o trabalho ou acto indicado na publicação. Não ha, portanto, uma cessão de credito, como nos *títulos á ordem*, nem tão pouco uma dispersonalização do laço obrigacional, como na *estipulação em favor de terceiros*.

A vontade do promittente não se contrahiu com a do accitante para dar logar a um contracto. A causa immediata da obrigação é o offerecimento do promittente, e, por conseguinte, a manifestação unilateral da vontade.

Por mais misonicista que se revele o jurista, não poderá desconhecer que a vontade unilateral, por si, tem força para gerar obrigações juridicas. E' necessario um aferramento criminoso ás formulas mofentas da praxe antiga, para repellir as criteriosas innovações que o desenvolvimento do direito tem trazido á vida pratica das sociedades.

Conheci um professor de direito que votava tão acirrado odio ás sciencias, cuja comprehensão estava fóra do alcance de sua intelligencia, que, no seu semblante, transpareciam os signaes do mais profundo desdem, todas as vezes que falava em psychologia, sociologia, anthropologia, archeologia, ou em tudo que termina em *gia*, segundo sua phrase predilecta.

Porem mais interessante ainda era vel-o explicar a origem historica do processo.

Todas as pesquisas no campo da archeologia juridica, os achados mais surprehendentes da historia do Direito eram, no seu modo de entender, inventados com o condemnavel intuito de alardear erudição, difficultando o estudo do direito. A origem do processo, dizia, devia ser procurada



na Biblia, quando Deus, depois do peccado original, chamou á sua presença o remisso Adão—*Oh! Adame!*

Eis a formula inicial do processo, a citação, que é o chamamento de alguém a juizo.

O leitor comprehende que um individuo de espirito tão peço, como este, condemnará a theoria da vontade unilateral como causa de obrigações juridicas, do mesmo modo por que não accita as idéas de um Ihering, de um Cogliolo, de um Giuseppe Carle ou de um Sumner Maine, que elle nunca leu, ou não está habilitado a comprehender. O seu horisonte intellectual não passa além de Correia Telles, de Lobão, ou de outra qualquer nullidade semelhante.

Reatando, porem, as nossas considerações, apreciemos ainda uma figura juridica, sobre cuja caracteristica são muito desconstradas as opiniões dos juristas. Queremos falar dos *titulos ao portador*.

“Un titre est *au porteur*, diz Leon Caen, quand il est designé par un simple numero d'ordre et ne contient pas le nom de la personne à laquelle l'obligation ou l'action appartient, de telle sorte que toute personne, par cela seul qu'elle l'a entre les mains, qu'elle en 'est *porteur*, doit être considerée comme actionnaire ou obligationnaire”. (7) Ou, como melhor definiu C. Bevilacqua,—“*titulo ao portador* é um escripto constatando a obrigação de pagar uma certa somma a quem quer que se lhe apresente como detentor do mesmo titulo”.

Esta modalidade juridica é a que melhor indica ou accentua a differença que existe entre o

(7) Leon Caen. *Manuel du Droit Commercial*.



conceito da obrigação essencialmente pessoal dos Romanos e dos outros povos antigos, e o conceito moderno da obrigação, cuja crescente despersonalização se pode facilmente verificar no direito dos povos cultos.

Os que têm procurado determinar a verdadeira característica do *titulo ao portador*, ora aproximam-n'o da estipulação em favor de terceiro, ora da successão a titulo singular. Einert afirma ser um contracto celebrado com o publico; Goldschmidt diz que é com os portadores. René Worms e Clovis Bevilacqua decidem-se pela declaração da vontade unilateral.

E', certamente, injustificavel pretensão de nossa parte querermos, discordando das opiniões citadas, externar o nosso modo de ver sobre um assumpto que agora é que começa a ser estudado seriamente.

A obrigação, é claro, só começa a ter existencia legal quando o portador acceta do subscriptor o bilhete de credito, ou desde o momento em que a vontade do subscriptor encontra a do portador e com ella conjuga-se.

Antes disso, nenhuma obrigação existe. Emquanto o titulo não for acceto ou permanecer em mão do subscriptor, não ha lugar para uma injunção legal.

O argumento em favor da theoria da vontade unilateral funda-se no facto de ser o emissor do titulo obrigado para com o portador da obrigação, quem quer que este seja. (8) E' verdade que o emissor não contractou com todos os portadores do titulo, nem pactuou expressamente com o primitivo accitante a cessão do credito,

(8) *Código allemão.*



como nos *titulos á ordem* ; mas nos parece que a cessão está contida implicitamente na clausula—*ao portador*.

A vontade do emissor do titulo vae se pondo de accordo com a dos portadores da obrigação, ao passo que esta se transmite de mão em mão. Ninguem aceitará um titulo, desde que o seu subscriptor não mereça a confiança necessaria para solver a obrigação que d'elle nasce.

Se nos afigura, portanto, mais aceitavel a opinião de Leon Caen e de outros que approximam o *titulo ao portador* da cessão de credito.

Acary—Dezembro—98.

JUVENAL LAMARTINE.



Pater !

Da casa de telha e taipa, situada no alto pedregoso e escaldado, vinham, de vez em quando, gemidos lancinantes de quem estivesse a sofrer uma operação dolorosa, ou curtindo uma dôr acerba.

A noite descia como um véo pesado e negro, desenrolando-se das cristas das montanhas ao perto.

Por traz das serranias, enfileirando-se em torres movidiças de formas caprichosas e exquisitas, nuvens pejudas de aguaceiros denotavam a proxima horrasca que se annunciava ao longe pelo fusilar dos relampagos que vinham faiscar nas aguas pardacentas do rio—interminavel serpente a collear ao pé do oiteiro.

O estrondear dos trovões parecia gritos rouquinhos da natureza em furia, repetindo-se de echo em echo, em modulações de raiva, até perderem-se ao longe, muito ao longe, como esquadrao phantastico a rolar pelo espaço em fora.



E o gaitejo dos touros no curral, o berrar dos bezerros no patco, o mugido das vaccas, era tudo isso um concerto de vozes a saudarem, no seu rythmo selvagem, a promissora e farta estação do inverno.

Évolava-se do roçado junto o fartum da terra queimada de fresco, abrindo-se em estos de attracção á humidade fecundante das primeiras chuvas.

Sozinho, sentado na soleira da porta, o Joaquim da Benta, sertanejo moço, espadaúdo e forte, quedava-se, pensativo e mudo, tão pensativo e triste, que dir-se-ia uma estatua, si não fossem rictus a crispar-lhe a fonte em rugaspassageiras e estremeções fugaces, quando partia do interior da casa um grito mais agudo e penetrante.

Aquelle momento viera-lhe inesperado e formava um ponto obscuro, desconhecido e incerto, na sua existencia de vinte e cinco annos, a existencia pacatamente feliz dos simples.

Annos passados, a caridade do capitão Geroncio, o actual amo, dono da *fazenda*, recolhera da estrada, num dos exodos de calamitosa secca, o rapazito que adoptou na familia, ensinando-lhe a religião do trabalho na faina constante do moirejar diario pelos campos e roçados, incutindo-lhe no espirito a consciencia do dever pelos sentimentos affectivos que entre os dois se estabeleceram.

Assim cresceu o Joaquim da Benta, que adquiriu logo fama de rapaz valente e de vaqueiro esperto.

Dissessem-lhe que a onça dizimava os rebanhos



naquelles arredores ou que o boi bravo das catingas desafiava os mais destemidos campeiros, que la ia, sem medo e sem jactancia, matar o terrivel felino na furna, pegar a casco de cavallo a tresmalhada rez.

Essas proezas e o airoso do porte incendiaram o coração da Maria Angelica, uma das mais appetecidas cachopas de tres legoas em redor, e, n'um bello dia, sem que mesmo soubesse como, o Joaquim da Benta sentiu que não mais podia correr no matto, nem espreitar ao longe por entre a escuridão das trevas, porque, dia e noite, brilhavam-lhe na frente dois fachos deslumbrantemente luminosos que eram os olhos pretos e tentadores da Maria Angelica.

Não houve geito sinão casarem ; e para alli foram morar, naquella casinha de telha e taipa, onde dez mezes haviam decorrido, como um só dia, sem os arroubos das paixões violentas, nem os desfallecimentos sombrios das desconfianças, que era simples a vida delles, como a vida simples dos povos campesinos.

A mais e mais approximava-se a borrasca, scentelhando dos castellos de nuvens que se despejavam em roldão sobre a copa das arvores, cujos ramos, abertos para o espaço, nas mais altas quebradas da serra, pareciam implorar soccorro ao firmamento em brasa.

O Joaquim da Benta era surdo ao gargalhar do trovão ; só tinha ouvidos para esse grito lancinante que, partindo da alcova proxima, vinha ferir-lhe a alma, como um estilete agudo.

As primeiras bategas da chuva começavam a



escarvar a poeira do terreiro, quando mais fortes e mais rapidos se fizeram ouvir os gritos que partiam do interior da modesta vivenda.

Sombrio e taciturno, o Joaquim da Benta não se conteve mais ; e era um movimento só de vaivem no espaço que o separava da porta da alcova, onde a companheira soffria.

Levantava-se nelle uma borrasca, vindo morrer á flor dos olhos, que nunca aljofraram lagrimas, quando um lamento, que já não era um grito, porque assemelhava-se antes ao som de vozes desconhecidas n'um concerto de agonias, impelliu-o para o interior do quarto, onde, meio desfallecida, jazia a Maria Angelica, pallida como uma defuneta.

Por entre os supercilios da parturiente escoou-se um olhar doce e terno, de uma melancholia suave, que, a pouco e pouco, foi arrancando o Joaquim da Benta ao estupor de quem julgara a esposa morta. De um montão de pannos, ergueu-se, fraco e indeciso como um murmurio, um som inexpressivo que se avolumava, se avolumava, até encher o quarto das ondas estridentes da voz do recém-nascido que saudava o mundo com esse grito da natureza que vaé direito aos corações dos paes como a alleluia santa do amor.

É a chuva a cahir lá fora e a cahirem dos olhos do Joaquim da Benta lagrimas em jorros, ao vibrar-lhe na consciencia esse sentimento somente agora revelado—Pae !

MANOEL DANTAS.

Natal—Maio—1899,



Sobre processo criminal

O réo pronunciado, mesmo em crime inafiançavel, pode recorrer solto do despacho de pronuncia.

Opinião contraria tem sido geralmente seguida e juizes e tribunaes teem sempre decidido que, nos crimes inafiançaveis, só depois de preso, poderá o réo pronunciado interpor o competente recurso do despacho que o pronunciou.

Inaceitavel, porem, me parece semelhante doutrina, que reputo contraria aos principios de direito e sem apoio na lei.

“A’ excepção de flagrante delicto—diz, em termos positivos, o § 2.º do art. 12 da Lei n.º 2033 de 20 de Setembro de 1871, em pleno vigor— a prisão antes da culpa formada só pode ter logar nos crimes inafiançaveis, por mandado escripto do juiz competente para a formação da culpa, ou á sua requisição ; neste caso, precederá ao mandado ou á requisição declaração de duas testemunhas que jurem de sciencia propria, ou prova documental de que resultem vehementes indicios con-



tra o culpado, e declaração deste confessando o crime”.

É esta a disposição clara da lei anterior ao regimen actual e que a Constituição Federal, longe de revogar, aceitou como uma garantia á liberdade individual do cidadão, exprimindo-a nos seguintes termos: “A’ excepção do flagrante delicto, a prisão não poderá executar-se sinão depois da pronuncia do indiciado, salvo os casos determinados em lei e mediante ordem escripta da auctoridade competente”. (1)

Logo, a não ser em flagrante delicto, ou preventivamente e nos termos da lei, a prisão só pode effectuar-se, depois da culpa formada, como diz a lei de 71, ou da pronuncia do indiciado, como se exprime a Constituição ; disposições que se completam, exprimindo a mesma coisa : a culpa diz-se formada com a pronuncia do indiciado.

Mas, pode-se dizer formada a culpa com o simples despacho de pronuncia, ainda sujeito a recurso ?

Absolutamente, não.

Pimenta Bueno, em seus apontamentos sobre o Processo Criminal, n.º 127, ensina que “a formação da culpa, como processo preliminar do julgamento perante o jury, tem por sua natureza dois periodos ou phases bem distinctas : a primeira compõe-se de tudo que é informação, indiciamento e medidas conservadoras ; a segunda, do exame, apreciação e decreto *definitivo* da pronuncia”.

Emquanto, pois, a pronuncia não for *definitivamente* decretada, isto é, enquanto não passar em julgado, findo o prazo para a interposição do

(1) Art. 72, § 1º



recurso respectivo, contado da intimação ao réo, ou não for o mesmo recurso *definitivamente* decidido, na superior instancia, não se pode considerar encerrada a formação da culpa, e, então, nos termos da Constituição e lei citadas, illegal será a prisão do summariado.

Para sustentar opinião contraria, tenho ouvido argumentar-se com as palavras—*sem suspensão das prisões decretadas*, da ultima parte do § 1.º do art. 17 da citada lei de 1871.

No dominio da lei n.º 261 de 3 de Dezembro de 1841 e Regulamento n.º 120 de 31 de Janeiro de 1842, as pronuncias, conforme a natureza dos crimes, eram proferidas pelos delegados e sub-delegados, chefes de policia, juizes municipaes e de direito ; estabelecendo a mesma lei e regulamento que as proferidas pelos chefes de policia, juizes municipaes e de Direito independiam de sustentação, cabendo contra ellas, desde logo, o recurso, e que as proferidas pelos simples delegados e sub-delegados deviam ser sustentadas ou revogadas pelos juizes municipaes, a quem eram *ex-officio* remetidas, dependendo dessa sustentação a expedição das ordens necessarias para a prisão do réo que estava solto, no caso de pronuncia, e não podendo ser elle solto antes da decisão do juiz municipal, no caso de não pronuncia e de estar preso (*ou porque fosse em flagrante, ou antes de culpa formada, nos casos em que essa prisão tem logar*). (2)

Ora, retirando a lei de 71 dos delegados e sub-delegados a attribuição de pronunciar, e conferindo-a aos juizes municipaes, submetteu tambem os despachos destes á mesma dependencia que tinham

(2) L-I, art. 40 ; Reg. arts. 287, 280 e 203 ; P. Bueno, n.º 182.



os daquelles, creando o recurso necessario para o juiz de direito, que, do mesmo modo que os juizes municipaes, podiam sustentar ou revogar os despachos dos juizos inferiores ; e, como ha nas duas disposições de lei perfeita analogia, sinto que poderia, inteiramente de accordo com os principios da hermeneutica, interpretar as palavras da lei de 71 no sentido das do reg. de 42, assim :

“São necessarios os recursos das decisões dos juizes municipaes, que *ex-officio* os farão expedir sem suspensão das prisões *anteriormente* decretadas”. Tanto mais quando é exactamente no mesmo artigo em que extingue a lei a competencia das auctoridades policiaes para o processo e pronuncia nos crimes communs, salvando aos chefes de policia a faculdade de procederem à formação da culpa e pronuncia, no caso do art. 60 do Reg. n.º 120, que, pela primeira vez, usa daquellas palavras, dizendo : “Do despacho de pronuncia, ou não pronuncia, neste caso, haverá, *sem suspensão das prisões decretadas*, recurso necessario”. (3)

Dando a estas palavras uma interpretação que repelle o espirito liberal do legislador, o aviso n. 393 de 19 de Outubro de 1872 diz que “os recursos necessarios dos despachos dos juizos municipaes, nos casos do art. 17, § 1.º da citada lei, são, por sua natureza, de effeito suspensivo, menos quanto ás prisões decretadas, excepção que firma a regra geral em contrario ; e que, portanto, deve subsistir a prisão já feita, ainda que o réo seja despronunciado, e proceder-se á do réo pronunciado, si estiver solto”.

Como se vê, este aviso interpretou as referidas palavras em um e outro sentido, decidindo

(3) Lei n. 2083, art. 9, § unico.



que se trata não só das prisões decretadas pelo despacho de pronuncia de que se recorre, como dos que o foram anteriormente, devendo subsistir estas, no caso de despronuncia, e tornar-se effectivas aquellas, quando soltos os réos, dando, quer em um, quer em outro caso, e só nestes, effeito devolutivo ao recurso.

Primeiramente, quanto às prisões já feitas, si subsistem, o effeito não será devolutivo, mas suspensivo, pois este dá-se quando a interposição do recurso, suspendendo a execução do despacho, faz parar a marcha do processo, ficando as coisas no estado em que se acham, até a decisão do mesmo recurso. Não ha, na hypothese, nenhuma alteração, tudo fica suspenso e o réo aguarda na prisão a decisão da superior instancia.

A prisão em flagrante, como a preventiva, nos casos em que a lei a permite, são apenas providencias garantidoras da justiça, que independem da formação da culpa e, como taes, escapam inteiramente aos effeitos do recurso de pronuncia, ou não pronuncia; e é por isto que a não pronuncia do réo não importa a relaxação de sua prisão, a qual só poderá realizar-se depois da confirmação daquella, isto é, depois que o juiz superior decide em ultima instancia que sobre o réo não pesam indícios vehementes de criminalidade.

Depois, o aviso, despresando o elemento historico scientifico, que deve ter presidido á confeção da lei, deu á expressão de que me occupo uma extensão que ella não comporta, abrindo, sem auctorisação expressa de suas palavras, uma excepção á regra geral—que aliás reconhece—de serem os recursos necessarios dos despachos dos juizes municipaes, *por sua natureza*, de effeito suspensivo.



“A reforma introduzida nesta parte do processo—diz Macedo Soares em sentença proferida a 9 de Março de 1877, em “Mar de Hespanha”—refere-se mais ás pessoas dos juizes do que aos termos do recurso”.

De facto, a lei tirou apenas dos delegados e sub-delegados de policia e passou para os juizes municipaes a attribuição de proferirem os despachos de pronuncia e não pronuncia nos crimes communs ; em nada, porem, alterou a natureza do recurso e effeitos respectivos, e, quando diz : *sem suspensão das prisões decretadas*—repete apenas por outras palavras o que já estava consignado no parenthesis da 2ª parte do art. 289 do Reg. de 42

Entretanto, annotadores, juizes e tribunaes tem-se pronunciado de modo tão invariavel contra a opinião que sustento e com tal uniformidade accitado doutrina do citado aviso, que, desconfiando de minha propria intelligencia, tenho me deixado arrastar, na pratica, pela corrente geral de suas ideas, reservando-me apenas o direito de ficar com minha opinião e a liberdade de concluir da doutrina dominante que o legislador de 71 foi menos liberal, mandando prender o réo em virtude de um simples despacho interlocutorio, pendente ainda de recurso, do que o de 42, mandando aguardar a sustentação da pronuncia para se effectuar a prisão do réo solto.

Como quer que seja, porem, no regimen actual de nossas leis sobre o processo criminal, já não pode a disposição da lei de 71 contrariar a these que me propuz sustentar : ella refere-se ao recurso necessario do despacho de pronuncia, ou não pronuncia, nos crimes communs, e a lei n.º 114 de 8 de Agosto do anno passado, art. 84, § 1.º, n.º 4, extinguiu em todos os crimes da competencia do



jury o recurso necessario dos despachos de pronuncia, mantendo somente os relativos aos de não pronuncia.

Resta-me, pois, encarar a questão sob o ponto de vista do recurso voluntario, unico que permite a lei estadual do despacho de pronuncia, quer nos crimes communs, quer nos de responsabilidade.

Não innovando coisa alguma a respeito nem a reforma judiciaria de 1871, nem posteriormente as nossas leis sobre a organização e reorganização judiciaria, é claro que rege a especie a legislação anterior, e a esta devo reportar-me.

O art. 72 da Lei de 3 de Dezembro de 1841 e 445 do respectivo regulamento, estabelecendo que os recursos em geral não terão effeito suspensivo, exceptuam, comtudo, o recurso no caso de pronuncia, “o qual—diz o cit. art. 72—terá effeito suspensivo, afim de que o processo não seja remetido para o jury até a apresentação do mesmo recurso ao juiz *a quo*”.

A jurisprudencia dos avisos, outr’hora muito frequentemente, mas também muito impensadamente provocada por alguns juizes, como si lhes faltasse competencia para interpretar as leis, ou tivesse-a o executivo, tem firmado a doutrina de que o recurso, nos termos dos arts. citados, só têm effeito suspensivo para o fim de se suspender a *remessa* do processo para o jury até a apresentação do mesmo recurso ao juiz *a quo*, incorrendo na censura do aviso de 29 de Setembro de 1868 um juiz municipal que teve a *ousadia* de, afastando-se da explicação dada pelo de 10 de Junho de 1851, interpretar os referidos artigos no sentido de tornar suspensivo para todos os effeitos o recurso interposto da pronuncia.

De muito boa vontade vou collocar-me ao lado



desse juiz, para, merecendo, embora, egual censura, sustentar com elle, na medida de minhas forças, a opinião que emittiu, a qual me parece a que mais natural e logicamente decorre dos proprios termos da lei.

Seria, com effeito, para extranhar que o legislador, sob fundamento de protecção á sociedade, por um simples despacho interlocutorio, pendente ainda de recurso, sujeitasse aos horrores de uma cadeia o individuo suspeito apenas de criminalidade !

Seria cruelmente injusto que o cidadão pronunciado, mas convencido de sua innocencia, não pudesse, siquer, usar do recurso que a lei lhe faculta, ou, para fazel-o, tivesse de sujeitar-se á vergonha de uma prisão publica e de por-se em contacto, na mais humilhante promiscuidade, com os scelerados de toda especie. E isto, quando a Constituição Federal, art. 72, § 16, assegura *na lei aos accusados a mais plena defesa, com todos os recursos e meios essenciaes a ella*''.

Ora, a prisão do indiciado, como condição para interpor o recurso que a lei lhe faculta, poderá ser tudo, menos garantia ou segurança para sua defesa. Só uma desconfiança pueril dos instinctos humanos pode justifical-a ; mas a lei não age por desconfiança, não se molda em cadinho tão estreito, e não posso acreditar que o legislador seja tão injusto que, previamente, mande prender a quem pode ainda livrar-se da suspeita da criminalidade que sobre si pesa.

Seria a logica da inquisição : Suppõe-se que foi vossê o auctor do crime ; esta suspeita pode converter-se em certeza ; logo, si quer defender-se, vá para a cadeia, dê logo por conta da pena le-



gal desse crime provavel alguns dias—podem ser mezes e até annos de prisão!

Mas, parece-me estar ouvindo *ex-adverso*. Tudo isto é muito exato, tudo perfeitamente de acôrdo com os principios fundamentaes da justiça e do direito; mas, *legem habemus*, ahí està o art. 287 do Reg. n.º 120, que, por claro e preciso, não admittre contestação.

Vejam os.

É verdade que esse artigo positivamente dispõe que “os despachos de pronuncia, ou não pronuncia, que forem proferidos pelos chefes de policia e juizes municipaes produzirão *imediatamente* todos os seus effectos a favor ou contra os réos.

Mas o art. 54 da Lei de 3 de Dezembro, artigo regulamentado, diz apenas que esses despachos *sujeitam os réos á accusação e a serem julgados pelo jury*.

Ora, *ficarem os réos sujeitos á accusação e julgamento pelo jury* jamais quererá dizer que esses despachos produzirão *imediatamente* todos os seus effectos. Ficam os réos sujeitos á accusação e livramento pelo jury, comprehende-se, depois que passaram em julgado os despachos de pronuncia. Isto é um principio de direito, e o legislador não deve estar repetindo em cada disposição de lei esses principios, que suppõe pre-existentes na intelligencia do interprete e do juizo.

Parece-me, pois, que o executivo excedeu-se um pouco no exercicio da attribuição que lhe conferia o 12 § do art. 102 da Constituição do Imperio, accrescentando a uma disposição de lei materia propriamente não regulamentar; e, neste caso, não tenho duvida nenhuma em ficar com a lei. tanto mais quando é com esta que mais se harmonizam suas outras disposições relativas ao



assumpto, assim como as do proprio regulamento.

E', este mesmo que, no art. 445, diz, sem discrepância da lei, que o recurso do despacho de pronuncia, afastando-se da regra geral dos demais recursos, tem effeito suspensivo. Ora, não se comprehenderia semelhante disposição, si o referido despacho produzisse *imediatamente* qualquer effeito contra o réo.

Ainda em completa desharmonia com o art. 287 do Reg. está o art. 94 da Lei, que estatue: "A pronuncia não suspende o exercicio dos direitos politicos sinão depois de sustentada competentemente". Em face deste artigo, como pode o despacho de pronuncia suspender *imediatamente* o exercicio dos direitos politicos ?

E', pois, fóra de duvida que o auctor do Reg. de 42 afastou-se completamente, neste ponto, do espirito que guiou o legislador de 41, e não é assim que podem as suas palavras amparar uma doutrina que não encontra apoio nem na propria lei que regulamentou.

Disse que de boa vontade ia collocar-me ao lado do collega que incorreu na censura do av. de 19 de Setembro de 1868, para com elle affirmar que os arts. 72 da Lei e 445 do Reg. podem e devem ser interpretados no sentido de tornar suspensivo para todos os effeitos o recurso interposto da pronuncia.

Creio poder demonstral-o.

Primeiramente, a lei é o seu pensamento—*lex est quod lex voluit*. Ora, a analyse comparativa que tenho feito de alguns artigos da lei de 41 mostra à luz da evidencia que a disposição do art. 72 não pode ter outra interpretação sinão a que lhe damos ; do contrario, seria a lei contradictoria e destructiva de si mesma.



Mas, ainda pela analyse grammatical a que vou submeter a disposição legislativa, mais claramente poder-se-ã comprehender que nenhuma discordancia ha entre suas palavras e seu pensamento, mas que, pelo contrario, se harmonizam perfeitamente.

O periodo á analyse é o seguinte: "Terá um effeito suspensivo o recurso no caso de pronuncia, afim de que o processo não seja remettido para o jury até a apresentação do mesmo recurso no juiz *a quo*".

Na ordem grammatical ficará: o recurso no caso de pronuncia terá effeito suspensivo, afim de que, etc".

Pela estrutura deste periodo, vê-se que a proposição completiva—*afim de que o processo não seja remettido, etc*—é, não determinativa ou restrictiva da expressão grammatical—*terá effeito suspensivo*, mas, sim, circumstancial e explicativa da mesma expressão. Prova-o não só o sentido logico da phrase, como a virgula collocada depois da palavra *suspensivo* e antes da completiva; pois, fazendo inteira justiça aos conhecimentos vernaculos do legislador, ninguem acreditará que elle desconhecia a regra vulgar de grammatica que estabelece que as proposições restrictivas, por isto mesmo que restringem a significação do vocabulo ou phrase a que se ligam, não devem estar destes separadas por qualquer signal orthographico.

Sendo, pois, uma proposição meramente explicativa, pode ser eliminada do periodo sem que fique alterado o sentido da proposição principal, e, assim, é perfeitamente dispensavel.

De facto, estabelecendo o legislador, na pri-



meira parte do referido art. 72, a regra geral de não terem os recursos effeito suspensivo, podia ter simplesmente acrescentado, na segunda, para firmar a excepção: "Terà, porem, effeito suspensivo o recurso no caso de pronuncia". Era este o seu pensamento, e, si acrescentou: *afim de que o processo não seja remettido para o jury até a apresentação do mesmo recurso ao juiz a quo*, quiz apenas, fazendo expressa menção de um dos factos resultantes do effeito suspensivo do recurso, chamar para elle a attenção do juiz, afim de evitar o absurdo de poder ser um homem despronunciado pela relação e ao mesmo tempo condemnado definitivamente pelo jury,

Não é exclusivamente para o fim de obstar a remessa do processo para o jury que tem o recurso effeito suspensivo; tem-n'o em tudo, especialmente para este fim. É, tão certo estava disto o auctor do Reg., que substituiu a locução conjunctiva *afim de que*, que poderia trazer alguma duvida sobre o verdadeiro pensamento da lei, pela simples coordinativa *porque*, a qual, seguida, como está, do adverbio *então*, deixou claro o que a lei queria.

Sim, o Reg., estabelecendo, como a Lei, que o recurso, em geral, não tem effeito suspensivo e que, por isto, não obstante a sua existencia, seguir-se-á nos termos ulteriores e regulares do processo, como si recurso não houvera, exceptuou (a excepção firma a regra em contrario, isto é, de ter o recurso effeito suspensivo) o caso de ser o recurso interposto de despacho de pronuncia, e logo em seguida diz: *porque então* (isto é: em tal caso, com tal effeito) *se suspenderá a remessa do processo para o jury*, etc.

Em resumo, os arts. 72 da Lei de 3 de De-



zembro e 445 do respectivo Reg., vis-a-vis um do outro, querem dizer o seguinte :

a) O recurso, em geral, não produz efeito suspensivo ;

b) Como excepção, tem efeito suspensivo o recurso interposto do despacho de pronuncia.

Corolarios :

1.º No caso do recurso em geral, seguirá o processo os termos ulteriores, não obstante a sua interposição ;

2.º No caso do recurso do despacho de pronuncia, tendo este efeito suspensivo, logicamente não se remetterá o processo para o jury, emquanto não for apresentado ao juiz *a quo* o mesmo recurso definitivamente julgado.

De tudo quanto ahi fica, desprerenciosa, mas convencidamente escripto, concluo que, não havendo disposição expressa de lei que auctorize a prisão do indiciado antes do decreto definitivo de sua pronuncia, pode elle, mesmo em crime inafiançavel, recorrer soldo do despacho que o pronunciou.

Assim penso e assim me exprimo em vista da propria lei, estudada á luz da razão e dos principios expostos sobre a formação da culpa ; mas, ainda quando, depois desse estudo, tivesse ficado em meu espirito qualquer duvida a respeito, não hesitaria em pronunciar-me, hoje, do mesmo modo, em face da Constituição Federal, que, firmando-se principalmente nas larguezas do novo regimen, implicitamente revogou qualquer instituição do regimen decahido que, fóra dos termos expressos da lei, ia, de qualquer modo, ferir a liberdade do cidadão.

Vou concluir, respondendo á objecção de que a simples intimação do réo, sem a decretação logo



de sua prisão, seria um aviso para que elle se puzesse em fuga, e, assim, um excessivo zelo pela liberdade individual resultaria, em prejuizo da ordem publica e da garantia da sociedade.

Não é tanto assim.

O réo pronunciado receia apresentar-se em publico porque sabe que será preso.

Desde que souber que, dentro do prazo da lei, pode, sem temer a prisão, recorrer do despacho que o pronunciou, tal receio terá desaparecido e elle proprio procurará ser intimado e recorrer desse despacho, na esperança de ser afinal despronunciado.

Demais, si o réo é innocente, ou não ha provas evidentes de sua criminalidade, nenhum perigo ha para a ordem publica em não effectuar-se logo a sua prisão; só elle poderá soffrer com a demora na conclusão do processo. Si, pelo contrario, é um criminoso temivel, que traz em perigo a tranquillidade publica, e ha nos autos, contra elle, a prova exigida pelo art. 13, § 2.º da cit. lei de 1871, então, pode o juiz, no proprio despacho de pronuncia, como pode antes, decretar a sua prisão preventiva, usando, assim, da attribuição que lhe confere aquella mesma disposição de lei.

Deste modo, conciliam-se os interesses: respeita-se a liberdade do cidadão, defendendo-se a sociedade.

Natal, 8, 12, 98.

LUIZ FERNANDES.



Uma synthese sobre o duello

O caso do duello *manqué*, devido á recusa de um bravo general, justamente o aggressor, caso, de facto, notavel, que ainda interessa a opinião, nos arrasta a lançar á curiosidade publica estes rapidos traços referentes a essa velha usança, sempre renovada.

Elles justificam-se bem, quando sabe-se que o duello encontra, na hora presente, uma temperatura propria ao seu desenvolvimento no seio dos modernos exercitos, o que preoccupa e prende a attenção dos homens da sciencia, sendo um caso notavel esse nosso, em que a recusa do cartel partiu de um militar.

Seguramente bravo, esse militar, conhecedor de que o duello é a forma reciproca do homicidio, como o suicidio é a subjectiva, constituindo uma grave molestia que invade os corpos dos exercitos europeus, quiz prevenir a sua diffusão nas fileiras dos nossos officiaes.



Dos quartéis, por essa tendencia innata da imitação, o duello propaga-se ás classes sociaes—o prestigio do exercito actua, por um certo processo de imitação morbida, sobre o publico, verdadeira fascinação de uma classe produzindo a suggestão social, fascinação tanto mais comprehensivel quando é certo que “o exercito dá o tom em questão de honra”.

Duplamente deploravel, condemnavel essa tendencia ao duello militar que produz perdas de vidas ao exercito, si o combate se torna real, e perda de gravidade, de honorabilidade, si é uma mera ensenação para satisfazer a susceptibilidade dos adversarios.

A tendencia ao duello, por parte dos militares, em França, por exemplo, arrastou um Ministro a escrever que “ha casos em que a honra se acha de tal forma compromettida ou empenhada, que é bem difficil, para militares, sobretudo, não recorrer ao meio das armas”.

Na Allemanha, desde 1874, um mesmo regimen de tolerancia é adoptado, e o proprio Imperador o auctoriza e endeusa, comparando-o aos torneios da idade—media.

No senado italiano, por occasião de discutir-se o novo codigo penal, o general Mezzacapo sustentou que “no exercito é preciso manter o duello entre officiaes”

O exercito russo e inglez não se deixam invadir por essa superstição, que, uma vez adoptada, domina toda a sociedade.

Com certeza, o bravo general indigena que recusou bater-se, seguro dos costumes dos exercitos estrangeiros, deixou-se inspirar da bóa idéa de não transplantar para o nosso clima o uso feroz de constituir a força como supremo arbitro da



honra vilipendiada, sympathizando com o espirito de ordem que domina o soldado inglez ; mas é pena que se tivesse embarricado em outro motivo para não cruzar sua espada com a de um senador federal, que tambem usa de elevada patente.

Dissemos que o duello era uma superstição e encontramos a prova em Tacito, affirmando que os germanos, quando emprehendiam uma guerra, faziam bater-se um dos seus guerreiros com um prisioneiro inimigo e julgavam do exito da campanha pelo d'esse combate *a duo*.

Essa superstição, consistente em crer a divindade envolvida no resultado de uma lucta, para conceder ao vencedor singular a esperança da victoria dos seus compatriotas, deu logar a que, nos pleitos judiciarios, o bom direito fosse proclamado ao vencedor, pela instituição transplantada do duello para o dominio da prova.

Tão intensa era a crença no resultado d'essa ordalia, que a posterior descoberta da injustiça das armas não desligava o vencido da infamia advinda da derrota.

Por outro lado, a diffusão imitativa do duello explica-se como um processo simplificador das pequenas guerras de castello a castello, com grandes prejuizos de campos talados e de manutenção de tropas assoldadas.

Por esse ligeiro esboço, vê-se que o duello, historicamente considerado, se achava ligado á idéa de apurar a verdade e illibar a innocencia, mediante a interferencia do supremo arranjador das cousas, que devia manifestar-se fazendo triumphar a justiça, o direito e a virtude.



Pelo duello, chegava-se á mesma convicção de innocencia e culpabilidade, obtida quanto ás virgens e esposas suspeitadas, nas fontes de Articomide e Daphnopolis e na gruta de Pan.

Fragments das epochas já envoltas nos nevoiros do passado, essa instituição mantém, apesar dos solemnissimos protestos da civilização, a mesma psyché; a mesma credence na sua efficacia, como processo depurativo de offensas, constitue a sua essencia, ainda que o vencido possa ornar-se com a palma da innocencia, como verdadeira victima—elle conserva sempre um prestigio egual ao do templo de Delphos, embora a impostura positiva de um seu oraculo.

N'esse caso, Brantôme o justificaria ainda hoje, allegando que a derrota podia ser devida a *outras faltas passadas*,

Si a imitação é uma "*cascata alargada de alto a baixo da pyramide social, dos povos civilizados aos mais barbaros*", das classes superiores ás camadas sociaes inferiores, é justamente no caso do combate singular que a sua acção melhor e com mais vigor se revela á curiosa attenção dos que estudam os costumes e instituições dos nucleos sociaes humanos.

Essa pugna feroz entre seres de uma mesma especie e sexo, nascida na espessura das florestas da Germania, da innocencia de barbaros ainda virgens, que sentiam nos vagos rumores dos seus sombrios bosques, na meia luz que os envolvia, na chuva de flores cahidas das abobadas de verdura, como caçoilas derramando perfumes, a alma esparsa de um Deus, revestiu-se de um cara-



cter religioso em que a divindade devia manifestar-se, como revelava-se em toda essa grandiosidade mysteriosa que os dominava, tornando-os simples atomos perdidos, no vasto scio da immensidão florestal.

Tudo seria praticado sob o patrocínio divino, n'essa morada de deuses ; e esse, espirito religioso, produzido pela contemplação da natureza casta e grande, transportou-se para a litteratura, como transpira d'este protesto platonico contra a derubra da floresta de Gastine, inspirada e piedosa apostrophe :

Ecoute, bucheron, arrête un peu le bras ;
Ce ne sont pas des bois que tu jettes á bas ;
Ne vois tu pas le sang le quel degoute e á force
Des nymphes qui vivaient dessous le dure lé-
(corce ?)

Esse barbaro, louro e de olhos azues, meditativo e forte, medindo, calmo e sereno, sem um sentimento de odio a descorar-lhe as faces, as suas forças com as do guerreiro prisioneiro da sua tribu, como uma consulta aos profundos arcanos da vontade divina, é o alto da pyramide social de que decorreu, alargando-se, como um rio que sae das suas margens, a onda sempre avolumada do duello.

Essa criação barbara trazia nos seus flancos o germen de um principio, que, devido ás crenças, á força e intensidade das opiniões na interferencia de um poder extranho na manifestação dos factos humanos, devia de tudo triumphar, a Justiça, e, ao lado das outras ordalias, veiu alinhar-se o duello, que a todas superou, por melhor correspon-



der a uma certa tendencia ao talião, inherente ao coração humano.

Toda invenção, toda reacção corresponde a uma necessidade ; e a do duello, ousamos dizel-o, veio servir de alento ou de prudente aviso aos emprehendimentos guerreiros de tribus, que se moviam ainda sem fitar um pólo seguro de agremiação social e que não tinham a *columna* de fogo a guial-as em suas emigrações.

Servindo a um mesmo fim, descobrir a verdade nos negocios difficeis, o duello judiciario foi um transumpto do primitivo combate singular, cuja origem assignalamos.

A cascata da imitação continuou a crescer, quanto ao duello.

Do combate, como meio de prescrutar o futuro, ou de decidir os pleitos judicarios, creado pelo mysticismo barbaro, o duello particular manteve a deshonna e a condemnação da opinião para o vencido, e, como succedaneo da guerra de castello a castello, um certo grau de ferocidade e deslealdade, que deslustrou algumas paginas da Historia.

Esse criterio na apreciação do resultado obtido pelo combate singular, esse exito proclamado em favor do vencedor e fazendo convergir contra o que era prostrado pela sorte varia das armas a onda do desprezo publico, não teve a sancção unica da opinião, mas o proprio vencido o proclamava e o enxertava como condição, *sine qua non*, na carta de desafio.

No celebre duello entre Chataignesaye e Jarnac, em 1547, sob Henrique II. não só este esta-



va convencido de que vencer importava afirmar a pureza da intenção do vencedor, tanto que previamente condemnou o que fosse vencido á infâmia, como o proprio Jarnac, redigindo o cartel n'estes termos : "je veux vous prouver avec armes offensives que vous avez dit que vous avez couché avec votre belle-mére et l'avez chevauché".

Eis um modelo vivo de que, ao influxo da lei da imitação, o cerebro individual se havia modificado pelo cerebro social, convencendo de que existe uma força suggestiva que, equilibrando as unidades componentes do corpo politico, orienta todos os espiritos para uma mesma crença, para um mesmo pólo teleologico.

Falamos em força suggestiva, para explicar esse phenomeno de fé n'um processo barbaro e de pura comparação de vigor physico e destreza no manejo de armas, como processo de apurar a verdade de certos factos, e o fizemos com a auctoridade de um grande cerebro que, considerando o estado social como um estado hypnotico, afirma que elle é uma forma do sonho, um sonho ordenado e um sonho em acção.

"Não ter sinão idéas suggeridas e crêlas espontaneas: tal é a illusão propria ao somnambulo e tambem ao homem social".

O grau elevado de ferocidade do duello particular, que assignalamos, como uma reminiscencia das guerras particulares, com todos os cortejos de emboscadas, traições e assassinatos por commissões, não accentúa menos o principio imitativo invocado para explicar o seu avatar, sem perder os primordiales elementos que entraram na sua creação.

Como exemplos illustrativos, citaremos o caso de 1559, em que Achon de Mouron, depois de des-



armar Matas, concedeu-lhe generosamente a vida, sendo traiçoeiramente morto por este, e o de 1579, em que Duras e Rozan, em campo com o visconde de Purenne, mandou sicarios emboscados ferirem gravemente o adversario.

Quem lança um rapido volver d'olhos sobre as extinctas civilizações, vê que em cada uma o ciu-me tinha uma feição propria ao estado de cultura de cada povo, em que surgia, em que brotava, perturbando a tendencia d'essas civilizações.

O crime não tem uma physionomia petrea, immovel, e os factos que o constituem de povo a povo, de civilização a civilização, tem diverso criterio ; em Sparta, o infanticidio e o aborto, em Athenas, a pederastia e a pirataria ; no Egypto, na Persia e entre os Incas, o incesto, não eram considerados factos delictuosos.

O proprio homicidio, quando feito para satisfazer os instinctos ferozes de deuses sanguinarios e praticado nos velhos pela piedade filial, não revestia character delictuoso.

O parricidio, diz illustre jurista, existiu nos costumes em coherencia com as idéas religiosas, os Massagetas, Scandinavos e Sardos matavam os paes, quando estes se tornavam inuteis, costumes que ainda hoje existem na Terra do Fogo, nas ilhas Viti e outros logares.

D'isso resulta que o crime é antes um producto de causas sociaes, do que physicas, pelo que se comprehende que precisava sempre ter uma mesma e constante physionomia para ser considerado uma transmissão hereditaria,

Essas *nuances* na configuração do crime, a



sua variação assolada "se opera sob a acção da logica inconsciente que preside a todas as transformações sociaes e que tende a pôr de accordo as crenças com as necessidades, as crenças e as necessidades com os actos".

É, portanto, como pensa Nina Rodrigues, necessario a mais perfeita homogeneidade de um povo para que exista um mesmo modo de sentir quanto á acção delictuosa, o que se obtem pela influencia dos contactos, pela força suggestiva da imitação.

O duello em nossos dias não mantem a mesma *alma* sombria, elle conserva mais a forma incruenta do que a essencia dos sanguinosos combates da idade media, vindo mais uma vez confirmar o principio da imitação *ab interioribus ad exteriora*, isto é, a sobrevivencia da forma, sobrevivencia que não pôde ser longa.

O codigo penal militar do Hanover, art. 223, estatue que, no caso em que a injuria que deu logar ao duello é d'aquellas que, segundo a opinião reinante entre os militares sobre o ponto de honra, não pôdem ser reguladas de outro modo, elle é auctorizado.

Por esse facto vê-se bem que essa singular instituição é, ainda hoje, um producto social.

Confirma-o a impunidade que cerca o vencedor e a punição que acompanha os soffrimentos do vencido, como o refere Lacassagne, quanto a duellos militares, occorrendo que, segundo Enrico Ferri, si o militar desafiado recusa o cartel, é expulso do exercito, ou contra elle tomam-se medidas mais ou menos leaes.

Transplantado da sociedade militar para a sociedade sem nome, na qual se reflectem os costumes d'aquella, que por sua vez, adopta outros,



imitativamente, o phenomeno da indulgencia ao duello e de desprezo aos que recusam bater-se faz sentir que elle torna-se socialmente suggestivo, e a sua accitação é o reagente contra a degradação fatal no circulo dos seus eguaes.

Essa força da tyrannia do preconceito sobre a opinião é tão intensa, como o foi a do suicidio necessario das viuvas, na India ; elle é tão dominador que Proudhon, tres vezes reptado por Felix Piat, rendeu-se ao seu prestigio, confessando não sentir-se com vigor para arrostar n'esse ponto a opinião.

Mas, si a sociedade actual, embora execrando-o, não relega inteiramente o duello, não é só porque elle revele a coragem de enfrentar a morte ; elle confirma, sobretudo, que a vida não é um fim, é antes um meio para attingir a realidade, a grandeza da sociedade, que é proporcional ao valor das unidades que a compõem—enfrentando a morte, o homem injuriado, calumniado, desprezado mostra que não é digno d'esse desprezo.

Pelo duello, diz Tarde, o individuo confessa que não vive somente para si, mas, antes de tudo, para a sociedade, immolando-se aos seus prejuizos.

Que melhor exemplo do que o de Lamartine, politico, poeta, que fez uma revolução cheia de paz e amor, batendo-se com o coronel Pepa ?

Os interesses civis já foram causa de duellos e a instituição de tribunaes, de um poder judicial depositario da confiança publica fez murchar, n'este particular, *a flor da ordalia merovingia, o sacramento da vingança.*

A criação de tribunaes de honra para deci-



direm as pendencias, no tocante a esse patrimonio moral, immaterial, garantiria um mesmo resultado produzido pelos tribunaes ordinarios, substituindo esse julgamento pela bravura individual, que não é a justiça, e mata essa flor da bondade e da piedade, inestimavel producto da cultura humana.

Leis contra o duello, leis contra a diffamação e a injuria, "que correspondam ás mudanças produzidas pela imprensa nas condições da honra e de suas garantias no nosso seculo", e estabeleçam confiança nos tribunaes reclamados para previnirem o recurso ás armas, eis o remedio que extinguirá o duello.

O que se estatue nos nossos codigos modernos quanto á diffamação e á injuria não corresponde ás exigencias de garantia da honra, em nossa epocha.

A honra, diz Tarde, exprime duas causas distinctas, susceptiveis, uma e outra, de crescerem e de diminuirem, verdadeiras quantidades sociaes, como a riqueza e o credito.

Segundo esse notavel pensador, a honra cresce em superficie no sentido do conceito que se gosa largamente no seio de uma sociedade, e cresce em profundeza no tocante á confiança conquistada no circulo mais estreito, mais intimo das nossas relações. Si esta é que merece só ser considerada, sendo, aliás, essencial, segue-se que é egual á que se gosa extensamente em todas as camadas sociaes. Seguramente, a honra do homem que d'ella dispõe como profundidade e como extensão, como o politico, o litterato, o philosopho, constitue uma riqueza immaterial superior á do simples cultivador. conhecido no circulo dos seus eguaes. Chame-se notoriedade, si se prefere, continua aquelle escri-



ptor, a extensão da reputação em superficie; reserve-se o nome de honra á sua extensão em profundidade, e pôde-se dizer que o *valor* moral e social é o *producto*, como dizem os mathematicos, da *notoriedade* pela *honra*.

Nestas condições, a lei deve, considerando que a honra é uma riqueza social, crear severas medidas para a sua garantia, de modo que ella não diminua, comprehendendo que, si a imprensa e o telegrapho são as alavancas modernas da *notoriedade*, são tambem os instrumentos de que se serve a diffamação, devendo merecer, por isso, não andar á redea solta, convertendo-se em real estímulo do duello.

A Republica Romana não conheceu o duello, mas tambem *um homem vivo não era exposto, na scena, ao opprobrio e ao elogio.* e a lei das Doze Taboas era severissima contra a recitação publica de versos diffamatorios.

Inspiremo-nos no espirito da grande republica extincta, para derruirmos de vez esse fragmento, esse arremedo fossilizado de uma instituição do feudalismo, certo de que a reputação, a honra dos grandes homens vale tanto que constitue uma riqueza social.

Isso é tanto mais verdade, quando sabemos, com Smiles, que a carreira de um grande homem constitue um monumento duradouro de energia humana; elle morre e desaparece, mas os seus pensamentos e actos sobrevivem, e ficam, indeleavelmente, gravados em sua raça.

Morto Douglas, disse W. Scott, só seu nome ganhou uma batalha.

Penha, 12 de Dezembro de 1898.

HOMEM DE SIQUEIRA.



Psychologia do exaggero

(PHILOSOPHIA DE FLANDRES)

Não é difficil notarem-se os varios inconvenientes que comsigo trazem esses nossos habitos sempre algo exaggerados no trato social, como em todas as outras manifestações da nossa vida.

Nós somos um diabo de povo de cabeça quente, azougado, soffrivelmente irreflectido, de primeiro impeto, e quotidianamente estamos a arrependen-nos d'esses excessos—quer sejam motivados por entusiasmo, por amor, por colera, ou, mais ainda talvez, por esse nosso innato e característico pendor para ridicularizar tudo, que é um dos elementos da indole, da feição moral de todo latino.

Todos hão de convir que nada é mais lastimavel para um homem do que estar a arrependen-se a miudo do que faz.

Isso dá logo idéa de tal ou qual leviandade de espirito, de falta de reflexão e, pois, de indecisão e de fraqueza de character.

Assim, arrependemos-nos cada dia dos nossos



exaggeros (o que não remedeia nada, porque este mundo não é confessorio onde arrependimento e contricção apagam culpas); fazemos quarenta ou noventa protestos de não reincidir na mesma falta, e, na primeira ocasião...é aquella certeza.

A não ser também um dos meus exaggeros habituaes, (*pœnitet me*) creio poder affirmar que o verdadeiro, o supremo fundamento do caracter do nosso povo é esse damnado exaggero.

Daudet achou coisa parecida no caracter dos seus patricios, e o *Tartarin* é um monumento digno do francez de Taraseou e de Paris.

Cervantes immortalizou, ha tres seculos, n'um dos mais altos monumentos da litteratura universal, os exaggeros, levados á mania e á maluquice, dos cavalleiros da Hespanha—e nem só da Hespanha.

Por isso é que parece ser o tal excesso elementar primordial do caracter latino, *nemine discrepante*.

Vamos aos factos e ao nosso meio.

Para nós, chegados a certo ponto da vida, no jornalismo ou na politica, principalmente, sentimos muitas vezes a falta da palavra para a expressão adequada do que pensamos sentir; as que veem-nos á mente parecem-nos pallidas, inexpressivas, insufficientes, afinal.

Deante de um facto menos vulgar, em frente de uma certa manifestação de talento, de valor ou de audacia, ficamos apalermados, e dizemos muitas vezes menos do que em face da primeira vulgaridade succedida quinze dias antes.

Porque? Porque o vocabulario está gasto e estafado, o dicionario da lingua não tem mais reservas para as verdadeiras occasiões, tudo foi expremido para adjectivar ou deserever insignificancias.



Grande, prodigioso, admiravel, sublime, tudo, tudo quanto exprime qualidade já foi applicado a factos e coisas tão reles e ordinarias como tomar café pela manhã, noticiar um facto diverso qualquer, ou morrer.

Para commentar os factos mais vulgares, os successos mais communs, o jornalista brasileiro que, si não tem idéas, tem sangue na cabeça, arranca do vocabulario vernaculo os mais espaventosos adjectivos, as mais mirabolantes comparações.

Um livro qualquer do primeiro vindo, uma promessa apenas (e nem sempre cumprida depois), é uma obra prima que elle enaltece com tal amontuado de qualificações que as faltas, os defeitos submergem-se e afogam-se n'esse lago desmesurado, produzindo sempre o desastroso effeito de fazer crer ao auctor que já é perfeito e, portanto, deve tão somente dormir sob os louros, e não procurar conquistal-os.

No jornalismo politico, nenhum homem publico do mesmo credo é menos que um benemerito da patria, cujo nome a Historia já tem archivado nos livros de ouro dos fastos humanos, como a mais digna personificação do patriotismo, o mais edificante exemplo de honradez e a mais invejavel encarnação do talento e do saber.

Nem são precisos mais exemplos ante a evidencia de verdades correntes que todos, philisteus ou não, reconhecem e confessam.

Basta que cada um de nós faça um consciencioso estudo de si mesmo, metta as mãos na consciencia para confessar que o nosso amigo é sempre melhor do que qualquer homem pode ser; o nosso adversario peor do que o diabo, sem que n'essas affirmações haja a minina parcella de má



lé, de intenção. Fazemol-as—convencidamente e não somos os ultimos a crel-as, como os patricios de Daudet mentiam sem perceber, influenciados pelo bello sol da Provença, que é um sol de pre-sepe comparado ao nosso, a 5 graus do Equador.

* * *

Esse aspecto do nosso character nacional reveste, ás vezes, a mais pittoresca apparencia quando applicado ás simples relações sociaes.

Nas coisas mais simples, em que o individuo de qualquer outra raça, que não a latina, não encontraria leve sombra de ridiculo, até porque a noção d'esse phenomeno é muito restricta fóra d'esta raça, nós descobrimos uma fonte inexgotavel de galhofa inoffensiva, de zombaria maliciosa ou de escarneo feroz, conforme a indole de cada um, a sua educação, ou o seu *snobismo*.

As manifestações exteriores de religiosidade, as expansões effectuosas da familia e até uma certa natureza de cortezias sociaes ainda não geralmente acceitas são ordinariamente recebidas, desde que appareçam em publico, no meio das mais inequivocas provas de que arrisca-se ao temivel ridiculo todo aquelle que ousar external-as.

E' assim que o catholico pratico, aquelle que vae assiduamente á missa, que cumpre os mais importantes preceitos d'essa religião e que, com ser sincero, julga-se credor do respeito devido a todas as sinceridades; o pae ou o esposo que, fóra dos recessos sagrados do lar, arrisca-se á mais leve manifestação exterior de affecto aos que lhe são parcellas da alma; aquelles que não desconhecem as normas cultas das relações de perfeita urbanidade, de cavalheirismo ou de esmerada



educação ; todos esses, digo, expõem-se infallivelmente aos ataques do ridiculo, creado pela attitude geral de mofa, pelos commentarios nem sempre isentos de maledicencia com que os outros recebem o seu procedimento.

Para nós, escravos servilissimos do ridiculo, o sujeito só pode ser catholico dentro de sua casa, só pode ser pae carinhoso ou esposo amante (apesar da cabeça quente) no amago do lar, e não deve ser perfeitamente cortez em parte alguma, sob pena de incorrer na increpação de adulator ou de tolo.

Entretanto, é instructivo observar o procedimento d'aquelles mesmos que ridicularizam os outros por excessos de cortezia ou de manifestações affectivas quaesquer.

Nós todos que incidimos n'essa falta exaggeramos a todo momento, a proposito de tudo. São communs entre nós os homens irasciveis (variedade, e das peiores, dos cabeças quentes) que, pela minima coisa, ardem em desejos impetuosos de matar ou de morrer. A mais ligeira contrariedade, qualquer d'esses pequenos desgostos, tão proprios da vida, mas que bem poucos sabem encarar com a calma que os torna superiores aos seus ataques, são bastantes para fazel-os perder o equilibrio moral e desandar em furibundas invectivas ao destino, lamentações espalhafatosas ou, o que é mais grave, injustas recriminações ao proximo.

Assim, todos os nossos sentimentos, amor ou odio, entusiasmo ou desanimo, resentem-se d'essa especie de idiosyncrasia contra a verdade simples e chan.

O nosso espirito tem horror ao simples e or-



dinario, como olfatos doctios a certos aromas que não podem tolerar.

Para despertar em nós algum interesse, para prender a nossa attenção é preciso que o facto ou o individuo revistam-se de qualidades extraordinarias; e si, naturalmente, elles não as teem, ao nosso exaggero cumpre augmentar o pouco que lhes cabe.

E' conhecida a influencia preponderante que teem sobre o nosso espirito os oradores e os poetas. A rhetorica é para a nossa intelligencia a arte magna. Naturalmente exaggerados na linguaagem, nas figuras, nas comparações, nos reptos de uma eloquencia fogosa e retumbante, que dá muitas vezes a idéa de um complicado fogo de artificio no qual mil peças pyrotechnicas ardem simultaneamente com estridor e deslumbramento estonteantes, os oradores gosam entre nós um prestigio que nem os poetas podem contrabalançar.

Estes, occupados na cultura do ideal—e o ideal não é muitas vezes mais que um exaggero,—encarando as coisas sob um ponto de vista acima do commum, são naturalmente tambem levados a embellezar e enaltecer tudo que tocam. Falam das mais simples coisas da vida n'uma linguaagem figurada e exaggerada que conquista-nos com facilidade o espirito sempre propenso ao extraordinario.

Em nenhum povo são, talvez, mais numerosas e mais universalmente acreditadas as historias do sobrenatural.

Particularmente no nosso meio, do qual mais conscientemente se pode dizer, não ha preocupação de espirito mais constante e mais commum do que esta.

E, como esses, com outros factos parecem de-



monstrar que o exaggero é elemento fundamental do nosso character, condição da nossa existencia moral e mental, que nenhum ensinamento, nenhuma reflexão serão capazes de minorar ou extinguir.

D'elle bem se pode dizer, como dizemos, exaggerando sempre, de tantas outras anomalias—que está na massa do sangue.

*
* *

Não é facil descobrir e analyzar com segurança sufficiente quaes as causas determinantes d'essa feição magna do character nacional.

Influencia do clima ; magnificencia da natureza que, ella propria, é de algum modo exaggerada nas suas produções e na sua exuberancia; hereditariedade de factores ethnicos—o portuguez, meridional e ibero, naturalmente exaggerado, o africano fetichista e ignorante, levantando pedras ou plantas á altura de deuses, o tupy, selvagem e mais exaggerador que todos—; tudo isto, combinado em proporções variaveis, fornece, talvez, alguns dados para o estudo comparativo do nosso character com o de outros povos, já formados ou em via de formação, de raças diversas.

Comquanto ainda em elaboração, o character nacional apresenta já, bem definidas, qualidades e falhas que hão de, infelizmente, ficar.

E, no numero das falhas ou defeitos, nenhum mais sensivel do que esse, já apontado, do exaggero.

Possuido de um prurido irreprimivel de sobresahir, que não é, certamente, caracteristico seu, mas que elle tem em mais forte dose que qual-



quer, o brasileiro não escolhe meios para satisfazê-lo.

E' necessario, é imprescindível, é vital, que elle sobresaia, por pouco que seja, sobre os seus semelhantes. Não pode absolutamente conformar-se com a possibilidade de uma vida obscura e ignorada em que passe despercebido ao seu tempo e ao seu meio, sem nunca dar que falar de si.

D'ahi esse amor desmarcado que tem á *politica*, essa gana desesperada com que atira-se a todos os cargos que, de qualquer forma, impliquem o exercicio effectivo da minima parcella de auctoridade.

Esta nota não é nova e mais de um patricio já a tem consignado em observações philosophicas sobre.....os outros.

Desde o tabaréo dos sertões, que emprega até meios bem comicos para obter um logar de subdelegado ou de inspector de quarteirão, até as figuras altas do primeiro plano, que, para a manutenção da auctoridade—administrativa ou não—, jogam uma esgrima de intriga, na qual o famoso bote de Jarnac seria um brinquedo de creanças, todos nós procuramos, como o ar, a luz e a alimentação indispensaveis á vida, essa outra coisa, quasi tão indispensavel, que é a attenção dos outros.

E, para conquistal-a, o exaggero desempenado e audaz é uma grande arma.

Vejam os poetas novos. Sahidos hontem dos bancos de qualquer escola, *arranhando* o vernaculo com a mesma propriedade e harmonia com que um mono tocaria violino, tendo escolhido, algumas vezes inconscientemente, sem o saber, um modelo que vão sacrificar nas aras do bom senso, como holocausto propiciatorio das *brilhatur*



ras por vir, noventa e cinco vezes sobre um, como falta-lhes o talento, o estudo, a aptidão, em summa, para aquillo, elles não fazem mais do que exaggerar o modelo, desfigural-o, tornal-o antipathico ou absurdo, graças ás variações descompassadas e abstrusas com que ornam os themes do referido modelo.

Toda gente viu a caterva de poetas realistas que floresceu no paiz, com a vitalidade de microbios em meios putridos, após a publicação da famosa *Morte de D. João* de G. Junqueiro.

Os nossos moços atiravam-se ao admiravel poema como gato a bofes; e os excessos de realismo, os exaggeros produziram coisas tão estapafurdias, que, certamente, a grande maioria dos nossos *poetas* de ha quinze annos, tendo criado juizo e occupando hoje, alguns, posições conspicuas e scrias, sentem ainda o acicate agudo do remorso a picar-lhes inexoravelmente os couros, como penitencia d'aquelles crimes de lesa-arte e de lesogosto.

Pensando, talvez, que o valor do livro estava principalmente na pintura crua de umas tantas *podridões modernas*, os nossos jovens realistas esmiuçaram monturos, revolveram hospitaes e descobriram pustulas, abcessos, caneros por todos os lados.

Vem depois a nova eschola do symbolismo—bastante tolo, si m' o permittem—em que a anemia mental de uns, a degenerescencia de outros e o simples snobismo do maior numero julgaram ver a ultima palavra e a mais alta expressão da arte.

Conhecido o nosso veso do exaggero, é facil imaginar as consequencias, a quem não tiver tido pessoalmente o dissabor de observal-as. A' custa de obscuridade de sentido, de expressões *preciosas* e raras, de incongruencias de linguagem e de com-



parações abstrusas, os symbolistas conseguiram produzir coisas perfeitamente destituidas de senso commum e de sentido logico (ás vezes até do grammatical) obtendo, felizmente, como resultado, a par da admiração boçal dos *snoobs*, a *surra* de ridiculo com que o senso commum do jornalismo e da critica nacionaes teem valentemente verberado muitos d'elles.

*
* *

Outro veso aferrado ao nosso caracter, e no qual o exaggero falseia o que por ventura elle poderia ter de accitavel, manifesta-se nas nossas relações de urbanidade.

Nós temos mais que nenhum outro povo a presumpção da franqueza e da generosidade; e, para garantir esses fóros, chegamos, muitas vezes, a resultados inconvenientes ou até censuraveis.

Não lia duvida sobre sermos um povo hospitaleiro e, em geral, isento de certas etiquetas rigorosas e algumas vezes comicas que presidem as relações sociaes do povo inglez, por exemplo.

Mas d'ahi aos excessos, que ordinariamente praticamos sob a guia suspeita das nossas cabeças quentes, vae alguma distancia.

Vejam os. Nós não temos, no inicio e formação das nossas relações, o menor escrupulo tendente a verificar a idoneidade de caracter ou a correcção de procedimento d'aquelles com quem as travamos. Ordinariamente, sem, ao menos, uma apresentação previa—bom habito estrangeiro que ainda não imitamos sufficientemente, em compensação de muitos outros maus que temos adoptado com a inconsciencia de perfeitos macacos—, sem conhecer o sujeito a quem falamos em uma rapida viagem de trem ou de paquete, pomos-lhe logo



para ali a nossa historia toda, a nossa familia, as nossas mazellas, os nossos negocios.

Depois de termos conversado duas vezes com um individuo qualquer, trazemol-o para o interior do nosso lar, sentamol-o á nossa mesa, ao lado da nossa mulher ou das nossas filhas, damos-lhe, emfim, o logar que, em outros meios, só compete aos intimos, aos amigos velhos, cujo valor é conhecido e cujo character pode-se confiadamente abonar.

Si fazemos relações com um cavalheiro qualquer, relações as mais superficiaes embora, passamos em poucas horas a tratal-o por tu, a abraçal-o, a fazer-lhe offerecimentos perfeitamente incabidos ou, o que é ainda peor, a pedir-lhe obsequios, pequenos favores (e até grandes), aos quaes não temos direito.

Convidamos para festas intimas, como *devem* ser as de anniversarios, de casamentos e todas as outras que referem-se exclusivamente a factos da vida da familia, a individuos de quem conhecemos pouco mais que o nome, e dos quaes nem sequer podemos garantir a correcção ordinaria que impõe a mais superficial educação.

Tudo isto, e tantos outros factos que ninguém desconhece, o que é sinão o *damnado exaggero*?

Não podemos fazer coisa alguma nos devidos termos. O nosso açodamento, os nossos excessos forçam-nos logo a passar alem de uma certa meta natural que separa a cortezia e os costumes hospitaleiros da leviandade, mais nociva que o retrahimento d'aquelles a quem chamamos *ursos*.

Quantas vezes temos de arrepender-nos, até bem amargamente, da facilidade infantil com que estrei-



tamos as nossas relações ! Quantos dissabores grandes e pequenos não nos pouparíamos si fôssemos mais circumspectos e ponderados em *dar confiança* aos nossos.....amigos ?

É ainda, pondo de parte esses inconvenientes em que de algum modo podemos dizer que os *amigos* "abusaram da nossa confiança", quantos outros de que só nós somos culpados e que, talvez por isso mesmo, mais incommodam-nos ?

Por exemplo : naturalmente excessivos nas nossas manifestações affectivas, levando, por pouco mais que nada, essas manifestações aos extremos dos abraços, dos convites e dos favores, pretendemos, menos razoavelmente, encontrar toda a gente com o mesmo humor e disposições identicas todas as vezes que estes nos dominam.

Não admittimos que alguém, tenha, embora, os motivos que tiver (e dos quaes nem indagamos), seja menos expansivo e mais descompassadamente generoso do que nós—em palavras, em jantares, em dinheiro, ou no que fôr...

Resultado : Si, por ventura, o que é frequente e não podia deixar de sel-o, encontramos um dia o amigo menos palavroso e exuberante, talvez porque sahio-lhe mal um negocio, doe-lhe um dente, ou a cara metade azucrinou-o em casa ; si, apparecendo era mesmo na casa á hora do jantar, sem intenção *filante* embora, não somos, immediatamente e com muitas instancias, convidados a participar d'elle, talvez porque apenas tem a magra carne secca com feijão, porque não ha doce, ou a ultima garrafa de vinho *expirou* na vespera ; si não somos logo attendidos em algum pedido de dinheiro emprestado—eterno gelo na fervura de muitas amizades—talvez porque, no dia aziago da *facada*, apenas o amigo tinha em cai-



xa o necessario para o mercado, e ainda quando já mais de uma vez tenha-nos servido com magnanima franqueza ; si, em suma, succede a minima discordancia no regimen assucarado das *civilidades* extremas a que habituamo-nos, ficamos zangados, ou, pelo menos, desconfiamos.

O que daria certamente assumpto e ensejo ao auctor exaggerado d'estas notas para escrever um instructivo capitulo suplementar que se denominaria :—dos inconvenientes de se agradar muito aos outros, e de como se pode ficar zangado sem haver motivo.

POLYCARPO FEITOSA.



INDICE DOS AUCTORES

ANTONIO DE SOUZA—Pags. 1, 51, 146, 163, 205, 213, 283, 359, 439, 493.

ALBERTO MARANHÃO—Pags. 9, 56, 57, 78, 116, 168, 221, 329, 364, 365, 366, 367, 384, 454, 487, 489, 490, 491, 499.

AUGUSTO LYRA—Pags. 35, 99, 239, 529.

AUTA DE SOUZA—Pags. 33, 131, 183, 296, 282, 516.

ALFREDO DE CARVALHO—Pags. 448.

FRANCISCO PALMA—Pags. 238.

HENRIQUE CASTRICIANO—Pags. 65, 110, 177, 280, 338, 400, 424, 451, 472, 562.

HOMEM DE SIQUEIRA—Pags. 27, 121, 314, 543, 603.

JUVENAL LAMARTINE—Pags. 184, 342, 369, 575,

JOSE' DE BERREDO—565.

LUIZ FERNANDES—Pags. 591.

MANOEL DANTAS—Pags. 41, 112, 158, 367, 429, 483, 492, 587.

MEIRA E SA'—Pags. 299, 518.

MAURICIO PONTINO (pseudonymo)—Pag. 23.

MARIO DO VALLE (pseudonymo)—Pag. 268.

MARIO E SILVA (pseudonymo)—Pag. 573.

PEDRO AVELINO—Pags. 91, 133, 268, 409, 459.

POLYCARPO FEITOSA (pseudonymo)—Pags. 371, 617.

THOMAZ GOMES—Pag. 198.

PEREIRA PACHECO—Pag. 250.

RENE' DE VINCY (pseudonymo)—Pag. 528.

ZEPHIRINO ARRUDA (pseudonymo)—Pag. 250.



INDICE DAS MATERIAS

- Ao luar*—pag. 33.
A politica—pag. 35.
Aspectos Sertanejos—pg. 91.
Avó—pag. 110.
A questão Dreyfus—pag. 133.
Alma lyrica—pag. 177.
A evolução do direito—pag. 184.
A situação—pag. 239.
A Industria do leite no Brasil—pag. 250.
Agnus Dei—pag. 382.
A poesia de hoje—pag. 400.
A opinião de Nordau—pag. 454.
Ao cahir da noite—pag. 516.
Agonia do sonho—pag. 562.
A sociabilidade—pag. 565.
A vontade unilateral como causa de obrigação
pag. 575.
Bibliographia—pags. 56, 116, 168, 213, 280,
364, 489.
Chronica Industrial—pags. 51, 163, 207, 359.
Cultura intensiva—pag. 146.
Campestre—pag. 238.
Cuba—pag. 268.
Codificação civil brasileira—pag. 342.
Catalogo de jornaes—pag. 448.
Crepusculo—pag. 472.
Conceito da sociedade e origem do seu poder—
pag. 543.
Diversões—pags. 60, 120.
De joelhos—pag. 131.



II

- Dreyfus-Zola*—pag. 459.
Educação physica—pag. 268.
Estudos Sociologicos—pag. 314.
Goivos—pag. 298.
Hypnotismo—pag. 26.
Informações—pags. 174, 215.
Linhas de Historia comparada—pag. 499.
Lyra intima—pag. 573.
Marina—pag. 266.
Miseria humana—pag. 424.
Notas scientificas—pags. 43, 112, 158, 429, 483.
Notas c informações—pags. 435, 496.
O Rio Grande do Norte—pags. 9, 78, 221, 329.
O Nada—pag. 65.
O Estado de sitio—pag. 99.
O celibato clerical—pag. 198.
O theatro nacional—pag. 384.
O Divorcio—pag. 409.
O anti-semitismo francez—pag. 439.
Política internacional americana—pag. 529.
Pater !—pag. 587.
Psychologia do exaggero—pag. 617.
Quadro—pag. 528.
Sobre processo criminal—pag. 591.
Tres seculos—pag. 1.
Tres phases—pag. 23.
Typos femininos—pag. 338.
Uma excursão pelo dominio da criminalistica
—pag. 121.
Uma questão juridica—pag. 299.
Um signal da cpocha—pag. 351.
Um caso mal assombrado—pag. 476.
Uma questão pratica de direito criminal—pag. 518.
Uma synthese sobre o duclo—pag. 608.
Vida potyguar—pag. 351.

